

**Atlântico passional: mobilidades e configurações
transnacionais de intimidade euro-brasileiras**

Octávio José Rio do Sacramento

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutor em Antropologia

Orientador:

Doutor Miguel Vale de Almeida, Professor Associado,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientador:

Doutor Fernando Bessa Ribeiro, Professor Auxiliar,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Fevereiro, 2014

Atlântico passional: mobilidades e configurações
transnacionais de intimidade euro-brasileiras

Octávio José Rio do Sacramento

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Antropologia

Júri:

Fevereiro, 2014

Este trabalho beneficiou de apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da Bolsa de Doutoramento SFRH/BD/60862/2009.



Resumo

A partir de uma perspectiva crítica do conceito de turismo sexual, a tese explora as configurações transnacionais de intimidade heterossexual adulta entre mulheres brasileiras e homens europeus iniciadas no âmbito das estadias turísticas destes últimos no bairro balnear de Ponta Negra, na cidade de Natal-RN, no Nordeste brasileiro. Em simultâneo, debate as deslocções transatlânticas que, intrinsecamente, estão implicadas na *aproximação* passional de ambas as partes. Na análise assume-se a impossibilidade de traçar uma linha inequívoca entre relacionamentos comerciais e não comerciais, entre *programas* e relações ditas *normais* ou *por amor*. A principal preocupação passa por compreender, no quadro de correlações de economia política, nacionalidade e identidade (com grande densidade histórica), e à luz de circunstâncias biográficas dos actores sociais, as expectativas e práticas constitutivas dos seus espaços de intimidade. Algumas das relações extravasam o tempo e o lugar do encontro inicial e têm continuidade após o regresso dos turistas aos respectivos países, produzindo novas e sucessivas mobilidades – nem sempre enquadráveis, de modo estrito e dicotómico, no binómio turismo/migrações – dos europeus para o Nordeste do Brasil e das suas companheiras brasileiras em sentido inverso. Assim, além de Ponta Negra, o sítio etnográfico de partida e de referência, são considerados outros contextos, na Europa e no espaço digital, envolvidos na rede de fluxos associada aos vínculos iniciados nos trópicos e, parte deles, mantidos à distância segundo formatos que, frequentemente, resultam em cenários flexíveis de conjugalidade e residência.

Palavras-chave: Intimidades, mobilidades, transnacionalismos, Europa, Brasil.

Abstract

From a critical perspective of the sex tourism concept, the thesis explores the transnational features of adult heterosexual intimacy between Brazilian women and European men initiated within touristic stays of the latter in seaside neighborhood of Ponta Negra, in the city of Natal-RN (Northeast Brazil). Simultaneously, it discusses transatlantic movements that, inherently, are involved in the passionate *attraction* of both parties. The analysis assumes the impossibility to draw a clear line between commercial and non-commercial relationships, between escort service (*programas*) and the so-called *normal* or *for love* relationships. The main concern involves understanding, within the scope of political economy, nationality and identity correlations (with great historical density), and under the light of social actors' biographical circumstances, expectations and practices constitutive of their intimate spaces. Some relationships go beyond time and place of the initial meeting and persist after the return of tourists to their countries, producing new and successive mobilities – not always classifiable, in a strictly and dichotomous way, in the frame of tourism/migration binomial – of Europeans to the Northeast Brazil and of their Brazilian companions in reverse. Thus, in addition to Ponta Negra, the reference and start point ethnographic site, other contexts are also considered, both in Europe and in the digital sphere, engaged in the flow network associated with the bonds started at the tropics and, part of them, kept at a distance in formats that often result in flexible scenarios of conjugality and residency.

Keywords: Intimacies, mobilities, transnationalism, Europe, Brazil.

Agradecimentos

No longo percurso que conduziu à realização desta tese de doutoramento foram diversos e decisivos os contributos prestados por inúmeras pessoas e instituições, a quem aqui expresso a minha maior gratidão.

Começo por fazê-lo aos meus orientadores. Ao Professor Miguel Vale de Almeida, pela disponibilidade sem reservas para orientar o meu projecto de investigação, pela inteligência das suas observações, pelos incentivos, pela confiança e autonomia de trabalho que me proporcionou. Ao Professor Fernando Bessa Ribeiro, pelo muito que com ele aprendi ao longo de mais de uma década de pesquisas em conjunto, pelo seu importante papel na escolha e abordagem do terreno e pelo modo dedicado com que acolheu e comentou as minhas ideias.

De seguida, o meu agradecimento a instituições que desempenharam um papel decisivo em todo o processo. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), cuja bolsa de doutoramento foi essencial para suportar as avultadas despesas que um trabalho de campo realizado em múltiplos contextos de diferentes países implica, bem como a participação em eventos científicos nacionais e internacionais, onde pude submeter ao escrutínio de pares reflexões preliminares e parciais da pesquisa em curso. Ao Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), nomeadamente ao seu Departamento de Antropologia e direcção do respectivo doutoramento, e ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), pelo acolhimento como doutorando. À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), instituição na qual sou assistente. Destaco aqui o Departamento de Economia, Sociologia e Gestão (DESG), que sempre me proporcionou as melhores condições, incluindo a atempada dispensa de serviço docente, para realizar o doutoramento, e o Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (Cetrad), pelas mais diversas formas de apoio às minhas actividades de investigação. Ainda que mais pontual, foi também importante o apoio do Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho (CICS-UM), do qual sou membro colaborador.

Estou imensamente grato, de igual modo, a todos aqueles que, a título pessoal ou institucional, me ajudaram ao longo dos vários meses que passei no terreno. A primeira

menção vai para os meus informantes brasileiros e europeus. A sua generosa disponibilidade para partilhar experiências e quotidianos de vida foi determinante. Não os posso aqui identificar individualmente em virtude do compromisso de reserva que com eles assumi. Também uma palavra de grande apreço dirigida às seguintes pessoas e instituições: aos colegas Alípio Sousa Filho e Mauricio Gomez, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela sua constante presença e ajuda em Natal; a Maria Livramento Clementino e Ângelo Magalhães, do Observatório das Cidades da UFRN; à Empresa Potiguar de Promoção Turística (Emprotur), em especial a Darlyne Fontes, Célia Lira e Eliane Praça; a Ivanilton Oliveira, da unidade estadual do Rio Grande do Norte (RN) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); aos delegados Manoel Messias, Joselito Souza e Asdrúbal Araújo, da Polícia Federal (Superintendência Regional do RN); a Luciano Capistrano, do serviço de documentação e disseminação de informação da Secretaria Municipal de Ambiente e Urbanismo de Natal (Semurb); ao Juiz Néelson Melo e aos serviços de secretariado da 19.^a Vara Cível da Comarca de Natal; à Corregedoria Geral de Justiça do RN; a Carmen Vera e Rita de Souza, do sector de estatística da Secretaria Estadual do Turismo (Setur-RN); aos responsáveis e funcionários dos cartórios de Alecrim, Igapó, Redinha e Cidade Jardim; à ONG *Resposta*, em particular a Eveline Ribeiro; a Sayonara Dias e Ana Paula, da *Casa Renascer*; ao Consulado do Brasil em Milão; a Cláudia Souza, do Instituto Brasil/Itália (Ibrit) em Milão; aos colegas Maurizio Ambrosini, Paola Bonizzoni e Elena Caneva, da Universidade de Milão, Paolo Viazzo e Margherita Amateis, da Universidade de Turim, e Lucia Ruggerone, da Universidade Católica de Milão; à psicóloga Marina Stranner, que colaborou com a ONG *Wisdonna Migrantinnen*, em Berna (Suíça); à redacção do Valle d'Aosta do Jornal *La Stampa di Torino*.

O meu muito obrigado também a Adriana Piscitelli e a Ana, pela extraordinária hospitalidade com que me receberam em Campinas durante um breve interregno do trabalho de campo em Natal, pelo convite para participar na mesa redonda que Adriana organizou na Universidade de Campinas, intitulada *Mobilidade Global, Mercado do Sexo e Intimidade*, e pela partilha das suas experiências etnográficas e reflexões sobre intimidades transnacionais. Reconheço e agradeço esta mesma hospitalidade a Jordi Roca, quando em 2009 me recebeu em Tarragona, na Universidade Rovira i Virgili, para uma estadia de pesquisa bibliográfica e de preparação da abordagem ao objecto de estudo do doutoramento, no âmbito de uma bolsa de curta duração da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), instituição à qual estou reconhecido pelo apoio então concedido. Jordi Roca e Adriana Piscitelli são, aliás, duas referências teóricas incontornáveis desta tese, como facilmente se constatará.

Agradecimentos particulares a Manuela Ribeiro, com quem dei os primeiros passos na investigação e de quem sempre recebi importantes ensinamentos e incentivos, e a Paula Godinho, estimada professora na minha licenciatura em antropologia, pelas suas cartas de recomendação nos processos de candidatura às bolsas da FCG e da FCT.

Desejo ainda manifestar o meu reconhecimento aos colegas da UTAD, pelas suas palavras de ânimo, conselhos e ajudas. Permito-me expressar particular gratidão a José Portela, pelos constantes e influentes encorajamentos, pela leitura de versão prévia de todos os capítulos e pertinência dos seus inúmeros comentários; a Humberto Martins e a Fernando Bessa, pelo modo solidário como asseguraram a minha parte da leccionação numa cadeira partilhada do curso de Serviço Social, no segundo semestre do ano lectivo de 2012/2013, possibilitando-me dedicar mais tempo à tese; a Vera Mendonça, pelo permanente apoio e pela visita de camaradagem ao terreno, no Brasil, em finais de Janeiro de 2010; a Pedro Silva, pela lucidez e pragmatismo dos seus conselhos, sobretudo na recta final da escrita, quando, no seu registo muito peculiar, me dizia algo do género: *pára, acaba lá isso, fecha!*; a Ana Cantante pelas suas expressivas e humoradas opiniões à medida que foi lendo a tese. Ainda na UTAD, quero destacar os contributos do secretariado do DESG para a formatação do texto final, nomeadamente a excelência do trabalho de Manuela Mourão.

Em tarefas relacionadas com tratamento de dados empíricos e construção de mapas cabe-me agradecer o precioso auxílio de Ana Saraiva, Carla Sacramento, João Carvalho e Marco Costa.

À família e aos amigos, pelas minhas ausências e impaciências, e pela compreensão e apoio incondicionais, deixo uma palavra de profundo afecto.

Por último, gostaria de expressar as minhas desculpas a quem, por lapso, não tenha sido, eventualmente, aqui referenciado e reconhecido de devida forma.

Índice

Lista de figuras	iii
Lista de quadros	iii
Siglas	v
Glossário	vii
Nota prévia	ix
Introdução	1
Capítulo I. Nos dois lados do Atlântico: percursos e contextos etnográficos	11
1. Genealogia do terreno	12
2. Ponta Negra, em Natal-RN	21
3. Seis meses tropicais	29
4. Em outros sítios, construindo uma etnografia plurilocalizada	42
Capítulo II. Trânsitos, fronteiras e ordenamentos transnacionais da intimidade	51
1. Mobilidades e configurações sociais transnacionais	52
2. Fronteiras da identidade e políticas da intimidade	60
3. Geografias desejadas	75
4. A intimidade como projecto reflexivo	88
5. Fluxos passionais: género, turismo e migrações	104
Capítulo III. Ponta Negra na cartografia internacional de desejos e paixões	121
1. De praia de pescadores a ecologia de lazer e turismo	122
2. Políticas públicas, lógicas do desejo e internacionalização turística	128
3. Espacialização e temporalidade passional euro-tropical	137
4. Registos hedónicos no espaço digital	148
Capítulo IV. Do Velho Continente rumo à terra cálida	155
1. Homens em trânsito	156
2. Género e (des)ordenamentos sentimentais	165
3. Imagens, amigos e a construção do desejo turístico	176

4. Abaixo do equador, alargando horizontes	181
Capítulo V. Mulheres encontrando gringos, com a Europa em perspectiva	199
1. <i>Garotas e moças</i>	200
2. Interesses e formas de intimidade	210
3. <i>Mulé' tem que ficar esperta!</i>	222
4. Um continente de promessas e incertezas	229
Capítulo VI. Vinculações transatlânticas flexíveis: deslocações, aliança e residência	235
1. Reencontros, prospecções e projectos conjugais	236
2. Paisagem matrimonial distendida	246
3. Mobilidades e residência na transnacionalização da aliança	256
Conclusão	275
Bibliografia e outras fontes	287

Lista de figuras

Figura 1: Contextualização geográfica de Ponta Negra	14
Figura 2: O bairro de Ponta Negra	24
Figura 3: Vista sul/norte da praia de Ponta Negra	28
Figura 4: Vista norte/sul da praia de Ponta Negra, com o Morro do Careca ao fundo	28
Figura 5: Espaços de referência na transnacionalização da intimidade no bairro de Ponta Negra	139
Figura 6: Vista parcial do segmento da praia mais procurado por <i>gringos e garotas</i>	140
Figura 7: Diagrama de parentesco de Marinalva	209

Lista de quadros

Quadro 1: Proveniência e características socioeconômicas dos turistas europeus em Ponta Negra	157
Quadro 2: Configuração da viagem turística	161

Siglas

ABPN	Associação dos Barraqueiros de Ponta Negra
AME	Associação dos Moradores, Empresários e Amigos da Praia de Ponta Negra
BB	Banco do Brasil
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento
BR	Brasil
CD	<i>Compact Disc</i>
Cetrad	Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento
CICS-UM	Centro de Investigação em Ciências Sociais - Universidade do Minho
CRIA	Centro em Rede de Investigação em Antropologia
DESG	Departamento de Economia, Sociologia e Gestão
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
Embratur	Empresa Brasileira de Turismo
Emprotur	Empresa Potiguar de Promoção Turística
EmproturN	Empresa de Promoção e Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Norte
ES	Espanha
EUA	Estados Unidos da América
Eurostat	Gabinete de Estatísticas da União Europeia
Famtour	<i>Familiarization Tours</i>
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibrit	Instituto Brasil-Itália
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDH-m	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFDM	Índice <i>Firjan</i> de Desenvolvimento Municipal
INE(E)	<i>Instituto Nacional de Estadística</i> (Espanha)
INE(P)	Instituto Nacional de Estatística (Portugal)
Infraero	Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
ISCTE-IUL	Instituto Universitário de Lisboa
Istat	<i>Istituto Nazionale di Statistica</i>
IT	Itália
LAT	<i>Living Apart Together</i>
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MTB	Ministério do Turismo Brasileiro
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
Pestraf	Pesquisa Sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual
PIB	Produto Interno Bruto
PNDH	Programa Nacional de Direitos Humanos
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Prodetur	Programa de Desenvolvimento do Turismo
PT	Portugal
R\$	Real (moeda)
RN	Estado do Rio Grande do Norte
Sebrae-RN	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte
Semurb	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo
Setur-RN	Secretaria de Estado do Turismo do Rio Grande do Norte
Seturde	Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico
SMS	<i>Short Message Service</i> (mensagens telefônicas de texto)
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UE	União Europeia
UnP	Universidade Potiguar
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
VFR	<i>Visiting Friends and Relatives</i>
WU	<i>Western Union Company</i>
ZET	Zona Especial Turística
ZPA	Zona de Protecção Ambiental

Glossário

Amélia (BR)	Mulher “tradicional”, pouco emancipada.
Amor real (BR)	Amor interesseiro, focado no dinheiro (R\$).
Autônomo (BR)	Trabalhador por conta própria, em muitos casos no sector informal e sem carteira profissional assinada.
Babado (BR)	Mexericos, enredos.
Balada, badalação, rolé (BR)	Animação, diversão nocturna.
Bancar (BR)	Sustentar, custear.
Barracas (BR)	Restaurantes improvisados no areal da praia de Ponta Negra. Começaram a ser instalados na década de 60 e permaneceram até 1999.
Barrada (BR)	Pessoa impedida de transpor a fronteira de um país.
Barraqueiros (BR)	Proprietários das <i>barracas</i> .
Birichini (IT)	Traquinas, irreverentes.
Boa noite Cinderela (BR)	Estratagem de furto através do recurso a sedativos.
Boca de fumo (BR)	Ponto de venda de estupefacientes.
Borracharia (BR)	Oficina de reparação e venda de pneus.
Cafetão (BR)	Proxeneta, <i>chulo</i> .
Cafuçu (BR)	Homem insensível, rude e pouco “generoso”.
Calçadão (BR)	Passeio adjacente à orla da praia.
Camelôs (BR)	Vendedores ambulantes.
Carteira assinada (BR)	Registo de relação laboral na carteira de trabalho e previdência social.
Casamento de aluguel (BR)	Casamento destinado a assegurar o direito de residência num determinado país.
Caso, escapadela, curte (PT), rollo, lío (ES), avventurella, storia, tresca, filarino (IT)	Relação passional efémera.
Chamego (BR)	Relação marcada por uma intensa atracção sexual.
Chegantes (BR)	Pessoas que se estabelecem em Ponta Negra vindas de fora do Estado.
Conjuntos (BR)	Parques residenciais.
Corrida (BR)	Termo bastante popular entre os taxistas para designar a deslocação no âmbito da prestação dos seus serviços.
Creu (BR)	Acto sexual.
Do lar (BR)	Doméstica.
Embrancar (BR)	Ficar mais branco. Refere-se, por exemplo, à cor da pele.
Espigões (BR)	Torres residenciais.
Ficando (BR)	Relação passional livre de compromissos relevantes e não sujeita a exclusividade.
Ficar (BR)	Relação passional fugaz.

Figetta (IT)	Termo que deriva de <i>figga</i> (vagina, também apelidada de <i>pataca</i>). É usado sobretudo pelos homens para denominar mulheres difíceis de conquistar sexualmente.
Galega (BR)	Pessoa de pele e cabelos claros.
Garçonete (BR)	Empregada de restauração.
Garota de programa (BR)	Mulher que presta serviços sexuais remunerados.
Genepì (IT)	Licor de ervas alpino, bastante popular na região do Valle d'Aosta, no Noroeste de Itália.
Grilagem (BR)	Apropriação ilegal de propriedade fundiária.
Gringo (BR)	Estrangeiro.
Lan house (BR)	Estabelecimento comercial com serviços de internet e de telecomunicações.
Massa (BR)	Excelente, <i>fixe, porreiro</i> .
Moça de família (BR)	Mulher recatada e virtuosa.
Paquera (BR)	Sedução.
Pedaço (BR)	Área, zona, espaço, sítio.
Piriguete (BR)	Mulher frequentadora da <i>balada</i> , tida como provocante e interessada em homens solventes.
Polentoni (IT)	Designação popular para os habitantes do Norte de Itália.
Ponto	Sítio específico, geralmente associado ao exercício de uma determinada actividade económica formal ou informal.
Quenga	Prostituta.
Rachar (BR)	Dividir.
Rapariga (BR)	Prostituta. Mulher considerada sexualmente promíscua.
Raparigueiro (BR)	Homem mulherengo e infiel.
Rebolar (BR)	Dançar expressivamente, bambolear.
Se la tirano (IT)	Expressão masculina para fazer referência a mulheres altivas, snobes e pouco disponíveis para corresponder a investidas de sedução.
Show de bola (BR)	Fantástico, espectacular.
Terroni (IT)	Designação popular para os habitantes do Sul de Itália.
Transar (BR)	Relação sexual.
Troie (IT)	Prostituta.
Velina (IT)	Mulher que corresponde a padrões de beleza hegemónicos e bastante mediatizados.
Vixe (BR)	Interjeição resultante de uma corruptela de “virgem”, através da qual se expressa surpresa ou admiração.

Nota prévia

Recorro a esta breve nota para elucidar alguns aspectos relacionados com a produção do texto que se segue.

Recaindo o presente trabalho sobre uma temática potencialmente melindrosa, há a destacar, desde logo, a salvaguarda do anonimato e da confidencialidade das fontes. A generalidade dos nomes de pessoas e de contextos mais restritos (v.g. estabelecimentos comerciais) é omitida ou substituída por pseudónimos, e são suprimidas informações mais detalhadas que pudessem, de algum modo, conduzir ao seu reconhecimento. No que concerne aos actores sociais junto dos quais procedi à recolha de informação, os únicos elementos de identificação usados são a nacionalidade, o género, a idade, a ocupação profissional, a sua condição em país terceiro (turista ou imigrante) e, em certos casos, o estado civil e o número de filhos. Visando distinguir os principais informantes daqueles com quem interagi de modo mais efémero e/ou pontual, aos primeiros atribuo nomes fictícios, escolhidos de acordo com as suas nacionalidades.

A transposição de elementos etnográficos recolhidos durante a pesquisa de terreno directamente para o corpo do texto processa-se nos seguintes moldes: (i) citação destacada e em tamanho de letra inferior das notas do caderno de campo, seguida da referenciação do local e da data da redacção; (ii) citação em itálico ou, quando mais extensa, destacada de excertos das falas dos actores sociais, recolhidas por via de conversas informais (anotadas no diário de campo) e de entrevistas semi-dirigidas, sendo que a respectiva identificação é feita nos termos em cima descritos; (iii) transcrição de testemunhos e de outros registos escritos que constam de sítios da internet, acompanhada do nome do utilizador e/ou do nome do *site*.

Na inserção dos conteúdos de discurso directo procurei respeitar a forma como as pessoas falam e escrevem. A excepção são os diálogos com os informantes europeus que ainda não se expressavam razoavelmente em língua portuguesa. Nestes casos, optei por fazer a tradução do italiano, inglês ou castelhano e apresentar os excertos usados no texto em português, mantendo, no entanto, algumas expressões tipicamente de uso coloquial na língua original. O significado destes e dos demais termos que não são do conhecimento

geral ou que apresentam flutuações semânticas torna-se acessível através de um glossário elaborado para o efeito.

As citações extraídas de livros, artigos, notícias de jornal ou de outras fontes escritas são apresentadas, salvo raras exceções, na língua do documento consultado. Evitam-se, assim, possíveis distorções de sentido ou a sobrecarga do texto com a tradução e, em nota de rodapé, o excerto na sua versão original. É também com o intuito de tornar o texto mais sucinto e de leitura mais fluida que são utilizadas siglas para instituições, países e determinadas designações que, geralmente, são referenciadas de modo abreviado. Ao início, encontra-se uma lista de todas as siglas usadas.

Introdução

O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (Freyre 2006: 161).

Há uma longa história de trânsitos e paixões entre a Europa e o Brasil na qual se inscreve a mestiçagem constitutiva da sociedade brasileira e da sua própria ideia e identidade de nação (DaMatta 1984, Filho 2011). Hoje em dia, a história de encontros passionais euro-brasileiros tem alguma continuidade nas relações íntimas que os cidadãos de ambas as geografias vão estabelecendo entre si no decurso das suas deslocações transatlânticas de lazer e trabalho. Tal como noutros contextos internacionais, os fluxos populacionais no Atlântico¹, mesmo os mais efêmeros, produzem contactos entre pessoas de diferentes nacionalidades e proporcionam-lhes possibilidades de constituição de espaços sociais de convivência íntima que extravasam múltiplas fronteiras, nomeadamente as fronteiras político-administrativas que delimitam os Estados-nação. Esta “transnacionalização da intimidade”² e as mobilidades que, intrinsecamente, pressupõe configuram o campo de análise genérico em que centro a tese. Tendo como pano de fundo um cenário caro à antropologia – o do encontro cultural –, este é um amplo campo de fenómenos que tem vindo a suscitar, crescentemente, a atenção de antropólogos e demais cientistas sociais (O’Connell-Davidson 1996, Kempadoo 1999a, Oppermann 1999, Cohen

¹ Aqui entendido, principalmente, como um espaço de circulações, redes e conexões socioculturais transcontinentais (Gilroy 2001, Silva 2003, Guerreiro 2010) formado no decurso de uma longa e violenta história comum entre os continentes americano, europeu e africano (Russell-Wood 2009).

² O termo surge timidamente, sem grande desenvolvimento conceptual, num texto de King (2002) sobre novas tipologias e geografias das migrações internacionais na Europa. Através dele, o autor chama a atenção para a crescente relevância de factores pessoais e sentimentais na ocorrência de fluxos migratórios no continente europeu. Como o próprio adverte, “[...] do not underestimate the libidinal factor in migration” (*idem*: 100). Desde então, o conceito tem sido usado sobretudo no estudo das chamadas “migrações por amor” (Roca 2007, 2009). Tomo-o de empréstimo ao longo deste trabalho, embora não necessariamente com o mesmo alcance analítico que lhe tem sido atribuído. Por esta razão e ainda pela recorrência com que o emprego, após a presente explicitação da sua genealogia opto por não replicar constantemente a menção aos autores que antes já o utilizaram.

2003, Piscitelli 2004a, 2004b, 2011, Constable 2003, 2005, Cabezas 2004, Brennan 2004a, 2004b, Silva e Blanchette 2005, Roca *et al.* 2008, Simoni 2009, Jones 2012a, 2012b).

O meu interesse, em concreto, passa por desenvolver uma abordagem etnográfica das configurações de intimidade heterossexuais adultas (v.g. erótico-sexuais, afectivas, românticas, conjugais e familiares), fundadas numa determinada estrutura de género-nacionalidade (homens europeus e mulheres brasileiras) e iniciadas em Ponta Negra, principal destino do turismo balnear de massas na cidade de Natal, no Nordeste do Brasil.³ À semelhança de demais lugares turísticos nacionais e mundiais, a sua produção e internacionalização ao longo das duas últimas décadas do século XX efectuou-se sob o signo de uma identidade nacional já amplamente exotizada e erotizada nas imagens globais da brasilidade (DaMatta 1984, Bignami 2002, Piscitelli 2008, Machado 2009).⁴ Nem sempre de forma intencional, o processo favoreceu o “male gaze” (Pritchard e Morgan 2000a) e reproduziu as lógicas do desejo (Constable 2003) dos “fantasmas do império” (Veissière 2011). Não é de admirar, portanto, a forte afluência de turistas masculinos do Velho Continente, provenientes sobretudo de países mediterrâneos e nórdicos. Localmente são mais conhecidos por *gringos*, termo usado um pouco por toda a América Latina para denominar os estrangeiros, em particular os ocidentais (Weiss 1993, Blanchette 2001, Gutiérrez 2001, Craft 2008, Brown 2009).

Durante a sua estadia turística é frequente o envolvimento passional com mulheres brasileiras que vão conhecendo na praia, no bairro ou noutras zonas da cidade de Natal. Desde logo, com aquelas cuja actividade é a prestação de serviços sexuais remunerados, e que são, socialmente, designadas por *garotas de programa*⁵; mas também com outras que, embora não se assumam ou sejam tidas como tal, guiam-se por um leque mais ou menos semelhante de expectativas e de estratégias relacionais. De modo a não enveredar por delimitações pouco consentâneas com a complexidade empírica e a precaver

³ Circunstâncias e razões enunciadas no primeiro capítulo ajudam, no essencial, a entender a escolha, a gradual aproximação e a delimitação do terreno de estudo.

⁴ Antes de Ponta Negra, já várias praias brasileiras do Rio de Janeiro (Silva e Blanchette 2005, Blanchette e Silva 2010) e da região nordestina (Carpazoo 1994, Filho 1998, Piscitelli 2004a, 2004b), de outros países latino-americanos, como Cuba (O’Connell Davidson 1996, Cabezas 2004) e a República Dominicana (Brennan 2001, 2002), e de países do Sudeste asiático, como a Tailândia (Cohen 1982, 2003, O’Connell Davidson 1995), eram alvo de intensa sexualização internacional e estavam incluídas na geografia da transnacionalização da intimidade.

⁵ Expressão que terá surgido no Brasil para fazer referência a trabalhadoras sexuais e, de um modo geral, a mulheres tidas como sexualmente promíscuas (Gaspar 1985). Mais recentemente, tende a ser usada com um sentido mais específico, sendo o *programa* associado a “[...] acertos explícitos de intercâmbios de serviços sexuais por dinheiro, envolvendo práticas e períodos de tempo delimitados, que podem ter diferentes valores, dependendo da modalidade e do estilo da prostituição e do local no qual os encontros têm lugar” (Piscitelli 2011a: 547). Muito próximas, em termos semânticos, encontram-se designações sociais como *puta*, *quenga* e *rapariga*.

a consequente erosão teórica da densidade do objecto de estudo, considero todas as relações heterossexuais protagonizadas pelos *gringos* europeus, independentemente do perfil social das suas companheiras locais e das atribuições e rótulos que sobre elas recaem.

Alguns destes relacionamentos têm continuidade após o regresso dos turistas aos seus países, pressupondo novas e sucessivas mobilidades – nem sempre enquadráveis, de modo estrito e dicotómico, no binómio turismo/migrações – dos europeus para o Nordeste do Brasil e das suas respectivas companheiras em sentido inverso. Assim, além de Ponta Negra, o contexto etnográfico de partida e de referência, percorro outros sítios (geográficos e digitais) envolvidos na intrincada rede de fluxos associada aos vínculos iniciados no ambiente turístico tropical e, parte deles, mantidos à distância segundo formatos que, por vezes, evoluem no sentido da aliança. Baseio-me, para tal, numa “etnografia multi-situada” (Marcus 1995) que me permitiu acompanhar alguns dos principais informantes, quer os europeus, quer as parceiras brasileiras, nas suas deslocações e estadias entre ambas as margens atlânticas e, desse modo, captar de forma mais efectiva a dimensão transnacional das paisagens íntimas de que são protagonistas. O resultado é um terreno constituído por diversas escalas, lugares e fluxos, que espelha as alterações substanciais na arquitectura epistemológica da antropologia das últimas décadas (Marcus 1986, Gupta e Ferguson 1992, 1997, Bastos 1994, Clifford 1997, Silvano 2002, Hannerz 2003, Kearney 2004a, Comaroff e Comaroff 2007), tendo em vista abordagens mais ajustadas aos novos modos como as sociedades se relacionam com as coordenadas de espaço e tempo (Harvey 1992, 2001, Gille e Riain 2002, Pujolar, Fernández e Subirana 2011).

A incursão analítica no terreno etnográfico de intimidades e trânsitos que, sumariamente, acabo de delimitar tem por base duas perguntas primordiais: que condições estruturais, contextos, imaginários e subjectividades proporcionam a produção de espaços íntimos transatlânticos? Como operam e quais os sentidos das práticas de intimidade e das estratégias de mobilidade que configuram as formas de paixão e conjugalidade entre europeus e brasileiras? Subjacente a estas questões genéricas está uma sequência articulada de propósitos com um alcance mais preciso: (i) explorar as representações e imaginações globais (Appadurai 1996, Salazar 2011), providas de grande espessura histórica, com base nas quais Ponta Negra (e o Brasil em geral) se constitui como “sítio de/[o] desejo” (Manderson e Jolly 1997) masculino europeu e a Europa como geografia desejada no feminino, nos trópicos; (ii) situar os fluxos passionais euro-brasileiros nos quadros da economia política, das transformações estruturais da intimidade, género, família e

conjugalidade (Singly 1996, Goldenberg 2000b, Bauman 2008, Giddens 2001, Torres 2003, Beck e Beck-Gernsheim 2004, Aboim 2004, Roca 2007a) e das novas possibilidades tecnológicas de deslocação e interacção à escala global (Lemos 2009); (iii) compreender como os múltiplos eixos de alteridade (género, nacionalidade, sexualidade, “raça”, etnicidade, classe) entre homens europeus e mulheres brasileiras se articulam na produção das demarcações e atracções que informam os seus anseios recíprocos; (iv) decifrar as principais configurações dos cenários transatlânticos de intimidade, prestando especial atenção à fluidez, ambiguidades, disposições subjectivas, práticas e “interesses” que lhes são subjacentes; (v) perceber como alguns dos vínculos iniciados no contexto do turismo em Ponta Negra, amiúde num registo explicitamente mercantil, vão sendo mantidos à distância depois do regresso dos turistas à Europa e consolidados como projecto de casal; (vi) mapear a composição das paisagens de aliança (Constable 2005) no espaço Atlântico, considerando as heterogeneidades e fronteiras que nelas se expressam, a gestão da mobilidade e residência que pressupõem e a sua articulação com procedimentos transnacionais estratégicos de reprodução socioeconómica.

Na prossecução destas linhas de análise assumo um distanciamento crítico face à noção de turismo sexual, bastante utilizada pelas ciências sociais – também pelo senso comum e pelo espaço mediático – como uma espécie de *frame* incontornável dos seus discursos sobre contextos semelhantes a Ponta Negra, onde o turismo se entrecruza com a prostituição e outras formas de relacionamento íntimo entre visitantes e locais (Cohen 1982, 1986, Carpazoo 1994, Pruitt e LaFont, 1995, Leheny 1995, O’Connell Davidson 1996, 1996, Bishop e Robinson 1998, Kempadoo 1999a, Oppermann 1999, Rao 1999, Taylor 2001, McKercher e Bauer 2003, Brennan 2004a, Piscitelli 2004a, 2004b, 2007a, 2009, Blanchette e Silva 2010). Justifico a opção invocando razões que remetem para os enredos morais e ideológicos em que, muitas vezes, o conceito é envolvido e para a sua escassa precisão e coerência epistemológica. O campo semântico a que está adstrito, como veremos com maior detalhe no segundo capítulo, é de tal forma indefinido, flutuante e pluri-paradigmático (Ryan 2000, Taylor 2001) que pode ser utilizado como referencial analítico de manifestações empíricas tão distintas como, por exemplo, a exploração sexual infanto-juvenil e os relacionamentos, comerciais ou não, entre adultos com capacidade de autodeterminação.

Não proponho um novo rótulo conceptual, pois dificilmente encontraria um que, reunindo os critérios básicos de cientificidade, fosse amplo, consistente e versátil para traduzir a diversidade etnográfica com que me deparei. Em alternativa, a solução que

considero mais pertinente é utilizar, entre outros, o conceito de turismo e, perante situações concretas que interpelam a esfera da intimidade, estabelecer a sua articulação analítica com outras noções de alcance relativamente preciso (v.g. prostituição, *programa*, romance, *affair*, namoro, conjugalidade, casamento transnacional). Procuo realizar esta articulação de forma criteriosa, mantendo a autonomia dos termos e evitando aglutinações (v.g turismo prostitucional, turismo de romance) que, em vez de reforçar, poderiam diminuir a sua consistência, rigor e operacionalidade.⁶

A intenção é construir uma grelha de análise de malha mais densa e flexível, vocacionada para dar conta de um terreno particularmente difuso e intrincado, repleto de ambiguidades. Esta é uma complexidade que a própria composição terminológica do conceito de turismo sexual tende a negligenciar ao sugerir a existência de uma motivação sexual estrita a impulsionar a procura turística. Aliás, é frequente a sobrevalorização explicativa desta motivação (Graburn 1983, Jeffreys 1999, Enloe 2000, Brennan 2004a, Bem 2005) e a sua forte associação ao género masculino, pelo que “the stereotypical image of the ‘sex tourist’ is that of the Western man who travels to Thailand or the Philippines in order to pay for sex with Go Go bar/brothel prostitutes (Taylor 2001: 749)”. Alegadamente, estes homens apenas querem comprar sexo como se de uma mercadoria se tratasse (Michel 2009) e as mulheres que com eles se relacionam apenas querem assegurar renda com a venda do seu corpo, num jogo que se resumiria ao “poder do dinheiro” *versus* o “poder do sexo”, para usar os termos de Lagunas (2010).

Se o turismo para os chamados destinos sexuais representasse somente viagens de homens à procura de sexo esporádico, como compreender as situações de envolvimento emocional duradouro, ainda que, em muitos casos, a sua génese se situe no contexto da prostituição (Cohen 1982, 2003, Kempadoo 1999a, 1999b, Piscitelli 2007a)? Como compreender os inúmeros projectos conjugais e familiares que aí vão ganhando forma e as sucessivas mobilidades neles implicadas? Para lá do sexo, da parte masculina, e do dinheiro, da parte feminina, existem muitas outros desejos e interesses de parte a parte (Cabezas 2004, Riaño e Baghdadi 2007, Piscitelli, Assis e Olivar 2011) – associados, por exemplo, ao género, à aliança, à família e às migrações – que é fundamental considerar e inscrever na própria historicidade do espaço transatlântico, nomeadamente nas representações das identidades nacionais que foram sendo produzidas pelos discursos coloniais e pós-coloniais. Assim é possível evitar visões sexocêntricas e imediatistas,

⁶ A proposta que aqui apresento começou por ser esboçada num pequeno texto onde questiono a sustentabilidade empírica do que se designa por turismo sexual (Sacramento 2011).

atadas à suposição de que tudo se resume a uma mera contratualidade económico-sexual induzida pela voragem mercantil do turismo de massas.

Na análise das estratégias e práticas através das quais europeus e brasileiras procuram concretizar as suas expectativas recíprocas é inevitável a incursão pela economia política da transnacionalização da intimidade. É frequente a ideia de que as relações entre homens do Norte e mulheres do Sul, em especial quando decorrem das experiências turísticas masculinas na “periferia do prazer” (Turner e Ash 1991), são marcadas, inevitavelmente, por intensos processos de dominação e exploração (Truong 1990, Leheny 1995, Enloe 2000, Leal e Leal 2003, Jeffreys 2008).⁷ Considera-se que as condições económicas, a nacionalidade e o género dos ocidentais lhes garantem, de forma quase imediata e permanente, um poder indiscutível face às respectivas parceiras sexuais, namoradas ou cônjuges do lado de baixo do equador. Sendo mulheres, mais pobres e de nacionalidades menos prestigiadas na geopolítica mundial, estas últimas são apresentadas principalmente como vítimas: vulneráveis, desprovidas de poder, traficadas e sem capacidade de agência.

Ao abordar-se a interacção entre as partes exclusivamente sob o prisma da exploração sexual, de género e de classe (Jeffreys 1999, Michel 2007, 2009) negligencia-se a existência de dimensões culturais de atracção e de sedução recíproca (Campbell 2007). Omite-se, ainda, a possibilidade de a vulnerabilidade, sobretudo material, destas mulheres não se traduzir numa total ausência de recursos de poder, mesmo quando os seus relacionamentos se processam num registo comercial mais explícito, em que a afluência monetária dos companheiros estrangeiros parece, à partida, reduzir-lhes a possibilidade de manifestação de vontades e iniciativas. Os espaços de intimidade em que participam, embora pautados por múltiplas e inquestionáveis assimetrias sociais, não constituem, necessariamente, um paradigma de absoluta “dominação masculina” (Bourdieu 1999). Esses espaços podem configurar, como argumenta Kempadoo (2004), contextos de resistência, agência e autodeterminação feminina. Neles, as posições de quem explora quem e quem beneficia são, potencialmente, mutáveis e contingenciais (Oppermann 1998, Brennan 2004a, 2004b). O poder circula, não estando vinculado *ad eternum* aos mesmos indivíduos (Foucault 1992). Assim, em alternativa às visões que subentendem a culpabilização de uma parte e a vitimização da outra é necessário convocar, como propõem

⁷ Alguns autores referem-se a estes processos como manifestações evidentes de neocolonialismo (Graburn 1983, Bem 2005, Michel 2007) e ao turismo de massas em geral como uma forma de imperialismo (Nash 1995).

Constable (2003, 2006, 2009) e Rivers-Moore (2011), esquemas analíticos que ultrapassem a rígida dicotomia vítima-agente e nos permitam ver para lá das concepções baseadas nas desigualdades estruturais mais imediatas que enquadram a interacção dos sujeitos.

Os vínculos passionais transnacionais como os que vão sendo estabelecidos a partir de Ponta Negra são muito mais que manifestações de desigualdades. São expressões de imaginários cruzados do “outro”, de formas de atracção mútua e de projectos diversos, reflectindo, simultaneamente, a crescente reflexividade e electividade da vida íntima (Giddens 2001, Beck e Beck-Gernsheim 2002, 2004, Roca 2007a), a insatisfação com identidades e relações de género, a demanda de outros modos de convivência conjugal e familiar, e o desejo de encontrar lugares e quotidianos de vida alternativos para onde seja possível a deslocação migratória. Ao contemplar estes e demais elementos de análise, o enfoque que adopto parte, justamente, de uma perspectiva ampla, na qual as assimetrias entre homens europeus e mulheres brasileiras são apenas uma – embora de grande relevância e transversalidade – das muitas dimensões presentes nas suas experiências de intimidade.

Antes de centrar a abordagem nestas experiências em concreto, dedico o primeiro capítulo da tese à genealogia e localização etnográfica do objecto de estudo, bem como às questões de método da investigação das suas manifestações empíricas. Procuo aí fazer o mapeamento do terreno no quadro das vivências, relações sociais de investigação e imponderabilidades de um quotidiano de trabalho em que o próprio investigador – o “anthropological self” (Crick 1985) – se assume como principal “instrumento” de pesquisa empírica (Costa 1986, Silva 2006, Casa-Nova 2009). É uma espécie de *making-off* onde exponho os percursos e os procedimentos metodológicos por via dos quais, e tendo sempre Ponta Negra como referência central, fui agregando os vários outros sítios e contextos sociais (inclusive digitais), geograficamente dispersos, que compõem a fisionomia transnacional euro-brasileira da etnografia que aqui apresento.

Feita a narração da história, dos lugares e das experiências da investigação, o segundo capítulo é reservado a reflexões de pendor mais teórico, subordinadas à preocupação de esboçar, “aos ombros de gigantes” (Merton 1993), uma panorâmica das coordenadas que balizam as principais linhas e perspectivas de entendimento do terreno. Construo essas coordenadas direccionando o processo para uma discussão integrada de aspectos relacionados com a transnacionalização da vida social, os fluxos e as fronteiras políticas e identitárias que aí se manifestam, a emergência histórica de geografias desejadas (sobretudo transatlânticas), as “gendered mobilities” (Cresswell e Uteng 2008)

entre essas geografias e as razões de ordem passional que lhes são subjacentes, tendo em conta, previamente, algumas das mais significativas mudanças na esfera da intimidade na Europa e no Brasil (Giddens 2001, Goldenberg 2000b, Vaitsman 1994, 2001, Priore 2004).

No capítulo três a análise centra-se na produção de Ponta Negra como cenário turístico sexualizado que encontrou nos países europeus os principais interlocutores da sua inserção na cartografia internacional de lugares de desejo. Ao debater este processo, procuro mostrar que as políticas públicas federais e estaduais para o sector do turismo funcionaram como a grande força impulsionadora da transfiguração do bairro e da sua emergência como destino de lazer de massas, alvo de significativa procura por parte de homens do Velho Continente. A presença destes homens e a sua interacção com mulheres locais torna-se particularmente notória em determinados contextos, períodos e momentos. Descrevo estes espaços e tempos passionais e considero algumas narrativas audiovisuais sobre eles produzidas na internet que contribuem para reforçar a vinculação identitária do lugar a noções de hedonismo e erotismo.

De seguida, no capítulo quatro, a atenção recai nos trânsitos turísticos masculinos da Europa para Ponta Negra. Começo por fazer uma breve sociografia dos sujeitos intervenientes e uma caracterização das suas mobilidades, tendo em conta aspectos como o número e a frequência de viagens e a duração e organização da estadia. Tento, depois, compreender a predilecção pelo Nordeste brasileiro à luz dos seus trajectos de vida íntima e das respectivas construções e relações de género. Neste exercício não é esquecida a relevância de determinadas imagens transnacionais da brasilidade, nem tampouco o papel dos grupos de pares, na configuração das expectativas que informam a escolha do destino. É, justamente, a partir dessas expectativas que procuro entender os discursos e as práticas de género e intimidade que cruzam as experiências turísticas masculinas em Ponta Negra.

As mulheres que se encontram com os turistas europeus à chegada ao Brasil são apresentadas com maior detalhe no capítulo cinco. Após considerar os principais modelos locais de feminilidade que parametrizam as suas identidades e de vincar o argumento de que nem todas as relações passionais que estabelecem com os *gringos* se restringem à prostituição, exploro os respectivos trajectos biográficos e circunstâncias sociais, procurando aí algumas pistas para a compreensão da clara preferência por companheiros estrangeiros em detrimento de concidadãos. Segue-se uma análise das suas práticas e interesses no âmbito dos relacionamentos transnacionais e da capacidade de agência que aí evidenciam. A fechar o capítulo, uma pequena incursão pelas imaginações que estas mulheres produzem sobre a Europa enquanto referentes essenciais da gestão que fazem das

possibilidades proporcionadas pelos espaços de intimidade de larga escala em que participam.

Por último, no capítulo seis é debatida a subsistência de relações iniciadas em Ponta Negra e são analisados os projectos conjugais daí resultantes. Confiro particular destaque à flexibilidade dos procedimentos de manutenção dos vínculos passionais à distância, à evolução destes vínculos para distintas configurações de conjugalidade e aos múltiplos contrastes que compõem a paisagem matrimonial transatlântica. A finalizar abordo as formas de mobilidade, sobretudo de cariz migratório, entre o Brasil e o continente europeu, e as estratégias de residência e respectivas expectativas socioeconómicas mais comumente implicadas nos processos de transnacionalização da aliança.

Capítulo I.

Nos dois lados do Atlântico: percursos e contextos etnográficos

O terreno é um elemento fundamental da prática e da identidade da antropologia e do antropólogo. Na sua acepção mais literal remete para o território e a ecologia sociocultural onde decorre a pesquisa. Mas ele é, simultaneamente, uma entidade metafórica; um tropo que evoca a etnografia enquanto epistemologia, ou seja, modo de abordagem e conceptualização da realidade empírica. Neste sentido, Gupta e Ferguson (1997) entendem-no como “site”, “method” e “location”, e Copans (2002: 11) como lugar, prática, objecto e tradição científica. Qualquer contexto sociocultural representa um potencial terreno para o antropólogo, mas é somente através dos procedimentos específicos deste último para apreender e construir o seu objecto que o terreno antropológico se constitui de facto (Faizang 1994). Além de dado apriorístico, ele é também uma produção conceptual.

Assim, quando utilizamos a expressão *fazer terreno*, ainda que seja quase sempre para referenciar uma estadia de trabalho de campo, ela traduz literalmente aquilo que fazemos: fabricar um território de investigação, um objecto, uma unidade de observação (Soudière 1988: 95), por referência a uma determinada realidade objectiva. Aparentemente desvalorizando esta última, Kilani (1994) refere-se ao terreno como uma produção intersubjectiva: “[...] le terrain s’organise d’abord et essentiellement comme un travail symbolique de construction de sens dans la cadre d’une interaction discursive, d’une négociation des points de vue entre l’anthropologue et ses informateurs” (*idem*: 46). Com uma posição mais equilibrada, Almeida (1995: 21) defende que se deve “[...] reconhecer a importância epistemológica da experiência pessoal do antropólogo; mas conferir, também, uma relativa objectividade à realidade social estudada”. Além de experiência, o terreno existe ainda sob a forma de “factos e números” (*idem*).

Assumindo uma abordagem etnográfica em que a subjectividade do antropólogo não exclui, necessariamente, uma dimensão empírica objectiva, neste capítulo procuro mostrar a génese, a configuração e a exploração de um terreno que articula diferentes

escalas (desde a transnacional à da intimidade) e variados espaços. Começo a tarefa, bem a montante, traçando o encadeado de circunstâncias que esteve na origem de um longo processo que agora, através da escrita, cristaliza sob a forma de texto. Após estas considerações genealógicas apresento, em jeito de mapeamento sócio-espacial, o principal cenário de referência, Ponta Negra, na abordagem da transnacionalização das experiências e relações íntimas. Segue-se um exercício reflexivo sobre os aspectos mais marcantes da etnografia que aí realizei ao longo de seis meses, e no qual procuro esclarecer como a rede de informantes foi sendo organizada e mobilizada para uma fase complementar do trabalho de campo, concretizada em outros contextos. Por último, e tendo como pano de fundo os desafios epistemológicos enfrentados pela antropologia no estudo de manifestações sociais geradas em (e entre) diferentes lugares, descrevo as experiências etnográficas em vários sítios europeus e em distintos sítios da internet articulados, directa ou indirectamente, com Ponta Negra na produção de espaços de intimidade transatlânticos.

1. Genealogia do terreno

Em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss (1986) partilha as suas “Folhas de percurso” e mostra-nos como a ida para o Brasil, onde viria a conhecer os seus contextos etnográficos de eleição, se decide, súbita e inesperadamente, “[...] num domingo de Outono de 1934, às nove da manhã, com um telefonema” (*idem*: 41). Por se tratar de uma grande referência da antropologia, o seu caso é particularmente fértil para evidenciar que, amiúde, a escolha de um caminho no sentido de um terreno e de uma geografia, mais do que um acto pró-activo de cuidada planificação, faz-se caminhando e é bastante condicionada, como lembra Ribeiro (2010: 21-23), por pequenos acasos ou situações que escapam ao controlo individual⁸. Foi justamente ao querer dar continuidade a um percurso, em circunstâncias em que a intencionalidade se entrecruza com a coincidência e o imprevisto, que as manifestações transnacionais de intimidade e o contexto de Ponta Negra surgiram no horizonte das minhas perspectivas de investigação.

No período de 2001 a 2005 participei num estudo financiado pela FCT sobre prostituição feminina em regiões da raia hispano-portuguesa (Ribeiro *et al.* 2005), no âmbito do qual também realizei a minha dissertação de mestrado sobre a construção da masculinidade entre os clientes de sexo comercial (Sacramento 2005). A grande maioria

⁸ São as “artimanhas do acaso” de que nos fala Peirano (1995: 119-133).

das trabalhadoras sexuais que inquirimos durante o trabalho de campo era proveniente da América do Sul, destacando-se a presença de mulheres de nacionalidade brasileira. Deste modo, no relatório entregue à FCT, em jeito de sugestão de possíveis linhas de pesquisa complementares, considerávamos relevante a realização de estudos mais focados no conhecimento dos trajectos e condições que, nos respectivos países, as predispõem a emigrar para a Europa. Por outro lado, julgávamos também bastante pertinente acompanhar o regresso e a reintegração nos seus contextos de origem após a conclusão do projecto migratório. Tratar-se-ia de conhecer o antes e o depois das experiências de vida na prostituição e, assim, construir uma escala de análise verdadeiramente transnacional capaz de captar a sua condição de “global woman” (Ehrenreich e Hochschild 2002).

Das sugestões vertidas em texto à possibilidade de nós próprios procurarmos concretizá-las, assegurando a continuidade do trabalho recém-concluído, foi um pequeno passo, que depressa ganhou firmeza e convicção, beneficiando do apoio inequívoco de Manuela Ribeiro, à altura a coordenadora da equipa. Foi então decidido que a pesquisa de terreno seria realizada conjuntamente por Fernando Bessa, o impulsionador inicial da ideia, e por mim. Como nenhum de nós reunia condições profissionais para permanecer no Brasil durante um largo período de tempo, tivemos forçosamente de pensar apenas numa abordagem exploratória, que calendarizámos para o período das férias académicas de Verão desse mesmo ano de 2005.

Depois do tempo, faltava apenas o espaço da investigação e dar o primeiro passo no processo de configuração do terreno: identificar o contexto mais adequado para a estadia. A hipótese mais óbvia, ponderada num primeiro momento, foi Goiânia, capital do Estado de Goiás, em pleno coração do território brasileiro. A razão para tal era simples e lógica. No anterior terreno, no espaço transfronteiriço ibérico, havíamos constatado que um número bastante considerável de mulheres provinha dessa região do Brasil. Entretanto, esta possibilidade começa a desvanecer-se quando, no decurso de uma primeira e rudimentar delimitação do âmbito do estudo, surge a ideia de alargar o trabalho aos homens europeus que, em turismo, se envolvem em relacionamentos de sexo mercantil. A inclusão desta nova dimensão de análise parecia-nos pertinente, considerando que muitas das mulheres brasileiras com quem tínhamos falado já trabalhava na prostituição, nomeadamente em contextos de grande afluência turística, antes de vir para a Europa. Obrigou-nos, no entanto, a abandonar em definitivo a primeira hipótese cogitada para *fazer terreno*, pois Goiânia não é propriamente um destino do chamado turismo sexual. Mas a procura do lugar não se arrastou por muito tempo.

Fruto da conjugação de uma intenção sem resultados e de uma coincidência frutífera, ele é achado por Fernando Bessa ao fim de dois actos. No primeiro envia um e-mail para um colectivo de mulheres em Fortaleza, na tentativa de sondar a possibilidade e a pertinência de fazermos aí a pesquisa, bem como eventuais apoios institucionais na negociação do acesso ao terreno. Do outro lado a resposta não chega. Entretanto, num acto mais ou menos fortuito, consegue o que não havia sido logrado no anterior, pleno de intencionalidade. Em conversa casual, um amigo brasileiro a residir em Portugal fala-lhe de um compatriota, professor na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), que havia feito trabalho de campo no nosso país sobre o movimento sindical de professores. Prontamente, Fernando Bessa estabelece contacto, invocando o amigo comum. Embora não sendo antropólogo nem com interesses de pesquisa similares, as suas referências e conhecimentos locais suscitam excelentes perspectivas. Por portas e travessas, estava encontrado o destino para o nosso trabalho e que, mais tarde, viria a ser o lugar de referência do meu terreno para a pesquisa de doutoramento: Ponta Negra, na cidade nordestina de Natal. Estava também estabelecido um vínculo transatlântico que viria a revelar-se fundamental na resolução de questões logísticas⁹ e no estabelecimento de contactos para uma construção rápida e eficiente da rede de informantes, permitindo a maximização do curto período de tempo disponível.

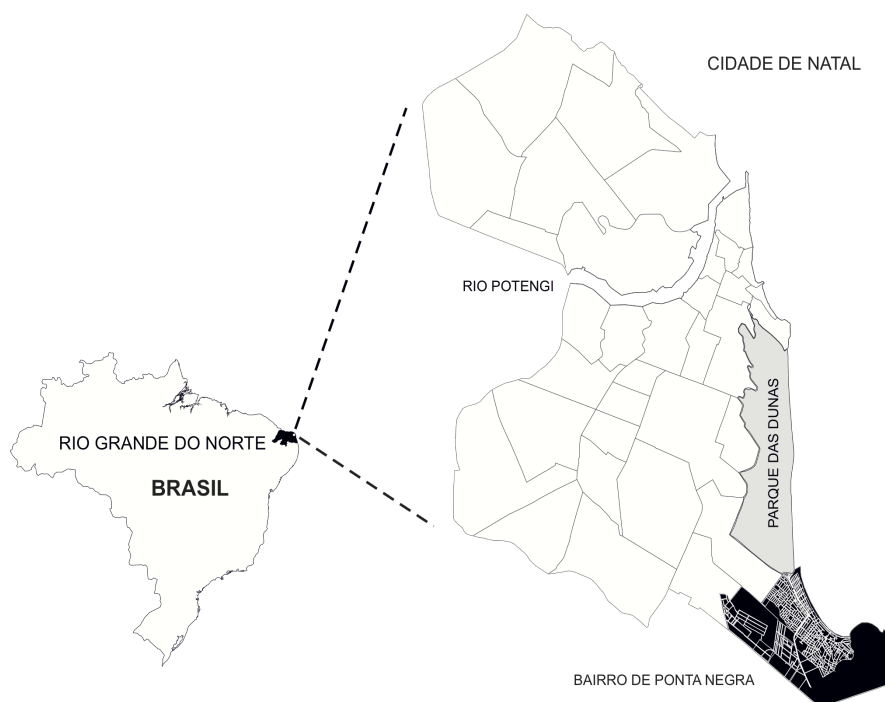


Figura 1: Contextualização geográfica de Ponta Negra

⁹ Foi ele que tratou do alojamento de Fernando Bessa, ainda antes da chegada ao Brasil, pedindo a um amigo de Ponta Negra que o acolhesse em sua casa.

Após os habituais afazeres da “pré-entrada” no terreno (Portela 1985: 15-18), o acesso concretiza-se a dois tempos. Num primeiro momento, no início de Julho de 2005, entra em acção Fernando Bessa. Não pude acompanhá-lo desde logo, pois estava a concluir a dissertação de mestrado. Ainda a escrever sobre o terreno dos quatro anos anteriores e, num horizonte muito próximo, já um novo terreno me esperava. Sem tempo para descansar de meses de escrita intensiva, chego a Ponta Negra no início de Agosto. Encontro Fernando Bessa com cerca de um mês de trabalho, adaptado ao contexto e com uma extensa rede de contactos, sobretudo no plano institucional. A sua presença e o conhecimento do meio foram essenciais para a minha rápida integração, suavizando o habitual choque cultural nos primeiros contactos com o campo¹⁰, que têm início no imediato. Logo na noite da chegada, o terreno, até então uma vaga referência geográfica, começa a ganhar forma, rosto(s), densidade social e identidade.

Depois de me instalar na pousada, passo um bocado pelas *brasas*. Por volta da meia-noite, o Fernando vem buscar-me. Saímos de Ponta Negra no *Volkswagen Gol* por ele alugado em direcção à casa da Maryneide (informante), num dos bairros mais antigos e degradados de Natal: as Rocas. Aqui também há prostituição. A clientela é essencialmente constituída por homens locais. Os turistas raramente vêm para cá. Já com a Maryneide, seguimos novamente em direcção a Ponta Negra. Vamos a um bar com música ao vivo e, algum tempo depois, decidimos ir para o *Merengue*, um *ponto* (como se diz por aqui) muito frequentado por *gringos* e por *garotas de programa*. A entrada é gratuita para as mulheres. Só os homens pagam. O espaço do estabelecimento, a sua iluminação e o ambiente em nada diferem de uma comum discoteca. Predomina a *dance music*, intercalada com alguns períodos de música brasileira. Apesar de consideravelmente amplo, o espaço está apinhado de gente. Mais mulheres que homens. Salvo raríssimas excepções, todas elas são brasileiras e estão à procura do seu *programa* com o *gringo*. Na sua maioria são jovens, mestiças, com idades situadas entre os 20 e os 30 anos. Evidenciam alguns cuidados estéticos com a forma de vestir, a maquilhagem e o cabelo. No que diz respeito aos frequentadores masculinos, predominam claramente os turistas europeus, sobretudo os de origem italiana. A maior parte deles situa-se no escalão etário dos 30-40 anos. [...] A interacção entre ambas as partes está envolta numa forte sensualidade. A forma como as *garotas* dançam, olham, sorriem e “dispõem” o corpo está carregada de erotismo, abordando os turistas de modo aparentemente casual. A dança é um dos meios privilegiados para uma primeira interpelação, que se situa sobretudo no plano do contacto corporal. A partir daí, o *papo vai rolando*, quase sempre como se tratasse de um engate convencional. Elas não “atacam” os turistas de forma tão directa e explícita como as trabalhadoras sexuais nos clubes de Portugal e Espanha. [...] Depois de feitos os primeiros contactos, alguns “casais” vão para uma parte mais reservada do edifício, situada no primeiro andar, que um letreiro existente à entrada identifica como “sala romântica”. O espaço está equipado com vários conjuntos de sofás, proporcionando um ambiente mais favorável a manifestações de intimidade (beijar, acariciar) e mais calmo para o acerto dos termos do *programa* que, geralmente, antecede a saída para um dos vários motéis existentes nas imediações de Ponta

¹⁰ Este choque cultural inicial gera, com alguma frequência, um “síndrome de desadaptação” (Hammersley e Atkinson 2007: 89-90) que tende a esbater-se com o decorrer do tempo.

Negra. No entanto, em muitos casos a interação que precede a ida para o motel limita-se apenas ao espaço do bar, no rés-do-chão. Aqui tudo parece acontecer muito rápido, desde a abordagem inicial ao beijo e à interação física mais íntima, culminando com a saída para fazer um *programa* que, geralmente, rende cerca de 150 reais (aproximadamente 50 euros) à mulher. [...] À espera, no exterior, num ambiente verdadeiramente caótico, os taxistas (cerca de 15) guerreiam pela melhor posição para ganhar a *corrida* para o motel (notas de campo, Ponta Negra, 4/08/2005).

Embora não partilhássemos a residência – Fernando Bessa morava em pleno centro da vila e eu na pequena residencial *Mar Azul*, junto à praia – encontrávamo-nos quase todos os dias, nomeadamente para o trabalho de campo nocturno nos espaços mais frequentados pelos turistas e pelas *garotas de programa*. Tendo em vista rentabilizar a estadia o mais possível, no dia-a-dia organizávamo-nos para que, sempre que possível, cada um assegurasse a cobertura de diferentes dimensões empíricas do terreno. Por exemplo, o contacto com os estrangeiros à procura de intimidade com mulheres locais ficou mais sob a minha responsabilidade. Aliás, a escolha da pousada onde fiquei instalado, previamente feita por Fernando Bessa, deveu-se sobretudo ao facto de ser bastante frequentada por grupos de turistas masculinos provenientes da Europa e pelas respectivas companheiras que iam conhecendo durante a estadia.

Foi aí (e a partir daí) que foi construída uma boa parte da rede social de pesquisa da primeira experiência de trabalho de campo em Ponta Negra. O facto de se tratar de um espaço pequeno e com um ambiente muito informal facilitou bastante a aproximação aos hóspedes que interessava interpelar. Por outro lado, a conquista da confiança e da disponibilidade do gerente e dos dois funcionários – todos com uma relação de grande proximidade face a muitos dos clientes, seus conhecidos de anos anteriores – foi decisiva para uma rápida aceitação da minha presença. Da rapidez com que a posição de exterioridade inicial era ultrapassada dependia o êxito ou o fracasso do trabalho de campo. Se considerarmos que a maioria dos turistas já instalados na *Mar Azul* (e os que, entretanto, iam chegando) iria permanecer apenas algumas semanas, regressando depois aos respectivos países, era imperioso agir com celeridade na construção de relações sociais e na colecta de informação. Não havia grande margem de tempo para solidificar vínculos e reforçar empatias como acontece quando o antropólogo trabalha em contextos sociais menos voláteis. Assim, ao contrário do que consta na generalidade dos manuais de boas práticas etnográficas, muitas das entrevistas semi-dirigidas tiveram forçosamente de se realizar num curto período de tempo após os primeiros contactos e as primeiras conversas

informais¹¹. A par dos seus testemunhos, alguns dos interlocutores assumiram ainda um papel importante, apresentando-nos às suas parceiras e a outros turistas.

A construção dos circuitos de acesso aos actores sociais fez-se, sobretudo, em três grandes palcos: as instituições que Fernando Bessa abordou no primeiro mês da sua estadia, a pousada e a praia propriamente dita. Dos escassos contactos iniciais, o círculo de informantes expandiu-se progressivamente, ganhando uma amplitude nem sempre fácil de gerir. Num efeito “bola de neve” (Polsky 1969, Downes e Rock 2007), as pessoas que íamos conhecendo viabilizavam o conhecimento de outras, que, por sua vez, nos permitiam aceder a mais pessoas, e assim sucessivamente. Em muitos casos, o acesso aos informantes estabeleceu-se através da intermediação de terceiros, o que contribuiu para ultrapassar desconfianças e resistências iniciais. Mas nem sempre foi assim. No trabalho de campo que tem por base a observação participante somos permanentemente confrontados com circunstâncias que não são esperadas e muito menos planeadas¹². Algumas delas proporcionam mesmo oportunidades extraordinárias de recolha de informação, como é o caso da que a seguir se descreve.

Por volta das 23.00h, eu e o Fernando dirigimo-nos para o *ponto* do Cristiano, situado em pleno *calçada* da praia. Quando passámos junto ao restaurante Portugália (propriedade de um português da Figueira da Foz), duas mulheres num automóvel ali estacionado chamam-nos. Partimos do princípio que seriam *garotas de programa*, o que acabou por se confirmar. Sem expressar palavra, olhamos um para o outro como que a dizer “eis aqui duas potenciais informantes!”. Vamos para junto do carro delas e acabamos por entrar. Praticamente logo após a apresentação, para evitar equívocos e precaver eventuais problemas, dissemos-lhes o que estamos a fazer em Ponta Negra e deixámos claro que não faríamos *programa* com elas. Mesmo assim, disseram-nos para ficar no carro a fazer-lhes companhia. Entretanto chega mais uma amiga. Têm as três vinte e poucos anos e moram nos arredores de Natal, em Parnamirim. Duas delas são estudantes do ensino superior privado, na Universidade Potiguar (UnP). Conversámos durante quase duas horas. Criámos uma grande empatia. Antes de as deixarmos, trocámos contactos e combinámos encontrar-nos de novo. Temos aqui, certamente, três informantes de referência (notas de campo, Ponta Negra, 28/08/2005).

À medida que se acumulavam experiências e factos etnográficos, começa a esfumar-se do nosso horizonte o propósito pioneiro da ideia de ir para o Brasil estudar os cenários sociais pré e pós-migrações das mulheres que passam pela indústria do sexo na

¹¹ Referindo-se às obrigações profissionais e domésticas como factores que poderão levar o antropólogo a ter de optar, forçosamente, por saídas de campo mais curtas em detrimento de estadias muito prolongadas, Hannerz (2003: 212) afirma que “[...] ethnography is an art of the possible, and it may be better to have some of it than none at all”. O mesmo princípio poderá também ser adoptado para lidar com qualquer situação do terreno que, não estando dependente do investigador, interfere negativamente no processo e nas condições de recolha de informação.

¹² Delas fazem parte os “aspectos românticos” da antropologia, segundo DaMatta (1978: 27).

Europa. Todo o interesse passa a ser direccionado para aquilo que na altura ainda designávamos sob o rótulo-estereótipo de turismo sexual. Poderão aduzir-se duas grandes razões para esta mudança de planos, que, em maior ou menor grau, está presente em qualquer trabalho etnográfico¹³. A primeira, e mais importante, resultou de uma evidência empírica inquestionável: encontrámos poucas mulheres que já tivessem trabalhado na prostituição na Europa ou que, não tendo estado lá, tencionassem migrar com esse propósito específico. Ao contrário das suas conterrâneas da zona de Goiânia, por exemplo, muitas das jovens de Ponta Negra que ponderam o trabalho sexual como destino não precisam de migrar para beneficiar da prosperidade económica dos europeus. Com a afluência turística masculina proveniente do Velho Continente, elas têm a Europa que mais lhes interessa à porta de casa. A segunda razão, mais ténue e subjectiva, decorreu de um certo deslumbramento antropológico com a extraordinária complexidade (exotismo?) das relações íntimas entre turistas e locais. Fruto destas circunstâncias, os intentos iniciais de pesquisa foram sendo calibrados e o objecto de estudo ganhou precisão e coerência. Aconteceu tudo muito naturalmente, sem grandes preocupações ou planificações. Não querendo resvalar para um certo empirismo ingénuo, diria que fomos deixando que o campo nos guiasse. Todavia, num registo de dialéctica permanente com os quadros teóricos presentes nas nossas mentes, em linha com o sugerido por Malinowski (2002: 9): “[...] the more problems he [antropólogo] brings with him into the field, the more he is in the habit of moulding his theories according to facts, and of seeing facts in their bearing upon theory, the better he is equipped for the work”.

Por estarmos a trabalhar sobre temáticas que não são propriamente de fácil acesso, à partida antevíamos uma pesquisa de campo bastante exigente e marcada por alguma turbulência, um pouco à semelhança do que havia sucedido no terreno anterior sobre prostituição feminina transfronteiriça e do que acontece em muitas experiências etnográficas. A observação participante é uma estratégia de recolha de informação intensa e “violenta” (Portela 1985, Iturra 1986, Soudière 1988). Provavelmente, aquela que, num plano físico e psicológico, mais exige do investigador¹⁴. Das situações mais complexas e que mais interpelaram a capacidade individual de resistência, pessoalmente destaco duas: uma forte insolação pouco tempo após a chegada, que me obrigou a permanecer de cama

¹³ Naqueles em que não está presente será, provavelmente, porque não são de facto trabalhos etnográficos.

¹⁴ O controverso diário de campo de Malinowski (1989) é, provavelmente, um dos testemunhos mais expressivos sobre os conflitos (sobretudo internos), vulnerabilidades e sofrimentos a que o antropólogo está sujeito quando se encontra num contexto que lhe é estranho. Em várias passagens, por exemplo, refere a necessidade de recorrer ao consumo de quinino e aspirina para enfrentar o cansaço, as dores de cabeça e a febre.

durante três dias, e, acima de tudo, a repercussão política desmedida de uma entrevista que concedemos ao Jornal *O Poti* (Azevedo 2005a: 3), valendo-nos a atribuição do título simbólico de *persona non grata* por parte da câmara de vereadores de Natal¹⁵. Ossos do ofício que, todavia, não deixaram sequelas para o futuro.

No dia 16 de Setembro de 2005, data do regresso desta primeira estadia, e depois de centena e meia de páginas de notas etnográficas e de mais de duas dezenas de entrevistas, saía do Brasil com a convicção de ter encontrado um contexto a que, certamente, iria voltar. Não existiam em mim sentimentos de despedida, de trabalho concluído e de “dever cumprido”. Nem havia justificação para que existissem. A relação com o terreno tinha dado apenas os primeiros passos e, mesmo com o retomar dos afazeres quotidianos em Portugal, ela continuou activa. As novas tecnologias de informação e de comunicação, em especial a internet, permitiram-me manter o contacto com alguns informantes e amigos natalenses, e estar ao corrente de alguns acontecimentos em Ponta Negra.

Foi através de e-mails de pessoas que conheci durante o trabalho de campo e, acima de tudo, da consulta dos *sites* dos jornais locais que, um mês após o regresso, comecei a acompanhar a transformação sócio-espacial do terreno, deliberadamente provocada por uma série de operações policiais de grande escala e de forte impacto social entre Outubro de 2005 e Abril de 2006¹⁶. No seguimento das sucessivas intervenções das

¹⁵ A entrevista em causa resulta da abordagem telefónica feita a Fernando Bessa por uma jornalista do Jornal *O Poti*, que teve conhecimento da nossa presença em Natal junto de fontes/informantes comuns. Crítico de uma ciência social (supostamente) pura e neutra, e defensor do engajamento público dos cientistas sociais, em texto recente ele deixa transparecer as razões que o levaram a aceitar falar com a comunicação social: “[...] o dever de falar e a participação no debate público não se esgota no espaço que nos dá a nacionalidade. [...] aquilo que me moveu, como investigador e como cidadão, foi (e é) a luta por uma agenda política emancipatória e progressista, que considere que a liberdade e a justa aspiração à felicidade dos seres humanos passam também pelo direito à fruição de uma sexualidade livre da moral familista e patriarcal [...]” (Ribeiro 2011: 234). Na conversa com a jornalista, além do trabalho de campo em curso, foi também abordada a anterior investigação sobre prostituição feminina nas zonas da fronteira luso-espanhola, tendo sido destacada a recomendação que consta do respectivo relatório (Ribeiro *et al.*, 2005) no sentido da legalização do trabalho sexual; em linha, aliás, com o que já havia sido proposto para o Brasil pelo deputado federal Fernando Gabeira, através do projecto de Lei n.º 98 de 2003. Para nosso total espanto, a entrevista é chamada à primeira página do jornal sob um título verdadeiramente surreal: “Portugueses sugerem que o RN [Estado do Rio Grande do Norte] aproveite o sexo turismo adulto”. No interior, a notícia é desenvolvida sob a capa de um outro título – “Antropólogos portugueses estudam prostituição no Estado. Sexo: por grana e por um *príncipe*” (Azevedo 2005a: 3) –, mais inócuo e fiel ao teor da entrevista. Valorizando as letras garrafas de primeira página, eventualmente sem prestar a devida atenção ao conteúdo da respectiva notícia, um vereador do município toma-nos como ameaça à ordem moral local e apresenta um requerimento para a atribuição do título de *persona non grata*, que viria a ser aprovado pela Câmara de Natal (*Diário de Natal* 2005, n.º 1.702: 3). Esta decisão extemporânea foi alvo de fortes críticas por parte de diferentes sectores da sociedade natalense, que a classificaram como inquisitória e provinciana (Cabral 2005: 2, Filho 2005: 6).

¹⁶ Só nas primeiras duas semanas do mês de Abril de 2006 foram realizados três grandes *arrastões policiais* no âmbito da “Operação Ponta Negra Livre” (Porpino e Bezerra 2006).

autoridades foram encerrados compulsivamente os principais *pontos* de diversão nocturna adjacentes à praia¹⁷, na Rua Erivan França, e uma casa de prostituição a escassas centenas de metros. Foram ainda detidos seis italianos, acusados de tráfico de mulheres para a Europa e de integrarem uma estrutura criminosa transnacional conhecida como *Sacra Corona Unita*, supostamente a operar a partir de Bari, no Sul da Itália. No que diz respeito aos turistas, várias dezenas foram multados por não se fazerem acompanhar do respectivo passaporte.

As autoridades terão assumido que as intervenções tinham como objectivo a prevenção e o combate ao “turismo sexual” (Porpino e Bezerra 2006). Pretendiam, assim, acabar com a prostituição junto à praia, limpar moralmente Ponta Negra (uma das grandes referências da identidade turística local), libertá-la do estigma do sexo mercantil e atrair o tão desejado “turismo familiar”. Tal como acontece em muitos outros casos em que se implementam “políticas de limpeza” urbanística repressivas (Frangella 2004), o Estado procurou alterar a configuração de um espaço socialmente construído como “immoral landscape” (Symanski 1981) e – usando uma linguagem bourdieusiana – chamá-lo à ordem natural(izada) da moralidade hegemónica. Contudo, como se poderá constatar mais adiante, a acção repressiva não teve o efeito desejado, resultando apenas numa cosmética espacial de deslocação das sociabilidades nocturnas da orla da praia para a sua retaguarda.

A par do acompanhamento à distância das notícias que mais marcavam o quotidiano em Ponta Negra, fui acumulando leituras sobre outros contextos com dinâmicas transnacionais idênticas e, em conjunto com Fernando Bessa, desenvolvendo algumas reflexões (Ribeiro e Sacramento 2006, 2008, 2009, Sacramento e Ribeiro 2009) a partir dos elementos empíricos que havíamos recolhido no trabalho de campo exploratório. Aos poucos, na minha mente o terreno ganhou, retrospectivamente, outras dimensões e outros sentidos. Deste modo, na construção do projecto de pesquisa para o doutoramento procurei libertá-lo da tirania do estereótipo do turismo sexual, que, mesmo quando deixa o senso comum e passa a ser utilizado como suposto conceito científico, continua envolto em inúmeras vulnerabilidades e enviesamentos, como veremos. Em alternativa, passei a concebê-lo como um espaço de manifestações transnacionais de intimidade que extravasa a esfera do turismo e o espaço de Ponta Negra. Esta evolução conceptual implicou, desde logo, a alteração da sua própria geografia e, conseqüentemente, dos procedimentos

¹⁷ Em particular os mais associados ao turismo sexual, como as discotecas (*boates*) *Merengue* e *Los Angeles*, que funcionavam como simples discotecas onde turistas e mulheres locais – sobretudo *garotas de programa* – se encontravam.

metodológicos a seguir. O terreno antropológico emergente remetia claramente para as duas margens do Atlântico. Teria, portanto, de me organizar para um trabalho de campo disperso por vários lugares, embora Ponta Negra continuasse como o grande contexto de referência, no qual permaneceria por mais tempo, e a partir do qual esperava construir uma rede de contactos que, *a posteriori*, me permitisse acompanhar alguns informantes, quando já estivessem na Europa.

2. Ponta Negra, em Natal-RN

O bairro de Ponta Negra integra a área urbana de Natal, em pleno Nordeste brasileiro (v. fig. 1). A fundação da cidade é atribuída aos portugueses que, no dia 25 de Dezembro de 1597¹⁸, entraram na barra do Rio Potengi e nas suas imediações iniciaram a construção da Fortaleza dos Reis Magos, cumprindo a estratégia expansionista da coroa portuguesa de edificar núcleos costeiros que assegurassem a ocupação e defesa do território que ia sendo explorado (Casculo 1999). Actualmente, Natal é a capital do Estado do Rio Grande do Norte¹⁹. Ocupa uma faixa litoral de aproximadamente 170 km², a uma altitude média de 33 m (Semurb 2010), mesmo na chamada esquina da América do Sul. Confronta a norte com o município de Extremoz, a sul com o de Parnamirim, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com os municípios de São Gonçalo do Amarante e Macaíba. De todas as capitais brasileiras é a que se encontra mais próxima da Europa, a cerca de 5.600 km. Devido à sua centralidade geoestratégica, na Segunda Guerra Mundial foi utilizada pelos Estados Unidos da América (EUA) como importante plataforma de apoio às operações militares transcontinentais, o que lhe valeu o epíteto de *trampolim da vitória*²⁰. No entender de Júnior (1997), a expansão urbana de Natal e sua emergência como “cidade do prazer” têm, precisamente, aí a sua génese:

¹⁸ A data da chegada da esquadra portuguesa ou a data da primeira demarcação do pequeno aglomerado populacional recém-formado, realizada por Jerónimo de Albuquerque em 25 de Dezembro de 1599 (data oficial da fundação), são apontadas como as duas explicações mais plausíveis para o nome atribuído à cidade; alterado durante a ocupação holandesa (1633 a 1654) para Nova Amsterdã (Casculo 1999).

¹⁹ Como aí viviam comunidades de índios Potiguares antes da chegada dos colonos portugueses, o Rio Grande do Norte é conhecido como a região Potiguar, e Natal, a capital Potiguar.

²⁰ O actual aeroporto internacional de Natal, situado em Parnamirim, e o troço da BR101 que faz a ligação ao centro da cidade constituem uma herança da antiga base aérea dos EUA, então conhecida como *Parnamirim Field*. A presença e o impacto social do contingente norte-americano na sociedade local são retratados no filme *For All: o Trampolim da Vitória* (1997), dirigido por Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz.

A forte presença militar, paradoxalmente liberadora, no que diz respeito aos costumes e aos valores, não apenas constrói os alicerces do desenvolvimento urbano de Natal, mas impõe relações sociais destradicionalizadoras, apropriações espaciais que subvertem a geografia cultural tradicional da cidade (dentre elas, a produção das praias como “espaços do descontrolo” e a produção de lugares para o consumo do prazer (as boates e casas noturnas mais importantes da cidade surgiram para atender a demanda das FFAAs norte-americanas” (*idem*: 31-32).

A localização central da cidade no espaço Atlântico, a ampla oferta e condições apreciáveis das suas praias (cerca de 20 na sua área metropolitana, perfazendo mais de 20 km de extensão de areal), um clima ideal para o turismo de sol e praia²¹, a espacialidade hedonística de que nos fala Júnior (*idem*) e o facto de ser considerada a capital estadual mais segura do país compõem *a priori* um quadro bastante favorável à atracção de fluxos turísticos. Sensivelmente desde o ano 2000 que a área metropolitana de Natal recebe um volume anual de visitantes acima de um milhão, afirmando-se como a referência central do pólo turístico do Parque das Dunas, de que faz parte.

A população de Natal, não considerando a sua região metropolitana, ascende a 803.739 habitantes: 377.947 (47%) do sexo masculino e 425.792 (53%) do sexo feminino (IBGE 2010a). Este cenário de feminização demográfica traduz uma relação de masculinidade negativa, na ordem de 88 homens por cada 100 mulheres, dando algum fundamento estatístico a discursos locais (já reproduzidos por muitos turistas) que destacam, exageradamente, a assimetria em causa e os alegados privilégios masculinos daí resultantes: *Nessa cidade [Natal] tem mulher por demais: tem duas para cada homem! Já viu isso aí...? Com tanta mulher, é só chegar e pegar. Aqui é massa [porreiro] ser homem!* (brasileiro, empregado de restaurante, 22 anos).

Na estrutura económica natalense sobressaem as actividades ligadas ao comércio e aos serviços. Em conjunto, estes sectores perfazem 91.5% do número global de negócios do município, com a economia informal a assumir um peso de 44.01% e de 52.08% respectivamente (Sebrae-RN 2010). Considerando os últimos dados disponíveis, a maioria do emprego formal concentra-se na administração pública (38.1%), nos serviços (28.3%) e no comércio (17.6%), sendo que 55.3% dos empregados formais são do sexo masculino e 44.7% do sexo feminino (DIEESE 2007). A avaliar pelas projecções de Freire (2005), a taxa de desemprego da população economicamente activa de Natal é superior a 20% e mais

²¹ Clima tropical húmido, sem oscilações térmicas significativas, com temperaturas médias anuais na ordem dos 28°C e um número anual de dias de sol dos mais elevados do Brasil: cerca de 300 (www.brasilrn.com.br/_pt/SousmenuContenu.php?idmenu=1&idsousmenu=1, acesso em 28-11-2011). Daí ser designada por *cidade do sol* ou *noiva do sol*.

de um terço dos postos de trabalho são precários. À semelhança do que acontece no resto do país e em muitos outros, o desemprego e a precariedade laboral afectam em especial as mulheres, sobretudo as mais jovens, constituindo mais uma marca da feminização da pobreza induzida pelas políticas neoliberais (Castro 2001). Como realçam Lucas e Hoff (2008: 145), “enquanto a renda no Brasil é simbólica e materialmente masculina, a pobreza tem um rosto feminino”.

Em 2008, o produto interno bruto (PIB) de Natal situou-se nos R\$10.847 *per capita* (IBGE 2010b), bastante abaixo da média nacional que, em 2010, viria a ascender aos R\$19.016 (IBGE 2011). Todavia, a situação altera-se quando se consideram em simultâneo vários indicadores de desenvolvimento. Em 2007, o índice Firjan de desenvolvimento municipal (IFDM) de Natal atingiu o valor de 0.7940 (escala de 0 a 1), posicionando a cidade em 11.º lugar da lista das capitais de Estado mais desenvolvidas, ligeiramente acima da média nacional (0.7478) (Firjan 2010)²². O turismo é das actividades com maior preponderância no município, criando riqueza e postos de trabalho, embora fomentando, simultaneamente, determinadas assimetrias e formas de exclusão social (Silva e Gomes 2004). É também referência central na produção de uma identidade hedonista sobre a cidade (Júnior 1997).

O espaço urbano de Natal está organizado em quatro grandes regiões administrativas (norte, leste, oeste e sul)²³, que integram um total de 36 bairros, considerados como sendo as unidades territoriais de referência em termos de planeamento. Na região sul localiza-se o bairro de Ponta Negra (v. fig. 2), que confronta a norte com o Parque das Dunas e com os bairros de Capim Macio e Neópolis, a oeste e a sul com o município de Parnamirim e a este com o Oceano Atlântico. Com uma superfície de 1.382, 03 ha, a sua população era de 24.013 habitantes em 2007, bastante acima dos 18.070 de 1991 (Semurb 2010: 121, 226). Além dos moradores permanentes, acolhe ao longo do ano consideráveis fluxos de população flutuante, de que fazem parte turistas, turistas-residentes e trabalhadores sazonais. Na sua pirâmide etária nota-se de forma bastante significativa a

²² O IFDM é, em certa medida, um indicador equivalente ao índice de desenvolvimento humano municipal (IDH-m), com a vantagem de ser anual, ao passo que este último tem uma periodicidade decenal. O último valor de IDH-m divulgado de Natal foi de 0.788 (escala 0 a 1) para o ano de 2000 (PNUD *et al.* 2003), sendo que, nesse mesmo ano, o índice de desenvolvimento humano (IDH) brasileiro foi de 0,757, um valor considerado médio (PNUD 2002). Em 2010, o Brasil já estava entre os países com IDH alto, em 73.º lugar, com uma cifra de 0.699 (PNUD 2010); um resultado produzido com base numa nova metodologia, não podendo, por isso, ser directamente comparado com os valores de anos anteriores.

²³ Todavia, no mapa mental e no discurso do cidadão comum as designações mais usadas são, simplesmente, *zona norte* e *zona sul*, tendo como ponto de referência o rio Potengi, que atravessa a cidade no sentido oeste-este (v. fig. 1).

maior concentração de pessoas nos escalões do intervalo que vai dos 15 aos 34 anos e uma percentagem de mulheres superior em cerca de 5% à de homens (*idem*: 143, 133).

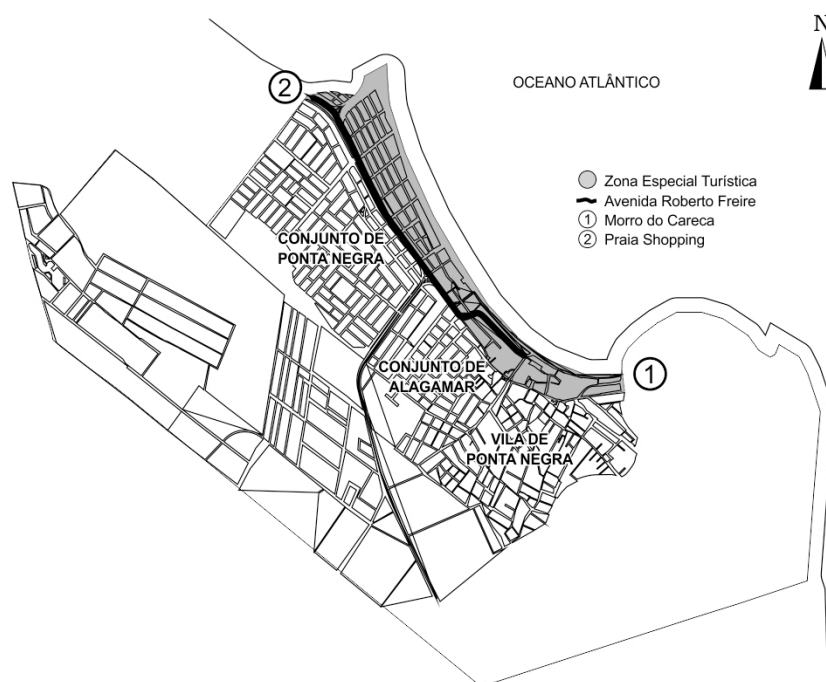


Figura 2: O bairro de Ponta Negra

A estrutura do bairro integra a antiga vila de pescadores, também designada de Ponta Negra, alguns parques residenciais (*conjuntos*)²⁴ e dois assentamentos precários (Lagoinha e Pião) com várias centenas de pessoas. A vila que dá o nome ao bairro e a partir da qual ele se expandiu situa-se no seu extremo sul, no topo plano de uma pequena encosta a cerca de 700 m da enseada da praia de Ponta Negra. Está ladeada por um complexo de dunas e mata atlântica de que faz parte o célebre Morro do Careca²⁵, em plena zona de protecção ambiental (ZPA). Para lá desta cintura ecológica, mais para sul, encontra-se a base aeronáutica da Barreira do Inferno, construída em 1964.

De todos os referentes imagéticos do turismo em Natal, o Morro do Careca é o mais emblemático. Nos discursos de construção da identidade turística da cidade e da região, ele aparece quase sempre destacado na hierarquia das imagens e dos símbolos como *o cartão postal*. O seu entorno é alvo de intensa cobiça por parte do mercado imobiliário. Até 2006 estava prevista a implantação de cinco grandes torres de

²⁴ De entre os quais se destacam os *conjuntos* de Alagamar e de Ponta Negra.

²⁵ Trata-se de uma formação dunar adjacente ao extremo sul da praia que foi perdendo cobertura vegetal ao longo de uma faixa perpendicular ao areal com cerca de 150 m de largura. No passado, a constante utilização desta faixa para subir e descer o morro intensificou o desaparecimento da sua vegetação e a mobilidade das areias. Atendendo à sua fragilidade ecológica, agora o acesso é proibido.

apartamentos a escassas centenas de metros, cuja construção acabaria por ser suspensa devido à intensa mobilização social gerada a partir do movimento SOS Ponta Negra (Sá 2010). Esta é apenas uma das muitas situações que fazem de Ponta Negra um contexto marcado por fortes tensões e disputas sociais em torno da paisagem e da utilização do solo, num triângulo de interesses constituído pelo mercado imobiliário, os movimentos conservacionistas e os cidadãos locais (*idem*: 111).

A paisagem urbana e social do bairro encerra contrastes significativos entre a vila, os *conjuntos* e a orla da praia. Na primeira vive uma população em que se destaca a presença de *nativos*, que é como se designam e são designados os descendentes da pequena comunidade original (composta por índios, portugueses e africanos²⁶) e das famílias que aí se estabeleceram em finais do século XIX, provenientes de municípios vizinhos afectados pela grave seca de 1877-1879, como foi o caso de São José de Mipibu e Nísia Floresta (Souza 2008). As ruas e vielas carentes de geometria e as pequenas casas edificadas sem grande planeamento que foram substituindo as velhas cabanas denunciam a antiguidade do lugar. Alguns aglomerados residenciais circunscritos formam *vilas*²⁷ dentro da vila. As disposições arquitectónicas predominantes da moradia – habitações pequenas, delineadas de forma compacta, sem grandes espaços intercalares, e relativamente “abertas” para o exterior – e o modo como as pessoas utilizam e vivem (n)o espaço público²⁸ produzem um cenário de grande vivacidade social e deixam perceber uma certa fluidez entre as diferentes unidades residenciais, entre a rua e a casa, entre o público e o privado. O parentesco e a vizinhança assumem, ainda, um papel bastante relevante na organização das sociabilidades locais.

As principais fontes de rendimento desta população *nativa* são os pequenos negócios (v.g. *barzinho*, venda de roupa, peixaria, *borracharia*, mercearia, reprografia e acesso à internet) – nalguns casos instalados informalmente na parte da habitação virada

²⁶ Os topónimos das ruas mais antigas indiciam esta genealogia tripartida da vila.

²⁷ As *vilas* são agrupamentos de pequenas casas geminadas, edificadas no interior de um mesmo lote de terreno, com condições bastante precárias e a que se acede através de uma ruela apertada, geralmente sem saída (Cavalcante 2006). A sua construção resultou da iniciativa privada e teve subjacente um propósito declaradamente rentista. Na vila de Ponta Negra, as 37 *vilas* existentes datam do período de 1960 a 1980 e acolhem inquilinos com rendimentos baixos (caso de algumas *garotas de programa*), sem possibilidade de aceder a moradia de melhor qualidade (*idem*). Nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, as *vilas* operárias e rentistas surgem no início do século XX. Para um aprofundamento do assunto, ver, entre outros, Leeds e Leeds 1978, Blay 1985, Vaz 1994, Ribeiro 1997.

²⁸ A rua é usada como espaço de trabalho e, acima de tudo, como lugar preferencial de convívio; até porque as casas são muito acanhadas e nem sempre dispõem de uma divisão especificamente destinada ao lazer. Assim, é no passeio ou mesmo na própria via, no *pedaço* (Magnani 1992, 1998), em frente às respectivas residências, que, amiúde, grupos de vizinhos e amigos se juntam para celebrar datas festivas (v.g. aniversários) ou simplesmente para *tomar uma* (beber cerveja ou cachaça) depois de um dia de trabalho.

para a rua – e os quiosques, a venda ambulante e o trabalhado assalariado na praia. A pesca artesanal em jangadas tem vindo a perder importância na economia local e dos 42 pescadores que restam somente 30% se dedicam em exclusivo a esta actividade (Rosso 2011). Eles são dos poucos representantes de um modo de vida anterior à expansão do turismo de massas (finais do século XX), que agora, perante a hegemonia daquela actividade, se reconfigura profundamente. A crescente afluência de *chegantes* (Neverovsky 2005)²⁹, maioritariamente de classe média/média-alta, vindos de outras partes do Brasil e de outros países, em especial do continente europeu, é um indicador inquestionável da reconfiguração social induzida pela actividade turística. Alguns destes *chegantes* estabelecem-se na vila simplesmente para morar, sazonal ou permanentemente; outros para morar e para trabalhar, adquirindo ou arrendando imóveis de habitantes locais para aí instalar negócios ligados ao turismo (*idem*). Algumas casas com muros altos e cercas electrificadas e um ou outro prédio de apartamentos em condomínio fechado são um sinal da sua presença; uma presença que produz heterogeneidades e clivagens em termos de posicionamentos de classe, de estilos de vida e de códigos culturais, e promove a inserção da vila em circuitos e processos transnacionais.

Apesar das mutações em curso, a espessura histórica inscrita na ecologia social e na espacialidade da vila conferem-lhe, ainda, um ambiente de tonalidade popular e diferenciam-na da paisagem urbana mais ordenada e moderna dos *conjuntos* de Alagamar e de Ponta Negra, a norte, e da faixa junto à praia, a este. Impulsionados por políticas nacionais e estaduais de fomento à habitação para o operariado e as populações de baixa renda, os *conjuntos* foram construídos em finais da década de 1970. Representaram a primeira grande acção de urbanização de Ponta Negra e um importante pólo impulsionador da expansão turística do bairro e da sua progressiva ascendência na estrutura da cidade de Natal. O de Alagamar integrava 158 casas e o de Ponta Negra 1.837 (Semurb 2009). Contrariando a ideia original de moradia para as classes populares, estas habitações seriam ocupadas maioritariamente por pessoas da classe média natalense e por migrantes nacionais que, entretanto, foram chegando com a progressiva instalação na cidade de filiais de grandes empresas e de novos organismos e serviços públicos (Cunha 1991, Ferreira e Marques 2000).

²⁹ A categoria *chegante* inclui somente aquelas pessoas que, vindas de fora do Estado do Rio Grande do Norte, compram ou arrendam um imóvel para morar ou para desenvolver uma determinada actividade económica (Neverovsky 2005).

Poucas foram as pessoas da vila que tiveram a possibilidade de abandonar as suas casas e aceder a estas novas habitações. Como resultado, as dissemelhanças no cenário sócio-espacial do bairro intensificam-se. Na actualidade não é apenas a malha geométrica, o espaço padronizado e as construções mais cuidadas e atomizadas (delimitadas por muros altos e cercas electrificadas) dos *conjuntos* que contrastam com a maior espontaneidade, sinuosidade e fluidez da paisagem edificada da vila. São também os habitantes, as suas respectivas origens de classe, estilos de vida e formas de interacção. À paisagem social mais popular e fervilhante da vila, produzida por *nativos* e marcada pela presença e pelos contributos transculturais de *chegantes* estrangeiros, contrapõe-se o cenário característico das “camadas médias urbanas” (Velho 1983) dos *conjuntos*, do qual fazem parte norte-riograndenses, alguns *chegantes* internacionais e muitos *chegantes* nacionais, provenientes maioritariamente do sul do país (Neverovsky 2005).

Inicialmente, o parque habitacional desta população urbana de classe média era constituído, quase que em exclusivo, por moradias térreas construídas em lotes individuais com cerca de 500 m². Com o processo de urbanização turística do bairro, a partir da década de 1990 começaram a surgir construções verticalizadas (*espigões*, v. fig.3, em baixo) com dezenas de andares nas franjas dos *conjuntos*,³⁰ nomeadamente a este, nas ruas adjacentes à Avenida Eng.º Roberto Freire, a escassas centenas de metros da praia. Em simultâneo, abriram aí inúmeros espaços de comércio e serviços mais direccionados para os turistas: restaurantes, *shoppings*, unidades hoteleiras, lojas de artesanato, entre outros. Actualmente, este dinamismo económico estende-se ainda ao extremo sul dos *conjuntos*, numa área contígua à vila conhecida apenas como Alagamar. A significativa oferta de restaurantes, pequenas pousadas, bares e demais espaços de diversão fazem deste contexto o principal pólo de animação nocturna do bairro e uma referência incontornável, como veremos, nas paisagens transnacionais de intimidade.

Por último, na espacialidade e ordenamento social de Ponta Negra destaca-se a orla da praia, uma faixa com cerca de 400 m de largura que se estende ao longo de aproximadamente quatro quilómetros, desde o Morro do Careca até ao início do Parque das Dunas/Via Costeira, no limite norte do bairro. Em 1987 foi classificada como zona especial turística-1 (ZET-1), o que acabaria por inviabilizar as construções em altura.

³⁰ A verticalização destas construções tem um impacto visual bastante forte, destacando-se de forma dissonante e algo agressiva na composição geral do bairro. São muitos os turistas que aqui compram ou arrendam apartamento tendo em vista uma permanência mais longa, geralmente de vários meses.



Figura 3: Vista sul/norte da praia de Ponta Negra.
Na orla, a ZET-1. Nas costas da praia, os grandes *espigões* residenciais



Figura 4: Vista norte/sul da praia de Ponta Negra,
com o Morro do Careca ao fundo

Desde meados do século XX e até há cerca de década e meia atrás, a praia de Ponta Negra era um dos espaços preferidos pelas elites locais para as suas casas de praia (Júnior 1997, Silva e Fonseca 2010). No entanto, com a massificação do turismo e a estigmatização do lugar como território de *gringos* e *garotas de programa*, muitos dos veraneantes vendem os respectivos imóveis e deslocam-se para áreas mais reservadas do litoral natalense. Ao mesmo tempo, intensifica-se a exploração turística/comercial da orla através da instalação de empreendimentos em parcelas antes reservadas para casas de veraneio. Salvo raras exceções, a primeira linha de construções paralela ao areal está agora inteiramente ocupada por actividades comerciais e de serviços ligadas ao turismo, com destaque para a hotelaria e a restauração. Nas ruas da retaguarda a implantação destas

atividades é mais esparsa, intercalada por algumas moradias e muitos complexos residenciais (v.g. *flats* e *aparthotéis*) do chamado “imobiliário turístico”: imóveis que não integram o sector hoteleiro convencional e cujas características revelam a afluência económica dos seus respectivos proprietários, que os utilizam como residência de veraneio ou segunda residência (Clementino 2009). Este tipo de oferta imobiliária não se circunscreve apenas a esta zona de Ponta Negra. A maioria das construções verticalizadas nas áreas limítrofes dos *conjuntos* e mesmo alguns empreendimentos na vila, de que se falava atrás, albergam também unidades habitacionais usadas como segunda residência.

A praia e a sua área envolvente constituem o epicentro do turismo de massas e da presença europeia no bairro; uma presença que se manifesta a triplicar: no intenso fluxo de turistas europeus, no considerável número de negócios desenvolvidos por europeus e nas inúmeras habitações adquiridas por europeus para estadias sazonais relativamente prolongadas. O turismo e os demais processos de internacionalização a ele associados transformam Ponta Negra, em especial a sua praia, numa “touristic border zone” (Bruner 2004, 2005): um espaço intersticial e dialógico – “empty meeting ground”, na questionável perspectiva de MacCannell (1992) – de confluência de escalas (local/global) e de intersecção (e esbatimento) de fronteiras entre “hosts” e “guests” (Smith 1989a), no qual emergem sociabilidades transnacionais e novas formas culturais. Considerando o seu dinamismo e potência criativa, Bruner (2004, 2005) identifica a “touristic border zone” como um terreno extremamente fértil e desafiante para a pesquisa antropológica³¹. Os seis meses de etnografia em Ponta Negra, entre Novembro de 2009 e Maio de 2010, confirmaram, inequivocamente, a pertinência desta apreciação.

3. Seis meses tropicais

Parti para o Brasil com muitas incertezas sobre o que iria encontrar em Ponta Negra, depois de ter acompanhado pelos jornais a cruzada das autoridades para impor na praia um novo ordenamento moral e libertá-la daquilo que designam por turismo sexual.

³¹ Demarca-se, assim, de um certo preconceito epistemológico ainda existente nas ciências sociais que faz eco da ideia do turismo como fenómeno produtor de uma “autenticidade encenada” (MacCannell 1973), ou seja, de “pseudo-eventos” (Boorstin 1992) situados à margem da suposta essência genuína da realidade social e cultural, como se existissem dois tipos de cultura: a autêntica e a contrafeita. Veja-se, ainda, a perspectiva de Silva (2003, 2004) sobre os contextos turísticos enquanto “terrenos antropológicos privilegiados”.

Com algum exagero e impensadamente, temia mesmo encontrar um terreno bastante distinto do que havia conhecido no trabalho de campo exploratório de 2005. Todavia, em pleno momento de transição para a experiência etnográfica fui confrontado com algumas situações que indiciavam a sua relativa continuidade e, ao mesmo tempo, mostravam a pertinência da intenção metodológica, já prevista, de desenvolver uma etnografia suficientemente flexível para captar manifestações sociais fluidas e adstritas a múltiplos espaços.

Na antecâmara da viagem para Natal, no aeroporto de Lisboa, alguns prenúncios do terreno. Mesmo à frente do lugar onde me sentei para beber mais um café, antes de ir para a zona dos portões de embarque, observei um casal que personifica de forma paradigmática os contrastes que compõem a paisagem fenotípica estereotipada comumente associada à transnacionalização da intimidade entre a Europa e o Brasil: ele – branco, alto, loiro; ela – mulata, baixa e de cabelos negros. Depressa levantei para mim próprio a possibilidade de estar presente um relacionamento transnacional. De modo a confirmar esta suspeita, procurei estar atento a ambos, tarefa dificultada pelo comportamento ruidoso de um grupo de turistas holandeses que entretanto se havia instalado mesmo ao lado. Apesar de tudo, pelos fragmentos da conversa que ia sendo possível apanhar, consegui perceber que ele era nórdico e que a mulher, tal como havia suspeitado, brasileira. [...] Mais tarde, já no aeroporto Augusto Severo, em Natal, vi-os na fila de espera para o controlo alfandegário. Antes, porém, mais algumas situações chamaram a minha atenção. Ainda no aeroporto de Lisboa, no autocarro que faz a ligação entre o terminal e o avião destacava-se a presença de quatro grupos de homens. Destes, consegui perceber que pelo menos um era de espanhóis e outro de italianos. O grupo de espanhóis era constituído por quatro elementos na casa dos 30 anos, dois deles, pelo menos, casados. Exhibiam e falavam das alianças, referindo a intenção de as tirar à chegada. No avião, os quatro bancos centrais da fila anterior à minha estavam ocupados por duas brasileiras acompanhadas por dois homens de nacionalidade espanhola, pai e filho, como viria a constar (notas de campo, Lisboa/Natal, 18/11/2009).

Já no Brasil, à saída do avião, o pesado bafo de calor e humidade foi a primeira grande evidência da chegada aos trópicos. Contudo, mais do que este choque sensorial, o que me causou desconforto foi a constatação de que o Graciano (o ex-gerente da pousada *Mar Azul*, onde estive em 2005) não estava no aeroporto para me transportar para Ponta Negra, tal como havia sido combinado uns dias antes da viagem. Procurei então arranjar um táxi. Entretanto, conheci dois portugueses que tinham vindo no mesmo voo e que iriam ficar apenas uma noite em Natal, seguindo logo no dia seguinte para Fortaleza, onde um deles disse ter uma namorada. Ainda sem estadia marcada, sugeri-lhes que tentassem a pousada *Mar Azul*, onde também eu iria ficar temporariamente. Sem outras alternativas, aceitaram de imediato a sugestão, pelo que acabámos por partilhar o táxi do aeroporto, situado em Parnamirim, cidade-satélite da área metropolitana natalense, até Ponta Negra, a cerca de 10 km. Pena não terem ficado mais algum tempo. Teriam sido, certamente, dois bons informantes.

Apesar da anterior experiência de campo no mesmo sítio, o regresso não foi propriamente um tempo de reencontro; a começar pela pousada, com outra gerência e novos empregados. Também na praia as caras eram outras. A maioria das pessoas que havia conhecido em 2005 não continuava por lá. Esta era uma situação previsível, considerando a transitoriedade da relação de muitas delas com o lugar, a inserção deste num sistema global de fluxos e, de um modo geral, a volatilidade associada ao turismo de massas (Lea 1988, Tremblay 1998). Foi necessário, portanto, começar quase do zero o processo de inserção no terreno, experimentando uma exterioridade que avivou na minha memória as palavras de Malinowski (1997) sobre o começo do seu trabalho na costa sul da Nova Guiné:

Lembro-me bem das longas visitas que efectuei às povoações durante as primeiras semanas e da sensação de desânimo e desespero depois de muitas tentativas obstinadas mas inúteis com o objectivo frustrado de estabelecimento de um contacto real com os nativos ou da obtenção de algum material. Atravessei períodos de desânimo, alturas em que me refugiava na leitura de romances, tal como um homem levado a beber numa crise de depressão e tédio tropical (*idem*: 19).³²

O início do trabalho de campo é quase sempre uma fase de transição. Já privado do quotidiano habitual, sobretudo quando se encontra fora da sua sociedade, o investigador enceta um trajecto de incorporação progressiva e relativa num espaço social diferente (Portela 1985). Recorrendo à observação participante como estratégia metodológica privilegiada, permanece durante vários meses no contexto de estudo, interage de perto com as pessoas, participa nos seus quotidianos e, desse modo, procura desvendar os sistemas de significado através dos quais essas mesmas pessoas orientam as suas práticas, representam as suas experiências e atribuem sentido(s) ao mundo em que vivem. O seu grande desígnio é a interpretação cultural, ou seja, a compreensão do que viu e ouviu por referência ao contexto social em causa e no quadro da visão da realidade das pessoas que dele fazem parte (Fetterman 2010).

No terreno, o antropólogo assume, temporariamente, outra condição e entra num estádio que, no entender de Silva (2009), apresenta algumas semelhanças com a liminalidade de que nos fala Turner (1974)³³. Ao suspender a vida de todos os dias,

³² Destacando, de igual modo, as inúmeras dificuldades (v.g. rejeição, oposição deliberada ao processo de inquirição) sentidas no começo do seu trabalho sobre os Nuer do Sudão, Evans-Pritchard (2002: 15-21) faz um trocadilho humorado e confessa ter desenvolvido nessa altura alguns sintomas de *nuerose*.

³³ Altera ou interrompe os papéis habituais, ainda que de forma temporalmente circunscrita, assume outro *status*, submete-se a um novo ordenamento social e sujeita-se, amiúde, a inúmeras provações. A construção da sua identidade profissional e da identidade científica da antropologia está amplamente vinculada ao “ritual” do trabalho de campo (Gupta e Ferguson 1997).

confronta-se com o desconhecido e, inevitavelmente, experienciam um “estranhamento” a partir do qual consegue objectivar a consciência prática dos actores sociais do seu objecto de estudo (Ribeiro 1989, Caria 1999), captar o “ponto de vista dos nativos” e fazer emergir em toda a sua densidade a estrutura de significados da acção humana (Geertz 1978, 1997). O seu ofício pressupõe a relativização das próprias coordenadas culturais, transformando o exótico em familiar ou, quando estuda a sua cultura, o familiar em exótico (DaMatta 1978, 1983, Velho 1978, 2003), experimentando a nostalgia do que lhe é ausente na intensa procura da compreensão empática do outro. DaMatta (1978) diria que é como ter “anthropological blues”: experiência hermenêutica fundamental do trabalho etnográfico. Afinal, para se conseguir uma coisa tão simples como “[...] distinguir o piscar mecânico e fisiológico de uma piscadela sutil e comunicativa é preciso sentir a marginalidade, a solidão e a saudade. É preciso cruzar os caminhos da empatia e da humildade” (*idem*: 35). No meu caso, atendendo ao enfoque do trabalho nas questões da intimidade, estes caminhos revelar-se-iam (ainda mais) fundamentais no acesso às subjectividades dos actores sociais, em especial aos conteúdos mais íntimos e de difícil exteriorização.

Sem conhecer ninguém, embora com a vantagem de transportar algumas referências e conhecimentos práticos da anterior estadia, nos primeiros dias ia deambulando pela orla da praia, sem rumo ou propósitos explícitos, numa atitude declaradamente *flâneur* de assimilação multi-sensorial (contemplação activa) do local e de familiarização com os seus principais quadros sociais e respectivos intervenientes. Nesta altura de (in)definição do meu próprio lugar no contexto em causa, um sentimento de culpa, por aparentemente estar a perder tempo e “nada” fazer, invadia-me o espírito. Envoltos num certo desalento, esquecia que “Il faut, sur le terrain, avoir perdu du temps, beaucoup de temps, énormément de temps, pour comprendre que ces temps morts étaient des temps nécessaires” (Olivier de Sardan 1995: 75). Esquecia, ainda, a necessidade de naturalizar as frustrações e contratempos iniciais como componentes intrínsecos e inevitáveis da própria experiência etnográfica.

Na aproximação gradual ao terreno aproveitava qualquer oportunidade ou pretexto plausível para suscitar situações de interacção que proporcionassem informação e eventuais contactos para aceder a terceiras pessoas. Como não dispunha de ninguém (pessoas ou instituições) a fazer a ponte e a assegurar um acesso intermediado ao terreno³⁴,

³⁴ A título individual ou institucional, esta intermediação é assegurada por pessoas que, devido à sua posição, rede de conhecimentos e prestígio social, assumem o papel de “gatekeepers” (Taylor e Bogdan 1987). Os profissionais das mais variadas áreas (Portela 1985, Ribeiro 1997, 2002, Whyte 2005), as ONG

tive de investir mais tempo e energia na construção de uma rede de relações sociais suficientemente ampla, densa e consistente para assegurar a proximidade, envolvimento e imersão social que a observação participante pressupõe (Spradley 1980, Cabral 1983, Hammersley 1984, Portela 1985, Iturra 1986, Caria 2002, Hammersley e Atkinson 2007). À partida, tinha a expectativa de começar a construir esta rede a partir da convivência com os turistas europeus da pousada *Mar Azul*, um pouco à semelhança do que sucedera em 2005. Porém, constatei que o perfil dos seus hóspedes havia mudado, passando a predominar o turista interno acompanhado pela família, ainda que, posteriormente, numa fase mais adiantada da estadia, fosse encontrando aí alguns europeus que tive a oportunidade de acompanhar.

Esta imponderabilidade inicial implicou um reajustamento da estratégia, uma situação bastante comum quando se faz etnografia e que ilustra a plasticidade deste tipo de abordagem metodológica. A hipótese da pousada como principal cenário de acesso aos protagonistas centrais do objecto de estudo foi abandonada, sendo que, na altura, não encontrei outro alojamento que, tendo grande frequência de hóspedes estrangeiros, reunisse condições (v.g. proximidade da praia, ambiente informal e de grande proximidade social, disponibilidade imediata de quartos para um período longo) para poder mudar-me. A alternativa foi continuar na *Mar Azul* e enveredar por um caminho mais longo e difuso, elegendo a praia, em especial os segmentos de maior concentração de europeus e das suas companheiras locais, como o ponto de partida privilegiado para o desenvolvimento de relações e circuitos de investigação. Aqui, porém, as condições de acesso aos actores sociais que mais interessava abordar não eram tão favoráveis como na pousada. As circunstâncias do contexto, nomeadamente a sua agitação e volatilidade, não propiciavam oportunidades adequadas para *meter conversa* e desenvolver formas consistentes de interacção.

Como não adiantava e até poderia ser contraproducente estar a forçar um acesso directo, inicialmente optei por um procedimento menos intrusivo. Comecei por me aproximar e ganhar a confiança daqueles que, em função da sua actividade, desempenham um papel que implica relacionamentos permanentes com o público, tais como vendedores

(Pereira 2002, Frazão-Moreira 2002), os órgãos directivos de organismos públicos ou privados (Wolcott 1971, Estanque 2002) e até mesmo os familiares (Silva 1998) podem facilmente abrir portas e contribuir para uma aceitação mais rápida e eficaz da presença do investigador. No meu caso, as características do contexto e do objecto de estudo não permitiram identificar e recorrer previamente a agentes facilitadores da entrada no terreno.

ambulantes e empregados de bares e restaurantes³⁵. Além de mais acessíveis, conhecem como ninguém o quotidiano de Ponta Negra e, de um modo geral, têm relações bastante próximas (de intimidade, nalguns casos) com muitos dos frequentadores da praia, nomeadamente com os turistas e as *garotas de programa*. Afiguravam-se, por isso, como as pessoas mais indicadas para, num primeiro momento, proporcionar um mapeamento dos enredos e enlaces locais e, por outro lado, impulsionar a expansão da rede social da pesquisa etnográfica, facilitando a aproximação aos principais protagonistas do objecto de estudo.

Antes do habitual e, por vezes, problemático “quem sou e ao que venho” (Ribeiro 2002: 103-104), aos olhos dos meus interlocutores eu era mais um *gringo* em turismo. A nacionalidade – não tanto os traços fenotípicos ou outros elementos manifestos – conferia-me essa condição. Mesmo depois de lhes dizer que não estava em turismo e de clarificar o propósito da minha presença, a imagem identitária já formada não foi substituída pela que eu fornecia, ou seja, a de turista pela de antropólogo. As razões eram óbvias: a ausência de referências concretas para a tradução do que é ser um antropólogo e o facto de eu – por ter de me inserir com naturalidade no espaço social em causa, como manda a etiqueta etnográfica – ter um quotidiano de trabalho que, em larga medida, não era apercebido enquanto tal, mas sim como um quotidiano de lazer, aparentemente semelhante ao do turista comum. Não raro era visto como estando numa posição ainda mais privilegiada que a do turista: *Eles [a universidade] lá em Portugal deixa estar você aqui seis meses e continua pagando salário?! Ô xente, você é um cara com muita sorte!* (brasileiro, 26 anos, empregado de restaurante). A associação da identidade do antropólogo à do turista é bastante frequente nas etnografias realizadas em lugares turísticos e é feita não só pelos habitantes locais como também pelos visitantes (Crick 1995).³⁶

Considerando que as projecções identitárias não são monolíticas nem estáticas, à medida que o primeiro círculo de informantes mais próximos (cerca de uma dezena),

³⁵ Na sua grande maioria, homens. O género é uma categoria que interfere de forma bastante significativa no exercício da etnografia (Warren e Rasmussen 1977, Bell, Caplan e Karim 1993, Warren e Hackney 2000), facilitando ou dificultando a constituição de relações de proximidade com os sujeitos. A minha identidade masculina constituiu um factor de selectividade involuntária na construção da rede social de investigação. Sendo homem e ainda por cima de nacionalidade estrangeira – intersecção de categorias muito sexualizada em Ponta Negra – foi mais fácil e consistente a aproximação social aos homens que trabalham na praia do que às mulheres; situação compreensível se considerarmos a vulnerabilidade destas últimas aos estigmas associados ao sexo mercantil e a sua preocupação em manter bem vincadas as fronteiras identitárias que as separam das *garotas de programa*.

³⁶ Fazendo jus à expressão “we are all tourists” (Mintz, in Bruner 1995), por vezes os próprios antropólogos admitem a ambiguidade de papéis no terreno e, em certa medida, também se consideram turistas (Bruner 1995, 2005).

constituído essencialmente por trabalhadores da praia, se familiarizava um pouco com os objectivos, procedimentos e rotinas do meu trabalho, o rótulo de turista que me era atribuído tornou-se mais esbatido e ambíguo, embora me pareça que nunca tenha desaparecido por completo. Como já era de esperar, o de *gringo* permaneceu, adquirindo, contudo, nuances muito específicas. Eu continuava a ser o *português*, mas não era, como em diversas ocasiões foi enunciado pelos meus interlocutores, um *gringo* como os outros (os turistas), que, alegadamente, só pensam em sol, praia e *balada* (diversão nocturna). Para eles, eu era uma espécie de *gringo*-repórter, *fazendo uma reportage sobre os europeu e a mulherada em Ponta Negra p'ra depois escrever um livro*, como disse certo dia o Jailson (brasileiro, vendedor ambulante de *compact discs* [CD], 22 anos) ao me apresentar a um amigo seu.

O acompanhamento destes informantes revelou-se um processo mais moroso que o esperado e nem sempre fácil de gerir. Foi muito o tempo “perdido” a calcorrear o *calçadão* da praia, sob um sol abrasador, procurando segui-los com uma certa regularidade e renovando insistentemente o pedido de ajuda na intermediação do acesso aos turistas e respectivas companheiras locais³⁷. Foi muito complexa e sensível a negociação da relação com alguns deles, pois eram-me requeridas, de modo mais ou menos subtil, provas materiais de reciprocidade sem as quais a relação antropólogo/informante dificilmente poderia manter-se³⁸. Apesar da especificidade do meu papel, para eles eu não deixava de ser um *gringo* e, enquanto tal, tinha condições económicas e o dever de recompensar de algum modo o apoio que estavam a prestar-me. Não podemos esquecer-nos que Ponta Negra, tal como a generalidade dos lugares turísticos, é um contexto fortemente perpassado por lógicas mercantis e, por isso, pouco propício à criação de “relações encantadas” (Bourdieu *et al.* 1963).

Embora com percalços, a convivência que fui estabelecendo com os trabalhadores da praia revelou-se particularmente decisiva numa primeira fase (cerca de um mês e meio) de contextualização e organização do trabalho de campo. Permitiu recolher muita da

³⁷ Facultava a todos eles o meu número de telemóvel e pedia-lhes que entrassem em contacto sempre que se surgissem oportunidades para conhecer potenciais novos informantes.

³⁸ Algumas das provas de reciprocidade solicitadas de forma mais recorrente eram: comprar qualquer coisa por eles comercializada, dar dinheiro para o *ônibus*, facultar o telemóvel para fazer chamadas e pagar bebidas ou refeições. Consciente de que esta era uma situação delicada e incontornável, procurei fazer a sua gestão seguindo um critério equilibrado e uniforme, salvaguardando o cuidado de demonstrar reconhecimento e gratidão pela ajuda recebida e, ao mesmo tempo, evitar uma mercantilização estrita do processo de pesquisa empírica. Embora manifestando-se de formas muito variáveis, as expectativas e solicitações de reciprocidade dos actores sociais face ao antropólogo estão presentes na grande maioria das experiências de terreno (Hammersley e Atkinson 2007: 69-70).

informação a partir da qual pude esboçar uma visão panorâmica da praia, do bairro e das suas principais dinâmicas sociais. Ao mesmo tempo, proporcionou importantes referências para a definição de percursos e estratégias de pesquisa e, acima de tudo, foi decisiva no acesso a muitos dos homens e das mulheres que protagonizam as relações de intimidade transatlânticas. A eles e elas era apresentado como geralmente se apresenta um amigo a um outro amigo. Seguiu-se depois uma vaga e, por vezes, confusa menção ao porquê da minha estadia em Ponta Negra, que rapidamente procurava esclarecer. Mesmo assim, num primeiro momento, alguns dos turistas, sobretudo os nórdicos, perante o meu perfil fenotípico e escutando-me algumas palavras em português com o nosso interlocutor comum, ainda permaneciam com dúvidas e de pronto perguntavam se era brasileiro.

O acesso àqueles que viriam a ser os meus informantes centrais nem sempre foi, todavia, concretizado por via da intermediação de terceiros. Como tinha destinado apenas seis meses para o trabalho de campo nos trópicos e, por isso, não podia correr o risco de grandes demoras no processo de constituição da rede social de pesquisa, a certa altura alterei um pouco a estratégia dos primeiros dias e, a par dos contactos intermediados, procurei expor-me o mais possível a situações propícias a interpelar ou a ser interpelado de modo aparentemente fortuito. Sempre com a preocupação de gerir a minha presença no sentido de a tornar o mais “natural” possível aos olhos dos actores sociais. Para tal, quase todos os dias, sobretudo ao final da tarde, ocupava um ponto estratégico nos bancos do *calçadão*, junto ao carrinho de mão de venda de bebidas da Edna, precisamente no troço da praia onde então se produzia o maior aglomerado de turistas e de mulheres locais, na sua maioria *garotas de programa*.

Além de sítio privilegiado de observação, sabia de antemão que nas imediações do lugar onde me posicionava costumavam sentar-se muitas outras pessoas e que essa proximidade iria, inevitavelmente, gerar interacção. Assim sucedeu. Aos poucos fui então construindo uma relação de grande proximidade e empatia com muitos daqueles, homens e mulheres, que tinham por hábito agrupar-se naquela área específica do *calçadão*. De todos os que aí conheci destaco o Giacomo, um italiano de 58 anos, divorciado, reformado dos correios em Itália e residente temporário em Ponta Negra. Ele foi um dos meus principais informantes, talvez mesmo o mais importante, e, atendendo ao seu capital de erudição e perspicácia, conseguiu produzir uma noção razoavelmente aproximada do âmbito do meu trabalho e da minha identidade profissional. Eis as circunstâncias em que o conheci, por sinal bastante reveladoras da “naturalidade” da abordagem etnográfica:

Junto ao carrinho de bebidas da Edna encontrei a Licinete, uma *garota de programa* da *zona norte* que conheci há uns dias atrás, precisamente no mesmo sítio. É aqui que ela costuma angariar clientes para os *programas*. Enquanto bebíamos *caipirinha* e conversávamos sentaram-se ao nosso lado dois italianos na casa dos 50 anos. Como o espaço disponível no banco não era muito, quase que se encostaram a nós. Foram conversando entre si de forma bastante efusiva e em permanente gesticulação, como parece ser timbre dos italianos. Um deles era mais expansivo e falador que o outro. O primeiro, aparentemente insatisfeito com o *feedback* que estava a receber do seu colega, por diversas vezes parecia querer direccionar as suas interpelações para mim, como que à procura de um interlocutor mais atento e participativo. Não querendo precipitar-me e correr o risco de uma intromissão extemporânea, aguardei (mais) uma deixa flagrante e só aí decidi entrar na conversa. O mais falador, o Giacomo, começou então um longo diálogo comigo. Fala e entende bastante bem o português. De imediato, nessa primeira conversa contou-me aspectos pessoais da sua vida. Falou-me sobretudo do seu relacionamento com uma mulher da *vila*, agora a cumprir pena de prisão, e do filho de ambos. Demonstrou grande necessidade de desabafar e de ser ouvido. Fiquei com a sensação de ter encontrado um informante-chave (notas de campo, Ponta Negra, 26/11/2009).

Após este primeiro contacto passei a acompanhá-lo com uma regularidade quase diária. Por várias razões, rapidamente se assumiu como uma referência incontornável do meu trabalho. Não só pelos expressivos testemunhos das suas experiências de vida em Itália e no Brasil e pelo conhecimento pormenorizado do quotidiano da praia, como também pelo papel de tradutor cultural de discursos e comportamentos de outros italianos, associado a uma capacidade reflexiva geradora de “serendipidade” (Merton 1968, Merton e Barber 2004), proporcionando-me pistas analíticas pertinentes e que, há partida, não tinha equacionado. O seu contributo foi igualmente relevante na ampliação do conjunto de informantes, facilitando o acesso ao seu círculo de amigos e conhecidos, em particular aos seus concidadãos.

A ele e a muitos dos trabalhadores da praia devo o decisivo impulso inicial na construção dos circuitos sociais de inserção no contexto. Neste processo, os *gringos* e as mulheres locais que ia conhecendo intermediavam o acesso a outros *gringos*³⁹ e a outras mulheres e assim sucessivamente. A certa altura, as coisas pareciam funcionar de modo quase automático. A exterioridade dos primeiros tempos dava lugar, de forma gradual, a uma profunda incorporação no espaço social em estudo, indispensável à “intropatia” de que nos fala Kaufmann (1996), ou seja, à compreensão da realidade social a partir do seu interior, por referência ao seu próprio sistema de valores. À medida que aprofundava a imersão e via as coisas “de perto e de dentro” (Magnani 2002), o terreno inscrevia-se

³⁹ De um modo geral, as diferenças linguísticas não constituíram problema no contacto com os *gringos*. Fruto de sucessivas visitas ao Brasil, uma parte considerável estava já bastante familiarizada com o português. Compreensivelmente, os turistas nórdicos eram a excepção. Os diálogos tinham, por isso, de realizar-se em inglês. No caso específico dos italianos e dos espanhóis, a proximidade entre as suas respectivas línguas maternas e a língua portuguesa foi mais um factor a facilitar a nossa comunicação.

intensa e difusamente em mim, situação fundamental para o necessário adensamento da compreensão etnográfica. Como já dizia Evans-Pritchard (1972: 132), “para que o antropólogo compreenda a sociedade nativa, esta deve estar dentro dele e não apenas reflectida no seu caderno de notas”. Deve estar dentro dele como se ele próprio fosse uma “caixa negra” completamente impregnada de elementos empíricos (Olivier de Sardan 1995). Para tal é imprescindível que o trabalho de campo se desenvolva em estreita e permanente dialogia com os informantes (*idem*)⁴⁰.

O envolvimento social gerado pela abordagem etnográfica expôs-me a um amplo caleidoscópio de experiências e discursos das muitas pessoas que conhecia. Além de facilitar o processo de triangulação de fontes, esta situação possibilitou a identificação de vários informantes-chave, que procurei acompanhar com a maior regularidade possível nos seus diferentes contextos e momentos quotidianos, em especial naqueles mais ilustrativos da forma como as relações transnacionais de intimidade são produzidas⁴¹. Um espaço social permaneceu praticamente inacessível: a esfera da privacidade doméstica, que tem no quarto o seu palco de referência. Trata-se, como salienta Almeida (2004: 176), de “um mundo impenetrável para o antropólogo: o da vida doméstica privada, sobretudo as oito horas de sono, sonho e sexo”, sendo que “poderá mesmo dar-se o caso de aí se poderem destruir todas as nossas especulações teóricas...”. A apreensão do que aqui se passa faz-se apenas com base na discursividade dos actores sociais. Fica-se, inevitavelmente, refém das suas palavras.

Apesar de tudo, pela proximidade e afinidade que fomenta, a observação participante é uma estratégia metodológica que garante a redução de muitos dos constrangimentos que envolvem a abordagem dos aspectos da vida privada, assegurando uma pesquisa em profundidade e com uma capacidade assinalável para detectar e filtrar distorções deliberadas dos factos. No trabalho de campo em Ponta Negra proporcionou uma grande amplitude e densidade de informação, mesmo no que se refere às dimensões mais pessoais e encobertas das formas transnacionais de intimidade. Em simultâneo, suscitou abundantes reflexões teórico-metodológicas. Os elementos empíricos e reflexivos

⁴⁰ Na perspectiva da antropologia pós-moderna americana, esta dialogia deverá reflectir-se directamente no processo de textualização, sob a forma da polifonia e da transcrição (*transcription*), revelando a intersubjectividade do conhecimento antropológico e problematizando o género (v.g. ciência, literatura) e a própria autoria da escrita etnográfica (Clifford 1980, Marcus e Cushman 1982, Rabinow 1985, Clifford e Marcus 1986).

⁴¹ Embora sabendo que eu não era um *gringo* como os outros, as mulheres brasileiras que ia seguindo mais de perto raramente faziam referências ou me interpelavam sobre o que estava a fazer em Ponta Negra. Já os *gringos*, sobretudo o Gentile e o Ambrosini, dois italianos que depois viria a reencontrar na estadia de campo em Itália, referiam-se ao meu trabalho quase sempre em jeito de brincadeira, lamentando o facto de eles próprios não serem antropólogos e perguntando-me se a minha universidade não queria contratar dois “especialistas” sobre o Brasil.

produzidos foram diariamente registados em formato de narrativa no diário de campo. No final, as mais de 500 páginas de notas manuscritas constituíam um primeiro, ainda que desorganizado e carente de profundidade analítica, esforço de tradução textual (e cultural) da realidade observada e da sua multivocalidade⁴². Mas, para além dos dados escritos no diário de campo, há sempre uma outra parte difusa de referências e informações que, através dos cinco sentidos, se inscrevem em nós sob a forma de conhecimento tácito, naturalizado; *a posteriori* mobilizado, por vezes imperceptivelmente, na produção do discurso etnográfico.

O papel central da observação participante no trabalho de campo manifestou-se ainda na preparação do caminho para a utilização de outros procedimentos metodológicos complementares e, inclusivamente, na construção dos respectivos instrumentos de pesquisa. Aconteceu isso, de forma clara, com as entrevistas semi-dirigidas⁴³. De um total de 51, a esmagadora maioria foi realizada a homens europeus com parceiras locais e com diferentes vínculos a Ponta Negra (v.g. turistas, turistas-residentes, imigrantes), e a mulheres brasileiras com companheiros europeus, também elas com diferentes ligações ao contexto (v.g. *nativas*, residentes, residentes sazonais, visitantes pontuais, turistas). Todas as entrevistas foram sujeitas a gravação áudio e tiveram por base guiões diferenciados em função dos entrevistados.

O processo que conduzia à sua realização obedecia a uma determinada tramitação: primeiro as conversas informais e as tentativas de criação de empatia – uma variável ainda mais importante quando o que está em estudo é a intimidade – e só depois a entrevista. Este princípio foi perfeitamente praticável na abordagem dos turistas ou turistas-residentes com estadias de um, dois, três meses ou mais, dos europeus a residir em Natal e da maioria das mulheres locais. Pelo contrário, a sua observância tornou-se mais difícil no caso dos turistas que permaneciam apenas uma ou duas semanas em Ponta Negra, de algumas *garotas de programa* em constante mobilidade entre vários lugares turísticos e de determinadas mulheres que trabalhavam na praia e não queriam expor-se aos estigmas que tendem a atingir aquelas que privam de perto com *gringos*, sejam eles turistas ou antropólogos. Nestes casos, o processo que ia dos primeiros contactos, passando pela construção da empatia, até ao momento da inquirição teve, forçosamente, de ser abreviado

⁴² A textualização etnográfica tem a sua génese no próprio terreno (Sanjek 1990, Kilani 1994), ainda que escrever uma etnografia seja, no seu essencial, trabalho de gabinete e não trabalho de campo (Marcus, *in* Maanen 2011: 4).

⁴³ Os primeiros esboços dos guiões foram elaborados ainda antes da ida para Natal, a partir das referências proporcionadas pelo trabalho de campo exploratório de 2005. Posteriormente, com um maior conhecimento do terreno, estes guiões foram reformulados e ajustados.

e compactado, o que acabaria por condicionar de forma negativa a condução de algumas entrevistas.

Com o intuito de conferir um breve enquadramento extensivo à enorme massa de dados qualitativos proporcionados pela observação participante e pelas entrevistas semi-dirigidas, aproveitava algum tempo disponível, quando não tinha nada combinado com os informantes, para aplicar um pequeno inquérito por questionário com 10 perguntas, construído já no terreno e destinado apenas a coligir elementos para uma breve caracterização dos turistas europeus: proveniência, perfil sociodemográfico e configuração da mobilidade turística⁴⁴. Para tal ia deambulando pelo *calçada* da praia e sempre que via no areal potenciais inquiridos, apresentava-me, falava muito brevemente do trabalho que estava a fazer e solicitava a sua colaboração. No conjunto foram realizados 250 inquéritos. Por razões óbvias, era manifestamente inexequível um inquérito equivalente para as mulheres.

Também com o propósito de enquadrar e complementar a abordagem qualitativa fiz pesquisa documental em várias instituições: (i) nos principais organismos públicos com responsabilidades directas na organização municipal e estadual do turismo, com o objectivo principal de recolher dados estatísticos sobre o sector, (ii) na polícia federal, tendo em vista apurar informações relativas aos fluxos de pessoas provenientes da Europa e à concessão de vistos, (iii) nos cartórios de Natal onde se efectuam registos matrimoniais (civis e religiosos), procurando recolher elementos para a caracterização dos casamentos entre natalenses e europeus.

À excepção destes procedimentos mais padronizados de pesquisa, a relação com os informantes e os restantes processos no terreno desenvolveram-se de forma bastante espontânea e flexível. Na abordagem etnográfica é impossível seguir-se um plano rígido de trabalho. A realidade empírica que mais nos interessa é insubmissa às intenções e planificações mais estritas. E não há manual de pesquisa que possa ser seguido à risca. O antropólogo, tal como um bom cozinheiro, não segue mecanicamente uma receita; inspira-se nela e adapta-a em função das circunstâncias em que se encontra (Cornu 1984). É um trabalho de cariz artesanal, que procede a golpes de intuição, de improviso e bricolage, e se resume, em larga medida, a uma questão de “*tour de main*” (Olivier de Sardan 1995). Enfim, um trabalho que tem o seu lado artístico (Wolcott 2005). Esta ausência de um pormenorizado planeamento prévio não significa, porém, que vale tudo, ou seja, que a

⁴⁴ O inquérito incidiu apenas sobre algumas dimensões facilmente expressas em variáveis operativas e quantificáveis. A sua relevância metodológica foi muito circunscrita, pois a pesquisa recaiu, no seu essencial, em dimensões de análise que remetam para atitudes, representações, valores e significados, cuja apreensão empírica pressupõe o recurso a uma abordagem qualitativa.

etnografia se concretiza num vazio de princípios epistemológicos. Como, justamente, adverte Olivier de Sardan (1995), há uma “política de terreno” que tem de ser seguida, de forma a salvaguardar o “rigor do qualitativo” e a vigiar os múltiplos enviesamentos a que a investigação está sujeita⁴⁵. Desde logo, aqueles que decorrem da própria subjectividade do investigador e que, no meu caso, atendendo ao objecto de estudo em causa, concentrar-se-iam potencial e principalmente em torno do género.

A flexibilidade epistemologicamente controlada da etnografia, a sua faceta artesanal e intuitiva, e o envolvimento social que implica revelaram-se fundamentais na articulação transnacional do terreno a partir de Ponta Negra, proporcionando a transposição parcial da rede de informantes aí criada para o trabalho de campo em vários sítios da Europa e em vários sítios do espaço digital (v.g. *facebook*). Este processo de deslocalização ou realocização das relações sociais etnográficas começou a ganhar forma ainda no Brasil, ao longo dos seis meses que aí passei. Para tal, à medida que a inserção social no terreno ia ganhando profundidade, procurava identificar possibilidades e criar condições de manutenção de uma convivência mais ou menos regular com os principais informantes depois da minha ou da sua partida e, sempre que se afigurasse viável, rever e acompanhar *in situ* alguns deles do outro lado de lá do Atlântico, no continente europeu.

Registava todos os seus contactos e tinha sempre a preocupação de assegurar canais expeditos de comunicação, sobretudo via internet. Ao mesmo tempo, junto daqueles e daquelas em vias de partir para a Europa expressava, recorrentemente, a intenção de lhes fazer depois uma visita nos seus respectivos contextos: de origem, no caso dos turistas; de acolhimento migratório ou turístico, no caso das mulheres brasileiras em mobilidade no Velho Continente. Embora distantes, continuava a comunicar regularmente, através de e-mail, com estes informantes que iam cruzando o Atlântico antes de mim, de forma a manter as relações activas e a não deixar esmorecer a ideia do reencontro. Depois de regressar a Portugal a interacção à distância com eles intensificou-se, de modo a organizar a segunda parte do trabalho de campo, e, por outro lado, estendeu-se a algumas pessoas que deixei para trás, em Ponta Negra. Por interesse científico em continuar, num e noutro caso, a acompanhar os seus trajectos. Mas também por estima e amizade.

⁴⁵ Alguns dos grandes princípios que, no seu entender deverão reger a “política de terreno” são a triangulação (cruzamento das fontes de informação), a itinerância (vaivém constante entre os informantes, as informações, a teoria e os factos), a explicitação interpretativa (reformulação e interpretação progressiva do objecto em função do terreno), a construção de descritores pertinentes (mediadores entre os conceitos e o corpo de elementos empíricos), a aproximação a grupos-testemunho (abordagem dos grupos sociais mais relevantes na temática em estudo) e a saturação (ponto de redundância no processo de colecta de informação) (Olivier de Sardan 1995).

4. Em outros sítios, construindo uma etnografia plurilocalizada

Até há cerca de quatro décadas atrás, a antropologia tinha como grande marca epistemológica o estudo de manifestações sociais e culturais características de pequenas comunidades, tendencialmente percebidas como entidades imobilizadas sob o território, adstritas cada qual a uma geografia precisa e circunscrita. Predominava então uma matriz analítica que, de forma mais ou menos explícita, associava uma cultura a uma população estabelecida numa dada localidade (Bruner 2004: 235). A maioria dos antropólogos tendia a referir-se aos seus objectos de estudo como se estes fossem reféns do espaço. No trabalho de campo, uma das primeiras preocupações passava pela definição de um contexto de pesquisa mais ou menos delimitado e territorializado. A vinculação deste contexto local a estruturas e mecanismos sociais situados num plano transnacional era, amiúde, negligenciada ou não devidamente ponderada (Marcus e Fischer 1999), dando a ideia de que o local seria a ecologia natural do social e a escala de afirmação da especificidade científica da antropologia.

Com a intensificação dos processos de globalização nas últimas décadas do século XX, as relações entre o “eu” e o “outro”, o local e o global e, mais importante ainda, entre o espaço e a sociedade reconfiguram-se de forma profunda (Gille e Riain 2002: 274). Daí resultam fenómenos sociais encaixados em múltiplos locais que não dependem de uma apropriação do espaço assente na contiguidade e presença (Gupta e Ferguson 1992), constituindo-se sob a forma de fluxos de pessoas, bens e culturas. Na tentativa de capacitar a antropologia para a conceptualização destas formações fluidas⁴⁶, produzidas em diferentes sítios, Marcus (1986, 1995) foi dos primeiros a propor uma nova epistemologia do terreno e da prática etnográfica. No seu entender, o terreno antropológico poderia ser encarado como uma concatenação de múltiplos contextos sociais geograficamente dispersos, apreensível através de uma “etnografia multi-situada”, “[...] designed around chains, paths, threads, conjunctions, or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicit, posited logic of association or connection among sites that in fact defines the argument of the ethnography” (Marcus 1995: 105). Com uma perspectiva semelhante, embora enfatizando ainda mais o fluxo em detrimento do lugar, Gupta e Ferguson (1997) propõem um entendimento desterritorializado do terreno como “political location”, admitindo mesmo a

⁴⁶ Dificilmente apreensíveis quando se adopta um modelo estrito de trabalho de campo localizado, fundado na tradição malinowskiana de permanente contacto com um lugar específico e bem demarcado.

possibilidade de uma “ethnography without the *ethnos*” (*idem*: 2), fundada na mobilidade selectiva do antropólogo entre diferentes localizações (*locations*) possíveis nas paisagens sociais globais. O terreno antropológico tenderia, deste modo, a converter-se num terreno etnográfico com múltiplos espaços interconectados (Pujolar, Fernández e Subirana 2011).

Sob pena de se caminhar para a implosão conceptual do lugar, de se enveredar por um certo “globalocentrismo” (Escobar 2001) e de se hegemonizar analiticamente o movimento e a fluidez, estas novas orientações epistemológicas do trabalho de campo não deverão, apesar de tudo, implicar que se deixe de olhar para a localidade como referência incontornável na análise da (re)configuração das relações sociais contemporâneas (Gille e Riain 2002). Importa não esquecer que os transnacionalismos e a globalização são processos (também) manufacturados e experienciados localmente (Burawoy 2001)⁴⁷. Ponta Negra é um bom exemplo disso e, enquanto pólo de circulação internacional de pessoas, configura mesmo o que Appadurai (1995) designa por “translocality”. No âmbito específico da intimidade, revela-se um contexto de grande proeminência na produção de espaços sociais que intersectam e encadeiam diferentes locais. Foi, justamente, esta posição de destaque na transnacionalização das relações íntimas que alicerçou a sua ascendência a lugar central, ponto de partida e referência transversal e agregadora na configuração do terreno.

A pesquisa empírica que aí realizei, como já ficou patente atrás, baseou-se num procedimento de observação participante, que, no essencial, pouco diferiu do que nos foi legado por Malinowski. A existirem algumas diferenças significativas, elas estarão, acima de tudo, relacionadas com as características do próprio contexto, nomeadamente com a sua volatilidade, cosmopolitismo e forte vinculação transnacional, e que obrigaram a uma constante atenção às inúmeras manifestações evocativas dos outros espaços a que se encontra associado. Esta atenção justificava-se, principalmente, por duas grandes razões: (i) para evitar o “nacionalismo metodológico” de que nos fala Beck (2000b) e começar a entender, desde a margem latino-americana, o lugar de Ponta Negra à escala transatlântica e a sua imbricação em paisagens de intimidade geograficamente mais amplas e dispersas, (ii) para identificar os contextos europeus mais densamente conectados a Ponta Negra nos processos de constituição daquelas paisagens, bem como as respectivas redes e actores sociais de articulação, de modo a organizar o trabalho de campo complementar na Europa.

⁴⁷ Este é, aliás, o pressuposto fundamental da “etnografia global”, centrada na “lived experience of globalization”, de que nos falam Burawoy *et al.* (2000).

Embora localizada (*place-based*), a etnografia do lado brasileiro já estava, em certa medida, a contemplar muitos outros sítios (incluindo-se aqui os do *cyberespaço*) e a criar condições para, *a posteriori*, poder retomar o contacto com informantes cujas mobilidades, tal como as de todos aqueles que nem sempre vivem nos mesmos lugares, desafiam as tradicionais concepções do terreno (Passaro 1997, Silvano 2002). Foi, portanto, numa lógica de continuidade e complementaridade que ao trabalho centrado no lugar, intensivo e com aspirações holísticas, sucedeu, já na Europa, um trabalho plurilocalizado: “being there... and there... and there!” (Hannerz 2003). Inspirada nos procedimentos que caracterizam a “etnografia multi-situada” (Marcus 1986, 1995), esta etapa complementar de pesquisa foi realizada em vários locais dos países que mais se destacam na produção de trânsitos e vínculos com Ponta Negra, e ainda em sítios da internet que potenciam formas e relações de intimidade à escala global. Em concreto, destinou-se a acompanhar noutros contextos e circunstâncias sociais, alguns dos principais protagonistas da experiência de campo no Brasil⁴⁸ e a conhecer através deles novos potenciais informantes. Desta forma, em linha com o sugerido por Gallo (2005), seria possível abrir o entendimento do que presenciei em Ponta Negra a uma visão transnacional, capaz de examinar os efeitos e os sentidos dos deslocamentos das pessoas entre diferentes lugares, e de captar continuidades, contradições, rupturas e reconfigurações nos seus discursos e práticas. Tratava-se, em suma, de conferir amplitude de escala à compreensão das ligações que se desenvolvem entre os dois lados do Atlântico e, conseqüentemente, transnacionalizar a perspectiva sobre a transnacionalização da intimidade.

Com a preocupação de evitar transformar o terreno numa mera soma de unidades desconexas e sem enquadramento, procurei seguir as pessoas, as suas histórias e enredos (Marcus 1995) tendo sempre Ponta Negra como o denominador comum e respeitando um critério fundamental proposto por Hannerz (2003: 206): “One must establish the translocal linkages, and the interconnections between those and whatever local bundles of relationships which are also part of the study”. Este exercício etnográfico, como foi dito atrás, começou a ser projectado à distância, ainda antes do regresso do Brasil. Já em Portugal, e depois de contactos assíduos via internet com os informantes entretanto estabelecidos na Europa, aquilo que, inicialmente, era um simples plano de intenções, envolto em condicionalismos e imponderáveis, foi ganhando contornos mais precisos.

⁴⁸ Não só homens europeus e mulheres brasileiras individualmente, como também casais.

Só então me apercebi verdadeiramente da considerável extensão da rede social de pesquisa, da sua grande dispersão espacial e da multiplicidade de possíveis sítios e roteiros a incorporar na geografia do terreno. Foi necessário, por isso, fazer uma selecção dos sítios e informantes a visitar⁴⁹. Para tal, segui três grandes critérios de escolha, conferindo maior ponderação aos dois primeiros: (i) principais contextos simultaneamente emissores de fluxos turísticos masculinos para Ponta Negra e receptores de fluxos migratórios femininos dali oriundos; (ii) perfis dos informantes, protagonismo por eles assumido até então na etnografia e empatia recíproca; (iii) dispêndio de tempo e de outros recursos. Como já esperava, estes critérios apontavam sobretudo para locais e pessoas da região mediterrânea, muito em particular da Itália. Uma excepção: a Holanda.

Foi precisamente neste último país, em Lelystad, uma cidade com 73.000 habitantes, a cerca de 40 km a nordeste de Amesterdão, num território conquistado ao mar, onde dei início ao périplo etnográfico europeu. Aí reencontrei a Nilda, uma mulher com 37 anos, desempregada (ex-cozinheira), natural da Baía, mas a morar na vila de Ponta Negra há muito tempo. Estava a passar uma temporada de três meses em casa do seu companheiro holandês, o Idesbald, um mecânico de 61 anos que antes não tivera a oportunidade de conhecer, embora ela me tivesse falado bastante dele. A relação entre ambos durava há cerca de três anos, sempre vivida à distância e em trânsito. Ao longo do ano, ele costuma ir a Ponta Negra pelo menos duas vezes e ela uma vez à Holanda, onde passa períodos consideravelmente longos. Desta vez estava já na fase final da estadia. Todavia, ainda pude seguir de perto, durante uma semana, o seu quotidiano de vida conjunta com o parceiro, o que me permitiu constatar, entre muitos outros aspectos, determinadas nuances da transnacionalização da intimidade que decorrem do deslocamento sócio-espacial das relações para a Europa. Como fiquei instalado na residência de ambos, tratou-se de um acompanhamento amplo e intensivo, ficando de fora apenas as tais “oito horas de sono, sonho e sexo” (Almeida 2004: 176)⁵⁰. Esta experiência etnográfica culminou no aeroporto de Schiphol (arredores de Amesterdão), onde o Idesbald e eu próprio nos despedimos da Nilda, então de regresso ao Brasil. Na azáfama de um grande

⁴⁹ Esta é uma situação praticamente inevitável, como nota Hannerz (2003: 207): “[...] multi-site ethnography almost always entails a selection of sites from among those many which could potentially be included”.

⁵⁰ Ainda em Ponta Negra, a Nilda havia-me convidado, por diversas vezes, a visitá-la quando estivesse na Holanda. Este convite não impedia, contudo, que me sentisse constrangido ao estar presente, diariamente, no espaço da sua vida privada. Embora mais notória neste contexto, uma certa sensação de invasão de privacidade acompanhou-me ao longo de quase todo o trabalho de campo. Essa sensação era produto da inevitabilidade epistemológica de ter pela frente um objecto de estudo cuja abordagem implicava a “intromissão” na esfera da intimidade dos meus interlocutores.

aeroporto foi bastante notória a vulnerabilidade por ela evidenciada naquela ecologia, contrastando profundamente com a autoconfiança inabalável que sempre lhe testemunhei do outro lado do Atlântico.

Nesse mesmo dia já não abandonei o aeroporto. Na madrugada seguinte iria voltar a Portugal. Aqui permaneci apenas o tempo necessário para ultimar a preparação de uma nova saída para o terreno. O destino que se seguiu, o norte de Itália, corresponde ao contexto europeu claramente mais representativo das conexões turísticas e migratórias (e de intimidade) com Ponta Negra e, por isso, aquele que acolhia ou de onde procedia a maioria dos meus informantes. A estadia prolongou-se por mais de um mês, repartida entre vários locais, com especial destaque para Milão, Aosta e Cesena⁵¹. Neste período retomei o contacto com alguns daqueles que havia acompanhado tempos antes e, como a nota de campo subsequente indicia, pude testemunhar directamente as circunstâncias das suas vidas de todos os dias e aceder a elementos etnográficos essenciais para um entendimento mais sustentado dos vínculos que, à distância, mantêm com o Brasil.

Depois do pequeno-almoço, encontrei-me em Aosta com o Gentile [48 anos, pedreiro na autarquia], um dos turistas italianos que segui mais regularmente em Ponta Negra ao longo de dois meses. Quando entrei no carro, deparei-me com os primeiros indícios do seu forte apego ao Brasil: um lenço de praia de mulher com as cores verde e amarelo a cobrir o banco do condutor e música *sertaneja*, a sua preferida, a tocar no leitor de CD. Seguimos para Altaville, já na encosta da Alta Montagna, a cerca de 10 km de Aosta. Mora sozinho numa pequena habitação herdada dos avós, que ele próprio recuperou. Fica a pouco mais de 100 metros da casa dos pais, onde passámos para eu os conhecer. À semelhança do carro, também o espaço onde vive está repleto de lembranças brasileiras, nomeadamente de Natal e de Ponta Negra. Num móvel da cozinha apinham-se vários ímanes evocativos da brasilidade, dentre os quais sobressai o de uma *bunda* feminina com um biquíni asa delta verde e amarelo. Enquanto conversávamos, vai adiantando as coisas para o almoço. Tinha de estar despachado antes da uma da tarde, hora a que combinou “encontrar-se” no *messenger* com a sua namorada brasileira, de quem está prestes a tornar-se noivo. Disse-me que se vêem e falam quase diariamente através da internet. Ela tem 44 anos, é de uma cidade do Estado de São Paulo, está separada há mais de 10 anos e tem dois filhos. Conheceram-se em Ponta Negra há uns anos atrás, numa altura em que também ela estava lá em turismo. [...] Religiosamente, coincidem no *messenger* à hora marcada. O Gentile apresentou-nos. Conversei um pouco com ela e deixei-os a sós. Falaram aproximadamente durante meia-hora. De seguida, subimos à montanha. O denso nevoeiro não permitia vislumbrar aquilo que suponho ser uma paisagem deslumbrante. Seguimos até ao final da estrada asfaltada, a mais de 2.000 metros de altitude, onde quase todas as

⁵¹ São três cidades com perfis muito distintos. Milão faz parte da região da Lombardia (a mais industrializada e próspera do país), tem 1.262.101 habitantes (Istat 2013) e é considerada uma das cidades mais cosmopolitas da Itália e da Europa. A 180 km de Milão, no noroeste de Itália, localiza-se Aosta, um pequeno pólo urbano com 34.657 residentes (*idem*) da região do Valle d’Aosta, território de montanha com evidentes traços de ruralidade, mesmo junto à fronteira com a França e a Suíça. No extremo oposto, ainda que um pouco mais para sul, praticamente à beira do Mar Adriático, encontramos Cesena, cidade com 96.984 habitantes (*idem*), localizada numa região, a Emilia Romagna, em que o turismo se assume como uma importante actividade económica e de desenvolvimento regional (Dallari 2007).

manhãs, sobretudo nos meses de Verão, se encontra com os colegas. Ele trabalha numa equipa responsável pela manutenção e reparação de pequenas estruturas (paredes, pontes, abrigos) existentes ao longo dos percursos pedestres de montanha. Nos meses em que o clima é mais rigoroso, sensivelmente entre Novembro e Março, o trabalho é suspenso. Continua a receber salário, embora reduzido. É justamente neste período que, há mais de uma década, aproveita para ir todos os anos a Ponta Negra (notas de campo, Aosta, Itália, 10/10/2010).

Através dos informantes que reencontrei pude, também, conhecer várias outras pessoas⁵² e situações de interesse para o meu trabalho, nomeadamente: dois casais (eles italianos, elas brasileiras) a viver em Itália, mas cuja relação teve início em Ponta Negra; um outro com perfil idêntico, prestes a contrair matrimónio; e um caso de divórcio. Simultaneamente, procurei recolher elementos e referências fundamentais para uma visão mais integrada dos contextos sociais em que estes homens e mulheres vivem. Na manifesta impossibilidade de uma etnografia à semelhança da que havia desenvolvido no sítio de referência do terreno – uma etnografia a tender para o holismo preconizado por Malinowski (1997, 2002) – optei por centrar-me nos campos sociais (v.g. género, conjugalidade, família e imigração feminina em Itália), e respectivas articulações, mais imediatamente relevantes para a discussão das principais interrogações suscitadas pelo objecto de estudo⁵³. De antemão, tinha consciência que não teria muito tempo disponível para tal e que não bastaria acompanhar, pontualmente, durante alguns dias, os informantes em cenários e circunstâncias dos seus quotidianos. Tomei, então, a opção de conjugar os exercícios de observação participante dispersos desta etnografia itinerante, quase peripatética (Marcus 1995), com entrevistas formais e informais a terceiras pessoas, cujo conhecimento, ocupação profissional ou simples trajectos e experiências de vida poderiam, à partida, proporcionar-me mais algumas coordenadas para o entendimento do modo como os campos sociais atrás referidos se organizam na sociedade italiana. O recurso às entrevistas é, aliás, bastante comum quando nos deparamos com uma considerável dispersão geográfica das pessoas que interessa abordar. Como conclui Hannerz (2003: 211), “probably the time factor has a part in making many multi-site studies rather more dependent on interviews than single-site studies. If the researchers have to handle more places in the time classic field work would devote to one, they may be more in a hurry”.

⁵² É interessante constatar que o conhecimento entre os meus informantes e algumas destas pessoas que me apresentavam, num ou noutro caso suas conterrâneas, teve início em Ponta Negra.

⁵³ A dispersão dos contextos e das pessoas a integrar na etnografia inviabilizava uma abordagem centrada no lugar enquanto totalidade multidimensional integrada. Aliás, segundo Hannerz (2003: 209), “[...] most multi-site studies really also have built-in assumptions about segmented lives, where some aspect (work, ethnicity or something else) is most central to the line of inquiry, and other aspects are less so”.

Acabaria, assim, por desenvolver diálogos bastante produtivos e diversificados: com colegas da área das ciências sociais da Universidade de Milão, da Universidade Católica de Milão e da Universidade de Turim, com funcionários do consulado do Brasil em Milão, com o gerente de uma agência matrimonial implantada em regime de *franchising* em toda a Itália, com funcionárias e frequentadoras do Instituto Brasil-Itália (Ibrit) e, através destas, com as pessoas mais activas em duas importantes comunidades online sobre casamentos transnacionais entre italianos e brasileiras. Por via do Ibrit tive, ainda, a possibilidade de conhecer e entrevistar uma terapeuta brasileira que, durante vários anos, prestou aconselhamento psicológico a mulheres brasileiras radicadas na Suíça, muitas delas casadas com cidadãos desse país.

Apesar do considerável volume de informação já acumulado e da pouca disponibilidade de tempo para novas saídas prolongadas ao terreno, após a estadia na Itália havia ainda duas tarefas a cumprir: retomar o contacto com mais alguns informantes de Ponta Negra, em trânsito, estabelecidos ou, simplesmente, regressados à Europa; continuar e aprofundar a etnografia na internet, em sítios que fui identificando no terreno como espaços privilegiados de construção, negociação e exposição da intimidade. Decidi, no entanto, que as tarefas em causa seriam concretizadas de forma cronologicamente mais extensiva, mediante disponibilidades e oportunidades várias, conjugando-as com a organização e análise dos dados já colectados e com o trabalho de escrita. Entre outras razões, esta opção dar-me-ia a possibilidade de direccionar, se necessário, a recolha de dados num ou noutro sentido, tendo em vista aprofundar ou precisar certos aspectos etnográficos, e, acima de tudo, permitir-me-ia desenvolver uma perspectiva com maior espessura diacrónica sobre determinadas situações que estava a acompanhar desde que saí do Brasil.

A intensificar a diversidade dos locais de pesquisa, além dos vários sítios físicos percorridos, incluí, ainda, na exploração do terreno inúmeros sítios digitais da internet, utilizados na constituição de espaços sociais entre o Brasil e a Europa e na partilha de experiências de intimidade transnacionais. Nesta incursão etnográfica ao *cyberespaço* vistoriei, repetidamente, fóruns de discussão e comunidades *online* (v.g. *mamma* brasileira, brasileiros na Europa), blogs (v.g. *diario de un gringo en Natal*, verdadeira Itália, ser feliz longe do Brasil, *verinha.blogg*), redes sociais (v.g. *orkut*, *facebook*) e páginas de relacionamentos (v.g. *badoo*, *OXL*, *latinEuro-etnnic dating*). Considerando que a maioria destes *sites* foram-me referenciados pelos informantes, encarei a consulta dos seus respectivos conteúdos como um exercício de continuidade e complementaridade face ao

trabalho realizado nos demais contextos de pesquisa. Até porque “[...] the distinction of real and imagined or virtual community is not a useful one, and that an anthropological approach is well suited to investigate the continuum of communities, identities, and networks that exist [...] regardless of the ways in which community members interact” (Wilson e Peterson 2002: 456-457).⁵⁴

A dispersão articulada dos muitos locais geográficos e locais *online* para onde fui sendo encaminhado a partir do trabalho de campo em Ponta Negra deu origem a uma etnografia plurilocalizada, que implicou grande mobilidade e flexibilidade – “etnografia móvel [...] trajetórias inesperadas” (Fradique 2003: 115) – e se concretizou através de “polymorphous engagements” (Gusterson 1997: 116) com o terreno. Neste percurso, a abordagem etnográfica revelou-se bastante pertinente na indagação de espaços sociais constituídos em e entre múltiplos sítios (Gille e Riain 2002), desvelando as intersecções das várias unidades de análise, e permitindo-me compreender as relações, os processos de negociação e as formas de expressão da intimidade de pessoas concretas através de diferentes cenários e escalas sócio-espaciais: local (praia, vila, bairro, cidade), nacional e transnacional (Brasil, Holanda, Itália, Portugal, Espanha, internet).⁵⁵

Os mais cépticos perguntarão: é possível, de facto, fazer-se etnografia ao longo de diferentes escalas de grandeza e complexidade? A disseminação dos focos de incidência do olhar etnográfico não inviabiliza a “descrição densa” (Geertz 1978, 1997) do terreno? No entender de Marcus (1998, 2002), é efectivamente possível – desejável até, quando se trata de etnografia multi-situada – que a etnografia seja “thick and thin” em simultâneo, isto é, capaz de traduzir os elementos empíricos, de forma mais densa ou mais “superficial”, consoante as suas próprias diferenças de qualidade e intensidade.

⁵⁴ Dificilmente se poderá estabelecer uma separação rígida entre cenários sociais *on-line* e *off-line* como princípio metodológico e analítico da abordagem etnográfica da internet (Miller e Slater 2000, 2004). No entender de Wittel (2000), uma pesquisa centrada, exclusivamente, nos conteúdos *on-line* não poderá ser considerada trabalho etnográfico, mas análise textual ou análise de discurso. Com uma perspectiva na mesma linha de pensamento, Hine (2003: 27) refere que “observing online phenomena in isolation discounts social processes offline which contribute to an understanding of use of the internet as a meaningful thing to do”.

⁵⁵ Para uma discussão detalhada em torno das concepções de escala na antropologia e das suas possíveis implicações na prática etnográfica, vejam-se, entre outros, Berreman (1978), Comaroff e Comaroff (2003, 2007) e Godinho (2007).

Capítulo II.

Trânsitos, fronteiras e ordenamentos transnacionais da intimidade

A intensificação dos fluxos internacionais de pessoas, particularmente evidente nos campos do turismo e das migrações nas últimas três décadas, constitui uma expressão marcante da globalização mais recente. É, por isso, cada vez mais frequente a expressão “world in motion” (Inda e Rosaldo 2002) para designar um mundo em que, apesar de assimétricas, as mobilidades, não só das pessoas, como de muito do que elas produzem (v.g. bens, capital, elementos culturais, imagens, expectativas, desejos, sentimentos), representam uma importante marca na generalidade das sociedades contemporâneas. A sua influência faz-se sentir, de forma acentuada e transversal, em praticamente todos os domínios do quotidiano, seja nos de maior exposição e densidade social, seja nos que remetem mais para a vida privada e a intimidade. É no quadro deste complexo sistema global de fluxos que emergem processos de mudança social que permitem às pessoas posicionamentos mais reflexivos face à tradição e aos estilos de vida – “cosmopolitismo reflexivo” (Beck 2000a) – e, simultaneamente, a imaginação de geografias e destinos alternativos para as suas biografias.

Considerando sobretudo as mobilidades globais associadas ao turismo e às migrações, neste capítulo procuro mostrar que, em muitos contextos, como é o caso do eixo transnacional Natal-Europa que aqui se considera, elas organizam-se por referência a estruturas de género bem definidas e são, em simultâneo, causa e efeito da emergência de novas coordenadas e possibilidades de configuração da sexualidade, dos afectos e das relações de aliança. Resta dizer que estas mobilidades e as redes de relações sociais que delas decorrem, mesmo aquelas que se encontram mais confinadas aos espaços da intimidade, inscrevem-se, inevitavelmente, num determinado “campo social transnacional” (Schiller 2004, 2005a, Levitt e Schiller 2004), marcado por evidentes assimetrias políticas. As fronteiras constituem um dos principais contextos de expressão destas assimetrias, dispondo-se selectivamente em função da orientação geográfica (Norte/Sul) dos trânsitos,

do género, dos tipos de mobilidade (v.g. turística ou migratória; de pessoas ou de capital) e/ou do perfil social ou simbólico dos indivíduos. Não se apresentam de igual modo para todas as pessoas, nem são por elas experienciadas da mesma forma (Yuval-Davis 2004). As fronteiras cruzadas pelos homens europeus que vão em turismo para Natal não são as mesmas que se colocam às mulheres locais com quem eles se relacionam e que aspiram construir uma mobilidade migratória para a Europa.

1. Mobilidades e configurações sociais transnacionais

A discussão em torno de dinâmicas sociais que transcendem a escala do Estado-nação tende a incorporar, quase sempre, uma análise detalhada sobre a globalização, debatendo-se as suas origens, estruturas, manifestações e consequências. É, certamente, um dos fenómenos mais debatidos nas últimas décadas, em particular desde os anos 80. A prová-lo está a emergência e expansão dos chamados *global studies*⁵⁶ e uma certa tendência no sentido de inscrever na sua esfera toda e qualquer reflexão de ruptura com o tradicional “nacionalismo metodológico”, no qual se consideravam as fronteiras do Estado-nação como os limites naturais da sociedade e quadro de referência para a explicação das suas configurações (Beck 2000b, Wimmer e Schiller 2002). Importa, todavia, ter em conta que nem toda a pesquisa social que ultrapassa os reducionismos epistemológicos decorrentes do “nacionalismo metodológico” se enquadra, automaticamente, nos *global studies*.

Assim sendo, impõe-se, desde logo, uma breve distinção conceptual deste campo face aos chamados *transnational studies*. No entender de Schiller (2005a: 440), trata-se de dois níveis de análise diferentes, em que os primeiros se preocupam mais com fenómenos que afectam o planeta⁵⁷, enquanto que os *transnational studies* dão mais relevância aos

⁵⁶ Para um conhecimento actualizado deste campo de estudos, nomeadamente da sua epistemologia, dimensões de análise e autores de referência, ver, entre outros, Campbell, MacKinnon e Stevens (2010).

⁵⁷ Ou seja, fenómenos sistémicos que se manifestam à escala do “sistema-mundo”: uma estrutura hierárquica dinâmica, à escala global, marcada por feixes de tensão entre hegemonias e contra-hegemonias ideológicas, económicas, políticas, militares e culturais, que, ciclicamente, podem mudar a sua localização na geografia mundial (Wallerstein 1974, Arrighi 1996, Arrighi e Silver 2001). A génese deste sistema remonta ao século XVI na Europa Ocidental. O colapso do sistema feudal e a progressiva instauração de uma agricultura de cariz capitalista, bem como o complexo sistema comercial que foi ganhando forma com as descobertas marítimas, permitiram à Europa Ocidental a criação de um sistema económico de alcance mundial, a que se seguiria, já no século XVIII, a industrialização e a subsequente emergência e gradual hegemonia global da economia capitalista (Wallerstein 1974). A etnografia de Ribeiro (2004) em Moçambique proporciona um exemplo excelente sobre a extraordinária capacidade de adaptação e de implantação do capitalismo nos mais variados contextos mundiais.

processos e conexões que se desenvolvem através de fronteiras estatais específicas. Isto não significa que ambos se debrucem sobre aspectos diferenciados da realidade, como se os fenómenos de globalização e de transnacionalização fossem manifestações empíricas distintas, sem qualquer relação. É neste sentido que Hofmeister e Breitenstein (2008) se referem aos transnacionalismos como manifestações de processos entre dois ou mais Estados-nação e à globalização como os efeitos desses processos. Como eles próprios afirmam, “os processos são transnacionais; os efeitos são globais” (*idem*: 480),⁵⁸ advogando, simultaneamente, a utilização do conceito de transnacionalização como uma forma de descrição mais precisa daquilo que muitos autores apelidam de globalização.

Usando critérios relativamente diferentes para ensaiar um esboço do alcance empírico de cada um dos dois conceitos, Hannerz (2000: 236) afirma que, enquanto o termo globalização remete para um escopo mundial, ou pelo menos transcontinental, o termo transnacional não tem subjacente um sentido tão amplamente inclusivo. Esta ideia vai em linha com o que já havia afirmado numa das suas obras de referência, de 1996, *Transnational Connections*, na qual expressa desconforto teórico face ao que considera ser uma utilização indiscriminada e, conseqüentemente, grosseira e desajustada do conceito de globalização, propondo que, em muitos casos, seja utilizado o termo transnacional:

I am also somewhat uncomfortable with the rather prodigious use of the term globalization to describe just about any process or relationship that somehow crosses state boundaries. In themselves, many such processes and relationships obviously do not at all extend across the world. The term ‘transnational’ is in a way more humble, and often a more adequate label for phenomena which can be of quite variable scale and distribution, even when they do share the characteristic of not being contained within a state (Hannerz 1996: 6).

Procurando ainda uma maior precisão face a outros termos que, amiúde, são usados com um sentido próximo, destaca que, ao considerarem-se o âmbito e a natureza dos fenómenos envolvidos, a preocupação, nesse caso, deverá ser o contraste entre os conceitos transnacional e internacional, sendo este último reservado para contextos em que os Estados surgem e se relacionam como actores corporativos e o primeiro para o envolvimento de outros actores (v.g. indivíduos, movimentos sociais, grupos étnicos, famílias) em relações e actividades que transcendem as fronteiras do Estado-nação (Hannerz 2000: 236-237). De seguida, centrando-se mais especificamente no campo disciplinar da antropologia, destaca que os estudos transnacionais evidenciam, de um modo

⁵⁸ No entender de Sklair (1991), a existência de um sistema-mundo, tal qual o formulou Wallerstein (1974), só é possível por via das conexões geradas pelos processos e práticas transnacionais nos domínios político, económico e sociocultural.

geral, três grandes ingredientes de relevância variada: (i) a assumpção de que os fenómenos transnacionais transcendem as fronteiras existentes entre unidades políticas autónomas; (ii) a ênfase da sua dimensão espacial, reconhecendo-os como resultantes de processos e relações que articulam pessoas e grupos sociais separados por longas distâncias; (iii) o reconhecimento de que eles implicam uma co-existência dinâmica e (re)criativa de expressões culturais distintas (*idem*: 237), que a antropologia designa de “[...] hibridiz, colagem, *mélange*, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, crioulização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, e outros termos” (Hannerz 1997: 26).⁵⁹

Atendendo a que o âmbito da pesquisa que desenvolvi em Natal e em diferentes locais do continente europeu, se centra, como já foi dito, na rede de fluxos turísticos e migratórios entre estes vários contextos e nos espaços transatlânticos de intimidade construídos por migrantes e turistas, os três ingredientes da antropologia transnacional atrás mencionados, muito em particular os dois primeiros, irão sobressair ao longo do trabalho. Para tal, parto de uma ideia de transnacionalização enquanto expressão das “[...] actividades iniciadas e mantidas por actores não-institucionais, sejam eles grupos organizados ou redes de indivíduos, através das fronteiras nacionais” Portes (2006: 210). Procuro com esta ideia, sem negligenciar os condicionalismos macro-estruturais que balizam os processos transfronteiriços, conferir particular relevância às práticas quotidianas de indivíduos e grupos⁶⁰ que, sem uma apurada formalização institucional, vão construindo espaços de manifestação social (com diferentes configurações e densidades)

⁵⁹ Alegadamente, o resultado destes processos é a constituição daquilo que Hall (1991) designa de “novas etnicidades” e que se enquadra numa tendência de progressiva cosmopolitização dos contextos locais (Hall 2006) e de formação de identidades pós-nacionais (Matnstik 1996). Importa, contudo, questionar a sustentabilidade etnográfica do chamado hibridismo cultural, tal como o faz Friedman (2002: 23-24): “But, hybrid for whom, one might ask? Without a deeper ethnographic investigation into how people actually engage such apparently hybrid objects, how the latter figure in their lives, there is a tendency to conflate our own emics with those of the people we are attempting to understand. The objectifying as opposed to the ethnographic mode is paramount in this endeavor as is the necessity of creating essences in order to miscegenate them in hybrid products. [...] This hybridity is simply our identification of ‘matter out of place’, hybrids-for-us”.

⁶⁰ Sem entrar na discussão da antiga e obsoleta dicotomia “estrutura-acção”, o facto de se privilegiar uma dimensão mais microssocial dos fenómenos transnacionais remete simplesmente para uma opção analítica. Na realidade empírica, as estruturas e acções que vão dando forma a esses fenómenos configuram-se de forma recíproca, em constante dialéctica. Como destacam Heather e Breitenstein (2008: 486), “In the end, a conceptualization of transnationalization as a process that operates from the macro level to the micro level would not be accurate. The system shapes the chances of the individual, but the individual influences the system [...]”.

para lá das fronteiras político-administrativas, nos interstícios, dos diferentes Estados⁶¹. A existência destes espaços deixa então de estar refém de um território específico, exclusivo e circunscrito. Utilizando a terminologia de Clifford (1997), poder-se-á dizer que eles existem mais sob a forma de “routes” (rotas, trânsitos) que de “roots” (raízes, elementos fixos), embora, como destaca Friedman (2002), estas últimas também possam entrar em movimento, dando origem, nesse caso, aos rizomas de que nos falam Deleuze e Guattari (1987). O resultado são formações com identidades plurais, metamórficas e contingenciais, ou seja “rizomáticas” (Friedman 2002), que emergem entre e ao longo de diferentes contextos sociais de diferentes países e/ou continentes. Ao extravasarem os limites do Estado-nação perdem a vinculação estrita a um território específico (Kearney 1995, Basch, Schiller e Blanc 2000) e ganham dinâmicas difusas que colocam alguns desafios em termos de governabilidade (Schiller 2005b).

Estas configurações sociais trans-estatais têm recebido várias designações por parte das ciências sociais, sendo até frequente esta variedade manifestar-se em diferentes textos de um mesmo autor. As designações mais usadas têm sido “formações sociais transnacionais” (Guarnizo 1997, Landolt 2001, Vertovec 2009), “espaços sociais transnacionais” (Pries 2001, Faist e Özveren 2004, Jackson, Crang e Dwyer 2004), “comunidades transnacionais” (Portes 1999, Castles 2005, Djelic e Quack 2010) e “campos sociais transnacionais” (Goldring 1998, Schiller 2004, 2005a). Todas estas propostas conceptuais têm procurado ultrapassar as limitações decorrentes do “nacionalismo metodológico” (Beck 2000b) predominante nas ciências sociais até há cerca de duas décadas atrás⁶², e com base no qual se faziam equivaler fronteiras sociais e fronteiras políticas do Estado. O resultado foi a produção de noções demasiado estáticas e essencialistas da sociedade e da cultura (Aas 2007), negligenciando-se um aspecto fundamental colocado em evidência por Gellner (1983: 6): “Having a nation is not an inherent attribute of humanity but it has now come to appear as such”. No entender de Urry (2000), as ciências sociais deveriam libertar-se destas noções, indo além da ideia de sociedade enquanto unidade estável e perfeitamente circunscrita ao Estado-nação e centrando a sua atenção nas mobilidades como factor decisivo dos ordenamentos sociais do século XXI. Os conceitos atrás mencionados representam esta tentativa de mudança

⁶¹ Alguns destes espaços têm mesmo uma existência completamente desvinculada da geografia. As formas de interacção no *cyberespaço* constituem o exemplo por excelência da desterritorialização e da anulação da distância física que caracteriza a produção de determinados espaços sociais na actualidade.

⁶² Este “nacionalismo metodológico” é comumente apontado como um dos principais factores responsáveis pelo desenvolvimento tardio do campo de estudos transnacionais, que só começou a consolidar-se de forma efectiva a partir do início dos anos 90 do século XX.

epistemológica e de distanciamento face a concepções alicerçadas em essencialismos culturais, étnicos ou nacionalistas.

Todavia, como adverte Schiller (2005a) alguns destes novos conceitos tendem, de algum modo, a negligenciar o papel dos Estados (sobretudo as estruturas e desigualdades de poder) nos fenómenos transnacionais, enquanto que outros, em particular o conceito de “comunidades transnacionais”, tendem a fazer a ressurreição do velho “nacionalismo metodológico”, agora sob a forma daquilo a que chama “nacionalismo metodológico transnacional”⁶³. Perante estas insuficiências conceptuais, e inspirando-se sobretudo na ideia de “campo social” de Bourdieu, propõe em alternativa a utilização do conceito de “campos sociais transnacionais”: aglomerados de redes sociais formados entre as fronteiras dos Estados-nação e que, directa ou indirectamente, se inscrevem em estruturas de poder que, por via financeira, militar, política e cultural, garantem a supremacia, por vezes de forma imperialista, de determinados Estados sobre outros (Schiller 2004, 2005a). As diferentes disposições das fronteiras político-administrativas à escala mundial, de que se falará mais adiante, constituem um bom exemplo da manifestação de assimetrias inter-estatais que condicionam a natureza dos fluxos, dos processos e das práticas que dão forma aos fenómenos sociais transnacionais.

Reconhecendo a pertinência de relevar esta dimensão do poder, mas, ao mesmo tempo, identificando a necessidade de maior precisão conceptual para traduzir a diversidade de escalas, o carácter reticular, a importância do indivíduo e do individual, as tensões e as extraordinárias ambivalências e volatilidades que caracterizam as manifestações transnacionais, parece-me pertinente admitir a substituição do conceito “campo” por um outro que lhe é bastante próximo e que ocupa um lugar central na sociologia figuracional de Elias (1999): o conceito de “configuração” – abrangência relacional, permeada pela coexistência de ambivalências e heterogeneidades (v.g. de poder,

⁶³ Sobre o “nacionalismo metodológico transnacional” que permeia algumas perspectivas na área das ciências sociais, gerando graves enviesamentos analíticos, Schiller (2005a: 442) diz o seguinte: “Scholars have tended to bring their ethno-gaze into their theories of society, as if everyone is always and necessarily constrained by some form of culturally based and ultimately territorially linked identity. [...] Among the many problems with such an approach is that it privileges an ethno-cultural unity of analysis. Researchers often define as their unity of study a population not bounded by time or space but contained within the boundaries of an ethnic/national identification. [...] Those persons who choose identities and social relations not confined to the ethnic population fall out of the research and the development of theory”. Importa, por isso, ter em consideração que muitas das redes sociais que sustentam manifestações de transnacionalismo não são (pelo menos de forma estrita) etnicamente baseadas, integrando pessoas e expressões culturais marcadas por uma diversidade mais ou menos pronunciada. Por vezes, são historicamente baseadas, como é o caso das ligações entre países ex-colonizadores e países ex-colónias. Destas ligações resultam complexos de relações transnacionais que, sendo posteriores à colonização e aos nacionalismos pós-independências, poderão ser enquadrados conceptualmente, no entender de Almeida (2002), na designação “pós-colonial”.

identitárias), que sintetiza congregações de vínculos sociais interdependentes, dinâmicos e, de certo modo, contingenciais. Deste modo, passar-se-á a usar, preferencialmente, a designação “configurações sociais transnacionais”.

Independentemente das variações teóricas sobre os transnacionalismos, há um consenso mais ou menos generalizado em torno do que eles pressupõem: mobilidades que interpelam fronteiras (v.g. políticas, culturais, etno-sexuais), geram contactos entre elementos diversos e, desse modo, contribuem para a emergência de novas paisagens sociais e identitárias. É neste sentido que Hannerz (1997), preocupado em considerar os novos contextos e condicionalismos para a reflexão sobre a cultura, se refere aos fluxos, fronteiras e híbridos como as “palavras-chave da antropologia transnacional”. As mobilidades de pessoas, produtos materiais e elementos imateriais, e as conexões transfronteiriças a elas associadas, ao desafiam as tradicionais noções de espaço e as concepções prevalecentes (sobretudo as mais essencialistas) de sociedade, comunidade, cultura e pertença social constituíram-se como uma das grandes referências dos principais conceitos e metáforas da modernidade tardia (Aas 2007). Entre muitas outras, basta pensarmos nas metáforas da liquidez de Bauman (2000); na ideia dos “global scapes” de Appadurai (1996); nas ideias sobre a emergência do “espaço de fluxos” e a constituição da “sociedade em rede” de Castells (1996, 2002); na perspectiva da “compressão do espaço-tempo” de Harvey (1992, 2001); no conceito de “sociedade cosmopolita” de Beck (2002a); nas expressões “world in creolization” e “global ecumene”, de Hannerz (1987, 1992a, 1996); e nas reflexões sobre as “cidades globais”, de Sassen (1991).

Todos estes conceitos colocam em evidência o carácter transbordante da vida social actual, impulsionado pela atenuação de muitos dos constrangimentos físicos da geografia e pela aceleração dos fluxos que as novas possibilidades técnicas na área dos transportes e das comunicações têm vindo a proporcionar. O resultado são formações sociais difusas marcadas por um complexo e constante vaivém de pessoas e de elementos de diferentes contextos para o qual muito contribui a velocidade sistémica que caracteriza o mundo actual, amplamente discutida por Virilio (1996, 2000) em reflexões filosóficas que designa por “dromologia”⁶⁴. No caso do eixo transnacional Natal-Europa aqui considerado, este vaivém está muito associado a trânsitos turísticos e migratórios que,

⁶⁴ Trata-se de um conceito que ele próprio constrói a partir da palavra grega *dromos* (movimento, curso, deslocação, passagem) e que utiliza para designar o seu pensamento sobre a intensa produção cinética que caracteriza a vida social contemporânea.

amiúde, ocorrem de forma articulada e se potenciam reciprocamente⁶⁵. Dependendo das situações concretas, eles tendem a constituir-se como contexto ou expressão de relações de intimidade heterossexuais que, assumindo uma ampla diversidade de configurações, vinculam homens europeus e mulheres brasileiras (bem como os seus respectivos contextos) e, desse modo, criam entre as duas margens do Atlântico espaços sociais com manifestações identitárias muito particulares. Tal como acontece com qualquer outra manifestação transnacional, estes espaços de intimidade ganham forma e espessura social por via de uma ampla diversidade de mobilidades (desde logo, de pessoas) que interceptam as fronteiras do Estado-nação e, em muitos casos, possibilitam novos formatos sociais e identidades. Não é de estranhar, portanto, o repto que Urry (2000) lança às ciências sociais, no sentido de estarem particularmente atentas ao que circula e emerge nos interstícios de diferentes sociedades, o que deverá implicar, em simultâneo, uma reflexão cuidada sobre as fronteiras (Rumford 2006).

No entender de Appadurai (1996), o sistema de fluxos globais expressa-se em “ethnoscapes” (fluxos de pessoas), “technoscapes” (fluxos de tecnologia), “financescapes” (fluxos de capital), “mediascapes” (fluxos de imagens) e “ideoscapes” (fluxos de ideologias) que, no seu conjunto, dão forma ao que designa de “economia cultural global”. Estes fluxos coexistem de forma mais ou menos amalgamada, estão em permanente reconfiguração, não têm subjacente um efectivo sentido de lugar e de pertença, circulam a diferentes ritmos entre múltiplos espaços.⁶⁶ Alguns deles, estão sujeitos, localmente, a variadas apropriações e (re)atribuições de significado, num processo de confluência dinâmica e criativa entre o global e o local a que Robertson (1990) deu o nome de “glocalização”. Os próprios movimentos (*routes*) geram efeitos de dispersão e mobilidade das culturas e dos seus bens (Frangella 2010) – “cultures on the road”, diriam Rojek e Urry (1997) – e, além do mais, podem ser, por si só, vectores de novas “possibilidades culturais” (Frangella 2010: 36), como também é salientado por Clifford (1997: 3): “Practices of displacement might emerge as constitutive of cultural meaning rather than as their simple transfer or extension”. Com a sua ideia de “travelling cultures” (*idem*) deixa claro que a

⁶⁵ Talvez por uma questão de comodidade analítica, o turismo e as migrações são quase sempre estudados como mobilidades separadas, pelo que as suas relações e intersecções raramente são consideradas uma prioridade de análise.

⁶⁶ Estes espaços e as suas conexões, tal como é destacado por Appadurai (1986, 1996), Hannerz (1992b), Lash e Urry (1994), Kearney (1995), fazem parte de um mundo marcado por tendências descentralizadoras que os tradicionais modelos de análise não prevêm, muito em particular os modelos inspirados na teoria da dependência, fundados numa certa bipolarização entre centro e periferia. Como justamente adverte Ribeiro (2004: 26-27), no centro podemos encontrar a periferia e nesta última “enclaves centrais”.

cultura não é apenas uma prerrogativa de grupos ou comunidades com raízes (*roots*) num determinado contexto.

A ocorrência dos fluxos globais, por vezes, dá-se de forma disjuntiva, criando tensões e contradições a nível local. A título de exemplo, Appadurai (1999: 231) refere-se aos fluxos mediáticos como disseminadores de imagens consumistas e de aspirações em populações que, estando completamente afastadas dos fluxos de capital e/ou dos seus benefícios, dificilmente as conseguem concretizar. Aliás, os fluxos globais de imagens, como se discutirá mais adiante, ao confrontarem as pessoas com múltiplas (e, por vezes, contraditórias) expressões da realidade, proporcionam-lhes recursos simbólicos para uma maior reflexividade face ao que as rodeia e à sua própria condição. No quadro desta reflexividade, a dissociação entre o que se é ou tem e o que se vê, imagina e anseia noutros locais contribui para questionar identidades, percursos biográficos e expectativas, e para fomentar desejos de mudança nos quotidianos e estilos de vida. A concretização destes desejos pressupõe, em muitos casos, mobilidades e mudanças de geografia, temporárias ou de natureza mais definitiva, como é o caso, respectivamente, dos fluxos turísticos e migratórios de homens e mulheres entre Natal e a Europa.

Quando se discutem mobilidades, fronteiras e a produção de espaços sociais que transcendem a escala nacional há uma clara tendência para privilegiar as migrações como o principal contexto de referência (Vertovec e Cohen 1999, Castles 2005, Brettell 2003, 2006, Portes 2006, Smith 2006, Levitt e Jaworsky 2007, Conway e Potter 2009). Provavelmente por se tratar de um tipo de mobilidade menos efêmero que o turismo e as demais formas de nomadismo e, por isso, se considerar que tenha implicações mais profundas e sustentadas na produção de transnacionalismos. Todavia, tal como já se disse atrás, no actual estágio de conectividade e de velocidade do sistema-mundo, os vários trânsitos de pessoas, e não só, cruzam-se e interagem, ainda que, dependendo dos contextos, se expressem com relevâncias, configurações e orientações geográficas variáveis. Um exemplo concreto: no espaço transnacional Natal-Europa aqui considerado é indiscutível a saliência social dos fluxos turísticos em Natal e, por outro lado, a maior expressividade dos fluxos migratórios no continente europeu⁶⁷. Assim, o estudo de fenómenos transnacionais passa, necessariamente, por considerar que as estruturas, processos e práticas que lhes dão forma se inscrevem num determinado quadro sistémico

⁶⁷ Neste caso, tal como em muitos outros, o turismo e as migrações têm um efeito de arrastamento recíproco e, a montante ou a jusante, pressupõem quase sempre outras mobilidades (v.g. capital, tecnologia, imagens, afectos).

de mobilidades que se estabelece entre múltiplos espaços internacionais. A construção de circuitos sociais transnacionais entre os contextos empíricos considerados nesta pesquisa, preenchidos por relações de carácter afectivo-sexual e de aliança, só é possível porque há fluxos, desde logo das próprias pessoas envolvidas (enquanto turistas ou migrantes) e dos inúmeros discursos e imagens sobre género, sexualidade e estilos de vida que informam as suas respectivas mobilidades. E é precisamente enquanto geradores de tecido social transnacional, muito em particular nas esferas da intimidade, que aqui se consideram o turismo, as migrações, as suas respectivas articulações e os demais trânsitos a eles associados. Deste modo, afigurar-se-á bastante redutor situar tematicamente este estudo na área do turismo e/ou das migrações. Será preferível, em alternativa, encará-lo como uma análise da intimidade enquanto mais uma dimensão de expressão de transnacionalismos, que, no caso em concreto, têm no encadeamento dos fluxos turísticos e migratórios o seu principal eixo de referência. Compreende-se, deste modo, o facto de as reflexões desenvolvidas nas páginas precedentes incidirem predominantemente, ainda que por ora num registo mais conceptual, nas mobilidades transnacionais.

2. Fronteiras da identidade e políticas da intimidade

Quando se discutem mobilidades transnacionais, as fronteiras surgem, inevitavelmente, como uma dimensão de análise incontornável. Refere-se, propositadamente, o termo no plural, pois a circulação internacional de pessoas, bens, capital, informação, imagens não interpelam apenas fronteiras político-administrativas. Interpelam também fronteiras de “raça” e etnicidade, de cidadania, de classe, de género, etno-sexuais, entre outras. Além desta sua considerável multiplicidade, importa ainda ter em atenção que nem todas as pessoas que interagem num mesmo espaço transnacional, como é o caso daquele que aqui se toma como referência empírica, têm o mesmo estatuto perante as mesmas fronteiras e as constroem subjectivamente, ou com elas se relacionam, de igual forma. A origem geográfica, a nacionalidade o género, a classe social, a etnicidade são alguns dos principais elementos que configuram a condição de cada qual face às fronteiras e o modo como elas são percebidas.

Começemos por situar a discussão no contexto mais imediato das fronteiras político-administrativas. Erguidas como obstáculos quase intransponíveis para cidadãos pobres, mestiços e/ou pertencentes a minorias étnicas, elas, ao mesmo tempo, são

dissipadas para os cidadãos de nacionalidades e classes mais privilegiadas, e para interesses económicos que, em muitos casos, ameaçam a própria soberania dos Estados (Alvarez 1995)⁶⁸. A sua permeabilidade selectiva – tal qual uma membrana que identifica, classifica, filtra (Kearney 2004b) e só deixa passar o que quer e quem quer – expressa, deste modo, profundas assimetrias materiais e simbólicas (Cunningham e Heyman, 2004) que introduzem e/ou reforçam hierarquias nos fluxos e conexões transnacionais. Aliás, esta situação é particularmente evidente se compararmos o turismo e as migrações: de um modo geral, a mobilidade turística é desejada e as fronteiras desvanecem-se; ao passo que os movimentos migratórios tendem a ser vistos como uma ameaça nos contextos de acolhimento e, por isso, são sujeitos a fronteiras praticamente intransponíveis. Ancorados em diferentes “regimes de mobilidade” (Schiller e Salazar 2013), os fluxos de turistas e de imigrantes entre a Europa e o Brasil têm subjacente esta assimetria de fluidez. Os homens europeus que vão passar as suas férias a Natal encontram um país que os deseja (acima de tudo enquanto portadores de capital e, por isso, potenciais consumidores), e lhes abre completamente as portas. Em sentido inverso, as mulheres que com eles se relacionam e que procuram entrar na Europa, por vezes só para uma estadia relativamente curta (mais turística que migratória), são confrontadas com uma autêntica fortaleza⁶⁹ que, não as conotando com o perfil social dos nómadas desejados, ainda que delas precise como força de trabalho barata e multi-funcional (Ehrenreich e Hochschild 2002), contraditória e dificilmente lhes abre as portas.

Os turistas usufruem de uma liberdade de circulação, protecção e demais direitos que os tornam em cidadãos privilegiados quando comparados com outros “nómadas globais”, tais como migrantes de países pobres, dissidentes políticos e pessoas que requerem asilo (Aas 2007: 295). É precisamente considerando a maior fluidez e transitoriedade das mobilidades no contexto do turismo que ele tende a ser visto como o paradigma de um mundo em movimento (Franklin 2003a). O reverso da medalha serão as

⁶⁸ Como é destacado por Heyman (1994), o capital é mais flexível e móvel que os direitos residenciais. Esta assimetria é referenciada por Sparke (2006) como uma das principais evidências do “nexo neoliberal”, que procura conjugar formas securitárias de nacionalismo e amplas manifestações globais de mercado livre. Daqui resulta o que Davis (2008) designa por “grande muro do capital”, responsável pela segregação da população pobre dos países pobres.

⁶⁹ Com bastante frequência, como se poderá constatar detalhadamente mais adiante, ainda antes da sua saída do Brasil, a maioria destas mulheres já tem algumas noções sobre a austeridade da fronteira externa europeia, o que lhes suscita inúmeras indefinições, angústias e temores quando são confrontadas com a possibilidade de viajar e empreender um projecto migratório. Estes conhecimentos e receios vão sendo construídos por via da absorção de alguma informação mediática e, acima de tudo, através das conversas mantidas com compatriotas que já estiveram na Europa e/ou com os turistas que vão conhecendo em Ponta Negra. Ao contrário destes, elas deparam-se com a fronteira antes mesmo de a ela se submeterem fisicamente.

migrações. Considerados em conjunto, ambos os fluxos exprimem os contrastes induzidos pela permeabilidade selectiva das fronteiras nacionais, uma situação que Cunningham (2004) traduz, de forma assertiva, através da expressão *gated globe*. Esta ideia, mais que a imagem de um mundo fluido a transbordar de conexões, sinaliza a necessidade de ter sempre presente a dimensão política na reflexão sobre a mobilidade: “ela não é neutra e revela formas de poder, controle, monitoramento e vigilância, devendo ser lida como potência e performance. [...] esta potência varia de acordo com o indivíduo ou grupo social, segundo estruturas de poder” (Lemos 2009: 29). No entender de Werbner (1999: 18), esta reflexão política esbate-se nas metáforas da fluidez, do hibridismo e da dupla consciência⁷⁰: “[...] the celebration of hybridity, in-betweenness or double consciousness by diasporic poets, artists and intellectuals proves to be a self-interested strategy, divorced from working class migrants’ (or indigenous people’s) predicaments and concerns”.

Embora se esteja numa época em que muitas das manifestações da vida social, como já disse, extravasam os limites do Estado-nação, as suas fronteiras continuam, todavia, bastante fortes (Mapril 2008a). Talvez até mais musculadas e omnipresentes que em qualquer outro período da história, sobretudo quando o que está em causa são as migrações de cidadãos pobres e pouco qualificados dos países do Sul. A figura do Estado-nação continua, assim, a desempenhar uma função incontornável na estruturação, regulação e controlo dos fluxos internacionais. É mesmo pouco provável, como notam Levitt e Jaworsky (2007), que perca relevância num futuro próximo. Entretanto, continuará, certamente, a participar como elemento-chave de um jogo ambíguo de abertura e fechamento, condicionando o volume e composição dos diferentes fluxos que interceptam as suas fronteiras. O resultado é um sistema configurado com base na qualificação e selecção dos trânsitos e na coexistência da circulação com a restrição à mobilidade. Neste sistema, uns estão em constante movimento e outros vêm apenas o mundo movimentar-se à sua volta (Bauman 1998). No entender de Friedman (2002), considerando que a esmagadora maioria das pessoas integra as “massas sedentárias”, as

⁷⁰ No contexto transatlântico, em especial no espaço anglófono, uma das mais conhecidas é a metáfora do “Atlântico negro”, uma expressão heurística usada por Gilroy (2001) para dar conta da diáspora das comunidades negras entre os dois lados do Atlântico e a consequente emergência de manifestações culturais em constante circulação e metamorfose, que foram criando estruturas identitárias e sentimentos de pertença trans-territoriais, permeados por uma “dupla consciência”, “[...] decorrente da situação de ser interno e ao mesmo tempo externo ao Ocidente [...]” (*idem*: 84). Partindo das ideias de Gilroy e procurando analisar criticamente os alegados hibridismos da chamada lusofonia, Almeida (2002: 29-30) propõe em alternativa, com algum sentido irónico, a metáfora do “Atlântico pardo”, que utiliza “[...] para designar o mundo criado durante o império português, ou, mais exactamente, a narrativa hegemónica mais vasta do suposto projecto de miscigenação português, a sua suposta actualização na construção do Brasil e o seu falhanço (apesar de discursos *a contrario*) em África”. Veja-se, ainda, Bastos (1998).

metáforas de um mundo em movimento são exageradas, devendo, por isso, ser sempre submetidas a exame crítico. Diz mesmo que muitos dos discursos sobre transnacionalismo não tem grande fundamentação científica e se inscrevem, acima de tudo, numa agenda ideológica elitista.

As fronteiras administrativas que facilitam a circulação de turistas, capital, tecnologia e imagens, exercem ao mesmo tempo um obstinado “dromocontrole” sobre amplas categorias sociais de nómadas (Justo e Rocha 2006), com o objectivo de bloquear a constituição de “ethnoscapes” tidos como indesejados. Através dos sofisticados meios tecnológicos, nomeadamente os que têm permitido a criação de “fronteiras digitais” (Broeders 2007), os Estados são agora mais capazes de controlar os fluxos transnacionais que no passado⁷¹. A sua capacidade de controlo tem vindo a assumir uma extraordinária flexibilidade e abrangência, permitindo a vigilância das delimitações fronteiriças propriamente ditas, a monitorização interna de cidadãos estrangeiros e o “controlo remoto” (Zolberg 2003) dos potenciais imigrantes nos seus contextos de origem ou em países de trânsito migratório. Está, assim, em curso a construção de fronteiras desterritorializadas e panópticas, que não se limitam à regulação dos fluxos nos perímetros dos Estados e se estendem, de modo difuso e metafísico, para o seu interior e exterior, fazendo do controlo uma operação virtualmente omnipresente.

Apesar da extensa blindagem fronteiriça imposta pelos países mais prósperos no cenário mundial, os actores sociais engendram, frequentemente, “contra-estratégias” (Broeders e Engbersen 2007) que, por vezes, lhes permitem ludibriar a rigorosa fiscalização a que estão sujeitos e/ou enquadrar-se nos critérios definidos para a aceitação da sua mobilidade e permanência num determinado espaço nacional. Os relacionamentos e matrimónios entre mulheres natalenses e turistas da Europa podem ser tomados como exemplo de um quadro social que permite às primeiras entrar na fortaleza europeia. Isto não significa, todavia, que se trate necessariamente de um simples arranjo instrumental(izado) para lhes assegurar a permissão de entrada e estadia na Europa. Como

⁷¹ A aparente ineficácia de regulação destes fluxos reside no mito de uma soberania perfeita que nunca existiu (Nieuwenhuys e Pécoud 2007). Na última década, com as ameaças terroristas e a emergência de riscos globais (Beck 2002b), a “domopolítica” (vigilância e controlo das mobilidades para a manutenção da segurança interna) tem vindo a constituir-se como uma das grandes prioridades dos Estados (Walters 2004). Uma consequência imediata é a implementação, por parte dos países ricos, de políticas migratórias cada vez mais restritivas, assentes quase sempre num quadro ideológico em que os imigrantes pobres tendem a ser vistos como “folk devils” (Saux 2007) e “inimigos públicos” (Broeders, 2007). Foi esta visão, certamente, que motivou o Governo Sarkozy, no Verão de 2010, a expulsar várias comunidades ciganas de França, responsabilizando-as de modo infundado por muitos dos problemas do país, em particular os mais relacionados com a criminalidade e a insegurança.

veremos, nem todos esses relacionamentos remetem, linearmente, para um processo de “selling sex for visas” (Brennan 2002), ou representam situações de “casar com o passaporte” (Grassi 2006).

Os fluxos que ocorrem no âmbito do turismo e das migrações e que geram configurações de intimidade transnacionais não interpelam somente, como já se disse, fronteiras político-administrativas; ou, dito de outro modo, o cruzamento destas poderá representar, ao mesmo tempo, a porta de entrada para a intersecção e eventual esbatimento de outras fronteiras, com formatos e sistemas de tipificação diversos⁷². Destacam-se, desde logo, dois conjuntos bastante próximos e articulados de fronteiras: fronteiras simbólicas e fronteiras sociais. Vejamos as suas especificidades e convergências, de acordo com Lamont e Molnár (2002: 168-169):

Symbolic boundaries are conceptual distinctions made by social actors to categorize objects, people, practices, and even time and space. They are tools by which individuals and groups struggle over and come to agree upon definitions of reality. [...] Social boundaries are objectified forms of social differences manifested in unequal access to and unequal distribution of resources (material and nonmaterial) and social opportunities. [...] Only when symbolic boundaries are widely agreed upon can they take on a constraining character and pattern social interaction in important ways. Moreover, only then can they become social boundaries [...]. But symbolic and social boundaries should be viewed as equally real: the former exist at the intersubjective level whereas the latter manifest themselves as groupings of individuals. At the causal level, symbolic boundaries can be thought of as a necessary but insufficient condition for the existence of social boundaries.

Na esteira da abordagem relacional de Barth (1969), pioneira na compreensão da etnicidade como manifestação de oposições identitárias cruzadas entre diferentes grupos, identifica-se, precisamente, este jogo de espelhos e de confrontações como o principal mecanismo de construção de fronteiras simbólicas e sociais e de politização da alteridade (Gupta e Ferguson 1992). Mesmo em esferas como o género e a sexualidade seria este o processo de formulação de sistemas de classificação social e de circunscrição das identidades. Mas é preciso ter em consideração que as fronteiras, sobretudo estas de que agora se fala, tendem a ser porosas e fluidas. Assim, não apenas dividem, como também articulam e suscitam a negociação de identidades, afirmando-se como espaços “in-between” (Bhabha, 1994). Enquanto interstícios de interface cultural ligam indivíduos e grupos diferentes, constituindo potenciais eixos de incidência de hibridismos e de

⁷² A língua portuguesa e a generalidade das línguas latinas dispõem apenas do termo fronteira para designar a diversidade de fronteiras. A língua inglesa, por seu lado, permite a utilização de expressões distintas: *boundaries* é, preferencialmente, utilizada para fazer referência às fronteiras simbólicas e sociais e *borders* para denominar as fronteiras administrativas (Barth 1969, Heyman 1994, Kearney 2004b).

manifestações identitárias transnacionais (v.g. os afro-americanos e os *chicanos* nos EUA, os afro-baianos no Brasil) que superam categorias rígidas e monolíticas (Alvarez 1995, Lamont e Molnár 2002, Kearney 2004b, Cunha e Cunha 2007).

A perspectiva das fronteiras como demarcações que tanto podem opor como justapor diferenças, seguindo uma lógica mais dicotômica face a um “outro” privilegiado, ou uma lógica mais complexa e difusa face a “outros” (Lamont e Molnár 2002), é incontornável na análise da construção da intimidade em configurações sociais transnacionais. Desde logo, porque os fluxos de pessoas que estão na origem de relacionamentos transnacionais de cariz afectivo-sexual cruzam múltiplas fronteiras, nem sempre convergentes e com diferentes características em termos de plasticidade e permeabilidade, que podem funcionar para os actores sociais (no contexto em causa, turistas europeus e mulheres brasileiras) como factores tendencialmente geradores de atracção, e união ou, em sentido inverso, antagonismo e rejeição. As fronteiras interpeladas, como já se enunciou, são da esfera político-burocrática e de âmbito simbólico. As primeiras delimitam pertenças nacionais e, com base nesse aspecto, tendem a aproximar ou a separar, facilitando ou dificultando mobilidades e contactos. Atrás, a discussão em torno da sua selectividade, mostrou como elas favorecem ou represam o movimento, de acordo com as pessoas em causa (v.g. turistas ou imigrantes; homens ou mulheres) e com a direcção que ele toma (v.g. Europa-Brasil ou o inverso). As fronteiras simbólicas, por seu lado, criam esquemas de classificação da realidade e de demarcação social, podendo, tal como as demais, agregar ou dividir, seja com base na semelhança ou na diferença.

Estas últimas ganham forma a partir de uma multiplicidade articulada de marcadores socialmente construídos, amplamente discutidos pelas ciências sociais, e que se inscrevem num conjunto de conceitos que são centrais para a teoria social: classe, “raça”, etnicidade, género, sexualidade e nacionalidade⁷³. Contudo, na maior parte dos

⁷³ Desde logo, o conceito de classe, que remonta aos primórdios da sociologia e que, na linha dos postulados marxistas, tem vindo a ser usado como ferramenta de conceptualização das hierarquias e clivagens sociais, estabelecidas de forma relacional e alicerçadas numa determinada “estrutura de capitais” (económico, cultural, social e simbólico) a que estão associados *habitus* distintivos (Bourdieu 2007). Também com grande espessura histórica, sobretudo na antropologia, o conceito de “raça”, apesar do seu passado problemático, é agora utilizado para traduzir a categoria homónima do senso comum, por via da qual características fenotípicas (v.g. cor da pele) são apresentadas como indicadores de alteridade (naturalização da cultura) e qualificadas ideologicamente num quadro de políticas de identidade, situando pessoas e grupos numa estrutura de relações de poder assimétricas (Goldstein 1999, 2003, Almeida 2000a, Cunha 2000, Fry 2005, Veissière 2011). A sua discussão tende a convocar o conceito de etnicidade, usado para dar conta das expressões culturais politizadas dos membros de um grupo ou comunidade, através das quais criam coesão interna e, acima de tudo, afirmam as fronteiras da sua

casos, não têm sido debatidos numa perspectiva sistémica, considerando as suas articulações e o modo como, em conjunto, produzem ordenamentos simbólicos e sistemas de diferenciação social. A exceção talvez mais relevante podemos encontrá-la no seio do debate feminista a partir de meados dos anos 90 do século passado, com a tentativa de mostrar que o género está densamente imbricado noutras categorias que importa convocar para a discussão das diferenças sociais (Stolcke 1993, McClintock 1995), desde logo para a discussão das diferenças que pautam as relações entre homens e mulheres. Estas categorias de articulação ou intersecção, incluindo a de género, foram designadas de “interseccionalidades” (McClintock 1995, Brah e Phoenix 2004, Brah 2006). No entender de Piscitelli (2008), elas constituem importantes referências analíticas na compreensão dos processos de inserção das mulheres brasileiras migrantes nos mercados globais do trabalho (incluindo-se aqui a indústria do sexo) e da aliança, designadamente na avaliação da sua capacidade de agência no âmbito das interações de poder que estabelecem com outros actores sociais. A autora parece conferir especial destaque à nacionalidade, afirmando que “no lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da pele, confere-lhes essa condição [mulheres de “raça” mestiça ou mulata]. E essa racialização é sexualizada” (Piscitelli 2008: 269).

Na construção da intimidade entre os europeus e as mulheres locais em Ponta Negra são mobilizadas e relacionadas noções por uns e outras enquadráveis nas categorias de intersecção a que venho fazendo referência. Neste processo, a relevância e operacionalidade de cada uma e a forma como se entrecruza com as demais pode

identidade face aos “outros” (Barth 1969). As construções sociais de “raça” poderão integrar as manifestações de etnicidade, mas também existir em relativa autonomia, como nota Sansone (2004) para o contexto brasileiro. Quer umas, quer outras, como destacam Anthias e Yuval-Davis (1993), são permeadas e condicionadas por diversas variáveis, entre as quais a classe (Fanon (1989 [1952])) e o género (McClintock 1995), e podem coexistir com a partilha de uma mesma nacionalidade – conjunto de vínculos, desde logo jurídicos, entre os indivíduos e um determinado Estado-Nação. Ainda que com uma nacionalidade comum, cada pessoa poderá revelar diferentes graus de identificação com as narrativas, mais ou menos imaginadas (Anderson 2005), de construção da Nação e expressar diferentes sentimentos de pertença. Todos estes conceitos irão sendo cruzados e articulados em diferentes dimensões de análise do fenómeno aqui em estudo. No vértice desta estrutura tenderá a situar-se o binómio género-sexualidade. O primeiro elemento deste binómio enuncia sistemas de valores contextualmente variáveis e multidimensionais que enformam identidades masculinas e femininas, partindo sempre do princípio que “masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres” (Almeida 2004: 155). Enquanto que o corpo, ou melhor o dimorfismo sexual (o sexo biológico) não determina o género, a sexualidade pode ser considerada uma das dimensões centrais da sua constituição; ainda que congregue vários outros elementos não necessariamente com ele relacionados, como é destacado por Weeks (2010: 7-8): “[...] sexuality is an historical construction, which brings together a host of different biological and mental possibilities, and cultural forms – gender identity, bodily differences, reproductive capacities, needs, desires, fantasies, erotic practices, institutions and values – which need not be linked together, and in other cultures have not been”. A classe e a etnicidade são identificadas por Vance (1984) como duas das muitas variáveis que informam a visão da sexualidade, a forma como é vivida e as suas práticas.

apresentar variações significativas, desde logo, em função de subjectividades e contextos relacionais mais ou menos permeados por lógicas e processos de mercantilização da intimidade. Ainda que a análise das configurações de intimidade transnacionais tendo em conta as “interseccionalidades” vá sendo desenvolvida em capítulos posteriores, aí com maior explanação e sustentação etnográfica, sinalizo aqui um exemplo concreto que nos mostra a pertinência de uma abordagem integrada e transversal: as (supostas) especificidades de género da mulher brasileira, as construções racializadas que lhe são dirigidas, a hiper-sexualização do Brasil, muito em especial o Brasil no feminino, mestiço e das classes populares, fazem parte de um complexo simbólico unitário presente nos discursos e comportamentos da generalidade dos turistas europeus. Os elementos deste complexo, dependendo dos contextos e das circunstâncias, vão sendo convocados para sinalizar fronteiras entre o Brasil e a Europa (ou um país em concreto) e, em particular, entre a mulher brasileira e a europeia (Piscitelli 2004a, 2008, Ribeiro e Sacramento 2006). Alguns deles, em particular aqueles que remetem para qualificações positivas ou que podem garantir determinadas vantagens estratégicas, também são apropriados, eventualmente reformulados e mobilizados pelas próprias mulheres locais na construção das suas identidades, sobretudo nas esferas do género e da sexualidade. Por outro lado, estas mesmas mulheres recorrem praticamente ao mesmo conjunto de marcadores sociais, ainda que, como é óbvio, lhes atribuam valores e cargas ideológicas distintas, para articular linhas de distinção identitária entre os homens europeus e os brasileiros. Em regra, a distinção que fazem tem subjacente uma tentativa de fundamentação da sua própria preferência pelos primeiros para casar e constituir família.

Estes processos cruzados de delimitação de identidades e de constituição de preferências eróticas, sexo-afectivas e matrimoniais expressam fronteiras de teor simbólico/social, investidas (inter)subjectivamente como pólos de graduação da atracção (em sentido lato) ou, em sentido inverso, da rejeição⁷⁴. Em certa medida, as fronteiras de que aqui se fala correspondem às “fronteiras etno-sexuais” a que se refere Nagel (2003), nas quais convergem manifestações de etnicidade, “raça”, género, nacionalidade, nacionalismo(s) e sexualidade. Definindo a sua perspectiva como social-constructivista e partindo sempre do princípio que a etnicidade é sexualizada e a sexualidade etnicizada, refere-se às “fronteiras etno-sexuais” do seguinte modo:

⁷⁴ Esta dicotomia que a fronteira encerra, em que é ao mesmo tempo pólo agregador e antitético, poderá mesmo ser considerada a marca da sua fundação enquanto tal. Nas reflexões seminais de Barth (1969), a oposição era destacada como o grande eixo constitutivo da fronteira.

[...] erotic locations and exotic destinations that are surveilled and supervised, patrolled and policed, regulated and restricted, but that are constantly penetrated by individuals forging sexual links with ethnic Others across ethnic borders. Ethnosexual frontiers are the borderlands on either side of ethnic divides; they skirt the edges of ethnic communities; they constitute symbolic and physical sensual spaces where sexual imaginings and sexual contact occur between members of different racial, ethnic, and national groups (Nagel 2003: 14).

A mobilidade global de pessoas, seja no âmbito do turismo, das migrações ou de outros fluxos, bem como a generalidade das manifestações sociais transnacionais, põem em evidência estas fronteiras ao suscitarem a confrontação e a eventual confluência das diferenças que as constituem. O chamado turismo sexual ou de romance e os casamentos transnacionais são exemplos paradigmáticos de espaços sociais fundados em contactos e interações que permeiam as delimitações etno-sexuais. Os hibridismos daí resultantes embora não apaguem assimetrias de poder, capacidade económica e estatuto, associadas às políticas de identidade nas esferas da nacionalidade, etnicidade, classe, “raça” ou género, podem, em simultâneo, esbatê-las e até mesmo desafiar posições dominantes. Desde logo, esses hibridismos encerram ambiguidades e contradições que, como destaca Piscitelli (2008) para as migrações laborais e matrimoniais de mulheres brasileiras, abrem espaço para a contestação e (re)significação de discursos sobre a diferença e para a negociação de identidades, contribuindo, assim, para o alargamento das margens de agência dos actores sociais.

As pessoas cuja mobilidade está, de algum modo, associada à transgressão das fronteiras que estabelecem perímetros de diferentes ordenamentos de etnicidade e sexualidade são designadas por Nagel (2003: 14ss) de “ethnosexual travelers”, incluindo nesta designação genérica quatro categorias: (i) “ethnosexual settlers” – estabelecem relações duradouras e podem mesmo casar, constituir família e estabelecer-se na comunidade do parceiro; (ii) “ethnosexual sojourners” – durante uma estadia mais ou menos longa envolvem-se em relacionamentos afectivo-sexuais, mas, eventualmente, acabam por regressar ao seu país ou comunidade de origem; (iii) “ethnosexual adventurers” – viajam para contextos culturais diferentes para aceder a experiências sexuais recreativas, casuais ou exóticas, acabando, todavia, por regressar a casa; (iv) “ethnosexual invaders” – organizam raides a outras comunidades étnicas para, através da sedução/conquista sexual ou da violação, humilhar o “outro” e expressar domínio sobre ele.

Ainda que as tipologias simplifiquem o que é complexo, poder-se-á dizer que, no contexto da sua interacção com mulheres locais, em Ponta Negra, os turistas europeus

constroem relações, produzem discursos e manifestam comportamentos que, numa primeira abordagem, podem ser situados algures no campo conceptual definido pelas primeiras três categoriais. Da parte das mulheres, a sua ida para a Europa, para imigrar ou simplesmente para passar uns meses, pode também ser situada, embora de forma mais ténue e parcial, no quadro das mesmas três categorias. Quer num caso, quer noutra, talvez até mais entre os turistas, é recorrente a relevância dos aspectos etno-sexuais na construção de formas de intimidade que implicam, em simultâneo, cruzamentos de fronteiras políticas, simbólicas e sociais. Estas mobilidades transfronteiriças e as configurações relacionais a que dão origem têm subjacente um padrão de género bem definido: homens europeus, mulheres brasileiras. O primeiro acto destes fluxos e conexões, tal como acontece em muitas outras circunstâncias em que as demarcações etno-sexuais são atravessadas, é um acto masculino. Com efeito é a partir da mobilidade turística masculina da Europa para Ponta Negra que, geralmente, se desencadeiam os processos subsequentes de intersecção de fronteiras, de construção de intimidades transnacionais e de concretização de mobilidades femininas em sentido inverso. Assim, as categoriais de “ethnosexual travelers” propostas por Nagel (2003), muito em especial as duas últimas, traduzem, acima de tudo, comportamentos que se inscrevem em modelos masculinos.

A decisão de viajar, em particular por parte das mulheres, além das fronteiras etno-sexuais, remete também para a vontade de cruzar outras barreiras (v.g económicas, de classe, de cidadania). Esta vontade poderá, eventualmente, ser partilhada pelos turistas, mas numa perspectiva bastante diferente (enquanto parte integrante da experiência turística e/ou etno-sexual), pois as barreiras que se colocam às mulheres deixam de o ser para eles. Depreende-se, desta forma, que, além do género, da sexualidade, da etnicidade e das construções sociais de “raça”, elementos que Nagel (2003) identificou como componentes das “fronteiras etno-sexuais”, fomentando ou dificultando a sua transposição, existem outros de âmbito sócio-económico a que não deu a devida importância. O caso mais flagrante é o relativo esquecimento das questões de classe⁷⁵, que se encontram estreitamente articuladas com as desigualdades sexuais (Wright 1997), e cuja pertinência poderá ser constatada no trabalho de Tastsoglou (2002) sobre relacionamentos heterossexuais de mulheres negras no Canadá. Importa, assim, não negligenciar esta dimensão de análise quando se considerarem as aspirações, os desejos e até mesmo as

⁷⁵ Juntamente com as desigualdades que remetem para a “raça” e o género compõem uma importante trilogia da diferença e da assimetria (Andersen e Collins 2003).

construções eróticas nas escolhas de parceiros que dão forma às paisagens de aliança no espaço transatlântico⁷⁶.

Tal como as fronteiras nacionais, com as quais se cruzam e reforçam mutuamente, as “fronteiras etno-sexuais” também são vigiadas e reguladas, com o objectivo de reproduzir o quadro de valores hegemónico de um Estado-nação que se constitui como uma instituição heteronormativa (Nagel 2003) e um dos grandes pilares da dominação masculina (Bourdieu 1999). A sua formação, como lembra Peterson (1999), está intrinsecamente associada à heterossexualidade enquanto ideologia e prática e, acrescenta Tastsoglou (2004), a uma organização social de género em que as mulheres são relegadas para funções de reprodução biológica e cultural da nação, construindo a sua identidade em torno dos papéis de mães e donas de casa. Compreende-se, portanto, o patrulhamento moral que o Estado faz às suas “fronteiras etno-sexuais” e, por consequência, à esfera da intimidade dos seus habitantes e daquelas pessoas que, mesmo não sendo nacionais (v.g. turistas e imigrantes), se encontram no seu território ou pretendem transpor as suas fronteiras políticas. Estabelece padrões morais, sanciona condutas, distingue bons e maus cidadãos e exerce um estreito controlo sobre os corpos, em especial sobre os femininos.

O voo charter da Holanda com destino a Natal, interdito pelo Governo Estadual em Julho de 2005, alegadamente porque havia sido fretado por homens para fazer turismo sexual, e o encerramento compulsivo, em finais de 2005, das discotecas da orla da praia de Ponta Negra – então os principais espaços nocturnos de encontro entre turistas e mulheres locais – são dois exemplos concretos sobre a intervenção do Estado como regulador de fronteiras no domínio da intimidade. São também situações que ilustram a sua particular preocupação, enquanto instituição fortemente colonizada por valores masculinos, em controlar a sexualidade e a honra das suas mulheres, procurando mantê-las a salvo de forasteiros vistos como invasores e corruptores morais. Esta apropriação dos corpos e das intimidades por parte do Estado, não implicando necessariamente repressão sexual, foi identificada por Foucault (1994) como uma expressão de biopoder, ou seja, a disseminação da influência do poder político por todas as esferas da vida humana, incluindo as mais privadas. Em larga medida, o capitalismo desenvolveu-se graças aos mecanismos de

⁷⁶ A transposição das barreiras de classe, geralmente coligada à intersecção de hierarquias sexualizadas como é a de “raça” e tendo como pano de fundo as assimetrias de género, pode ter subjacente um processo de “erotização da desigualdade” (Hester 1992). Com efeito, clivagens sociais e relações de poder que remetem para a classe e a “raça” podem ser subjectivamente apropriadas como fonte de erotismo e de desejo (McClintock 1995), mas também de ideais românticos e de constituição de preferências matrimoniais.

biopoder e à consequente adequação das funções corporais, em particular a sexualidade e a reprodução, aos processos produtivos.

Este controlo é seriamente posto em causa quando as mulheres transgridem as “fronteiras etno-sexuais”, relacionando-se com estrangeiros, e, mais ainda, quando tal origina a sua mobilidade migratória e consequente transposição das fronteiras territoriais. Talvez esta seja uma das principais razões para a estigmatização que costuma recair sobre muitas das mulheres migrantes, como adverte Chao (2005: 42): “[...] women migrating long distances are associated with social disorder and stigmatized as having questionable quality because they are bodies out of place, a spectre of the state’s inability to control its population [...]”. Poderá mesmo tratar-se de uma estigmatização transnacional, desenvolvendo-se nos (e entre os) contextos de origem e de acolhimento, como é muito frequente acontecer com as mulheres de Ponta Negra que se relacionam com europeus e viajam com eles para os seus respectivos países. Sobre elas recaem permanentemente anátemas sobre a sua sexualidade e as intenções que suportam os seus relacionamentos, (re)produzidos não só pelos cidadãos comuns, como também por instâncias estatais.

Ao interferir em aspectos da esfera das relações privadas e íntimas dos seus cidadãos, sobretudo quando isso implica transgredir fronteiras que interpelam a sexualidade, o Estado produz discursos, disciplina e afirma a sua capacidade biopolítica. Como lembra Foucault (1994), o sexo depende da administração do poder público. Esta gestão da sexualidade, bem evidente nos discursos (e *praxis*) da ciência, da religião, da família, da pedagogia e da medicina a partir do século XVIII, não representa apenas uma repressão do prazer⁷⁷. Constitui, acima de tudo, uma forma de controlar a população (v.g. os nascimentos, os casamentos, a fecundidade) e de a gerir enquanto problema económico e político. Neste processo estão implicados não só os órgãos governativos do Estado, como também as demais instituições e a generalidade dos cidadãos. A ideia de “governamentalidade” (Foucault 1992) expressa, em certa medida, este controlo mútuo extenso entre cidadãos e instituições (associado a uma relativa pulverização do poder) e a consequente convergência entre subjectividades, práticas individuais e disposições do poder público.

Quando o poder disciplinar do Estado é desafiado, a reacção manifesta-se em múltiplas instâncias e por via de diferentes agentes e actores sociais. As cruzadas morais e

⁷⁷ Ao referir-se às “espirais perpétuas do poder e do prazer”, Foucault (1994) admite mesmo uma estimulação recíproca entre poder e prazer, questionando a ideia de que a sociedade industrial teria instaurado um regime repressivo da sexualidade, defendida por teóricos como Reich (1981) e Marcuse (1981).

políticas de oposição aos relacionamentos entre turistas europeus e mulheres brasileiras em Natal assumem-se como respostas dos poderes públicos que visam chamar os dissidentes à ordem. Além do especial controlo exercido sobre os voos charter da Europa e do encerramento de espaços de diversão nocturna, que já mencionei, podem ser dados mais exemplos desta tentativa de restauração da ordem moral, tais como a estigmatização dos actores sociais envolvidos, sobretudo o turista-estrangeiro – devido a uma clara tendência para situar, exclusivamente, as suas relações no âmbito da prostituição – e a colagem distorcida do fenómeno ao tráfico e à exploração sexual de menores, na tentativa de se ganhar força e legitimidade acrescidas. Nos locais de proveniência dos fluxos turísticos, como já foi dito, estas manifestações de violência simbólica são igualmente frequentes.

Tal não impede, todavia, que muitas das jovens mulheres de Ponta Negra, em particular as que pertencem às classes populares, no quadro da sexualidade e da aliança, expressem políticas pessoais de intimidade⁷⁸ assentes na preferência por uma exogamia transversal, que permita a transposição de várias fronteiras relativamente convergentes: de classe, de “raça”, de nacionalidade e de âmbito etno-sexual. Nestes casos, manifestam-se sobretudo predilecções estéticas e/ou eróticas racializadas (v.g. o fascínio pela brancura do europeu), expectativas de aceder a uma maior democracia de género e o desejo de ascensão social. Considerando uma breve reflexão sobre estas questões desenvolvida por Fanon (1989 [1952]) na sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, dir-se-ia que elas desejam o europeu (o *branco*) para se sentirem mais *brancas*, ainda que tal, na perspectiva do próprio autor, deixe transparecer sentimentos de inferioridade que inviabilizarão um amor “inter-racial” autêntico.

Da parte dos turistas europeus também é consideravelmente significativa a preferência pela exogamia, mais circunscrita, neste caso, à expectativa de transpor fronteiras de género e sexualidade que, de um modo geral, identificam como os grandes obstáculos que se colocam aos relacionamentos com as mulheres dos seus respectivos países. Apesar de expressiva, esta preferência pela exogamia, de parte a parte, coexiste com discursos e práticas em que uma endogamia fundada na nacionalidade surge como a principal referência de construção da intimidade. Assim, muitas outras mulheres, geralmente devido aos estigmas que recaem sobre a transgressão das fronteiras etno-

⁷⁸ Nesta esfera mais privada e pessoal uso a expressão políticas de intimidade para fazer referência à gestão de espaços relacionais íntimos mediante recurso a opções, negociações e estratégias que interpelam fronteiras e dimensões sociais fortemente politizadas nos debates e confrontações ideológicas que têm lugar no espaço público. Ainda que nem sempre com este sentido específico, o conceito é usado por autores como Cline (1989), Jamieson (2000) e Hong (2012).

sexuais⁷⁹, optam por uma política relacional em que a categoria da nacionalidade assume uma posição de grande relevo na definição de parceiros sexuais e matrimoniais. Esta categoria é de igual modo relevante para alguns homens europeus, ainda que, neste caso, a sua articulação à categoria de género dê origem a um modelo de intimidade masculino em que se idealiza uma coexistência de endogamia e exogamia, sendo a primeira situada essencialmente no plano da conjugalidade e a segunda no da sexualidade. Ao incorporarem os estereótipos sobre a sexualidade da mulher brasileira, estes homens produzem de modo bastante evidente uma distinção binária da identidade feminina (directamente articulada com o eixo da nacionalidade), em que o ideal da boa esposa-mãe (a europeia), desejada para casar, é contrastado com a figura da mulher luxuriante (a brasileira), desejada para o sexo⁸⁰.

Nas diferentes orientações que conduzem a construção de cenários de intimidade entre Ponta Negra e a Europa, a nacionalidade tende a assumir o papel de categoria-pivô em torno da qual as demais se organizam e operam. Na visão dominante dos turistas europeus, por exemplo, é por referência à nacionalidade que se produz uma concepção racial uniforme e estereotipada, fortemente sexualizada, das brasileiras como mestiças ou mulatas (Piscitelli 2008). Da parte das mulheres e do seu entorno social, a menor relevância atribuída à “raça” na definição de parceiros preferenciais, quando comparada com a nacionalidade, deverá ser compreendida tendo em conta as especificidades das construções raciais no Brasil. Como destaca DaMatta (*in* Ribeiro e Sacramento 2009: 251), “no Brasil, ao contrário do que acontece em outros países – e eu penso aqui, sobretudo, nos Estados Unidos – não ficamos com uma classificação racial formalizada em preto e branco (ou talvez, mais precisamente, em preto *ou* branco)”. De igual modo, Fry (2005) chama a

⁷⁹ A estigmatização esbate-se significativamente nos poucos casos em que se inverte o binómio género-nacionalidade, ou seja, quando o homem é brasileiro e a mulher é estrangeira. Esta assimetria de valores configura um duplo padrão moral de raiz sexista. No seu trabalho sobre relacionamentos heterossexuais inter-raciais Tastsoglou (2002) constata também a existência de um duplo padrão moral (formado, neste caso, a partir do binómio género-“raça”), com base no qual o namoro ou casamento do homem fora da comunidade negra é socialmente tolerado, enquanto que o da mulher é alvo de inúmeros interditos e considerado uma traição à “raça”.

⁸⁰ Esta distinção faz parte da ideologia masculina hegemónica da feminilidade. Alicerça-se na fragmentação da díade sexo/emoção (Barker e Lowenstein 1996) e estabelece uma clara demarcação entre mulheres para o prazer sexual e mulheres para o afecto e a construção de relações sociais duradouras (Nencel 1994). Estas últimas só permanecerão a salvo dos estigmas que recaem sobre as primeiras enquanto os seus discursos e comportamentos estejam alinhados com os valores do sistema sexo-género que, por via da violência simbólica, fundam a dominação masculina (Bourdieu 1999). Trata-se, portanto, de um dispositivo ideológico de controlo da sexualidade feminina (Roberts 1996, Parent 2001, Silva 2003). No Brasil, segundo Da Matta (1997) e Goldenberg (1995), as representações sociais das mulheres oscilam entre dois grandes paradigmas de feminilidade: a “santa” (mãe, mulher doméstica e cuja sexualidade é alvo do controlo masculino) e a “puta” (mulher sexualizada, dissociada da maternidade e emancipada).

atenção para a ambiguidade, a imprevisibilidade e o carácter eminentemente contingencial das definições raciais no contexto brasileiro⁸¹.

A existência de delimitações raciais mais nítidas, rígidas e dicotómicas na América do Norte ajudará, certamente, a esclarecer o facto de a categoria “raça” surgir aí como o grande referencial quando está em causa a transposição de ordenamentos etno-sexuais, sendo utilizada como móbil quer de estratégias endogâmicas, quer exogâmicas (Russell *et al.* 1993, Porter e Bronzaft 1995, Tastsoglou 2002). No Brasil, esta sua capacidade operativa de classificação e definição de fronteiras sociais dilui-se significativamente, evidenciando uma grande volatilidade em função de várias outras categorias, como é caso paradigmático da classe (Fernandes 1978, Sansone 2004), com a qual mantém sempre, seja qual for o contexto, uma dialéctica de co-significação (Fanon 1989, 1979). Em configurações transnacionais, a nacionalidade junta-se a estas categorias e assume um papel estruturante na (re)definição dos seus respectivos sentidos e na sua articulação. Deste modo, no quadro estrutural de assimetrias hemisféricas (Norte/Sul) em que se situam o Brasil e a Europa⁸² e de um passado colonial e pós-colonial que lhes conferiu desiguais estatutos e identidades, é a nacionalidade que mobiliza, articula e condensa noções diferenciadas de género, “raça”, sexualidade e classe (Stoler 1995, McClintock 1995, Piscitelli 2007b, 2008, Pontes 2004). É ela que, evocando uma alteridade sistémica, sinaliza posições e desigualdades, e carrega simbolicamente as geografias. É ela, ainda, que suscita muitas das representações, aspirações e desejos subjacentes à constituição de paisagens transnacionais de intimidade.

⁸¹ O resultado é uma “cultura de mestiçagens” que gera mobilidades e dinamismo no corpo social (Filho 2001, 2011), sendo destacadas as suas virtudes (Bomfim 1993, Freyre 2006, DaMatta 1984, Ribeiro 1995, Risério 2007), ou, pelo contrário, relevado o seu lado mais negativo, enquanto mácula fundacional do país (Prado 1997, Abreu 1999), ou, ainda, reconhecida a sua faceta ideológica de projecto político de construção do mito da “democracia racial” e de tentativa de branqueamento de desigualdades e discriminações sociais (Fernandes 1964, DaMatta 1983, Hasenbalg 1995, Goldstein 1999, 2003, Veissière 2011). Actualmente, a nível político, a intenção parece ser a eliminação oficial das designações híbridas e a conseqüente instauração de uma bipolarização cromática, um pouco à semelhança dos EUA. Com o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), criado através do Decreto n.º 7.037, de 21 de Dezembro de 2009, o IBGE deverá “[...] considerar os mulatos, os pardos e os pretos como integrantes do contingente da população negra”. Esta medida de pendor racista tem vindo a ser alvo de forte contestação por parte dos movimentos sociais mestiços.

⁸² De acordo com Piscitelli (2008), estas assimetrias podem expressar-se em fronteiras etno-sexuais, sendo a subalternidade do Brasil culturalmente traduzida por via da conjugação de várias categorias de diferenciação. Na sua perspectiva, este processo constitui um dos aspectos mais determinantes na inserção das mulheres brasileiras nos mercados globais do trabalho, do sexo e do matrimónio.

3. Geografias desejadas

A mobilidade transnacional de pessoas para contextos que elas projectam como destinos desejados para aceder a certas experiências turísticas ou para construir determinados projectos migratórios (ou, simplesmente, para encontrar companheiro) inscreve-se em subjectividades fundadas cada vez mais em imagens e discursos que fluem no espaço mediático global. É este espaço que proporciona muitas das coordenadas que nos permitem, mesmo sem um conhecimento presencial, elaborar uma cartografia mental dos lugares no mundo, na qual lhes atribuímos valorações específicas e criamos sobre eles expectativas e desejos diferenciados. Estas coordenadas de construção identitária obedecem a uma determinada genealogia. No caso concreto do espaço transnacional Europa/Brasil, elas transportam consigo as marcas de um passado conjunto entre os dois lados do Atlântico e, muito antes da sua mediatização, já constavam de discursos religiosos, documentos oficiais, narrativas de viagem, manifestações literárias e etnografias. Daqui despontaram muitas das imagens que hoje sustentam, como sublinham Ribeiro e Sacramento (2009), formas de imaginação e desejo presentes nos fluxos turísticos masculinos da Europa para o Nordeste do Brasil. Mas também nos fluxos migratórios femininos em sentido inverso.

De forma a mostrar a dimensão relacional e transnacional, bem como a natureza política do processo de fabricação cultural destas imagens, impõe-se, desde logo, uma breve arqueologia das relações entre os dois lados do Atlântico que retroceda à época colonial. É aqui, sobretudo a partir do século XVIII, que podemos situar cronologicamente a génese de discursos estruturados em torno de categorias como “raça” e sexualidade, produzidos na Europa como (mais uma) forma de imposição do poder colonial. Partindo da concepção foulcaultiana da sexualidade enquanto ponto denso de transferência do poder, dotado de grande instrumentalidade, Stoler (1995) mostra-nos como o imperialismo das potências europeias dos séculos XVIII e XIX tem subjacente uma política da identidade (de colonização de mentes e de corpos), em que se destacam formas discursivas de produção da diferença alicerçadas em parâmetros morais de pureza racial e virtude sexual. No seu entender, os discursos sobre sexualidade que fluíam nos circuitos dos impérios coloniais, além de expressarem a distintividade das elites europeias, contribuíram decisivamente para a emergência de significativos eixos de alteridade e a constituição de profundas diferenciações identitárias entre colonizadores e colonizados:

[...] discourses of sexuality at once classified colonial subjects into distinct human kinds, while policing the domestic recesses of imperial rule. [...] Discourses of sexuality do more than define the distinctions of the bourgeois self; in identifying marginal members of the body politic, they have mapped the moral parameters of European Nations. [...] These discourses do more than prescribe suitable behavior, they locate how fundamentally bourgeois identity has been tied to notions of being “European” and being “white” and how sexual prescriptions served to secure and delineate the authentic, first-class citizens of the nation-state (Stoler 1995: 4, 8, 11).

Os nativos coloniais eram idealizados como uma espécie de antítese moral do que seria o perfil civilizacional europeu. Neste processo de construção essencializada da diferença por via de noções estereotipadas (Bhabha 1994), a sexualidade assumiu-se sempre como um eixo de referência central. Os discursos de censura moral dos hábitos sexuais das comunidades colonizadas contribuíram para tornar mais vincado, desde logo para a própria Europa, um amplo sistema de valores considerado marca de civilidade. Este eurocentrismo ganha forma através de um esquema relacional de significação (Fanon 1989) gerador de identidade(s) para os dois lados das formações imperiais: colónia e metrópole.

Os relatos de viajantes e, acima de tudo, de missionários forneceram, como nos mostram Ribeiro e Sacramento (2009), as primeiras grandes coordenadas para o processo de criação de uma identidade exótica dos territórios e comunidades que iam sendo subjugadas, representando uma forma de ordenamento simbólico e social dos impérios das grandes potências europeias. No caso concreto do Brasil, as descrições dos primeiros jesuítas que aí chegaram em meados do século XVI falam claramente de um Brasil sensual, carnal e cheio de pecados. Abordando os contactos iniciais com as comunidades indígenas e a questão do corpo na correspondência que os missionários da primeira evangelização enviaram para os seus superiores na Europa, Hoornaert (1993) deixa antever como nesses relatos se constroem imagens fortemente sexualizadas do Brasil: o padre Manoel da Nóbrega, líder da primeira missão da Companhia de Jesus, chegado ao Brasil em 1549, destaca como os “bestiais costumes” com que se depara acabam por corromper os portugueses, que, reiteradamente, afirmam a heresia de que ali o “vício da carne” não é pecado⁸³; o padre José de Anchieta fala de um povo dominado pelo “espírito da fornicção”, onde as mulheres andam nuas e não se negam aos homens, principalmente aos

⁸³ Numa carta de 1551, enviada ao rei D. João III, chama a sua atenção para a extraordinária disseminação de pecados sexuais na colónia: “[...] se contarem todas as casas d’esta terra, todas acharão de peccados mortaes, cheias de adultérios, fornicções, incestos e abominações” (*in* Anchieta 1886: 171). A sexualidade era mesmo uma das temáticas mais recorrentes na correspondência de Manoel da Nóbrega. Segundo Scalia (2010), das 46 cartas que dirigiu à Companhia de Jesus, metade incidem sobre aspectos da vida sexual das populações locais e dos colonos.

européus, com quem consideram uma honra dormir; o irmão António Blázquez fala de uma terra perdida em vícios que não terá igual em todo o mundo.

As especificidades culturais das comunidades indígenas na relação com o corpo e a sexualidade, a inevitável miscigenação sexual dos colonos portugueses⁸⁴ e a inexistência de espaços eróticos e sexuais verdadeiramente privados – o que facilitava um conhecimento público generalizado da vida íntima de cada um – constituem, de acordo com Vainfas (1988, 1997), os principais factores subjacentes à emergência da visão do Brasil como “trópico de todos os pecados”. A ideia cristã do pecado, apesar do trabalho doutrinário e da coerção das *visitações* inquisitórias, encontrou grandes resistências para se enraizar socialmente e foi sendo incorporada de forma muito própria pelas comunidades ameríndias e pelos colonos portugueses. As primeiras estavam desprovidas de uma cultura do pecado e da culpa associada à sexualidade. Os segundos, impregnados de um eurocentrismo racista e movidos pelo interesse erótico e material nas mulheres locais⁸⁵, tendiam a considerar como verdadeira ofensa a Deus apenas a transgressão sexual cometida com brancas (as europeias), não havendo lugar a pecado quando se tratava de indígenas ou negras (*idem* 1988). É neste jogo de forças entre as tentativas de imposição dos preceitos cristãos e, por outro lado, as práticas sexuais locais isentas de amarras morais e os desejos eróticos e ímpetos de povoamento do colonizador, que emerge uma cultura sexual marcada pela ambiguidade. No entender de Rennes (*in* Giraldi 2010: 31), “se hoje somos [nós, os brasileiros] contraditórios em relação às práticas sexuais – e somos, há sempre um diabinho de um lado que diz ‘faça’ e um anjinho do outro lado que diz ‘não faça’ –, isso deve-se à forma como se deu a construção da nossa cultura sexual”.

Após as descrições dos primeiros missionários, as representações sexualizadas e as ideias de licenciosidade sobre o Brasil, quase sempre associadas a determinados imaginários de “raça” e de celebração da mistura racial, vão emergindo como “mitos de origem” (Parker 1991: 7-29). Ganham forma e projecção em documentos oficiais do

⁸⁴ Para Freyre (2006), o facto de os fluxos migratórios de Portugal para a colónia, sobretudo num período mais inicial, integrarem praticamente só homens explica a inevitabilidade da miscigenação enquanto marco inaugural de fundação da nação. Procurando mostrar a sua generalização entre os colonizadores (responsáveis pela introdução da sífilis a partir da Europa), as comunidades ameríndias e, mais tarde, as populações africanas escravizadas, refere que o Brasil “[...] parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado” (*idem*: 110).

⁸⁵ Cabe aqui lembrar, novamente, as palavras de Freyre (2006: 399): “Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse económico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. [...] Dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse económico dos senhores, como esperar que a escravidão – fosse escravo mouro, negro, índio ou malaio – atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem moleques”.

império, em relatos históricos, em crônicas dos costumes, na historiografia das representações mentais, na literatura e em alguns trabalhos etnográficos. Procurando justificar a existência nos trópicos de manifestações eróticas e sexuais inimagináveis para o contexto europeu, van Barle (Barlaeus), no seu relato de 1647 sobre a presença holandesa em terras brasileiras, destaca que na Europa se crê que “não existe pecado a sul do equador”⁸⁶. [...] Como se a linha que divide o mundo em dois hemisférios também separasse a virtude do vício” (in Holanda 1990: 212). Na literatura, a luxúria tropical, irresistível para os homens vindos de uma Europa puritana, assume-se como elemento central das “ficções de fundação” (Sommer 2004) da identidade brasileira. Obras literárias como *Iracema*, publicada por José de Alencar em 1865 (Alencar 1997), ou *O Cortiço*, escrita por Aluísio Azevedo em 1890 (Azevedo 1997), são dois bons exemplos de “narrativas de miscigenação” em que a gênese da brasilidade é retratada como resultado da cedência erótica do europeu à volúpia feminina dos trópicos (Martins 2010). Nelas, pares amorosos luso-tropicais como Martim e Iracema, no romance de José de Alencar, e Jerônimo e Rita Baiana, no de Aluísio Azevedo, corporizam a carnalidade e a alteridade assimétrica racializada que estiveram na origem da fecundação híbrida do Brasil e da sua constituição, no imaginário e no quotidiano, como “terra de mestiçagens” (Filho 2011).

Passando da literatura para o campo da etnografia e do relato histórico encontramos semelhantes concepções em torno da constituição da identidade brasileira e da carga erótico-racial que ela encerra. Entre outros, bastará, certamente, ler as reflexões otimistas de Bonfim (1993), elogiando as virtudes da mestiçagem e criticando a ideia de superioridade das alegadas “raças puras”; as considerações de Prado (1997) sobre as obsessões da luxúria e da cobiça num Brasil que considera ser “terra de todos os vícios e de todos os crimes” (*idem*: 76); as descrições de Freyre (2006 [1933]) sobre os europeus rodeados de índias nuas mal desciam dos seus barcos e sobre o erotismo patriarcal desbragado nos engenhos açucareiros; a análise de Holanda (1990) a respeito do aventureirismo e da emotividade dos portugueses, bem como da sua predisposição para a miscigenação devido ao que considerava ser a ausência de um orgulho de raça. Tal como na literatura, também aqui se produzem discursos sobre a fundação do Brasil que ajudam a consolidar a ideia de nação e a sua identidade. Em praticamente todos eles, a mestiçagem e

⁸⁶ Desde então, este aforismo tem vindo a ser reproduzido amiúde na cultura brasileira. Um exemplo actual é a canção *Não existe pecado ao sul do equador*, escrita por Chico Buarque e popularizada pela voz de Ney Mato Grosso (1978). A sua letra remete para o paradoxo primordial (pecar onde não existe pecado) da sexualidade no Brasil: “Não existe pecado do lado de baixo do equador. Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor. Me deixa ser teu escaço, capacho, teu cacho; um riacho de amor. Quando é lição de esculacho, olha aí, sai de baixo, que eu sou professor”.

a expansividade sexual que ela implicou são identificadas e celebradas como expressões maiores do processo fundador, e a sua figura paradigmática (no feminino), a *mulata*, apresentada como um dos grandes ícones da brasilidade.

Num texto sugestivamente intitulado “Sobre a invenção da mulata”, Corrêa (1996) mostra como essa imagem de feminilidade, qualificada como “cheirosa”, “gostosa”, “bonita e graciosa”, “dengosa e sensual”, “desejável”, emerge nas letras brasileiras da primeira metade do século XX e, graças à comunicação social de massas, se incorpora no *corpus* identitário da nação: “[...] na prosa e na poesia, no universo do Carnaval (ou do samba), através do rádio, do teatro rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional” (*idem*: 39-40). Enquanto elemento da identidade nacional que evoca uma sensualidade desejável, ela constitui a principal referência de uma feminilidade brasileira sexualizada e “marcada pela ‘cor’” (Piscitelli 2007a: 18), à qual, paradoxalmente, nem sempre é reconhecido cabimento social. Neste sentido, Kempadoo (2004) destaca que, desde a escravatura, a mulata corporiza o símbolo da prostituta: “the sexually available, yet socially despised body; the eroticized Other; the trope of the exotic” (*idem*: 38). A sua situação social ambígua e liminal estará inscrita na própria etimologia do termo, que deriva de mula, um animal híbrido e sem capacidade reprodutora (DaMatta 1984: 39).

À semelhança do Caribe (Kempadoo 2004), do Sudeste asiático e Pacífico (Stoler 1995, Manderson e Jolly 1997) e da generalidade das áreas de colonização europeia, as imagens do Brasil no feminino, sensual e exótico, ainda que produzidas no quadro de manifestações culturais nacionais, têm a sua génese, como já se disse, nos discursos raciais de um “outro” fetiche, exótico e subordinado, produzidos pelas elites culturais da Europa a partir do século XVIII (Leclerc 1973, Said 2004, Stoler 1995, Bishop e Robinson 1998) e, mais tarde, nos EUA (Edwards 2001). Muitos dos conteúdos desta tradição discursiva de exotização, ou seja, de romantismo e atracção pela diferença racial, étnica ou cultural (Kempadoo 2004), ainda hoje são replicados na construção das representações do outro, como nos mostram Bishop e Robinson (1998) para o contexto do chamado turismo sexual na Tailândia. De igual modo, Almeida (2000b: 2), referindo-se ao caso concreto da lusofonia, que apelida de “*remake* neo-colonial sem colónias”, destaca a sua persistência no pós-colonialismo. As suas duas grandes funcionalidades seriam, no entender de Rousseau e Porter (1990: 6-7): “Labelling the anthropological Other as exotic legitimated treating the peoples of the ‘third world’ as fit to be despised [...] while concurrently also constituting them as projections of Western fantasies”.

Dois dos resultados mais evidentes desta colonização simbólica – projecção eurocêntrica dos desejos próprios no “outro” –, iniciada com a expansão europeia ultramarina, têm sido: (i) a instauração de uma colonização do ser e do saber que condicionou, e, em muitos casos, ainda condiciona, a formação de identidades e conhecimentos locais (Mignolo 2000)⁸⁷, (ii) a intensa sexualização, entrecruzada com certas concepções de “raça” e de género, de determinadas áreas geográficas – geralmente tropicais; os “porno-tropicais” do imaginário europeu de que fala McClintock (1995: 21-24) – e a sua emergência à escala global como “sítios de desejo” que as indústrias globais do sexo e do turismo têm transformado em “economias do prazer” (Mandersen e Jolly 1997). Embora a geografia destas expressões de exotismo tenda a circunscrever-se a regiões da periferia mundial, importa questionar as perspectivas de autores como Bem (2003) e Piscitelli (2005), que, de certa forma, deixam no ar a ideia de que a produção de imagens sexuais recai inevitavelmente sobre as mulheres dos países pobres. Como se as desigualdes económicas, por si só, constituíssem factor de sexualização; como se o Norte desenvolvido estivesse completamente livre de imagens equivalentes. Entre muitos outros casos, basta considerarmos a utilização da sexualidade como elemento central da identidade e da promoção turística de Amesterdão para perceber que não é assim.

As concepções que dão forma às identidades sexualizadas dos trópicos, construídas no quadro da história colonial e pós-colonial, foram extravasando os circuitos geográficos históricos, existentes entre ex-colónias e ex-metrópoles, e ganharam uma expressão verdadeiramente global na segunda metade do século passado, com a crescente transnacionalização das indústrias culturais, mercadorização da cultura e desenvolvimento tecnológico dos dispositivos de informação e comunicação. Se a isto somarmos, no caso do Brasil, certamente como em muitos outros, a preocupação do próprio Estado em “[...] vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional” (Machado 2009: 211), temos o essencial das

⁸⁷ A obra *Orientalismo* (Said 2004), que em algumas edições surge com um subtítulo revelador – *O Oriente Como Invenção do Ocidente* –, é das primeiras reflexões críticas a evidenciar como a Europa, sobretudo através da sua literatura, tem produzido imagens de exotismo sobre outras geografias que não passam de meras projecções idealizantes. O tropicalismo que envolve muitas das representações do Brasil e de outros contextos do antigo sistema imperial europeu é uma construção ideológica bastante equivalente, revelando de igual forma um nítido eurocentrismo como perspectiva de conhecimento (Quijano 2005). Poderemos retirar um exemplo concreto destas manifestações neocoloniais (ou de imperialismo cultural) do trabalho de Manderson (1997), que mostra como a Tailândia tem sido fantasiada eroticamente pela indústria cinematográfica ocidental, dando origem a uma certa formatação da sua identidade e à promoção da sua imagem turística como destino sexual. A desconstrução do orientalismo, do tropicalismo e de configurações simbólicas similares, implicará práticas emancipatórias (Santos 2003) de descolonização epistemológica, fundadas naquilo que Mignolo (2000) designa por “pensamento de fronteira”.

condições que propiciaram a internacionalização da brasilidade como sensualidade⁸⁸. Neste processo, alguns dos principais elementos iconográficos mobilizados para formar o discurso identitário do Brasil são: a mulata, a praia e o samba⁸⁹. A esta trilogia podemos ainda juntar o Carnaval, como uma espécie de síntese do que é ser brasileiro e expressão máxima do mundo como excesso de prazer(es) (DaMatta 1984, 1997, Parker 1991).

De forma recorrente, estas expressões de identidade foram utilizadas para situar simbolicamente o Brasil no plano internacional. O contexto do turismo é um exemplo paradigmático. Sob uma linguagem comercial, a mulata, a praia, o samba e o Carnaval foram os principais elementos utilizados para compor e promover uma imagem sexualizada do país no mercado turístico externo. Até à década de 90 do século transacto, a sua presença era constante nas campanhas publicitárias realizadas pela entidade federal que tutela o sector, a Empresa Brasileira de Turismo / Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur). Como conclui Alfonso (2006: 121), “por muitos anos, a Embratur e o restante do mercado turístico apropriaram-se da imagem da mulher brasileira como ‘sensual’, ‘carinhosa’, ‘morena’, entre outros atributos e epítetos, para fins de divulgação no material publicitário”. De igual forma, Bignami (2002: 115) refere a presença regular de “[...] fotos de bumbuns arrebitados, garotas usando tangas ou biquínis ‘asa delta’” nos folhetos utilizados pela Embratur para atrair os turistas estrangeiros. Só mais recentemente, devido à emergência de estereótipos estigmatizantes associados à mulher brasileira e aos pânicos morais suscitados pelo chamado turismo sexual, é que as imagens femininas de um Brasil sensual foram abolidas da simbologia da promoção turística. Sem elas, o cenário esvaziou-se de uma boa parte da sua carga erótica e de género, embora continuem lá muitos dos elementos que sustentam o imaginário do exotismo brasileiro (v.g. as praias, as palmeiras, o samba e o Carnaval). Todavia, não foi possível começar tudo de novo e reinventar um outro Brasil turístico. As imagens das *gostasas* mestiças já estavam formadas e em

⁸⁸ Os discursos dos europeus em Ponta Negra mostram claramente esta imagem do Brasil, expressando-a quase sempre através de uma metáfora térmica na qual o *calor*, o *quente*, além de designarem condições climáticas locais, qualificam o que para eles é a sexualidade brasileira.

⁸⁹ Estes elementos são permanentemente evocados na produção cultural brasileira, sobretudo naquele que é um dos seus produtos mais exportado, em especial para Portugal: a telenovela. Por exemplo, a figura da mulata com uma intensa carga sensual e sexual é bastante recorrente, nomeadamente nas telenovelas que resultam da adaptação de romances do escritor nordestino Jorge Amado, como é o caso de *Gabriela, Cravo e Canela*, escrito em 1958 e adaptado para televisão em 1960 e em 1975. Nesta última versão, a que fez mais sucesso, a personagem principal é uma sensual mestiça protagonizada por Sónia Braga. Também foi ela a dar a cara pela personagem na adaptação da história ao cinema, em 1983. “Gabriela” foi a primeira telenovela a ser difundida na televisão portuguesa, em 1977, e a que mais sucesso logrou, assumindo mesmo um papel importante no enraizamento da imagem da mulata como elemento central das construções de alteridade projectadas sobre o Brasil enquanto geografia fundamental da ideologia lusófona (Almeida 2000b: 2-3).

circulação como suposta insígnia da identidade nacional (Filho 1998), mesmo antes da criação da Embratur, em 1966. Elas já estavam a ser incorporadas na semiótica do turismo e a organizar o olhar do turista (Urry 1996).

A apropriação externa das representações que o Brasil difunde sobre si próprio acaba por gerar imaginários fortemente polarizados e ambivalentes (DaMatta 1996, Bignami 2002), daí resultando novos sentidos do que é ser brasileiro. Referindo-se em concreto aos fluxos globais de representações corporais femininas, Piscitelli (2007b) assinala que as imagens da brasilidade no exterior não convergem, inevitavelmente, com as que existem no Brasil e que, em muitos casos, foram mobilizadas na promoção internacional do país. Nestas últimas tende a destacar-se uma erotização cromática dos corpos, sendo a feminilidade associada à cor da pele que melhor reflecte o “mito das três raças”⁹⁰ enquanto ideologia de fundação da nação. A relevância erótica da cor parece dissipar-se nas imagens construídas sobre as mulheres brasileiras fora do Brasil, em particular nos contextos de acolhimento migratório: “No âmbito transnacional, elas tendem a ser erotizadas por meio de uma construção de nacionalidade atravessada por gênero que é racializada e sexualizada, mas não necessariamente associada às ‘cores’ de pele escura” (*idem*: 18). Quer isto dizer que a nacionalidade se impõe aqui como uma categoria que comporta uma equivalência simbólica estreita entre ser-se brasileira, mestiça e sensual, tendencialmente independente das características fenotípicas de mulheres em concreto.

Debatendo as representações mediáticas em Portugal sobre as mulheres brasileiras, Pontes (2004) destaca a existência de processos de essencialização identitária do Brasil, nos quais se mobilizam imagens etnicizadas que compactam categorias sociais como a nacionalidade, o gênero e a “raça”, conferindo-lhes, simultaneamente, um intenso conteúdo exótico e erótico. Constatações semelhantes acerca da representação social da brasilidade são apuradas em vários outros trabalhos realizados em países europeus que acolhem significativos fluxos migratórios femininos provenientes do Brasil, como é o caso de praticamente todos os que se situam na região mediterrânea (Padilla 2007, Piscitelli 2007a, 2007b, 2008, Roca 2007b, Ribeiro *et al.* 2007, Machado 2009, Raposo e Togni 2009). O resultado dos processos de exotização presentes nestes contextos são arranjos

⁹⁰ No Brasil, o “mito das três raças” constitui uma narrativa hegemónica que explica a formação do país e a sua especificidade cultural invocando um processo bio-social de triangulação étnica, por via do qual ter-se-á concretizado a mestiçagem das “raças” indígena, branca (os portugueses) e negra (as populações africanas escravizadas) (DaMatta 1983: 63). Ao apresentar a nação como uma amálgama tri-genealógica em relativo equilíbrio, este mito cumpre a função ideológica de suavizar as atrocidades coloniais e de legitimar culturalmente as profundas assimetrias existentes na sociedade brasileira. Representa, assim, uma expressão do “racismo à brasileira” (*idem*).

simbólicos em que a nacionalidade brasileira, a feminilidade e a morenidade (mais ideológica que fenotípica) surgem como as três faces indissociáveis de um estereótipo intensamente sexualizado. Compreender-se-á, assim, o intenso e exótico imaginário que a mulher brasileira suscita na Europa e que, em concreto, se traduz na elevada valorização da sua sensualidade, simpatia, alegria e afectuosidade no âmbito da prostituição, do mercado matrimonial, de determinados sectores laborais e da procura masculina do Brasil como destino turístico.

No debate público brasileiro há uma certa tendência para uma biologização racializada da preferência dos homens europeus por mulheres brasileiras. É bastante comum, por exemplo, a ideia de que eles apreciam um fenótipo feminino com a marca física da alteridade, que corresponderia à mulher de tez mais escura (Piscitelli 2007a), à imagem do perfil físico a que tantas vezes o próprio Brasil recorre(u) para se apresentar ao mundo. No entanto, o que transparece dos discursos desses mesmos europeus é uma valorização da mulher brasileira sustentada não tanto num estrito fascínio pelo exotismo epidérmico da cor, mas numa ampla atracção em que a sua nacionalidade surge como o elemento identitário que condensa e evoca alguns dos atributos femininos mais desejáveis, em especial os da esfera da sexualidade; não tanto os da conjugalidade. Em simultâneo, e dando forma a um esquema relacional-transnacional de representações masculinas da feminilidade, produzem alguns estereótipos sobre a mulher europeia nos quais a nacionalidade continua a ser uma categoria de referência. Todavia, aqui ela tende a ser mobilizada para localizar características erótico-sexuais femininas tidas como negativas, tal como se pode depreender de uma das expressões que mais se ouve dos homens europeus em Ponta Negra: *as europeias são frias*.

As suas imagens do Brasil como uma geografia exótica e *quente* geralmente encontram eco e convergência nas representações das próprias mulheres brasileiras, que, assim, vão compondo uma identidade performativa (Butler 2008). Esta tentativa de adequação às imagens e expectativas hegemónicas que sobre elas recaem faz lembrar o “jogo da centralidade” e a constante procura de representação da “identidade-para-o-mercado brasileira” de que fala Machado (2009: 78-87), a propósito da imigração brasileira no Porto. No jogo, quanto mais alinhadas as suas performances identitárias com o núcleo central das construções essencializadas em torno do que é ser brasileiro (v.g. hipersexualidade, mestiçagem), certamente mais genuína os outros e elas próprias consideram a sua identidade. Neste processo procuram ainda apropriar-se de elementos discursivos dos europeus sobre os respectivos países, nomeadamente de aspectos que

remetem para as relações de gênero e a sexualidade, de forma a melhor vincarem a sua brasilidade. É bastante comum em Ponta Negra as mulheres locais produzirem narrativas que são autênticos plágios ideológicos do que ouvem aos turistas europeus. Tal como estes, por exemplo, recorrem constantemente à dicotomia quente-frio para estabelecer uma oposição genérica entre o Brasil e a Europa e, mais em concreto, para diferenciar a sua alegada personalidade afectuosa e sexualidade ferosa face ao que julgam ser a frieza relacional e sexual da mulher europeia.

As noções estereotipadas que projectam sobre a Europa são, apesar de tudo, bastante difusas e monolíticas: não fazem distinções significativas entre os países⁹¹ e, não raro, consideram-na uma entidade unificada, como se de uma nação se tratasse. São também noções permeadas por valorações de certa forma ambíguas: por contraste com o Brasil, representem-na pela negativa como triplamente fria (no clima, nas relações sociais e na sexualidade) mas, em simultâneo, destacam como muito positivo o cavalheirismo romântico dos homens europeus e uma suposta civilidade ocidental que dizem não encontrar no seu país. Além do mais, a Europa tende a surgir aos seus olhos como uma espécie de “terra prometida”, na qual crêem poder encontrar oportunidades de trabalho e estilos de vida que a sua pátria dificilmente lhes proporcionará (Sacramento e Ribeiro 2009).

A preferência estética destas mulheres por homens com traços fenotípicos não associados à brasilidade, em especial a brancura da pele, simboliza muito mais do que aparenta, sendo profundamente sintomática do seu euro-fascínio. Constatação semelhante é feita por Piscitelli (2004a) para o contexto de Fortaleza, também no Nordeste brasileiro. Partindo da contestação de Hooks (1990) à ideia de que as manifestações de racialização deixariam de fora a categoria “branco”, ela mostra como a brancura, associada à beleza e articulada com a nacionalidade, constitui uma importante referência na apreciação de diferentes modelos de masculinidade por parte das jovens locais que se relacionam com turistas da Europa (Piscitelli 2004a). À semelhança da morenidade que os europeus associam ao Brasil, a brancura é formulada como uma projecção ideológica coligada à nacionalidade que congrega múltiplos elementos de significação e fixa identidades.

O que está presente em ambos os casos é um processo de racialização cuja génese remonta à época colonial (Fanon 1989) e se inscreve na construção eurocêntrica de

⁹¹ Geralmente, as excepções são países onde já estiveram ou nos quais têm pessoas conhecidas (parentes, amigos, namorados) e, acima de tudo, Portugal, em virtude da ligação histórica ao Brasil e da existência de uma longa tradição de fluxos migratórios e turísticos entre ambos que tem gerado um vasto conjunto de representações e estereótipos recíprocos.

estereótipos sobre o outro exótico e na produção de identidades imperiais diferenciadas (Bhabha 1994, McClintock 1995), expressando as assimetrias de poder entre os dois lados do Atlântico, ou seja, entre a metrópole e a colónia. O resultado, tal como já se disse, foi uma colonização identitária desta última com as fantasias e projecções geradas no Velho Continente e, por outro lado, a construção da imagem dos colonizadores como senhores dos atributos civilizacionais e, por isso, legitimados para submeter e doutrinar as populações dos novos territórios. Estavam, desta forma, lançadas as bases de muitas das imagens cruzadas que circulam no Atlântico. Actualmente, as ex-metrópoles parecem ainda manter fantasias do exótico (Hall 2007: 79-80) e evidenciar uma certa nostalgia colonial. Continuam, frequentemente, a atribuir identidades e papéis às antigas colónias e a si próprias, ressuscitando uma ideologia imperial que poderá ser entendida como uma forma simbólica de neocolonialismo. Basta olharmos para o caso da construção da lusofonia e do papel que Portugal aí procura reservar ao Brasil (Almeida 2000a, 2000b, 2002).

As desigualdades de poder globais e a posição subalterna do Brasil no cenário mundial, mais evidente no passado que na actualidade, traduziram-se, desde a colonização, na sua adesão aos referenciais simbólicos impostos pelo Ocidente (Europa e América do Norte). Como destaca Robins (1991: 25), “[...] o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização – a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações ‘estrangeiras’ têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental”⁹². À luz desta situação poderão compreender-se melhor os desejos, eventualmente até ilusões, que o modo de vida europeu desperta na maioria das mulheres de Ponta Negra, mesmo quando o Brasil está, ao que parece, num ciclo de afirmação no plano internacional. A forma como elas perspectivam a Europa, as significações que atribuem à brancura e as idealizações que produzem sobre determinados modelos de masculinidade e conjugalidade remetem para representações culturais historicamente produzidas num quadro relacional de forças assimétricas em que o Ocidente tem assumido uma posição hegemónica. Enquanto tal tem imposto ao resto do mundo uma imagem atractiva de si mesmo, apresentando-se como um contexto desejável para se viver, que suscita enorme cobiça, e à qual cada vez mais pessoas procuram aceder. Como justamente

⁹² Na construção de “identidades subalternas”, como Machado (2009) faz questão de ressaltar, a relação dos sujeitos com o universo simbólico ocidental é bastante complexa, apropriando-se dele de forma estratégica e criativa. O resultado deste processo não é, inevitavelmente, homogeneização cultural.

observa Hall (2007: 81), “o movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) tem correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro”.

É um pressuposto redutor, todavia, admitir uma dicotomia em que a Europa e o Brasil seriam os representantes, respectivamente, de um centro desenvolvido ambicionado para migrar e de uma “periferia do prazer” (Turner e Ash (1991) desejada para turismo. Os dados etnográficos, como veremos, permitirão complexificar esta leitura. Mostrar-nos-ão práticas sociais permeadas por construções de sentido em que a localização geográfica do que se considera centro e periferia pode ser subjectivamente alterada, invertida ou até mesmo compactada num mesmo contexto. Como tal, será possível constatar que a alegada periferia não é só procurada pelos europeus para fazer turismo, mas também para trabalhar; ao mesmo tempo que o susposto centro, ambicionado como destino migratório (para trabalhar e poder consumir), também pode ser desejado como geografia de lazer. É frequente, por exemplo, encontrar homens europeus ainda em idade activa que, insatisfeitos com as condições laborais e o estilo de vida nos seus respectivos países, emigraram e fixaram-se em Ponta Negra. Por outro lado, nota-se também a existência de um número bastante significativo de mulheres natalenses que vão à Europa apenas em lazer, geralmente no âmbito de relacionamentos com os turistas europeus que conheceram durante a sua estadia no Brasil. Importa, assim, escrutinar e matizar cuidadosamente a ideia de que o Brasil é para turismo e a Europa é para migrar. A expansão económica e o desenvolvimento que o primeiro vem registando nos últimos anos poderá tornar esta ideia ainda mais desfasada da realidade.

Os desejos que os actores sociais anexam a determinados contextos geográficos inscrevem-se cada vez mais numa ecologia sociomediática global – “mediascape”, como lhe chama Appadurai (1996) – que vem tornando possível uma contínua expansão dos horizontes e conteúdos das representações do eu e dos outros. Ainda que persistam significativas bolsas de info-exclusão resultantes da desigual “geometria do poder” da globalização (Massey 1994), os sistemas de informação e comunicação proporcionam recursos simbólicos que informam subjectividades e configuram mapas mentais sobre muito do que é estranho ao quotidiano das pessoas. Na actualidade, a internet parece estar a assumir-se como o contexto privilegiado para se expor e aceder aos discursos e às imagens sobre o mundo. O seu papel é bem evidente na (re)produção e circulação de

imagens estereotipadas do Brasil e da Europa, de que atrás se falava⁹³. Na esfera específica dos estereótipos que articulam a nacionalidade e a sexualidade, a sua relevância é de tal ordem que Piscitelli (2005) identifica o *cyberespaço* como o principal contexto de sexualização turística do Brasil e de ordenamento de paisagens sexuais internacionais. Atendendo ao seu efeito amplificador, admite mesmo que as imagens sobre as mulheres da América do Sul difundidas no espaço virtual poderão estar a desempenhar um papel relevante na alteração de circuitos turísticos internacionais e na crescente inserção do Nordeste brasileiro na geografia dos destinos com forte conotação sexual.

No eixo Natal-Europa, além de contexto incontornável na gênese, manutenção e expressão das relações de intimidade transnacionais, como veremos, a internet é, desde logo, a montante, duplamente decisiva na emergência de expectativas e desejos de parte a parte: (i) na construção do lugar turístico e na disseminação dos signos que organizam a imaginação em que se funda a predisposição dos homens europeus para a mobilidade transatlântica; (ii) na configuração de representações que dão forma à vontade de conhecer e/ou estar na Europa por parte das mulheres natalenses, a partir de informações dispersas e conselhos que recolhem em sites, blogues e fóruns de discussão (v.g. www.brasileirosnaeuropa.com, <http://brasileirosperdidos.com/blog/>, <http://verinha.blogg.de/>, <http://www.brasilnaitalia.net/>)⁹⁴, ou ainda através da comunicação que vão mantendo com compatriotas emigradas ou com cidadãos europeus via email, sistemas de conversação online (v.g. <http://batepapo.uol.br>) e redes sociais (v.g. *orkut* e *facebook*).

Em ambos os casos, o acesso físico a um determinado lugar é quase sempre precedido de um acesso a imagens que sobre ele vão sendo difundidas nos múltiplos circuitos do espaço digital.⁹⁵ No entender de Meyrowitz (2005: 24), “these images help to

⁹³ Veja-se, por exemplo, o trabalho de Silva (2005) sobre a construção da identidade brasileira fora do país, nos sites *Maria-Brazil* e *Brazzil*. Neste último, além de fóruns abertos aos internautas e de informações gerais sobre o turismo, a cultura e o quotidiano brasileiro, encontra-se ainda um conjunto bastante diversificado de anúncios. Na data em que consulto a página na internet (www.brazzil.com, acesso em 18/02/2011) destaca-se um enorme *top banner* com o título *Brazil Dating* e a imagem estereótipo da brasilidade: uma exótica mulata, de sorriso sensual e formas curvilíneas, deitada na praia sobre a barriga, com um pequeno biquíni. Este anúncio serve de *link* para um site de relacionamentos intitulado *LatinEuro – Ethnic Dating* (www.latineuro.com), onde se encontram centenas de anúncios de mulheres sul-americanas, sobretudo brasileiras, colombianas e dominicanas. São quase todas mestiças e a sua expressão corporal denota uma postura de sensualidade performativa. Entre as fotografias de mulheres brasileiras, por exemplo, é bastante frequente a posição de lado ou de costas para a câmara, realçando uma parte do corpo (os quadris e as nádegas) com uma forte valorização erótica na cultura brasileira (Parker 1991, Priore 2000).

⁹⁴ Em regra, são sites brasileiros ou administrados por cidadãos nacionais que se encontram no exterior.

⁹⁵ É caso para lembrar um facto cada vez mais óbvio: as culturas circulam (Rojek e Urry 1997). O aumento das deslocações internacionais de pessoas e bens e, acima de tudo, as inovações tecnológicas nos domínios da informação e da comunicação têm sido os grandes factores responsáveis pela intensificação dos fluxos culturais à escala global.

shape the imagined elsewhere from which each person's somewhere is conceived”, pelo que, como ele próprio refere, as tecnologias mediáticas funcionam como “sistemas globais de posicionamento mental”. Desempenham um papel de intermediação das percepções, expectativas e conhecimentos que formulamos do mundo e do nosso lugar, dos outros e de nós próprios (Lemos 2009). É neste sentido que Almeida (2006: 144) se refere ao

[...] papel crucial da mídia electrónica na condição de fornecedora dos meios para o *self-imagining* como um projecto social quotidiano, em que a imaginação extrapola os espaços expressivos da arte, do mito e do ritual. A imaginação, portanto, passa a não mais estar circunscrita a campos regionalizados de legitimação, como os da expressividade, passando a fazer parte de um projecto social quotidiano, incorporando-se ao exercício mental das pessoas comuns.

Pode deprender-se, assim, a actualidade da ideia de “imaginação global”, utilizada por Appadurai (1996) para se referir a formas subjectivas de imaginação do eu e do mundo que deixam de ser atributos reservados a visionários e carismáticos, e tornam-se práticas que integram a vida quotidiana da generalidade das pessoas, permitindo a qualquer um olhar para si e para as coisas como se pudessem ser outra coisa (Greene 1995). Elas são permanentemente exortadas por intensos fluxos mediáticos que irradiam concepções múltiplas e alternativas sobre a realidade e possibilitam contactos com o mundo sem sair de casa. Neste processo (re)formulam-se identidades, constituem-se guiões de vidas possíveis e, desse modo, ganham forma disposições subjectivas para a imaginação, a volição e a agência. São estas disposições que impulsionam as representações do Brasil e da Europa e estimulam diferentes desejos recíprocos, conduzindo a mobilidades e a espaços sociais de intimidade entre as duas margens do Atlântico.

4. A intimidade como projecto reflexivo

Os exercícios subjectivos de imaginação e mapeamento de lugares desejados inscrevem-se num contexto de crescente centralidade da experiência mediática na composição do “mundo fenoménico” de cada um (Giddens 2002: 174). A mediação da subjectividade pelo mercado global de imagens e comunicações contribui para o deslocamento e dispersão dos processos e recursos de construção identitária por múltiplos sistemas culturais. No entender de Canclini (1996), os elementos simbólicos de definição do eu, em especial nas novas gerações, remetem mais para uma iconografia global – associada a Hollywood, por exemplo – e não tanto para os símbolos da pátria, da sua

história e herança cultural. Como ele próprio diz, “a identidade passa a ser concebida como o foco de um repertório fragmentado de mini-papéis mais do que como núcleo de uma hipotética interioridade contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos em declínio” (*idem*: 39). Conquanto não tenha a certeza se é ajustado falar-se em declínio – talvez seja preferível reconfiguração – daqueles enquadramentos sociais, reconheço que o actual sistema-mundo proporciona manifestações identitárias consideravelmente flexíveis, voláteis e sujeitas a transformações constantes. Como é destacado por Hall (2007: 13): “[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

O resultado é a crescente “individualização” (Beck e Beck-Gernsheim 2002), ou seja, uma maior referencialidade interna e electividade, que tornam possível uma “biografia reflexiva” (Giddens 2002) ou “auto-reflexividade” (Lash (2001), em que o sujeito passa a dispor de maior autonomia na definição do estilo e trajecto da sua vida, da sua identidade, redes de interacção e expectativas⁹⁶. Embora actuando sempre dentro de um determinado contexto de maiores ou menores constrangimentos e de um leque mais ou menos vasto de opções e de possibilidades, ele não está necessariamente sujeito às imposições normativas, às certezas e ao controlo dos modelos tradicionais. Aliás, muitas das suas relações sociais desencaixam significativamente das particularidades locais e articulam-se ao longo de diferentes intervalos de espaço e tempo (Giddens 2002: 17-38), situação bem evidente nos relacionamentos transnacionais. A biografia passa, então, a ser organizada também num registo eminentemente reflexivo, por referência a quadros culturais amplos, abertos e fragmentados.

Neste processo de construção reflexiva do *self* assiste-se a uma maior vinculação dos sujeitos a “sistemas referenciais internos” compostos pelas suas próprias experiências individuais, sendo os percursos biográficos definidos a partir de “[...] uma interrogação

⁹⁶ A individualização é particularmente notória na modernidade ocidental, tendo começado a acentuar-se com as condições proporcionadas pelo Estado de bem-estar social na sociedade industrial avançada, a partir da década de 1970 (Beck 2001: 28-29). Importa ter em consideração que corresponde a mudanças sociais lentas e cumulativas que não ocorreram de forma generalizada, como de resto advertem Beck e Beck-Gernsheim (2004: 9): “In fact they are the outcome of long-term developments which start earlier in some places and later in others, so that a description of them seems like news from a strange far-off country to some, and to others a quite familiar account of their everyday lives”. Para uma compreensão mais contextualizada e aprofundada da individualização e da reflexividade biográfica no quadro mais geral das dinâmicas estruturais de “modernização reflexiva”, vejam-se, entre outros, Beck, Giddens e Lash (2001). Sobre a especificidade dos processos de modernização e reflexividade no contexto brasileiro, veja-se Domingues (1998).

mais ou menos contínua sobre o passado, o presente e o futuro”; num cenário marcado pela “[...] profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda, programas de televisão e artigos de revista” (Giddens 2001: 22). Ao não estar rigidamente constringido pelos guiões da tradição, o *self* ganha capacidade electiva e torna-se mais individualizado. Esta individualização e reflexividade não significam, todavia, uma manifestação absoluta de liberdade individual, pois o planeamento biográfico está sujeito a múltiplos imperativos, nomeadamente aos imperativos do mercado de trabalho, como ressaltam Beck e Beck-Gernsheim (2004: 6): “it is in fact *labour market freedom*, which implies that everyone is free to conform to certain pressures and adapt to the requirements of the job market”.

A individualização associada à lógica de funcionamento do mercado de trabalho manifesta-se de forma transversal em todos os domínios da vida. Desde logo, nas esferas mais íntimas e pessoais, configurando transformações nas relações de género, nos modelos de convivência, nas estruturas familiares e no conceito de amor, que, no entender de Roca (2007a), importa considerar para se compreenderem os mecanismos e as formas de agência subjacentes à formação de casais transnacionais.⁹⁷ Aliás, a intimidade é um contexto central de expressão do projecto individualizante e reflexivo do *self* na modernidade tardia. Como se pode constatar no trabalho de Giddens (2001), as transformações que aí ocorrem são significativas: (i) as identidades e assimetrias de género tradicionais esbatem-se e, desse modo, criam-se condições favoráveis para a efectiva democratização da vida privada; (ii) as vivências amorosas tornam-se mais complexas e instáveis; a sexualidade menos rígida e mais orientada para a concretização das aspirações eróticas individuais; (iii) a conjugalidade matrimonial, embora alvo de fortes expectativas românticas, deixa de ser sinónimo de união eterna, passa a conviver com o seu reverso da medalha (o divórcio) e a coexistir com outras formas de organização da intimidade; (iv) o modelo normativo da família nuclear é abalado e surgem novos arranjos familiares. Vejamos de seguida, com maior detalhe, estas transformações, tendo sempre presente que elas poderão contribuir, sobretudo no Ocidente, para uma “exogamia transnacional” na procura de sexo, romance e matrimónio.

As mudanças na esfera da intimidade atrás identificadas começam a ganhar forma nas sociedades mais industrializadas, sensivelmente a partir de meados do século XX, numa conjuntura marcada por determinadas condições sócio-económicas e políticas que

⁹⁷ É justo destacar que devo, sobretudo, a Roca (2007a) a minha particular atenção para a necessidade de considerar de forma mais sistemática estas transformações no enquadramento dos processos de transnacionalização da intimidade.

impulsionaram a emancipação feminina: a promoção da igualdade de direitos entre os géneros, que teve na Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, um dos seus maiores impulsos iniciais; a expansão e consolidação do movimento feminista na segunda metade do século passado, reivindicando a paridade das mulheres face aos homens em todas as esferas da vida quotidiana e questionando os valores de género tradicionais; o acesso alargado das mulheres ao sistema de ensino e a sua progressiva incorporação no mercado laboral de um sistema capitalista em forte crescimento; a difusão da pílula anticoncepcional e a revolução sexual da década de 1960, resultando num extraordinário ganho de autonomia feminina em termos de sexualidade e de reprodução biológica, com reflexos óbvios na disponibilidade para a construção de uma carreira profissional e para a participação mais activa na esfera pública (Singly 1996, 2004, Bourdieu 1999, Freedman 2002, Rossi 2003a, Alcañiz 2004, Thistle 2006).

Num primeiro momento, estes factores de mudança emergiram nos países ocidentais mais desenvolvidos e só depois, por volta da década de 1970, começaram a manifestar-se nos países europeus da região mediterrânea (Ferreira 1999, Torres 2003, Alberdi 2003, Sarogni 2004, Roca 2007a) e, mais lentamente, em países como o Brasil (Vaitsman 1994, Goldenberg 2000b, Muraro e Puppini 2001, Priore 2004). Com eles, a dicotomia hierárquica de concepções e de papéis masculinos e femininos subjacente ao sistema de género tradicional tem vindo a tornar-se mais flexível e esbatida. Muitos dos espaços sociais de construção da masculinidade e da feminilidade e mesmo alguns dos valores que lhes são inerentes tendem agora a sobrepôr-se, deixando de estar estrita e exclusivamente associados a homens ou a mulheres. Uns e outras podem agora mais facilmente construir o seu próprio trajecto biográfico com relativa autonomia face às tradicionais determinações de género. A identidade feminina já não se circunscreve apenas à esfera doméstica e às responsabilidades de mãe e dona de casa, como era usual no passado. A identidade masculina é produzida em múltiplos contextos e a partir de uma ampla diversidade de discursos do que é ser homem, não estando agora tão estritamente centrada nas esferas do trabalho e da (hetero)sexualidade, nem tão dependente da afirmação viril de potência económica, física e sexual. Hoje, mulheres e homens podem mais facilmente libertar-se dos modelos estereotipados e dos imperativos categóricos associados à feminilidade e à masculinidade (Araújo 2005: 48) e, assim, expressarem as suas identidades para lá de distinções de género totalitárias e sectárias.

Com a emancipação das mulheres têm vindo a redefinir-se não só as identidades femininas, como também as masculinas, embora a redefinição destas últimas esteja sujeita

a uma maior resistência por parte dos próprios homens. Atendendo a que as identidades de género são, como qualquer outras, eminentemente relativas e relacionais, seria impossível as mudanças ficarem circunscritas apenas ao lado feminino. Como destaca Badinter (1996: 24): “[...] a masculinidade, qualidade do homem, é ao mesmo tempo relativa e reactiva. E é-o tanto quanto, sempre que a feminilidade muda – geralmente quando as mulheres querem redefinir a sua identidade –, a masculinidade se desestabiliza”. Contudo, seria redutor apresentar a emancipação feminina como o quadro determinante das metamorfoses da masculinidade. Aliás, há mesmo quem inverta os termos da relação e veja nas crises identitárias masculinas desencadeadas pelo individualismo moderno do século XIX uma condição propiciatória da emancipação das mulheres (Nolasco 2001: 14). O que tem vindo a acontecer de parte a parte deverá ser compreendido no quadro de amplas e complexas transformações estruturais, como é o caso daquelas que, directa ou indirectamente, foram induzidas pela instauração e desenvolvimento do sistema capitalista no mundo ocidental. Com ele esvai-se progressivamente a hegemonia do velho regime patriarcal, assente numa organização sexista do trabalho no quadro da vida familiar em que o homem era o senhor da casa (Tolson 1983: 47-53). Contribui, assim, para a crise da masculinidade (Nolasco 1995) e para o seu provável fim enquanto ideologia:

A capacidade dos homens para manterem uma ideologia pública coerente sobre o que abarca o conceito de masculinidade está constantemente a ser posta em causa pelo progresso material da modernidade. [...] estamos a viver o período final, ou pelo menos o início do período final, da crença na masculinidade como identidade de género específica dos homens, responsável pelo seu domínio privilegiado do poder, dos recursos e do estatuto (MacInnes 2002: 98).

Neste processo, os preceitos ideológicos dominantes mais tradicionais do que é ser homem – “masculinidade hegemónica” (Seidler 1994, Connell 1995, Almeida 1995, Connell e Messerschmidt 2005) – são questionados, relativizados e, frequentemente, abandonados em detrimento de outros⁹⁸. Começa, então, a ganhar forma uma

⁹⁸ Enquanto construção social ou ideologia, a masculinidade está sujeita a um grande relativismo histórico (Laqueur 1990) e cultural (Gilmore 1994), pelo que talvez seja mais adequado falar-se no plural, em masculinidades ou em variantes de masculinidade. Tal como é salientado por Cornwall e Lindisfarne (2005a: 12), “masculinity has multiple and ambiguous meanings which alter according to context and over time”. Mesmo no âmbito específico de um determinado contexto social pode vislumbrar-se a existência de diversos padrões de masculinidade, em função de diferentes arranjos das suas múltiplas dimensões (v.g. actividade profissional, sexualidade, actividades de lazer). Tolson (1983), por exemplo, mostra-nos a variabilidade dos padrões de masculinidade segundo a pertença de classe. Mas o relativismo da masculinidade manifesta-se não apenas entre diferentes grupos sociais ou indivíduos, como também ao longo da vida de cada um em particular. Dentre as suas variantes há geralmente uma que, numa determinada sociedade e numa época específica, se assume como a mais valorizada e desejada, constituindo a pauta de referência face à qual se posicionam as demais variantes. A primeira é designada por “masculinidade hegemónica” (Connell 1995) ou “masculinidade privilegiada” (Carrigan, Connell e

masculinidade que já não se resume a uma forma específica de ser ou de actuar, e flui com relativa liberdade entre as muitas possibilidades de se concretizar, ampliando as suas próprias fronteiras por via da incorporação de novos elementos, alguns dos quais ainda denominados de femininos (Paniagua 2000). Poder-se-á dizer que estamos a assistir ao “desmapeamento” – não necessariamente à crise – da masculinidade (Goldenberg 2000a), de que resulta a emergência de padrões identitários reflexivos, como expressão da individualização de que falava atrás e de estilos de vida marcados por uma maior capacidade electiva individual. O resultado é a crescente alforria face à tirania ideológica dos valores machistas e o advento de uma grande diversidade de possíveis trajectórias e formas de manifestação da identidade masculina. Muitas delas seguem um “movimento de abandono da couraça” (Paniagua 2000), no sentido do reconhecimento de vulnerabilidades e da reconciliação com os afectos e vários outros conteúdos identitários até então reprimidos por serem considerados femininos (Badinter 1996).

Neste processo o homem deixa de estar completamente refém das expectativas ideais e inalcançáveis em torno do poder e domínio que devem caracterizar a sua identidade. Começa a libertar-se de uma situação paradoxal em que é dominado pelos mesmos valores que suportam a sua dominação – “paradoxo da masculinidade”, segundo Bourdieu (1999) – e a aceitar e expressar dimensões subjectivas geralmente reprimidas pelo facto de serem consideradas uma ameaça à afirmação da virilidade. O seu regime emocional passa então a conviver melhor com a manifestação de sentimentos e, com isso, a interacção afectiva ganha fluência e assume uma importância central na construção das relações de intimidade. A valorização masculina da afectividade é bastante notória, como veremos, nos relacionamentos transnacionais em Ponta Negra, desafiando visões simplistas e de cunho ideológico que tendem a sobrevalorizar a sua dimensão mais estritamente sexual e a considerá-los como expressão paradigmática dos valores machistas e da subordinação feminina.

As transformações no sistema de género que têm vindo a ser discutidas deverão ser encaradas como parte de um processo mais amplo de individualização que permeia a organização social dos afectos e da intimidade, a conjugalidade e as estruturas familiares (Singly 1996, Budgeon e Roseneil 2004). O “normal caos do amor” de que nos falam Beck

Lee 1985), enquanto que as segundas são identificadas como “masculinidades subordinadas” (Connell 1995). A “masculinidade hegemónica” congrega mandamentos ideais do que é ser homem, que quase todos conhecem e visam respeitar, embora não sejam necessariamente seguidos e reproduzidos pelos comportamentos de homens em concreto (Almeida 1995: 242). Esses mandamentos mantêm-se apenas conjunturalmente numa posição dominante, podendo vir a perder a sua hegemonia para um outro padrão de masculinidade que antes se encontrava numa posição subordinada.

e Beck-Gernsheim (2004) parece ser o resultado deste processo: “the nuclear family, built around gender status, is falling apart on the issues of emancipation and equal rights, which no longer conveniently come to a halt outside our private lives. The result is the quite normal chaos called love” (*idem*: 1-2). As relações afectivas têm vindo a libertar-se da ordem e da estabilidade alegadamente proporcionadas pelo matrimónio e por um modelo de família nuclear baseado em profundas assimetrias de género. Isto acontece com particular visibilidade nos países mais desenvolvidos, mas também em países como o Brasil, sobretudo nas suas camadas médias urbanas, geralmente associadas a processos de destradicionalização (Velho 1983, Goldenberg 2000b, Vaitsman 1994, 2001, Priore 2004).

Num contexto em que homens e mulheres procuram conciliar amor, casamento, família e carreira, em que aquelas últimas não dependem da economia masculina, em que os desejos individuais muitas vezes colidem com as exigências conjugais e familiares, o modelo hegemónico da intimidade baseada numa união matrimonial sacralizada e perpétua, dissolúvel apenas na morte dos cônjuges (*até que a morte nos separe*), perde a sua aura de instituição universal, natural e inabalável. Sofre mudanças bastante significativas, passa a assemelhar-se mais a um contrato passível de diluição e a co-existir com várias outras formas de convivência e de conjugalidade (Torres 2002, Aboim 2004). Os ordenamentos amorosos tornam-se, então, mais incertos, voláteis, complexos e, aparentemente, caóticos. A sua construção parece assentar num dos grandes dilemas do “eu pós-moderno” – unificação *versus* fragmentação (Giddens 2002) –, representando a tentativa de conciliar aspirações paradoxais: paixão e independência, o amor que une com a liberdade que separa (Bruckner 2010); ou, como destaca Roca (2007a: 444), “[...] el deseo de fusión, con la consiguiente aspiración al amor eterno, indivisible, libre de mentiras, y el deseo de individualización, con el consiguiente amor “con derecho de devolución”, [...] consistente en su abandono cuando ya no se dan las imprescindibles dosis de pasión ni comunicación”. Nesta “nova ordem sentimental”, a intimidade tem por base disposições volitivas dificilmente conciliáveis, sendo construída através da constante tensão e negociação entre a autonomia e o compromisso (Bawin-Legros 2004), entre a fusão e a fissão (Chaumier 2004a, 2004b).

O crescimento do número de pessoas sós e, acima de tudo, o aumento dos divórcios e a diminuição dos casamentos nas últimas décadas – situações particularmente notórias na grande maioria dos países europeus – são alguns dos principais sinais das tensões que estão a transformar a organização da intimidade. Sobre a crescente recorrência da “vida a solo” como projecto de vida subversivo, porque fora da matriz familista,

Kaufmann (2000: 22) diz tratar-se de uma manifestação clara “[...] do movimento, difuso e multiforme, da centração do indivíduo sobre si mesmo”. Provavelmente poderá ser entendida como uma manifestação paradigmática do desejo contemporâneo de individualização ou, pelo menos, atendendo a que geralmente não implica fuga a relacionamentos passionais, a expressão do desejo de manter uma certa equidistância entre a liberdade individual e a união com o outro. As dificuldades em conjugar carreira e vida familiar e a procura narcísica de preservação da individualidade face aos constrangimentos da vida em conjunto parecem afastar ou fazer divergir muitas pessoas, designadamente as mulheres com maior capital escolar (Kaufmann 2000, Pastor 2008), de compromissos tão categóricos como o matrimónio, ao mesmo tempo que é reforçada a sua orientação para o mercado de trabalho (Thistle 2006). Por outro lado, criam condições para a emergência de biografias centrífugas e de antagonismos na esfera privada que tornam inevitável a separação de muitas outras pessoas que, entretanto, assumiram esse compromisso. De acordo com as *Estatísticas do Casamento e Divórcio* do Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostat 2011), nas últimas quatro décadas a proporção relativa de divórcios e casamentos na União Europeia (UE) sofreu uma alteração profunda: de aproximadamente um divórcio por cada 15 casamentos em 1970 para quase um divórcio por cada dois casamentos em 2009.⁹⁹ Enquanto desfecho das clivagens que se produzem na intimidade, as rupturas conjugais têm sido impulsionadas por um conjunto de circunstâncias, em que se destacam: (i) a crescente aceitação social da interrupção dos laços matrimoniais; (ii) a emancipação feminina e a sua maior autonomia financeira; (iii) as reformas jurídicas que conduziram à legalização do divórcio e, já mais recentemente, à possibilidade de se concretizar de modo unilateral e sem a necessidade de serem apresentadas razões objectivas para a respectiva solicitação, agilizando-se o processo e reduzindo os

⁹⁹ É interessante constatar que a Itália, principal país de proveniência dos turistas estrangeiros em Ponta Negra, é dos Estados-membros da UE com o menor número de divórcios por cada 1.000 habitantes – taxa bruta de divórcio – (0.9‰), manifestamente baixa quando comparada com a de outros países europeus com uma presença relevante de cidadãos no mesmo contexto turístico, como Portugal (2.5‰), a Espanha (2.1‰), a Noruega (2.1‰), a Suécia (2.4‰) e a Holanda (1.9‰) (Eurostat 2011). No que diz respeito à taxa bruta de matrimónios, a Itália apresenta também valores relativamente baixos (4.0‰), em linha com Portugal (3.8‰) e a Espanha (3.8‰) e aquém da Noruega (5.0‰), da Suécia (5.1‰) e da Holanda (4.4‰) (Eurostat 2011). Sobre as mudanças nas estruturas familiares e as transformações sociais que nos permitem compreender a evolução do casamento e do divórcio na Europa ver, entre outros, Torres (1999), Rosa (2002), Saraceno e Naldini (2003) Rossi (2003a), Aboim (2004), Crompton, Lewis e Lyonette (2007), AAVV (2007). No Brasil, apesar da tendência de subida das taxas de nupcialidade na última década, a relação entre casamentos e divórcios, um pouco à semelhança da Europa e dos EUA, tem vindo a alterar-se de forma bastante vincada, passando de aproximadamente um divórcio por cada 30 casamentos, em 1984, para um por cada cinco em 2008 (Ramalho, Lazo e Guimarães 2010).

respectivos custos¹⁰⁰; (iv) os efeitos da individualização biográfica, em particular a escassa transigência individual para manter relações que não proporcionem retornos relevantes e não correspondam às expectativas quase-mitológicas da grande narrativa amorosa que continuam, paradoxalmente, a ser bastante altas (Beck e Beck-Gernsheim 2004).

As incertezas, instabilidades e rupturas que vêm moldando as relações íntimas expressam, de certa forma, a tendência de fragmentação e individualização das experiências, incluindo-se aqui as experiências passionais, que têm pautado a constituição reflexiva do *self* na modernidade tardia (Giddens 2002). O *affair* é, no entender de Illouz (1999: 175-177), o formato relacional (afectivo e sexual) que melhor ilustra esta tendência. É efêmero, episódico, está em renovação constante, tem subjacente um espírito consumista de procura permanente de novas experiências e sensações, resulta de escolhas individuais e não impõe grandes deveres ou obrigações (v.g. fidelidade)¹⁰¹. Cada uma das partes participa na aventura amorosa enquanto assim o entender e, em simultâneo ou de forma diferida, com ou sem conhecimento do parceiro, pode envolver-se em múltiplos relacionamentos, que, de um modo geral, se constituem como episódios independentes. Nos discursos populares abundam as expressões para designar a experiência passional mais ou menos esporádica e transitória: *caso*, *escapadela*, *curte*, em Portugal; *rollo*, *lío*, *amorío*, em Espanha; *avventurella*, *avere una storia*, *tresca* e *filarino* em Itália. No Brasil, sobretudo no contexto de produção de sociabilidades e identidades de jovens e jovens-adultos, são bastante significativos os relacionamentos casuísticos e descomprometidos, mais conhecidos por *ficar* – encontros fugazes que têm no beijo o principal elemento de interação – e *ficando* – relação mais prolongada, embora desengajada, livre de compromissos relevantes e não sujeita a exclusividade (Almeida 2006). Esta tendência de pulverização relacional é reveladora de uma certa fragilidade dos laços sociais e da fluidez do amor na “modernidade líquida” (Bauman 2000, 2008), assinalando, como diria

¹⁰⁰ O reconhecimento legal do divórcio foi sendo adoptada pelos países europeus em momentos diferentes e mediante a implementação de disposições jurídicas nem sempre coincidentes. Em Itália, a legalização do divórcio data de 1970, em Portugal de 1975 e em Espanha de 1981. Para uma visão das principais mudanças jurídicas que, nas últimas quatro décadas, agilizaram o processo de divórcio na Europa, veja-se González e Viitanen (2009). No entender das autoras, as alterações ao quadro legal que regula a ruptura do contrato matrimonial têm tido um impacto bastante rápido e relevante no aumento dos divórcios na generalidade dos países europeus. Segundo a sua estimativa, as mudanças que conduziram ao reconhecimento do divórcio unilateral e isento da apresentação de factos a fundamentar o respectivo requerimento têm contribuído para aumentar a respectiva taxa em cerca de 0.6%. Trata-se de um aumento muito significativo se considerarmos que em 2009 a taxa bruta de divórcios na UE se situava em 2.1% (Eurostat 2011).

¹⁰¹ O consumo de massas no capitalismo tardio é, frequentemente, apontado como responsável pela “pornograficação da cultura”, associada à democratização do desejo, a atitudes sexuais mais liberais e a uma maior aceitação dos relacionamentos passageiros (McNair 2002, Brents 2007).

Chaumier (2004a, 2004b), a progressiva transição da fusão romântica para o desejo de independência, do “amor fusional” para o “amor fissional”. As relações amorosas vão perdendo os seus atributos de exclusividade e de perenidade. Constituem-se de modo mais contingencial e difuso, fluindo sem grandes obstáculos ou formalismos ao sabor de desejos aparentemente contraditórios de autonomia e de comunhão com o outro. À semelhança do que se consome, as relações tornam-se mais facilmente descartáveis (e, porventura, recicláveis)¹⁰², as pessoas apaixonam-se e desapaixonam-se em série e o amor torna-se um produto com validade, uma hipoteca que tem pela frente um futuro repleto de incertezas (Bauman 2008).

A fragmentação e liquidificação da vida passional é para Giddens (2001: 41) um sinal de que o “amor romântico”, sublime, único, exclusivo e perene, está a perder algum terreno para o “amor confluyente”, activo e contingente, o que, no seu entender, explicaria a sociedade contemporânea de “separação e divórcio”. Com o “amor confluyente”, os laços afectivos deixam de estar intrinsecamente associados à monogamia e à heteronormatividade, a intimidade ganha profundidade democrática e a sexualidade assume uma maior relevância no êxito ou no fracasso das relações, podendo ditar a sua manutenção ou, pelo contrário, a sua ruptura. Livre dos imperativos associados à aliança, à reprodução e à família, ela é gerida de modo flexível e criativo pelos parceiros em função das suas próprias aspirações eróticas. Esta “sexualidade plástica” (Giddens 2001)¹⁰³ é uma condição essencial da “relação pura”: “relação social que é internamente referida, isto é, depende fundamentalmente de satisfação ou recompensas genéricas dessa própria relação” (Giddens 2002: 223) e, por isso, essencial na definição do projecto reflexivo do eu. O desejo sexual, como notam Rival, Slater e Miller (1999: 295) “[...] constitutes the foundational core of self-identity”.

¹⁰² O exemplo paradigmático desta situação são as “relações de bolso”: relações disponíveis, em reserva, a que, instantaneamente e de forma mais ou menos instrumental, se pode recorrer para satisfazer necessidades sexuais e afectivas momentâneas, não exigindo grande investimento romântico ou compromisso entre as partes (Bauman 2008). A activação de uma relação deste género, seguida de uma rápida desactivação, não implica sempre, ou necessariamente, a sua extinção. A mesma relação, depois de assegurar o cumprimento das expectativas que as partes nela projectaram, poderá voltar para o bolso, à sua anterior condição de reserva, e ficar disponível para, se necessário, ser reciclada numa outra altura.

¹⁰³ A “sexualidade plástica” tem a sua génese em finais do século XVIII, como resultado do processo que conduziu à instituição do modelo da família nuclear e à lenta dissociação entre prazer sexual e procriação. Mais tarde, já na segunda metade do século XX, ganha novos contornos e uma expressão incomparavelmente maior com a revolução sexual dos anos 60, que se traduziu no gradual desaparecimento de um regime de prazer falocêntrico, na constituição da mulher como sujeito com direito ao prazer – a disseminação da pílula anticoncepcional foi decisiva neste processo – e numa “nova desordem amorosa” (Bruckner e Finkielkraut 1981) marcada pela acentuação da liberdade individual na experiência da sexualidade.

Embora pareça diluir-se e escapar, porque vivemos sob circunstâncias sociais que estimulam a autonomia do indivíduo, o amor romântico continua a ser idolatrado e o desejo de fusão eterna com a *cara-metade* largamente ambicionado (Beck e Beck-Gernsheim 2004). Nesse sentido, torna-se, importante destacar que as tendências de instabilidade amorosa não significam, necessariamente, anarquia e fuga de uniões estáveis entre homens e mulheres, pois a maioria ainda deseja aceder e/ou manter relacionamentos duradouros em que os ideais de comunhão sentimental, estabilidade e fidelidade são dominantes (Roca 2007a). Talvez estas expectativas ajudem a compreender o elevado número de recasamentos de pessoas separadas em contextos com altas taxas de divórcio, como acontece, por exemplo, em Portugal (Lobo 2007) e nos países escandinavos (Iacovou e Skew 2010). A falência institucional do matrimónio é, por isso, um cenário discutível, desde logo “porque o significado do divórcio não é unicamente o da dissolução do vínculo matrimonial. Ele, divórcio, representa (ou pode representar) também a possibilidade de se criar um novo vínculo matrimonial” (Rosa 2002: 668). Trata-se, em muitos casos, de uma simples intermitência, num caminho em que a saída do matrimónio desemboca quase sempre no mesmo ou em algo muito parecido àquilo de que se saiu (Beck e Beck-Gernsheim 2004). Será, por isso, demasiado simplista, identificar o aumento dos divórcios como sinal inequívoco da crise do casamento.

Centrando-se no caso brasileiro, Jablonski (1998, 2005) admite a existência desta crise, apesar de constatar uma forte presença de formas de idealização do amor romântico e de expectativas de vida conjugal bastante recorrentes entre os jovens, à semelhança do que pude observar entre os jovens de camadas populares em Ponta Negra e do que acontece noutros contextos (Manning, Longmore, Giordano 2007). De acordo com Bawin-Legros (2004), estas expectativas de fusão conjugal serão predominantes nas classes baixas, estando vinculadas a uma construção social da família como instituição-previdência. Com uma perspectiva semelhante para o Brasil, Neri (2005) constata a predominância de mulheres sós (solteiras, separadas, divorciadas e viúvas) nos segmentos com maiores rendimentos, ganhando em média 62% mais que as casadas. Entre as jovens pertencentes a estratos de baixa renda que frequentam a praia de Ponta Negra é assaz evidente a aspiração a uma grande narrativa amorosa com o europeu que conduza a uma comunhão ampla e perene. O forte desejo de fusão matrimonial presente nas classes populares poderá, nalguns casos, funcionar como elemento inibidor da ruptura do casal; ao passo que a maior expressão das dinâmicas individualizadoras em estratos sociais mais altos poderá, inversamente, actuar como factor propiciador da ruptura. Assim sendo, será legítimo

colocar algumas reservas e apelar à introdução de nuances na perspectiva de Jablonski (1998, 2005) sobre a existência de uma crise matrimonial no Brasil socialmente transversal, desde as elites às classes populares que vivem nas grandes cidades ou na sua periferia. Importa não esquecer que as mudanças mais recentes e expressivas nas dinâmicas de conjugalidade e família que rompem com os modelos tradicionais situam-se sobretudo nas classes médias urbanas, principal palco da emancipação feminina (Velho 1983, Vaitsman 1994).

A própria ideia de crise do casamento é bastante questionável. Parece ter subjacente uma concepção sacralizada e rígida do matrimónio como gerador de laços perenes e indissolúveis entre um homem e uma mulher, pelo que as evidências empíricas em contrário (*v.g.* divórcios, casamentos homossexuais) poderão sempre ser encaradas por alguns como sinónimo do seu esgotamento institucional. Mais do que uma crise, o que está a suceder poderá, paradoxalmente, ser encarado como o resultado da génese e sucesso do chamado casamento por amor, ou seja, da modernização das relações matrimoniais no Ocidente, iniciada em finais do século XVIII e intensificada já em pleno século XX. Ao longo destes dois últimos séculos temos assistido a uma gradual “privatização” do matrimónio, à domesticação dos afectos e das paixões (a intimidade) e à sua cada vez maior centralidade na relação marital (Ariès 1987, Giddens 2001, Torres 2002, Coontz 2005, Aboim 2006, 2009)¹⁰⁴. Os condicionamentos sociais exteriores, em particular os interesses de ordem económica, impostos ao homem ou à mulher pelas respectivas famílias como referência fundamental na selecção do cônjuge – situação mais frequente nas famílias de estratos elevados – (Goody 1995, Lima 1999), vão sendo relegados para segundo plano em detrimento das disposições subjectivas, guiadas por critérios individuais como a afectividade e a atracção (Bawin-Legros 2004). O matrimónio deixa de ser um simples arranjo inter-familiar, sujeito a determinadas prescrições sociais que se traduziam em princípios económicos e políticos de preferencialidade matrimonial, e passa a resultar, predominantemente, de decisões particulares.

¹⁰⁴ Até então o casamento não estava propriamente associado à existência de um contexto de intimidade que garantisse fidelidade e envolvimento passional no relacionamento marido/mulher, pois o amor e o sexo não eram, de um modo geral, considerados aspectos fundamentais e legítimos da conjugalidade. Na Antiga Roma, o “excessivo” amor à esposa não era socialmente bem aceite; por volta dos séculos XII e XIII, na Europa, o adultério era tido como a melhor forma de amor, sendo que em algumas produções literárias da época podem encontrar-se sátiras ao casamento romântico; nos séculos XVI e XVII, um grande amor conjugal poderia ser considerado idolatria (Coontz 2005). O “amor romântico” e a fidelidade só em finais do século XVIII começam a assumir o estatuto de componentes fundamentais da relação conjugal (Ariès 1987, Giddens 2000).

Recorrendo à terminologia desenvolvida por Lévi-Strauss (1982), poder-se-á dizer que as estruturas do parentesco complexificaram-se com a crescente individualização da escolha do parceiro conjugal, embora isto não signifique uma transição de anteriores “estruturas elementares”¹⁰⁵. Apenas uma maior autonomia pessoal no processo de selecção do cônjuge, que fica dependente de preferências subjectivas e não de condicionamentos sociais que possam restringir de modo relevante as possibilidades electivas individuais. Ego fica simplesmente obrigado a respeitar o tabu do incesto por via da exogamia¹⁰⁶, cuja configuração ele próprio define. Poderá mesmo optar, como acontece na generalidade das relações transnacionais, por um casamento de grande amplitude exogâmica e com uma marca de alteridade cultural bastante vincada¹⁰⁷. Nestas circunstâncias de grande proeminência de critérios subjectivos na concretização da exogamia, a conjugalidade assume a forma de um contrato privado e o casal tende a fechar-se sobre si próprio e a focalizar-se na sua relação. Situação bem distinta do casamento como instituição de aliança, ou seja, *pivot* de um denso esquema de reciprocidade entre grupos gerador de tecido social, à semelhança dos contextos etnográficos que Lévi-Strauss (1982) tomou como referência da sua “teoria da aliança”.

¹⁰⁵ Na sua obra *As Estruturas Elementares do Parentesco*, Lévi-Strauss (1982) estabelece uma clara distinção entre “estruturas elementares” e “estruturas complexas”. As primeiras constituem o objecto primordial das suas teorizações sobre a aliança. Dizem respeito a sociedades em que o sistema de parentesco, sobretudo através da sua nomenclatura, estabelece a interdição do casamento com determinados familiares (v.g. primos paralelos – filhos de irmãos do mesmo sexo) e, ao mesmo tempo, institui o casamento preferencial com certas categorias de parentes, geralmente primos cruzados (filhos de irmãos de sexo oposto). Os dois modelos de casamento preferencial mais comuns são entre primos cruzados matrilaterais, como acontece entre os Kachin da Birmânia, e entre primos cruzados bilaterais, caso dos Kariera da Austrália. Típicas das sociedades mais industrializadas, as “estruturas complexas”, por seu lado, caracterizam-se pelo facto de integrarem somente regras proibitivas que determinam com quem não poderá ser contraído matrimónio, de modo a salvaguardar o tabu do incesto. Não fixam possibilidades preferenciais de conjugalidade, nem tampouco estabelecem referências para a exogamia. Com efeito, neste último tipo de estruturas não existe um ordenamento terminológico que, além de categorias de parentes proibidas, identifique simultaneamente categorias preferenciais para aliança, pelo que as razões explicativas das escolhas conjugais encontram-se fora do sistema de parentesco.

¹⁰⁶ De acordo com Lévi-Strauss (1982), a exogamia não é apenas uma consequência inevitável da resolução da tensão entre consanguinidade e afinidade, ou seja, da proibição de casar com mulheres do próprio grupo de parentes (tabu do incesto). Ela assume também uma expressão positiva de abertura, comunicação e troca entre grupos, fundadora da vida social. Esta aliança intergrupar é ela própria condição essencial da reprodução da família, que não existiria se as fronteiras da consanguinidade não fossem transpostas. Ao contrário das concepções funcionalistas e estrutural-funcionalistas de predecessores como Malinowski e Radcliffe-Brown, que vêem na consanguinidade, sobretudo na filiação, o elemento central de constituição da família, Lévi-Strauss (1982) identifica a aliança como a instituição decisiva. No seu entender, a afinidade sobrepõe-se à biologia. Mais do que unidades naturais, as estruturas familiares são unidades sociais.

¹⁰⁷ Largamente potenciados pelo desenvolvimento dos transportes e das comunicações, os casamentos transnacionais representam, em certa medida, um processo de globalização da exogamia. Eles situam-se nos antípodas das cada vez mais raras situações de isolato, em que os laços de aliança se estabelecem entre pessoas pertencentes a grupos circunscritos a uma área geográfica comum.

No processo de modernização dos vínculos de afinidade, o matrimónio arranjado e centrado na comunidade vai perdendo espessura social e dando lugar ao matrimónio electivo e centrado no duo conjugal (Aboim 2009). Simultaneamente vai integrando elementos de intimidade (v.g. os erótico-sexuais característicos do “amor-paixão”) que antes se encontravam circunscritos a vivências passionais, sobretudo masculinas, fora da relação conjugal. Com isto torna-se mais flexível e vulnerável, refém dos mesmos valores e exigências – fidelidade, confiança, paixão, amor, satisfação sexual, realização pessoal, estabilidade afectiva – que elevaram o laço conjugal acima de quase todos os demais compromissos pessoais e familiares (Coontz 2007). Dito de outra forma, o complexo de factores que, desde há cerca de dois séculos para cá, confere à estabilidade no matrimónio uma importância central na felicidade individual, que antes não tinha, é o mesmo que explica o papel do divórcio e a sua ocorrência nas sociedades contemporâneas (*idem*). A consolidação social do casamento por amor, baseado na existência de um sólido espaço de intimidade que proporcione a satisfação das necessidades afectivo-sexuais dos cônjuges, tem na institucionalização do divórcio a outra face da mesma moeda; uma garantia que permite por fim a toda e qualquer relação conjugal que não cumpra minimamente os requisitos que dela se esperam e, desse modo, assegurar disponibilidade para iniciar uma outra. Assim, o aumento das taxas de divórcio deverá ser sempre compreendido tendo em conta as elevadas expectativas que socialmente têm vindo a ser inscritas na instituição matrimonial e não tanto como o resultado de um eventual declínio moral dos designados valores de família. Em última análise, as rupturas conjugais e o advento do “amor confluyente” são um produto da idealização do “amor romântico” – do seu consumo massificado como utopia no capitalismo tardio (Illouz 1997) – e não propriamente do seu declínio, que Giddens (2001) parece querer sugerir. Como conclui Turner (2004: 302),

This emphasis on romantic love places major emotional burdens on the married couple, because they are committed to fulfilling high expectations of intimacy and sexual gratification. The norms of sincerity, trust, and emotional satisfaction have, paradoxically, consequences in widespread marital unhappiness and high divorce rates, because it is difficult to satisfy these expectations of romantic intimacy in a period where the majority of women have entered the labor force, where the grounds for divorce are very broad [...].

Os paradoxos, tensões, rupturas e a maior fluidez na organização social da intimidade, geralmente associados aos processos de reflexividade biográfica, estão a

produzir mudanças bastante significativas no modelo convencional da família nuclear¹⁰⁸, fundado na heteronormatividade e na co-residência. Como destacam Budgeon e Roseneil (2004: 131), “the normative expectation that when two people embark upon a relationship they will inevitably follow the sequence of marriage, cohabitation, sexual intercourse and childbirth has lost the power to sanction particular intimate and household arrangements over others”. Na perspectiva de Singly (1996, 2004), a partir da década de 1960, as dinâmicas de individualização acentuaram-se no interior da família, tornando-a mais instável e flexível: uma formação marcada por uma maior electividade, em equilíbrio precário, sem a segurança das normas e rituais tradicionais e na qual os indivíduos manifestam as suas próprias experiências e expectativas, nem sempre conciliáveis (Beck-Gernsheim 1998).

O aumento das rupturas matrimoniais, as mudanças nas relações de género e na sexualidade, a instabilidade dos vínculos laborais, a evolução tecnológica das comunicações e a maior facilidade em termos de mobilidade pessoal têm-se traduzido em configurações flexíveis e plurais (menos institucionalizadas) do espaço íntimo e da família (Kaufmann 1993, Vaitsman 1994, Levin 2004, Dias 2006): casais sem filhos, matrimónios homossexuais, famílias homo-afectivas, monoparentalidade¹⁰⁹, famílias recompostas,

¹⁰⁸ Trata-se de um formato familiar moderno típico de contextos urbano-industriais, constituído simplesmente pelos cônjuges e respectivos filhos. Implanta-se de forma progressiva com a expansão do processo de industrialização e da economia de mercado do sistema capitalista. Assenta num sistema de género marcado por uma diferenciação complementar entre os espaços de realização masculina e feminina, ou seja, entre o contexto do trabalho assalariado e a esfera das actividades domésticas não remuneradas. Neste modelo de família, a constituição do casal por via do matrimónio tem subjacente a ideia burguesa do “amor romântico” e as relações de todos os parentes nucleares são sustentadas por fortes laços afectivos (Ariès 1987), ao mesmo tempo que ocorre um certo desinvestimento nas conexões sociais mais alargadas com os parentes afastados e com o resto da comunidade (Shorter 1995). A questão dos afectos é, de facto, determinante, como justamente lembra Aboim (2009: 108): “Antes de mais nada, a família é moderna porque afetiva”. Durkheim (1975) foi um dos primeiros a analisar a emergência daquilo que na altura considerava uma nova forma de família, a que chamou “família conjugal”, considerando-a como o resultado de uma contracção da anterior família alargada de cariz patriarcal. Este processo deu-se segundo geografias e ritmos bastante díspares. Iniciou-se na transição para o século XIX nos países europeus mais industrializados (Kertzer e Barbagli 2003) e só mais tardia e lentamente em países como o Brasil (Dias 2006). Num primeiro momento, a transformação social das estruturas familiares circunscreveu-se aos estratos sociais mais elevados (burguesia e aristocracia), estendendo-se de seguida às classes médias urbanas e depois às classes populares. Durante uma boa parte do século XX, mesmo na Europa, sobretudo no sul e em meios rurais, o modelo de família extensa sobrepõe-se ao da família nuclear (Kertzer e Barbagli 2004). Na Itália, por exemplo, a nuclearização dos grupos domésticos intensificou-se apenas a partir de meados do século XX: passou de 67% de famílias nucleares em 1951 para 80% no início dos anos de 1980 (Viazzo 2010: 146). Em Ponta Negra, como veremos, algumas das minhas informantes integram estruturas familiares extensas compostas por três ou, em casos mais raros, quatro gerações. Convém, ainda, ressaltar que uma parte considerável da população mundial, nomeadamente em muitos contextos da Ásia, Pacífico, África e América Latina, apresenta formas não nucleares de organização familiar.

¹⁰⁹ As famílias monoparentais matrifocais (mulher sem cônjuge e com filhos) têm vindo a assumir uma expressão particularmente considerável no contexto brasileiro. Em 2008 representavam 17.2% do total de famílias a residir em domicílios particulares e mais de 90% das unidades familiares baseadas na

celibato, coabitação não marital (união de facto), relacionamentos à distância, conjugalidade dissociada da co-residência (*living apart together* [LAT]), entre outras. A grande maioria destes formatos relacionais e familiares pós-convencionais está presente na transnacionalização da intimidade entre Natal e a Europa. Mesmo o amor à distância e os relacionamentos enquadráveis na categoria LAT, de que nos falamos Levin (2004) e Holmes (2006, 2010), são mais recorrentes do que se poderia supor, considerando os milhares de quilómetros que separam os dois lados do Atlântico. A proliferação de uma considerável diversidade de novos estilos de conjugalidade e novas formas de organização familiar não significa que a família nuclear tradicional esteja em crise e a extinguir-se. Significa, simplesmente, que ela está a perder o monopólio que manteve durante tanto tempo e a conviver com outros modelos e dinâmicas familiares (Wall 2005), que, no entender de Beck-Gernsheim (1998), indiciam o advento daquilo que designa por “post-familiar family”.

Embora atento aos potenciais perigos e insuficiências das abordagens macro-regionais de autores como MacFarlane (1980) e Laslett (1983), Viazzo (2010) conclui que, no contexto europeu, o processo de modernização e individualização no seio da família contemporânea é mais notório na Escandinávia e no noroeste do continente que no sul, onde ainda se pode encontrar um forte enraizamento daquilo a que chama “modelos familiarísticos”. Semelhante diferenciação já havia sido estabelecida por Reher (1998), ao constatar que, de um modo geral, as estruturas familiares têm por base laços sociais relativamente fracos no norte da Europa e laços fortes na região mediterrânica. Estes contrastes não deverão ser entendidos como indicadores de dois grandes modelos homogêneos; simplesmente como indícios de macro-tendências que convivem com uma grande diversidade cultural de formas de família (Goody 2000). Nos países do sul, o maior conservadorismo em questões da esfera familiar (v.g. foram dos últimos a legalizar o divórcio) resulta, em boa medida, da grande influência social que a Igreja católica aí preserva (*idem*). Na Itália, por exemplo, o casamento ainda mantém um papel decisivo na formação da família, em detrimento de outros estilos de conjugalidade já bastante em voga mais para a parte setentrional do continente (Rosina e Fraboni 2004). Por outro lado,

monoparentalidade (IBGE 2009). Ainda para esse ano constatou-se que as mulheres eram a referência em 34.9% de domicílios e, mesmo na presença do marido, a referência económica em 9.1% dos casos (*idem*). À semelhança de outros contextos metropolitanos brasileiros com domínio de famílias de baixa renda, em Ponta Negra e na generalidade das áreas de onde são oriundas muitas das jovens que frequentam a praia (v.g. *zona norte* de Natal) a monoparentalidade com ascendência feminina é bastante recorrente. Aliás, a maioria das mulheres que se envolve com os europeus tem a seu cargo, muitas vezes em exclusivo, filhos de anteriores relações. Quando a relação com o turista se torna mais estável e duradoura, a matrifocalidade geralmente dá lugar à família recomposta.

a sua taxa bruta de divórcios é quase três vezes inferior à de países como a Suécia e a Noruega. Atendendo a que a maioria dos turistas em Ponta Negra são oriundos da região mediterrânica e da Europa nórdica, seria interessante – embora manifestamente impossível no âmbito deste trabalho – aferir em que medida o maior peso das formas tradicionais de conjugalidade e família na primeira e, por outro lado, a significativa expressão de modelos pós-familialistas na segunda contribuem para a formação de diferentes projectos masculinos de intimidade, conferindo determinadas nuances às paisagens relacionais e conjugais construídas com mulheres brasileiras.

5. Fluxos passionais: género, turismo e migrações

Os processos reflexivos que pautam a organização da intimidade, tornando-a num espaço de individualização e de electividade, construído com base em referências de diferentes sistemas culturais, contribuem de forma decisiva para a emergência de projectos passionais desencaixados de escalas locais e nacionais. A sua realização pressupõe, desde logo, fluxos transnacionais de pessoas entre geografias subjectivamente desejadas para a concretização de aspirações íntimas: erótico-sexuais, afectivas e conjugais. Embora heterogéneos e, por vezes, ambíguos e metamórficos, estes fluxos tendem a situar-se nos contextos do turismo e das migrações. De seguida procuro analisar a sua organização – trajectórias, características, dimensão económico-política e estrutura de género – e compreender como se articulam entre si e operam na constituição de espaços sociais de intimidade à escala transnacional, à semelhança do que acontece entre a Europa e o Nordeste brasileiro.

A opção analítica de desenvolver uma discussão conjunta dos fluxos turísticos e migratórios enquanto trânsito de afectos e desejos que proporcionam a construção de relações íntimas entre pessoas de diferentes países encontra imediatamente justificação em razões de ordem empírica. No quadro dos processos de transnacionalização da intimidade, como veremos, os fluxos em causa pressupõem-se de forma recíproca, são intrinsecamente complementares e, com alguma frequência, assumem características híbridas e evoluem para configurações distintas das que assumem num primeiro momento, pois as expectativas e comportamentos individuais podem mudar no decurso de um mesmo fluxo ou entre várias deslocações. Além do mais, os próprios actores sociais nem sempre vislumbram e classificam as suas respectivas mobilidades segundo designações estanques e rígidas como

turismo e migrações. Daí a necessidade de se considerarem estas duas categorias como pólos de um complexo, contínuo e gradativo espectro de mobilidades: “temporary movements [nomeadamente turísticos] and permanent migration, in turn, form part of the same continuum of population mobility in time and space” (Bell e Ward 2000: 88)¹¹⁰.

É fundamental ultrapassar as simplificações e arbitrariedades decorrentes das comuns definições de turismo como deslocação temporária (inferior a um ano consecutivo) para fora da residência habitual por outras razões que não a realização de um trabalho remunerado, e de migração como movimento que assume um carácter mais duradouro e cujas motivações pendem para outras esferas (v.g. laboral) que não a do lazer¹¹¹. Adoptando uma maior plasticidade teórica, como destacam Hall e Williams (2002: vii), será possível enquadrar muitas outras manifestações empíricas de mobilidade que tendem a cair no vazio ou no caos conceptual e apreender formas de circulação emergentes que ligam lugares e pessoas de uma maneira inovadora, dificilmente traduzíveis pelas tradicionais referências analíticas do turismo e das migrações, sobretudo quando essas referências estão limitadas às respectivas demarcações disciplinares. No contexto em estudo, além dos convencionais trânsitos turísticos massificados e das migrações permanentes, abundam formas de circulação híbridas que apelam à flexibilidade da teoria e a uma maior interdisciplinaridade: as viagens de negócios, o turismo residencial, as deslocações em que se conjuga o lazer com um trabalho sazonal – “migrant tourist-workers”¹¹² na terminologia de Bianchi (2000) –, as migrações temporárias, as migrações de aposentados (“retirement migration” [King, Warnes e Williams 2000]),¹¹³ entre outros

¹¹⁰ Perspectiva semelhante é adoptada por vários outros autores: Lash e Urry (1994), Williams e Hall (2000, 2002), Hall e Williams (2002), Gustafson (2002), O’Reilly (2003), Butler (2003), Hall e Müller (2004), Hall (2005), Kopnina 2007, Haug *et al.* (2007), Mantecón (2008), Barretto (2009).

¹¹¹ Estas definições mais correntes são quase sempre decalcadas de grandes instituições de referência, como a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM), respectivamente. Para a primeira, “[...] o turismo engloba as actividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora do seu ambiente usual durante não mais que um ano consecutivo, por prazer, negócios ou outros fins” (OMT, *in* Ignarra 2003: 11). A segunda, por seu lado, refere-se à migração enquanto “[...] process of moving, either across an international border, or within a State. It is a population movement, encompassing any kind of movement of people, whatever its length, composition and causes; it includes migration of refugees, displaced persons, uprooted people, and economic migrants” (OIM 2004: 41). A recolha de dados estatísticos sobre os movimentos populacionais baseia-se, geralmente, nestas definições mais estandardizadas e de alcance internacional.

¹¹² O turista-trabalhador, nomeadamente aquele que tem um emprego sazonal no próprio sector do turismo, juntamente com os viajantes em negócios, enquadram-se na denominação de *partial tourism* proposta por Cohen (2004: 29): “[...] travelling for novelty and change is combined in varying degrees and forms with other non-instrumental or even instrumental purposes”.

¹¹³ São várias as condições estruturais que têm proporcionado a generalização destas novas mobilidades: os progressos nos sistemas de transporte e comunicações, e a consequente “compressão do espaço-tempo” (Harvey 1992), as mudanças na estrutura das economias (sobretudo a estratégia pós-fordista de dispersão geográfica dos sistemas produtivos), o aumento do trabalho flexível, precário e sem perspectiva de

exemplos que irão surgindo na análise das dinâmicas de transnacionalização da intimidade. A diversidade de expectativas inerentes a estas mobilidades e o seu constante vaivém entre os dois lados do Atlântico, adensando as configurações sociais transnacionais e desafiando referências espaço-temporais usadas na definição de tipologias de fluxos, tornam inviável e desajustado o recurso a esquemas de análise rigidamente formatados pelo binário “turismo vs migrações”. A sua abordagem pressupõe uma certa libertação de amarras dicotómicas como “trabalho vs lazer”, “produção vs consumo”, “deslocação definitiva vs deslocação temporária”, “residência habitual vs residência secundária” e, porventura, até mesmo da oposição clássica da antropologia do turismo “hosts vs guests” (Smith 1989a).

Para lá dos complexos hibridismos existentes entre o turismo e as migrações, os nexos entre estes dois campos estendem-se também a relações sistémicas de causalidade recíproca, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento de circuitos sociais extensivos, a itinerância das culturas (Clifford 1997, Rojek e Urry 1997) e a formação de espaços e comunidades transnacionais. Como se pode deduzir da análise de Williams e Hall (2002), os diferentes tipos de fluxos tendem a produzir um duplo efeito de arrastamento: geram mais do mesmo e, por outro lado, estimulam novos fluxos com características distintas. O que acontece no quadro dos relacionamentos transatlânticos constitui um exemplo paradigmático desta bola de neve de mobilidades: o movimento de turistas europeus para Ponta Negra tem fomentado migrações com a mesma orientação, bem como deslocações turísticas e migratórias, sobretudo femininas, na direcção oposta, que, por sua vez, impulsionam novos trânsitos em ambos os sentidos. São vários os movimentos migratórios estimulados directamente pelo turismo, como a migração de pessoas reformadas e a migração laboral direccionada para a actividade turística (*idem*). Geralmente, como nota Barretto (2009), há mesmo uma ou várias estadias turísticas a preceder estes tipos de migrações, que poderão, por sua vez, fomentar novas formas de turismo, como é o caso da visita de amigos e familiares, mais conhecido sob a sigla VFR (*visiting friends and relatives*).

Considerando a complexa teia de interacções entre diferentes mobilidades, Williams e Hall (2002: 9-11) propõem um modelo de análise composto por quatro grandes estádios que configuram um ciclo de mobilidades: (i) formação de fluxos turísticos para uma determinada área, desenvolvimento gradual da indústria do turismo e grande procura

carreira, o envelhecimento demográfico nos países mais desenvolvidos, a agilização dos investimentos internacionais, a extensão dos direitos de propriedade através das fronteiras (Hall e Williams 2002, Hall 2005), as transformações da intimidade anteriormente debatidas e as alterações nos padrões de consumo e de lazer.

de mão-de-obra local; (ii) crescimento do sector, exigência de mais trabalhadores e de profissionais especializados, o que fomenta migrações internas e externas; (iii) massificação do turismo e emergência de movimentos migratórios internacionais decorrentes de antigos trânsitos turísticos, destacando-se as chamadas migrações de consumo, constituídas basicamente por pessoas reformadas (*retirement migration*), e as migrações laborais, associadas à procura de certas oportunidades profissionais, de negócio e, eventualmente, de algumas mudanças no modo de vida; (iv) as comunidades migrantes atraem a visita de amigos e familiares (VFR), podendo estes últimos acabar por seguir um trajecto migratório idêntico.

O turismo de massas representa, assim, um poderoso agente impulsionador de amplos e complexos encadeamentos de mobilidades. Aliás, tal como é destacado por Oigenblick e Kirschenbaum (2002), é bastante frequente as experiências turísticas proporcionarem referências sobre as condições socioeconómicas de um lugar que poderão vir a revelar-se decisivas na sua posterior eleição como destino migratório. A sondagem da viabilidade de uma hipotética e futura instalação permanente pode mesmo fazer parte, logo à partida, do conjunto de expectativas que os próprios turistas produzem sobre a viagem. A estadia de lazer representa, deste modo, também uma oportunidade de avaliar possibilidades de trabalho, negócio ou investimento e de recolha de elementos que permitam ter uma noção aproximada da qualidade e do estilo de vida que poderá ser usufruído. Deste exercício resultam factos e impressões a partir dos quais se estabelecem pólos de comparação entre o contexto de origem e o destino visitado, contribuindo para reforçar ou a atenuar a expectativa de concretização de um projecto migratório.

No contexto etnográfico em estudo, a intimidade representa o principal eixo de articulação do turismo e das migrações, as duas faces do mesmo complexo de fluxos passionais que dá forma a um espaço transnacional de expressão erótico-sexual, de relacionamentos esporádicos, de conjugalidade e matrimónio. A nível mundial são vários os exemplos de situações semelhantes e que, nos últimos anos, têm vindo a merecer bastante atenção por parte das ciências sociais, nomeadamente da antropologia. Contudo, este interesse tende a centrar-se no turismo enquanto veículo de transnacionalização da intimidade, embora, com alguma frequência, também se considerem as migrações que daí decorrem. Compreende-se, assim, a existência de um volume bastante considerável de investigação sobre o que comumente se designa por turismo sexual, uma designação controversa e que alguns autores evitam usá-la, ou só o fazem após um exercício prévio de clarificação conceptual.

Embora se possa admitir que estamos em presença de um fenómeno que existe em diferentes latitudes, incluindo a Europa e a América do Norte (Oppermann 1999), quase todos os trabalhos são realizados nos tais “porno-tropicos” (McClintock 1995) ou “sítios de desejo” (Mandersen e Jolly 1997) a que antes já se fez referência. Temos, assim, desde logo, investigação já desenvolvida em Ponta Negra e em praias vizinhas (Ribeiro e Sacramento 2006, Carrier-Moisan 2008, Cantalice 2009a, 2009b), noutras cidades eminentemente turísticas do Nordeste brasileiro, como Fortaleza (Piscitelli 2004a, 2004b, 2007c, Bezerra 2010), Recife (Carpazoo 1994) Salvador da Bahia (Filho 1998, Filho e Sardenberg 1998, Marquez 2009) e, mais para sul, no Rio de Janeiro (Silva e Blanchette 2005, Blanchette e Silva 2010). Na restante América Latina tropical são de relevar as pesquisas realizadas na área do Caribe, nomeadamente em Cuba, na República Dominicana e na Jamaica (Pruitt e LaFont, 1995, O’Connell Davidson 1996, Kempadoo 1999a, Taylor 2001, Brennan 2001, 2002, 2004a, 2004b, Cabezas 2004, Frohlic 2008, Simoni 2011). Do outro lado do Oceano Pacífico, o Sudeste asiático é, já há muito, uma geografia distinta no estudo do chamado turismo sexual (Cohen 1982, Truong 1983, 1990, Leheny 1995, O’Connell-Davidson 1995, Oppermann e McKinley 1997, Bishop e Robinson 1998, Rao 1999, Leung 2003). Aqui, destacam-se as Filipinas e, acima de tudo, a Tailândia, que, desde a presença militar americana nos anos 1960, se transformou numa espécie de capital sexual global (Cohen 2003)¹¹⁴. Em sentido oposto, o continente africano parece ainda não figurar como contexto cimeiro destes cenários, o que ajuda a explicar, de

¹¹⁴ A instalação de bases dos EUA no Sudeste asiático durante a guerra do Vietname, nomeadamente na Tailândia, foi acompanhada pelo aparecimento de restaurantes, bares, casas de massagens, hotéis, *nightclubs* e bordéis nas suas respectivas imediações (Cohen 2003: 60-61). Desta ecologia, que Cohen (*idem*) designa por “pleasure belt”, resultavam diferentes tipos de relacionamentos, mais ou menos mercantilizados, entre os militares americanos e as mulheres tailandesas. Não se tratava simplesmente de prostituição. Era bastante frequente, por exemplo, a mesma mulher permanecer com o mesmo soldado durante a sua estadia no país, vivendo na mesma casa como se de uma esposa se tratasse. Era a chamada *rented wife*. Algumas destas relações culminaram em casamento e, na maior parte dos casos, implicaram a ida do casal para os EUA. A presença do exército norte-americano na Tailândia contribuiu, assim, para a disseminação global da imagem do país como destino sexual, à semelhança do que sucedeu noutros contextos de acolhimento de bases militares (Enloe 2000). Também em Natal, em plena Segunda Guerra Mundial, foram instaladas bases americanas com um contingente total na ordem de 10.000 homens (Júnior 1993), o que alterou significativamente a configuração do mercado passional local. Dessa época permanece ainda bem viva na memória colectiva da cidade a figura de Maria Boa (Maria Barros), dona de um grandioso cabaré que tinha como principais clientes as altas patentes militares norte-americanas. Ainda sobre o impacto das deslocações militares massivas na organização social da intimidade, veja-se Min (2003), que nos descreve como o Japão, durante a guerra da Ásia e Pacífico (1937-1945), mobilizou cerca de 200.000 jovens mulheres da Coreia (na altura colónia japonesa) para os bordéis das bases militares que haviam sido estabelecidas na China e noutros países do Sudeste asiático. Estas mulheres ficaram conhecidas como *comfort women*. Em 1999 tornaram-se “objecto turístico” com a criação do *Comfort Women Museum*, nos arredores de Seul, na Coreia do Sul (Yea 2003).

alguma forma, o facto de a investigação relativa a esta área não ser muito abundante. O Quénia é uma das poucas excepções (Omondi 2003, Kibicho 2009).

Ao contrário do Sudeste asiático, a inserção da América Latina e, em concreto, do Nordeste brasileiro nos circuitos mundiais do turismo sexual terá sido mais recente. Recorrendo à análise dos conteúdos dos *sites* de viajantes à procura de sexo, Piscitelli (2005) constata que essa inserção tornou-se particularmente evidente em finais da última década do século XX. Apesar das suas especificidades, quase todos estes destinos têm em comum a presença conjugada dos quatro S's do *marketing* turístico – *sun, sand, sea, sex* (Lowry 1993) – e são frequentados maioritariamente por turistas masculinos heterossexuais. Todavia, a presença de turistas mulheres nos mesmos lugares ou em contextos diferenciados, envolvendo-se com homens locais, começa também a ganhar alguma expressão (Phillips 1999, 2008, Taylor 2001, Herold, Garcia e DeMoya 2001, Frohlick 2008a, 2008b, Cantalice 2009a, 2009b), bem como o turismo *gay*, (Clift, Callister e Luongo 2002, Collins 2007). No entender de Phillips (2008), o turismo sexual feminino remonta à década de 1960, numa altura em que mulheres inglesas, alemãs e escandinavas se deslocavam em férias para o sul da Europa. Com a massificação do turismo terão começado a viajar para destinos mais distantes.

Quando se utiliza a designação de turismo sexual para qualificar os fluxos de pessoas para determinados lugares parece estar a identificar-se mais um tipo distinto de turismo, como o cultural, o balnear ou o rural. Até se poderá aceitar que assim seja no domínio do senso comum e no espaço mediático. Mais estranho é quando o meio académico dele se apropria de forma acrítica, não questionando a imensa carga de estereótipos, moralismos e pressupostos ideológicos que transporta. Alguns autores reconhecem, no entanto, que se trata de um conceito bastante problemático (Taylor 2001, Piscitelli 2004b) e de difícil operacionalização, como pude constatar no trabalho de campo em Ponta Negra. A principal razão para tal advém do facto de apresentar uma amplitude semântica incerta e uma grande volatilidade de sentidos, sendo usado para traduzir uma grande diversidade de cenários sociais em que o turismo e a expressão da intimidade estão relacionados. Impõe-se, por isso, que seja submetido a um exercício efectivo de precisão conceptual e de crítica epistemológica. Faço-o de seguida, partindo de linhas de análise sumariadas em texto prévio (Sacramento 2011).

Numa perspectiva francamente ampla, o conceito de turismo sexual é utilizado para fazer referência à circulação de pessoas, em tempo de lazer, que tem por base, ainda que não exclusivamente, expectativas de encetar relacionamentos afectivo-sexuais,

heterossexuais ou homossexuais, de natureza comercial ou não, com outras pessoas que se encontram nos destinos turísticos (Cohen 1986, Oppermann 1999, McKercher e Bauer 2003, Cabezas 2004). Aqui poderá enquadrar-se um conjunto bastante diversificado de situações, desde um extremo em que as relações evidenciam uma dimensão comercial, associada ou não à exploração e à coerção, podendo envolver crianças, até um outro caracterizado por relacionamentos não comerciais e voluntários entre adultos (Ryan 2000: 35-36). A par deste entendimento amplo existem visões mais circunscritas e estereotipadas, segundo as quais o turismo sexual corresponde a situações em que a experiência turística se entrecruza com a prostituição e a exploração sexual de mulheres e crianças, tendo subjacente uma estrutura de género que traduz o poder do homem sobre a mulher (Graburn 1983, Truong 1990, Hall 1996, Rao 1999, Enloe 2000). Nesta perspectiva, Jeffreys (*in* Taylor 2001: 749) defende que a designação mais adequada deveria ser “prostitution tourism”, destacando que o fenómeno resulta de uma socialização masculina ocidental na qual o uso comercial de mulheres para auto-satisfação sexual é tido como um direito natural da masculinidade.

Independentemente das suas diferentes acepções e utilizações, em regra o conceito tem sido empregue para traduzir as mobilidades de lazer de homens dos países ricos do hemisfério norte para determinados países pobres do hemisfério sul, onde acedem a relações sexuais com mulheres que se prostituem. Na argumentação de Enloe (2000: 36), o turismo sexual resultaria da convergência das seguintes circunstâncias: (i) conjugação de interesses entre as autoridades governamentais locais, ansiosas por assegurar novas fontes de renda, e o investimento estrangeiro no sector do turismo, disposto a apostar em viagens com uma forte componente sexual; (ii) mulheres do terceiro mundo economicamente desesperadas ao ponto de se envolverem em relacionamentos mercantis com os turistas; (iii) homens de sociedades afluentes à procura do que julgam ser mulheres mais submissas que as dos seus países de origem. As assimetrias económicas existentes entre ambas as partes são identificadas como o factor determinante de uma relação-transacção sexista e patriarcal em que a maior capacidade económica dos homens é invocada como o factor que lhes garante uma posição absolutamente dominante.

Quando o destino da mobilidade turística se situa num país desenvolvido do hemisfério norte deixa de ser tão consensual a utilização do conceito de turismo sexual, mesmo que o contexto seja fortemente sexualizado e acolha um grande número de

mulheres pobres do sul a trabalhar na prostituição, como é o caso de Amesterdão¹¹⁵. Ao que parece, só haverá verdadeiramente turismo sexual abaixo do equador, sendo o fenómeno apresentado como expressão neocolonialista (Graburn 1983, Krippendorf 1989, Ouriques 2005, Bem 2005), ideia que as próprias comunidades, por vezes, mobilizam nas suas cruzadas morais contra o que consideram ser as novas formas de exploração perpetradas pelas ex-potências colonizadoras¹¹⁶. Por outro lado, a utilização do conceito e a sua associação ao neocolonialismo parece só fazer sentido quando estamos em presença de turistas heterossexuais do sexo masculino. Ao se inverter o género dos intervenientes, ou seja, mulheres do Norte e homens do Sul, o uso do conceito deixa de ser tão taxativo. Geralmente é substituído por “turismo de romance” e os locais que se envolvem com as turistas designados por *beach boys*¹¹⁷ (Phillips 1999, Herold, Garcia e DeMoya 2001). Alega-se que eles desempenham um papel de mediadores culturais (Brown 1992) e que a relação assenta sobretudo na afectividade e não tanto numa contratualidade económica estrita (Pruitt e LaFont 1995, Dahles e Bras 1999, Dahles 2002, Cantalice 2009a)¹¹⁸. Nestas circunstâncias já não haverá prostituição nem opressão; simplesmente novas oportunidades de negociação e expressão das identidades de género (Dahles 2002). De igual modo, parece perder cabimento a tese da exploração neocolonial.

O estereótipo do turista sexual como um homem ocidental que se desloca a países pobres com o estrito propósito de se envolver sexualmente com mulheres vulneráveis revela componentes ideológicos e alguns enviesamentos, que importa considerar: (i) a

¹¹⁵ Wonders e Michalowski (2001) deoam desta tendência ao considerarem Amesterdão um cenário de turismo sexual, analisando-o no mesmo texto, lado a lado, com Havana.

¹¹⁶ Pela sua carga simbólica dou como exemplo destas cruzadas morais a “Marcha do grande pénis branco”, realizada no dia 08/11/2006 em Ponta Negra, e cuja mobilização cidadã ficou a cargo do Movimento SOS Ponta Negra e do Grupo Pau e Lata. A acção de rua foi realizada num dos espaços nocturnos mais frequentados por turistas estrangeiros, conhecido pela *Rua do Salsa*, a que os locais frequentemente chamam Babilónia. Os participantes na marcha transportavam consigo uma escultura gigante, com cerca de dois metros, de um pénis de cor branca, na qual estavam desenhadas bandeiras de inúmeros países europeus, em especial daqueles que representam os principais contextos de proveniências dos turistas. Além da escultura fálca, os manifestantes também empunhavam cartazes, destacando-se alguns com o desenho de uma *bunda* em biquíni com um garfo e uma faca ao lado. A semiótica deste protesto tem subjacente uma ideia do *gringo* como um usurpador, um sujeito neocolonial que, não explora o “nosso” ouro ou “nosso” açúcar, como o faziam os seus antepassados de há duzentos anos, mas explora as “nossas” mulheres.

¹¹⁷ Quer numa perspectiva *emic* (a das próprias comunidades) quer numa perspectiva *etic* (a do meio académico), as designações “turismo de romance” e *beach boys* são manifestamente neutras quando comparadas com as que são utilizadas quando se trata de mulheres locais e homens estrangeiros. Considerando que os discursos constituem os objectos de que falam (Foucault 1972), estas nuances terminológicas parecem expressar a persistência de um duplo padrão moral de controlo da sexualidade feminina, que tolera ou até valoriza o envolvimento sexual dos homens com as turistas, mas que estigmatiza os comportamentos sexuais femininos equivalentes, rotulando as intervenientes de prostitutas ou trabalhadoras sexuais.

¹¹⁸ O mesmo argumento é utilizado por Collins (2007) para o turismo *gay*, destacando que a prestação de serviços sexuais homossexuais se trata de um “trabalho desejado”.

utilização da terminologia turismo sexual ou turismo de romance em função do género dos turistas parece estar contaminada pela tradicional ideologia sexista, assente em valores totalitários e essencialistas do masculino e do feminino, segundo os quais os homens procuram sexo numa relação, enquanto que as mulheres procuram afecto e romance; (ii) o poder financeiro masculino e a mercantilização feminina da sexualidade, principais referentes da ideia de exploração, deixam de ser utilizados quando os papéis de género se invertem, como se as assimetrias económicas fossem completamente inócuas quando pendem a favor da mulher; (iii) as concepções culturais hegemónicas do masculino como activo e dominante e do feminino como passivo e dominado (Parker 1991, Héri-tier 1998) parecem constituir a principal matriz simbólica dos discursos que se referem ao turismo sexual (masculino) como reencarnação da antiga dominação colonial.

Referindo-se à existência de um duplo padrão de categorização do comportamento sexual de homens e mulheres turistas, Taylor (2006) conclui que tal reflecte e reproduz as debilidades de muitos dos discursos científicos e do senso comum sobre género e poder, exploração sexual, prostituição e turismo sexual. Além dos enviesamentos de pendor sexista, da carga moral que geralmente comporta e de uma certa desconsideração pela capacidade de agência feminina, o conceito de turismo sexual evidencia, como já se disse, flutuações de sentido bastante vincadas e tem associados múltiplos paradigmas (Ryan 2000). Opto, portanto, por não o usar na etnografia das manifestações transnacionais de intimidade entre os turistas europeus e as mulheres de Ponta Negra. Esta opção permite, desde logo, precaver a ideia reducionista de que o sexo mercantil é o móbil exclusivo e determinante da afluência de gringos ao Nordeste brasileiro. Poder-se-á admitir-se que estes homens, de algum modo insatisfeitos com as manifestações dominantes de feminilidade e com as relações de género nos seus contextos de origem (O'Connell-Davidson 1995), procurem envolver-se com mulheres que lhes proporcionem vivências de intimidade mais condizentes com os seus ideais do que é “ser homem” e possam, desse modo, experienciar um certo rejuvenescimento viril (Kruhse-MountBurton 1995). Contudo, importa não esquecer que “the vast majority of tourists who use prostitutes to satisfy their sexual needs do not travel for that purpose alone” (Oppermann 1999: 252). Muitas das suas motivações e práticas são comuns a qualquer outro “tipo” de turista e o sexo, seja comercial ou não-comercial, seja com locais ou com outros turistas, é quase sempre um elemento integrante da experiência turística (McKercher e Bauer 2003).

Como justamente lembram Ryan e Kinder (1996: 507), “[...] tourists who go to sex workers are not simply just tacking on an activity to their tour, but are engaging in a fulfilment of types of motivations which are consistent with needs met by other forms of tourism”. Estes autores, tal como Ryan e Hall (2001), encontram mesmo algumas semelhanças na condição “marginal” de turistas e trabalhadoras sexuais e um forte paralelismo entre as motivações da procura da prostituição e as motivações da mobilidade turística, nomeadamente as expectativas de ingressar num estado de liminaridade (Turner 1974), de quase-fantasia, que assegure contrastes catárticos face à vida de todos os dias. De facto, se considerarmos que a generalidade dos turistas procura experiências novas, relaxamento, diversão, aventura e excitação – rituais liminóides (Graburn 2004); turismo como transição pessoal (Nash 2001) ¹¹⁹ – facilmente se percebe que estamos na presença de expectativas que poderemos também identificar no fenómeno da procura da prostituição (Ribeiro *et al.* 2007) e, de forma ainda mais explícita, na procura de relações de intimidade por parte de turistas.

Além dos “interesses” sexuais masculinos e dos “interesses” económicos femininos existem muitos outros nestas relações transnacionais de intimidade que devem ser tidos em conta, sob o risco de se incorrer em simplificações e reducionismos. Numa análise da prostituição orientada para os turistas na Tailândia, Cohen (1982, 2003) mostramos a impossibilidade de se estabelecer uma fronteira nítida entre relações comerciais e relações amorosas, destacando as suas inúmeras ambiguidades e a sua continuidade. Uma boa parte dos casamentos entre mulheres tailandesas e homens ocidentais representa o culminar de um processo em que a intimidade evolui de um contexto de prostituição para um de matrimónio. No seu entender, pode mesmo considerar-se a união conjugal com o turista (e posterior emigração) como a consequência última do exercício do sexo comercial (*idem*). Neste caso, como realça Brennan (2002) para o contexto da República Dominicana, a prostituição assume o papel de “stepping stone” para uma grande parte dos fluxos migratórios femininos. Encontramos situações bastante semelhantes na generalidade dos contextos turísticos que são considerados destinos sexuais globais (Piscitelli 2004c).

O casamento com o estrangeiro é uma aspiração que não se restringe às designadas *garotas de programa*. Ela está presente no horizonte de muitas outras mulheres que não se assumem e/ou não são tidas como tal, muito em particular no das mulheres das classes desfavorecidas. No entanto, como são as primeiras que, nestes contextos de lazer,

¹¹⁹ Isto não significa, contudo, que os turistas possam ser apresentados como “part-persons” (Graburn e Bathel-Bouchier, *in* Neveling e Werging 2009).

são socialmente mais acessíveis aos turistas, compreende-se o facto de ser mais frequente a ocorrência de relações mais prolongadas e até mesmo de casamentos como “derivados” do exercício da prostituição. Porém, são bastantes os relacionamentos e os matrimónios transnacionais associados às viagens de lazer masculinas que não têm a sua génese no contexto prostitucional, mas sim no quadro mais geral das condições, circunstâncias e sociabilidades proporcionadas pela indústria do turismo (McKercher e Bauer 2003: 12). Trata-se, sobretudo, de sociabilidades com mulheres da comunidade local que trabalham para o sector (v.g. funcionárias de hotéis, de restaurantes, de agências de viagens, de lojas de lembranças, vendedoras informais) e, menos frequente, com mulheres nacionais que, tal como o estrangeiro, também se encontram em turismo. A ecologia turística, na qual também se pode incluir a prostituição, funciona, assim, como um autêntico caldo social gerador de intimidades que, por vezes, culminam em matrimónio. Existem muitas outras configurações transnacionais de aliança que, geralmente, não têm uma relação de causalidade directa com o turismo¹²⁰, não constituindo, por isso, um objecto de interesse prioritário no presente trabalho.

Os casamentos transnacionais não são fruto da aleatoriedade. Como destaca Constable (2005: 5), eles têm subjacente um ordenamento do qual resultam determinados padrões a que autora dá o nome de *marriage-scapes*. As assimetrias são a grande marca estrutural destas paisagens matrimoniais: homens *brancos* dos países ricos do Norte, de classe média, com alguma capacidade económica; mulheres *negras*, *mestiças* ou *orientais* dos países pobres do Sul, de classe baixa e economicamente vulneráveis. A estes contrastes juntam-se muitos outros que remetem para as fronteiras da pertença cultural de ambas as partes. O resultado, como conclui Cohen (2003), são formas de aliança marcadas por uma heterogamia extrema, ou seja, por grandes dissemelhanças entre os cônjuges¹²¹.

A alteridade poderá proporcionar um quadro de sedução e atracção transcultural recíproco (Campbell 2007) – a “sedução do exótico”, segundo Kohn (1998) –, mas, em

¹²⁰ Destacam-se aqui pela sua relevância os casamentos mistos nas sociedades de acolhimento de imigrantes (Raposo e Togni 2009), realizados, por vezes, no âmbito da diáspora, entre pessoas que partilham uma mesma pertença étnica, embora tenham diferentes nacionalidades (Oxfeld 2005, Thai 2005, Charsley 2005). Nalguns casos, o matrimónio é mediado por agências especializadas que actuam através dos jornais e da internet – fenómeno conhecido como *mail order brides* – (Glodava e Onizuka 1994, Constable 2003, Lu 2005, Roca *et al.* 2008, Puerta e Másdeu 2010), funcionando como uma plataforma transnacional que proporciona contactos femininos de diferentes partes do mundo (v.g. América Latina, Ásia, Europa de Leste, África) aos homens ocidentais à procura de cônjuge. Ao contrário das situações em que a migração precede a conjugalidade, nomeadamente a migração feminina para a indústria do sexo, neste caso a aliança funciona como porta de entrada da migração (Piscitelli 2007b).

¹²¹ No entender de Cohen (2003), esta heterogamia é uma consequência inevitável da criação de um mercado matrimonial global, impulsionado pela crescente agilização dos processos de circulação de pessoas, de comunicação e de construção mediada da intimidade no actual estágio de globalização.

sentido inverso e sobretudo a montante, também poderá constituir um factor de instabilidade e até de ruptura conjugal. Algumas das assimetrias que permeiam esta alteridade parecem representar para ambas as partes um pólo de desejo. Discutindo alguns dos principais motivos invocados por italianos para justificar o casamento com mulheres do Nordeste brasileiro e vice-versa, Piscitelli (2007b: 726-727) constata que eles desejam mulheres menos emancipadas que as suas concidadãs e elas homens menos machistas que os seus concidadãos, que lhes possibilitem *upgrade* social e a pertença a uma cidadania tão valorizada como a europeia. Mais tarde, já em pleno quotidiano conjugal em Itália, as percepções e os desejos que, de parte a parte, estiveram na origem da preferência matrimonial são confrontados com uma realidade bastante distinta: elas, afinal, não são tão “tradicionais” como era desejado e eles tão “modernos” e prósperos (*idem*: 731).

As diferenças entre os cônjuges, nomeadamente aquelas que se traduzem em desigualdades socioeconómicas, poderão atenuar-se com o casamento, proporcionando uma significativa ascensão social das mulheres pobres do Sul.¹²² Mas nem sempre assim sucede. Atendendo a que na maioria dos casos os matrimónios transnacionais pressupõem mobilidade migratória feminina, importa ter sempre em linha de conta o posicionamento social de cada qual no contexto de origem e de acolhimento. Desta forma, Piscitelli (2007b: 738-739) refere-se a duas situações claramente distintas: (i) a das migrantes brasileiras de estratos sociais baixos casadas com italianos no quadro do chamado turismo sexual, que, apesar de limitadas a empregos precários na Itália, viram a sua condição socioeconómica melhorar face ao que era a sua anterior situação no Brasil; (ii) a das migrantes brasileiras de classe média sem possibilidade de aceder a um emprego condizente com a sua formação académica/profissional. Para as primeiras o matrimónio foi hipergâmico. Para as segundas, hipogâmico, à semelhança do que é descrito por Thai (2005) para as mulheres vietnamitas com elevado capital escolar casadas com homens americanos de baixa renda. O acesso a contextos cimeiros de uma hierarquia espacial global nem sempre é acompanhado pela ascensão nas escalas de prestígio da sociedade de origem ou da sociedade de acolhimento.

Independentemente do sentido da mobilidade social potenciado pelo matrimónio, a mudança destas mulheres para países distantes e diferentes dos seus constitui, à partida, um factor indutor de múltiplas vulnerabilidades. O facto de se estabelecerem nos países

¹²² Esta hipergamia feminina corresponderá a um padrão designado por “gradiente matrimonial”, segundo o qual as mulheres tendem a casar com homens mais velhos, com mais capital escolar e com maior capacidade económica (Fitzgerald 1999, *in* Thai 2005: 148).

dos respectivos maridos, seja em formato de residência neolocal, virilocal ou patrilocal¹²³, reduzir-lhes-á, em caso de necessidade, as possibilidades de acesso aos tradicionais suportes sociais (família, amigos e conhecidos). Por outro lado, certamente que irá alterar as coordenadas de poder no seio do casal, esboçadas ainda nos seus contextos de origem (Cohen 2003), podendo acentuar manifestações patriarcais não expectáveis ao início da relação (Brennan 2001, Mahler 2001, Schein 2005)¹²⁴. Mas nem sempre a aliança impõe a migração feminina. Por vezes, como veremos no contexto de Ponta Negra, é o homem que se desloca para ir viver no país da sua companheira. Noutros casos, os cônjuges fazem uma gestão sazonal da sua vida conjunta e passam parte do ano em cada um dos seus respectivos países, constituindo um exemplo paradigmático de “transmigrantes” (Schiller, Basch e Blanc 1995).

As mobilidades migratórias associadas à conjugalidade são conhecidas como “migrações matrimoniais” (Palriwala e Uberoi 2005, Constable 2005, Yang e Lu 2010) ou “migrações por amor” (Roca 2007a, 2007b, Roca *et al.* 2008, Mai e King 2009, Lima e Togni 2012): o casamento transnacional não é a consequência da emigração, mas sim a sua causa mais imediata (Puerta e Másdeu 2010). Os projectos migratórios em causa não são propriamente de índole económico-laboral, como reconhece Roca (2007a, 2007b) para o contexto dos casamentos transnacionais entre homens espanhóis e mulheres sul-americanas e do leste europeu. Questionando o economicismo estrito dos estudos clássicos das migrações, ele defende o cabimento de outras causalidades nas migrações internacionais, admitindo a existência de “migrantes por amor”. Num tempo em que as expectativas de realização emocional ganham algum terreno aos objectivos de maximização material (Giddens, 2001), é pertinente, de facto, admitir que as razões de ordem sentimental também contam nas opções biográficas dos actores sociais. Todavia, as designações “migrações matrimoniais” ou “migrantes por amor” parecem reduzir a configuração da mobilidade migratória a aspectos meramente de ordem passional, subvalorizando as questões de economia política. Em linha com o sugerido por Padilla *et al.* (2007: xi-xiv), a análise das relações amorosas no actual mundo globalizado deverá fazer-se à luz de uma “economia política do amor”, procurando compreender a organização social da intimidade

¹²³ O padrão de residência neolocal caracteriza-se pelo facto de os cônjuges escolherem um lugar para se estabelecer em função dos seus próprios critérios, independente da localização dos domicílios das respectivas famílias. Na residência virilocal o marido assegura habitação e outros bens (v.g. terras), geralmente próximo da sua família, para a instalação do agregado. No modelo patrilocal o casal vive com os parentes do marido.

¹²⁴ Ao criarem condições conducentes à reconfigurações das identidades e relações de género, estes fluxos transnacionais são um bom exemplo de “gendered mobilities” (Cresswell e Uteng 2008).

tendo em consideração a desigual distribuição de recursos e de poder. Esta desigualdade é, claramente, o cenário estrutural das “migrações por amor”¹²⁵. E é neste cenário que, além do amor, se situam muitas das outras circunstâncias, razões e interesses, nomeadamente de ordem económica, que informam a deslocação migratória. Desta forma, como concluem Palriwala e Uberoi (2005: vii),

[...] a meaningful distinction between ‘marriage’ or ‘family’ migration on the one hand, and ‘labour migration’ on the other, is impossible to sustain. [...] Given women’s role in family subsistence production, ‘wives’ are typically also ‘workers’, though their ‘work’ may not be fully recognised as such.

Embora as causas passionais e o desejo de concretização de um projecto conjugal aportem especificidades a estes fluxos, eles não deixam de reflectir os padrões mais comuns das migrações laborais femininas, num quadro de feminização da pobreza¹²⁶. A sua génese resulta da conjugação sistémica e variável de diferentes factores (v.g. precaridade económica, opressão das estruturas de género locais, sedução e envolvimento afectivo com o estrangeiro, expectativas de concretização de desejos pessoais e familiares). É por referência a estes factores que emerge a “disposição migratória” de que nos fala Kalir (2005), ou seja, a disponibilidade subjectiva para emigrar fundada na percepção/avaliação da situação social em que se vive e daquilo que se poderá encontrar em outro lugar. Isto não significa, contudo, que as migrações resultem de decisões racionais individuais, como é assumido pela teoria neoclássica; nem, em sentido contrário, uma consequência das assimetrias sistémicas globais, associadas a estruturas económicas e políticas de dominação, como defendem as teorias estruturais do capitalismo¹²⁷. Enquanto

¹²⁵ Aliás, a ideia e a prática do amor romântico, como destaca Rebhun (1999) para o Nordeste brasileiro, expressam uma vinculação assimétrica com o Ocidente: “The practice of romance reflects a prestigious involvement with the ‘West’, its economic domination, its glorious cultural heritage and its modernity, especially regarding romance as expressed in marriage for love [...]” (*idem*: 5).

¹²⁶ A que se junta a feminização das migrações, destacando-se no âmbito desta tendência o contributo decisivo da mulher-migrante para a economia doméstica. Geralmente, este contributo é direccionado não só para o seu novo agregado familiar, como também para a família que deixou no país de origem, que assim acede a uma economia doméstica transnacional.

¹²⁷ Na perspectiva neoclássica, as migrações resultariam de uma conjugação de condições adversas no lugar de origem (*push factors*) e de circunstâncias atractivas (*pull factors*) no possível destino, ou seja, entre aspirações insatisfeitas e a esperança de assegurar a sua satisfação num contexto diferente. As desigualdades económicas entre países ou regiões, nomeadamente em termos de ofertas de trabalho e índices salariais, seriam os principais factores responsáveis pela decisão pessoal de migrar, depois de racionalmente ponderados custos e benefícios entre o que se tem e o que se poderá vir a ter. De igual modo, as teorias estruturais do capitalismo também conferem particular ascendência explicativa à dimensão económica das migrações, embora privilegiem uma orientação teórica bastante diferente; com grande profundidade histórica e centrada nas relações de dependência político-económica que caracterizam o sistema-mundo, criticando as ideias da teoria neoclássica sobre a existência de uma racionalidade esclarecida e uma autodeterminação pessoal na constituição dos fluxos migratórios (Figueiredo 2005: 39-42).

que estas últimas descuram as motivações e as estratégias de indivíduos e grupos, a visão neoclássica confere pouca importância à historicidade e ao papel do Estado (Castles e Miller, *in* Figueiredo 2005: 41).

Ao penderem em demasia para um dos pólos da dicotomia estrutura-acção, ambas as perspectivas não permitem esclarecer uma questão que, no entender de Portes e Böröcz (1989), se afigura fundamental: porque é que pessoas do mesmo contexto e com um perfil socioeconómico idêntico manifestam predisposições bastante variáveis quanto à possibilidade de migrar e, dentre as que colocam essa hipótese, porque só algumas a concretizam, optando por determinados destinos em detrimento de outros? A resposta a esta pergunta passa, em larga medida, por uma abordagem que não esteja excessivamente centrada nos factores económicos (apesar de muito relevantes), seja destacando as racionalidades utilitaristas individuais ou as desigualdades estruturais globais, e procure compreender o carácter relacional das mobilidades migratórias e outras dimensões além da economia. Em concreto, trata-se de privilegiar a análise do acesso das pessoas a redes sociais locais, nacionais e transnacionais, baseadas na família, nos laços vicinais, na pertença cultural ou até mesmo na intimidade, que possam ser transformadas em capital social e usadas como recurso de suporte da sua deslocação migratória¹²⁸. Como justamente concluem Portes e Böröcz (1989: 612), “networks constructed by the movement and contact of people across space are at the core of the microstructures which sustain migration over time”.

¹²⁸ De um modo geral, as redes são consideradas um instrumento conceptual/metodológico fundamental na análise das migrações internacionais enquanto campo privilegiado de produção de manifestações e formações sociais transnacionais (Kearney 1986, Portes e Böröcz 1989, Portes 1999b, Portes, Guarnizo e Landolt 2003, Vertovec 2007, Brettell 2008). Raramente assumem semelhante destaque no estudo de outras formas de mobilidade ou das suas respectivas articulações com as diásporas internacionais. No âmbito das migrações a noção de rede é, genericamente, entendida como o conjunto de relações que alguém mantém de forma mais ou menos regular com outras pessoas dos seus contextos de origem e de acolhimento, e que poderá mobilizar sob a forma de capital social. O parentesco, a amizade, a intimidade e os laços culturais são os grandes suportes destas relações. Nas ciências sociais, a antropologia é uma das primeiras e principais referências na utilização do conceito de rede. Já Radcliffe-Brown (1940), referindo-se aos aborígenes australianos, dizia: “These human beings are connected by a complex network of social relations”. A esta congregação de relações interpessoais, empiricamente constatável, viria a dar o nome de estrutura social. O recurso à análise de redes sociais na antropologia ganha maior projecção com Mitchell (1969) e Boissevain e Mitchell (1973). Nesta altura, a utilização do conceito decorre sobretudo no estudo de pequenas comunidades circunscritas a um território fixo. A partir daí tem vindo também a ser bastante utilizado nas pesquisas sobre fenómenos sociais fluidos, geograficamente distendidos e de amplitude global. Veja-se, por exemplo, como Hannerz (1992a) se refere a uma “rede de redes” para dar forma à sua ideia de “global ecumene”. Com uma perspectiva bastante original no seio das ciências sociais, Latour (2005) desenvolve uma abordagem de cariz semiótico-material, mais conhecida por “actor-network theory”, em que o conceito de rede integra uma considerável heterogeneidade de elementos. Não só pessoas e organizações, como também objectos, ou seja, componentes sociais e técnicos.

Ao propiciar múltiplos idiomas e práticas relacionais (Simoni 2009), o turismo de massas é responsável pelo desenvolvimento de redes sociais de alcance transnacional que assumem um papel relevante na concretização de novos fluxos, sobretudo migratórios, protagonizados por cidadãos de países pobres. Muitas destas manifestações de “transnationalism from below” (Smith e Guarnizo 1998) assentam numa malha de relações na qual a intimidade se destaca como elemento nuclear e centrípeto. Aliás, com a crescente fortificação das fronteiras dos Estados mais ricos, a intimidade, sobretudo quando conduz ao casamento, representa um dos meios mais imediatos/eficazes de aquisição de capital social e económico para a construção de projectos migratórios com alguma sustentabilidade. Não é por acaso que o matrimónio com o turista surge aos olhos de muitas mulheres asiáticas e latino-americanas como a solução mais plausível, desejada e procurada para concretizar a vontade de emigrar (Cohen 2003, Brennan 2002, Piscitelli 2007a). A sua capacidade de agência nesse sentido é bastante significativa, o que lhes vale no Brasil a alcunha de *caçadoras de gringos*. Elas mobilizam recursos (v.g. erótico-sexuais e relacionais) e desenvolvem performances de paixão para activar e manter vínculos com os turistas, demonstrando uma grande habilidade na utilização dos novos meios tecnológicos de comunicação para sustentar a relação à escala transnacional, depois do regresso dos seus parceiros aos respectivos países, e para a orientar na direcção do casamento. Não quer isto dizer que haja aqui, necessariamente, um calculismo estrito e uma mera instrumentalização da conjugalidade, como forma de assegurar a deslocação migratória. De parte a parte, o amor assume muitos sentidos e a aliança pode, em simultâneo, ter subjacentes múltiplos “interesses” – incluindo aqui os de ordem passional e material – e prestar-se a diferentes usos e finalidades (Brennan 2004a: 96), o que acaba por ser negligenciado nas tipologias mais comuns dos estudos sobre os casamentos mistos¹²⁹.

A capacidade de agência feminina e os planos de mobilidade migratória dela decorrentes não estão ao alcance de todas as mulheres. Há uma questão de “geometria de poder” (Massey, 1994) que é preciso ter em conta para compreender que nem todas reúnem as mesmas condições para assegurar a sua deslocação transnacional. Há assimetrias e hierarquias no acesso e controlo dos fluxos entre os lugares que conduzem a diferentes graus de agência. Mas além da posição social e de factores estruturais, importa

¹²⁹ Geralmente são agrupados em seis grandes categorias: aqueles que resultam do envolvimento emocional entre as partes (o chamado *casamento por amor*), os arrançados, os de conveniência mútua (“casar com o passaporte”, segundo Grassi [2006]), os forçados (em especial pela família, que utiliza a noiva como recurso económico), os casamentos de reunificação familiar e ainda aqueles que têm como finalidade principal a reparação da honra, em virtude de situações como violação e gravidez não planeada (Piscitelli 2007b: 720-721).

também considerar dimensões de ordem mais subjectiva-cognitiva, tal como defendem Mahler e Pessar (2001: 447):

First, we view agency as affected not only by extra-personal factors but also by quintessentially individual characteristics such as initiative. Thus, two people may hail from equally disadvantageous social locations, but one – owing to her own resourcefulness – will exert more influence than the other. And second, we argue that the social agency we are interested in must include the role of cognitive processes, such as the imagination, as well as substantive agency. Much of what people actually do transnationally is foregrounded by imaging, planning, and strategizing; these must be valued and factored into people's agency.

A vulnerabilidade material não pode ser assumida peremptoriamente como uma condição incompatível com a imaginação, a volição e a agência feminina. Ignorando a vontade e o poder de iniciativa das mulheres no quadro das relações transnacionais de intimidade e das migrações (associadas ou não à prostituição), os discursos anti-tráfico dominantes, produzidos amiúde por instâncias internacionais, representantes governamentais, académicos e ONG, tendem a referir-se a estas mulheres como desprovidas de autodeterminação e a utilizar, indiscriminadamente, a ideia de tráfico (Agustín 2004, 2007, Bordonaro e Alvim 2011), que serve muitos interesses político-económicos menos os das pessoas mais vulneráveis (Kempadoo 2005). Omite-se aquilo que as mulheres de facto querem, como se não tivessem vontade própria, e parte-se do princípio que, de um ou de outro modo, todas elas são vítimas (Sacramento e Ribeiro 2009).

Capítulo III.

Ponta Negra na cartografia internacional de desejos e paixões

À semelhança de muitos outros lugares litorâneos do Nordeste do Brasil, as praias de Natal, em especial Ponta Negra, constituíram-se como destinos do turismo de massas e, em consequência, integraram-se em pleno nos circuitos do capitalismo global nos últimos anos do século XX. Este processo foi impulsionado por políticas públicas forjadas num quadro de dependência externa do Estado brasileiro e assentes numa forte ambiguidade estrutural: reféns da voracidade do mercado em incorporar novos espaços no sistema internacional de reprodução do capital e, ao mesmo tempo, professando uma fé inabalável no turismo como a solução mágica para o desenvolvimento da deprimida região nordestina (Thevenin 2011). O resultado tem sido uma rápida e profunda reconfiguração do estilo de vida das populações locais e novas assimetrias e formas de exclusão social (Silva e Gomes 2004), geradas por modelos de turismo incapazes de promover uma distribuição generalizada e equilibrada dos benefícios gerados.

Tendo como pano de fundo as políticas públicas para o turismo, este capítulo começa com uma breve arqueologia do percurso que conduziu ao extraordinário desenvolvimento turístico de Ponta Negra, a que se segue uma reflexão sobre a escolha do continente europeu (sobretudo os países do Sul) como geografia privilegiada da sua inserção transnacional. Presto particular atenção ao papel decisivo desempenhado pelo Estado neste processo, com a preocupação de avaliar em que medida e de que forma as suas acções contribuíram para uma internacionalização do lugar permeada por noções de género, “raça”, nacionalidade e sexualidade ancoradas em vínculos, imagens e desejos antigos. Depois de discutidos os aspectos que mais marcaram a construção de Ponta Negra como contexto turístico, procuro mostrar como a sua participação em circuitos *generificados* e sexualizados de turismo tem produzido determinados ordenamentos locais de tempo e espaço nos quais se inscrevem as paisagens passionais euro-tropicais. Por último, a encerrar o capítulo, algumas notas sobre o papel das mais recentes possibilidades tecnológicas de informação e comunicação, em especial da internet, na projecção

internacional de discursos hedônicos sobre Ponta Negra e na sua inclusão, como diria Piscitelli (2005), em circuitos transnacionais de construção da intimidade.

1. De praia de pescadores a ecologia de lazer e turismo

Até meados do século XX, Ponta Negra era uma pequena comunidade de pescadores. Com fracas acessibilidades e separada da cidade de Natal por mais de uma dezena de quilómetros, até essa altura a povoação encontrava-se relativamente isolada, numa situação periférica face à sede do município. Além da pesca, os seus moradores dispunham de aproximadamente 550 ha de terras comunitárias em que podiam fazer as suas *roças* e assegurar produtos agrícolas fundamentais para a economia doméstica (Sá 2010: 114). Não tendo sido individualmente apropriadas e legalizadas, nas décadas de 1950 e 1960 a maioria destas terras foi alvo de apropriação ilegal (*grilagem*) por parte de privados e de um “roubo institucionalizado” a grande escala, no qual estiveram envolvidas “três forças uníssonas” – Estado, mercado imobiliário e Igreja Católica – que destinaram uma parte da área em causa para a edificação do complexo militar da Barreira do Inferno (*idem*: 114-117). Estava então aberta a porta para uma forte expansão e especulação urbanística que, em conjunto com os novos hábitos de lazer das elites locais, viria a alterar a fisionomia de Ponta Negra. Como destaca Souza (*in Semurb* 2009: 203), “em meados do século XX, a elite natalense aportou à beira-mar construindo aí suas casas de veraneio. Nos anos 70, a expansão urbana povoou a parte alta deste bairro [Ponta Negra] com a construção de conjuntos habitacionais”.

A praia que até então tinha sido palco da faina piscatória e frequentada quase que em exclusivo pela comunidade local começa, gradualmente, a ser apropriada como espaço de lazer pelas pessoas dos estratos mais afluentes da sociedade potiguar, que aí iam construindo casas para consumo dos prazeres balneares, procurando, desse modo, entrar na moda nacional da segunda residência (Júnior 1997, Silva e Fonseca 2010). Na fase que antecedeu o turismo de massas, a praia era também frequentada por jovens “alternativos”, “[...] que encontravam neste espaço paradisíaco, distante da cidade e com acesso precário, as condições suficientes para experiências sociais mal toleradas pela ordem político-moral dominante, incluindo aquelas ligadas ao sexo e ao consumo de estupefacientes” (Ribeiro e Sacramento 2006: 164). Com esta crescente procura de Ponta Negra como ecologia de lazer e prazer, muitos habitantes da vila, que haviam sido espoliados das suas terras,

procuraram novas fontes de rendimento, além da pesca: no artesanato, nas *barracas* de praia e noutras actividades informais direccionadas para os visitantes (Bezerra e Sá 2008: 7). Começava, assim, a esboçar-se uma estrutura, embora muito rudimentar, de exploração comercial do consumo da praia, da qual ainda hoje, como veremos, restam algumas reminiscências.

Mais tarde, já durante a década de 1980, o sector do turismo em Natal começa definitivamente a ganhar escala e dinamismo, fruto de políticas específicas de incentivo ao sector, de processos de urbanização pensados em função das suas principais exigências e da construção de inúmeras ligações rodoviárias e equipamentos estruturantes (Furtado 2008: 57-67). De todas as iniciativas, o projecto Parque das Dunas/Via Costeira é comumente apontado como o factor primordial de desenvolvimento turístico da cidade (Cavalcanti 1993, Cruz 1995, Júnior 1997, Silva 2003, Furtado 2008, Costa 2008, Sá 2010),¹³⁰ em especial para sul, para Ponta Negra, que se torna o cenário paradigmático do turismo natalense. Com uma extensão de cerca de uma dezena de quilómetros, a Via Costeira atravessa sempre junto à orla do mar a área ecológica protegida do Parque das Dunas e liga as praias de Ponta Negra e Areia Preta. No seu enfiamento foram sendo construídos os maiores e mais prestigiados hotéis de Natal, que até então praticamente não dispunha de unidades hoteleiras com características para competir no mercado turístico internacional. Delineado no quadro de políticas públicas de fomento do turismo coordenadas pela Empresa de Promoção e Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Norte (Emproturn)¹³¹, este mega-projecto, iniciado em 1979 e inaugurado em 1983, foi pensado para funcionar como o grande catalisador inicial da organização e do desenvolvimento do sector rumo à sua massificação. Como conclui Furtado (2008: 59), “nesse momento, o turismo passa a adquirir relevância no contexto da economia urbana e se faz sentir mais fortemente”. Actualmente, na Via Costeira estão sedeados 11 hotéis, de quatro ou cinco estrelas. Alguns deles pertencem a cadeias hoteleiras europeias, como é o caso do *Pestana Natal-Beach Resort*, do grupo português Pestana.

Ainda no início dos anos 80 do século passado, a Avenida Eng.º Roberto Freire (antiga Estrada de Ponta Negra-Natal, v. fig. 2) foi duplicada, assegurando uma articulação mais eficiente do eixo Via Costeira – Ponta Negra com a BR101, principal acesso ao

¹³⁰ Aliás, a ideia dos responsáveis políticos seria criar uma espécie de Copacabana local (Júnior 1997) que funcionasse como o grande ícone e pólo de dinamização do turismo na cidade.

¹³¹ Este organismo foi criado em 1971 pelo Governo estadual e extinto em meados da década de 1990. Algumas das suas competências mais importantes estão agora sob a responsabilidade da Emproturn, uma entidade que funciona com capitais mistos e é tutelada pela Setur-RN.

aeroporto internacional e, em sentido contrário, ao centro de Natal. Esta avenida rapidamente se transformou no principal eixo da urbanização turística de Ponta Negra (Júnior 1997, Furtado 2008). Para quem procede de Natal, do seu lado esquerdo, está o Parque das Dunas e, já em pleno Bairro de Ponta Negra, uma área *non aedificandi*¹³², a partir da qual, na encosta da praia, se edificaram unidades hoteleiras e alguns empreendimentos imobiliários. Os grandes *espigões* de apartamentos destinados à classe média natalense e aos turistas, e os demais espaços de consumo para residentes e visitantes têm sido construídos do lado oposto da avenida. Na paisagem urbana desta zona do bairro sobressaem as tipologias habitacionais impulsionadas pelo capital turístico-imobiliário (Ferreira, Bentes e Clementino 2006) e que têm estado associadas à expansão do turismo residencial europeu (Clementino 2009, Silva e Fonseca 2010); uma modalidade de turismo reveladora de maior vinculação ao lugar que, nalguns casos, pressupõe a formação de relacionamentos mais consistentes e/ou duradouros com mulheres locais.¹³³

Com a Via Costeira, a Avenida Eng.º Roberto Freire e, mais tarde, a Rota do Sol (faz a ligação às restantes praias do litoral sul) estavam constituídos os principais eixos da expansão urbano-turística de Ponta Negra e da afirmação da sua centralidade no espaço natalense. O turismo e as grandes dinâmicas urbanas – por exemplo no âmbito imobiliário e na verticalização da paisagem construída (Silva 2003, Clementino 2004) – foram propagando-se do centro de Natal (via Avenida Eng. Roberto Freire) e das suas praias (através da Via Costeira), que nem uma onda, em direcção a Ponta Negra (Furtado 2008), transformando-a numa praia eminentemente transnacional e num dos principais pólos de internacionalização da região durante a última década do século passado. Este processo decorreu num ambiente de forte divergência de interesses, sobretudo em relação à organização e uso do areal ao longo da Rua Erivan França.

A génese da disputa social pelo espaço da praia remonta ao início da década de 1990, quando os hoteleiros, proprietários e empresários do sector imobiliário¹³⁴ da orla costeira apresentaram um processo no Ministério Público a requerer a remoção das antigas

¹³² Integrada na ZET-1 e destinada a preservar a democraticidade da visualização da praia e do Morro do Careca.

¹³³ O turismo residencial diz respeito a “[...] enduring practices and lifestyles which result from a channeled flow of consumption-led, permanent or semi-permanent migration to a particular destination. [...] a lifestyle that is oriented around patterns of leisure and consumption, in which work imperatives are minimal or nonexistent; and it takes place permanently or semi-permanently in a particular *destination*, outside one’s traditional socio-geographical milieu” (McWatters 2009: 3).

¹³⁴ Organizados num movimento associativo de que viria a resultar a Associação dos Moradores, Empresários e Amigos da Praia de Ponta Negra (AME Ponta Negra).

barracas (cerca de uma centena) do areal¹³⁵. Embora o discurso destes agentes destacasse a necessidade de democratização e modernização da praia, e enfatizasse as preocupações ambientalistas e de saúde pública – chamando atenção para a falta de condições higiénicas, o impacto visual e a poluição provocada pelas *barracas* –, o seu maior interesse era meramente económico: assegurar o controlo comercial da praia, o dos hoteleiros e donos de restaurantes; criar condições para a valorização fundiária da orla costeira, o dos proprietários e especuladores imobiliários (Sá 2010: 123-139). Em resposta a esta ofensiva dos interesses instalados a escassos metros do areal, os *barraqueiros* organizaram-se através da Associação dos Barraqueiros de Ponta Negra (ABPN), procurando defender o seu direito a um lugar na praia e ao exercício da actividade. Para tal foi invocada a antiguidade das *barracas* e a sua extraordinária importância na economia doméstica de muitas das famílias da vila.

Depois de uma longa disputa pública entre as partes e de decisão judicial favorável à salvaguarda da actividade dos *barraqueiros*, em 1995 foi aprovado o projecto de urbanização da orla de Ponta Negra. Neste documento era proposta a construção de um *calçadão* com cerca de 3 km e a demolição das *barracas*. O plano de ordenamento do espaço da orla tinha subjacente uma estratégia de segmentação da praia, que, no seu essencial, passava por reservar uma secção somente para quiosques na área de maior densidade de restaurantes e bares, e por estabelecer novas *barracas* num segmento da praia mais a norte. Todavia, muitas destas ideias acabariam por não sair do papel. Depois de derrubadas, em Agosto de 1999, as *barracas* não mais foram edificadas. Em alternativa instalaram-se no *calçadão* três dezenas de pequenos quiosques, ao longo de mais de dois quilómetros, muito para lá do segmento de praia que lhes havia sido reservado no projecto. Nestes quiosques foram acomodados alguns dos antigos *barraqueiros*, que aí mantêm a comercialização de bebidas e comidas, um pouco à semelhança do que antes faziam. Outros foram instalados nos 54 *pontos*¹³⁶ para locadores de cadeiras entretanto criados pela prefeitura. Nas zonas do areal correspondentes a uns e outros são colocadas mesas,

¹³⁵ Os *barraqueiros* começaram a instalar-se na praia na década de 60 do século passado. Nas *barracas* que construíram de forma mais ou menos improvisada vendiam bebidas e preparavam comida, sobretudo peixe e marisco. Muitas destas *barracas* foram sendo herdadas pelos filhos e netos. Alguns mantiveram o negócio de família, outros venderam-nas a terceiras pessoas, inclusivamente a estrangeiros.

¹³⁶ Ao contrário dos quiosques, os *pontos* são apenas espaços de praia concessionados, não beneficiando de uma estrutura de apoio fixa. As bebidas têm, por isso, de ser transportadas diariamente para a praia e acondicionadas em caixas de esferovite (*isopor*) cobertas de gelo.

cadeiras e espreguiçadeiras de plástico, juntamente com os indispensáveis guarda-sóis, que salpicam a praia com uma expressiva macedónia de cores.¹³⁷

Do lado da rua do *calçadão* oposto ao dos quiosques e dos *pontos*, explorados por brasileiros, na sua maioria *nativos*, estão os estabelecimentos mais formais: pequenas unidades hoteleiras, restaurantes, lojas de conveniência, *lan houses* (internet e telefone), lojas de roupa e de produtos de praia, agências de viagens, empresas imobiliárias, espaços de venda de artesanato e *souvenirs*, entre outros. Uma boa parte dos proprietários ou arrendatários destes espaços comerciais são europeus, sobretudo italianos, um pouco à semelhança do que acontece na generalidade dos contextos do bairro mais frequentados pelos turistas. Embora alguns destes estrangeiros tenham feito investimentos iniciais avultados no desenvolvimento da actividade, muitos deles enquadram-se mais num registo de empreendedorismo de pequena/média escala. A sua mobilidade migratória (definitiva ou sazonal) para iniciar uma experiência de trabalho em Ponta Negra foi, como veremos, quase sempre precedida do consumo turístico do lugar e está, geralmente, associada à transnacionalização da intimidade. A sua presença (e a dos turistas estrangeiros em geral) provoca um certo incómodo entre os natalenses, que parecem experienciá-la como uma nova invasão, uma sequela da história colonial. É muito comum ouvi-los dizer que *Ponta Negra é dos europeu*’ e identificar expressões de ambivalência, tensão e/ou estigmatização face aos *gringos*, tal como se verifica, aliás, em muitos outros destinos turísticos (Zarkia 1996, Boissevain e Theuma 1998, Abbink 2004, Boissevain 2006, Simoni 2009, Bezerra 2010).

Ao contrário do que sucedeu num passado recente, agora os empresários hoteleiros e da restauração parecem já mais conformados com a presença dos quiosques e dos *pontos* do outro lado, no *calçadão*. E como não puderam vencê-los e assegurar o domínio comercial da faixa de praia, “juntaram-se” a eles, construindo estratégias mutualistas de encaminhamento recíproco de clientes e de complemento da actividade. Entre uns e outros, sem espaço fixo, circula um imenso fluxo de agentes da economia informal e alguns adolescentes que pedem a quem passa um ou dois reais para ir comprar *crack* numa dos vários pontos de venda (*bocas de fumo*) da vila. A constante abordagem do

¹³⁷ Como estratégia de charme, na acesa disputa dos clientes é bastante comum os guarda-sóis ostentarem representações de diversas bandeiras nacionais. Destaca-se, desde logo, a do Brasil e as de países europeus como a Itália, a Noruega e a Suécia. O recurso a bandeiras ou a outros elementos que evocam a nacionalidade é uma estratégia bastante recorrente na generalidade dos estabelecimentos comerciais da praia e daqueles que se situam nos principais circuitos turísticos de Ponta Negra. O resultado é um ordenamento iconográfico em que coexistem, sobrepõem-se e interagem no mesmo espaço referentes simbólicos de diversos países.

turista por parte dos vendedores de rua (*camelôs*) transforma a praia numa densa área comercial a céu aberto¹³⁸. Muitos deles são naturais da vila, outros vêm diariamente da *zona norte* e de outros bairros de Natal, outros ainda, como é caso dos artesãos *rastafaris*, vêm de outros Estados, fazendo longos péréiplos por alguns dos mais destacados destinos turísticos da costa brasileira. O seu posicionamento no campo da informalidade não significa que estejam numa situação marginal face a outros agentes e actores da estrutura económica da praia. Aqui, como em quase todo o lado, a economia informal não é um mundo à parte (Moser 1978, Portes *et al.* 1989, Chen 2005, Cunha 2006, Narotzky 2009). A interacção com os sectores de actividade mais convencionais é inevitável.

Destacando o papel relevante do sexo mercantil nas dinâmicas económicas de Ponta Negra, Ribeiro e Sacramento (2006: 349) mostram a permanente articulação das *garotas de programa* com vários outros actores da praia, tendo em vista criar condições para potenciar os proveitos de ambas partes junto dos *gringos*. Os taxistas e os proprietários e empregados de alguns quiosques e *pontos* são dos seus principais interlocutores nesta estratégia de benefício mútuo. Os primeiros ajudam na angariação de clientes, recorrendo, por vezes, a dossiês de fotografias e/ou de contactos (*books*) que exibem aos turistas que transportam. Em contrapartida, elas tornam-se usuárias assíduas dos respectivos serviços de táxi. Os segundos também funcionam, amiúde, como intermediários entre os turistas e determinadas mulheres, no pressuposto de que uns e outras retribuam; por exemplo, frequentando os seus respectivos espaços comerciais. Esta inserção da intimidade nos processos sócio-comerciais da praia é indissociável da massificação turística do lugar e da sua emergência como ecologia fortemente mercantilizada.

¹³⁸ Durante as estadias de terreno em Ponta Negra registei mais de meia centena de actividades informais realizadas na orla da praia, desde aquelas em que se transaccionam bens ou serviços socialmente aceitáveis (*v.g.* roupa de praia, CD, óculos de sol, fruta, milho verde, água de coco, café e *bolinhos*, gelados *din-din*, raízes de cheiro, ostras, massagens) até outros que afrontam os valores dominantes, configurando um crime (*v.g.* droga) ou sendo alvo de estigmatização (*v.g.* prostituição). Alguns destes produtos, em particular os de fabrico industrial, são adquiridos no Alecrim, uma área eminentemente comercial situada no centro de Natal, a cerca de 12 km. Para um conhecimento mais detalhado do dinamismo da economia informal em Ponta Negra, da estreita articulação com os sectores de actividade mais convencionais e da sua extraordinária importância socioeconómica num contexto de grande precariedade laboral, ver Silva *et al.* (2001) e Ribeiro e Sacramento (2008).

2. Políticas públicas, lógicas do desejo e internacionalização turística

A construção de Natal como destino internacional de turismo de massas e a sua participação em processos transnacionais, desde a economia à intimidade, tem estado associada a políticas de desenvolvimento turístico delineadas pelo Estado brasileiro, por vezes em circunstâncias de dependência financeira face ao exterior e num quadro de memórias e relações históricas que vêm sendo (re)configuradas desde a colonização. Há, portanto, alguns aspectos de economia política, muitas vezes descurados pela antropologia, que deverão ser considerados para melhor se compreender a emergência de Ponta Negra como “sítio de desejo” (Manderson e Jolly 1997) e espaço de transnacionalização da intimidade.

À semelhança de outros contextos do Nordeste brasileiro, o turismo na região natalense ganhou escala e projecção internacional ao longo da década de 1990,¹³⁹ fruto de políticas destinadas a transformar o sector num importante eixo de crescimento económico e de desenvolvimento regional (Thevenin 2011). Estas políticas surgiram num ambiente de crescente abertura da economia nacional ao exterior, ao capital estrangeiro e à iniciativa privada (Araújo 1999). Os seus principais patrocinadores, ideológicos e financeiros, foram o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Além de financiamento a uma economia então muito dependente do crédito externo, estas organizações internacionais estimularam o investimento público em sectores potencialmente apetecíveis ao capital e contribuíram para a instauração de uma agenda ideológica neoliberal no Brasil. Considerando o campo do turismo, pode concluir-se que o Estado foi externamente induzido a despender avultados recursos financeiros na criação de condições atractivas para os investidores privados, aqueles que têm sido os maiores beneficiários das políticas públicas para o sector (Bursztyn 2003, Thevenin 2011).

No Nordeste brasileiro, o Programa de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur) foi particularmente relevante na internacionalização turística daquela que ainda é uma das regiões mais pobres do país. Através dele, os governos estaduais asseguraram financiamento para a construção de infra-estruturas e equipamentos (v.g. acessibilidades, redes de esgotos e electricidade) que viriam a revelar-se fundamentais para atrair grupos económicos e empreendedores nacionais e estrangeiros (Bursztyn 2003), empenhados em

¹³⁹ Muito depois da costa paulista e do Rio de Janeiro, o primeiro e ainda hoje mais destacado pólo turístico cosmopolita do Brasil.

desenvolver projectos turísticos com capacidade para competir no mercado internacional. Enquanto contexto muito privilegiado em termos de investimento público, não é de estranhar a existência em Ponta Negra de uma extraordinária concentração de unidades de hospedagem – cerca de 350 equipamentos com aproximadamente 18.000 camas (Severo 2009: 31) – e o facto de alguns dos negócios aí presentes, sobretudo pequenas pousadas, bares e restaurantes, pertencerem a europeus. Paralelamente, não é de estranhar, também, a significativa presença de turistas e imigrantes da Europa, bem como os espaços sociais que se constroem entre as duas margens atlânticas, em particular no que diz respeito a experiências de intimidade e a projectos de aliança matrimonial.

As acções do governo do Estado do Rio Grande do Norte concretizadas no âmbito do Prodetur, a partir de 1994, foram decisivas no significativo desenvolvimento de Natal e da região potiguar como destino de lazer: o volume de visitantes quase duplicou entre 1995 e 2000, passando de 588.383 a 917.676 (Technum Consultoria 2002: 23)¹⁴⁰. Em 2009, o número de visitantes ascendeu a 1.475.737 (Setur 2010), o que coloca a cidade no grupo dos quatro maiores destinos turísticos do Nordeste brasileiro, juntamente com Salvador, Fortaleza e Recife. O município de Natal foi o principal destinatário dos investimentos contemplados no programa. Além de mais equipamentos para o Parque das Dunas/Via Costeira e da construção de novas acessibilidades, duas outras intervenções viriam a revelar-se decisivas na atracção de fluxos turísticos, em especial para a zona sul da cidade: as obras no aeroporto Augusto Severo (Parnamirim, Natal), tendo em vista aumentar as ligações aéreas internacionais, e o projecto de modernização urbana de Ponta Negra, através do qual foram canalizados para o bairro avultados investimentos na melhoria das suas infra-estruturas (Fonseca 2005). A área costeira correspondente à ZET-1, em especial a orla da praia, como já vimos, foi alvo de um controverso processo de ordenamento e requalificação territorial, preparando-a para receber mais visitantes.

Atendendo a que o avião assume um papel decisivo na expansão dos destinos de lazer para áreas do globo mais periféricas e no constante crescimento do turismo mundial (Azarya 2004),¹⁴¹ a ampliação e modernização do aeroporto foi essencial à constituição de

¹⁴⁰ O mesmo aconteceu com a contribuição do sector do turismo para o PIB do Estado (Technum Consultoria 2002: 23).

¹⁴¹ Pode mesmo dizer-se que o turismo de massas à escala global é indissociável do uso generalizado do avião (Gmelch 2004: 7), impulsionado por tarifas de viagem mais acessíveis graças ao contínuo desenvolvimento tecnológico e organizacional da aeronáutica civil. Compreende-se, assim, por exemplo, que o novo aeroporto internacional de Natal (Aeroporto São Gonçalo do Amarante), a concluir até 2014 e planeado para ser um dos maiores complexos aeroportuários de cargas e de passageiros da América Latina, seja comumente apontado como um projecto decisivo para dar continuidade à tendência de crescimento do turismo no Nordeste brasileiro.

Natal como lugar de escala transatlântica. Na segunda metade dos anos de 1990, o fluxo total de passageiros (embarques e desembarques) passou de 610.844, em 1995, para 899.363, em 2000, representando um acréscimo na ordem dos 47% (Technum Consultoria 2002: 22). Nesse mesmo período, o número semanal de voos charter internacionais passou de um para oito (todos provenientes da Europa),¹⁴² ainda que dois deles tenham começado de facto só em 2003 (*idem*). Ao longo da primeira década do presente século, o movimento aeroportuário continuou a intensificar-se: 1.299.144 passageiros em 2005 e 2.415.833 em 2010 (Infraero 2011). Todavia, entre 2005 e 2010 registou-se um declínio de passageiros internacionais superior a 50% (*idem*)¹⁴³, com o número de voos charter a diminuir para seis por semana em 2010: dois de Portugal, dois de Itália, um de Espanha e um da Holanda.

Geralmente apontados como um factor de massificação turística e de fomento do chamado turismo sexual (Carter e Clift 2000, Azarya 2004), os voos charter para Natal tiveram o seu início em finais de 1995, com os responsáveis políticos e demais agentes locais a privilegiarem quase sempre o estabelecimento de rotas aéreas com países europeus. Um ex-secretário estadual de turismo (62 anos) descreveu-me do seguinte modo a génese dos voos Natal-Europa e a forma como a sua organização e composição terá contribuído, logo ao início, para uma forte presença de turistas masculinos italianos em Ponta Negra:

Existia um director comercial da Varig que era, coincidentemente, aqui do Rio Grande do Norte. Esse director teve um desentendimento dentro da directoria e ele negociou a saída dele da directoria e foi para Roma, para ser director comercial da Varig em Roma. E este homem na Europa... Ele era um *cara* de visão, uma visão diferente da Varig, e ele foi a primeira pessoa que viu o Nordeste brasileiro; até pelo facto dele ser do Nordeste. Achou que o mercado Nordeste seria um destino turístico para o mercado europeu, entendeu. E ele começou e lançou o primeiro voo directo. Era Milão-Natal-Fortaleza. Foi ele a primeira pessoa a trabalhar esse destino de turismo para o Nordeste. E daí a coisa, aquela história foi indo. [...] Nos anos 90, em 1992/93, quando foi inaugurado este voo da Itália para Natal (era um voo regular da Varig que fazia Milão-Natal) começou a ter um grande fluxo de italianos. Eu me lembro de existir uma operadora italiana que trabalhava muito com pessoal de cerâmica, de olaria, de fábrica de tijolo, no centro da Itália. Então, essa região... como teve muito esse cliente, era um cliente especificamente homem e aí começou um ensaio dessa parte de turismo sexual. [...] Depois, esse voo passou a ser um voo charter, operado pela companhia chamada Dimensio Turismo. Esse voo concentrava muitos

¹⁴² Dois de Itália, dois da Dinamarca, um da Suécia, um de Espanha, um de Inglaterra e um da Holanda. Por altura da transição do milénio, Natal recebia ainda mais três voos regulares semanais oriundos do continente europeu (dois de Portugal e um de Espanha) e, da América do Sul, um voo regular diário do Chile e três semanais da Argentina (Technum Consultoria 2002: 22).

¹⁴³ Em 2005 o número de passageiros internacionais atingiu os 245.094, enquanto que em 2010 cifrou-se apenas em 118.055. Se considerarmos que a maioria destas pessoas são turistas e provêm sobretudo da Europa, a crise internacional, que atingiu com particular severidade o continente europeu, e a significativa valorização do real face ao euro poderão ser invocadas como razões muito influentes neste decréscimo da procura externa de Natal nos últimos anos.

passageiros na região de Ponta Negra. E aí começou, realmente... como era uma coisa muito mais massificada, começou a criar um *bolsão* de turismo sexual nessa região de Ponta Negra. Isso aí foi em finais da década de 90.

Como é dito no excerto, a primeira ligação charter semanal, ainda activa, foi entre Natal e Milão. A operadora, a Dimensione Turismo, é uma agência de viagens italiana que, no seu site oficial, aponta Natal como o marco da sua ascendência no mercado italiano: “O Brasil foi o destino que deu início ao nosso negócio há mais de vinte anos, mas, em particular, foi a ‘descoberta’ de Natal que permitiu impor-nos no mercado turístico italiano, de modo a ser-nos reconhecida a posição de liderança” (www.dimensioneturismo.it).¹⁴⁴ Fazendo referência à organização do voo charter inaugural, é ainda destacado o contributo para o desenvolvimento turístico local: “Ao iniciar uma corajosa operação charter activa há cerca de 10 anos, contribuímos grandemente para o desenvolvimento turístico desta localidade balnear, acreditando nas suas potencialidades receptivas” (*idem*).¹⁴⁵ Desde 2003, a agência também é proprietária de uma grande unidade hoteleira (próximo do Morro do Careca), que recebe, essencialmente, turistas provenientes de Itália. O seu papel pioneiro parece ter funcionado como catalisador inicial da presença italiana em Ponta Negra e importante referência da abertura transatlântica do lugar à Europa.

A par das infra-estruturas receptivas e das ligações aéreas, o forte crescimento do turismo em Natal foi também impulsionado por políticas de *city marketing* (Fonseca 2005, Santos 2010), desenvolvidas pelo governo do Estado do Rio Grande do Norte (através da Setur-RN e da sua subsidiária Emprotur) em articulação e complementaridade com a autarquia local, nomeadamente com a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Económico (Seturde). Os alvos prioritários destas políticas promocionais têm sido o mercado interno, alguns vizinhos da América do Sul e países europeus como a Itália, Portugal, Espanha, Holanda e a Suécia. As acções iniciais mais relevantes de divulgação transnacional de Natal como destino de férias datam do princípio da década de 1990, destacando-se a realização dos primeiros *Famtour decison makers*¹⁴⁶, o financiamento de anúncios exibidos na televisão italiana, as campanhas de publicidade em revistas da Editora Abril (v.g. Veja, *Playboy*) e vários *roadshows* para operadores e agentes de viagens

¹⁴⁴ “Il Brasile è stata la destinazione che ha dato il via alla nostra attività più di vent’anni fa, ma in particolare è la “scoperta” di Natal che ha permesso di imporci sul mercato turistico italiano tanto da riconoscerci la posizione di leader”.

¹⁴⁵ “Nell’avviare una coraggiosa operazione charter ormai attiva da circa 10 anni, abbiamo contribuito fortemente allo sviluppo turistico di questa località balneare credendo nelle sue potenzialità ricettive”.

¹⁴⁶ *Famtour* é uma abreviatura para *familiarization tours*: eventos organizados para dar a conhecer *in loco* o destino turístico a agências de viagens potencialmente interessadas na sua comercialização.

nas cidades italianas de Roma, Milão, Turim, Bolonha, Mestre, Nápoles e Florença (Emprotur 1994).

Desde então, o *marketing* turístico tem vindo a intensificar-se, com a constante presença de órgãos oficiais natalenses em feiras de turismo¹⁴⁷ e o investimento em publicidade nos meios de comunicação social tradicionais¹⁴⁸ e nas novas tecnologias de informação. Estas e as demais acções para dar a conhecer o destino e captar visitantes parecem ter subjacentes três grandes orientações: aproveitar melhor o forte potencial de consumo turístico interno, consolidar os fluxos externos mais antigos, provenientes da área mediterrânea, da Escandinávia e da Argentina, e atrair novos países emissores, casos da Alemanha, do Chile, da França e, mais recentemente, da Rússia.

Na construção da identidade turística de Natal, os responsáveis locais seguiram de perto o quadro estratégico da Embratur. Este organismo federal de referência em políticas de promoção do sector contribuiu, desde finais da década de 1960 e durante largos anos, para a difusão de um discurso do Brasil como destino exótico e sensual, dominado por imagens do Carnaval, das praias e das *mulatas* de biquíni, que rapidamente se tornou na linguagem publicitária privilegiada de muitas das actividades públicas e privadas do *trade* turístico (Alfonso 2006). O referente central desta linguagem era a corporeidade da mulher mestiça, intensamente sexualizada nos mecanismos de biopoder (sobretudo discursivos) do colonialismo (Gomes 2010), e construída como ícone pós-colonial de uma nação que procurava encontrar na mestiçagem a sua grande síntese identitária. A Embratur, todavia, não criou nada de substancialmente novo: nem identidade(s), nem desejos transnacionais. Como constatámos em capítulo anterior, desde a sua descoberta que o Brasil é uma geografia mapeada por “mitos de origem” em torno de uma sexualidade alegadamente extraordinária (Parker 1991) e alvo do desejo europeu.

Mais do que “formadora de imagens da nação brasileira”, como a apresenta Alfonso (2006), a Embratur foi uma caixa-de-ressonância de elementos da identidade nacional já estabelecidos.¹⁴⁹ Quando muito produziu e difundiu um ordenamento semiótico para o turismo partindo de conteúdos culturais que já circulavam em vários campos (v.g.

¹⁴⁷ No plano internacional destaca-se a presença assídua em grandes eventos europeus, como a Feira de Viagens Mundo Abreu (Portugal), a Feira Internacional do Turismo (Espanha), a *Borsa Internazionale di Turismo* (Itália) e a *World Travel Market* (Inglaterra).

¹⁴⁸ Em 2010, por exemplo, a Emprotur estabeleceu uma parceria com a revista francesa *Biba Magazine*, tendo em vista publicitar as praias do Rio Grande do Norte.

¹⁴⁹ Referindo-se especificamente à figura da *mulata*, Corrêa (1996) destaca a não existência de descontinuidades significativas entre a sua representação nos discursos médicos, literários ou carnavalescos do passado e a imagem mercantilizada da “mulata globeleza”, apropriada no passado pelo próprio Estado como significante da imagem turística do país.

artes) da sociedade brasileira. Como, justamente, destaca Gomes (2010), ao disseminar representações do Brasil como “paraíso das *mulatas*”, aquele organismo oficial não fez mais que reafirmar a identidade brasileira esboçada a partir das ideias de Gilberto Freyre sobre a mestiçagem e a sexualidade, e agrupar algumas manifestações do imaginário colonial que apresentavam a América Latina como uma espécie de paraíso terrestre. Deste modo, e partilhando as observações de Blanchette e Silva (2010), parece-me exagerado e simplista depreender-se – como o fazem, entre outros, Bem (2005) e Alfonso (2006) – que a estreita associação do Brasil à sexualidade e a consequente inserção do país nas rotas internacionais do chamado turismo sexual resultou, fundamentalmente, das campanhas promocionais da Embratur. Embora estas campanhas possam ter contribuído para tal, existem muitos outros “factores estruturais e ideológicos” a considerar¹⁵⁰ (Blanchette e Silva 2010) e é preciso não esquecer a arqueologia dos processos de erotização do Brasil, bem como os múltiplos actores e agentes que contribuíram para a projecção internacional da brasilidade como sensualidade.

O Rio de Janeiro foi a principal ecologia de incubação de um *marketing* turístico fortemente marcado pelas intersecções de género, “raça” e sexualidade geradas no quadro dos impérios coloniais transatlânticos (Stolke 2006). Em 1982, a revista de divulgação internacional *Rio, Samba e Carnaval*, na qual era constante a presença de imagens de *mulatas*, apresentava a metrópole carioca nos seguintes termos: “A cidade, como virgem transtornada pelo cio, enlouquece, cai no desvario, na alegria, na euforia, no desatino, num vôo-mergulho de vertigem, sofrimento, gozo e êxtase” (in Alfonso 2006: 122). Da *cidade maravilhosa*, e com maior ou menor influência da Embratur, a publicitação sexualizada de destinos de lazer estendeu-se ao longo dos anos de 1980 e 1990 a muitos outros contextos balneares da costa brasileira, a maior parte deles situados no Nordeste brasileiro. No caso de Natal, a sua construção como “cidade do prazer” ter-se-á iniciado, embora de forma tímida, com a presença militar americana durante a Segunda Guerra Mundial, atingindo, mais tarde, uma expressão verdadeiramente icónica nos *outdoors* do Motel Tahity, ainda antes da chegada do turismo de massas:

Quando na segunda metade dos anos oitenta, o Motel Tahity entra em decadência e a sua publicidade agressiva desaparece das ruas da cidade, a matriz discursiva de Natal como cidade do prazer já havia sido incorporada aos discursos de publicitários, administradores e empresários do sector turístico. A publicidade promocional da cidade, mesmo a patrocinada por órgãos oficiais, apelava para as tradicionais ilustrações de areias, dunas, mar azul e corpos femininos (Júnior 1997: 183).

¹⁵⁰ Muitos deles, como veremos, nem estão directamente relacionados com o Brasil.

A iconografia da “praia global” (Löfgren 1999) e, em particular, os quatro “S’s” (*sun, sea, sand, sex*) de que nos fala Crick (1989) parecem ter configurado as primeiras coordenadas simbólicas dos discursos e das práticas de formatação de Natal como “produto” de lazer. As iniciativas locais procuravam, amiúde, reproduzir muito daquilo que era feito no Rio de Janeiro¹⁵¹, a grande referência na internacionalização do turismo brasileiro. De modo não necessariamente intencional, a linguagem de promoção da identidade turística da cidade, tal como aconteceu à escala nacional, acabou por reflectir valores dominantes da masculinidade e da (hetero)sexualidade, orientando-se, sobretudo, para o olhar (*gaze*) masculino, branco e heterossexual (Pritchard e Morgan 2000a). Com alguma frequência, nessa linguagem foram reproduzidas velhas “lógicas culturais do desejo” (Constable 2003), forjadas na economia política colonial e pós-colonial¹⁵², e à luz das quais o fascínio erótico-sexual do homem branco ocidental pela mulher mestiça dos trópicos, e vice-versa, é assumido como princípio axiomático. Em simultâneo, foram também explorados antigos desejos e vínculos (inter)culturais na definição geográfica da internacionalização turística de Natal, privilegiando-se a Europa, berço das ex-potências coloniais, nas acções de divulgação externa da cidade e na captação de voos charter, como atrás constatámos. Sobre o Brasil e as suas conexões internacionais é caso para se reproduzir o que Quiroga (*in* Altman 2001: 41) refere para uma outra antiga colónia da América Latina: “Cuba has always been linked to the outside world by the threads of desire”.

Na perspectiva de muitos dos agentes políticos natalenses, as estratégias de desenvolvimento do turismo seguidas no passado terão sido as grandes responsáveis pela atracção de fluxos de visitantes cujo perfil consideram indesejado. Alegadamente, agora a principal preocupação passa por refundar a imagem da cidade, na expectativa de fomentar o turismo interno e em família, como se pode constatar nas palavras do secretário da Seturde do município de Natal, Tertuliano Pinheiro:

¹⁵¹ Enquanto praia carioca de grande destaque, Copacabana, em particular, foi vista como um exemplo a seguir pelo *trade* turístico natalense. Aliás, a iniciativa pública que estimulou definitivamente a expansão do turismo em Natal (projecto Parque das Dunas/Via Costeira), como já foi dito, tinha subjacente a ambição declarada de criar uma espécie de Copabana local. Estes processos de mimetização produziram-se a várias escalas e envolveram diversos agentes, desde os órgãos com responsabilidade política às actividades privadas. Ainda em 2010, durante o trabalho de campo em Natal, encontrei à venda um cartão postal da praia de Ponta Negra que é, claramente, uma adaptação de outro que representa a praia de Copacabana (v. Alfonso 2006: 126). Em ambos aparecem quatro jovens mulheres de biquíni deitadas lado a lado na areia da praia. Entre um e outro, à excepção do cenário de fundo, tudo é rigorosamente igual.

¹⁵² No contexto das relações coloniais e pós-coloniais constituíram-se configurações de poder nas quais foram moldados determinados regimes de sexualidade (Parker 2000a) e lógicas de desejo que, actualmente, ainda proporcionam possibilidades e influenciam decisões relativas ao modo como as pessoas gerem a sua intimidade.

Acho que o poder público teve tanta preocupação e boa vontade em atrair o turista, que acabou não procurando qualificá-lo. E aí passamos a receber um visitante que não nos interessava, aquele que vinha sozinho interessado em mulheres. Só agora entendemos e identificamos isso e estamos começando a rearrumar [...]. Estamos voltando nosso trabalho para o público interno, para a família brasileira que quer vir visitar Natal” (*Turismo – Novo Jornal* 2011: 15-16).

Neste discurso é feita, implicitamente, uma avaliação de pendor moralista com base na qual se definem turistas indesejados (homens estrangeiros que não vêm em família) e turistas desejados (os nacionais, em especial os que chegam em família), deixando antever que a prostituição, tal como existe em Ponta Negra, é uma questão que, no essencial, se resume apenas e só à presença dos *gringos*. Ao mesmo tempo, é idealizada uma visão do turismo impregnada dos valores normativos da (hetero)sexualidade associados à moral familista. Esta visão encontra terreno deveras propício para se impor e legitimar em contextos muito marcados por pânico morais associados ao turismo sexual, contribuindo para impulsionar determinadas estratégias que, alegadamente, visam combater o fenómeno; mas que, no essencial, poderão ser guiadas por simples interesses de mercado.¹⁵³

Na última década e meia, o designado turismo sexual tem vindo a ser socialmente configurado como um dos maiores problemas (e estigmas) suscitados pela forte expansão turística do Brasil. Os órgãos mais ligadas ao sector, seja no âmbito federal ou no estadual, têm procurado actuar, sobretudo a montante, naquilo que julgam ser a raiz do problema: a semiótica de promoção do “produto” turístico”.¹⁵⁴ O objectivo passa por alterar uma

¹⁵³ Numa altura em que o turismo externo em Natal está a diminuir de forma significativa, ao passo que o turismo interno e “em família” aumenta, fará algum sentido para os responsáveis políticos criar as condições que julgam ser as mais adequadas para corresponder às tendências de mudança na procura. Debatendo estes aspectos no contexto do Sudeste asiático e, certamente, inspirado no trabalho pioneiro de Truong (1990), Leheny (1995: 368) formula uma conclusão deveras reveladora do calculismo económico evidenciado pelo Estado: “In the case of Thailand, recent government efforts to curb the sex industry can be viewed, in part, as greatly facilitated by changes in the demand for tourism in the region. The growth of women as tourists, and particularly Japanese women, may be having profound effects on the economic calculations that decision-makers must take into account in establishing development strategies”. Este Estado que combate o que designa por turismo sexual aproveitou-se do mercado do sexo como uma importante peça na produção do milagre económico tailandês (Bishop e Robinson 1998), assumindo, como diria Clancy (2002), o papel de “Estado proxeneta”. Em Cuba, num discurso de 1992 perante a Assembleia Nacional, foi o próprio Fidel Castro a fazer referência à “qualidade” da prostituição cubana como mais um importante atractivo turístico do país: “We can say that they are highly educated *jineteras* [trabalhadoras sexuais] and quite healthy, because we are in a country with the lowest number of AIDS cases... Therefore there is truly no tourism healthier than Cuba’s” (*in* Pope 2005: 101).

¹⁵⁴ A nível federal é de salientar o programa *Aquarela*, criado em 2003 e através do qual a Embratur faz a divulgação internacional do Brasil como um destino multifacetado, tentando, assim, instaurar novas imagens do país e romper com as representações mais estereotipadas. À escala estadual, como já acontece há alguns anos no Rio Grande do Norte, destacam-se as leis que proíbem a utilização de imagens eróticas femininas nas campanhas oficiais de divulgação dos destinos de lazer. Porém, estas imagens não desapareceram por completo do *trade* turístico. Em Ponta Negra, por exemplo, continuam a ser vendidos postais e quadros da praia nos quais se destaca a presença de mulheres com as características físicas

imagem internacional do país muito associada ao exotismo sensual e à sexualidade (Padilla 2007), e que, no entender de Bignami (2002), se poderá estruturar em cinco grandes categorias: “país do Carnaval”, “Brasil paraíso”, “lugar do exótico e do místico”, “país do sexo fácil” e “Brasil do brasileiro”. Porém, atendendo a que estas categorias extravasam o campo do turismo e assentam em representações já bastante sedimentadas da própria nacionalidade, é plausível admitir-se que as mudanças no *marketing* turístico não terão um impacto muito significativo no modelo identitário hegemónico que sustenta o modo como o país é identificado.

A inscrição do Brasil no mapa-mundo do desejo, à semelhança de muitos outros países comumente identificados como destinos sexuais, iniciou-se com a colonização. Conforme concluem Bishop e Robinson (1998: 14), “the maps that chart trajectories of power, desire, and consumption of the world’s resources in the postcolonial world bear a striking resemblance to the earlier maps of the colonial world, whether drawn in Europe, the United States, or Japan”. É óbvio que a intensificação dos processos de globalização nas últimas décadas do século XX, bastante marcante nos campos do turismo e das migrações, conferiu maior volume e amplitude às velhas rotas do desejo. Nelas foram participando cada vez mais pessoas; a elas passaram a estar agregados mais contextos locais. Ponta Negra e muitas outras localidades turísticas do Nordeste brasileiro são um produto desta expansão. Na sua emergência como espaços de transnacionalização da intimidade importa, também, não esquecer, de acordo com Piscitelli (2004a), a crescente atractividade e “competitividade” face a outros destinos (v.g. Tailândia, Filipinas). Partindo de estudos realizados nestes últimos e da sua própria investigação em Fortaleza, a autora conclui o seguinte:

[...] nas décadas de 1950 e 1960, as mulheres no sudeste da Ásia e na Ásia oriental representaram o ideal de mercadoria erótica pela promiscuidade e passividade. Essas regiões, porém, teriam chegado ao ponto de saturação, na medida em que a impressionante afluência de visitantes tornou essas paisagens sexuais menos autênticas, menos reais e, portanto, menos desejáveis. Levando em conta essas reflexões, é possível afirmar que, na demanda por experiências de viagem com um “valor” mais elevado no mercado internacional do sexo, o Nordeste do Brasil surge como novo destino marcado por uma singular combinação entre uma suposta autenticidade, a atribuição de uma imensa disposição para o sexo sintetizada na cor atribuída às nativas e uma submissão, distante da passividade associada às asiáticas, percebida como alegre e “ativa” (Piscitelli 2004a: 12).

associadas à brasilidade. É bastante recorrente nalgumas telas pintadas à mão a representação de uma mulher mestiça desnuda, exageradamente curvilínea, a banhar-se no mar. Noutras telas surgem mulheres com perfis idênticos, também desnudas, mas com corpo de sereia.

Porém, sem a acção do Estado, Ponta Negra, em concreto, não estaria tão densamente implicada nos circuitos do turismo de massas e nas estruturas do capitalismo global, nem seria, certamente, um contexto tão proeminente na atracção de fluxos passionais. Através das suas políticas para o turismo, os órgãos de poder públicos assumiram um papel decisivo no ordenamento espacial e no modelo de urbanização do bairro, criaram condições para atrair o investimento europeu, definiram o Velho Continente como principal geografia da internacionalização do lugar e contribuíram para a reprodução dos discursos coloniais e pós-coloniais sobre género, “raça”, sexualidade e nacionalidade, fazendo da alteridade erotizada uma componente intrínseca da oferta turística. Ao mesmo tempo, têm proporcionado estratégias de expansão do turismo pouco preocupadas em envolver e desenvolver a comunidade local, contribuindo para que muitas mulheres encarem a prostituição ou os relacionamentos amorosos com os estrangeiros como as oportunidades mais viáveis para aceder aos benefícios económicos do contexto em causa. Como defende Janlúzia Batista, do colectivo feminista *Leila Diniz*, “se a gente pensar em Ponta Negra e o seu ‘desenvolvimento’ turístico, é possível perceber que a Vila ficou aquém daquele desenvolvimento. O turismo sexual acaba sendo a única chance que as mulheres têm de tirar proveito do turismo” (*in Azevedo 2005b: 7*).

3. Espacialização e temporalidade passional euro-tropical

A participação de Ponta Negra em circuitos turísticos atravessados por lógicas e trajetórias de desejo proporciona configurações de espaço e tempo bastante povoadas por cenários passionais. No ordenamento do bairro sobressaem, assim, determinados segmentos espaciais e cronológicos (de ciclo diário e anual) claramente associados a expressões euro-tropicais de intimidade. Acompanhando os altos e baixos da afluência turística, ao longo do ano estes espaços e tempos estão sujeitos a profundas variações em termos de composição e densidade social.

Na conceptualização mais formal das instituições e dos agentes ligados ao turismo, a sua sazonalidade anual é delimitada do seguinte modo: *alta estação* (Janeiro e Fevereiro), *média estação* (Julho a Agosto; Dezembro) e *baixa estação* (Março a Junho; Setembro a Novembro). Nos discursos mais comuns fala-se apenas em *época alta*

(Dezembro a Fevereiro)¹⁵⁵ e *época baixa* (Março a Junho, a *época das chuvas*) e, em simultâneo, identificam-se determinados períodos de retoma (Julho a Setembro) e de transição (Outubro e Novembro), sem os enquadrar em qualquer categoria rígida. Independentemente destas ligeiras diferenças de terminologia e calendário, é consensual apontar-se o período que vai do Natal ao Carnaval, e que corresponde às férias grandes no Brasil, como a temporada por excelência do turismo de sol e praia na generalidade da costa brasileira. Nesta altura do ano, além dos expressivos fluxos de turistas internos – com especial destaque para os procedentes do sul, sobretudo do próspero Estado de São Paulo –, a cidade de Natal recebe ainda um apreciável contingente de turistas externos, composto na esmagadora maioria por europeus. A partir daí o decréscimo da procura acentua-se¹⁵⁶ até aos meses de alguma retoma, com destaque para Julho e Agosto, os mais privilegiados para as férias grandes na Europa. Na *época baixa*, muito em especial entre Abril e Junho, a praia fica praticamente vazia e o movimento no bairro decai de forma pronunciada. Muitas actividades informais cessam e alguns estabelecimentos comerciais encerram. A maioria das jovens que vieram de fora à procura do *seu* europeu deixa Ponta Negra. Algumas regressam a casa para voltar passados uns meses; outras, poucas, mudam-se para outros contextos turísticos que julgam mais movimentados (v.g. Fortaleza, no Estado do Ceará); outras, ainda, aproveitam eventuais convites de *gringos* para passar uma temporada na Europa.

Depois deste breve parêntesis sobre o carácter sazonal da ocupação e organização dos espaços e quotidianos em Ponta Negra, vejamos agora com maior detalhe a sua estrutura espaço-temporal de transnacionalização da intimidade, onde assumem especial destaque determinados segmentos localizados na orla da praia, durante o dia, na Avenida Eng.º Roberto Freire (em particular o *Praia Shopping*), sobretudo ao final da tarde, e na Rua Manoel de Araújo, durante a noite.

¹⁵⁵ Geralmente, o *Carnatal* é apontado como o prelúdio da chegada em força dos turistas. Realiza-se no início do mês de Dezembro, ao longo de quatro dias, e atrai cerca de um milhão de participantes. Desde a sua génese, em 1991, tem vindo a afirmar-se como o maior acontecimento festivo-turístico anual da cidade e um dos maiores do género em todo o Brasil. Consiste no desfile de trios eléctricos de conhecidos grupos musicais, acompanhados por blocos de foliões num clima de intensa animação. Predominam as sonoridades baianas, em especial a *axé music*. Eventos semelhantes popularizaram-se em muitas outras cidades brasileiras ao longo das duas últimas décadas. São conhecidos como *carnavais fora de época* ou *micaretas*. Para um conhecimento mais detalhado das *micaretas* brasileiras, ver, entre outros, Gaudin (2004).

¹⁵⁶ Esta situação é, desde logo, perceptível no volume de chegadas ao aeroporto internacional de Natal, em Parnamirim. Em 2010, dos 257.812 passageiros (14.015 internacionais) do mês de Janeiro passou-se para 171.735 (9.558 internacionais) em Abril (Infraero 2010).

1-Segmento da orla da praia mais movimentado durante o dia e com maior presença de *gringos*.

2-*Praia Shopping*, adjacente à Av^a Eng.º Roberto Freire.

3-Área onde se concentram os principais locais de diversão nocturna, com destaque para a Rua Manoel de Araújo.

Adap. a partir de imagem aérea do *Google Earth* de 23/01/2013 (www.google.com/earth/).



Figura 5: Espaços de referência na transnacionalização da intimidade no bairro de Ponta Negra

Praia, sol e *babado*

O troço correspondente à extensão da Rua Erivan França (cerca de 1.5 km) – situada entre os acessos rodoviários de descida e de subida da praia – é, durante o dia, o local mais denso e agitado de toda a orla, marcado por uma extraordinária profusão de fluxos e sociabilidades. Aqui a presença de turistas estrangeiros é particularmente elevada, muitos deles hospedados nas inúmeras unidades hoteleiras existentes nas imediações. Junto a alguns quiosques e bares, como é o caso do conhecido quiosque do Cassiano e, mesmo em frente, do complexo *Mare d'Itália* (hotel, restaurante e bar, propriedade de um casal italo-brasileiro), a sua aglomeração é de tal modo que, por vezes, mal se ouve a língua de Camões. Este é o principal ponto de encontro dos turistas, semi-residentes e residentes (imigrantes) italianos, facilmente identificáveis pelo registo efusivo dos seus diálogos e pela inconfundível gesticulação que acompanha a comunicação oral¹⁵⁷. Mas não só dos

¹⁵⁷ À medida que ia conhecendo alguns deles, testemunhando as acesas discussões sobre o quotidiano do seu país e a frequente reprodução da tradicional rivalidade italiana entre as populações do norte (próspero) e as do sul (menos desenvolvido) – entre *polentoni* e *terroni*, como mútua e pejorativamente se designam –, apercebi-me que o turismo nem sempre corresponde a um tempo de ruptura e de suspensão da vida de todos os dias.

italianos. Mesmo ao lado do quiosque do Cassiano, no *ponto* do Rogério¹⁵⁸, param maioritariamente grupos de turistas nórdicos, em particular noruegueses. Alguns são clientes habituais há mais de uma década. Entretanto foram trazendo os familiares, os amigos, os amigos dos amigos e as respectivas companheiras, na sua maioria brasileiras, conhecidas em Ponta Negra. Por via da forte ligação transnacional entre o *ponto* e estes turistas, um dos empregados, filho do dono, foi trabalhar para a Noruega em Maio de 2010, na altura da baixa estação turística.



Figura 6: Vista parcial do segmento da praia mais procurado por *gringos* e *garotas*

As áreas de maior ajuntamento de *gringos* são, simultaneamente, as mesmas que as *garotas de programa*, alguns transgéneros e demais mulheres à procura de um companheiro europeu privilegiam para se mostrarem e estabeleceram na praia. O inverso também poderá dizer-se, pelo que não adiantará muito entrar em conjecturas de causalidade sobre quem é que atrai quem. O facto é este: com interesses relacionais recíprocos, ambas as partes tendem a frequentar os mesmos espaços em horários mais ou menos coincidentes. Onde e quando se encontram não é muito frequente a presença próxima de turistas brasileiros e, menos ainda, de veraneantes de Natal das classes mais privilegiadas. Estes tendem a auto-excluir-se dos contextos associados à

¹⁵⁸ Filho de emigrantes portugueses da Beira Alta estabelecidos em São Paulo.

transnacionalização da intimidade, socialmente construídos como lugares de desordem e, por isso, alvo de atributos estigmatizantes¹⁵⁹. Procurando preservar distâncias e distinções, preferem instalar-se mais para norte do areal, já próximo da Via Costeira, ou então veranear em praias mais exclusivas, ainda à margem dos circuitos do turismo de massas, como Muriú e Jacumã, a cerca de 30 km de Natal.

Coexistem, deste modo, dois grandes processos antagônicos de organização sócio-espacial da praia que operam, essencialmente, com base no género, na sexualidade, na classe e na nacionalidade: um de miscigenação, cujo paradigma são as relações passionais entre os forasteiros e as locais; outro de tribalização, protagonizado sobretudo por natalenses que visam manter distâncias físicas e sociais em relação aos *outsiders*. Dizem que, dessa forma, evitam expor-se a determinados comportamentos inapropriados e previnem eventuais situações em que a mulher ou a filha possam ser abordadas por *gringos*, confundindo-as com *garotas de programa*. Estas justificações expressam quase sempre determinadas concepções em que as relações entre estrangeiros e brasileiras são simbolicamente apreendidas como focos de desordem, impureza e poluição social, face às quais se torna imperioso criar “defesas morais” (Nahra 2000) – por exemplo sob a forma de fronteiras de segregação espacial – que afastem o perigo e salvaguardem a pureza identitária, como diria Douglas (1991).

A configuração social da praia é variável ao longo do dia. O sossego do período matinal vai, progressivamente, dando lugar a um ambiente frenético que se mantém até ao final da tarde. A manhã é destinada pelos mais noctívagos para a reposição do sono. Com a praia menos preenchida, outros (sobretudo veraneantes seniores e grupos familiares) aproveitam o sol madrugador dos trópicos e estabelecem-se à-vontade no areal, dando longas caminhadas à beira da água entre a Via Costeira e o Morro do Careca. À medida que o dia avança, o ambiente transforma-se. Entre o fim da manhã e as primeiras horas da tarde, em pleno pico solar, a afluência de pessoas atinge o seu auge. É precisamente nesta altura que chegam muitos dos protagonistas dos relacionamentos passionais transnacionais.

¹⁵⁹ Embora a estigmatização recaia com particular intensidade sob estes cenários, todo o areal e, de certo modo, o bairro tendem a ser sujeitos a qualificações estigmatizantes, tal como acontece, por exemplo, no bairro Praia de Iracema em Fortaleza (Bezerra 2010). O comum trocadilho toponímico *Putá Negra* condensa e evoca os estigmas de que é alvo o território associado ao nome. Nenhum outro lugar em Natal espelha de forma tão nítida as identidades deterioradas (Goffman 1982) de *garota de programa* e de *turista sexual*. Elas constituem-se, assim, como identidades territorializadas, à semelhança do que é descrito por Chaves (1999) para o contexto da toxicod dependência no Casal Ventoso, em Lisboa. Neste caso, o móbil social do estigma e da deterioração identitária é o consumo de drogas. Em Ponta Negra são as paisagens de intimidade que superam convenções e fronteiras.

Com eles, o *babado*¹⁶⁰ desce à praia. Nos locais onde habitualmente se instalam, a exemplo daqueles já atrás mencionados, geram-se, então, complexos quadros sociais de performance corporal, de sedução e erotismo, de intrigas e interesses, de conflitos sentimentais e de negociação da intimidade. Nestes cenários as manifestações emotivas são de tal forma intensas que, não raro, excedem os limites normativos do “descontrolo controlado das emoções” (Elias e Dunning 1992) e afrontam as disposições regimentais e as ritualizações presentes na vida social de quase todas as praias (Kaufmann 1995, Löfgren 1999, Urbain 2002).¹⁶¹ A interacção que aqui ocorre entre os estrangeiros e as mulheres nacionais é, invariavelmente, situada no campo da prostituição pela generalidade dos discursos hegemónicos, desde os do senso comum aos dos responsáveis políticos e de muitos académicos. Não querendo de modo algum escamotear o fenómeno da mercantilização da sexualidade, é fundamental, todavia, não tomar a parte (mesmo sendo a mais expressiva) pelo todo. Tal como constataremos, nem tudo se resume à prostituição, tal qual ela é comumente entendida.

Com o aproximar do ocaso solar, pouco tempo depois das 17h, o areal vai esvaziando e o buliço concentra-se no *calçadão*, nas proximidades do quiosque do Cassiano, e nos bares do lado oposto, em especial no bar do complexo hoteleiro *Mare d'Itália*. Até ao fim da tarde, este último torna-se o contexto com maior movimento da praia e o epicentro dos relacionamentos de intimidade de cariz mais comercial. Com uma disposição arquitectónica que lhe confere uma grande abertura para o exterior, nele podem concentrar-se até cerca de quatro dezenas de *garotas de programa* e de uma centena de *gringos na época alta*¹⁶². Tacitamente, fazem deste espaço mais um ponto de encontro para iniciar, negociar e/ou dar continuidade às suas relações, tal como sucede nalgumas secções do areal da praia. Com o avançar da tarde vão abandonando o local, a pé ou de táxi. Alguns

¹⁶⁰ Designação *emic* para acontecimentos, enredos ou mexericos relacionados com a intimidade.

¹⁶¹ Na praia de Ponta Negra, estas manifestações consideradas excessivas circunscrevem-se muitas vezes a comportamentos de cariz erótico-sexual, como se pode constatar na seguinte notícia do Jornal *Tribuna do Norte*: “Se já não bastassem as garotas de programa circulando na orla atrás de gringos, especialmente de italianos, agora as cenas explícitas de apelo sexual chegaram à praia, bem no meio da tarde. [...] duas garotas, entre 18 e 20 anos, resolveram exibir seus corpos num banho de mar, chamando a atenção de todo mundo. Uma delas não se contentou com o banho de mar trajando um biquíni dos mais sumários e resolveu, primeiro, despir a parte de cima, exibindo os seios, num top less. Depois de uns mergulhos, a jovem, sabendo que estava sendo observada por um grupo de turistas italianos, resolveu também despir a parte de baixo. Sem roupa, a garota dançava e fazia alguns movimentos simulando um ato sexual” (Francisco 2004: s/p).

¹⁶² Trata-se, no entanto, de um bar convencional, semelhante a tantos outros da praia, que tem a particularidade de ser muito frequentado por mulheres à procura de *programa* e por turistas europeus, mormente italianos. Muitos deles estão alojados nos andares superiores do complexo, em quartos por vezes partilhados com companheiras que conhecem ou reencontram durante a estadia.

saem sós, outros com a respectiva companhia. A maioria quererá, certamente, descansar um pouco, jantar e preparar-se para a noite.

Nas imediações a presença da polícia é constante. A vigilância é também assegurada por câmaras vídeo instaladas ao longo do *calçadão*. Em 2006, quando a monitorização de Ponta Negra começou a ser discutida, o então secretário do turismo de Natal apontou como principal objectivo do projecto a redução dos índices de prostituição em 75% (*Tribuna do Norte* 2006)¹⁶³. O problema para os responsáveis políticos não será tanto a prostituição por si só, caso contrário também seria sujeita a controlo noutras áreas da cidade. O que, na realidade, parece incomodá-los é o facto de adquirir visibilidade na grande montra turística de Natal – recorrentemente apresentada como *motivo de orgulho dos natalenses* – a escassas dezenas de metros do seu principal cartão postal, o Morro do Careca, e de ter os *gringos* como principais clientes. Esta estratégia de repressão da prostituição vem já desde finais de 2005, pouco tempo após a minha primeira estadia no terreno. A partir dessa altura, como já foi dito, a praia começou a ser alvo de sucessivas rusgas policiais que culminaram no encerramento dos estabelecimentos nocturnos mais conotados com o encontro de turistas e de *garotas de programa*, como era o caso das *boates Merengue e Los Angeles*.

Tarde e início de noite na Roberto Freire

Nas costas da praia, a Avenida Eng.º Roberto Freire (principal eixo de ligação ao centro de Natal), nomeadamente o segmento entre a orla e o *Praia Shopping*¹⁶⁴ (v.fig.2), constitui mais uma importante referência na cartografia das paisagens transnacionais de intimidade de Ponta Negra. A sua textura passional é mais distendida, subtil e normativa que a dos contextos de praia atrás mencionados e a dos espaços nocturnos a descrever mais adiante. Podem, ainda assim, vislumbrar-se na sua berma, na parte que atravessa o bairro de Capim Macio, pequenos focos de prostituição de rua durante a noite¹⁶⁵. Contudo, não é por isso que ela representa um eixo central no processo de construção hedonista da cidade, como conclui Júnior (1997: 38): “margeada por shoppings, restaurantes e condomínios para a classe média local, essa avenida, em permanente mutação, não apenas expressa a urbanização turística da cidade, mas também funciona como referência para a construção

¹⁶³ Em <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ponta-negra-tera-cameras-de-seguranca/1474>> (acesso em 10/08/2011).

¹⁶⁴ Centro comercial situado na divisória dos bairros de Ponta Negra e Capim Macio.

¹⁶⁵ Este é um contexto de prostituição não propriamente orientado para turistas e no qual é muito significativa a presença de trabalhadores sexuais transgéneros.

social de Natal como cidade do prazer”. Muitos dos turistas estrangeiros que afluem a Ponta Negra, nomeadamente aqueles que vêm por períodos mais longos, de vários meses, compram ou arrendam apartamento nas torres residenciais adjacentes à avenida e frequentam os inúmeros espaços de consumo que nela se localizam. É bastante habitual vê-los acompanhados por mulheres locais a jantar nos distintos restaurantes aí situados e a fazer compras, ou simplesmente a passear no *Praia Shopping*, o sítio mais destacado do consumismo em Ponta Negra.

Até às primeiras horas da noite, a orla da praia e o centro comercial, a poucos quilómetros, formam dois pólos estruturantes da circulação de pessoas no bairro. Entre um e outro certas caras e relações sociais repetem-se. Naquele último é frequente ver casais transnacionais e grupos de turistas que são presença assídua na praia. Alguns dos italianos que costumam encontrar-se no *Mare d'Italia* ou nas suas imediações, sobretudo aqueles (menos jovens) que passam largas temporadas em Natal, também se reúnem regularmente no *Praia Shopping*. Por vezes, ao final da tarde, agrupam-se junto à entrada principal do edifício, elegendo as mulheres que passam como um dos principais focos de interesse e de homosociabilidade. Outros deambulam pelo centro comercial, numa atitude *flâneur* de consumo visual de caras e corpos, sempre à procura de oportunidades de conquista amorosa.

Para eles, esta é mais uma ecologia propícia à negociação do acesso à intimidade feminina e, por isso, experienciada com um certo entusiasmo lascivo e licenciosidade. A sexualização de que é investido o espaço em causa é, desde logo, indiciada pelos anúncios de combate ao turismo sexual postados à entrada do edifício.

Devido à maior exposição ao público, decorrente do exercício da actividade, as empregadas das lojas são os alvos privilegiados das investidas passionais dos europeus. Muitas delas namoram ou já namoraram com *gringos*. Além do trabalho diurno no centro comercial, uma ou outra também faz, pontual ou regularmente, *programas* durante a noite. Por vezes, os primeiros contactos com os potenciais companheiros são feitos no horário de expediente da loja.

Rolé na praça

Em consequência da “cruzada moral” (Becker 1966) operada pelas autoridades, a orla de Ponta Negra foi perdendo movimento nocturno e agora fica praticamente vazia logo às primeiras horas da noite. Isto não significa, contudo, que a repressão foi bem

sucedida, pois as dinâmicas sociais suprimidas junto à praia não cessaram em definitivo. Elas transferiram-se algumas centenas de metros para o Alto de Ponta Negra¹⁶⁶, para a Rua Manoel de Araújo, mais conhecida como *Rua do Salsa*¹⁶⁷, principal contexto da animação nocturna (*rolé, balada, badalação*) do bairro. Além dos inúmeros restaurantes e espaços de diversão já existentes nesta zona, bastante frequentados pelos natalenses, foram abrindo outros que passaram a acolher muitos dos turistas e das *garotas de programa* que antes frequentavam as discotecas à beira-mar fechadas pelas autoridades. Os novos estabelecimentos, mais de uma dezena no total, estão quase todos instalados em fracções arrendadas de um mesmo conjunto térreo de lojas comerciais contíguas, propriedade de um cidadão espanhol. Tal como acontece na praia, muitos dos titulares do negócio e respectivos empregados são europeus, com destaque, mais uma vez, para os italianos. Praticamente todos estão ou já estiveram casados com mulheres brasileiras e a primeira relação com Ponta Negra foi enquanto turistas.

Com uma disposição quadrangular, o edifício forma um amplo espaço interior descoberto, semelhante a uma praça¹⁶⁸, que alberga alguns pequenos quiosques de venda de bebidas e no qual se processa a circulação entre os diferentes bares. Todos eles permanecem abertos até por volta das 3h da madrugada. A partir daí, até ao raiar do sol, o *rolé* concentra-se no *Pirata*, uma discoteca ainda dentro do perímetro da *praça*, semelhante à *Merengue* e à *Los Angeles*, já encerradas. Algumas das caras que por aqui passam ao longo da noite são as mesmas que, horas antes, ao fim da tarde, estavam no *Mare d'Itália*, nas imediações do quiosque do Cassiano ou, eventualmente, no *Praia Shopping*. Um outro espaço-tempo, um contraste social semelhante, fundado, desde logo, no binómio género-nacionalidade: predomínio claro de homens europeus e de mulheres brasileiras. Todavia, de todos os contextos este é aquele onde os relacionamentos entre uns e outras assumem uma dimensão comercial mais pronunciada. Aliás, a generalidade das mulheres identifica a *praça* e a noite como espaço-tempo de trabalho. Esta categorização não é tão explícita para a praia e, menos ainda, para o *Praia Shopping*.

¹⁶⁶ No início de 2010, aconteceu um processo semelhante de realocação de actores e dinâmicas sociais com o encerramento daquela que era, provavelmente, a boate mais associada à prostituição orientada para turistas em todo o Brasil: a *Help!*, aberta desde meados da década de 1980 em Copacabana, no Rio de Janeiro (Menezes 2011).

¹⁶⁷ Este topónimo foi retirado do nome de um reputado bar que aí se manteve durante vários anos. De forma bastante sugestiva, alguns natalenses também alcunham a rua de *Babilónia*.

¹⁶⁸ Daí a designação de *praça, piazza* ou *piazzetta* usada amiúde pelos meus informantes para se referirem a todo este conjunto arquitectónico de diversão nocturna. Em alternativa também recorrem ao nome de um dos mais conhecidos bares que aí funciona, situado logo à entrada. A partir de agora passarei a usar a denominação de *praça* sempre que tenha de fazer referência a este contexto.

À exceção dos *nativos* que acompanham os estrangeiros e de um ou outro pequeno grupo de turistas nacionais, são relativamente poucos os homens brasileiros, tal como as mulheres europeias, que frequentam a *praça* de forma assídua; apesar da entrada não ser paga e de não existir a regra do consumo mínimo, ao contrário do que acontece nos demais bares e *pubs* da rua. A clientela feminina é constituída principalmente por mulheres natalenses e de várias outras regiões do Brasil, inclusivamente do sul, à procura de turistas para *programas*. Conforme os fluxos turísticos, muitas percorrem outras cidades nordestinas e, em Natal, por vezes, circulam entre a *praça* e certos *night clubs* da cidade¹⁶⁹, onde, ao contrário daquela, afluem sobretudo homens brasileiros. De modo a assegurar maior discrição e evitar uma estrita conotação com o exercício do trabalho sexual (*ficar marcada*), algumas delas – mais brancas/loiras (*galegas*) que mestiças – raramente se deslocam durante o dia para zonas da praia ou para outros espaços muito frequentados por outras mulheres e *gringos*. Em noites de maior movimento podem passar pela *praça* mais de meio milhar de turistas, cerca de uma dezena de transgéneros e acima de 250 *garotas de programa*¹⁷⁰. Na *baixa estação* turística, a afluência de uns e de outras decai para apenas algumas dezenas. Depois de ambas as partes irem acertando os seus *programas*, o transporte para os hotéis existentes nas cercanias¹⁷¹ ou, nalguns casos, para os locais de hospedagem dos clientes é, por norma, assegurado pelas dezenas de taxistas que formam fila mesmo junto à entrada.

Devido ao seu formato relativamente fechado e às dinâmicas sociais que a caracterizam, a *praça* parece constituir um espaço de liminalidade (Turner 1974), acantonado no quadro mais geral do sistema de sociabilidades nocturnas da *Rua do Salsa* e demarcado para identidades sexuais dissidentes, que questionam as noções hegemónicas de sexualidade associada à conjugalidade e à reprodução, de monogamia e até mesmo de heterossexualidade (Hubbard 2001). Em certa medida assemelha-se às heterotopias de que nos fala Foucault (1984): espaços fora do lugar, ainda que geograficamente localizados e

¹⁶⁹ Um dos mais conhecidos é o *Engenho de Açúcar*, situado no bairro de Capim Macio, a escassos quilómetros de Ponta Negra. Neste estabelecimento em concreto, a prostituição é exercida sem grandes ambiguidades entre o interesse monetário e outros, assumindo contornos mercantis ainda mais estritos e explícitos que na *praça*.

¹⁷⁰ Todas ou quase todas maiores de idade. Aparentemente, existem mecanismos eficazes de controlo social formal (v.g. câmaras de vigilância, verificação da identidade nalguns estabelecimentos) e informal destinados a prevenir situações de exploração sexual infanto-juvenil.

¹⁷¹ Estes hotéis são muito publicitados na *Rua do Salsa* e em vários outros pontos do bairro, através de *outdoors* e de anúncios pintados em fachadas de edifícios. Só em Ponta Negra e nas suas imediações existem cerca de 10 hotéis. Em toda a cidade ascendem a mais de 40. Ao contrário do que acontece na generalidade dos países onde existem, os hotéis no Brasil encerram uma estrita conotação sexual, sendo destinados, especificamente, a encontros amorosos. A sua génese como espaços sexuais remonta a finais da década de 1960 (Malta 2008).

localizáveis. Em regra, os seus frequentadores não se misturam com os dos outros estabelecimentos situados nas proximidades e vice-versa. No *Forró Pé-de-Serra* ou no *Castelo*, por exemplo, a maioria da clientela é constituída por jovens e jovens-adultos das “camadas médias urbanas” (Velho 1983) de Natal com capacidade para pagar a entrada e os consumos. Em muitos casos, são os proprietários destes espaços de diversão próximos a inibir a afluência de pessoas, sobretudo mulheres, que associam à *praça*. Para tal implementam determinadas estratégias de triagem para afastar potenciais clientes que, de modo algo arbitrário, pelo vestuário e pelo *jeito*, identificam como *garotas de programa*. Procuram, assim, defender as demarcações espaciais em que se inscrevem as identidades daqueles(as) que não frequentam a *praça* e, ao mesmo tempo, precaver a deterioração identitária dos seus respectivos negócios.

Se a espacialização das relações transnacionais de intimidade em Ponta Negra se representasse através de um grafo, a zona da orla correspondente ao *Mare d'Itália* e ao quiosque do Cassiano, o *Praia Shopping* e a *praça* seriam os seus nós (vértices) de referência, e a Rua Erivan França, a Avenida Eng.º Roberto Freire e a *Rua do Salsa* os principais eixos (arestas) de articulação. Este mesmo grafo poderia, simultaneamente, ser utilizado para situar os grandes pólos de irradiação das dinâmicas de turistificação (Picard 1995, Carrigan 2011) e de gentrificação (Glass 1964, Zukin 1989, 1995, Smith e Williams 1986, Lees, Slater e Wyly 2008)¹⁷², que se estendem a quase todo o bairro, convertendo-o num contexto de especulação e consumo, e alterando profundamente o seu quotidiano e fisionomia sócio-espacial:

¹⁷² Na tentativa de precisar o conceito de turistificação, Picard (1995: 46) chama a atenção para a sua multidimensionalidade: “[...] what I call the touristification of a society amounts to much more than just developing an area and equipping it with the facilities necessary to accommodate tourists. In the process of touristification, it is not only the landscape and the local colour but also the cultural traditions of a society, and the distinctive markers by which its members acknowledge their being a part of it, which are being severed from their context, serialized and combined with a view to composing a tourist product”. Considerando, de igual modo, as várias dimensões empíricas (físicas e sociais) que o fenómeno de gentrificação encerra, Zukin (1989, 1995) mostra-nos que ele não se reduz apenas a acções de nobilitação de áreas urbanas degradadas, pressupondo também a entrada de outros residentes (geralmente de estratos sociais mais favorecidos), novos usos sociais do espaço, a crescente hegemonia de hábitos mais eruditos de consumo cultural, a transfiguração identitária do lugar e a sua ascensão nas escalas de prestígio. Por vezes, pressupõe mesmo a apropriação do espaço como terreno de liberdade sexual, de construção de identidades colectivas e de reivindicação de direitos de cidadania, à semelhança do que aconteceu em determinados bairros da estrutura urbana de São Francisco (EUA), onde os movimentos *gay* ganharam visibilidade e influência política (Castells 1993). Em Ponta Negra, atendendo à profunda conexão entre requalificação imobiliária, transformações da cultura local e desenvolvimento do turismo – urbanização turística –, a turistificação e a gentrificação tendem a confundir-se e dificilmente podem ser desanexadas. Ainda que em moldes distintos, um outro exemplo de articulação destes dois processos é-nos apresentado por Morell (2009) na sua análise das políticas de turismo patrimonial e dos programas de planeamento urbano para o centro histórico de Maiorca (Espanha).

Os grupos económicos e turísticos estão comprando e especulando, oferecendo dinheiro pela sua casa. Até aqui já vieram. O valor está altíssimo e as pessoas vendem [...] Ali em frente existiam casinhas de pescadores de um lado e de outro. Hoje já não existem. Praticamente só há pousadas e supermercados. Os antigos moradores foram-se retirando. Muitos estão indo para Pium, perto de Pirangi, porque lá é mais barato (homem, 55 anos, presidente da Associação de Moradores de Ponta Negra).

As relações amorosas entre estrangeiros e locais são indissociáveis destes processos de turistificação e de gentrificação. São largamente proporcionadas pela expansão do turismo e, de algum modo, pela utilização da intimidade feminina, sobretudo no passado, como recurso de construção da oferta turística. Por outro lado, essas mesmas relações constituem forças de mudança. Contribuem para a instauração de novas sociabilidades, temporalidades, dinâmicas identitárias e, amiúde, deixam marcas na própria paisagem edificada do bairro. A requalificação de alguns imóveis para habitação ou para actividade económica, por exemplo, é feita no quadro dos projectos de vida conjunta dos *gringos* e das suas companheiras brasileiras. Nestes imóveis, principalmente nos espaços comerciais, é bastante comum a utilização de elementos iconográficos relativos à nacionalidade (v.g. bandeiras do Brasil e da Itália, lado a lado, nos reclusos ou pintadas na paredes) que indiciam, quase sempre, não só transnacionalização de negócios, como também de intimidade.

4. Registos hedónicos no espaço digital

A inscrição de Ponta Negra na cartografia dos prazeres, desejos e paixões transnacionais expressa-se no espaço físico e no tempo cronológico, mas também, cada vez mais, no espaço-tempo digital. A internet, como observa Piscitelli (2005) para a América do Sul, é decisiva na difusão a larga escala de determinadas identidades etno-sexuais femininas, contribuindo para a valorização e procura global de alguns lugares daquela área geográfica como destinos privilegiados para a concretização masculina de experiências e projectos de intimidade. A autora centra a sua análise num dos *websites* mais utilizados pelos designados “turistas sexuais”: o *world sex archives*. Os respectivos usuários diferenciam e qualificam sexualmente quatro grandes zonas mundiais – Sudeste asiático, América Central e Caribe, América do Sul e, com menor expressão, África Subsahariana –, evidenciando uma avaliação cada vez mais positiva da alegada autenticidade feminina

latino-americana em detrimento dos cenários sexuais do Sudeste asiático, tidos como mais artificiais (Piscitelli 2005).

De um modo geral, as regiões mais referenciadas pelos participantes do *site* coincidem com a geografia dos “porno-trópicos” que começou a ganhar forma no imaginário europeu colonial (McClintock 1995: 21-24) e com a localização dos destinos internacionais mais sexualizados, frequentados por mulheres e homens que procuram companheiro/a fora do seu país de origem (Belliveau 2006). Coincidem, ainda, com algumas das principais categorias (v.g. *asian*, *latinas* e *ebony*)¹⁷³ em torno das quais se organizam muitos dos conteúdos da indústria pornográfica (Lehman 2006, Dines e Humez 2011).

No *world sex archives* e noutros *sites* semelhantes existe um número bastante considerável de entradas relativas ao Brasil, postadas maioritariamente por turistas ocidentais do sexo masculino que, assim, partilham as suas experiências íntimas durante as respectivas viagens. O Rio de Janeiro surge, de longe, como o contexto mais citado. As referências específicas a Natal/Ponta Negra são poucas. Todavia, a sua pegada digital como cenário de atmosfera hedónica projecta-se em muitas outras plataformas da internet, nas quais até nem é relevante, por sinal, a presença de conteúdos de teor sexual explícito. Independentemente da tutela (particular ou institucional), nacionalidade e configuração dessas plataformas, o turismo surge quase sempre como o eixo temático central da apresentação do bairro (Serafim e Barboza 2008: 13). Compreende-se, assim, a extraordinária profusão de imagens e discursos que, de forma mais ou menos directa, evocam os múltiplos prazeres que o contexto proporciona. Aliás, o turismo de sol e praia, em especial nos trópicos, tende a ser bastante associado a ambientes exoticamente paradisíacos de sensualidade, festa, diversão e euforia permanentes (Sheller 2004, Simoni 2009).

O *YouTube* é dos sítios mais privilegiados para o registo das manifestações de hedonismo que compõem a (re)produção da identidade de Ponta Negra no espaço digital global. Mediante a inserção de expressões de busca (*tags*) como “Ponta Negra, Natal”, nele podem encontrar-se cerca de 10.100 resultados¹⁷⁴. Examinando de forma aleatória algumas dezenas destes resultados, em particular as suas estatísticas (*video statistics*), é possível constatar de imediato a existência de uma tendência muito vincada no que concerne à

¹⁷³ Trata-se de categorias abrangentes que expressam uma essencialização racializada da sexualidade, com base numa estética de erotização dos diferentes fenótipos.

¹⁷⁴ À data de 09/02/2012. O volume de informação aumenta consideravelmente se fizermos a procura utilizando algumas palavras-chave (v.g. praia) em italiano, inglês, castelhano, norueguês ou sueco.

nacionalidade, género e idade do público do material em causa. Quase que invariavelmente, o Brasil, a Itália, a Espanha, Portugal, a Noruega, a Suécia e a Holanda surgem como os países com mais visualizações dos vídeos¹⁷⁵, sendo que os homens entre os 25 e os 54 anos constituem, de modo indiscutível, a sua principal audiência. Uma boa parte destes vídeos sobre Ponta Negra e respectivos comentários são adicionados por turistas, nacionais e estrangeiros,¹⁷⁶ revelando-nos, assim, a escala transnacional de construção identitária do local e, como diria Castells (2002), a sua conversão em “espaço de fluxos”. Revelando-nos, ainda, e por outro lado, a internet como “metaphor for the social life as fluid” (Urry, *in* Lemos 2009: 30).

Os turistas estrangeiros que participam de forma activa neste processo de “virtualização” turística (Molz 2004) de Ponta Negra via *YouTube*, inserindo imagens e/ou observações escritas, são, como já seria de esperar, maioritariamente homens europeus, com destaque para os italianos. Os conteúdos que dispõem *online* remetem, predominantemente, para os espaços e tempos mais associados às paisagens turísticas passionais, muito em particular a praia, à tarde e a *praça*, à noite. O mesmo acontece em certos vídeos de turistas internos e mesmo de pessoas da região *potiguar*. Nesses elementos audiovisuais é assaz frequente o registo de ambientes marcadamente recreativos, envoltos em grande agitação e em intenso convívio homossocial, onde a música e a bebida são presença assídua. Os turistas surgem, amiúde, como um misto de realizadores, narradores e protagonistas. É muito comum fazerem-se acompanhar de mulheres brasileiras¹⁷⁷, com quem desenvolvem uma interacção pautada pela sensualidade das performances corporais – sobretudo na praia, onde os corpos se desvelam e dispõem de modo particularmente apelativo – ou, noutros casos, por uma certa cumplicidade romântica, a lembrar cenas íntimas de casais em férias. A inserção destes conteúdos pessoais na internet poderá ser entendida no quadro do progressivo enraizamento de uma cultura de desvelamento mediático do eu, que apela à exposição pública da própria intimidade nos escaparates do

¹⁷⁵ Ainda que muito variável, o número total de visualizações de cada vídeo ascende, frequentemente, a dezenas de milhares, comprovando, assim, o papel fundamental da internet na disseminação global de discursos sobre Ponta Negra e na atracção de fluxos de pessoas.

¹⁷⁶ Esta é uma das numerosas práticas que integram as “tourist performances” de que nos falamos Sheller e Urry (2004: 7). O vídeo, tal como a fotografia, parece representar para o turista o grande suporte da narrativa da sua experiência, bem como a prova material de “ter estado lá” e de, supostamente, ter capturado a realidade do contexto (Abbink 2004: 277).

¹⁷⁷ Os seus traços físicos comprovam-no. Além do mais, reconheço algumas delas do trabalho de campo. Nas imagens que os *gringos* recolhem sobre as suas companheiras ou sobre outras mulheres que se encontram nas suas imediações pode depreender-se a tendência para enquadramentos focalizados no corpo, em especial nas suas zonas erógenas, como as nádegas e os seios. Quando se trata de filmagens em que as contempladas estão a dançar são habituais os planos de pormenor a incidir sobre o movimento (*rebolar*) das ancas.

cyberespaço, instituindo um “[...] verdadeiro festival de ‘vidas privadas’, que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro” (Sibilia 2008: 27).

Determinados vídeos centram-se de forma inequívoca em cenários de erotismo, paixão e/ou romance protagonizados pelos *gringos* e pelas suas companheiras locais, geralmente num clima de exaltação mais ou menos explícita dos valores da masculinidade. Por vezes, a sua própria estrutura narrativa é, no essencial, organizada em secções temáticas baseadas nas categorias de género e sexualidade, como se pode comprovar na sequência de fotografias de um grupo de seis turistas italianos (ad. por *CRTS0101* em 2008). Neste caso em concreto, o material carregado deixa transparecer uma estrutura seccionada, com diversos títulos e subtítulos, na qual se podem identificar, implicitamente, duas partes. A primeira, ao som da música *Levada brasileira*, de Daniela Mercury (2005),¹⁷⁸ integra fotos distribuídas por várias rubricas, tais como *consigli utili* (cartazes alusivos ao turismo sexual e ao uso da camisinha, e chamada de atenção para a presença de transgéneros), *la gente* (sobretudo imagens de mulheres na praia) e *la spiaggia di Ponta Negra* (excertos do quotidiano balnear e das relações que aí se constituem). A segunda parte apresenta uma música em que sobressai o poderoso refrão “cachaça!!!” e é composta por secções temáticas cujos títulos (v.g. *stati d’ebbrezza* [embriaguez], *noi* [nós]) e respectivas imagens, centradas no grupo, configuram uma espécie de tributo à camaradagem viril. Ao contrário desta, em muitas outras composições audiovisuais do *YouTube* a carga erótica, a passionalidade e as manifestações homosociais associadas a Ponta Negra encontram-se mais esbatidas; imersas em imagens da praia, do bairro e de pontos turísticos da região.

Independentemente das configurações e nuances dos materiais postados, em quase todos o exotismo tropical, o ambiente cálido (do ponto de vista térmico e social), a música e a dança, a atmosfera recreativa e de intenso convívio masculino, o corpo feminino e a intimidade heterossexual tendem a ser glorificados como componentes elementares de um regime sensorial idilicamente hedónico, no qual o momento (o presente) e o lugar são concebidos como expressão máxima dos prazeres da vida. No breve relato a acompanhar um vídeo que reporta uma visão panorâmica do quotidiano da praia e em que um turista se expõe deliberadamente para a câmara, rodeado de algumas mulheres locais, é partilhado o seguinte testemunho: *I was in November 2006 in Ponta Negra near Natal, Brasil. Brasil is*

¹⁷⁸ Cujas letras são, por sinal, ilustrativas de algumas das imagens mais estereotipadas sobre o Brasil, embora com uma excepção bastante significativa, a do brasileiro trabalhador: “[...] Brasil de quê? Da morena que samba, do futebol que a torcida comanda; terra do Carnaval e do trabalhador [...]”.

absolutely the place where the life is. There is no yesterday, no tomorrow - the life is now (ad. por *JuhaVideos* em 2006). Nos comentários que se seguem, um terceiro internauta refere-se a este aqui e agora hedonista¹⁷⁹ como a essência do que é o Brasil: *You've captured the essence of Brazil* (ad. por *chaguanas* em 2007). Um outro, ainda, declara a sua forte ligação sentimental a Ponta Negra e o seu desejo de voltar: *i love ponta negra!! i have been there on febraury 2006!! i have met the best and beautiful girl in the world there! I will come back in ponta negra!* (ad. por *maxverymax* em 2007)¹⁸⁰

Para muitos, a alegada essência brasileira tende a ser mais estrita e explicitamente fixada no erotismo ritmado, musical, da corporeidade feminina mestiça, como se pode constatar num pequeno vídeo, intitulado *Creu!!!*¹⁸¹ *Che fisico!!!!*, colocado *online* por um italiano. Nesta gravação são registadas imagens de uma mulher *mulata* a dançar ao som da música *Dança do creu* (MC Creu 2008) em plena praia, agarrada ao tronco de uma palmeira, numa performance marcada por movimentos de cariz erótico-sexual. Na nota que anexa em jeito de legenda, o respectivo autor enfatiza a singularidade da cena, denotando espanto e entusiasmo como se estivesse perante uma qualquer atracção turística: *questo è ciò che può succedere sulla spiaggia di ponta negra - natal -rn- brasil in un caldo pomeriggio di dicembre a 35 gradi. spettacolo!!!* (ad. por *tmarkino* em 2008).

A corporeidade feminina, a música e a dança também constituem elementos centrais em gravações e comentários inseridos no *YouTube* sobre o ambiente nocturno da praça: *Una notte all' [boate]. Il locale piu' bello e frequentato di Ponta Negra (Natal). In consolle Eddy dj (Italia) & Dj Pons (Spagna). Bella musica e belle ragazze tutte le sere* (ad. por *triplounge* em 2007). Por vezes, como acontece num vídeo sobre a eleição da *miss* dessa mesma *boate*, a carga erótica das imagens e/ou a linguagem usada nos comentários leva a administração do *site* a sinalizar o material em causa e a impor restrições à sua visualização: “This content may contain material flagged by YouTube's user community that may be inappropriate for some users. To view this video please verify you are 18 or older by signing in or signing up”. Esta advertência não deixa de ser ela própria um factor

¹⁷⁹ A fazer lembrar o “presenteísmo” e a exuberância dionisíaca, irreprimível e inalienável, de que nos fala Maffesoli (1979, 1985).

¹⁸⁰ Não foi possível apurar ao certo a nacionalidade das duas pessoas que adicionaram os comentários acima transcritos, embora os erros ortográficos grosseiros, no segundo caso, permitam pressupor que não se tratará, por exemplo, de cidadão britânico. Quanto ao autor e responsável pela inserção do vídeo, foi possível apurar, mediante indagações adicionais (também no *YouTube*), elementos que indiciam o norte da Europa como a sua região de proveniência.

¹⁸¹ Palavra da gíria brasileira que, no contexto semântico em que é usada, equivale à expressão popular portuguesa *foda-se*, numa acepção que remete para espanto e admiração. Noutros contextos é usada também para fazer referência ao acto sexual.

adicional de erotização do conteúdo a que se refere.

Através de narrativas mais ou menos impregnadas de elementos associados à sensualidade feminina, na esmagadora maioria dos vídeos ou das observações que os *gringos* postam no *YouTube* transparece de forma bastante nítida o elogio da brasilidade: *il brasile è stupendo natal è fantastica* (ad. por *farfallasarah* em 2009). Neste elogio, geralmente é concedida uma importância muito particular à esfera da intimidade, bem patente, aliás, na declaração, em jeito de reconhecimento, que se segue: *Natal mi ha dato tutto amore moglie e figlio... Tutto meraviglioso como diz o brasileiros...* (ad. por *matandy66* em 2011). Compreende-se, assim, a nostalgia que muitos manifestam ao se referirem ao Brasil. Não raro, usam a palavra *saudade* e invocam elementos da cultura brasileira (v.g. música) para ilustrar o seu estado de espírito, como se pode constatar num vídeo intitulado *saudade do Brasil*, seguido deste comentário: *Dopo un viaggio in brasile, al rientro quello che si prova è espresso in questa magica canzone di Toquinho... nostalgia. (regra tres)* (ad. por *enzolone78*, 2007). Por vezes, a saudade é mais directamente vinculada à diversão, à intimidade e à alegada vantagem no balanço da oferta e da procura no mercado local da heterossexualidade: [...] *bella discoteca uomini pochi donne a flotte [rodos]...non vedo ora di tornarci...saudade do brasil...* (ad. por *repubblichino73* em 2010).

As referências a Ponta Negra, a Natal ou ao Brasil em geral geram, por vezes, intensas clivagens e mesmo algumas discussões insultuosas, sobretudo quando aludem a aspectos da intimidade. Mais uma vez, a nacionalidade, o género e a sexualidade são as categorias com maior ascendência na definição dos argumentos em disputa. Vejamos, a título de exemplo, o acérrimo debate suscitado pelas fotografias do grupo de italianos (ad. por *CRTS0101* em 2008) atrás analisadas. Pelo que é possível depreender, a discussão terá sido espoletada por um comentário depreciativo, que já não se encontra *online*, do internauta *accuracy76*. Segue-se um outro comentário de um(a) brasileiro(a), em jeito de censura moral dos protagonistas italianos que surgem nas fotografias – *tu piache as putas de natal heim??? kkkkk perche non andava com ragazza normal la? Kkkk* (ad. por *lidiani007* em 2009) – e um outro, que presumo ser de uma mulher italiana, a manifestar explicitamente o seu apoio à primeira crítica: *giusto accuracy! e poi molto meglio le italiane!! la e tutto silicone ormai!!* (ad. por *lully1982* em 2010). Logo depois vem uma série de réplicas bastante fortes a estas críticas dirigidas aos turistas e às mulheres brasileiras. As duas primeiras réplicas são de outros turistas italianos, as duas seguintes são, provavelmente, de um casal ítalo-brasileiro e a última de uma brasileira:

- [...] per quelli che pensano che comunque in brasilie si vada solo a troie [prostitutas], credete davvero che le brasiliane siano tutte prostitute con un tariffario a ora o che le donne italiane non calcolino il discorso soldi [dinheiro], quando si mettono con qualcuno? (ad. por *stocachetiba* em 2010);
- perche le italiane nn vanno a letto, con tutti? almeno le brasiliane usano precauzioni!!!fatti meno seghe stupidotto! (ad. por *SERVICEOLDCAR* em 2011);
- accuracy76 la tua mamma è una puttana e l unico squallido è il tuo babbo che ti a fatto. natal è bellissima cmq sei un invidioso perche nn ci puoi pemetere di fare 10000 km per tuto quello perche brasilie è TUTTO (ad. por *Adrianaeleonardo* em 2011);
- lindooooooooo adarei o video!!!!!!e cmq accuracy76 seiii un finocchio [homossexual] di merda è vero siamo tt puttane e voi siete tt finocchio vai dai trans vai (ad. por *Adrianaeleonardo* em 2011);
- bravo...poi il piu bello e` che le brasiliane fanno cagare..sono brasiliana, pero` che orende questeee... mamma miiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii-iiiiiiiiiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa-aa.. (ad. por *drika88100* em 2011).

Enquanto meio de circulação de imagens e de interação social, a internet constitui um importante fórum de construção identitária, com repercussões que se estendem muito para lá do espaço digital, tornando pouco pertinente qualquer tentativa de estabelecer fronteiras entre o virtual e o real (Lemos 1996, Lévy 2001, Piscitelli 2005). O que lá se passa tem consequências bem reais. Como conclui Jungblut (2004: 102), “[...] muitos dos atos produzidos pelos mecanismos de virtualização são fatos sociais concretos, já que produzem efeitos na realidade e, assim, não pertencem ao reino do imaginário, não desaparecem do universo das ações sociais tão logo sejam desligados os mecanismos tecnológicos que permitiram sua existência ‘virtual’”. A inserção de Ponta Negra e de muitos lugares nas rotas do turismo de massas e na cartografia dos mercados afectivo-sexuais e matrimoniais internacionais tem sido amplamente potenciada pela internet. Desde logo, pela sua capacidade de amplificação e de difusão massiva da área de hedonismo, exotismo e sensualidade que, historicamente, envolve a identidade da nação brasileira. Mas também, como veremos mais adiante, pelo facto de contribuir, principalmente através das redes sociais e dos sites de relacionamentos, para a intensificação da electividade na esfera da vida privada e de proporcionar escalas sócio-espaciais mais amplas e novas possibilidades de configuração da intimidade.

Capítulo IV.

Do Velho Continente rumo à terra cálida

Envoltos numa certa “nostalgia imperial” (Rosaldo 1989), os países europeus têm sido interlocutores privilegiados no processo de construção de Ponta Negra como espaço turístico global que apela ao hedonismo e proporciona configurações transnacionais de intimidade. A prová-lo, desde logo, o facto de ser o emissor mais destacado dos fluxos internacionais de pessoas que ali convergem, constituídos na sua grande maioria por homens em lazer. É, justamente, nestes fluxos masculinos que agora centro a análise, tendo como grandes propósitos o mapeamento das suas características e, por outro lado, a compreensão de circunstâncias sociais, episódios biográficos, produções simbólicas e disposições subjectivas que os impulsionam. Será possível, deste modo, perceber como o trânsito turístico em causa é, intrinsecamente, permeado por desígnios de intimidade que encontram eco, conforme veremos depois, nas aspirações de algumas mulheres brasileiras e, não raro, conduzem a relações conjugais associadas a novas formas e sentidos de mobilidade no espaço Atlântico.

Este capítulo abre com a caracterização social dos turistas europeus e das respectivas mobilidades para Ponta Negra. Segue-se a análise das suas relações de género e convivências íntimas na Europa, fundamental para entender algumas das coordenadas mais amplas que enquadram as questões passionais subjacentes às deslocações transatlânticas. O texto prossegue com uma breve reflexão sobre a importância das imagens globais do Brasil e das narrativas de quem já lá esteve na configuração das expectativas que dão forma ao desejo turístico. A encerrar, uma visão das experiências masculinas em Ponta Negra, impulsionadas pela procura de novos horizontes para tentar concretizar valores que não são, de facto, novos. Nesta procura os homens europeus encontram cenários alternativos de intimidade e de convivência homosocial que lhes proporcionam (por vezes, de forma ilusória) vivências mais convergentes com os ideais hegemónicos de masculinidade, traduzidas simbolicamente pelos próprios através de metáforas térmicas nas quais contrastam o *calor* revigorante dos trópicos com o *frio* debilitante do Velho Continente.

1. Homens em trânsito

A área metropolitana de Natal, segundo a Setur-RN, recebeu em 2009 um volume turístico muito próximo do milhão e meio de pessoas: 1.344.415 (91.10%) de nacionalidade brasileira e 131.322 (8.90%) de nacionalidade estrangeira (*in Semurb 2010: 277*). Considerando apenas as chegadas pelo Estado do Rio Grande do Norte, o Ministério do Turismo Brasileiro (MTB 2011a) contabiliza somente 54 211 turistas externos para 2009 e 46.578 para 2010.¹⁸² Independentemente dos critérios e da aparente dissonância de números, há unanimidade na identificação de uma quebra superior a 50% entre 2005 e 2010 no turismo internacional com destino a Natal. Para esta situação terão contribuído factores como a profunda instabilidade económico-financeira no mundo ocidental, a significativa valorização cambial da moeda brasileira e um certo redireccionamento das estratégias locais de captação de visitantes para o mercado interno.

De acordo com um trabalho estatístico de caracterização do perfil da procura turística do Brasil, realizado pelo MTB (2011b), a grande maioria dos estrangeiros que, em 2010, elegeu Natal para lazer era proveniente da Europa, sobretudo da região mediterrânica. Em concreto, as percentagens de turistas dos principais países emissores distribuíram-se da seguinte forma: 20.5% da Itália¹⁸³, 11.6% de Portugal, 10.8% da Espanha, 8.8% da Argentina, 8.4% dos EUA, 5.7% da Noruega, 4.4% da Holanda, 4.3% da França, 4.1% da Alemanha e 3.6% da Suécia (*idem: 35*). Nestes fluxos, a presença de homens (66.1%) superou, de forma inequívoca, a das mulheres (33.9%) (*idem*), legitimando a ideia de Enloe (*in Carter e Clift 2000: 9*) sobre a viagem turística como sendo, historicamente, uma experiência masculina, “*profoundly gendered*”. Do ponto de vista das idades mais representadas entre estes turistas externos de visita a Natal sobressaiu a presença dos chamados jovens-adultos. O intervalo dos 25 aos 50 anos recolheu uma fracção de 70.3%, assim distribuída: 25 a 31 anos com 23.4%, 32 a 40 anos com 25.1% e 41 a 50 anos com 21.8% (MTB 2011b: 35). Por último, importa, ainda, destacar que 43.1% estavam em viagem sozinhos, 19.7% com o(a) companheiro(a), 19.4% com amigos e somente 14.9% com a família (*idem*).

¹⁸² Importa não esquecer que muitos dos estrangeiros que visitam Natal entram no Brasil através de outros Estados e, por isso, não são considerados neste apuramento.

¹⁸³ Este país é mesmo um dos que mais contribui para o turismo externo em todo o Brasil. Em 2010 foram 245.491 os italianos a viajar para aquele destino, volume apenas suplantado pelo número de turistas provenientes da Argentina e dos EUA (MTB 2011b: 6-20).

Na impossibilidade de desagregar os dados estatísticos existentes, de modo a centrar a análise em Ponta Negra e, em particular, no grupo de turistas que aqui mais interessa considerar – turistas europeus do sexo masculino –, durante o trabalho de campo apliquei um pequeno inquérito por questionário¹⁸⁴ destinado, justamente, a providenciar elementos descritivos desse mesmo grupo. O quadro que se segue sistematiza alguns dos dados apurados, que debatarei nas próximas páginas tendo em vista o mapeamento geográfico e socioeconómico dos fluxos turísticos masculinos.

Proveniência (%)		Idade (%)		Escolaridade (%)		Profissão (%)		Estado civil (%)	
Itália	59.6	até 25	6.8	ensino primário	2.4	empregados executantes	33.1	solteiros	67.2
Holanda	9.2	26-35	33.6	2º e 3º ciclos	18.0	operários industriais	25.6	casados/em união de facto	18.0
Noruega	7.2	36-45	31.6	ensino secundário	59.6	trab. independentes	17.3	separados ou divorciados	13.2
Portugal	6.8	46-55	15.6	ensino superior	20.0	profissionais técnicos	13.2	viúvos	1.6
Espanha	4.8	> 55	12.4			emp., dirig., prof. liberais	3.8		
Suécia	4.4					agricultores	0.5		
outros países	8.0					reformados	4.4		
						desempregados	1.6		
						estudantes	0.4		

N = 250

Quadro 1: Proveniência e características socioeconómicas dos turistas europeus em Ponta Negra

Um pouco à semelhança daquilo que já foi constatado noutras contextos com características parecidas (O’Connell-Davidson 1996, Fernandez 1999, Trumbull 2001, Piscitelli 2004b, Gomes *et al.* 2010), os resultados proporcionados pelo inquérito apontam para uma predominância muito expressiva de turistas italianos em Ponta Negra, na ordem dos 59.6%. Na sua grande maioria são oriundos do norte do país, nomeadamente de grandes centros urbanos como Milão e Turim. Quase $\frac{3}{4}$ provêm de apenas quatro das suas 20 regiões administrativas: 21.4% da Lombardia, 19.4% da Emilia Romagna, 15.4% de Piemonte e 12% do Veneto. O maior poder aquisitivo destas populações do norte e o facto de as mudanças associadas à segunda transição demográfica, mormente na esfera da conjugalidade, se manifestarem aí de modo mais intenso que no sul (Billari e Rosina

¹⁸⁴ Composto por apenas 12 questões de resposta precisa e objectiva. Os homens europeus em turismo em Ponta Negra, com pelo menos 18 anos, sozinhos ou integrados em grupos turísticos dos quais não fizessem parte as respectivas parceiras conjugais, constituíam o universo de análise. Sem referências sólidas para quantificar com precisão este universo, uma amostra de 250 inquéritos pareceu-me razoável para assegurar o que pretendia: uma pequena série de dados meramente indicativa da composição e características do conjunto de pessoas em causa. Os inquiridos foram seleccionados à medida que ia percorrendo a orla da praia e contactando com os turistas.

2007a)¹⁸⁵ são elementos importantes para perceber a origem massiva dos fluxos turísticos na Itália setentrional.

Embora com valores incomparavelmente mais pequenos que a Itália, no rol de principais emissores de turistas para Ponta Negra seguem-se a Holanda (9.2%), a Noruega (7.2%), Portugal (6.8%), a Espanha (4.8%) e a Suécia (4.4%). Com valores quase residuais, a lista de países europeus fica completa com a França (2%), a Alemanha (1.6%), a Suíça (1.6%), a Bélgica (1.6%), a Áustria (0.8%) e a Dinamarca (0.4%). Na inquirição e demais relações sociais estabelecidas no decurso do trabalho de campo não detectei turistas de outras nacionalidades europeias. Aliás, à excepção de alguns sul-americanos, designadamente da Argentina, e de um ou outro dos EUA, não me deparei com visitantes de mais nenhum país. Em Ponta Negra, o contingente de turistas externos é, indiscutivelmente, dominado pelos fluxos provenientes de Itália. Além dos dados estatísticos, vários outros elementos indiciam esta situação: a extraordinária facilidade com que os trabalhadores da praia se expressam em italiano, a abundância de referências iconográficas a Itália (v.g. tatuagens, unhas pintadas, bonés e *t-shirts* com a bandeira do país ou com o símbolo de um qualquer clube de futebol) e a grande presença de cidadãos italianos na estrutura comercial local.

Elementos sociográficos

Independentemente da sua nacionalidade e da sua relativa heterogeneidade, a maioria dos turistas europeus que afluí a Ponta Negra tem uma idade situada entre os 26 e os 45 anos: 33.6% concentram-se no grupo etário dos 26 aos 35 anos e 31.6% no grupo dos 36 aos 45 anos. Em idades inferiores a 26 anos encontram-se apenas 6,8% dos inquiridos. Já a proporção daqueles com idades superiores a 45 anos é, ainda, bastante expressiva: 15.6% têm entre 46 e 55 anos e 12.4% mais de 55 anos. Quanto à sua escolaridade, predomina a formação intermédia (ensino secundário completo ou incompleto, formação técnico-profissional), com um valor na ordem dos 59.6%. Seguem-se os 20% que possuem estudos superiores (concluídos, incompletos ou em curso). No extremo oposto, 2.4% (em especial os mais velhos) têm apenas o ensino primário e 18% uma formação equivalente ao

¹⁸⁵ Comparando com o que acontece no sul, no norte de Itália a percentagem de celibatários é mais elevada, a idade média do matrimónio é superior, o valor relativo de casamentos é muito inferior (v.g. quociente de nupcialidade de 3‰ na Lombardia e na Emilia Romagna, aquém dos 3.6‰ da média nacional e dos 4.8‰ da região da Campania) (Istat 2010a) e a taxa bruta de divórcios é maior (Istat 2010b).

segundo ou ao terceiro ciclo do ensino básico de Portugal. As respectivas profissões reflectem, de algum modo, a tendência dominante no que diz respeito à escolaridade.

Recorrendo à tipologia usada por Costa *et al.* (2000)¹⁸⁶, o grupo socioprofissional mais representado entre estes turistas é o dos empregados executantes (v.g. funcionário de estabelecimento comercial) com 33.1%, logo seguido pelo dos operários industriais (v.g. mecânico), cuja proporção atinge os 25.6%. Com valores consideravelmente menores, na ordem dos 17.3%, surgem os trabalhadores independentes (v.g. proprietário de restaurante) e, um pouco abaixo, com 13.2%, os profissionais técnicos e de enquadramento (v.g. professor, engenheiro). Os restantes distribuem-se da seguinte forma: empresários, dirigentes e profissionais liberais (v.g. director financeiro) com 3.8% e agricultores independentes com 0.5%, sendo que nenhum se inclui na categoria de assalariado agrícola. Por último, sem qualquer ocupação profissional, 4.4% estão reformados, 1.6% desempregados e 0.4%, apenas um dos inquiridos, ainda é estudante. Esta composição dos fluxos de turistas masculinos por grupos de actividades não deixa de reflectir, em certa medida, algumas características e tendências da estrutura socioprofissional europeia (Costa *et al.* 2000, Goos *et al.* 2009). Por outro lado, mostra-nos claramente que não são os membros das classes mais abastadas os principais frequentadores de Ponta Negra, em linha com as constatações, mais ou menos explícitas, de Piscitelli (2004b) para Fortaleza (Brasil), de Brennan (2004a) para Sosúa (República Dominicana), de Taylor (2000) para a região do Caribe, ou de Cohen (1982, 2003) e Seabrook (1996) para a Tailândia.¹⁸⁷ Todavia, a mobilidade transnacional proporciona a estes homens maior capacidade económica relativa¹⁸⁸ e, em conjunto com a nacionalidade (que os localiza simbolicamente

¹⁸⁶ Trata-se de uma tipologia utilizada no âmbito da análise de processos de recomposição social em países da UE, na qual se incluem sete grandes categorias socioprofissionais: empresários, dirigentes e profissionais liberais (cume da hierarquia da distribuição dos recursos, poder e estatuto social), profissionais técnicos e de enquadramento (classe média assalariada, qualificada e situada em posições hierárquicas intermédias das organizações), trabalhadores independentes (titulares de pequenas actividades pertencentes aos sectores secundário e terciário), agricultores independentes (detentores da sua própria exploração agrícola), empregados executantes (funcionários assalariados do comércio e serviços), operários industriais (empregados fabris, oficiais e do ramo dos transportes), assalariados agrícolas (trabalhadores por conta de outrem na agricultura) (Costa *et al.* 2000).

¹⁸⁷ Este facto não deixa de ser sintomático de uma crescente democratização da viagem e do consumo turístico nos países ocidentais (Urry 1996), particularmente notória a partir das últimas décadas do século XX. Muitos dos habitantes locais que trabalham na praia ou a utilizam como espaço de lazer têm uma percepção aproximada do perfil socioeconómico dominante dos *gringos* que vêm da Europa.

¹⁸⁸ O maior peso cambial do euro relativamente ao real é, desde logo, um dos principais factores de sustentação deste ganho de capacidade económica. Os turistas que visitam Ponta Negra há uma década ou mais referiram-me que a diferença entre o valor do euro e do real até há cerca de 6 anos atrás era de tal forma que, com pouco dinheiro, podiam *viver como gente rica* durante a permanência no Brasil. Nos últimos anos, a atenuação do desnível entre as duas moedas – de €1 = R\$3.70 em meados de 2004 para €1 = R\$2.40 em finais de 2011 – tem tido um impacto bastante negativo no seu poder de compra, forçando-os a alterar determinadas práticas de consumo, sobretudo nos casos das estadias mais prolongadas (v.g.

no quadro sistémico das desigualdades Norte/Sul) e a própria condição de turistas, assegura-lhes um claro *upgrade* de estatuto social, ainda que contingencial, face aos respectivos contextos de onde são provenientes. Quer isto dizer que, mesmo pertencendo maioritariamente à classe média/média baixa na Europa, em Ponta Negra situam-se uma posição social muito privilegiada em relação à maioria da população do bairro.

No que respeita à esfera da vida íntima e familiar, os dados apurados pelo inquérito apontam para o predomínio indiscutível de celibatários, muitos deles a viver sozinhos ou ainda com os pais. Com efeito, 67.2% permanecem solteiros e apenas 18% contraíram matrimónio ou vivem em união de facto. Dos restantes, 13.2% estão separados ou divorciados e 1.6% viúvos. No global, somente 23.5% têm filhos. Sem ser representativo da população europeia, este grupo de homens parece indicar, de forma paradigmática, muitos dos traços sociodemográficos estruturais – celibato, casamento tardio, redução da nupcialidade, acréscimo dos divórcios, fragmentação passional, baixa natalidade – que pautam as mudanças em curso nos modelos ocidentais de intimidade e família, já debatidas no capítulo II. Aliás, estas mudanças poderão mesmo estar a “[...] repercutir-se significativamente na configuração da procura turística, fazendo com que entre os turistas se assista a uma presença crescente daqueles que escapam ao padrão dito tradicional, assente no ‘papá, mamã e filhos’” (Ribeiro e Sacramento 2006: 162).

Configurações da jornada turística

O facto de a maior parte destes sujeitos, nos respectivos países, construir a sua intimidade com base numa certa individualização biográfica (Beck e Beck-Gernsheim 2004), não assumindo compromissos amorosos e familiares muito rígidos e restritivos, permite-lhes viajar sem grandes constrangimentos para o Brasil e para outros destinos tropicais,¹⁸⁹ nalguns casos mais do que uma vez ao longo do ano e com estadias prolongadas. No quadro seguinte apresento uma breve síntese estatística que, em

substituir a permanência no hotel por habitação arrendada, cozinhar em casa de modo a evitar a ida sistemática a restaurantes). Além do mais, esta flutuação do mercado cambial poderá mesmo ter contribuído, entre outras causas, para o declínio de turistas externos em Natal de 2005 a 2010, como já foi dito. O custo da estadia é um factor que condiciona bastante o volume e a composição da procura turística, designadamente em destinos sexualizados (O’Connell-Davidson 1996) como Ponta Negra. Um exemplo concreto: no Nordeste brasileiro (apesar da valorização do real) e na generalidade dos países da América Latina, os preços do turismo, quando comparados com os de contextos tropicais situados noutras regiões do globo (v.g. Sudeste asiático), continuam a favorecer a afluência de turistas europeus, sobretudo daqueles que não têm condições para ignorar aspectos de racionalidade económica.

¹⁸⁹ Além do Brasil, alguns dos meus informantes já estiveram noutros destinos turísticos tropicais alvo de forte conotação sexual, localizados sobretudo na região do Caribe. Dois deles também já viajaram em turismo para o Sudeste asiático (Tailândia e Filipinas) e um outro para África (Quênia).

articulação com elementos etnográficos, permitirá esboçar alguns dos aspectos mais relevantes do ordenamento da viagem para Ponta Negra.

N.º de viagens (%)		Duração (%)		Companhia (%)		Grupo (%)	
primeira	41.6	1 semana	22.0	sozinhos	22.4	até 5 pessoas	89.4
mais de 1	58.4	2 semanas	39.2	acompanhados	77.6	> 5 pessoas	10.6
		3 semanas	16.0				
		1 mês e +	22.8				

N = 250

Quadro 2: Configuração da viagem turística

A proporção dos europeus que já viajaram várias vezes para Ponta Negra é bastante superior à dos estrepantes (58.4% para 41.6%), sendo que 27.2 % já o fizeram em mais do que quatro ocasiões. Há situações em que o número acumulado de trânsitos turísticos por pessoa supera a dezena e, mais raro, a vintena. A sua facilidade de circulação e, quando assim é pretendido, de instalação sazonal ou permanente no Brasil é reveladora da posição geográfica privilegiada que ocupam no sistema da economia política global, tal como nota Brennan (2004a, 2004b) a propósito dos turistas alemães na República Dominicana. Do lado oposto estão inúmeros cidadãos brasileiros e da generalidade dos países do Sul, em particular mulheres pobres e mestiças (mais conotadas com a prostituição), a quem a Europa levanta múltiplos e complexos obstáculos sempre que pretendem fazer o percurso inverso, mesmo quando se apresentam, formalmente, como turistas. A nacionalidade, o género e a classe compõem identidades diferenciadas com as quais as fronteiras se relacionam de modo distinto, favorecendo a mobilidade de pessoas que encarnam certas condições e obstruindo a de outras.

O tempo das estadias em Ponta Negra indica que 22% dos visitantes europeus permanecem até uma semana, 39.2% duas semanas, 16% três semanas e 22.8% um mês ou mais. Destas diferenças temporais e do grau de familiaridade com o contexto poderão resultar diferentes posicionamentos na ecologia das relações heterossexuais locais: *Quando venho apenas por uns dias, eh pá... arranjo uma dessas daí [garota de programa]. Mas quando venho por duas ou três semanas, aí já dá para conhecer melhor o meio e as pessoas e já dá para arranjar outro tipo de relacionamento... às vezes, até uma mulher 'normal'* (turista português, 30 anos, empregado hoteleiro). Nos períodos superiores a 30 dias, a duração da permanência situa-se, geralmente, entre os dois e os três meses, embora não seja de todo invulgar encontrar sujeitos, sobretudo os mais idosos, que ficam entre três e seis meses, ou até mesmo mais.

Alguns destes turistas-residentes já asseguraram o visto de residência permanente, quase sempre graças à sua condição de aposentados na Europa, a pequenos investimentos realizados no Brasil ou a união conjugal com cidadã nacional.¹⁹⁰ Outros solicitam na polícia federal a prorrogação da autorização de estadia turística (duração inicial de três meses), de forma a poderem ficar no país por mais três meses. O facto de se estabelecerem em Ponta Negra durante largos períodos e o grande número de viagens que vão acumulando ao longo dos anos indiciam, de certo modo, a sua inserção no contexto social local¹⁹¹ e, por conseguinte, a construção de múltiplas conexões entre a sociedade de origem e a de acolhimento periódico. Esta sua ampla vinculação transnacional tende a estar associada, como veremos, a configurações de intimidade mais estáveis e duradouras. Por outro lado, essa mesma vinculação afasta-os, de algum modo, das ideias mais comuns do que é ser-se turista e do que é fazer-se turismo. Os próprios, nos seus discursos e práticas, não parecem projectar-se simplesmente como turistas; mas sim como sujeitos transculturais, com um pé em cada uma das margens do Atlântico, construindo, por vezes com grande sentido estratégico, identidades e ideias de cidadania flexíveis (Ong 1999).

A mobilidade entre a Europa e o Brasil, em especial entre aqueles que se deslocam mais amiúde e permanecem no destino durante temporadas mais longas, não assume uma formatação rígida. Ela tende mesmo a ser organizada à margem dos convencionais pacotes turísticos,¹⁹² pelo que não me parece muito ajustado pressupor-se, como por vezes o faz a comunicação social, que os fluxos em causa decorreriam no âmbito de uma oferta devidamente planeada pelo *trade* do sector para públicos masculinos e da qual o sexo comercial constituiria o atractivo central. Esta visão poderá ser adequada para outros contextos, nomeadamente no Sudeste asiático (Thanh-Dam 1983), mas não para o Nordeste brasileiro. Aqui os trânsitos turísticos e os processos de transnacionalização da

¹⁹⁰ O que os coloca, do ponto de vista estritamente legal, fora da categoria de turistas. Segundo a Lei n.º 6.815/80, de 19 de Agosto (República Federativa do Brasil 1980), existem sete grandes tipos de vistos que podem ser concedidos a cidadãos estrangeiros: de trânsito, temporário, turístico, de cortesia, diplomático, oficial e visto de residência permanente. Este último destina-se a estrangeiros que pretendem estabelecer-se no Brasil durante período(s) de tempo indeterminado(s). Nele incluem-se o visto para estrangeiro com filho brasileiro, o visto por casamento ou união estável com pessoa de nacionalidade brasileira, o visto para gerentes ou administradores de empresas que geram riqueza e empregos no Brasil, o visto de investidor, cuja aplicação de capital deverá ascender, pelo menos, a US\$50.000, e o visto de aposentado, para o qual é exigida a idade mínima de 50 anos e um rendimento mensal no país de origem igual ou superior a US\$2.000. Após quatro anos a viver consecutivamente no Brasil – um para as situações que envolvem a paternidade de filhos nascidos no Brasil –, o detentor de visto de residência permanente pode pedir a naturalização.

¹⁹¹ A aquisição de telemóvel com número brasileiro e a compra de habitação para residência temporária (turismo residencial) constituem dois exemplos reveladores desta inserção.

¹⁹² Aliás, em todo o Brasil somente 15.5% dos turistas externos que entraram no país em 2010 recorreram a pacotes turísticos (MTB 2011b: 4). Nesse mesmo ano, em Natal o valor situou-se nos 14.4% (*idem*: 35).

intimidade a eles associados assentam, essencialmente, em circuitos nacionais e internacionais de “capital social” (Bourdieu 1980) fundados com base na amizade (ou simples conhecimento) e no parentesco, como se pode depreender das palavras de um turista português (71 anos, reformado¹⁹³): *Isto começou por uma “menina” [brasileira a trabalhar na prostituição] lá em Portugal. Ela tinha uma tia solteira de Goiânia e ela depois deu-me o número de telefone dessa tia. Eu telefonei-lhe e, passado um ano, fui ter com ela a Goiânia. Depois, dali vim aqui para Natal [onde mora um primo].* O testemunho de um ex-secretário estadual de turismo (62 anos) do Rio Grande do Norte é, igualmente, esclarecedor quanto à informalidade dos processos sociais – fundados em redes de “amigos de amigos” (Boissevain 1974) – que sustentam a chegada de muitos turistas estrangeiros à região e os respectivos relacionamentos com mulheres locais:

A coisa [turismo sexual] está ao nível muito amador. O que é que acontece? O *cara* vem, conhece uma *menina*, vai liga, manda um e-mail, manda uma carta, dá um telefonema... Aí vem um amigo dele. Ela diz que tem uma amiga; ela mesmo vai para o aeroporto, fica com o *cara*. Ela diz “você fica na minha casa”. Como não existe essa profissionalização para vender o bordado [produto artesanal emblemático de Ponta Negra], também não existe na prostituição. [...] Quando eu vejo assim um turismo sexual, eu vejo uma coisa tipo a Tailândia, sabe. Aquela coisa já profissionalizada. Vai, os *caras* vão para uma casa de massagens, vão... Já existe uma estrutura montada para isso. Aqui ainda joga quase num espírito de aventura.

A internet desempenha um papel cada vez mais relevante nestas viagens passionais e na constituição de redes sociais transnacionais. É bastante frequente os europeus, ainda nos seus respectivos países, recorrerem a *sites* de relacionamentos para conhecer mulheres natalenses e iniciar relações à distância a que, depois, já no Brasil, procurarão dar seguimento.¹⁹⁴ Os casos de dois dos meus principais informantes, o Gentile e o Ambrosini, são paradigmáticos:

Muitas mulheres que encontrei aqui em Natal conheci primeiro na internet. Quando estou na Itália, na internet, pego o número do celular e quando chego aqui chamo elas para sair. Convido para ir numa festa, num lugar, noutra... Conheço as amigas. Tem muitos *sites* para isso: *orkut*, *badoo*... Conheço todos!!! Você coloca seus dados, a foto e depois você envia uma mensagem para uma mulher e, se ela quiser, você se comunica com ela. [...] Todas as semanas fico conversando com uma, com outra... (turista italiano, 48 anos, pedreiro).

¹⁹³ Embora reformado, ainda faz *biscates* pontuais para a indústria de moldes, que lhe proporcionam, segundo afirmou, um rendimento muito apreciável.

¹⁹⁴ Como é evidenciado nos trabalhos etnográficos de Constable (2003) e de Roca (2011), a internet está a assumir um papel decisivo na redefinição dos espaços, tempos, oportunidades e processos das relações transnacionais de aliança, situando, definitivamente, o romance no palco global. A este propósito vejamos, ainda, as reflexões de Ben-Ze'ev (2004), Sibilía (2008), Silva e Takeuti (2010), Kaufmann (2010) e Miller (2011) em torno das novas possibilidades de interação e de construção mediatizada da intimidade facultadas pelos actuais sistemas electrónicos de comunicação.

Já conheci mais de 20 mulheres através do *orkut*, do *par perfeito*, do *match*, do *badoo* que depois encontrei aqui em Natal. É assim que conheço mulheres que não faz *programa*. Se não fosse assim era mais difícil. Você vai no centro da cidade, tem muita mulher bonita, mas não fala comigo porque vê que eu sou estrangeiro e não quer que a gente pense que ela está fazendo *programa*. [...] Também conheci na *net* uma mulher que trabalha no Banco do Brasil [BB]. Falei com ela muito na *net* e depois conheci ela aqui. Ficou diferente, porque ela já me conhecia e depois ela começou a me apresentar outras amigas, falando que eu era seu amigo que conheceu na *net*. [...] Quando venho aqui selecciono nos *sites* mulheres desta região. Se for noutra país busco mulheres da cidade para onde vou (turista italiano, 43 anos, pedreiro).

Por vezes, o início de um relacionamento à distância é mesmo uma dos mais destacados motivos da visita a Natal. Independentemente das razões que a motivam, a viagem é, de um modo geral, programada e realizada num registo de grande flexibilidade pelos próprios intervenientes, agindo no âmbito de grupos compostos pelos amigos e colegas de profissão, ou por familiares, quase sempre da mesma geração, como irmãos ou primos. A homossociabilidade – declaradamente exposta em muitos dos vídeos do *YouTube* sobre Ponta Negra – assume, como veremos, um papel de grande relevância e significado nestes fluxos masculinos transatlânticos. De todos os inquiridos, só 22.4% viajaram sozinhos, sendo que uma parte muito considerável circunscreve-se aqueles cuja estadia é mais demorada. Dos viajantes solitários apenas um declarou ser casado. Numa conjuntura de maior equidade nas relações de género, de democratização da intimidade (Giddens 2001) e de idealização do matrimónio como espaço de comunhão (Roca 2007a), não será fácil para a generalidade dos homens apresentar argumentos plausíveis para negociar com as companheiras uma excursão de lazer da qual elas sejam excluídas; sobretudo quando se trata de um destino turístico alvo de forte conotação sexual, como me dizia o Donatello (italiano, 45 anos, residente em Ponta Negra)¹⁹⁵ quando falávamos da percepção mais corrente que as pessoas, em Itália, têm do Brasil: *Na Itália, se um homem diz à mulher que vai para o Brasil, ela associa logo a viagem a sexo. Isto acontece muito com o Brasil e a Tailândia. Não é fácil para o homem italiano deixar a sua família, a sua mulher e filhos, e vir de férias para aqui ou para a Tailândia sozinho*. Assim, pode muito bem acontecer que a viagem em grupo inteiramente masculino, muito em particular quando ela é planeada no contexto das relações socioprofissionais das pessoas em causa, funcione como uma espécie de *álibi* para não a tornar extensível às respectivas esposas.

De entre os indivíduos que viajaram acompanhados, 89.4% fizeram-no em grupos com menos de cinco elementos e 10.6% em grupos com cinco ou mais. Ainda que não seja muito comum, os conjuntos mais amplos podem contabilizar várias dezenas de pessoas e

¹⁹⁵ Depois de várias estadias turísticas, está agora a iniciar actividade empresarial no ramo imobiliário.

até mesmo incluir algumas mulheres. Isto acontece mais frequentemente quando se trata de excursões empresariais, concedidas sob a forma de incentivo laboral ou prémio de produtividade. Da varanda da pousada onde fiquei instalado durante parte do tempo dedicado ao trabalho de terreno no Brasil presenciei a saída de um destes mega-grupos para um passeio de *buggy*:

Logo pela manhã, por volta das 9h, um enorme comboio de *buggys* em fila próximo da pousada. Foram buscar turistas italianos ao *Coconut Resort*. À medida que passavam fiz a contabilidade do grupo por sexo. A preponderância masculina era avassaladora: 74 homens e apenas 14 mulheres. Ao meu lado na varanda da pousada, o Francesco (turista italiano, 39 anos), não perdeu a oportunidade para ironizar: *Essas 14 são as secretárias!* [...] Pelo que pude apurar, vieram em excursão patrocinada pela empresa em que trabalham na Itália. Com alguma frequência, o *Coconut Resort* recebe grupos de turistas que vêm no âmbito deste tipo de viagens. Há uns tempos atrás, encontrei na praia, precisamente em frente a essa mesma unidade hoteleira, um outro conjunto numeroso de italianos, todos agentes de seguros (notas de campo, Ponta Negra, 23/03/2010).

Os grupos de turistas europeus compõem um quadro social de género-nacionalidade que se destaca significativamente no cenário turístico mais geral da praia de Ponta Negra, contrastando com a quase total ausência de conjuntos constituídos apenas por mulheres europeias. Independentemente de outros aspectos que possam ser invocados para compreender este gregarismo masculino, é fundamental ter em consideração que a sociabilidade em grupo de pares é uma configuração social elementar nos processos de construção da identidade de género entre os homens e que o turismo, à semelhança do que acontece em muitas outras práticas de lazer (Almeida 1995, Blackshaw 2003), pode constituir um importante campo de (re)produção da masculinidade. Aliás, no contexto em causa, os fluxos turísticos masculinos remetem, intrinsecamente e a vários níveis, para concepções de intimidade indissociáveis dos modelos e vivências pessoais do que é ser homem.

2. Género e (des)ordenamentos sentimentais

Nas décadas mais recentes temos vindo a assistir a significativas mutações nas identidades e relações de género, a uma individualização da vida pessoal, à crescente turbulência das relações amorosas e a novas formas de organização dos vínculos conjugais e familiares (Illouz 1999, Giddens 2001, Torres 2002, Beck e Beck-Gernsheim 2004,

Budgeon e Roseneil 2004, Aboim 2004, Bauman 2008, Roca 2008).¹⁹⁶ Inscritos nestas transformações em curso, os trajectos de vida íntima, as relações de género e as ideologias de masculinidade com as quais se articulam constituem quadros sociais que é fundamental considerar para compreender as circunstâncias em que se desenvolvem os desejos masculinos de viajar da Europa para o Brasil e as expectativas de intimidade que lhes são subjacentes.

Pese embora a sua relativa heterogeneidade, decorrente das próprias singularidades dos contextos e contingências biográficas, os percursos passionais dos turistas europeus que conheci evidenciam alguns elementos similares e, de um modo geral, remetem para situações que terão propiciado a procura de Ponta Negra enquanto contexto susceptível de proporcionar relacionamentos íntimos e configurações de género tidas como dificilmente concretizáveis nos países de origem. Na maioria desses percursos ressaltam algumas das principais tendências que pautam o ordenamento da intimidade nos dias que correm: a dificuldade em estabelecer conexões sentimentais satisfatórias e duradouras com o género oposto, a proliferação de formas de conjugalidade alternativas ao casamento e a instabilidade das relações amorosas. Em conjunto, estas tendências são reveladoras do “caos do amor” (Beck e Beck-Gernsheim 2004) na contemporaneidade e dos desejos antagónicos de fusão e fissão sentimental que o caracterizam (Chaumier 2004a, 2004b).

O elevado número de turistas solteiros que afluem a Ponta Negra e a considerável percentagem daqueles que estão divorciados ou separados indiciam, desde logo, “transformações da intimidade” (Giddens 2001) nos países europeus, em particular nos seus modelos de convivência sentimental e de aliança (Coontz 2004), de que resultam condições sociais e disposições subjectivas propícias à transnacionalização da vida passional. As dificuldades, intermitências e insatisfações relacionais na Europa, já evidenciadas noutros trabalhos (O’Connell-Davidson 2001, Piscitelli 2004a), constituem aspectos marcantes das biografias íntimas destes homens, manifestando-se em vários momentos do processo de negociação e construção de projectos conjugais. Nos seus próprios discursos, a emancipação da mulher europeia figura como a causa maior da turbulência que afecta a organização da intimidade. Em contrapartida, a mulher brasileira representa uma ordem de género mais condizente com o que julgam ser a normalidade da identidade feminina e masculina. Esperam, por isso, encontrar nos trópicos possibilidades relacionais e identitárias que, alegadamente, têm vindo a escassear no Ocidente, podendo,

¹⁹⁶ Veja-se a reflexão realizada no capítulo II (secção “A intimidade como projecto reflexivo”) sobre estes processos de reconfiguração da vida privada.

assim, resgatar (ainda que de forma circunstancial) o lugar “natural” de homens e mulheres que o feminismo ocidental terá abalado.

Independentemente dos enviesamentos ideológicos subjacentes a estas apreciações e expectativas dos sujeitos etnográficos, elas configuram subjectividades que impelem a procura do que é desejado e se julga poder encontrar noutra lugar: “[...] many Northern men *do* experience some form of existential disempowerment brought by the erosion of patriarchy and ‘traditional’ family values in the Northern public sphere, and seek to reaffirm their domination [...] in the Global South”. Veissière (2011: 31). Mas, em alternativa à demanda de outras feminilidades e ao esforço de restauração de poderes perdidos, porque não uma mudança masculina mais rápida e significativa? A observação de Almeida (1995: 243) é esclarecedora: “para os homens é mais difícil inventarem outras formas identitárias pois, seguindo o pensamento dicotómico, a alternativa que resta é ‘inferior’, feminina”. Face a esta dificuldade de conversão da identidade, para muitos será mais cómodo, certamente, perseguir as suas idealizações de masculinidade e intimidade por via do cruzamento das fronteiras da alteridade. Poderão, deste modo, ingressar em ecologias sociais onde crêem poder restaurar o “normal” ordenamento das relações de género (Taylor 2000), abalado pela segunda vaga feminista e pela perda do protagonismo económico masculino na sociedade pós-industrial (Giddens 2001, Bernstein 2001, Welzer-Lang 2002, Beynon, *in* Chow-White 2006: 893).

Feminilidades fechadas

Sempre que questionava os informantes sobre a sua vida sentimental nos respectivos países, quase todos enfatizavam a dificuldade em estabelecer conexões amorosas. A analogia que um dos meus principais informantes, o Giacomo, estabelece com o episódio do Rapto das Sabinas é reveladora: *Os romanos da época pré-imperial raptaram as Sabinas porque não tinham mulheres. Também nós, os italianos de hoje, como não temos grandes oportunidades e facilidades de conquistar mulheres, somos obrigados a vir buscá-las aqui [Brasil].* A ausência de possibilidades de conquista heterossexual na Europa é, comumente, identificada por eles como consequência da forte propensão da mulher europeia para um fechamento selectivo face às iniciativas de sedução masculinas. Em sentido oposto, estaria a mulher sul-americana, mais aberta, calorosa e receptiva à abordagem do homem: *Aqui [Brasil], se olho uma mulher e falo, ela fala comigo, mesmo que não queira ficar comigo depois. Ela fala... Na Itália, a mulher não*

fala. Ela fica fechada... “não, não”. Isso é uma falta de respeito. Não gosto disso! (turista italiano, 23 anos, marceneiro).

Além de um processo de conquista muito exigente, era-me destacada, amiúde, a morosidade da evolução dos relacionamentos na Europa, nomeadamente no que diz respeito à sexualidade: *Em Itália, primeiro conheces a mulher. Depois leva-la a jantar. Deeppooiiiiss, passado muito tempo, talvez vás com ela para a cama* (turista italiano, 35 anos, empregado de farmácia). E o que parece suscitar-lhes mais perplexidade é o facto de isto suceder numa época em que a sexualidade está, pretensamente, a libertar-se de muitos dos preceitos morais conservadores que a constroem e a tornar-se mais “plástica” (Giddens 2001): *Mesmo agora que já há outra mentalidade, conquistar uma mulher... ter sexo.... ainda demora muito tempo e é um caminho difícil. No Brasil é mais rápido. As mulheres aqui falam mais, interagem mais* (turista suíço, 45 anos, camionista).

O discurso da proprietária italiana da pousada onde fiquei instalado algum tempo corrobora uma boa parte dos principais aspectos da versão masculina dominante sobre os traços mais recorrentes das feminilidades europeias e, em contraste, vinca as supostas qualidades relacionais das mulheres brasileiras:

As italianas são muito [gesto com o dedo indicador no nariz]... são muito distantes e muito materialistas. Podem até ser bonitas, fisicamente, mas os homens não gostam da forma como é o seu comportamento. É, por isso, que quando eles vêm para aqui, ficam encantados com as mulheres brasileiras. Elas são mais simples, mais comunicativas, afectivas, e dão mais atenção ao homem. O que está a acontecer em Itália é com mulheres da geração depois da minha; mulheres que têm agora 30 ou 30 e poucos anos (italiana residente em Ponta Negra, 53 anos).

No caso concreto da Itália, a expressão popular *se la tirano* e a designação de *figetta* são, amiúde, usadas pelos homens para se referirem à generalidade das suas compatriotas, que, alegadamente, tendem a revelar um certo desprezo e altivez face às investidas de sedução masculinas. Segundo a maioria dos italianos que acompanhei, tal reacção estará associada a expectativas femininas demasiado exigentes e selectivas (quando comparadas, por exemplo, com o que acontece no Brasil): *Se saímos à noite em Itália... se tu não estás bem vestido, se não tens um bom carro, se não tens o último telemóvel que saiu, se não estás de acordo com a última moda, é melhor nem ir aos melhores locais para encontrar mulheres* (turista italiano, 35 anos, empregado de farmácia). Entre os turistas dos países nórdicos, as noções masculinas sobre os critérios femininos mais valorizados na escolha de parceiro revelaram-se idênticas, expressando ainda, de igual modo, a tendência para considerar, implicitamente, as mulheres brasileiras como o grande pólo de comparação no processo de calibragem das categorias identitárias:

Na Noruega as mulheres são mais snobes e mais atentas ao aspecto de cada um. Não todas, mas muitas delas. A aparência e a profissão que o homem tem é muito importante para elas (turista norueguês, 29 anos, funcionário público).

O Giacomo dizia-me constantemente que a mulher europeia, e a italiana em particular, aspira por homens envoltos numa aura de sucesso, garbosidade e prestígio, à imagem das personalidades famosas que vê na televisão. No seu entender, Flavio Briatore, ex-director das equipas de Fórmula 1 da Benetton e da Renault, e Francesco Totti, futebolista da Roma, seriam dois bons exemplos dos modelos masculinos mais desejados. São, justamente, estes modelos que proporcionam conteúdos simbólicos para as efabulações do “príncipe encantado” em que tantas mulheres encerram a demanda de parceiro e a construção da sua intimidade (Kaufmann 2000). A divergência face aos critérios de masculinidade mais valorizados nas idealizações femininas e as consequentes dificuldades de sedução heterossexual – como sucede entre muitos dos turistas que conheci em Ponta Negra – tendem a ser traduzidas pelos visados como um problema de (in)definição da sua identidade masculina. Não podemos esquecer que o sucesso viril no acesso à intimidade feminina constitui um eixo central, embora relativo e não exclusivo, de afirmação dos valores hegemónicos do que é ser homem (Seidler 1992, Gilmore 1994, Almeida 1995, Bozon 2004).¹⁹⁷ Como destaca Badinter (1996: 183), “é através do seu sexo e da actividade sexual que o homem toma melhor consciência da sua identidade e virilidade”, se bem que a masculinidade “[...] pode ser confirmada por outras coisas que não um pénis erecto” (*idem*: 168).¹⁹⁸

¹⁹⁷ Estes valores podem manter similitudes ou, pelo contrário, sofrer variações significativas entre diferentes contextos. À luz das primeiras incursões antropológicas no estudo da masculinidade, com especial destaque para os trabalhos de Gilmore (1983, 1987, 1994), poderíamos ser levados a admitir a especificidade cultural da região mediterrânica – ancorada nos valores da honra e da vergonha (Peristiany 1988) – em relação ao resto do continente europeu. O complexo de manifestações exacerbadas de virilidade constituiria mesmo um dos elementos diacríticos da mediterraneidade (Gilmore 1987). Em desacordo face a esta concepção de área cultural singular e uniforme, várias têm sido as vozes a assinalar os seus enviesamentos (Cabral 1989, Goddard *et al.* 1994, Albera 2006), abrindo a porta para o reconhecimento efectivo de heterogeneidades no seu interior e de paralelismos relativamente a outras demarcações geográficas. Como adverte Silva (2003: 67), “[...] fenómenos entendidos abusivamente como mediterrânicos, mesmo quando sejam mais frequentes ou intensos que noutras áreas, não são específicos do mediterrâneo [...]”. Daí a minha preocupação em evitar o binómio nórdicos-mediterrânicos como o grande oráculo de compreensão das vivências dos homens europeus em Ponta Negra; não deixando de considerar, todavia, algumas tendências contrastantes entre o norte e o sul da Europa.

¹⁹⁸ A pertença de classe, a carreira profissional e a etnicidade, por exemplo, são também importantes eixos constitutivos da estrutura identitária masculina (Kimmel e Messner 1992). Articulados com a sexualidade, podem condicionar a sua influência e papel na configuração da masculinidade. A este propósito, e recorrendo ao conceito de “hegemonia genital compensatória”, Gilmore (1983) argumenta que a fraqueza sociopolítica dos homens andaluzes da classe trabalhadora é, simbolicamente, contrabalançada através de manifestações exageradas de potência erótico-sexual. A interacção variável entre sexualidade e classe na

A emancipação da mulher na Europa é, comumente, identificada pelos meus interlocutores como o principal factor responsável pela maior individualização e selectividade amorosa e conjugal das suas concidadãs¹⁹⁹, tal como, em sentido contrário, a vulnerabilidade social de muitas das mulheres brasileiras é associada à sua maior disponibilidade relacional face ao homem: *Essa que tem estudos e mesmo essa que não tem muito estudos, mas, mesmo assim, tem o seu trabalho... tem a sua economia boa, tem o seu carro, paga o seu aluguer... Não precisa de um homem qualquer que a ajude como estas mulheres brasileiras* (turista italiano, 46 anos, pedreiro). Com uma visão similar, um outro entrevistado também se refere explicitamente à entrada feminina no mercado de trabalho como o ponto de viragem na organização das relações de género: *Antes, na cultura italiana, o homem trabalhava e a mulher ficava em casa. Hoje, ela também trabalha e não tem necessidade do homem* (turista italiano, 34 anos, comerciante). A maior ou menor auto-suficiência pode constituir, de facto, um elemento preponderante na definição da receptividade feminina a vínculos de intimidade mais estáveis e duradouros. Não será por acaso que uma boa parte das mulheres que possuem consideráveis recursos académicos e económicos vivem sós (Kaufmann 2000, Pastor 2008) e que o projecto conjugal se manifesta de forma particularmente pronunciada nas classes baixas, onde a fusão sentimental tende a assumir-se (também) como uma forma de previdência socioeconómica (Bawin-Legros 2004).

A juntar às alegadas exigências e relutâncias que as mulheres europeias colocam no processo de conquista amorosa, muitos dos turistas que conheci em Ponta Negra identificaram, ainda, a sua própria *meia-idade* como mais um factor que lhes retira possibilidades de serem bem sucedidos nos mercados passionais e matrimoniais dos seus contextos de proveniência. No seu entender, devido a preconceitos relativos à diferença de idades, tornar-se-á difícil o acesso às mulheres mais jovens (de outra geração), mais valorizadas e desejadas; aquelas que, na Itália, segundo o Giacomo, correspondem ao

constituição da identidade masculina é destacada, também, por Almeida (1995: 55) para o contexto alentejano de Pardais, dando a entender que entre determinados homens de estratos sociais mais afluentes “[...] o prestígio acumulado política e economicamente compensa plenamente qualquer eventual perda de prestígio sexual”. Partindo deste princípio de compensação recíproca entre posição de classe e proficiência sexual, será de supor que muitos dos meus informantes, situados aquém dos lugares sociais mais prestigiantes, concebiam a sexualidade como uma esfera particularmente determinante na afirmação da masculinidade para si próprios e para terceiros. A degradação das condições de vida, indissociável da globalização neoliberal, segundo Welzer-Lang (2002: 11) poderá mesmo induzir uma “[...] réponse viriliste au sort réservé à nos ‘pauvres’”.

¹⁹⁹ Ou, como diria Kaufmann (2000), pelo movimento de centração sobre si mesmas e de construção de uma “vida a solo”, à margem dos tradicionais cânones familistas, numa incessante busca do “príncipe encantado” de que atrás se falava.

modelo da mulher-*velina*²⁰⁰. Por outro lado, a maioria das mulheres da mesma faixa etária já estarão fora dos circuitos públicos de sedução: *Uma pessoa, na Itália, com 35 anos é já velho para procurar mulher. [...] Você vai sair, mas só encontra mulher de 20/25 anos. As mulheres que têm a minha idade dificilmente vão sair à noite* (turista italiano, 35 anos, psicólogo desempregado). A par deste tipo de discursos, pude também testemunhar o argumento de que as mulheres da mesma geração ainda disponíveis terão algum tipo de problema, caso contrário já estariam casadas: *Agora, com 46 anos está difícil arranjar mulher em Itália. A maioria das que têm a minha idade já estão casadas, já estão com filhos... [...] E a que você encontra tem que ser ruim, porque, se aos 40 anos ainda está sozinha, é porque tem algum problema* (turista italiano, 46 anos, pedreiro). No contexto brasileiro, segundo a enraizada convicção masculina, a diferença de idades deixará de ser um obstáculo relevante nos relacionamentos com o sexo oposto. Com efeito, aí parece haver maior aceitação social dessa diferença e uma certa tendência cultural para as mulheres preferirem parceiros mais velhos (Knauth *et al.* 2006).

Num tempo em que as nossas projecções e práticas transcendem cada vez mais a escala nacional, o Brasil representa a possibilidade de mudança para estes homens inconformados com as relações íntimas nos seus países. Embora claramente distinta a vários níveis, a utilização de serviços locais da indústria da intimidade (v.g. prostituição, agências de encontros, agências matrimoniais)²⁰¹ é uma outra alternativa de que dispõem e à qual alguns deles têm recorrido. Mesmo em meios pequenos, a oferta destes serviços é considerável. Por exemplo, em Aosta (Itália) pude constatar a presença de prostituição

²⁰⁰ Mulher que corporiza cânones de beleza e sensualidade amplamente mediatizados. A génese do termo *velina* remonta ao período fascista. Nessa altura era utilizado no jornalismo para fazer referência a conteúdos noticiosos difundidos pelo regime, com o objectivo estratégico de produzir determinada versão dos factos. Mais tarde, já em finais da década de 1980, começa a ser usado no discurso comum para designar as *showgirls* do meio televisivo. Esta nova acepção surgiu com o famoso programa de sátira política e social *Striscia la Notizia*, que se mantém na televisão italiana (canal 5) desde 1988, sempre com grande popularidade. Além de dois apresentadores, nele participa uma bela dupla feminina, composta invariavelmente por uma jovem morena e uma loira. No formato inicial, estas duas mulheres eram as portadoras das notícias que iam sendo apresentadas; daí a designação *velina*. Mais tarde, a função delas passou a estar circunscrita a performances de dança a intercalar as notícias. Antes de cada nova temporada, durante o Verão, é escolhida nova dupla através de um concurso televisivo chamado *Veline*. Depois da passagem pelo programa, algumas das *showgirls* têm feito carreira na moda, na televisão, na publicidade e no cinema, como é o caso de Elisabetta Canalis.

²⁰¹ Estes serviços encontram-se amplamente disseminados na Europa e, na sua maioria, orientam-se para uma procura masculina. Reflectindo as intensas dinâmicas de globalização, a oferta é assegurada, sobretudo, por mulheres provenientes da América Latina, Europa de Leste, África sub-sahariana e Sudeste asiático. Sobre a indústria do sexo em diferentes contextos europeus vejam-se, entre outros, os trabalhos de Høigård e Finstad (1992), Scambler e Scambler (1997), Hart (1998), Ambrosini (2002), Oliveira (2003), Piscitelli (2007b), Agustin (2007), Ribeiro *et al.* (2007), Danna (2007), Solana e Acién (2008), Silva e Ribeiro (2010). No que concerne mais especificamente aos serviços das agências matrimoniais veja-se, por exemplo, Roca *et al.* (2008).

abrigada e de rua, bem como a existência de uma agência matrimonial que trabalha maioritariamente com mulheres estrangeiras. A escassos 50 km, em Ivrea, encontra-se outra delegação da mesma agência.

Incompatibilidades e desventuras

Não é só a negociação do acesso à intimidade feminina que decepciona a maioria dos meus informantes e os conduz a uma visão acentuadamente pessimista quanto às relações de género na Europa. Também a manutenção e consolidação dos relacionamentos amorosos que, entretanto, vão estabelecendo é vista com desapontamento, fruto de experiências pessoais negativas e manifestamente divergentes dos ideais de amor romântico, que, apesar de tudo, continuam a assumir grande preponderância na definição da vida sentimental contemporânea (Beck e Beck-Gernsheim 2004). Mais uma vez, a excessiva focalização feminina na carreira profissional é invocada, amiúde, como a principal causa de sucessivas incompatibilidades e cisões passionais: *As relações que tive no passado não foram nem muito longas, nem muito sérias. Não resultaram porque as minhas namoradas... muitos estudos, mudanças para novos empregos, novos projectos de carreira* (turista norueguês, 29 anos). Neste discurso torna-se patente a dificuldade masculina na adaptação a novas coordenadas de género, transparecendo, implicitamente, o desejo de uma mulher menos emancipada como condição fundamental para desenvolver uma relação mais estável. Com efeito, a suposta exigência feminina em relação à carreira e às condições de vida surge, recorrentemente, na argumentação masculina como o grande obstáculo à consolidação dos vínculos de intimidade e à sua institucionalização sob a forma de aliança matrimonial:

Há quase 2 anos acabei uma relação porque, eu queria casar, mas a minha ex-namorada era muito difícil... exigente! Ela queria mais e mais. Tu tinhas de ter um bom emprego, de ter a tua própria casa e eu não gostava disso [...]. Essa é a grande dificuldade na Holanda. As mulheres são muito exigentes. Aqui [Brasil] é diferente (turista holandês, 30 anos, funcionário de empresa de *catering*).

Perante as obrigações associadas à conjugalidade, por vezes percepcionadas de modo quase fantasmático, torna-se frequente a emergência de disposições subjectivas individualizadoras, que, na prática, se traduzem na firme autonomia da vida pessoal²⁰²

²⁰² Esta autonomia é percebida por muitos sujeitos como uma libertação face a deveres, encargos e amarras emocionais inerentes à união conjugal, que desafiam a expressão da identidade de género. Não podemos esquecer-nos de que existe em diversos contextos sociais uma estreita equivalência simbólica entre auto-suficiência e masculinidade (Seidler 1998).

através do celibato e na poupança de grandes investimentos sentimentais em relacionamentos cujos retornos românticos não se antevejam verdadeiramente compensadores: *Sou solteiro e não tenho um relacionamento sério há quatro anos. Não quero ter namorada. O namoro é uma obrigação... é um compromisso e eu não quero ter nenhum impedimento na minha vida. De nenhum tipo...* (turista italiano, 34 anos, comerciante). Este sinal de individualização não significa, de modo algum, a negação de futuras experiências conjugais e familiares. Como se pode depreender de mais algumas palavras do anterior interlocutor, essa mesma individualização coexiste, paradoxalmente, com ideais românticos de aliança que impulsionam uma exigente demanda da *carame-tade*, na esperança de encontrar a companheira mais adequada para um projecto de intimidade e família bem sucedido: *Se um dia encontrar a “mulher certa” quero ter família... mas se não for a “mulher certa”, porque devo ter uma relação mais séria com ela?* (*idem*).²⁰³ Enquanto tal não acontece, os *affairs* (Illouz 1999) e as “relações de bolso” (Bauman 2008) afiguram-se como os modelos relacionais que melhor permitem aceder a experiências afectivo-sexuais livres de grandes obrigações ou compromissos recíprocos. Daqui poderão resultar sequências mais ou menos extensas de relações tendencialmente contingenciais: *Até agora tive até bastantes relacionamentos, mas foram todos muito rápidos... pouco tempo!* (*idem*).

Ao contrário deste último caso, muitos dos europeus que contactei em Ponta Negra já encontraram ao longo dos respectivos trajectos passionais o que julgavam ser a *mulher certa* para a concretização das expectativas românticas que projectam para a sua vida conjugal e familiar. Alguns deles institucionalizaram a relação sob a forma de matrimónio, por vezes precedido de um período de vida conjunta. Outros estabeleceram um vínculo de convivência mais informal, fundado na coabitação. Na Europa e na generalidade dos países desenvolvidos o casamento tem vindo a perder, nitidamente, a sua hegemonia enquanto modelo de conjugalidade (Billari e Rosina 2007b), assistindo-se a uma progressiva desinstitucionalização e flexibilização das uniões sentimentais (Théry 2001, Torres 2002, Rossi 2003b, Aboim 2004, Cherlin 2004).

Segundo os dados proporcionados pelo inquérito, 31.2% dos inquiridos já construíram relações maritais (casamento ou união de facto) nos seus países de origem, sendo que 18% ainda as mantinham e 13.2%, entretanto, haviam-se separado ou

²⁰³ Embora variável, esta noção de *mulher certa* tende a estar associada a construções ideológicas que remetem para modelos tradicionais de feminilidade, subjugados a uma ordem de género informada pelos valores da “dominação masculina” (Bourdieu 1999).

divorciado²⁰⁴. No que diz respeito aos primeiros, pude constatar algumas tensões e conflitos decorrentes da convivência conjugal quotidiana²⁰⁵, que, certamente, contribuíram para uma viagem da qual foram excluídas as companheiras. Entre os segundos, a dissolução dos respectivos relacionamentos produziram circunstâncias e disposições subjectivas muito propícias à procura do Brasil como destino de lazer. Por vezes, estas rupturas ocorreram imediatamente antes da deslocação turística, que parece ter funcionado como escape, marco simbólico de mudanças na organização da intimidade, tributo à desventura amorosa ou, ainda, celebração da individualidade recuperada: *Vimos pela primeira vez o ano passado. Em Dezembro, os dois dissemos às nossas namoradas, às nossas companheiras, basta! E então viemos para o Brasil uma semana* (turista italiano, 35 anos, empregado de farmácia).

Em certos casos, a separação foi vivida com profunda mágoa e desilusão. Representou a falência do plano de vida desejado, pensado a partir da relação com a outra pessoa, sendo explicitamente identificada pelos próprios como a razão maior das suas mobilidades globais, do desapontamento face às relações de género nos seus países e da procura transnacional de projectos de intimidade. A narrativa do Gentile é manifestamente reveladora desta situação:

Em Itália morei junto com uma pessoa seis anos. Quando tinha 21 anos investi num negócio na Itália, no lugar onde eu moro. Trabalhei muito, pensando de economizar para comprar uma casa e arranjar uma família. Depois de seis anos, paguei ao banco o dinheiro que tinha pedido emprestado e a minha companheira ficou com outra pessoa. Eu fiquei muito mal... desiludido com as mulheres, com a ideia de família! Vendi tudo, tirei o passaporte e viajei pelo mundo. Até essa altura nunca tinha saído de Itália. [...] Sentia que tinha de fazer alguma coisa. Comecei com um safari em África durante um mês. Volto a casa e depois de duas semanas, volto a fazer as malas, pego no meu cão e no carro de dois lugares e vou por aí: Checoslováquia, Hungria, Roménia. Regresso um mês depois e arranjo trabalho na empresa de construção de um amigo. Depois começo a viajar todos os anos... As viagens tornaram-se um vício. Tenho que viajar todos os anos. Só me sinto bem... a minha vida só faz sentido se viajar. Eu só trabalho para poder viajar. [...] Tenho estado mais na América Latina. Já estive na Colômbia, Venezuela, México, Cuba, República Dominicana e Brasil.

Tendo também passado por uma situação de infidelidade conjugal, um outro turista (39 anos, desempregado), de nacionalidade francesa, expressou-me claramente o seu arrependimento pelo facto de ter casado e de ter abdicado da sua liberdade sexual em

²⁰⁴ Estes últimos são o reflexo da “sociedade de separação e divórcio” de que nos fala Giddens (2001) e na qual se enquadra a grande maioria dos países europeus.

²⁰⁵ Como já foi debatido no capítulo II, a reflexividade biográfica e as consequentes clivagens entre a autonomia pessoal e o compromisso com o outro (Giddens 2002, Bawin-Legros 2004, Roca 2008) constituem o principal foco destas tensões e conflitos.

prol da lealdade à companheira, de quem não obteve reciprocidade: *Arrependo-me de me ter casado e de ter sido fiel! Arrependo-me, arrependo-me de todas as ocasiões* [para se relacionar com outras mulheres] *que perdi entretanto!* Ao mesmo tempo, e com base na própria experiência, manifestou uma ideia do casamento como instituição na qual as relações se imobilizam, assegurando, desde logo, a sua renúncia a futuros projectos matrimoniais: *Quando se está casado, pensa-se que a relação está fechada, que as coisas estão em segurança, e que não é preciso mais esforço. [...] Não quero voltar a casar porque sei que o casamento causa muitos problemas* (*idem*).

A descrença face ao matrimónio, por vezes, ganhou forma e acentuou-se num trajecto de sucessivas tentativas fracassadas, à escala nacional e transnacional, como aconteceu com o Torben, dinamarquês de 52 anos, operário da construção civil. Depois de uma primeira esposa do seu país, mãe dos dois filhos, foi casado por mais duas vezes, em ambos os casos com mulheres quenianas. Conheceu-as no contexto da prostituição orientada para turistas durante as inúmeras viagens que realizou ao Quénia. Com um intervalo de cerca de meia dúzia de anos, o percurso que seguiu com cada uma destas mulheres é muito parecido: depois de uma primeira configuração passional circunscrita à comercialização da sexualidade, as relações ganharam maior amplitude e solidez, culminando em casamento e na mobilidade migratória das parceiras para a Dinamarca. Após os respectivos divórcios, permaneceram ambas no país de acolhimento, sendo que uma delas retomou o exercício do trabalho sexual, a sua anterior actividade no Quénia.

Vendo-as, inicialmente, como menos emancipadas e mais *tradicionais*, Torben julgava que, ao contrário da sua primeira experiência conjugal com uma concidadã, o casamento transnacional com *mulheres diferentes* poderia ser bem sucedido. Não o foi e ele próprio acabou por confidenciar-me que, enquanto homem e, por isso, alegadamente pressionado pela “natural” e “irreprimível” urgência sexual de outras mulheres além da esposa,²⁰⁶ teve também grande quota parte de responsabilidade no insucesso dos seus vínculos matrimoniais: *Já fui casado três vezes. Não quero mais casamentos!!! Eu sei que sou culpado. Às vezes, preciso de outras coisas... de outras mulheres. Isso é natural no homem.* Pouco optimista face ao casamento e a uniões estáveis, nos últimos anos as suas relações foram bastante esporádicas, não envolveram compromissos significativos e, em

²⁰⁶ A crença na expansividade e intemperança da sexualidade masculina faz parte de uma cultura sexual machista (Parker, Herdt e Carballo 1991, Parker 2000b) que, em muitos contextos, congrega alguns dos valores mais proeminentes do que é ser homem.

larga medida, circunscreveram-se ao âmbito da prostituição, quer na Dinamarca, quer nos inúmeros contextos de lazer internacionais que tem visitado.

Além das desventuras conjugais e das insatisfações com as relações de género na Europa, importa, ainda, destacar outra situação, embora menos frequente, em que a estadia em Ponta Negra é precedida e, de algum modo, indissociável do vazio de intimidade provocado pela morte da companheira. Testemunhei isto, sobretudo, entre os turistas mais idosos. Para eles, a viuvez e as circunstâncias a ela associadas, nomeadamente a possibilidade de alterar rotinas crónicas e, assim, (re)compensar trajectos de vida predominantemente dedicados à família e ao trabalho, contribuíram de modo relevante para a deslocação turística transatlântica: *Depois de ficar viúvo é que começaram estas aventuras. Quando estava casado era só para trabalhar e dormir, e mais nada. Era mais certinho... tinha mulher, filhos.... Depois é que saí fora da carroça. C'um carago, há que aproveitar!* (turista português, 71 anos, reformado). Neste e nos demais ditames hedonistas que ouvi no terreno, o Brasil emerge, implícita ou explicitamente, como a ecologia exemplar para *aproveitar* a vida, ou seja, o contexto que compensará quotidianos enredados em múltiplas obrigações profissionais e familiares, e poderá propiciar alternativas ao caos da intimidade e aos constrangimentos de género do Velho Continente.

3. Imagens, amigos e a construção do desejo turístico

Se as estruturas de género e os desassossegos amorosos na Europa constituem um importante substrato social da procura masculina de Ponta Negra, as representações da brasilidade e do lugar, em concreto, são a semente a partir da qual despontam as expectativas e o desejo turístico que impulsionam a mobilidade transatlântica. Essas representações têm por base imagens globalizadas de exotismo, sensualidade e mestiçagem, geralmente associadas ao feminino, que foram sendo esboçadas no quadro do imperialismo europeu ultramarino dos séculos XVIII e XIX (Stolke 2006) e, mais tarde, apropriadas pelo Brasil independente como referentes essenciais dos discursos (v.g. políticos, literários, científicos, turísticos) de produção cultural da nacionalidade (Parker 1991, Sommer 2004, Machado 2009, Filho 2011).²⁰⁷ Na actualidade são reproduzidas,

²⁰⁷ Para uma compreensão mais aprofundada dos processos de composição das imagens estruturantes da identidade brasileira, veja-se a secção três do capítulo II.

massivamente, através de um vasto complexo articulado de indústrias culturais e de sistemas de informação e comunicação de alcance global.

Expostos aos fluxos deste complexo, quase todos os turistas que conheci, mesmo antes de alguém lhes falar do Brasil por experiência própria e de ponderarem sequer escolhê-lo como destino de lazer, já tinham incorporado alguns dos denominadores simbólicos da identidade do país, muito em particular os que estão mais associados à sua representação turística sexualizada: *Antes de vir, para mim o Brasil era... praias, sol, mulheres* (turista italiano, 34 anos, comerciante). A imaginação da brasilidade é, em regra, apresentada como resultado de uma assimilação difusa e cumulativa de vários conteúdos representacionais: *Ainda muito antes de viajar, na escola, pela televisão... os documentários sobre o Brasil, o Carnaval, eu sabia que o Brasil é um lugar muito exótico, com muitas mulheres em mini-biquínis! Isso aprende-se muito jovem e tu tens logo uma ideia do Brasil* (turista holandês, 30 anos, funcionário de empresa de *catering*). Esta aprendizagem faz-se através do contacto com múltiplas marcas e expressões identitárias de nacionalidade envoltas num regime sensorial que suscita fascínio, empatia e desejo. O testemunho que se segue é elucidativo:

A minha imagem do Brasil começou na cor. A bandeira com o verde e o amarelo... são cores muito expressivas. E a localização, perto do equador... tens já a ideia de um país exótico. [...] Depois, o mito de 1982 do *time* [selecção] do Brasil, aquele do Telê Santana. Era um *time* de fantasia, muito diferente do futebol italiano, muito duro! Tinha todas as fantasias. Era tudo *show de bola*! Tudo fazia imaginar coisas fantásticas. Eu ainda era pequeno, mas comecei logo a ver o Brasil como fantasia e criatividade. [...] Depois, quando tinha 15 ou 16 anos, nas festas (quando a festa “explodia”) o clássico era a música do Jorge Ben Jor, *Fio maravilha* [trauteia a canção]... e tudo ia fazer a festa!!! E o Benito di Paula, com *Charlie Brown* [trauteia a canção]... Nas festas, em Itália, não podia faltar este tipo de músicas. [...] Música, futebol, depois capoeira. Tinha curiosidade pela dança, pelo movimento do corpo. Mas antes... Na Itália, quando eu era mais pequeno tinha um programa que se chamava *Te lo do io il Brasile* [Vou dar-te o Brasil]. Era um programa de um cómico italiano, Beppe Grillo. A televisão italiana deu dinheiro a ele para viajar por todo o Brasil. Eu tinha 12 ou 13 anos. Eu gostava muito deste cómico e foi ele que me fez conhecer todo o Brasil, de ponta a ponta. Ele ia no Carnaval, na escola de samba... falava nas mulheres brasileiras... *bunda*, mulheres bonitas e também travestis. [...] Vi também muitos filmes sobre o Brasil (turista italiano, 35 anos, psicólogo desempregado).

Além dos elementos mediatizados e dos produtos das indústrias da cultura, a construção individual de noções sobre o Brasil processa-se também a partir dos relatos em primeira mão de quem já lá esteve. A transmissão interpessoal de ideias e vivências representa, como tive oportunidade de constatar, um importante meio informal de divulgação internacional do país. Aliás, no que respeita a Natal/Ponta Negra, poder-se-á dizer que os principais divulgadores transnacionais são os próprios turistas, que, depois de

regressados à Europa, partilham informalmente as suas experiências nas respectivas redes de relações (homo)sociais. Com efeito, são eles que, amiúde, dão a conhecer e potenciam a chegada de novos visitantes a um contexto específico cuja notoriedade na “imaginação global” (Appadurai 1996) do Brasil turístico não se compara, por exemplo, à do Rio de Janeiro. A seguinte descrição comprova-o exemplarmente: *Nenhum de nós [ele e o amigo] pensou vir para Natal. É claro que um, quando pensa no Brasil, pensa Rio, Bahia, e não pensa em Natal. Da primeira vez que me falaram em Natal, foram amigos que passam aqui as suas férias* (turista italiano, 40 anos, gerente de pequena empresa).

Através do *giro de parole* (*passa a palavra*) – como me diziam os italianos – que percorre os vínculos masculinos de amizade, produz-se um efeito dominó de disseminação do desejo turístico e formam-se cadeias de mobilidades, nas quais turismo e migrações podem, mais uma vez, entrecruzar-se: *Aqui [Natal] estão pessoas de Ivrea [Piemonte, Itália] que têm uma pousada e alugam carros e, então, através de amigos de amigos deles eu vim para cá duas semanas. Todos aqueles da minha terra que vieram ao Brasil, vieram a Natal* (turista italiano, 34 anos, comerciante). São, justamente, estas situações que nos ajudam a perceber o significativo volume de determinados fluxos com a mesma origem, por vezes em pequenas cidades como Ivrea, Aosta (Valle d’Aosta, Itália), Forlì (Emilia Romagna, Itália) ou Stavanger (Rogaland, Noruega).

Os períodos de trabalho de campo na Europa permitiram-me participar nos espaços de homosociabilidade em que se *passa a palavra* sobre o Brasil. Aí, aqueles que já estiveram na outra margem atlântica reeditam em narrativa as suas experiências²⁰⁸, em particular as experiências de intimidade. Simultaneamente, reproduzem as principais noções que compõem a exotização sexualizada da identidade brasileira, articulando-as com uma ideia de mulher simples, *aberta e quente*, por oposição à mulher emancipada, exigente e *fechada e fria* da Europa. Neste processo difundem, ainda, uma ideia exagerada sobre a alegada facilidade com que se processam as conquistas amorosas nos trópicos, negligenciando situações que implicam pagamento: *A fábula, a ilusão da facilidade... toda a gente fala disso em Itália. Falam das mulheres a atirarem-se a ti e como são sem complexos e quentes na cama. Mas contam apenas metade da história. Não contam que*

²⁰⁸ Quase sempre de forma envolvente, ora num registo mais entusiástico, ora num registo mais nostálgico. A narrativa é, nalguns casos, estimulada pela exibição de fotografias e de pequenas filmagens, amiúde disponibilizadas, publicamente, através do *YouTube* e/ou das redes sociais da internet. Os *souvenirs* podem constituir, também, um poderoso instrumento indutor da narrativa da experiência turística, tal como é salientado por Stewart (*in* Löfgren 2004: 100). Presenciei algumas conversas que tiveram como rastilhos impulsionadores o CD de *forró* a tocar, o indiscreto porta-chaves ou os lenços verde-amarelos a cobrir os bancos dianteiros do carro, expondo alguns dos elementos-tipo da brasilidade.

não são todas assim e que a algumas tem de se pagar (turista italiano, 34 anos, electricista). Vão despertando, assim, junto dos seus pares e amigos expectativas encantadas, que suscitam deslumbramento, curiosidade e um forte desejo de contactar com a sedutora alteridade que lhes é apresentada.

Testemunhei uma situação perfeitamente ilustrativa do que acabou de ser descrito em plenas montanhas da região de Aosta, a cerca de 2.000 metros de altitude, numa tarde de camaradagem masculina à volta de uma mesa com várias garrafas de vinho e *genepi* (licor de ervas), na casa de um companheiro de trabalho do Gentile (48 anos, pedreiro). Na ocasião, este último partilhou vivências e saberes que tem acumulado ao longo das inúmeras estadias sazonais de dois ou três meses em Natal. Bastante emocionado, retratou o Brasil como uma espécie de “jardim das delícias” terreno e falou das suas próprias paixões transatlânticas. A vida em Itália – o trabalho, o lazer, a intimidade – foi constantemente referenciada enquanto pólo comparativo negativo da sua argumentação. Ao mesmo tempo ia dirigindo pequenas enunciações imperativas (v.g. *Tendes de ir lá comigo, aquilo é outro mundo!*) ao colega e a um outro amigo, na tentativa declarada de persuadi-los a acompanharem-no numa próxima deslocação. Já ao final da tarde, descendo a sinuosa estrada de montanha rumo a Aosta na companhia daquele último, o Gentile continuou o seu discurso sobre o Brasil.

Durante a viagem falou das mulheres brasileiras e da sua alegada predisposição natural para a sedução e a sexualidade. Para ilustrar o argumento deu o exemplo do Carnatal e de como nesse evento festivo as mulheres, espontaneamente, beijam os homens na boca. O seu amigo ficou deveras impressionado, atribuindo a esse comportamento uma conotação erótica que não corresponde, estrita e necessariamente, ao significado que ele comporta no contexto em causa. De seguida identificou o Brasil, mais em concreto Ponta Negra, como uma alternativa deveras aprazível à vida em Aosta, sobretudo durante o período de rigor invernal: *O que é que tu fazes aqui em Janeiro e Fevereiro?! Com o frio que está, nem podes sair de casa! Não podes conviver com as pessoas. Não há como ocupar o tempo. Está tudo fechado em casa. É duro! É muito melhor estar na praia de Ponta Negra!* (notas de campo, Aosta, 10/10/2010).

As conversas evocativas das temporadas passadas nos trópicos são bastante comuns e parecem configurar uma forma de evasão das rotinas e tensões quotidianas. Na vida profissional do Gentile estas conversas são ainda mais frequentes, pois do grupo de trabalho a que ele e o colega pertencem também faz parte o Ambrosini (43 anos, pedreiro), precisamente a pessoa que, há mais de uma década, o iniciou nos trânsitos para o Nordeste brasileiro. Ele é um dos 70.8% de turistas que inquiri em que a influência da rede de relações sociais próximas – a publicidade *boca a boca* (Piscitelli 2004b, Gomes *et al.* 2010) – constituiu a primeira grande fonte de conhecimento de Ponta Negra e a que mais

pesou na concretização da mobilidade turística. Segue-se a internet (13.6%), a agência de viagens (8.4%) e vários outros processos e/ou circunstâncias (7.2%).

Ainda que não seja o principal meio a proporcionar as primeiras referências e a despertar a atenção sobre o lugar, a internet é quase sempre utilizada na recolha de mais informações que, geralmente, acabam por se revelar também deveras importantes na tomada de decisão quanto à viagem e na posterior organização da estadia: *Ouvi falar as outras pessoas e depois, através da internet, estive a olhar e gostei. Falei com amigos que já tinham estado aqui [Ponta Negra] e disseram-me que era um “bello posto”, muito diferente de Itália, das coisas em Itália* (turista italiano, 25 anos, operário). Os recursos do espaço digital asseguram, hoje em dia, muitas das coordenadas simbólicas que estruturam o olhar do turista e proporcionam uma antevisão daquilo que vai experienciar (Ribeiro e Sacramento 2009), influenciando a escolha do destino a visitar. Não podemos esquecer-nos que “os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos” (Urry 1996: 18).

Na antecipação da experiência turística, as práticas de consumo massificado de conteúdos na internet, como também na televisão e em muitos outros meios informativos e artísticos, permitem conceber imagetivamente o mundo sem sair de casa²⁰⁹ e aceder a estados sensoriais que se enquadram naquilo que Campbell (2005: 77-95) identifica como “imaginative hedonism”. A apresentação de Ponta Negra nos “mediascapes” globais (Appadurai 1996) – por exemplo, nos materiais audiovisuais que circulam no *YouTube*²¹⁰ – funciona, certamente, como importante referência nos exercícios de imaginação dos potenciais turistas sobre as vivências e emoções que o contexto em causa lhes poderá proporcionar.

Embora alguns dos conteúdos que fluem no espaço digital sejam produzidos pelo *trade* turístico, o papel deste último na transmissão de informação e na captação de visitantes externos é, ainda assim, menos preponderante que o dos circuitos sociais informais e o da internet. A maior parte dos europeus não conheceu Ponta Negra através do contacto directo com entidades oficiais de turismo ou com agências de viagens, nem sequer

²⁰⁹ “Armchair tourism” (Baxter e Pieszek 2011) é uma denominação usual para estas práticas.

²¹⁰ Acessíveis à escala internacional e visionados por dezenas de milhares de pessoas, muito em particular nos países europeus de onde saem os maiores fluxos turísticos para a região natalense, como se pode constatar na análise desenvolvida na secção quatro do capítulo III.

recorreu a estas últimas para organizar a sua estadia²¹¹; ainda que umas e outras, como é óbvio, desempenhem, entre outros, um papel importante na disseminação de informação e na construção discursiva do lugar turístico. Como já foi dito, o conhecimento do destino deu-se, principalmente, nos respectivos círculos mais próximos de sociabilidade masculina, seguindo-se a internet, sobretudo como meio de informação complementar. As imagens incorporadas nestes dois espaços, juntamente com as concepções mais comuns da brasilidade – em concreto, os discursos que privilegiam o olhar masculino e produzem o Brasil como “male tourism landscape” (Pritchard e Morgan 2000a, 2000b) –, proporcionaram os recursos simbólicos essenciais às práticas prospectivas de imaginação e às expectativas individuais que estiveram na base da concretização da experiência turística.

4. Abaixo do equador, alargando horizontes

As representações turísticas do Brasil e, em geral, do hemisfério sul ex-colonial são um espelho de fantasias do imaginário ocidental, reflectindo muito daquilo que os eventuais visitantes desejam e anunciando-lhes, de forma exagerada, a possibilidade de transformação do seu próprio *self* (Bruner 1991, 2004). O propósito de mudança, ainda que efémera e menos profunda que o desejado, é, justamente, o grande *leitmotiv* das práticas de turismo (Smith 1989b). Como nota Graburn (2004: 32), “[...] tourists on holiday are seeking specific reversals of a few specific features of their workaday home life, things that they lack or that advertising has pointed out they could better find elsewhere”. Enfatizando esta procura de contrastes face à vida de todos os dias, as perspectivas turnerianas referem-se ao turismo como um evento liminóide²¹² (Turner 1982, Lett 1983, Cohen 1985, Ryan e Hall 2001, Selänniemi 2003, Graburn 2004), ou seja, um espaço social extra-ordinário que fomenta transgressões mais ou menos ritualizadas de normas e rotinas, atenua constrangimentos e, à semelhança das situações de “communitas” (Turner 1974), estimula as capacidades humanas de cognição, afecto, erotismo, volição e

²¹¹ Em 2010, 65.4% dos turistas internacionais que entraram no Brasil e 51.5% dos que elegerem Natal como destino não recorreram aos serviços de agências de viagens (MTB 2011b: 4, 35).

²¹² Na formulação conceptual de Turner (1982), os eventos liminóides traduzem o individualismo das sociedades industriais e correspondem às actividades de lazer em que, deliberadamente, os sujeitos participam e através das quais melhor experienciam o fluir do tempo. Quando considera as comunidades pré-industriais e os seus inúmeros ritos de passagem refere-se a estádios liminares: contextos intersticiais marcados pela imposição de obrigações rituais a todos aqueles que estão “betwixt and between” (Turner 1987), em vias de transitar de estatuto social.

criatividade. Todavia, adverte Franklin (2003b), ele não é um contexto em completa dissonância com o quotidiano, pois, com o adensamento da conectividade global, este último também nos confronta, amiúde, com o exótico, propiciando algumas formas de escape das rotinas. Além do mais, como ressalva Graburn (2004) – apesar de adepto inquestionável de uma concepção do turismo inspirada nas ideias de Turner – a mudança desejada pelo turista poucas vezes constitui uma verdadeira antítese (anti-estrutura) das referências culturais a que está vinculado. Ela não deixa de ser, em certa medida, um produto dos próprios valores de quem a ambiciona. Por outro lado, a jusante, o processo que, supostamente, conduz à sua concretização “[...] is supposed to satisfy the need in a direction of further enhancement of these values, not to turn the tourist into an entirely different kind of person” (*idem*: 24).

A tensão dialéctica entre mudança e continuidade que o turismo encerra é bastante notória nas expectativas subjacentes às práticas de género e intimidade dos europeus em Ponta Negra. Nelas estão patentes os seus desejos de construir alternativas às experiências de convivência heterossexual na Europa, que consideram pouco satisfatórias, e de encontrar circunstâncias favoráveis à (re)afirmação de identidades masculinas que a emancipação feminina ocidental e o peso das obrigações quotidianas parecem ter entorpecido. Porém, na maioria dos casos, esta demanda de mudanças não pressupõe, à partida, rupturas muito profundas.²¹³ Ela tende mesmo a ser impulsionada pelas noções de intimidade e de masculinidade dos próprios turistas, pelo que será mais adequado associá-la à tentativa de alargamento, à escala transnacional, dos horizontes que balizam a procura de concretização dessas mesmas noções e não tanto à sua negação. Por outro lado, não podemos esquecer-nos que estamos em presença de um turismo de cariz “recreacional” (Smith 1989b) e, de um modo geral, de turistas de perfil “hedonista” (Cohen 1979), cujos principais anseios não passam por uma efectiva transformação identitária.

Demanda de mais possibilidades de intimidade

A mobilidade turística masculina da Europa para Ponta Negra é, em larga medida, indissociável das transformações estruturais na organização da vida íntima e da sua emergência como espaço de reflexividade e individualização,²¹⁴ delineado em progresso a

²¹³ Embora represente, por vezes, o primeiro passo de um processo de ampla reformulação dos projectos de vida. Tal acontece, sobretudo, quando as experiências turísticas conduzem a deslocações migratórias para Ponta Negra.

²¹⁴ A este propósito, ver a secção quatro do capítulo II.

partir de referenciais internos (Giddens 2001) nos quais convergem elementos de diversos sistemas de significação. Num tempo marcado pela considerável capacidade electiva individual (Roca 2007a, Roca *et al.* 2008), são muitos os europeus que, insatisfeitos face às identidades e aos relacionamentos de género nos seus países, cruzam o Atlântico movidos por representações do Brasil como destino que, entre outras coisas, lhes proporcionará novas e melhores experiências de intimidade. Através da mobilidade tentam encontrar na alteridade aquilo que alegam não encontrar numa escala de proximidade e, desse modo, concretizar no plano transnacional as elevadas expectativas que, actualmente, acompanham as concepções mais comuns sobre o sexo, o romance e a conjugalidade (Beck e Beck-Gernsheim 2004). Transpondo “fronteiras etno-sexuais” (Nagel 2003), esperam descobrir abaixo do equador outras formas de feminilidade e aceder a cenários de convivência heterossexual mais condizentes com as suas subjectividades que os dos seus respectivos quotidianos.

As interacções de ocidentais com mulheres locais em contextos turísticos de países do Sul é, quase sempre, rotulada de turismo sexual pelos discursos dominantes do senso comum, das instituições e agentes políticos, dos *media* e do campo das ciências sociais. Entre muitos outros enviesamentos analíticos que o conceito pressupõe²¹⁵, ele tende a uniformizar manifestações empíricas bastante heterogéneas e a sobrevalorizar os seus elementos mais estritamente sexuais, como se eles fossem uma marca distintiva da sua singularidade e estivessem, de todo, ausentes de outras modalidades turísticas. Com isto não quero dizer que o sexo é secundário nestas manifestações. Somente procuro ressaltar que se trata de uma dimensão também incontornável noutros “tipos” de turismo – mesmo no turismo cultural que remonta ao *grand tour* (Littlewood 2001)²¹⁶ – e que coexiste de modo variável e ambíguo com outros “idiomas relacionais” (Simoni 2009), como é o caso flagrante do amor romântico (Cohen 1982, Kummels 2005). Esta coexistência pode, inclusivamente, verificar-se no âmbito específico da mercantilização da sexualidade, originando o esbatimento das demarcações entre o *programa*, o *ficar* ou o namoro. Mesmo aqui, sexo e emoção não são, necessariamente, pólos antinómicos. Tal como não o são em meios prostitucionais organizados segundo uma racionalidade económica ainda maior, de que os clubes da fronteira luso-espanhola são um bom exemplo (Ribeiro *et al.* 2007).

²¹⁵ Evidenciados na crítica epistemológica que consta da secção cinco do capítulo II. Cabe lembrar que, no seguimento desta crítica, apresentei propostas conceptuais alternativas.

²¹⁶ Depois de analisar documentos relativos aos aspectos mais íntimos das viagens culturais de Lord Byron, de Oscar Wilde e de vários outros escritores de renome, Littlewood (2001) mostra-nos que as suas digressões turísticas, a par da erudição, tinham subjacente uma forte componente sexual.

Segundo Sanders (2008: 400), “[...] commercial sexual relationships can mirror the traditional romance, courtship rituals, modes and meanings of communication, sexual familiarity, mutual satisfaction and emotional intimacies found in ‘ordinary’ relationships”.

Embora o sexo constitua um aspecto de grande relevância nas expectativas da generalidade dos europeus que afluem a Ponta Negra, parece-me manifestamente simplista dizer-se que eles vão ao Brasil tendo em vista apenas a recreação erótica e a afirmação do seu poder sexual. Ainda mais simplista e redutora se me afigura a ideia de Brennan (2004b: 314) para o contexto dominicano, segundo a qual uma das principais demandas destes homens seria “[...] buy sex for cheaper prices than in their home countries”. Se assim fosse, porquê atravessar o Atlântico quando nos seus países o mercado do sexo acolhe grandes fluxos migratórios femininos provenientes da América do Sul, nomeadamente do Brasil (Monzini 2002, Ribeiro *et al.* 2007, Piscitelli 2009, 2011b), e disponibiliza-lhes experiências de sexualidade diversificadas e a preços que não são tão elevados como Brennan (2004b) dá a entender. Aliás, uma parte considerável dos turistas que conheci teve os primeiros relacionamentos com mulheres brasileiras no âmbito da prostituição (na Europa) e o principal foco de descontentamento face a elas – e mais ainda face a mulheres de outras nacionalidades – não estava relacionado com preços, mas sim com o alegado carácter impessoal e *profissional* da relação: *Aqui [Brasil], elas beijam na boca, envolvem-se e tiram prazer. Na Europa... e eu sei, porque já tive relações com muitas prostitutas, é muito diferente. Elas abrem as pernas e só estão a olhar para o relógio. Aqui, não... aqui gostam de estar com um homem!* (turista italiano, 30 anos, canalizador).

Mesmo com uma considerável oferta doméstica de serviços sexuais mercantis e, nalguns casos, tendo já recorrido a esses mesmos serviços, há qualquer coisa mais, para lá da esfera específica da sexualidade, a que anseiam aceder durante a estadia turística. O que a etnografia em Ponta Negra mostra é que, de um modo geral, os turistas europeus procuram configurações de intimidade relativamente abrangentes, combinando numa geometria variável sexo, romance e a possibilidade de delinear projectos conjugais. Mais restringida ou menos restringida aos circuitos sociais dos *programas*, conforme o conhecimento do contexto e a rede de contactos locais, esta procura é impulsionada pela expectativa, muitas vezes gorada, de aceder a interações passionais o mais próximas possível daquilo que consideram ser a normalidade; onde não esteja presente o acto explícito do pagamento monetário imediato que tende a caracterizar a prostituição, tal como a conhecem na Europa. A intimidade estritamente a troco de dinheiro apresenta-se-lhes como um cenário indesejado, não tanto pelo dispêndio económico em si, mas pelo

facto de subverter a tal normalidade que almejam garantir, podendo mesmo constituir-se como sinal de incapacidade de sedução das mulheres ditas normais e, nessa medida, representar um passivo de masculinidade.

Nos relacionamentos com as mulheres que fazem dos *programas* a sua principal (e, por vezes, única) fonte de rendimento a evacuação da componente monetária torna-se difícil de conseguir, mormente para os turistas mais idosos, com menos condições que os jovens para fazer valer o seu capital estético. Contudo, na tentativa de preservar a honra viril, não são muitos os que, abertamente, admitem pagar para usufruir de companhias femininas, pois, à luz dos seus ideais de masculinidade, o acto de pagamento desvaloriza a conquista sexual (Boumama 2004, Sacramento 2005). O que admitem, sem qualquer tipo de complexo, são gastos com as parceiras que se enquadram no que é mais comum acontecer nas relações de género e claramente em linha com valores masculinos hegemónicos do homem-provedor. De modo a reforçar a normatividade do seu comportamento, por vezes fazem questão de destacar que esses gastos resultariam maiores com as mulheres dos seus países.

E2-Se uma rapariga me diz que é a pagar, já não vou com ela. Mas nem um cêntimo, porque não me agrada pagar a uma mulher! Se está comigo, posso levá-la a comer, a dançar, podemos divertir-nos e posso pagar tudo. Mas o gesto de dar-lhe dinheiro para a levar para a cama, eu não o faço! É contra... eu não o faço. Não me agrada. E, se calhar, durante um dia que ande comigo, gasto mais dinheiro que o que gastaria para pagar o *programa*. Mas o gesto de dar o dinheiro, não...

E1-A mulher não é um objecto! Em Itália também existe a prostituição e uma pessoa não tem de vir aqui para fazer isso!

E2-Exacto!!!

E1-Se um tem de vir ao Brasil para ir com prostitutas, é desnecessário... porque tem o mesmo em Itália! [...]

E1-Em Itália são mais prostitutas que aqui, porque, antes de levares uma mulher para a cama, já a levaste para o restaurante, para aqui e para ali. Custa-te mais de €2.000 em Itália! Apesar de ser uma mulher normal, é uma prostituta. Este é um quadro da realidade.

E2-O cortejamento italiano é caro. É caro! Tens de a levar aqui, tens de a levar ali... (entrevista em grupo com dois turistas italianos: E1-28 anos, pequeno comerciante; E2-30 anos, administrativo).

Atendendo ao antagonismo que manifestam face à monetarização da intimidade, facilmente se compreende o porquê de não serem grandes frequentadores dos *night clubs* da cidade – cujo funcionamento é semelhante ao dos estabelecimentos europeus de prostituição – e de preferirem espaços como a *praça*, onde a mercantilização da sexualidade é mais difusa e está mais esbatida, envolta num ambiente idêntico, à primeira vista, ao dos comuns espaços de diversão nocturna. Aqueles que, fruto de repetidas

estadias, vão ampliando e aprofundando a sua perspectiva da ecologia local, deixam de frequentar tão amiúde os espaços mais turistificados; até porque eles, como já foi dito, não se vêem simplesmente como turistas (e muito menos como “turistas sexuais”) e querem um certo distanciamento face a circunstâncias que os sujeitam, de modo inequívoco, a esse rótulo. Ao mesmo tempo, por iniciativa própria ou recorrendo a terceiras pessoas que vão conhecendo, muitas vezes conterrâneos radicados em Natal, começam a participar em circuitos sociais mais amplos. Aqui têm oportunidades para aceder a mulheres que melhor se enquadram nas suas concepções da normalidade feminina e, supostamente, construir relações baseadas numa maior proximidade afectiva.

Os trajectos do Gentile e do Ambrosini, ambos com mais de uma dezena de prolongadas visitas à região natalense, são excelentes exemplos desta progressiva ampliação e diversificação das ocasiões de transnacionalização de desejos e afectos. Ao início, os seus relacionamentos circunscreviam-se, quase que em exclusivo, ao espaço social dos *programas*. Progressivamente, começaram a redireccionar-se para fora deste contexto, deixando, por isso, de comportar perfil comercial, ou, pelo menos, um tão explícito. Da última vez que estiveram no Brasil, tanto quanto pude apurar durante os três meses que com eles convivi, a maioria dos seus relacionamentos²¹⁷ foram construídos, tal como os de outros turistas europeus, através das respectivas redes sociais; que a internet, como vimos atrás, tem ajudado a expandir. Para ambos, a grande vantagem das relações íntimas não mercantilizadas está relacionada com o facto de lhes proporcionarem experiências de intimidade mais abrangentes e *naturais*, no âmbito das quais poderão construir relações de namoro. A este propósito, dizia-me o Gentile:

Uma coisa é amor, outra coisa é sexo. Estas mulheres que fazem *programas* são para dar umas voltas no Brasil e não para casar com elas e trazê-las para Itália. Eu até posso sair com mulheres da *praça* (eu gosto de *carne crua*), mas é mesmo uma coisa só para sexo e nada mais! Não é para namorar. Para isso encontro mulheres fora de Ponta Negra. E com estas o sexo até costuma ser bem melhor, porque elas não estão ali por obrigação.

A intimidade baseada na “relação pura” (Giddens 2002) – isenta de interesses económicos significativos ou de outros interesses externos à própria relação, e dependente, no essencial, das retribuições que, intrinsecamente, comporta – representa a situação ideal-típica a que aspiram quase todos os europeus que acompanhei. Mesmo muitos daqueles

²¹⁷ À semelhança do que constatei junto de mais informantes, cada qual tem um relacionamento mais estável e duradouro e, em simultâneo, alguns *affairs* pontuais. Como é comum suceder, algumas das relações transitam de estadias anteriores, sendo que uma delas havia sido, dupla e directamente, proporcionada pelo turismo, pois a parceira brasileira em causa, oriunda de São Paulo, também estava em lazer em Ponta Negra quando ambos se conheceram.

que estabelecem vínculos com mulheres que fazem *programas* não deixam de acreditar na possibilidade de construção de relações puras. Ainda que não seja de todo irreal(izável), esta crença tende a alimentar-se da “ilusão de ‘normalidade’” (Piscitelli 2004a) proporcionada pelas parceiras como estratégia da sua própria actividade. Relativamente cientes de que a maioria dos homens com quem se relacionam procura uma experiência romântica que integre sexo e afectos, elas tentam agir em conformidade com a narrativa da história de amor e infundir a ideia de que foram, de facto, seduzidas e conquistadas. Este simulacro de rendição emocional, como notam Ribeiro e Sacramento (2006: 168), “[...] deve ser entendido no contexto de uma representação do relacionamento como estando dentro da norma e do socialmente reconhecido como o namoro e o sexo monetariamente desinteressados, partilhada por ambos, *gringos e garotas*”. Da “ilusão de ‘normalidade’” (Piscitelli 2004a) resulta, assim, uma ilusão masculina de conquista, para a qual muito contribui a ausência de marcadores nítidos a diferenciar a relação íntima (a esfera pessoal) e a relação comercial (a esfera profissional) (Cantalice 2009a).²¹⁸ O enraizamento destas ilusões é notório sobretudo entre os visitantes menos familiarizados com Ponta Negra e com os seus códigos relacionais. Os mais experientes conseguem vislumbrar um pouco melhor as fronteiras que separam diferentes configurações de intimidade e, por isso, não se deixam iludir tão facilmente.

Mais ou menos ilusória, mais ou menos permeada por interesses materiais, a normalidade passional que os turistas buscam em Ponta Negra está articulada a ideias da feminilidade brasileira como exótica, *aberta, quente* e genuína, ainda não adulterada pela emancipação que, alegadamente, tem estado na origem do fechamento da mulher europeia, da sua frieza e escassa disponibilidade para investir nas relações íntimas. O Brasil é por eles associado a uma suposta genuinidade feminina que sentem estar a desaparecer na Europa e a assumir traços identitários usualmente associados ao masculino. O que ouvi de um português (70 anos) turista-residente em Ponta Negra é elucidativo: *Óh pá, eu acho que a mulher aqui é mais feminina... mais do que a portuguesa. A mulher portuguesa, para mim, tornou-se “machona”, é mais possessiva. Eu noto isso! Gosta de controlar, gosta de mandar. Mas acho que aqui são mais meigas, são mais meigas.* A noção de autenticidade remete, deste modo, para a ideologia patriarcal de mulher dócil, como se pode, constar,

²¹⁸ Nos contextos mais mercantilizados de prostituição, as trabalhadoras sexuais, por norma, usam o preservativo com os seus clientes, recusam o beijo na boca (Manita e Oliveira 2002, Ribeiro *et al.*, 2007) e, invariavelmente, estipulam uma quantia monetária pelos serviços que prestam. De forma distinta, no âmbito dos *programas* a utilização do preservativo não se assume como um imperativo tão categórico, o beijo na boca é uma prática comum e o pagamento nem sempre ocorre segundo um padrão rígido e monetarizado.

aliás, num outro testemunho: *Aqui [Brasil], as raparigas são belíssimas, porque são pessoas humildes. Como carácter, aqui agradam-me muito mais. As mulheres da América do Sul são mais humildes. Aqui, uma bela rapariga, afectuosa, verdadeiramente...* (turista italiano, 28 anos, pequeno comerciante).

A concepção da brasileira como mulher autêntica, verdadeiramente feminina, incorpora ainda atributos etno-sexuais que destacam a sua *natural* carga erótica e disponibilidade para o sexo, associando-as à própria corporeidade. São bastante frequentes, por exemplo, comentários do género: *para elas, o sexo é natural* ou *todo o corpo delas é sexo*. A categoria térmica *quente* é usada recorrentemente para qualificar a sua sexualidade, constituindo, ao mesmo tempo, o pólo comparativo com base no qual as mulheres europeias são consideradas mais *frias*, mais conservadoras, menos *naturais*, incapazes de criar um ambiente erótico tão intenso e de corresponder ao (secreto?) desejo masculino de expansão de horizontes sexuais.²¹⁹

Eu acho que em Portugal – ou eu estou desactualizado – mas que não havia esta abertura que há aqui. A mulher lá, quando um *gajo* começa a forçar, é mais retraída: *Eu não sou dessas!* Mas é... mas às vezes também é falso, porque que elas são como as outras. Agora as brasileiras dão mais abertura... a mulher portuguesa não. E depois a mulher... sexualmente, enquanto que na Europa, ainda há aquele conceito pudico e religioso *papai e mamãe* – só que *papai e mamãe* é um por cima e outro por baixo – a mulher aqui não. A mulher aqui gosta de fantasias, tem... sexualmente tem uma cultura indígena que os jesuítas não lhe conseguiram tirar. O sexo faz parte da cultura dela (turista-residente português, 70 anos, reformado).

O papel activo e descomplexado da mulher brasileira na gestão das questões do corpo (aqui incluindo o do parceiro) e da sexualidade é identificado como um factor decisivo para a construção de cenários íntimos espontâneos e envolventes, isentos de muitos dos fantasmas morais que ainda estarão presentes na vida privada ocidental. Nestes cenários, os europeus admitem sentir-se particularmente soltos – isto é, não submetidos aos preceitos culturais da vergonha com o corpo e o sexo – para experimentar o prazer em função dos seus “guiões sexuais” (Simon e Gagnon 1986) mais subjectivos. A própria viagem, sobretudo quando implica uma deslocação transnacional, cria, por si só, condições favoráveis a transformações identitárias²²⁰, suscitando no turista a sensação de que “[...] he is freed from standards of behavior imposed by respectable women back home” (Enloe,

²¹⁹ Na literatura, a trama narrativa do romance *Plateforme*, de Michel Houellebecq (2001), deixa antever uma polarização similar entre a mulher europeia, alegadamente corrompida pelo feminismo e sem verdadeiro interesse em obter e proporcionar prazer sexual, e a mulher tailandesa, apresentada como natural e autenticamente feminina (Piscitelli 2004d, Sweeney 2012).

²²⁰ Cabe aqui lembrar as palavras de A. Cohen (2003: 85): “Tendo atravessado uma fronteira, devemos pensar-nos como uma identidade transformada que é bem mais subtil e individualizada do que está afirmado nos estatutos”.

in Chow-White 2006: 895). No longo relato que segue, o Gentile descreve de forma expressiva como aquilo que considera ser a *naturalidade* e a participação empenhada da mulher brasileira na relação com o parceiro são fundamentais para vivências amplas de intimidade, sem grandes reservas e inibições, onde é possível construir-se uma maior harmonia na difícil equação masculina “sexo *versus* emoção”.

A italiana abre as pernas e pouco mais. A brasileira participa, é muita mais activa. Antes eu até achava normal que uma mulher estivesse parada. Eu continuava e pronto. Agora não. Agora se uma mulher não participar, eu não continuo. Já me habituei com a mulher brasileira! E ela não tem tabus. Pouco tempo depois de conhecer a Cleuza [namorada], uma vez encontrei-a de pernas abertas, no sofá, a depilar os pelos da vagina. Eu cheguei e fiquei um pouco envergonhado, mas ela nada... continuou normalmente. Eu fiquei... A minha ex-companheira italiana, mesmo depois de morar com ela vários anos, tinha de se fechar na casa de banho para fazer isso. É desta naturalidade que eu gosto na mulher brasileira, de não ter tabus em relação ao sexo, ao corpo... e ao corpo do homem que está com ela. Lembro-me que, uma vez, num domingo, quando estava em casa da Cleuza no Brasil, ela começou a tirar os pontos negros do meu corpo, a arrancar os pêlos das minhas orelhas e do nariz com uma pinça. Uma mulher italiana dificilmente faria isto, ainda por cima num domingo. A minha ex-namorada não fazia: Ia passear o cão ou fazer outra coisa, mas isso não. Outro exemplo. Da segunda vez que me encontrei com a Cleuza (antes ainda só tínhamos estado duas semanas juntos), depois de me ir buscar ao aeroporto, pára o carro, vai à farmácia e traz um saco. Eu pergunto-lhe se está doente e ela, brincando, diz-me que aquilo é para um italiano que recebe hoje em sua casa. Eu abro o saco e vejo um monte de *camisinhas*, de cremes e gel. E ela sempre com naturalidade, sem vergonha. É deste à-vontade, desta naturalidade que eu gosto na brasileira. Não há tabus. É tudo sem fazer problemas e mistérios.

As valorações implícitas na avaliação masculina do modo como as mulheres dos dois lados do Atlântico lidam com as questões da intimidade (sobretudo da sexualidade), positivas face às brasileiras e depreciativas em relação às europeias, são permeadas por algumas ambivalências (Piscitelli 2004b) e podem, por vezes, sofrer alterações significativas quando se considera o matrimónio. Recordo-me dos discursos de alguns informantes a ressaltar que, embora sem os mesmos predicados sexuais que as brasileiras e apesar das mudanças nas identidades e relações de género, ainda haveria europeias *melhores para casar e mais adequadas para a vida de família*. Nas suas próprias palavras, estas últimas seriam *mais trabalhadoras, mais responsáveis e, sexualmente, mais fiéis*. Reproduzem, assim, à escala transatlântica, uma visão dicotómica da feminilidade – mulher alvo de desejo sexual *versus* mulher-esposa-mãe, alvo de afecto (Silva 2003) – decorrente da ideologia masculina da intimidade como esfera fragmentada entre sexo e emoção: *Há coisas de sexo que não podes fazer com a tua mulher, a mãe dos teus filhos. [...] Sexo e amor são coisas totalmente diferentes e não se podem misturar. Todos nós nascemos com fantasias (é natural) e essas fantasias não são para a companheira. São*

coisas muito fortes... ordinárias! (turista francês, 39 anos, desempregado). Neste plano transnacional, o antagonismo entre a mulher sexualmente desejável e a mulher virtuosa, ambicionada para amar como esposa e mãe, é estruturado em função de traços constitutivos da própria identidade nacional: a primeira é associada à brasilidade e a segunda aos países europeus, tidos como mais conservadores e *frios*.

Porém, são muitos os europeus, em particular aqueles cujos relacionamentos extrapolam o âmbito dos *programas*, que organizam a sua vida passional com base nesta mesma dicotomia sem a anexar, todavia, aos estereótipos veiculados pela nacionalidade. Aliás, no seu entender, a multiplicidade de perfis femininos no Brasil e as características singulares da feminilidade brasileira tornam relativamente fácil a concretização de diferentes aspirações, desde as mais orientadas para a sexualidade àquelas que (também) contemplam projectos de conjugalidade e família. Estas mesmas aspirações nem sempre pressupõem diferentes mulheres e relações para se materializarem. Como vimos atrás, no caso do Gentile, sexo e emoção podem coexistir de forma mais ou menos equilibrada na mesma relação. Quando a coexistência é inviável, alegadamente, as alternativas possíveis serão muitas, como se pode deduzir da observação feita por um turista espanhol (43 anos, comerciante): *No Brasil há mulheres para o sexo e também boas mulheres para casar.*²²¹ *Há mulheres muito diferentes... e há muitas!* Esta ideia de variedade (simultaneamente física e social) na quantidade, impulsionada pela concepção amplamente difundida da brasilidade como resultado de sucessivas misturas raciais, constitui mais uma fonte da sua atracção pelo Brasil, percebido como *terra de mulheres para todos os gostos* (*idem*) e uma espécie de caleidoscópio de possibilidades de intimidade quando comparado com os países europeus.

O fascínio pela diversidade de mulheres e de possíveis cenários passionais é indissociável do desejo de acesso ao exotismo feminino que a brasilidade evoca. Este desejo não pressupõe, inevitavelmente, configurações relacionais fundadas numa significativa alteridade física (Piscitelli (2004b, 2007b, Ribeiro e Sacramento 2006). Quer isto dizer que não podemos tomar como certa e inquestionável a atracção masculina pelas mulheres cujas diferenças face às europeias se inscrevem nos próprios corpos, sob a forma

²²¹ Umás e outras são, inclusivamente, sinalizadas em categorias produzidas pela sociedade brasileira e já assimiladas por bastantes turistas. Rótulos como *puta*, *garota de programa*, *rapariga* e *piriguete* qualificam mulheres alvo de uma forte conotação sexual e cujo comportamento rompe com os valores de género dominantes. Nos antípodas encontramos a categoria *moça de família*, utilizada para fazer referência a mulheres que se enquadram nos parâmetros sociais de normalidade feminina, sendo, por isso, consideradas as mais adequadas para casar e constituir família. Esta última categoria corresponde ao modelo de mulher *normal* que os turistas mais desejam, em especial quando têm em perspectiva uma possível relação conjugal.

de marcadores como a cor da pele. Para a maioria dos homens, a dissemelhança fenotípica (v.g. cromática) não configura, necessariamente, uma condição fundamental de atracção passional.²²² Aliás, quando questionava os informantes sobre os traços físicos que mais valorizavam na mulher, eram bastantes aqueles que faziam referência a características não muito divergentes das que compõem o(s) fenótipo(s) dominante(s) nos seus países. Durante o trabalho de campo em Aosta recordo-me de um italiano (48 anos, professor) ter-me mostrado uma foto da actriz britânica Claire Antonia Forlani²²³ (40 anos) para ilustrar o seu *tipo ideal de mulher*, destacando ainda o facto de a sua ex-mulher brasileira, que conheceu em Ponta negra, ser *completamente diferente do estereótipo da brasileira*. Não podemos esquecer, porém, que estas idealizações reflectem, de algum modo, a dicotomia masculina da feminilidade. Assumem, por isso, uma certa ambivalência, fazendo com que o perfil físico feminino objecto de maior e descomplexado desejo sexual nem sempre corresponda ao perfil desejado para um projecto de aliança. Em princípio, este último perfil não comporta diferenças tão acentuadas como o primeiro.

Independentemente destas nuances e mais do que coligada a marcadores corporais, a alteridade desejada pelos europeus remete, acima de tudo, para construções simbólicas do feminino enquanto parte integrante da identidade do Brasil. É em função da categoria nacionalidade e da carga simbólica por ela mobilizada, conferindo singularidade exótica, erótica e emocional à mulher brasileira, que estes homens desejam novos enquadramentos e formas relacionais para expressar a sua intimidade. Para tal, pressupõem ser possível (re)encontrar nos trópicos a autenticidade feminina que a Europa estará a perder, ainda que o objecto da sua procura, como vimos, lhes possa ser apresentado sob a forma de ilusão, ou seja, sob a forma de “autenticidade encenada” (MacCannell 1973). Tal como muitos outros turistas, também estes têm um olhar romântico – “romantic gaze” (Urry 1996) – sobre o lugar turístico e parecem manifestar “ansiedade sobre a autenticidade” (Harkin, *in* Abbink 2004: 269). Compreende-se, assim, o facto de considerarem a ambicionada alteridade na intimidade como algo que só será verdadeiramente possível no Brasil. O relato de Baldovino, um advogado italiano de 48 anos que acompanhei em Ponta Negra e em Milão, é esclarecedor:

²²² Embora tenha constatado que os nórdicos tendem a conferir maior relevância às diferenças físicas, designadamente à cor da pele, que os turistas do sul da Europa.

²²³ Ganhou alguma notoriedade com o papel que desempenhou no filme *Meet Joe Black* (1998). A sua fisionomia em nada a distingue da generalidade das mulheres italianas. Ela tem, aliás, ascendência italiana.

Uma coisa é a brasileira lá [Brasil], outra coisa é aqui, na Europa. Eu posso falar... eu já tive mulher brasileira lá e mulher brasileira aqui, em Milão. Lá, elas nos parecem mais tradicionais, mais calmas, mais calorosas. Aqui ficam mais parecidas com as italianas, um pouco mais frias. Ficam mais consumistas... elas já são no Brasil, mas aqui em Milão, elas estão na sua ecologia natural. E a minha relação com a brasileira que conheci aqui em Milão não deu certo porque nós tínhamos poucas coisas parecidas... em comum. Ela já estava aqui há mais de 10 anos. Ela era muito consumista e eu não. Era muito superficial... não dava para ter conversas mais complexas. A única coisa que tínhamos em comum era o *ski*. Eu gosto muito de fazer *ski* e ela também gostava. A nossa relação também foi-se mantendo porque... apesar de mais parecida com a Italiana, o calor da mulher brasileira que vive na Europa nunca desaparece completamente. Há sempre alguma coisa que fica. Só que isto não chegava para manter a relação. Era pouco!

Neste exercício masculino de dedução do valor da brasileira fora do Brasil o que está em causa não será tanto uma profunda alteração da subjectividade feminina, mas a mudança do cenário geográfico em que as fronteiras da alteridade são cruzadas. Como destaca Bruner (2004: 222), “The Other in *our* geography is a sight of disgust; the Other in *their* geography is a source of pleasure. In *our* place, the Other is a pollution; in *their* place, the Other is romantic, beautiful, exotic”. No respectivo lugar o “outro” tem qualidades que tendem a ser depreciadas com a sua deslocação transnacional. Do excerto etnográfico em cima pode deduzir-se que, aos olhos dos homens europeus, por exemplo, o *calor* da feminilidade tropical perder-se-á na travessia atlântica. Assim, mesmo tendo acesso a mulheres brasileiras na Europa, muitos procuram experiências passionais na origem, na expectativa de que aí possuam um valor acrescido.

O calor que faltava

As deslocações turísticas masculinas para Ponta Negra, tal como muitas outras formas de mobilidade, não são inócuas no modo como os sujeitos entendem, cumprem e apresentam a sua identidade de género (Cresswell e Uteng 2008). Elas estabelecem mudanças de enquadramentos (*frame*)²²⁴ e de subjectividades, favorecendo vivências de masculinidade tidas como dificilmente concretizáveis nos países europeus.²²⁵ Investido de uma densa polissemia, o *calor* brasileiro é entendido pelos actores sociais como o elemento que lhes faltava para uma maior convergência face às idealizações do que é ser homem. Quando os interpelava sobre as razões da escolha do destino turístico em causa, as suas respostas remetiam quase sempre para metáforas térmicas que, simbolicamente, sinalizam

²²⁴ Conceito a que Goffman (1974) recorre para designar o quadro de pressupostos e significações que proporcionam a definição (inter)subjectiva de diferentes situações sociais.

²²⁵ Não podemos esquecer-nos que a masculinidade é uma construção fluida e situacional (Cornwall e Lindisfarne 2005b) que ganha forma na prática e, acima de tudo, no discurso enquanto prática (Almeida 1995).

contrastes transatlânticos e possibilidades desejadas de transformação identitária decorrentes da deslocação para uma ecologia *mais quente*.²²⁶

Nestas metáforas, o calor do clima tropical é, por analogia e reflexo, e em oposição ao frio da Europa, tomado como referência de qualificação positiva do lazer, do convívio masculino e das experiências de intimidade que o Brasil proporciona. Constitui, portanto, um denominador sintético e simbólico de circunstâncias sociais que, em princípio, podem propiciar o reforço dos processos de homossociabilidade – decisivos na produção e legitimação da identidade viril – e a (re)capitalização de valores hegemônicos de masculinidade. Dentre estes, ganham particular relevância aqueles que estão associados às celebrações (e exageros) hedonistas que o próprio contexto estimula, às competências de conquista passional e de expressão da sexualidade e, inclusivamente, às capacidades de escolha e sedução da *mulher certa* para constituir família.

A estadia em Ponta Negra corresponde a um tempo de grande interação e cumplicidade masculina, largamente estimulada pelo *calor* do contexto, segundo a leitura feita pelos meus informantes, e isenta de muitos dos habituais constrangimentos presentes nos países de origem. O afrouxamento das obrigações e restrições quotidianas representa uma excelente oportunidade para reavivarem laços de comunhão entre si a que as responsabilidades da vida adulta retiraram algum cabimento e que a hierarquia e competição do mercado de trabalho colocou sob intensa pressão (Kruhse-Mountburton 1995): *Na Europa estamos baseados no trabalho, trabalho, trabalho! Aqui não. Aqui deixa-se o trabalho. São modos de viver diferentes. Aqui é tudo totalmente diferente. Aqui é só para os amigos e divertimento!* (turista italiano, 43 anos, delegado comercial).

Considerando que a maioria dos turistas viaja em grupo, são muitos os que referem o companheirismo viril como uma finalidade em si mesma da própria deslocação turística. Por vezes, e seguindo uma retórica masculina bastante comum, a convivência com os pares é alvo de uma (sobre)valorização que aparenta sobrepor-se à importância atribuída a outras experiências que, à partida, poderiam considerar-se alvo de um desejo muito maior: *O meu grande objectivo não é vir para aqui pelo sexo. Eu quero relaxar, estar com os meus amigos e, se encontrar uma rapariga, é bom ter sexo, mas não é realmente importante* (turista holandês, 30 anos, funcionário de empresa de *catering*). Independentemente da importância que lhe é atribuída, as conquistas heterossexuais

²²⁶ Embora com um alcance mais específico, metáforas semelhantes são utilizadas, como já vimos, nos processos sociais de caracterização das feminilidades brasileiras e europeias, como de resto é constatado por Piscitelli (2004a) no seguimento do seu trabalho de campo em Fortaleza, no Nordeste brasileiro.

(efectivas ou potenciais) são objecto de permanente discussão e escrutínio entre amigos. Nessa medida, constituem matéria nuclear das práticas de virilidade, sobretudo discursivas, que fundam o sentido de pertença ao grupo e lhe conferem atributos identitários.

O ambiente homosocial em Ponta Negra evidencia de forma paradigmática muitas das características que Maffesoli (1985, 1998) atribui ao “tribalismo pós-moderno”: o presenteísmo vitalista, o orgiasmo social, o hedonismo e os excessos festivos. A calorosa celebração do momento convida os turistas a formas de apresentação do *eu*, disposições e comportamentos pouco frequentes nas suas vidas na Europa, mesmo em tempos e espaços de lazer. Estas manifestações ganham particular significado entre os menos jovens, que parecem fruir o tempo que passam no Brasil como uma experiência de revivalismo de características de masculinidade e juventude que tiveram ou desejavam ter tido. Dizia-me a italiana que gere a pousada onde estive instalado que *os italianos em Ponta Negra portam-se como “birichini”* (traquinas, irreverentes).

A forma como, frequentemente, se vestem e os adereços que usam (v.g. lenços de cabeça *à pirata*, colares coloridos), o modo arrojado como alguns conduzem as motos estilo *vespa* – por vezes acompanhados das respectivas companheiras –, a expressão desinibida e afirmativa da corporeidade, as conquistas passionais e a constante proclamação do vigor físico junto dos pares são apenas alguns de entre muitos outros elementos que apontam para estéticas e performances mais associadas à juventude. A este propósito, não posso deixar de lembrar o comentário feito pelo Giacomo, certo dia, quando viu passar por nós numa *vespa*, a uma velocidade muito considerável, dois conhecidos seus, também italianos, com 60 e muitos anos, usando bonés com a pala para trás e óculos de sol: *Esses vêm para cá e morrem sem se aperceber!* Com isto queria dizer, simplesmente, que Ponta Negra lhes proporcionará um entusiasmo revigorante, capaz de mitigar a intuição subjectiva do fluir do tempo cronológico individual. A situação descrita na seguinte passagem etnográfica é ainda mais elucidativa.

Junto ao quiosque do Cassiano vi dois italianos na casa dos 50 anos, acompanhados por duas mulheres brasileiras. Um deles, com inúmeros adereços do artesanato local, sobretudo pulseiras e colares de múltiplas cores garridas, comportava-se como se fosse o *rei do pedaço*, segundo o comentário feito por um trabalhador da praia ao meu lado. Com uma atitude expansiva, dançava ao som libertado pelo carrinho de CD e de, quando em vez, ia batendo palmas e soltando algumas vocalizações a acompanhar o ritmo da música. Ao mesmo tempo, interagiu efusivamente com as pessoas que o acompanhavam e com os empregados do quiosque. Pela intensidade e naturalidade da sua performance, pensei para mim mesmo que deveria estar a sentir-se como se fosse, de novo, um jovem de 20 anos, (notas de campo, Ponta Negra, 24/11/2009).

A diversão, as saídas nocturnas e os relacionamentos amorosos, geralmente com mulheres bastante mais novas, funcionam para estes homens como uma espécie de elixir da juventude que lhes permitirá, de algum modo, recuperar formas de masculinidade desvanecidas e um certo sentimento de *empowerment* e auto-estima²²⁷ (O’Connell-Davidson 1995, 2001, Kruhse-Mountburton 1995, Kempadoo 1999b, Chow-White 2006). A intimidade é um palco central destas alterações transnacionais na subjectividade masculina e na afirmação da identidade de género. É nesse palco que os turistas perseguem vivências de difícil concretização na Europa, desde logo pelos constrangimentos decorrentes de feminilidades que consideram *demasiado emancipadas* e porque as mulheres mais valorizadas lhes são praticamente inacessíveis, por razões de ordem económica, estética, relacional e/ou de estatuto social. Com a deslocação transatlântica asseguram ganhos relativos de capacidade económica, de capital simbólico e até de atractividade²²⁸, de que decorrem transformações significativas nas coordenadas de configuração da intimidade. Fazendo uso da sua habitual eloquência, o Giacomo ilustrou esta questão assim: *Como é que um homem como eu, com 58 anos, vai arranjar uma mulher de 20 e poucos anos na Europa, uma “velina”? Só se tiver um Ferrari; só se for rico. O Briatori pode!!! Com o dinheiro, pode. Nós temos de vir para cá. Aqui, eu posso ter a minha Naomi [Campbell]! Cá, sou como o Briatori e não sou milionário.*

Em Ponta Negra, a conquista passional de mulheres que se enquadram em perfis desejados pode, em muitos casos, ser “ilusória” e instrumentalizada pelas parceiras, por motivos materiais. Contudo, essa conquista não deixa de contribuir para a emergência de metamorfoses significativas na forma como a masculinidade é experienciada. As mais relevantes, segundo os próprios, circunscrevem-se à sexualidade, eixo nevrálgico da (auto)afirmação dos valores hegemónicos da identidade masculina (Connell 1995):²²⁹

Um gajo aqui *puxa*, com o calor... tanto para elas como para nós. A conversar com um amigo português de João Pessoa [capital do Estado da Paraíba], ele diz-me: *Oh pá, eu chego aqui e tenho tesão e lá em Portugal eu não tinha, já não ligava puto. Comigo é o mesmo. [...] Agora, eu também me libertei um bocado. Como se diz em Portugal, soltei um bocado a franga. Aqui virei ao contrário. Eu aqui mudei. Parece que estou a viver uma segunda meninice... um pouco (turista-residente português, 70 anos, reformado).*

²²⁷ Ainda que, muitas vezes, seja um estado subjectivo relativamente efémero e circunstancial, ingindo-se de modo mais intenso ao tempo de duração da experiência turística.

²²⁸ A *brancura* e os *olhos claros* dos europeus, por exemplo, são alvo de grande valorização estética por parte das mulheres locais.

²²⁹ Um adágio masculino que alguns informantes italianos enunciavam é revelador desta importância da sexualidade: *Si lavora e si fatica per la panza e per la figa!* (Trabalha-se e fadiga-se pela barriga e pela vagina!).

Em comparação com a sua vida íntima na Europa, estes homens sentem-se rejuvenescidos, mais desejados e com maior predisposição/vigor para o erotismo e a actividade sexual²³⁰; capazes de fruir e de proporcionar um prazer que os faz sentir *verdadeiramente* homens.²³¹ Quando os instava a encontrar explicações para as mudanças nas suas vivências pessoais da sexualidade e da masculinidade, o *calor* (do clima e da mulher brasileira) era, recorrentemente, invocado como o principal e mais imediato factor justificativo. Numa correlação antitética face ao *frio* europeu, ele é tido como pólo positivo de irradiação de energia revigorante. O relato que se segue demonstra-o com particular expressividade.

Ela [a companheira] é que me está a dar a idade; ela é que me está a pôr novo. É, está-me a pôr novo. Não me estou a pôr velho, novo! Eu, ontem, funcionou a 100%, 500%! E hoje venho mais o meu primo aqui [praia de Ponta Negra] a pé, deixo ali a coisa, a t-shirt e a sandália, e estás a ver? Todos os órgãos estão a funcionar a 500%. [...] Em Portugal tinha duas, mas não estava a funcionar bem. Uma com 40 anos e outra mais velha. Tinha lá uma da minha idade, 70 anos... vai fazer agora em Julho. Mas a *máquina* dela, lá em Portugal, não funciona, como a minha. A desta aqui funciona por causa do calor. Isso faz tanta diferença, tanta diferença! A *máquina* dela é mais quente. [...] A mulher brasileira mexe mais um bocado... mexe mais um bocado e é mais calorenta. A mulher brasileira é mais calorenta! Tem mais calor. E funciona bem ali... *trabalha* bem! [...] Aqui, estou a 500%. Elas [as mulheres] é que me fazem a mim novo. É tanto que eu digo que aqui é o hospital... Eu chamo-lhe o hospital da velhice. [...] *Oh pá*, mas o Brasil é só para não apanhar lá frio [em Portugal]. É pela questão do frio. Isto aqui é que me dá saúde, mesmo! Cada vez estou mais novo. E de que maneira! Com 10 anos de diferença. *Tá* bem que elas [brasileiras] também estão lá [em Portugal], mas é o clima... o clima é que manda! O calor e essas coisas todas... (turista português, 71 anos, reformado).

É caso para dizer, como sugere poeticamente Littlewood (2001) no seu livro *Sultry Climates: Travel and Sex Since the Grand Tour*, que o erotismo e a sexualidade são mais intensos onde o clima é cálido. Mas não é apenas prazer sexual – sexo pelo sexo – que os europeus procuram no *calor* de Ponta Negra. Também é afecto, romantismo e aliança, inclusivamente quando os relacionamentos assumem um perfil comercial.²³² Atentos a esta diversidade de propósitos, Silva e Blanchette (2005) abordam o chamado turismo sexual no Rio de Janeiro com base numa tipologia que inclui, entre outras, a

²³⁰ Semelhante alteração nas “subjectividades eróticas” foi constatada por Frohlick (2008a) entre mulheres ocidentais em turismo na Costa Rica.

²³¹ Não podemos esquecer-nos que o sentimento de prazer configura uma experiência de confirmação pessoal de competência viril e que “o prazer masculino é, em parte, prazer do prazer feminino, do poder de dar prazer” (Bourdieu 1999: 18).

²³² O mesmo sucede noutros contextos permeados por lógicas mercantis ainda mais estritas (Campbell 1998, Bernstein 2001, Oliveira 2003, Sacramento 2005, Ribeiro *et al.* 2007). Em Ponta Negra, a venda ambulante de flores nos principais espaços de negociação transnacional da intimidade, como é o caso da *praça*, configura um indício simbólico relevante da existência de construções e expectativas românticas da parte dos *gringos* e também das mulheres locais.

categoria do “turista do amor”. Reconhecem, deste modo, que a construção de laços sentimentais consistentes, fundados em ideais do amor romântico, representa uma expectativa partilhada por muitos turistas. Encontrar uma mulher com as características adequadas para casar e formar família é uma aspiração de grande relevância na ideologia da masculinidade da maior parte dos europeus que conheci no terreno. Esta aspiração é sinalizada, mais uma vez, através de uma metáfora térmica na qual tendem a expressar preferência pela mulher brasileira, considerando-a *mais calorosa*²³³ (meiga, humilde, pouco emancipada, orientada para a família) que a europeia; ainda que, num registo de manifesta ambiguidade, possam também apontar à primeira, em particular quando conotada com a prostituição, características que remetem para o facto de, supostamente, ser interesseira e menos confiável e responsável.

Seja na intimidade ou na homosociabilidade que acompanha as práticas de lazer, o *calor* do Brasil é construído pelos turistas como o elemento compensador e revivalista que lhes permite resgatar sensações e expressões de masculinidade entorpecidas pelo *frio* da Europa. Contudo, este *empowerment* viril transatlântico está associado, frequentemente, a ilusões passionais de normalidade e conquista (Piscitelli 2004a, Ribeiro e Sacramento 2006) e, por isso, não deixa ele próprio de ser ilusório. Por outro lado, encontra-se vinculado a subjectividades sem correspondência significativa em termos de reconhecimento social, como ressalva O’Connell-Davidson (2001) para os turistas ocidentais na República Dominicana. Aliás, a viagem para destinos sexualizados é bastante associada à procura de sexo comercial, pelo que as experiências transnacionais de intimidade, independentemente da sua configuração, tendem a ser estigmatizadas e citadas por terceiros, sobretudo concidadãos, como argumento de qualificação negativa da masculinidade.²³⁴ Apesar de tudo, isto não inibe os visitantes de Ponta Negra, já depois de regressados à Europa, de evocar constantemente memórias da estadia e de manifestar a sua nostalgia pelo *calor* dos trópicos.

²³³ Neste contexto, o *calor* atribuído à mulher brasileira indicia, principalmente, atributos de género pouco sexualizados e que se enquadram no pólo emocional da dicotomia masculina da feminilidade de que se falava atrás.

²³⁴ No *YouTube*, por exemplo, são relativamente comuns os comentários depreciativos feitos aos homens europeus que visitam Ponta Negra. Nesses comentários são associados à prostituição e representados como alguém que recorre a *mulheres fáceis*, a que qualquer um poderia aceder mediante o dispêndio de algum dinheiro.

Capítulo V.

Mulheres encontrando *gringos*, com a Europa em perspectiva

À semelhança de outras deslocções masculinas globais (v.g. militares, laborais), a afluência turística de europeus a Ponta Negra tem grandes repercussões no modo como algumas mulheres locais gerem os seus projectos de vida. Os contactos com os *gringos*, nomeadamente quando se traduzem em relações íntimas, proporcionam-lhes opções de escala transnacional e, como tal, uma ampliação considerável das possibilidades de concretização de determinadas expectativas amorosas, conjugais, económicas e/ou estatutárias. Embora muito associados à mercantilização da sexualidade, os relacionamentos em causa não estão limitados ao campo da prostituição. Logo na abertura do capítulo procuro mostrar que neles participam mulheres com distintos perfis identitários, ainda que os respectivos trajectos biográficos apresentem inúmeros elementos em comum. Designações etnográficas como *garota de programa* e *moça de família* reflectem, justamente, demarcações estruturantes de diferentes feminilidades locais²³⁵ implicadas nos espaços sociais de intimidade induzidos pelo turismo internacional.

A convivência feminina com os turistas, como se pode constatar num segundo momento do capítulo, assume configurações bastante heterogéneas, ambíguas e voláteis, tendo por base múltiplas formas e interesses nem sempre coincidentes entre si ou compatíveis com as da outra parte. Na gestão das suas relações, a generalidade das mulheres mostra uma significativa autodeterminação junto dos parceiros, subvertendo, ainda que de forma contingencial, posições de poder adjudicadas a ambas as partes pela nacionalidade, género e classe. Com base nesta constatação empírica, no ponto três do capítulo procuro questionar o monolitismo das perspectivas que, centradas nas desigualdades estruturais, apresentam os relacionamentos entre homens ocidentais e mulheres de países do Sul apenas e só como expressões paradigmáticas do poder dos primeiros (Rao 1999, Enloe 2000), não admitindo (também) uma efectiva capacidade de agência feminina. Precisamente por via da transnacionalização da intimidade, esta

²³⁵ Principalmente de mulheres mais jovens ainda isentas de compromissos conjugais.

capacidade tende a ganhar escala e a proporcionar condições de concretização de algumas das principais expectativas das mulheres em Ponta Negra. No processo de vinculação a um plano transnacional, como veremos na parte final do capítulo, a agência destas mulheres assume determinadas configurações em função do modo como perspectivam as diferentes geografias em que poderão inscrever os projectos de vida. As inúmeras idealizações, incertezas e fantasmas que permeiam a sua imaginação da Europa constituem, por exemplo, um factor fundamental na génese (ou não) da disponibilidade para mobilidades transatlânticas e na regulação das mesmas.

1. *Garotas e moças*

O turismo de massas produz uma densa teia de convivências entre forasteiros e locais (Smith 1995, Boissevan 2006, Simoni 2009), na qual se incluem relações íntimas como as que ocorrem em Ponta Negra entre europeus e brasileiras. Dos primeiros dei conta no capítulo anterior. Agora centro a atenção, preferencialmente, nas suas companheiras locais, sempre com a preocupação de contrariar certos reducionismos identitários que pendem sobre elas em muitos discursos (sociais e até científicos) e enviesam, logo à partida, a compreensão da diversidade subjacente aos relacionamentos transnacionais. Espero, assim, poder contribuir para uma crítica das visões mais estereotipadas que formulam uma conotação cerrada entre estas mulheres e o exercício do sexo mercantil, e perspectivam as configurações de intimidade que as mesmas constroem com os turistas apenas e só como arranjos mercantilizados. Isto não significa que deixe de admitir, como é evidente, a significativa expressão da prostituição, das lógicas mercantis e dos interesses materiais no contexto que aqui se considera.

Em função dos estilos de vida e, muito em particular, do modo como gerem a as relações de género e expressam a sua sexualidade, as jovens-adultas de Ponta Negra estão sujeitas a um amplo complexo de atribuições qualificantes onde se destacam distintas referências de feminilidade, consubstanciadas em rótulos como *garota de programa*, *piriguete* e *moça de família*. O primeiro, como já vimos, é usado socialmente para designar mulheres que, por iniciativa própria, prestam serviços sexuais como forma de obtenção de proveitos económicos (v.g. monetários). Também com uma forte conotação sexual – embora não remetendo para o exercício da prostituição – e usado de forma pejorativa, o segundo é destinado à (de)marcação simbólica de mulheres cujos comportamentos rompem

com os valores de género dominantes: frequentam regularmente os espaços da *balada* (v.g. bares e discotecas), envolvem-se em relacionamentos mais ou menos episódicos, sobretudo com homens solventes, e a forma como se vestem e agem são consideradas demasiado provocantes (Cerqueira, Corrêa e Rosa 2012), colocando em perigo a “natural” ordem das coisas.²³⁶ No pólo oposto face aos rótulos anteriores, *moça de família* é sinónimo de jovem virtuosa, em sintonia com os parâmetros sociais mais comuns da normalidade feminina e, por isso, vista como a *pessoa certa* para casar e constituir família. Aliás, na cultura tradicional brasileira, em particular no Nordeste, uma mulher que se diz *moça* está a afirmar-se virgem e *pura*, qualidades que lhe proporcionam um valor acrescentado no mercado de relações conjugais.

No quadro das experiências passionais euro-brasileiras e dos discursos sobre elas produzidos, o ordenamento identitário feminino tende a processar-se em torno das denotações mais contrastantes: *garota de programa* e *moça de família*. A primeira, como seria de esperar, assume um papel hegemónico, sujeitando ao rótulo e aos estigmas a ele associados a esmagadora maioria das mulheres que, de algum modo, contactam com estrangeiros, em particular as de tez mais escura²³⁷. Mesmo aquelas que procuram projectar, sobretudo no plano discursivo, a imagem de *moças de família* dificilmente se mantêm a salvo do rótulo. Situação idêntica poderá até suceder a outras mulheres que nunca se envolveram em relacionamentos transnacionais. Bastará, para tal, que frequentem espaços onde há uma forte presença de turistas ou se façam acompanhar de homens que, mesmo sendo brasileiros, personifiquem o estereótipo do *gringo* e constituam em relação a elas os contrastes (v.g. etários e fenotípicos) socialmente associados a uma intimidade transgressora, como podemos depreender do seguinte relato: *Ainda há pouco tempo disseram fofocas sobre mim... que eu era garota de programa. Só porque me viram num dos bares da Rua do Salsa acompanhada por um amigo, que até é natalense, mais velho que eu. Ele tem 40 anos, é branco e de olhos verdes. Eu sou morena e tenho 20 anos* (brasileira, estudante universitária). Em Ponta Negra, à semelhança de muitos outros lugares, é feita uma estreita conexão simbólica entre turistas e prostituição (Júnior 1997),

²³⁶ Aliás, a etimologia da palavra estará ligada a uma corruptela linguística de *perigosa*. O Nordeste brasileiro, com destaque para a Bahia, é comumente apontado como o seu contexto de origem. Algumas intervenções públicas da cantora Ivete Sangalo e, num segundo momento, certas músicas *funk* terão contribuído para a disseminação do termo por todo o país.

²³⁷ Ou seja, aquelas que melhor corporizam a mulata enquanto metáfora de licenciosidade sexual e melhor representam a subordinação de “raça” e classe socialmente associada ao exercício da prostituição. Como lembra Cabezas (2004: 1001-1002), “the category of ‘sex worker’ [...] comes with its own disciplinary functions and tends to signify the subordination of a subordinate racial, gender, and class ‘other’”.

pese embora o fenómeno do sexo mercantil ter começado a assumir forte expressão social muito antes da expansão turística, a partir da década de 1940, com o cabaré de Maria Boa, hoje uma das figuras incontornáveis da história da cidade de Natal.

Independentemente da sua maior ou menor preponderância, importa não esquecer que as categorizações que vêm sendo mencionadas decorrem de modelos de feminilidade, e não traduzem de facto a densidade empírica das identidades femininas envolvidas nos processos de transnacionalização de afectos, paixões e desejos. Para vislumbrar esta densidade, além dos enunciados normativos e ideológicos, torna-se fundamental considerar, entre outros aspectos, as práticas de género e intimidade (e os correspondentes discursos enquanto práticas) das mulheres em causa. Deste modo será possível mostrar que as suas configurações identitárias não são monolíticas e fixas, como sugerem os rótulos de que são alvo. São, pelo contrário, configurações multifacetadas, ambivalentes e fluidas, apresentando ao mesmo tempo denominadores comuns e elementos singulares, como veremos mais adiante neste capítulo. Antes, porém, em jeito de enquadramento e para melhor compreender o sentido das práticas femininas, uma análise dos seus cenários socioeconómicos.

Quadros biográficos

Pela facilidade de acesso à intimidade feminina, a prostituição é a ecologia social mais imediata das relações passionais dos turistas em Ponta Negra. Mas não é a única. Nem todas as mulheres que se relacionam com eles (sempre) o fazem na esfera da mercantilização profissional da sexualidade. Apesar das suas diferentes formas de gestão da vida íntima, são muitas as recorrências e as similitudes quando comparamos elementos pessoais, contextos e aspirações. Vejamos, então, alguns dos aspectos mais marcantes e transversais dos respectivos quadros biográficos.²³⁸

Com idades situadas predominantemente no escalão etário dos 20 aos 30 anos, a generalidade destas mulheres é mais jovem que os parceiros europeus, um contraste (associado ao género e à nacionalidade) bastante comum noutros contextos tropicais rotulados como destinos de turismo sexual (Kempadoo 1999a, Piscitelli 2004b, 2007c,

²³⁸ Ao contrário do que aconteceu para os turistas, considereei pouco exequível e pertinente a utilização do inquérito por questionário junto das mulheres locais com quem eles se relacionam. Apesar de não recorrer a procedimentos padronizados de recolha de informação, o trabalho de referenciação de actores sociais nas notas etnográficas e as entrevistas semi-dirigidas proporcionaram elementos suficientes para a sua caracterização social.

Rivers-Moore 2011). As situações de abuso ou de exploração sexual infanto-juvenil²³⁹ envolvendo menores de 18 anos²⁴⁰, pelo que foi possível apurar no dia-a-dia de trabalho de campo, não são frequentes ou, pelo menos, não têm grande visibilidade social. Esta é uma constatação intrigante, pois as principais instituições natalenses na área da protecção social de crianças e jovens, embora não dispendo de um efectivo trabalho de diagnóstico com números e factos precisos, apresentaram-me um panorama bastante diferente. Nos seus discursos, o turismo internacional seria o principal responsável por um enorme problema de violência sexual contra menores. Na impossibilidade de abrir aqui uma reflexão detalhada sobre a descoincidência entre esta visão institucional e as evidências empíricas com que fui confrontado, sinalizo apenas duas hipóteses de explicação que se me afiguram as mais plausíveis: ou não consegui, de facto, detectar e ajuizar a dimensão do problema nos seis meses de intenso contacto com o terreno, ou os argumentos institucionais dominantes são parte de um “regime de verdade” (Foucault 1992) conveniente para reforçar a legitimidade, o papel e até a sustentabilidade das organizações em causa.

Ao contrário do que poderia supor-se, a proveniência geográfica das mulheres que participam nos espaços transnacionais de intimidade em Ponta Negra é bastante diversa. Além das autóctones, descendentes das populações nativas, muitas outras são oriundas de diferentes partes de Natal (sobretudo da *zona norte*) ou das suas imediações (v.g. Parnamirim), de vários pontos do Estado do Rio Grande do Norte e ainda de Estados mais ou menos próximos, com especial destaque para os da região Nordeste (v.g. Paraíba, Pernambuco, Maranhão). O turismo é o grande estímulo da afluência feminina ao bairro, por via dos postos de trabalho que cria de forma directa e indirecta e, acima de tudo, pelo facto de proporcionar condições potencialmente atractivas ao exercício do sexo mercantil e a outros arranjos passionais e projectos desejados: *Porque acha que tou aqui?! As praias de Recife [Estado de Pernambuco] têm poucos turistas. Se tivesse muitos como aqui, eu estaria lá, perto de minha filha!* (brasileira, 30 anos, faz *programas*).

O movimento turístico do exterior é um foco permanente de interesse e conversas femininas, seja entre aquelas que já frequentam o contexto, seja entre essas e outras mulheres que estão noutros locais. Em presença ou à distância, através do telemóvel e da internet, rapidamente circulam boatos, palpites e informações, em especial aquela que maior frenesim causa: *Chegou avião da Europa!* A rede de amigas e conhecidas funciona

²³⁹ Veja-se a abordagem antropológica de Lowenkron (2010) sobre as classificações de violência sexual contra menores no quadro de uma “economia de discursos” sobre o problema no contexto brasileiro.

²⁴⁰ Idade a partir da qual a legislação brasileira reconhece a plena maioridade civil (Sousa 2001, Ventura e Corrêa 2006).

como a principal estrutura de socialização para a entrada nas rotinas de intimidade com os turistas e, no caso daquelas que não são natalenses, também como um importante suporte na sua mobilidade para Ponta Negra. Nestes processos não é comum a intervenção de angariadores actuando no âmbito de organizações criminosas. Do bairro, da cidade, do Estado e de outros Estados, umas vão trazendo outras. Na forma, é uma situação relativamente semelhante ao que acontece, como já vimos, nas deslocções dos turistas europeus e, também, na grande parte dos fluxos migratórios transnacionais (Castles 2002, Assis 2007, Ryan 2008, Brettell 2008).

A maioria das mulheres que mora a poucos quilómetros, ainda dentro da área metropolitana natalense, efectua regularmente viagens pendulares entre a área de residência e a praia. Por vezes, este constante vaivém é interrompido para pernoitar na casa de uma amiga ou no local onde o namorado europeu está instalado. As que vêm de mais longe estabelecem-se sazonalmente em Ponta Negra²⁴¹, acompanhando os períodos da *alta estação* turística, durante os quais trabalham em actividades de temporada (em hotéis, bares, restaurantes, lojas de roupa e artesanato) ou, como acontece mais amiúde, aproveitam as muitas oportunidades de convivência íntima com os turistas para assegurar proventos bastante consideráveis e, ao mesmo tempo, avaliar novas perspectivas de vida.²⁴² Neste último caso, é bastante frequente a sua itinerância entre diferentes cenários turísticos do litoral nordestino. Procuram, desse modo, melhorar os seus rendimentos, seguindo o conselho de uma amiga a sugerir a mudança para um contexto com mais movimento ou, eventualmente, aceitando o convite de um *gringo* conhecido de anos anteriores para uma estadia prolongada num outro local. Na *baixa estação*, com o decréscimo de estrangeiros, quase todas elas regressam a casa e aí permanecem durante alguns meses junto da família, ou aproveitam para passar uma temporada turística na Europa, junto dos companheiros que conheceram em Ponta Negra.

Os relacionamentos de intimidade com os turistas, seja num formato mais comercial ou num registo mais próximo da relação romântica (Cohen 1982, 2003, Piscitelli

²⁴¹ A sua estadia pode ir de algumas semanas a três ou quatro meses.

²⁴² Estas novas perspectivas poderão impulsionar a ida para a Europa, o que representará a ampliação geográfica e a introdução de uma dimensão transnacional num quadro de fluxos femininos que tem início com as deslocções à escala regional/nacional para Ponta Negra, considerada pelas próprias mulheres uma espécie de plataforma giratória para o Velho Continente, como se pode depreender do raciocínio subtil de uma jovem de 24 anos de Mossoró (Rio Grande do Norte) que já esteve na Itália durante três meses, a convite do namorado: *Quem nunca foi a Itália, nunca esteve em Ponta Negra!* No trabalho que desenvolveu em Sosúa (República Dominicana) sobre prostituição orientada para turistas, Brennan (2002, 2004a) descreve pormenorizadamente este encadeamento de mobilidades através do qual é concretizada a aspiração de migrar para o continente europeu.

2001, 2004a), constituem um importante suporte financeiro para a maioria destas mulheres, mesmo para aquelas que já têm acesso a outros meios de subsistência, como se pode deduzir das palavras de uma jovem de Manaus: *Eu tenho minha vida normal. Eu trabalho como técnica [auxiliar de acção médica] do Hospital de Manaus. Estou aqui em Natal duas semanas e depois regresso. Em três dias aqui estão R\$1.200 no meu bolso... mais grana do que um mês no hospital* (brasileira, 27 anos). De igual forma, para muitas das mulheres que trabalham em actividades que integram o sector do turismo em Ponta Negra, os relacionamentos mais ou menos pontuais com os estrangeiros proporcionam um significativo complemento dos seus baixos rendimentos. Mais do que um acto deliberado e estratégico da parte delas, a partilha da mesma ecologia facilita a aproximação mútua. Uma jovem de 22 anos, empregada da loja de roupa *Verde & Amarelo*, num dos troços mais movimentados da praia, dizia-me que tinha um namorado italiano e que todas as suas colegas de trabalho e a maior parte das suas amigas namoravam com europeus, sobretudo com italianos. Desvalorizando razões económicas, a explicação que me deu para tal situação remete para o próprio perfil social do contexto: *Eu passo todo o dia aqui nessa loja. Moro já aqui e, por isso, como aqui dá mais estrangeiros, é normal que me relacione mais com eles.*

À excepção de uma pequena parte detentora de maior capital escolar, que exerce actividades profissionais um pouco mais qualificadas e, por isso, não depende (tanto) das *ajudas do europeu*, as restantes encontram-se à margem do mercado de trabalho formal ou em situações precárias, auferindo baixos salários e sem perspectivas de estabilidade e progressão profissional. Por vezes, trabalham em restaurantes, lojas comerciais ou como empregadas domésticas sem a *carteira assinada*, ou seja, sem qualquer reconhecimento legal do exercício da actividade. No trabalho doméstico, em particular, são frequentes os pagamentos inferiores ao salário mínimo (R\$510 em 2010; R\$622 em 2012). Algumas beneficiam do programa federal *Bolsa Família* do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), através do qual acedem a um apoio financeiro que pode variar entre R\$32 e R\$306, em função da composição, características e rendimentos do agregado familiar.

Para as mulheres em situação de precariedade profissional e económica, o relacionamento com o turista surge como alternativa relevante no balanço de possíveis estratégias socioeconómicas a seguir, sendo que esta alternativa não é, necessariamente, vista pelas próprias como prostituição. Lembro vivamente as mensagens telefónicas (SMS) enviadas pela Roseleine (28 anos, desempregada, mãe de três filhos) a pedir-me auxílio

depois de ser despedida da pizzaria onde trabalhava. Assumindo que eu conheceria muitas pessoas na praia, começou por solicitar ajuda na procura de emprego e, logo depois, bastante angustiada, intermediação para eventual relação de namoro com um turista:

Amigo vc no sab ond tem alguem q queira pra fazer alguma coisa ate pra faxina? Tou passando dificuldade... (Roseleine, SMS, 15/03/2010); Tudo pra mi ta difícil... Silvano [turista italiano com quem *ficou* uma semana] sumiu, não mi deu mas noticia. Mi dar vontade d si matar. Precisando d comida, d pagar dividas, nao tem nem um italiano com dinheiro q mi apresent? (Roseleine, SMS, 16/03/2010).

No seu entender, o envolvimento com um homem que a pudesse ajudar economicamente não é equivalente a *programa* ou a prostituição, nem faz de si uma *garota de programa*.²⁴³ Semanas antes, numa conversa presencial, havia-me dito o seguinte: *Eu faço tudo. Só não me prostituo, não mato e não roubo. Eu sou moça de família! Não sou como essas que andam aí pela praia. Comigo, o namoro e o casamento ainda tem de ser à antiga. Eu sou do interior. Tem de ser tudo direitinho!* Acabaria por arranjar um trabalho como empregada doméstica em Pirangi, abandonando-o passadas poucas semanas, devido ao baixo salário (na ordem dos R\$250) e ao facto de ter de ficar muitos dias sem ver os pais e os seus filhos na *zona norte*. Entretanto foi regressando pontualmente à praia à procura de nova ocupação e, também, na expectativa de encontrar o *gringo certo*, com o qual pudesse reencontrar a estabilidade sentimental e material que uma anterior relação de cerca de dois anos com um italiano lhe havia concedido. *A posteriori*, já depois de eu ter abandonado o terreno, contou-me via *facebook* que, em Novembro de 2010, casou com um turista sueco e foi *passar um tempo* na Suécia. Os filhos ficaram com a sua mãe, em Natal.

Integrando composições variáveis de elementos passionais e materiais, as relações com os europeus constituem para a generalidade das mulheres uma forma de bem compensar a ausência de rendimento salarial ou de complementar o magro ordenado auferido num qualquer trabalho precário.²⁴⁴ Ao mesmo tempo, representam a oportunidade de ascensão a um nível de vida pautado por manifestações de “consumo conspícuo” (Veblen 1970) que assumem papel de grande destaque nos processos de integração social e de afirmação da cidadania (Canclini 1996). Para uma ou outra mais jovem configuram, ainda, a possibilidade de apostar na sua formação académica e, desse modo, enveredar por

²⁴³ No Brasil são comuns, aliás, as situações em que o homem mais velho se assume como o provedor económico da jovem mulher com a qual se relaciona. Conhecida como *o velho que ajuda*, esta forma de convivência íntima não está e/ou não é, inevitavelmente, associada à prostituição (Fonseca 1996, Piscitelli 2007c).

²⁴⁴ Não raro, as ocupação precárias e mal remuneradas são abandonadas (ou rejeitadas à partida) depois de ponderados prós e contras face à alternativa que passa por uma dedicação mais exclusiva ao convívio com os turistas.

estratégias de reprodução social que não são propriamente acessíveis às classes populares. Em casos menos frequentes, sobretudo entre mulheres um pouco mais velhas, as relações com os turistas permitem superar situações inesperadas de quebra acentuada de rendimentos e assegurar liquidez para as despesas correntes e a manutenção de determinados hábitos de consumo. A biografia de Alessandra (42 anos, corretora, dois filhos) mostra-nos como o impacto da crise financeira internacional (finais de 2008) na sua actividade profissional contribuiu, decisivamente, para as suas incursões por Ponta Negra, na tentativa de manter a *vida boa* a que estava acostumada. Primeiro trabalhou como *garçonete* e, depois de constatar o pouco que ganhava em comparação com outras mulheres da praia, começou, pontualmente, a fazer *programas* com turistas. Ao mesmo tempo, iniciou a comercialização de produtos dietéticos da *Herbalife* e, mais tarde, como houve uma ligeira retoma no seu anterior sector de actividade, recomeçou a intermediação de empréstimos, embora com resultados pouco significativos. Vejamos um excerto da longa entrevista que me concedeu:

Eu sou uma pessoa que eu gosto e sinto que mereço uma vida boa. Viver bem para mim é o quê? Não é ser rica e esbanjar e jogar dinheiro fora, mas é morar bem, ter um automóvel para me locomover, para me dar um certo conforto, ter um certo conforto... Eu gosto de poder levar minha família ao domingo para almoçar fora. Eu gosto de coisas boas. A verdade... eu gosto de roupas boas, eu gosto de lugares bons! Então, eu sei que para isso eu tenho que ter dinheiro para isso, então... Eu sempre fui uma pessoa que trabalhei muito, e trabalho muito até hoje. [...] Eu sempre me foquei muito no trabalho, e comecei a focar o dinheiro. De dia e de noite eu trabalhava e ganhava e ganhava. E amanhã eu já acordava com uma meta de mais dinheiro, mais dinheiro; porque eu queria meus filhos comigo [depois de se separar do marido, ela veio primeiro para Natal e os filhos ficaram na cidade do interior do Estado onde antes morava toda a família]... porque eu queria ter um carro, porque eu queria ter uma casa boa de novo e porque, como eu disse, eu gosto das coisas boas. E para isso eu pago o preço, qualquer preço... [...] Aí pronto, eu estava muito bem e trouxe os meus filhos para junto de mim. Estava ganhando muito bem! Eu tinha semana que eu tinha R\$3.000 no bolso. Quando os meus filhos chegaram aqui, eu estava ganhando mais de R\$5.000! [...] Eu estava no auge da coisa, e eu comprando cama, comprando guarda-roupa, mobília para casa, porque meus filhos estavam chegando. Aí meus filhos chegaram. Comecei a comprar roupa para eles, comprar as camas para eles, botar tudo em ordem, a casa. Quando eu estou bem, feliz, bem organizada, bem no auge da coisa, ganhando dinheiro, houve uma crise internacional... aí *xiummmmm*! Acabou: *zerou, zerou, zerou*! As comissões [dos empréstimos que fazia] baixaram total!!! Eu não ganhava mais nada que preste! *Meu Deus o que é que eu faço, o que é que eu faço, o que é que eu faço?* E o que o meu *ex* [marido] mandava era pouco. [...] Como eu *tava* achando que toda a semana eu tinha, tinha muito [dinheiro], aí eu comecei a comprar os móveis, as coisas que eles [filhos] queriam e não sei o quê. Pensei que o dinheiro não acabava! Quem é que espera uma crise daquelas!? Aí, o que é que eu fazia? Eu vinha de casa para Ponta Negra caminhando. Botava um ténis, uma calça, uma camiseta e saía todos os dias de tarde; ao final da tarde. Caminhava. Talvez enquanto eu caminhasse surgia algo. Algo despertava... Alguma ideia, ou não sei o quê, não sei o quê... [...] foi terrível, a gente ficou... chegou a faltar

comida, às vezes, em casa. Nessas caminhadas que eu fazia para Ponta Negra, eu comecei a perguntar se tem alguém que precise alguém para trabalhar. Qualquer coisa: limpar mesa, de *garçonete*. O que fosse para não ficar inerte, porque me incomoda, a inércia. Aí e tal, fui trabalhar na *creperia*, que tinha uma na praia, ao lado do restaurante Rio. Eu fazia muito sucesso com as vendas. Porque eu ficava na calçada e eu gritava para os clientes: *Olha aqui tem o melhor crepe da região – crepe salgado, crepe doce, tapioca recheada, sorvete, salada de frutas!* E eu ia buscar os clientes lá na praia e trazia na *creperia*. Ganhava R\$20 por dia e trabalhava feito uma escrava! [...] Foi nessa altura que eu comecei a observar as mulheres de Ponta Negra, o seu comportamento, a sua forma de trazer o dinheiro, entendeu? E foi aí que eu comecei, que eu percebi que eu também podia fazer.

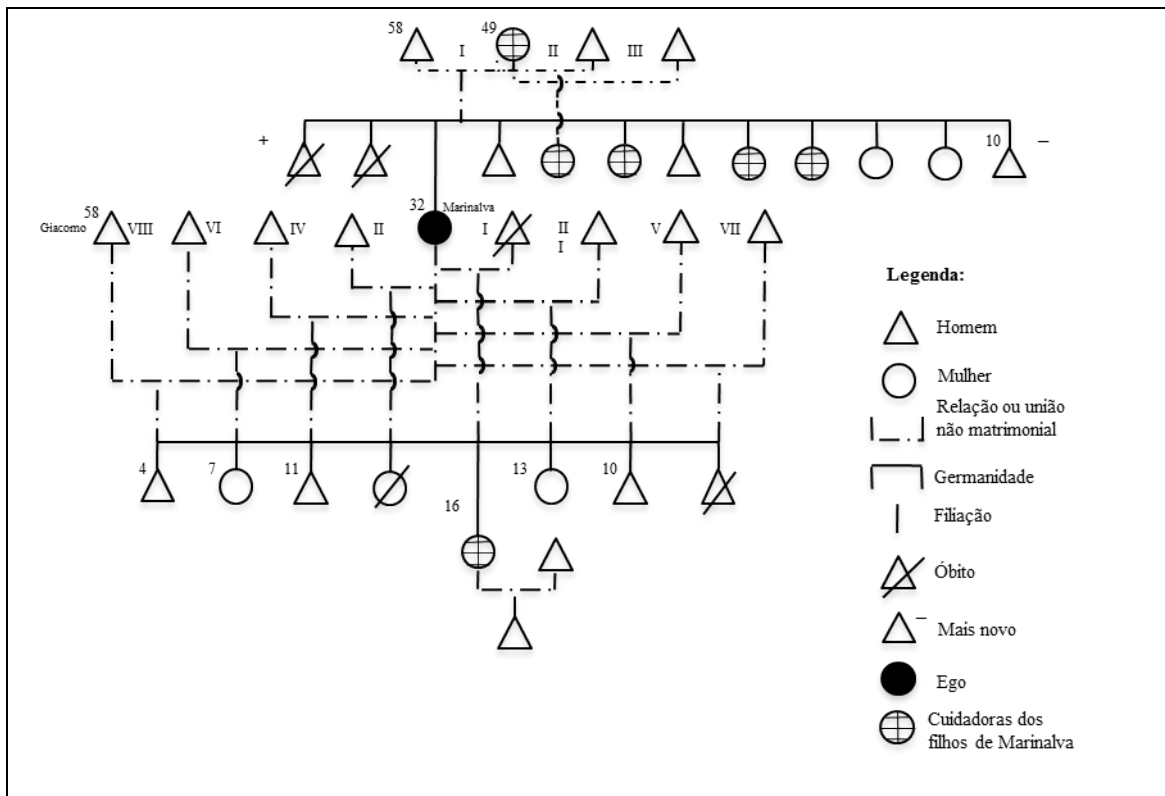
No Brasil, à semelhança do que acontece em muitos outros países, o desemprego, o emprego precário e a baixa renda são problemas que afectam com especial severidade as mulheres (Lavinias 1996, Araújo e Scalon 2005, Lucas e Hoff 2008).²⁴⁵ Estes problemas ganham ainda maior proporção quando elas são chefes de família, como a Roseleine e a Alessandra. Beneficiando de pouca ou nenhuma ajuda de ex-companheiros, têm de assumir quase por inteiro a responsabilidade de cuidar dos filhos. Não quero dizer com isto que as famílias monoparentais matrifocadas são estruturas geradoras de pobreza, tanto mais que esta será, certamente, uma das suas causas (Safa, *in* Macedo 2008: 397). Somente desejo destacar que “[...] as mulheres chefes de família enfrentam dificuldades suplementares ao terem que administrar a sua dupla participação nas esferas da produção e da reprodução, em condições desfavoráveis quando comparadas aos homens que também são chefes de domicílio [...]” (Macedo 2008: 397-398).

É nestas circunstâncias de sobreposição de encargos produtivos e reprodutivos que se encontra a esmagadora maioria das mulheres que se relaciona com os turistas em Ponta Negra. São pouquíssimas aquelas que não têm filhos. Por outro lado, ainda jovens, na casa dos 20 anos, são muitas as que já têm dois ou mais, um ou outro *filho do gringo*. Enquanto mães e chefes de família beneficiam, geralmente, do apoio constante da rede de parentes, sobretudo no que se relaciona com o cuidado dos filhos.²⁴⁶ No Brasil, como conclui Machado (2001: 20), “atrás da aparente nuclearização das famílias de classes populares estão tecidas redes de parentela extensa e circulação de crianças [...]. Tanto mulheres que sustentam seus filhos, sozinhas, trazem parentes para sua casa, para ajudarem a cuidar dos filhos, quanto outras deixam seus filhos aos cuidados de parentes, especialmente suas mães”. Tal é facilitado pela partilha da mesma habitação ou pela

²⁴⁵ Mormente aquelas (v.g. negras e mestiças) que melhor corporizam os imaginários de subalternidade racial e classista (Goldstein 2003).

²⁴⁶ Este apoio é, predominantemente, matrilateral e feminino: prestado pela mãe, avó materna, tias e irmãs. As mulheres que vêm de fora de Natal e permanecem em Ponta Negra durante algumas semanas deixam os seus filhos, por norma, ao cuidado de uma ou de várias destas parentes.

contiguidade fluida de unidades residenciais, construídas em progresso, à medida que a família se vai expandindo. Tem sido uma extensa teia de parentesco, implantada num mesmo conjunto labiríntico de minúsculas habitações e anexos, que tem assegurado o cuidado dos filhos da parceira do Giacomo, a Marinalva (32 anos, natural da *vila*).²⁴⁷ A estrutura da sua parentela, como se pode constatar na figura 7, ilustra de modo extremamente pronunciado muitas das tendências que configuram os quadros familiares das jovens mulheres de classes populares que marcam presença nos principais contextos turísticos de Ponta Negra: maternidade precoce, grande número de filhos, sucessivos relacionamentos não matrimoniais mais ou menos temporários (com ou sem coabitação), preponderância dos vínculos da linha materna e forte compactação geracional (pequena diferença de idades entre gerações).



Nota: Devido ao elevado número de elementos na estrutura de parentesco e tendo em vista facilitar a inteligibilidade da sua representação, optei por flexibilizar a regra de dispor ao mesmo nível indivíduos da mesma geração.

Figura 7: Diagrama de parentesco de Marinalva

²⁴⁷ Durante o período em que fiz trabalho de campo encontrava-se detida, depois de ter sido acusada de pequenos furtos e de tráfico de droga. Recolhi a maior parte da informação sobre ela junto do Giacomo, o seu companheiro italiano e um dos meus informantes-chave. Dois dos seus seis filhos estão, provisória e informalmente, à guarda de outras famílias e um outro, o mais novo, resultante da sua relação com o Giacomo, está sob custódia de uma instituição social.

Ajudar a cuidar das crianças é uma das múltiplas manifestações do denso quadro de reciprocidades que instaura regras de dar, receber e retribuir no seio da “família-parentela-estendida” (Machado 2001: 20). É este mesmo quadro que impõe o dever moral à beneficiária de tal ajuda de contribuir, no imediato ou de forma diferida, para o esforço económico do seu espaço familiar; obrigação que é acrescida se ela tiver como companheiro um turista estrangeiro.²⁴⁸ Além dos filhos, os encargos femininos estendem-se, assim, ao respectivo grupo de parentesco, onde se incluem os parentes próximos e alguns mais distantes. Isto significa que as necessidades e expectativas da parentela são factores quase sempre ponderados na definição dos seus respectivos planos de vida, em particular no que diz respeito a estratégias de reprodução socioeconómica.

Embora assumam uma relevância inquestionável, as circunstâncias económicas e familiares não esgotam os quadros de condições em que emergem os relacionamentos com os europeus, seja para fazer *programas*, para namorar ou para matrimónio. Não é, certamente, (apenas) por razões económicas que algumas turistas do sul do Brasil (v.g. namorada paulista do Gentile), durante a sua estadia em Ponta Negra, procuram os *gringos* para parceiros. O mesmo se aplica a natalenses cuja profissão e condições de vida indiciam um claro bem-estar material. Mesmo sem esta estabilidade, muitas outras mulheres, através dos seus discursos e práticas, deixam perceber que, além de vulnerabilidades financeiras e de responsabilidades parentais, há também questões de género e intimidade que assumem particular importância no envolvimento com o estrangeiro.

2. Interesses e formas de intimidade

As relações passionais euro-brasileiras em Ponta Negra revelam configurações diversas e ambivalentes, sendo encaradas de modo diferenciado pelos seus intervenientes e, por vezes, alvo de expectativas bastante divergentes. A maioria, pelo menos na sua génese, está associada à prostituição, tendo por base uma contratualização comercial, tácita ou explícita. As demais, com uma expressão todavia considerável, constituem-se fora do âmbito estrito do meio prostitucional e evidenciam formas (v.g. namoro, *affair*, *amizade colorida*, *ficar*) que, de um modo geral, correspondem a modelos sócio-afectivos

²⁴⁸ Aliás, as expectativas de maior conforto económico da família representam, certamente, um dos motivos que leva a maioria dos pais a aceitar os *namoros* transnacionais das suas filhas, apesar dos anátemas que pendem sobre as relações de intimidade com estrangeiros em Ponta Negra, em especial quando protagonizadas por mulheres pobres e mestiças.

relativamente comuns nos dois lados do Atlântico. A procura activa de companheiros europeus por parte de mulheres que assumem os *programas* como principal actividade de subsistência e de outras jovens (atraídas pela suposta prosperidade económica do estrangeiro) ajuda, desde logo, a explicar o predomínio de vínculos que, mais directamente, se inscrevem em quadros e dinâmicas mercantis. A proximidade e disponibilidade relacional destas mulheres contrastam com uma certa distância e resistência daquelas que, embora fascinadas pelo exotismo (v.g. físico, romântico) dos *gringos* e pela possibilidade de *um futuro com um europeu*, manifestam, contudo, receio de ver a identidade de *boas moças* deteriorada, sujeita a rótulos estigmatizantes como *garota de programa* ou *piriguete*. O acesso dos turistas à sua intimidade tende, por isso, a ser mais moroso, “negociado” e passível de insucesso, exigindo maior mobilização de recursos de sedução. Compreende-se, assim, a menor frequência das relações (aparentemente) isentas de expectativas materiais imediatas e, ao mesmo tempo, a sua especial valorização nos discursos masculinos.

Consideradas globalmente, as diferentes formas de intimidade transnacional em Ponta Negra têm subjacentes interesses múltiplos, ambíguos e voláteis²⁴⁹, dentre os quais se destacam os materiais e os de âmbito amoroso e conjugal – sexo, amor e dinheiro, de acordo com Piscitelli, Assis e Olivar (2011). O resultado é um segmento difuso de ambições económicas²⁵⁰ e de aspirações românticas – “between love and money” (Cabezas 2004) –, inscritas em diferentes escalas temporais (curto, médio e longo prazo) e associadas, com alguma frequência, a perspectivas de mobilidade migratória, turística ou sazonal, para a Europa. Embora com geometria e proeminência variáveis, os interesses materiais e sentimentais coexistem de forma dinâmica em grande parte das relações em causa.²⁵¹ Amor e dinheiro não são, forçosamente, esferas apartadas e antinómicas, como o demonstram vários autores que desenvolvem uma leitura crítica sobre as análises que dicotomizam mercado e afectos, e nos mostram as densas intersecções entre projectos de intimidade e projectos económicos (Lima 1999, Zelizer 2000, 2005, 2009, Júnior 2005, Padilla *et al.* 2007, Adelman 2011, Piscitelli, Assis e Olivar 2011). Quer isto dizer que, mesmo no quadro mais específico da sexualidade mercantil, as *garotas* não se regem

²⁴⁹ Sobretudo da parte das mulheres locais e não tanto dos turistas europeus, maioritariamente interessados em sexo, romance e/ou conjugalidade, como já vimos.

²⁵⁰ É frequente em Ponta Negra a utilização popular da expressão *amor real* (R\$) para ironizar sobre aquilo que, alegadamente, muitas mulheres procuram nas relações com os *gringos*.

²⁵¹ Tal como acontece, de resto, noutros contextos e em relações de intimidade tidas como mais convencionais. Veja-se, por exemplo, o trabalho de Lima (1999, 2003) sobre relações económicas e de parentesco em famílias da elite empresarial portuguesa.

apenas e só por imperativos monetários ou por objectivos estritamente relacionados com um eventual projecto migratório, como parece sugerir Brennan (2002) na sua ideia de “selling sex for visas”. Em sentido inverso, também as mulheres ditas normais (as *moças de família*) não são movidas sempre e/ou exclusivamente pelo desejo de romance. A narrativa romântica e a expectativa de encontrar o príncipe encantado para as primeiras, e a possibilidade de prosperidade material, *vida boa* e condições para concretizar mobilidades transatlânticas para as segundas são interesses que também permeiam os seus relacionamentos com os europeus.

A maior ascendência de determinados interesses face a outros varia entre diferentes formatos sociais de intimidade, conforme a sua maior associação a lógicas comerciais ou a preceitos normativos. Varia, ainda, entre relações que se enquadram no mesmo registo e, inclusive, no decurso de uma mesma relação. Daqui resulta um amplo caleidoscópio de configurações íntimas, cuja ambiguidade e volatilidade tornam muito difícil sinalizar-se uma fronteira indubitável entre a prostituição propriamente dita e as “relações encantadas” (Bourdieu *et al.* 1963) fundadas em ideais românticos. Situação idêntica sucede em cenários turísticos internacionais caribenhos (Cuba e República Dominicana), onde os novos padrões de transacção da sexualidade são fluidos, ambíguos e fortuitos, tornando muito difícil discernir emoção e negócio, quem é ou não é prostituta e o que se considera ser prostituição (Cabezas 2004, Kummels 2005). Esta será, aliás, mais uma evidência empírica a justificar a crítica que tenho feito ao conceito de turismo sexual e a resistência à sua operacionalização como ferramenta analítica.²⁵²

Em Ponta Negra, do sexo comercial à paixão romântica, a distância é curta e dúbia. Os próprios *programas* evidenciam, desde logo, constituições contingenciais e flutuantes, congregando (ou oscilando entre) elementos económicos e afectivos²⁵³; quase sempre percebidos como opostos e incompatíveis numa sociedade que tem caminhado no sentido da (super)valorização do amor incondicionado (Priore 2006). Todavia, esses mesmos *programas* não deixam de assumir, pelo menos na sua génese, a forma de contratualizações pautadas por pretensões monetárias mais ou menos declaradas da parte feminina. Muitas das mulheres que frequentam assiduamente determinados *pontos* da praia ou o Praia Shopping durante o dia e circulam na *praça* durante a noite procuram, acima de tudo, encontrar *gringos* dispostos a remunerar a sua companhia íntima. Sempre que tomam

²⁵² Ver, por exemplo, a secção 5 do capítulo II.

²⁵³ Embora com menor expressão, a convivência entre o material e o sentimental está presente mesmo naqueles contextos em que a prostituição está organizada como se fosse uma qualquer actividade comercial (Ribeiro *et al.* 2007).

a iniciativa do contacto inicial, a abordagem ou se insere num sistema de dádiva e contra-dádiva e é mediada por pessoas das suas respectivas redes sociais (v.g. outras mulheres, taxistas, trabalhadores da praia), que funcionam como “corretores passionais”, ou é feita directamente pelas próprias. Neste último caso recorrem a insinuações de sedução (v.g. olhar, sorriso, postura corporal) e a pretextos (v.g. perguntar as horas, pedir um cigarro), aparentemente ocasionais, de forma a proporcionar uma primeira aproximação e a avaliar a disponibilidade de potenciais parceiros.²⁵⁴ Trata-se de uma interacção idêntica a uma *paquera* (galanteio, *flirt*), como a Alessandra (42 anos, corretora, dois filhos) a define:

A primeira vez que eu fiz um *programa* foi... eu *tava* no tal *shopping* [Praia Shopping] e eu já morava sozinha aqui em Natal. Aí um estrangeiro começou a *paquerar* comigo e eu a *paquerar* com ele e tal e ele me convidou para sair e eu aceitei. Quando eu voltei para o *shopping* – que ele veio me deixar no *shopping* – ele me deu R\$150. [...] Ele disse: *Isso é para você comprar um presente para você!* Aí, tudo bem!

Em caso de manifesta receptividade da parte masculina, inicia-se entre ambas as partes um subtil processo de negociação da relação através do qual vão sendo esboçados – com maior precisão nalguns casos que noutros – os termos do *programa*, sobretudo o preço, o tempo e, eventualmente, as práticas de convivência íntima. Os arranjos são pouco padronizados e bastante voláteis quando comparados com o que sucede em meios prostitucionais mais formais e institucionalizados (Scambler e Scambler 1997, Hart 1998, Oliveira 2003, 2011, Ribeiro *et al.* 2007). A sua variabilidade é considerável: (i) quando implicam um pagamento imediato, os valores envolvidos tendem a situar-se entre os R\$50/R\$100 e os R\$200/R\$250, embora o mais comum seja uma quantia próxima dos R\$150;²⁵⁵ (ii) a respectiva duração vai do tempo dispendido para a intimidade sexual a algumas horas – que incluem, porventura, passeio turístico e jantar – ou até dias. Neste último caso, o pagamento é estabelecido tendo em conta o número de dias que ambas as partes vão permanecer juntas. Nas épocas de maior afluência de turistas são praticados valores na ordem dos R\$150 diários para um acompanhamento exclusivo, durante uma semana por exemplo. Tacitamente, o *gringo* fica, ainda, com a responsabilidade de custear as despesas mais correntes (v.g. alimentação) da parceira; a que se juntam, por vezes, encargos com outros consumos dela ou da respectiva família.

²⁵⁴ A interacção é facilitada pelo facto da maioria delas falar italiano e castelhano, além de conhecer algumas palavras básicas de holandês, norueguês e sueco.

²⁵⁵ Estas importâncias oscilam sazonalmente, de forma bastante expressiva, entre a *baixa* e a *alta* estação turística. Oscilam também em função de vários outros factores e contingências, como o capital estético da mulher, as respectivas habilidades de interacção e a sua maior ou menor premência económica. Os aspectos físicos, relacionais e financeiros no que diz respeito à parte masculina poderão, igualmente, condicionar a quantia que as jovens fixam para o *programa*.

Por vezes, e sobretudo por estratégia das próprias mulheres, a negociação da intimidade inicia-se num ambiente de tal modo informal e em tudo semelhante a outras circunstâncias de sedução que os turistas, em particular aqueles menos familiarizados com o contexto, não identificam a situação como prostituição.²⁵⁶ Além do mais, as parceiras nem sempre lhes pedem retribuição no imediato, como meio de pagamento da relação; o que reforça a ideia de uma intimidade não prostitucional que eles tanto valorizam e demandam. Fazem-no *a posteriori*, com alguma subtilidade, sob a forma de insinuações ou de pedidos de *ajuda*, que podem prolongar-se para lá do período de convivência em Ponta Negra, como é demonstrado no relato seguinte.

Em conversa informal no *calçada* da praia, a Rossana [24 anos, natural do Estado de Mato Grosso do Sul] disse-me que não gosta de aparecer por aqui, para não ficar muito *marcada*. Até há uma semana, esteve quase um mês com um turista irlandês de 50 anos. Conheceu-o na *Praça*, e fez-lhe crer que não era *garota de programa*. Para tal teve o cuidado de não solicitar qualquer pagamento quando se conheceram. Ele não lhe dava dinheiro directamente para pagar a sua companhia, mas sim para comprar artigos que ela lhe pedia: *Eu dizia para ele que precisava dinheiro para roupa, para electrodomésticos e ele ajudava eu. Quando foi embora ainda me deu R\$800. Já há uma semana que não falo com ele, mas quero telefonar-lhe para que mande mais algum dinheiro* (notas de campo, Ponta Negra, 18/12/2009).

As solicitações aos companheiros europeus são acompanhadas por discursos permeados por alguns exageros e dramaturgias, nos quais invocam como principais argumentos as dificuldades económicas extremas em que se encontram e o facto de terem filhos e outros familiares a seu cargo. Através daquilo que apresentam como *ajuda*, não como pagamento, constroem uma camuflagem estratégica através da qual conseguem obter proventos tão ou mais significativos que aqueles que obteriam num regime de transacção comercial declarada. Ao mesmo tempo, como nota Cabezas (2004) para o Caribe, mantêm em aberto possibilidades de matrimónio e emigração que seriam menores num formato estritamente mercantilizado e, por outro lado, resguardam um pouco mais a sua identidade dos estigmas da prostituição.

Os *programas* não representam expressões de intimidade monolíticas e estáticas, como de resto é destacado pela generalidade dos autores que têm trabalhado sobre o tema, nomeadamente no Brasil (Piscitelli, Assis e Olivar 2011). Não são única e/ou

²⁵⁶ Neste simulacro de romance, ou performatividade amorosa (Brennan 2007), há uma certa instrumentalização feminina das práticas de sedução, sendo orientadas por (alguns) interesses distintos daqueles que, em exclusivo, aparentam. Daqui resultam as tais ilusões masculinas de “normalidade” (Piscitelli 2004a) e de “conquistista” (Ribeiro e Sacramento 2006) de que falava no capítulo IV. Ilusões que alimentam em muitos destes turistas a crença de que as companheiras locais estão com eles não tanto pela sua suposta afluência financeira, mas pelo charme e capacidade de sedução (O’Connell Davidson 1996, Kummels 2005).

permanentemente transacções de matriz mercantil. Além das múltiplas nuances e interesses que incorporam em simultâneo, eles estão sujeitos a mutações que podem ditar a sua conversão em ordenamentos íntimos substancialmente distintos. Muitas relações que se iniciam como *programa*, baseadas no pagamento masculino enquanto condição de satisfação dos interesses financeiros femininos mais imediatos, frequentemente evoluem no sentido de outros interesses (v.g. sentimentais) e culminam em modelos de convivência amorosa como o *ficar*, o convencional namoro e, não raro, a aliança conjugal – um defecho bastante apreciado, sobretudo por parte das mulheres menos jovens, considerando a forte concorrência feminina no mercado matrimonial brasileiro (Lima e Togni 2012). Cabe aqui lembrar o que é dito por Cohen (2003: 66) sobre a fluidez, interconexão e continuidade social entre a prostituição feminina e o mercado matrimonial transnacional em contextos turísticos tailandeses: “The relationship between prostitution and marriage in the case of women marrying foreigners is thus ambiguous. On the one hand there is no sharp division between the two, but rather a degree of continuity; indeed, marriage to a foreigner is in a sense the ultimate consequence of open-ended prostitution”.

A transição de formas de relacionamento de manifesta orientação comercial para arranjos de pendor normativo decorre com relativa celeridade. Uma semana de convivência regular ou um par de *programas* são, por vezes, suficientes. No limite, basta um *programa*, como aconteceu com o Bernard (turista francês, 39 anos, desempregado), que conheceu a sua companheira na *praça*, numa das primeiras noites após a chegada, e somente pagou a primeira saída. A partir daí e até ao fim da estadia em Ponta Negra continuaram a relacionar-se durante mais duas semanas, num registo a fazer lembrar os “namoros de Verão” de que nos fala Piscitelli (2001). O facto de ela fazer *programas* de forma muito pontual, em jeito de complemento do escasso salário como empregada de restaurante, também terá contribuído para a súbita mudança nos termos de interacção entre ambos.

A evolução no sentido do namoro, de que resultam laços mais duradouros e consistentes, pressupõe algumas mudanças na gestão da intimidade e nas suas diferentes manifestações: (i) a fidelidade ganha relevância enquanto preceito regulador do compromisso entre as partes, embora se situe, por vezes, somente no plano dos discursos de intenções ou de promessas estratégicas; (ii) o controlo do(a) parceiro(a) torna-se uma prática habitual, como o prova o relato de uma mulher natalense (28 anos) que fez *programas* e depois namorou com um turista sueco: *Ele controlava até o meu olhar. Se eu olhasse, sem maldade, para um homem, ele perguntava logo: “Porque ‘tá olhando para ele?!” No banheiro não me deixava ir sozinha;* (iii) comportamentos como andar de mão

dada, formas de tratamento (v.g. *mi amore*) e outras expressões afectivas no espaço público tornam-se bastante comuns; (iv) os horizontes da sexualidade ganham amplitude, passando a contemplar práticas até então pouco usuais por serem consideradas demasiado íntimas (v.g. sexo anal e oral, não utilização do preservativo) e, por isso, reservadas para situações de maior cumplicidade afectiva.²⁵⁷

Ao mesmo tempo, a componente monetária inicial atenua-se, transfigura-se e deixa de operar como contrapartida manifesta da companhia feminina. Todavia, esta desmonetização não significa que as mulheres em causa abandonem por completo os seus interesses económicos e passem a orientar-se apenas em função de expectativas passionais. À semelhança daqueles casos em que o pagamento imediato nem mesmo ao início está presente na relação, elas abdicam de remuneração, mas não deixam, subrepticiamente, de assegurar ajudas financeiras pontuais e outras formas de compensação material: móveis ou electrodomésticos, vestuário, bens alimentares, material escolar para os filhos, telemóvel, renda de casa, entre outras. Mesmo depois de regressarem à Europa, alguns namorados deixam que elas permaneçam nos apartamentos de que são proprietários (ou arrendatários) em Ponta Negra e outros enviam-lhes periodicamente (v.g. mês a mês)²⁵⁸ quantias que, *grosso modo*, podem ascender a mais de um salário mínimo brasileiro. Estas ajudas durante e após a estadia no Brasil são asseguradas não só por indivíduos abastados, como também por outros com rendimentos médio-baixos para o cenário europeu. Embora os últimos tenham, forçosamente, de ser mais comedidos na sua generosidade, como se pode depreender do seguinte relato do Giacomo:

Da primeira vez fiquei um mês com a Marinalva [início de 2004]. Só paguei na primeira noite que fui com ela, R\$50. Depois, mais tarde, comprei-lhe dois *shorts* (R\$10 cada) e dois biquínis (R\$15 cada). No total foi cerca de R\$100... Também a levava a comer à pizzeria ou a outro restaurante, e pagava eu. Também cozinhava para ela no apartamento onde eu estava. Ela só lavava a loiça. No final do mês de Janeiro, ela disse-me que fazia anos e eu ofereci-lhe um perfume de R\$40, que depois a amiga lhe roubou para comprar *crack*. Depois vim a saber que não era a Marinalva que fazia anos, mas sim a sua filha. Dessa vez, antes de ir embora, perguntei-lhe se queria mais alguma coisa e ela disse: *Me compra um celular usado, se você quiser*. E eu comprei. [...] De Março a Julho de 2004 enviei por quatro vezes dinheiro para ela – €50 de cada vez – através da *Western Union*. Telefonava-lhe todas as semanas e ela, às vezes, ia dizendo que precisava de dinheiro.

²⁵⁷ A instituição de fronteiras na expressão da sexualidade e a consequente associação de determinadas práticas a quadros relacionais com maior consistência sentimental é particularmente notória nos discursos femininos.

²⁵⁸ Através do BB, da *Western Union* (WU) ou de outros operadores do sistema de transferências internacionais de capital, de acordo com procedimentos burocráticos já bastante familiares à generalidade das mulheres que convive com turistas de forma regular.

Em jeito de contrapartida, os companheiros exigem-lhes que deixem de sair com outros homens, geralmente na expectativa do reencontro num futuro próximo, na Europa ou no Brasil, e da possível continuidade/evolução do relacionamento. Porém, são muitas aquelas que continuam a fazer *programas* ou a manter vários namoros. Por razões económicas, mas também pela flexibilidade com que operacionalizam a noção de fidelidade,²⁵⁹ e que se compreende se tivermos em consideração que, historicamente, a vida sexual na generalidade das ex-colónias latino-americanas não está tão confinada à monogamia e às ideologias da exclusividade romântica como no Ocidente (Kempadoo 1996, 1999a, 2004). Do ponto de vista financeiro, configurações de intimidade multi-relacionais poderão permitir-lhes receber várias remessas transnacionais em simultâneo. Isto só é possível enquanto os parceiros, sempre que regressem a Ponta Negra, aí permaneçam por períodos não coincidentes e desde que sejam assegurados silêncios, garantidas cumplicidades locais e adoptadas narrativas convincentes de preservação da fachada da fidelidade.

A dimensão económica dos seus relacionamentos, tal como é sugerido por Kummels (2005) para o contexto cubano, é assumida pelas próprias de forma relativamente descomplexada e honesta. Na perspectiva delas é natural que assim seja, pois *ajudar* a mulher é uma responsabilidade masculina. Homem que não *ajuda* é, depreciativamente, chamado de *cafuçu* (rude, machista, insensível). Esta ideia do companheiro como aquela pessoa que, entre outras coisas, deverá assumir custos e encargos recolhe localmente considerável adesão social. A proprietária de um pequeno restaurante popular (brasileira, 55 anos), situado mesmo no cimo da ladeira da praia para a vila, dizia-me, plena de convicção: *Se eu estivesse com um homem que recusasse pagar a despesa da mesa, eu dava logo com os pés nele! Faz sentido a mulher ter de pagar? Nem rachar* [dividir a despesa]. Esta é uma orientação que não se aplica apenas aos estrangeiros, estando presente também em muitas outras relações em que estão envolvidos homens brasileiros. Ela expressa valores de género hegemónicos em determinados estratos sociais que, no entender de Ribeiro e Sacramento (2006), evocam uma cultura de teor patriarcal na qual o homem está sujeito ao imperativo de assegurar os gastos da respectiva

²⁵⁹ Para elas, dizia-me Alípio Sousa Filho (sociólogo da UFRN), uma *transa* pontual ou *ficar* não é propriamente infidelidade, pois não coloca em causa o engajamento e o investimento afectivo na relação principal. Daí a recorrência com que ouvia nos discursos destas mulheres a expressão *sexo é uma coisa, amor é outra*.

companheira, recaindo sobre si a obrigação de a *bancar*.²⁶⁰ Ao mesmo tempo veicula, em certa medida, uma representação da mulher como valor ao qual nem todos têm capacidade de aceder. Daí a recorrência com que ouvia as minhas informantes de Ponta Negra a repetir, orgulhosas, o aforismo *Mulé' [mulher] não tem quem quer; mulé' só tem quem pode!*. Nesta expressão popular está bem patente a ideia da intimidade como espaço social permeado por lógicas materiais – que não excluem, necessariamente, as idealizações de paixão e romance – vinculadas a determinadas responsabilidades do que é ser homem. Esta ideia torna-se ainda mais vincada quando estão em causa indivíduos de um qualquer país europeu, imaginados como financeiramente afluentes. A nacionalidade funciona aqui como factor de reforço das atribuições de género.

O enraizamento cultural da prática de *bancar* ajuda-nos a compreender a sua persistência em relações transnacionais situadas fora do espaço social mais imediato dos *programas*, envoltas em práticas e ideologias românticas e nas quais é frequente a preocupação feminina em construir uma identidade o mais próxima possível do modelo da *moça de família*. O caso da Leide (brasileira, 34 anos) é elucidativo. Há mais de 10 anos que namora com um italiano (74 anos) que conheceu em Ponta Negra, numa altura em que trabalhava como *garçonete* num restaurante da praia. Ela continua a morar em Natal e ele em Itália, embora se reencontrem a cada dois ou três meses. Ou ele vai ao Brasil e permanece lá um par de meses ou o inverso. Desde que começaram a namorar, ela deixou de trabalhar e todos os meses recebe do companheiro uma quantia que afirma ser bastante superior ao ordenado que antes recebia, permitindo-lhe uma vida desafogada e boas perspectivas para o futuro dos dois filhos de uma anterior relação. No seu discurso assume, sem grandes rodeios, a grande importância que o dinheiro representa para si e, em simultâneo, destaca a dimensão amorosa da sua relação. Como se os interesses materiais e sentimentais de algum modo se (con)fundissem, inviabilizando uma efectiva delimitação recíproca e mostrando-nos os cruzamentos das lógicas da economia e da intimidade (Rebhun 2007, Adelman 2011); como se o apoio monetário que recebe do companheiro, além do valor facial, funcionasse como (mais um) factor de atracção e de envolvimento passional.

Quando vêem nós dois juntos, as pessoas ignorantes começam a pensar no lado financeiro: *Está com ele por dinheiro*. No meu caso, eu tenho de falar da minha pessoa... no meu caso, quando eu

²⁶⁰ Este imperativo de género configura um padrão de homem-provedor cuja expressão no Brasil é ainda bastante significativa, em especial entre as classes populares (Victoria e Knauth 2004: 88). *Bancar* a mulher permite ao homem assegurar, ou pelo menos reivindicar, um acesso exclusivo à sua intimidade sexual.

conheci ele, o meu amor por ele não foi à primeira vista. Eu acho que amor mesmo é quando você constrói com o tempo. Como eu vou amar uma pessoa que eu não conheço? Nem sei quem é e estou fazendo o quê com ela... O meu é mais verdadeiro. O meu amor por ele, a idade ajudou mais, até porque nem sou de me atrair por homens jovens. Nem por dinheiro; nunca me atraiu. É lógico que o dinheiro é muito bom. Eu adoro dinheiro, muito. Sou apaixonada por dinheiro! Eu não sei como uma pessoa pode viver sem dinheiro. Eu não sei, eu nem sei. Ai veja que sorte que eu tive na vida! Eu encontrei o homem perfeito, o homem que eu amo e tem o pacote completo... ele tem um pouco de dinheiro. Perfeito *né?* Ele é um homem maravilhoso, que eu amo verdadeiramente e com dinheiro. Mas se ele não tivesse dinheiro, eu tenho certeza que, com a gentileza que ele tem, eu teria ficado apaixonado do mesmo jeito. [...] Olhe só, eu vou deixar bem claro. Eu estou falando muito de dinheiro e essas coisas porque eu sou uma pessoa sincera. Eu não sou de *programa*. Nunca fiz, nunca mesmo! Acontece que eu acho que as pessoas são prepotentes. As pessoas que falam que não gostam de dinheiro, que vivem na pobreza... eu acho que essas pessoas são falsas, não são sinceras. Eu sou realista. Eu gosto do meu amor de verdade, mas eu gosto do dinheiro também. Mesmo, porque eu estou muito acostumada, muito, com a *vida boa* que ele me dá. [...] Quando nos conhecemos deixei de trabalhar no restaurante. Não foi uma opção minha. Foi assim. Como ele queria me levar sempre para ir viajar, eu não podia trabalhar se eu viajava. Então ele me disse assim: *Você deixa de trabalhar e o dinheiro que você ganha eu te dou todo o mês*. E aí todo o mês eu tenho aquela quantia, que é bem mais do que eu ganhava, que o nosso salário aqui no Brasil é uma miséria. Então é assim... eu tive muita sorte, eu consegui tudo o que uma pessoa precisa. O melhor homem do mundo (eu amo ele e sou amada) e tenho dinheiro quando preciso. Não sou rica, mas não me falta nada. Mas eu quero ficar rica, ainda! Eu estou trabalhando para ficar rica. Eu adoro dinheiro! É tão bom, poder viajar é tão bom. E quando você tem dinheiro, você é tão bem tratado. Muito bem tratado! (brasileira, 34 anos, *ex-garçonete*, dois filhos).

Ainda que as expectativas de *vida boa* assumam grande importância na generalidade das configurações transnacionais de intimidade – inclusive em muitas daquelas que seriam *apenas por amor*, à semelhança do que é dito por Brennan (2004a) para a República Dominicana –, é necessário ter em conta que os interesses das mulheres locais pelos *gringos* vão além do económico e conjugam, também, características etno-sexuais, fenotípicas, de género e romantismo que crêem não encontrar entre os homens brasileiros. Isto é válido mesmo para as relações mais declaradamente mercantilizadas. Faço minhas as palavras do Giacomo: *Estas mulheres [referia-se sobretudo a garotas de programa] podem amar um homem como qualquer mulher europeia. É isto que muitas pessoas não conseguem ver e pensam que com elas só há interesses de dinheiro*. Com efeito, a par do dinheiro, há outras dimensões de atracção que é necessário considerar. De um modo geral, são dimensões enraizadas na sedução da alteridade (Kohn 1998)²⁶¹, ou seja, em diferenças culturais (e diferenças físicas culturalmente informadas) geradoras de

²⁶¹ Tal acontece em sentido inverso, dos turistas europeus face às mulheres brasileiras (v. capítulo IV).

fronteiras identitárias que encerram em si próprias um potencial de transgressão e, por isso, atraem mais do que apartam.

A Rossana, uma jovem de 24 anos que habitualmente fazia *programas* em Ponta Negra, começa por justificar a sua preferência por estrangeiros em detrimento de brasileiros invocando diferenças de “cultura sexual” (Parker 1991) que configuram “fronteiras etno-sexuais” (Nagel 2003)²⁶² entre uns e outros, de que resultam valorações assimétricas. No seu discurso, a alegada homocentralização do prazer que orienta o comportamento sexual dos seus concidadãos não estará presente, pelo menos de modo tão acentuado, entre os europeus, mais preocupados em democratizar o prazer com a parceira: *Os brasileiros são egoístas no sexo. Vêem a mulher como objecto de sua satisfação. Atingem o orgasmo e não querem nem saber se a mulher está satisfeita ou não. Os europeus prestam mais atenção na mulher.* Continuando a fundamentar a sua maior atracção por *gringos*, recorre, logo de seguida, a critérios de exotismo físico-cromático: *Eu gosto de homens altos, claros, de nariz fino e olhos azuis... olhos claros! Esse homem aí é diferente de mim, ele me complementa. Um brasileiro é igual a mim, tem a minha cor* [ela é mestiça]. A preferência por companheiros brancos pode ser encarada como um desejo pessoal de brancura (Fanon 1989), historicamente uma característica associada aos privilegiados e alvo de forte valorização social, como se pode constatar em Ponta Negra.²⁶³ Pode, também, ser entendida como uma procura de afirmação da sua própria identidade, em linha com o sugerido por Goldstein (2003: 123): “[...] the seduction of a lighter-skinned man may actually also serve to empower them in a culturally meaningful way, since the seduction requires a self-representation that emphasizes the heightened erotic powers of black sensuality”.

À semelhança de Rossana, a generalidade das mulheres locais que conheci identifica aspectos de ordem etno-sexual e fenotípica como justificações extra-materiais para a sua participação em espaços transnacionais de intimidade, articulando-os quase sempre com quadros de género e romantismo nos quais contrastam, enfaticamente, as masculinidades das duas margens do Atlântico. Nestes quadros, o *homem brasileiro* (em particular, o *nordestino*) tende a ser retratado de forma negativa como machista, *raparigueiro* (mulherengo, infiel), *grosso* (rude, insensível, pouco romântico) e egoísta, ou

²⁶² Ver o debate em torno do conceito realizado no capítulo II.

²⁶³ Segundo o Giacomo, a sua companheira, a Marinalva, quando era pequena, como era *muito escura* e, por isso, alvo de troça, lavava-se com lixívia para *embrançar*, como ela própria dizia. Não *embrançou* com a lixívia, mas tem continuado a tentar, projectivamente, através dos relacionamentos com os *gringos* e dos vários filhos daí resultantes.

seja, alguém que *só quer sair fazendo filho e não tá nem aí para ajudar a criar*, como repetiam constantemente as minhas informantes. Por contraposição, o *homem europeu* é associado a um imaginário em que a paridade de gênero, a preocupação com os filhos, o cavalheirismo, a aura romântica e a modernidade relacional surgem como referências centrais²⁶⁴, ao ponto de ser comum ouvir-se-lhes que *é melhor ser puta de um europeu do que esposa de um brasileiro*. Recordo, por exemplo, uma jovem de 19 anos de João Pessoa (Paraíba) dizer-me que, mesmo que um brasileiro lhe proporcionasse estabilidade financeira, jamais casaria com ele, pois *brasileiro é todo igual: infiel, machista e sempre desconfiando da mulher. Para ele, a mulher não pode nem olhar para um homem, mas ele está sempre olhando e paquerando outras!* É caso para dizer que o dinheiro não é o único interesse destas mulheres, tal como não o é das imigrantes de que nos falamos Riaño e Baghdadi (2007: 41): “Le désir des femmes d'entretenir des relations de couple plus égalitaires constitue également un motif important dans le choix d'un partenaire étranger”. As palavras da Alessandra que se seguem demonstram-no de uma forma expressiva e conclusiva, deixando claro que a sua preferência por europeus encontra-se vinculada a idealizações de masculinidade e de convivência íntima, e não está unicamente relacionada com a situação familiar (separação, encargos com os filhos) e com os sérios problemas financeiros já descritos anteriormente.

Eu não sei que cultura miserável foi essa que trouxe esse homem *grosso* para cá [Nordeste brasileiro]. Que cultura é que criou esse monstro, eu não sei! [risos] É um homem que não sabe elogiar, que não sabe dividir, extremamente egoísta. Esse tipo de homem, eu não consigo mais conviver. Depois que eu vi que existia um outro tipo de homem e que eu era capaz de conquistar, ou seduzir ou me envolver com um homem desse modelo, eu não consigo mais... [...] O meu marido não me ajudava a cuidar dos filhos, e eu precisava estudar! Eu queria estudar e ele não queria que eu fizesse o curso. Ele dizia assim: *Eu vim para cá para eu estudar, para eu me formar não foi para você... Você tem que cuidar dos filhos*. Coisas assim. [...] Ele não suportava que eu pudesse crescer também. Por isso é que eu achava que ele fazia essa pressão para eu não estudar, para eu não crescer; para eu não crescer como mulher. Então, eu ficava achando que aquele homem não servia para mim, e foi aí que nosso casamento foi começando a não dar, porque eu comecei a crescer, comecei a ter auto-estima. [...] Na época que eu trabalhava na *creperia* foi quando eu conheci o alemão que te falei, que eu me apaixonei pelo alemão. Mas nada de

²⁶⁴ Noções semelhantes estão presentes noutros contextos brasileiros (Rosa 2000a, 2000b, Piscitelli 2004a, Piscitelli 2007a), entre imigrantes sul-americanas, asiáticas e africanas na Suíça (Riaño e Baghdadi 2007), entre imigrantes brasileiras em Portugal (Lima e Togni 2012), na imaginação de homens alemães por parte de trabalhadoras sexuais dominicanas (Brennan 2001, 2004a), nos discursos de cubanas e brasileiras a justificar a preferência por companheiros espanhóis (Roca *et al.* 2008) e nas fantasias que mulheres de países do Sudeste asiático produzem sobre os ocidentais (Constable 2005). Na generalidade destes casos, depois de estadias na Europa e de experiências de convivência mais prolongadas com homens europeus, as projecções femininas iniciais são, por vezes, confrontadas com circunstâncias que desafiam a sua (suposta) legitimidade e colocam em causa a aura romântica em que estavam envolvidas.

programa. Era amor, paixão não sei o quê... Muito encantamento! Eu fiquei louca por ele, mas ele foi embora. Disse que me amava, que me adorava e que não sei o quê e que *daqui a dois meses eu volto...* e nada! De 2008 até hoje. Ele era muito diferente do homem nordestino. Muito diferente, muito diferente! Muito carinhoso, muito inteligente, muito educado, muito fino, muito agradável, eu não sei explicar... Ele é a encarnação, a materialização de tudo o que eu sonhei num homem! Esse homem, para mim, é a materialização de tudo o que eu sonhei! (brasileira, 42 anos, corretora, dois filhos).

Os elogios das nacionalidades europeias na apreciação da identidade de género masculina tendem, por vezes, a assumir-se como contingenciais e flexíveis (Blanchette 2011), constituindo uma estratégia feminina para assegurar determinadas vantagens e ganhos junto dos *gringos*. No entanto, genericamente, a forma como o *homem europeu* é representado e a sua valorização não deixam de exprimir subjectividades indiciadoras dos modelos de masculinidade (bem como de aliança e família) mais desejados pelas mulheres locais. E nestes modelos não têm grande acolhimento muitas das práticas de género que associam ao *homem brasileiro*, certamente ainda influenciadas pelo vincado patriarcalismo que, segundo Fryre (2006), terá tido grande expressão na região nordestina. Em sentido oposto, o estrangeiro configura, aos seus olhos, a hipótese de concretização de interesses de intimidade (v.g. envolvimento romântico, respeito, carinho, partilha, protecção, igualdade, estabilidade sentimental) e, assim, a possibilidade de *viver felizes para sempre*, de perseguir o seu próprio “conto de fadas” (Rosa 2000b) para realizar um “ideal de amor” (Lima e Togni 2012). Para elas, a aspiração máxima é encontrar um *príncipe encantado* que lhes proporcione romance e *vida boa*; dois dos seus principais e mais imediatos interesses. Lembro-me de algumas mulheres identificarem o filme *Pretty Woman* (1990) como a história de amor que gostariam de viver e, em concreto, o personagem masculino principal, interpretado por Richard Gere, como o *homem perfeito*: romântico, educado, bonito e rico.

3. Mulé’ tem que ficar esperta!

O aglomerado de interesses femininos associado à transnacionalização da intimidade mostra-nos que “women’s decisions in today’s global economy depend not only on economic survival but also middle class dreams of love, marriage, and a better life in contrast to what is available at home” (Schaeffer-Grabiell 2005: 106). Na tomada de decisões, a generalidade das mulheres em Ponta Negra possui considerável capacidade de

autodeterminação. As relações com os europeus, mesmo quando essas relações se circunscrevem ao exercício do sexo mercantil como ocupação laboral, permitem-lhes alguma margem de agência.²⁶⁵ A desfavorável localização social – posição em “hierarquias de poder” assentes em factores de estratificação social como a classe, a “raça”, a etnicidade, a nacionalidade e o género – (Mahler e Pessar 2001) e a violenta subalternidade estrutural em que se encontram não se traduzem mecanicamente na ausência de recursos de poder e na incapacidade de acção estratégica (Veissière 2011). Aliás, importa não esquecer que a estrutura não tem uma primazia determinística sobre a acção, nem tampouco uma e outra se relacionam em situação de exterioridade e antinomia. Na sua teoria da estruturação, Giddens (1979: 5) destaca que “[...] structure is both medium and outcome of the reproduction of practices. Structure enters simultaneously into the constitution of the agent and social practices, and ‘exists’ in the generating moments of this constitution”.

Não há pessoas absolutamente passivas, sem poder, por muito pequeno e difuso que ele seja (Foucault 1992). Os fracos, como diria Scott (1985), também têm as suas armas. Face à posição social e simbólica mais privilegiada dos *gringos* (homens, classe média, relativa afluência económica, turistas, europeus), as mulheres têm na corporeidade racializada e sexualizada²⁶⁶ e nas alegadas competências sentimentais de sedução e paixão – induzidas pelos próprios discursos de construção da sexualidade brasileira – importantes recursos negociais para exercer influência no espaço das suas interacções íntimas. São esses recursos que lhes permitem, sobretudo a um “nível micro-pessoal” (Cohen 1986), gerir as assimetrias face aos parceiros estrangeiros e, à escala das respectivas contingências relacionais, atenuar, ou mesmo subverter, em benefício próprio as posições relativas de poder, adoptando estratégias em funções dos seus objectivos imediatos e projectos de vida. O dominante pode, circunstancialmente, tornar-se dominado e vice-versa.

Sustentada nos recursos exóticos e eróticos, intrínsecos à condição de mulheres (e) brasileiras, a agência feminina é, em larga medida, construída através da transmissão

²⁶⁵ Esta perspectiva está bastante próxima do que é defendido por vários autores que têm analisado como as trabalhadoras sexuais gerem a sua actividade, designadamente as relações com os clientes (Hart 1998, O’Connell-Davidson 1998, Kempadoo 1999b, 2005, Handman e Mossuz-Lavau 2005, Ribeiro *et al.* 2007, Oliveira 2011). A transacção mercantil da intimidade feminina, seja nas esferas da sexualidade, do matrimónio ou do trabalho reprodutivo, não pressupõe um trespasse de poder e de capacidade de agência (Constable 2003, 2009, Campbell 2007).

²⁶⁶ Amplamente valorizada nas representações transculturais da brasilidade e que tem na *mulata* o seu grande arquétipo. Aliás, as próprias mulheres têm consciência desta valorização e da importância que os seus atributos/recursos corporais poderão assumir nas suas estratégias de ascensão social, como destaca Goldstein (2003: 123) para a generalidade das mulheres da favela do Rio de Janeiro onde desenvolveu a sua etnografia: “It is their *mulata* bodies, whose parts can also be described negatively in the context of African characteristics, that they believe allow them the possibility, however remote, of capturing an opportunity for social mobility”.

entre pares de saberes práticos e da partilha de experiências de intimidade transnacionais. As mais jovens vão aprendendo com as mais velhas modelos e expedientes de convivência com os europeus que visam assegurar-lhes suficiente ascendência sobre estes últimos para concretizar determinadas aspirações pessoais. Este processo de reprodução de orientações é especialmente notório no âmbito dos *programas*, bem como noutros cenários de prostituição (Ribeiro *et al.* 2007, Sacramento e Ribeiro 2010), onde as principiantes são socializadas pelas mais experientes para as competências técnicas, os “segredos” e os conteúdos identitários essenciais à “carreira” (Becker 1966). Embora com um saber-fazer passional menos engenhoso que o das *garotas de programa*, tal como estas, a maioria das mulheres adopta o imperativo da astúcia como condição para garantir ascendência estratégica sobre os homens em geral e os *gringos* em particular, pois além de homens são estrangeiros.²⁶⁷ Nas conversas que mantêm entre si, este imperativo é verbalizado de forma reiterada como se de um *slogan* de género se tratasse: *Mulé’ tem que ficar esperta!* Representa, assim, uma norma estruturante dos seus discursos de afirmação da identidade feminina. Na prática, tentam, dentro do possível, seguir a norma, aproveitando as relações transnacionais para fazer valer as suas aspirações. São abundantes os elementos etnográficos que comprovam a agência engenhosa destas mulheres no acesso aos companheiros europeus e na gestão da intimidade que com eles constroem. Vejamos alguns dos mais inequívocos.

Desde logo, o papel proactivo que assumem na constituição dos vínculos íntimos: fazem uma escolha deliberada de estrangeiros em detrimento de concidadãos e revelam espírito de iniciativa para estabelecer ou proporcionar os primeiros contactos, como já vimos. Em segundo lugar, a performance da autenticidade, turistificada e hiper-realista (MacCannell 1973, Bruner e Kirshenblatt-Gimblett 1994, Abbink 2004), que produzem em sintonia com as representações globais da *mulher brasileira* (alegre, afectuosa, apaixonada, *quente, boa de cama*), tendo em vista corresponder às expectativas dos turistas e, desse modo, assegurar condições propícias à concretização de certas pretensões. Em terceiro lugar, a capacidade de negociação dos termos dos relacionamentos em função dos próprios interesses, recorrendo à sedução, ao elogio, à promessa e ao simulacro de paixão. Por último, o aproveitamento das inúmeras oportunidades facultadas pelas tecnologias da globalização, sobretudo a internet, para ampliar as possibilidades de relacionamentos com

²⁶⁷ Noutras geografias turísticas massificadas, a astúcia configura, igualmente, um recurso relacional que os locais utilizam para lidar com os visitantes, integrando estratégias de resistência identitária ou, em sentido contrário, formas de exploração económica da cultura (MacCannell 1973, Boissevain 1996).

homens de países afluentes, atenuar os efeitos da distância, dar continuidade a esses mesmos vínculos e potenciar os ganhos de capital social e económico que eles possam proporcionar. Para tal, o conjunto de recursos digitais que utilizam é amplo e diversificado: redes sociais (v.g. *orkut*, *facebook*), sistemas de conversação com *webcams* (v.g. *MSN*), fóruns onde são postados anúncios de procura de companheiro(a), caso do *OLX*, salas de *bate-papo* temáticas (encontros, namoro, sexo) em que é identificada a nacionalidade dos intervenientes (v.g. *batepapo.uol*), e, cada vez mais, sítios específicos de relacionamentos como o *badoo*, onde estão inscritas pessoas de quase todo o mundo. Para ilustrar a forma expedita como usam estes meios de interacção global na tentativa de construção de projectos transnacionais de intimidade reproduzo aqui os anúncios publicados no *OLX* (secção *mulher procura homem* de Natal, Fortaleza e Salvador, 20/09/2008) por uma das minhas informantes, a Rossana (24 anos), nos quais (re)compõe alguns aspectos da sua identidade:

latina woman - Natal

sou uma mulher linda de 22 anos estou a procura de um cavalheiro homem serio. um europeu educado, boa aparência e inteligente morador ou não de natal, posso viajar e conhecelo pessoalmente trabalho no banco, sou charmosa, bonita e alegre. meu email [xxxxxx] beijos.

bella garota. – Fortaleza

sou uma garota bella seria, trabalho em banco e gostaria de me relacionar com um homem interessante europeu. sou bela, simpatica carinhosa linda, beautiful woman. gostaria de me corresponder com homens europeus residentes ou não residentes da cidade de natal e fortaleza. tenho lindas fotos de mim morena linda rosto angelical 22 aninhos e cheia de amor pra dar. (sem putarias) quero cavalheiros que queiram de verdade se relacionar. beijos.

sweet woman - Salvador

sou uma mulher bonita jovem de 22 anos estou a procura de um homem europeu ou americano que more ou não em salvador. sou seria trabalho no banco sensual e elegante, posso viajar para salvador para ferias ou ate mesmo morar no futuro do relacionamento. quero cavalheiros serios e educado (sem putarias) tenho lindas fotos escreva-me [xxxxxx] beijos.²⁶⁸

A incursão no espaço digital permite a muitas mulheres construir uma considerável rede de potenciais parceiros da outra margem atlântica, também eles activamente à procura de companhias amorosas no “supermercado” global da intimidade

²⁶⁸ Os anúncios receberam dezenas de respostas, sobretudo de italianos, holandeses, noruegueses e portugueses. Alguns deles encontravam-se no Brasil, naquele momento, e a maioria dos restantes tinha perspectivas de viajar para lá no curto prazo. São de destacar, ainda, as réplicas corrosivas de homens brasileiros, incomodados com o facto de o anúncio não os contemplar, e o contacto de uma agência matrimonial natalense, com filiais em Itália e Portugal, a disponibilizar os seus serviços.

que a internet vem tornando possível (Roca 2011). Com alguma frequência, estes contactos “virtuais” evoluem de tal modo que os intervenientes acabam por se encontrar ao vivo, o que, por norma, acontece mediante a deslocação do estrangeiro a Natal. Além de proporcionar o contexto e a oportunidade para uma primeira abordagem, a internet e as telecomunicações em geral constituem, ainda, dispositivos fundamentais na manutenção (e manipulação sentimental) das relações até ao próximo reencontro e, amiúde, na observância da obrigação masculina de *bancar* a companheira. Cumprem um papel semelhante ao das cartas entre mulheres tailandesas e turistas estrangeiros de que nos fala Cohen (1985), e que possibilitavam às primeiras assumir uma posição dominante nos relacionamentos à distância. Em Ponta Negra, como são poucas as mulheres que têm computador pessoal, a maioria recorre aos pequenos *pontos* comerciais de acesso à internet (*lan houses*) existentes na orla da praia e um pouco por todo o bairro. Dada a exiguidade e a escassa privacidade existente nestes espaços, as observações que aí efectuei permitiram-me constatar a agilidade das presentes na apropriação das novas possibilidades tecnológicas²⁶⁹ para comunicar com os namorados europeus. Ao mesmo tempo, proporcionaram-me elementos para compor uma noção aproximada dos conteúdos dos seus diálogos, que organizo sinteticamente em quatro grandes grupos temáticos: manifestações sentimentais recíprocas, solicitações de ajuda monetária ao interlocutor e acerto dos respectivos procedimentos de tramitação, narrativas de quotidianos e organização do reencontro no Brasil ou na Europa.

O campo de manifestações de agência que acabei de mapear integra, amiúde, procedimentos arditos e fraudulentos. A título de exemplo, eis alguns dos estratagemas mais utilizados pelas mulheres para garantir certas vantagens, sobretudo materiais, junto dos europeus com quem se relacionam: (i) inflação do número de pessoas do agregado doméstico, a ficção de laços de parentesco²⁷⁰ e a invenção de situações dramáticas como forma de justificação de solicitações de ajuda financeira (v.g. casos de doença de familiares que, por vezes, nem existem); (ii) instrumentalização de *juras de amor*, de promessas de fidelidade e, no caso das *garotas de programa*, do compromisso de abandono da actividade com o objectivo de assegurar que o *gringo* continue a *bancar* depois de regressar ao seu país; (iii) gestão indevida de verbas enviadas pelos companheiros, destinadas à realização

²⁶⁹ Utilizam *webcams*, por vezes recorrem a tradutores *online* para dialogar em línguas que não a sua e, frequentemente, mantêm conversações em simultâneo com vários homens.

²⁷⁰ Durante a estadia turística do seu namorado espanhol, uma mulher da *vila* apresentava um dos sobrinhos como filho para poder beneficiar de maior ajuda do *gringo*, não só durante o tempo que estavam juntos, como também ao longo do ano.

de investimentos, como aconteceu com um italiano cuja namorada se apropriou da maioria do capital que lhe mandou para iniciar as obras de instalação de um restaurante em Ponta Negra, enquanto ele, em Itália, tratava da mudança definitiva para o Brasil; (iv) orquestração de esquemas de chantagem semelhantes ao que pude apurar a partir do testemunho de um turista português, enganado por uma jovem de 17 anos que se fez passar por maior de idade e interpelou-o para um *programa*, mas logo após a chegada ao motel exigiu-lhe R\$500 de forma a não apresentar denúncia à polícia; (vi) execução engenhosa de furtos de dinheiro e bens, recorrendo a estratégias, umas mais dissimuladas que outras, de que o conhecido *golpe boa noite Cinderela* é um dos exemplos mais conhecidos²⁷¹. Muitas destas mulheres que ludibriam os companheiros estrangeiros parecem manifestar um certo sentimento de poder e orgulho das suas façanhas. Não revelam, por isso, qualquer tipo de inibição em assumir os seus procedimentos: *Dos gringos só quero a grana! Tenho noivo italiano há dois anos e há dois anos que enrolo [engano] ele! Ele quer casar, mas eu não* (24 anos, faz *programas*).

Considerando as capacidades femininas de autodeterminação e de concretização de actos de poder, comprovadas pelos elementos etnográficos que tenho estado a apresentar, o que dizer das perspectivas que concebem a transnacionalização da intimidade em contextos semelhantes a Ponta Negra apenas e só como um processo neocolonial e patriarcal de exploração de mulheres, despojadas de recursos significativos para impor as suas vontades e lutar pelos seus interesses (Graburn 1983, Enloe 2000, Rao 1999, Leite 2003, Leal e Leal 2003, Ouriques 2005, Bem 2005, Jeffreys 2008)? Que se trata de uma visão monolítica apoiada numa rígida bipolarização entre exploradores e exploradas (Campbell 2007, Rivers-Moore 2011), sem a flexibilidade suficiente para traduzir de forma densa dinâmicas da realidade que escapam à tirania conceptual do seu esquema de análise. Ou seja, uma visão redutora que apresenta as mulheres em causa somente enquanto vítimas, como se as suas identidades e circunstâncias se resumissem, exclusiva ou principalmente, a essa alegada condição de inoperância social.

O tráfico de seres humanos, envolvendo redes criminosas euro-brasileiras, é

²⁷¹ O alvo do furto é, previamente, deixado inconsciente mediante a utilização de sedativos misturados na bebida. Trata-se de um estratagema bastante usado no Brasil e noutros países. Em Ponta Negra tem acompanhado a expansão do turismo de massas e está particularmente associado ao contexto dos *programas*, como se pode perceber na notícia de jornal que passo a transcrever: “Italianos são vítimas do golpe ‘Boa Noite Cinderela’. Dois turistas italianos foram vítimas do velho golpe do ‘boa noite Cinderela’. Depois de contratarem duas garotas de programa em Ponta Negra e passarem a noite numa pousada eles acordaram com os bolsos vazios. As duas profissionais do sexo roubaram R\$1.400,00 e 2.600 euros dos estrangeiros e fugiram no início da madrugada de ontem. [...]” (Diário de Natal – Cidades 2004, n.º 1320: 3).

apresentado em discursos institucionais como um dos problemas mais frequentes de que serão vítimas em Ponta Negra.²⁷² Contudo, nenhuma das minhas informantes, muitas delas já com várias passagens pela Europa, descreveu situações em que as suas mobilidades transatlânticas tenham estado directamente associadas ao tráfico e à exploração sexual. Esta acentuada descoincidência revelada nas evidências etnográficas com que fui confrontado e, por outro lado, as grandes proporções do fenómeno, tal qual o apresentam as instituições que dele fazem o seu objecto de intervenção, poderão ser entendidas tendo em conta a retórica infundada e exagerada (*bullshit*) que, segundo Blanchette e Silva (2012: 109), caracteriza o relatório Pestraf: “[...] authors were more interested in acting as moral entrepreneurs [...] than as scientists and that the study has thus not so much revealed human trafficking in Brazil as actively created it through a successful implementation of a form of rhetoric labeled bullshit by American moral philosopher Harry G. Frankfurt”.

Os reducionismos que sustentam a dicotomia da vítima (mulher dos países do Sul) e do vilão (homem ocidental), bem como os “empreendimentos morais” com eles articulados, não são inocentes, nem defendem as supostas vítimas (Kempadoo 2005). Estão inquinados por ideologias, moralismos e interesses de terceiros: são sexistas, informados pelos valores da dominação masculina²⁷³; são maniqueístas, pois estabelecem divisões vincadas entre “bons” e “maus” (Júnior 2005), atribuindo aos primeiros a obrigação moral de salvar as vítimas; ajudam a justificar a existência de uma vasta fileira de organizações da “indústria da salvação” (Agustín 2007). Em simultâneo, produzem efeitos contraproducentes: reforçam o controlo social sobre a intimidade feminina, prescrevendo, dissimuladamente, modelos “adequados” de convivência; proporcionam álibis aos países ricos para políticas repressivas no campo das migrações (Constable 2006, Nieuwenhuys e

²⁷² No Nordeste brasileiro, em especial no Recife, Fortaleza, Salvador e Natal, o turismo internacional, o dito turismo sexual, as migrações femininas e o tráfico de mulheres para a Europa são identificados como termos de uma mesma equação, como se pode constatar em Leal e Leal (2003: 84), coordenadoras do primeiro grande relatório nacional sobre tráfico (Pestraf – pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual). Os resultados deste estudo apresentam o Brasil como um dos principais contextos de recrutamento internacional de mulheres por parte de redes criminosas, sendo que esses mesmos dados, apesar dos seus múltiplos enviesamentos (Blanchette e Silva 2012), têm vindo a ser utilizados como expressão fidedigna da realidade pelos meios de comunicação social e por instituições locais, nacionais e internacionais que lidam com o fenómeno. Situações semelhantes de construção e difusão de “verdades” sobre o tráfico são descritas, entre outros, por Agustín (2004, 2007), Weitzer (2007), Nieuwenhuys e Pécoud (2007), Bordonaro e Alvim (2008, 2011). Graças à etnografia é possível fazer-se a aferição destas “verdades” e delinear-se uma crítica sustentada das suas simplificações (Constable 2006, 2009).

²⁷³ A noção de vítima deixa de ser mobilizada quando estão em causa homens em situações sociais equivalentes, como nota Cabezas (2004: 1007-1008) para os contextos cubano e dominicano: “[...] women are seen to represent the incursion of capitalism, defilement of nationalist pride, and erosion of patriarchal domain. In contrast, male sex workers are perceived as a powerful extension of Cuban national identity, vanquishing the foreign intruder”.

Pécoud 2007); intensificam estigmas sobre as mulheres-vítimas, quer pela ideia de uma sexualidade transgressora que lhes associam, quer pela negação do reconhecimento da sua voz e da sua autodeterminação (Júnior 2005), atribuindo a situação em que se encontram não a actos volitivos conscientes, pois elas nem sequer teriam capacidade de escolha, mas à acção censurável de terceiros.

A intimidade com o estrangeiro não tem de ser um espaço de exploração, podendo ser vista, pelo contrário, como contexto portador de efectivo potencial de *empowerment* feminino, que facilita o acesso a novas escalas geográficas e sociais e proporciona diferentes possibilidades de “agência transnacional” (Mahler e Pessar 2001). Estas não implicam, forçosamente, a deslocação definitiva para a Europa, como se pode depreender, entre vários outros, do caso da Leide a que me referia algumas páginas atrás. Aliás, a deslocação definitiva, como conclui Piscitelli (2007a) – sobretudo para as migrações associadas a laços de conjugalidade que evoluíram a partir dos *programas* – pode até enfraquecer a agência das mulheres, pois subtrai relevância a determinados recursos (v.g. erótico-sexuais) que, no Brasil, lhes asseguram relativa ascendência no quadro das relações com os europeus.

4. Um continente de promessas e incertezas

A forma como as oportunidades de agência feminina entre as duas margens atlânticas são geridas e aproveitadas, embora indissociável da localização social das mulheres em causa, depende bastante de processos cognitivos como a imaginação (Mahler e Pessar 2001), com base nos quais são formuladas figurações qualificativas de diferentes lugares do mundo, construídas identidades e alteridades, e ideados possíveis contextos alternativos para se viver (Appadurai 1996, Mapril 2008a, Salazar 2011). Nestes “imaginários geográficos” (Said 2004),²⁷⁴ as representações de territórios e comunidades outras expressam muitos dos valores, fantasmas e desejos dos seus próprios autores (Gregory 1994, *in* Aldhuy 2004: 116). Todavia, como ressaltam Riaño e Baghdadi (2007: 45), “[...] les imaginaires géographiques ne sont pas de pures fictions; ce sont des fabrications, des constructions culturelles qui ont des conséquences réelles, matérielles”. As suas consequências são bem evidentes entre as jovens de Ponta Negra, sobretudo entre

²⁷⁴ Conceito utilizado por Said (2004) para se referir ao orientalismo como uma produção discursiva ocidental.

aquelas que nunca saíram do país. Imersas num “espaço cognitivo transnacional” (Mahler e Pessar 2001),²⁷⁵ a imaginação que elas fazem da Europa ou de alguns países e lugares em concreto, viajando em pensamento – “imaginative travel” (Salazar 2010: 6) –, tem repercussões significativas na maneira como orientam os seus projectos de vida. O grau de receptividade a eventuais deslocações para junto de homens do Velho Continente com quem mantêm relações de intimidade, e o formato, evolução e sustentabilidade das deslocações que concretizam reflectem, justamente, as ideias e (in)certezas sobre a *vida do lado de lá*.

O trabalho, a família, o consumo, o lazer, o papel do Estado, as relações de género, o acolhimento de estrangeiros e o clima (na dupla vertente de manifestação física e metáfora) são alguns dos aspectos sobre os quais recaem as concepções que informam o seu imaginário do quotidiano europeu. De um modo geral, são concepções vagas, entrecruzadas com distorções, dúvidas e indefinições.²⁷⁶ A começar pela localização e delimitação territorial. A maioria vê a Europa, abstractamente, como um destino que *está do outro lado do mar* (oceano), não tanto enquanto entidade continental com determinada proporção e configuração, e constituída por vários Estados. Por vezes, é considerada um país e comparada a países que dela fazem parte. As menções que lhe dirigem tendem a sobrepor-se a referências a nações em específico. Ou seja, generalizam e reportam-se ao todo e não tanto às partes, mesmo quando se trata de aspectos relativos a unidades de menor escala (países, regiões ou cidades). Com relativa excepção dos principais países de origem dos turistas de Ponta Negra, sobretudo quando a nacionalidade é usada como categoria mobilizadora de diferentes estereótipos sobre os *gringos*.

A par da ambiguidade geográfica, a Europa é associada nos comuns discursos femininos a imagens fragmentadas e estereotipadas que, em regra, comportam uma valoração positiva ou negativa, tendo no Brasil o termo de comparação imediato. O

²⁷⁵ Mais em concreto, num espaço cognitivo transatlântico. Os recursos cognitivos deste espaço constituem-se a partir de múltiplas fontes: imagens mediáticas, testemunhos de amigos e familiares mais viajados, representações colectivas, contactos com os turistas e internet. Esta última é, aliás, uma fonte bastante utilizada para aceder a informações mais detalhadas sobre destinos europeus, bem como a testemunhos na primeira pessoa e dicas de concidadãos aí emigrados, que criam e/ou intervêm em blogues como um sugestivamente intitulado *Mitos e verdades sobre morar na Itália* (www.brasilnaitalia.net/2009/10/mitos-e-verdades-sobre-morar-na-italia.html). Mas a internet é, também, um meio cada vez mais privilegiado para conhecer pessoas à distância e apreender elementos dos seus contextos, como nos mostra a passagem seguinte da entrevista da Alessandra: *Teve um período que passei mais de um ano teclando com um português e ficámos muito amigos. Eu sabia da vida dele e ele sabia da minha. Eu teclava com outros, mas esse a gente tinha uma amizade. [...] Todos os dias teclávamos, mas não chegámos a nos conhecer pessoalmente. Eu falava da minha vida toda; ele da vida dele, dos problemas dele. Falava de tudo... Tudo!* (brasileira, 42 anos, corretora, dois filhos).

²⁷⁶ Mais evidentes entre as mulheres com menor capital escolar e sem experiência acumulada de mobilidades transatlânticas.

resultado é um imaginário estruturado em dois grandes pólos. Um constituído por visões firmemente auspiciosas, que suscitam desejos e incentivam formas de agência baseadas na mobilidade transatlântica: *Gostava por demais ir na Europa! Lá é tudo de bom!* (brasileira, 21 anos, um filho, desempregada). Outro constituído por visões menos favoráveis ou menos peremptórias, que geram apreensões, receios e uma certa convicção de que a melhor opção estratégica passa pela permanência no Brasil: *Eu gostava de conhecer a Europa. Dizem que lá é bom, mas também tenho medo de deixar o meu cantinho. Teve aí uns gringos que disseram para eu ir com eles. Eles pagavam tudo para eu, mas não sei...* (brasileira, 27 anos, um filho, faz *programas*). Designo-os, respectivamente, por paradigma da terra prometida e paradigma da terra *fria* e incerta. Eles podem coexistir num só discurso, sob a concepção da Europa como *lugar de coisas boas, de coisas ruins e de muitas coisas desconhecidas* (brasileira, 19 anos, faz *programas*).

No primeiro paradigma, aquele com maior expressão social, situam-se suposições genéricas do continente europeu como a geografia da *vida boa*, onde se afigura possível melhorar a condição socioeconómica, aceder a bens e símbolos valorizados, ter uma boa qualidade de vida e concretizar certas aspirações sentimentais. No plano material terá para oferecer, alegadamente, oportunidades de trabalho, remunerações satisfatórias, ensejo de novos consumos²⁷⁷ e segurança em termos de protecção social do Estado. Na esfera da intimidade, como já vimos, é suposto que proporcione vivências românticas, equidade de género e uma cultura de respeito e comunhão no seio do casal que não existirá no Brasil. Tal como a prosperidade económica, o romantismo é uma noção quase imediata que muitas mulheres projectam sobre a Europa: *Quando eu via alguma coisa assim, um filme a mostrar a Europa, eu dizia: “Ai meu deus, imagina como seria fazer amor assim com a neve, tomando um vinho... Nossa, que cena mais romântica!” Eu sou muito romântica* (brasileira, 34 anos, ex-*garçonete*, dois filhos). Além de estimuladas pela indústria cultural global, estas idealizações positivas de âmbito material e relacional são reforçadas pelo contacto com os turistas em Ponta Negra, levando-as a assumir que a conduta e o estilo de vida deles em férias representam de facto aquilo com que podem contar dos homens no quotidiano europeu.

²⁷⁷ Consumo de *muitas coisas boas*; *lá é tudo muito chique!*, como ouvia reiteradamente, ainda que nem sempre as minhas interlocutoras soubessem com precisão quais as *coisas boas* a que se referiam. Não só em Ponta Negra, mas um pouco por todo o Brasil parece existir ainda um grande fascínio pelos artigos estrangeiros, sobretudo europeus e norte-americanos. Este fascínio é uma expressão dos “sonhos da modernidade” de que nos fala Mapril (2008a, 2008b) para o contexto dos fluxos migratórios do Bangladesh para Portugal.

No segundo paradigma inscrevem-se ideias de uma Europa com as suas adversidades, suscitando incertezas e apreensões.²⁷⁸ Possivelmente com um ambiente social, fechado, repressivo (logo a começar pelo controlo das fronteiras), pouco acolhedor para os imigrantes, marcado pela exagerada primazia do trabalho em detrimento do divertimento e onde as pessoas revelam alguma incapacidade para expressar sentimentos. Esta suposta frieza social é apresentada como uma espécie de reflexo de condições climáticas simbolicamente equivalentes. Ao mesmo tempo que é associado a categorias térmicas (frio) e cromáticas (cinzento) que remetem para um regime sensorial pouco aprazível, o clima é apropriado como metáfora para falar de eventuais características da sociedade europeia consideradas negativas.²⁷⁹ A articulação e síntese entre o clima físico e o clima-metáfora está bem patente no excerto que se segue:

Eu vejo uma Europa muito cinza, muito escura. Pessoas com agasalhos, pessoas muito formais, muito limitadas, que não se relacionam muito umas com as outras. Ou seja, pessoas que não se abrem como nós, brasileiros... Nós que falamos tudo, que gritamos, que rimos. Eu penso que [os europeus] são mais *pobres*, mais formais. Será? Estou certa? Penso que vocês quando chegam aqui se modificam. Quando vocês vem para cá, quando sentem esse clima nosso, ficam mais à-vontade. Quando sentem esse clima de liberdade, esse clima de sol, esse clima de... de expressar o que sente, sem ter medos, sem ter repressão, entendeu? Eu penso que não se beijam em público, que não se abraçam em público, que não gritam na rua. Eu penso que são diferentes nos seus países. Acho que tenho um pouco de medo de morar onde as pessoas são tão formais. Não sei... [...] Considero, principalmente nos países onde é de gelo, frio, que as pessoas são muito fechadas, muito formais e que as pessoas são muito solitárias. É isso? [...] Sempre, quando eu penso na Europa, eu penso assim: casacos, ou botas, ou lareira, um pouco de neve, um povo mais reservado, mais formal, muito rígidos, com horários, com a lei (brasileira, 42 anos, corretora, dois filhos).

Envolta em maior ou menor (des)encanto, a imaginação feminina da Europa está apoiada em perspectivas tendencialmente desfocadas, permeadas por inúmeros enviesamentos, inconsistências e desconhecimentos²⁸⁰, como reconhecem muitas das concidadãs que estão ou já estiveram emigradas: *A gente aí tem uma ideia de que chega lá [Europa] e tudo é maravilhoso. A gente fala: “Aí, traz um presente para mim”. Aí, eu penso: “onde é que ela pensa que eu tenho dinheiro?” Pensa que vamos lá na árvore pegar dinheiro. Não é fácil! Eu trabalho muito para ter o meu dinheiro* (brasileira, 40

²⁷⁸ Com a crise económico-financeira europeia e o regresso de muitos dos seus compatriotas, estas apreensões podem vir a assumir maior expressão.

²⁷⁹ A sua utilização como metáfora assenta em lógicas simbólicas semelhantes às da metáfora térmica a que recorre a maioria dos turistas, como vimos no capítulo IV, para traduzir diferenças sociais (incluindo aqui a intimidade) entre os dois lados atlânticos.

²⁸⁰ O que não configura propriamente uma situação singular. Tão somente algumas contingências intrínsecas à generalidade dos processos de representação da realidade, em especial quando estes versam sobre contextos distantes dos actores sociais.

anos, imigrante na Suécia, empregada doméstica, três filhos). Todavia, mesmo quando as imagens produzidas são as mais agradáveis não inibem alguns receios, que a comum expressão *bom demais p'ra ser verdade!* sinaliza sinteticamente. Os mais frequentes estão enraizados na representação do continente europeu como destino do tráfico de mulheres sul-americanas para a prostituição. Na sua primeira viagem para a Holanda, a Nilda (37 anos, desempregada) teve de conviver com estes receios muito por culpa do pânico que a sua mobilidade, associada a um relacionamento transnacional, suscitou entre amigos e familiares: *Meus amigos diziam: “Você não conhece ele [Idesbald, o companheiro] direito!” Minha mãe: “Você, cuidado!”. Minha mãe não gostou nada da ideia: “Esses gringos, assim... chega lá é para se prostituir”. Eu só disse para ela: “Mãe, ele não tem cara de ‘cafetão’ [proxeneta], não”.*

A chegada à Europa confronta, gradualmente, estas mulheres com muitas circunstâncias que, em Ponta Negra, à partida, não imaginavam. Nalguns casos, a efectiva experiência da realidade está em sintonia ou, eventualmente, até supera as melhores expectativas. Contudo, em bastantes outros o resultado é uma (relativa) desilusão entre o esperado e o que vai sendo vivenciado no decurso da vida quotidiana²⁸¹, um pouco em linha com o que é constatado nos trabalhos de Brennan (2004a), Piscitelli (2007a) e Riaño e Baghdadi (2007) sobre mulheres da América do Sul na Alemanha, Itália e Suíça, respectivamente. São três os principais focos do seu desapontamento: (i) a Europa em geral e o *gringo* que conheceram em particular não lhes asseguram os níveis elevados de prosperidade e bem-estar que as suas fantásticas expectativas davam como certo; (ii) ao contrário do esperado, os europeus não são assim tão condescendentes e progressistas em questões de género, sobretudo quando estão em causa mulheres racializadas e sexualizadas, à semelhança das brasileiras; (iii) nem o companheiro tão *cavalheiro* e romântico como aparentava durante a(s) sua(s) estadia(s) nos trópicos. Além do mais, numa ecologia social que lhes é estranha, onde têm poucos ou nenhuns apoios de familiares e amigos, e na qual dificilmente poderão mobilizar recursos e recorrer a expedientes vários com a mesma eficácia com que o faziam em Ponta Negra, a sua capacidade de agência fica deveras limitada. Daí que algumas delas regressem ao Brasil, voltando a um ambiente que lhes é familiar, onde se movimentam habilmente e poderão reencontrar condições mais favoráveis à concretização dos projectos pessoais.

²⁸¹ Até porque, à partida, as ilusões são muitas e as expectativas altas. As ideias de um destino próspero, romântico e propício à igualdade de género configuram o paradigma de idealização da Europa que recolhe maior adesão social.

A experiência gorada funciona para as próprias como uma importante referência na ponderação de novas deslocções, podendo ditar a firme decisão de permanecer em Ponta Negra, mesmo quando estão em jogo relações mais consistentes com europeus: *Já estive em Itália com o meu noivo. Óh lugar frio e escuro! Não quero sair daqui, não!* (brasileira, 24 anos, faz *programas*). Para potenciais interessadas na mobilidade transatlântica, a desilusão e conseqüente retorno de concidadãs funciona como factor de demonstração negativo que rivaliza com experiências de sucesso de que também têm conhecimento. Lança, assim, uma certa incerteza na quimera romântica de *encontrar o gringo certo, ir para a Europa, viver feliz para sempre* e, conseqüentemente, suscita a adopção de atitudes mais selectivas e prudentes: *Já recebi muitas propostas para ir na Europa, mas só saio daqui se confiar muito na pessoa e for feito tudo certinho. Mesmo assim iria ser muito difícil para mim ir!* (brasileira, 25 anos, faz *programas*, um filho).

Expostas aos relatos de terceiras pessoas e à informação dos *mediascapes* globais (Appadurai 1996), as mulheres de Ponta Negra, através de exercícios difusos de imaginação transatlântica, constroem “sistemas representacionais” (Salazar 2010: 8) que lhes proporcionam importantes referenciais de regulação dos seus próprios trajectos biográficos. Apesar de pouco precisos ou até mesmo ilusórios, é a partir desses sistemas que identificam supostas vantagens e desvantagens entre o Brasil e a Europa de que resultam contabilidades pessoais multi-factoriais entre o efectivo (*aqui*, condições presentes) e o expectável (*lá*, prováveis condições futuras) que informam as suas escolhas de determinada(s) geografia(s) de vida. Permanecer no Brasil, ensaiar algumas estadias no continente europeu em jeito de experimentação, emigrar ou viver sazonalmente nos dois contextos são as grandes opções que têm pela frente.²⁸² Qualquer que seja a opção de mobilidade, ela estará, em princípio, directamente coligada à constituição de espaços transnacionais de intimidade.

²⁸² Embora condicionadas pelas estruturas capitalistas, as decisões de emigrar ou não, porquê, como e para onde dependem largamente da imaginação, volição e agência dos actores sociais (Riaño e Baghdadi 2007).

Capítulo VI.

Vinculações transatlânticas flexíveis: deslocações, aliança e residência

As relações íntimas que europeus e mulheres locais estabelecem no Nordeste brasileiro não representam, necessariamente, meros episódios fugazes nas experiências turísticas dos primeiros, pelo que, mais uma vez, poderemos questionar aqui a operacionalidade empírica do conceito de turismo sexual. Com alguma recorrência, a partilha de intimidade entre uns e outras estende-se ductilmente no tempo e no espaço, sobrevive à relativa efemeridade da estadia turística e vai ganhando alguma espessura social. Daí resultam formações conjugais associadas a um amplo feixe de mobilidades no âmbito do qual se (re)definem relações com diferentes lugares e pertenças geográficas. É justamente na intersecção entre a aliança e os fluxos transatlânticos de pessoas que agora amplio e centro a análise, tentando mostrar que aí são produzidas, simultaneamente, vinculações variáveis e flexíveis de intimidade, residência e mesmo de cidadania.²⁸³ A flexibilidade como marca de processos transnacionais intensificados pelo chamado capitalismo tardio é uma ideia bastante explorada por Ong (1999, 2006), sobretudo por via do conceito de “flexible citizenship”, através do qual discute “[...] the cultural logics of capitalist accumulation, travel, and displacement that induce subjects to respond fluidly and opportunistically to changing political-economic conditions” (1999: 6).²⁸⁴

Início este capítulo com uma análise do desenvolvimento de formas de conjugalidade que têm a sua génese nos encontros passionais em Ponta Negra e das estratégias de mobilidade que lhes são subjacentes. O objectivo passa por compreender as metamorfoses de relações que começam como *programa*, *namoro de Verão* ou simples *affair* e, apesar do oceano de constrangimentos a que estão sujeitas, evoluem para configurações relacionais mais consistentes, como projecto de casal. Os caminhos desta

²⁸³ Aqui entendida segundo uma noção antropológica “[...] that goes beyond legalistic definitions to encompass the more informal aspects of how people are integrated into their cultural milieus [...]” (Inda 2000: 86).

²⁸⁴ Vejam-se, ainda, Ho (2008) e Kanna (2010).

evolução são múltiplos. Um dos mais comuns e normativos conduz ao casamento segundo o direito civil. É dele que me ocupo num segundo momento do capítulo, tentando decifrar os principais elementos característicos dos matrimónios que emergem no contexto da transnacionalização da intimidade entre Ponta Negra/Natal e o continente europeu. De seguida procuro mostrar que o casamento convencional, bem como outros vínculos pós-convencionais de afinidade (Vaitsman 1994, Aboim 2004, 2009, Beck e Beck-Gernsheim 2004, Budgeon e Roseneil 2004, Levin 2004, Holmes 2010), situando-se a uma escala internacional, pressupõem, intrinsecamente, determinadas formas de gestão da mobilidade e da residência. No conjunto destas estratégias é bastante comum a deslocação migratória feminina para o país do respectivo companheiro, segundo uma orientação hemisférica Sul/Norte. Este é um fenómeno que tem vindo a ser abordado por inúmeros estudos em diferentes contextos (Brennan 2001, 2004a, Riaño 2003, Piscitelli 2004c, 2007a, 2009, Constable 2005, Roca 2007a, 2007b, Roca *et al.* 2008, Raposo e Togni 2009, Yang e Lu 2010, Puerta e Masdéu 2010).²⁸⁵ Menos comuns e também menos estudadas têm sido as migrações inversas – de homens ocidentais para os países do Sul, ao encontro das suas companheiras – e os movimentos pendulares sazonais entre os países dos consortes. Procuro, por isso, dedicar-lhes também alguma atenção na parte final do capítulo.

1. Reencontros, prospecções e projectos conjugais

Iniciadas no cenário do turismo internacional em Ponta Negra, uma parte considerável das relações passionais euro-brasileiras tem continuidade após o regresso dos turistas aos respectivos países na Europa. Aqui, como noutros contextos, a distância não dita, automaticamente, o fim da intimidade (Holmes 2004). A sua persistência transnacional, como se poderá depreender do que foi sendo dito em capítulos anteriores, é alimentada por expectativas e interesses vários, de parte a parte, e facilitada pelas recentes possibilidades tecnológicas (*v.g.* internet, desenvolvimento dos transportes aéreos) de construção de novas formas de convivência íntima. Neste processo, as mulheres são especialmente proactivas, como constatei quando uma turista interna de Belo Horizonte (40 anos, funcionária pública), amiga de uma informante, me solicitou a tradução para inglês de uma mensagem escrita num guardanapo, que iria enviar por correio electrónico a

²⁸⁵ Muitos destes trabalhos referem-se, aliás, a mulheres sul-americanas que migram para a Europa no quadro de projectos conjugais com homens europeus.

um turista sueco com quem havia tido um breve *chamego* (relação intensa) em Ponta Negra. Dessa mensagem constava o seguinte: *Olá, tudo bem, é o que eu espero. Estou em Natal e me lembrei de voce. Quando retorna a Natal?.* Achando o conteúdo muito pobre, a amiga faz-lhe uma outra; essa sim, declaradamente passional: *Amor, estou com muita vontade de reve-lo. Não consegui esquece-lo. Aguardo noticias em breve. Beijos de alguem que se apaixonou por ti.* Passado pouco tempo, disse-me que *chegou email do sueco* e que há a possibilidade de se voltarem a encontrar.

De tempos a tempos, muitos dos relacionamentos que resistiram à distância espacial são retomados no seu formato presencial, através de novas deslocções masculinas ao Brasil e/ou de deslocções femininas à Europa. No aeroporto Augusto Severo, em Natal, pude presenciar a chegada de europeus e o seu reencontro com as companheiras locais, bem como a partida de outras mulheres para passar uma temporada com os seus *gringos* na Europa. É caso para dizer que a transnacionalização da intimidade gerada no contexto do turismo é ela própria, a jusante, responsável por novos fluxos turísticos, incluindo alguns que, à partida, seriam pouco prováveis: aqueles que integram brasileiras pobres e que têm a Europa como destino,²⁸⁶ mostrando-nos que as posições “turista/nativo” não são fixas e podem inverter-se (Bruner 2005).

São bastantes os europeus com um total de visitas turísticas ao Nordeste brasileiro muito significativo²⁸⁷ e, por outro lado, é considerável a quantidade de mulheres de Ponta Negra que já esteve pelo menos uma vez no Velho Continente. A mobilidade destas últimas tende a coincidir com os períodos (Março a Junho, Setembro a Novembro) de menor movimento de estrangeiros nas praias natalenses e, raramente, vai além dos três meses, tempo máximo de permanência (passível de extensão por igual período) que, enquanto turistas, lhes é concedido à chegada. A sua deslocção é feita quase sempre a convite dos companheiros da outra margem atlântica. São eles que assumem responsabilidades determinantes na organização e financiamento da deslocção. Informam e ajudam em procedimentos burocráticos, de modo a facilitar a entrada na fortaleza selectiva em que está sendo transformado o espaço europeu (Sacramento e Ribeiro 2011).²⁸⁸ Compram o bilhete de avião, eventualmente adiantam algum dinheiro para a

²⁸⁶ Nas suas disputas estatutárias locais, estas mulheres evocam constantemente a componente turística das suas mobilidades internacionais como capital simbólico.

²⁸⁷ Veja-se a secção inicial do capítulo IV.

²⁸⁸ Geralmente enviam-lhes carta-convite para apresentar às autoridades aduaneiras, na qual se responsabilizam pelo seu acolhimento e subsistência durante a estadia. Via telefone ou e-mail aconselham-nas, ainda, a recorrer a determinadas estratégias de apresentação do eu (v.g. vestuário e comportamento discretos) no dia da viagem, com o objectivo de evitar eventuais conotações com a prostituição, que poderiam inviabilizar a autorização de entrada na Europa.

aquisição de roupa ou de malas de viagem e asseguram a generalidade das despesas da estadia. A descrição da primeira viagem da Nilda para a Holanda é ilustrativa:

Todo o dia, todo o dia a gente [ela e o namorado holandês] se falava pela internet. Aí, ele falou assim: *Você quer vir para cá?* Aí, eu falei: *Eu não tenho nem passaporte (nunca viajei) e nem dinheiro para pagar a passagem.* Aí, ele: *Não, mas eu vou mandar para você tirar o seu passaporte.* Aí, eu fui, tirei o meu passaporte e vim [para a Holanda] por 15 dias dessa vez. Ele me falou também que ia mandar a passagem; e mandou pela internet. Eu fui buscar a passagem e vim (brasileira, 37 anos, desempregada, ex-cozinheira).

O processo desenrola-se, em regra, com uma celeridade impressionante. Numa questão de dias pode, facilmente, dar-se o conhecimento entre ambas as partes, o seu (suposto) envolvimento amoroso – expresso em formas de tratamento recíproco como *meu amor* – e o convite e respectiva aceitação para ir à Europa. Esta instantaneidade da intimidade e do projecto de *passar um tempo junto do gringo* é permeada, todavia, por uma considerável volatilidade. Por vezes, o que é dado como uma certeza cai numa certa indefinição, esmorecido pelo tempo e/ou pela distância, acabando por ser sujeito a sucessivos adiamentos ou por não se concretizar. Geralmente, sem quererem formular explicações e parecendo encarar a mudança de planos como uma situação bastante comum, as mulheres em Ponta Negra tendem a produzir justificações indeterminadas para o sucedido: *surgiu um troço aí e não dá para ir não!* (brasileira, 22 anos, com um filho, faz programas).

Quando realizadas no âmbito de relações relativamente recentes, as mobilidades femininas representam uma oportunidade para, num cenário distinto e subordinadas a novas circunstâncias quotidianas, ambas as partes procederem à (re)apreciação dos vínculos iniciados nos trópicos: *Agora em Maio [2010], ela vai lá [Portugal] por três meses ver como é aquilo, e depois tentar-se adaptar lá. Se der, deu, se não der, não deu! Vai à experiência, agora. A panela que faz sopa para uma pessoa faz para duas. Se vir que não dá, “olha aqui tens dinheiro para voltar para o Brasil”* (turista português, 71 anos, reformado). O período de tempo passado em conjunto funciona como um estágio de prospecção para a tomada de decisões sobre o futuro e os termos da ligação. Permite-lhes aprofundar o conhecimento mútuo e calibrar as representações prévias, produzidas ainda no Brasil, sobre o/a parceiro/a e a vida na Europa. As práticas de género são particularmente visadas neste processo de aferição cruzada, pois a génese e as perspectivas de continuidade dos relacionamentos em causa foram, em larga medida, impulsionadas por determinadas ideias de *mulher brasileira* e de *homem europeu*.

Para as recém-chegadas, além das questões de género, são igualmente

importantes, escrutinadas e ponderadas as condições materiais, a integração social e a adaptação ao novo quotidiano. No âmbito deste exercício, algumas mulheres aproveitam a estadia para fazer uma espécie de périplo prospectivo entre localidades ou até mesmo entre países, visitando vários homens que conheceram em Ponta Negra e com quem foram mantendo contacto. Procuram, assim, articular e maximizar diferentes interesses através de múltiplas relações e, se possível, identificar, comparativamente, o parceiro que reúne melhores condições para lhes proporcionar, em simultâneo, *vida boa*, romance e possibilidade de casamento. Eis de seguida duas breves vinhetas etnográficas sobre dois casos que acompanhei em Itália. As respectivas protagonistas femininas têm perfis distintos, o que reforça a minha convicção de que a estratégia em causa não é exclusiva de mulheres que fazem *programas*, embora a sua actividade a facilite, pois permite-lhes construir uma numerosa rede transatlântica de contactos masculinos.

Enquanto estive no Brasil, o Luigi envolveu-se com uma mulher que fazia *programas* e convidou-a para o visitar na Europa. Disse-lhe que asseguraria todas as despesas relacionadas com a viagem e a estadia. Ela aceitou e cerca de um mês depois da despedida já estavam de novo juntos, agora em Itália. Instalaram-se na casa dos pais dele em Aosta. Passado pouco tempo, a convivência entre ambos começou a degradar-se quando o Luigi se apercebeu que a companheira estava constantemente a fazer telefonemas para outros homens italianos que havia conhecido em Ponta Negra. Entretanto, ela aproveitou a instabilidade na relação como pretexto para sair de Aosta e fazer um périplo por vários sítios de Itália, ao encontro dos seus conhecidos. No entanto, não foi muito bem sucedida ou o que encontrou não foi do seu agrado. Passadas cerca de três semanas entrou em contacto com o Luigi e pediu-lhe para a acolher novamente. Alegou que gostava muito dele e que não tinha mais para onde ir. Comparando-o com os demais escolheu-o porque ele é, decerto, aquele que considera ser a melhor opção para a sua vida sentimental, material e familiar. Foi aceite de volta e agora leva quase três meses em Itália. Com a autorização de permanência prestes a terminar têm estado ambos a avaliar o que fazer para ela não ter de regressar ao Brasil (notas de campo, Aosta, 10/10/2010).

Um par de meses após a Raissa e o Antenore terem tido um breve “namoro de Verão” no Brasil, ela telefonou-lhe para Itália dizendo-lhe que estava em Espanha a representar a empresa onde trabalhava e que gostaria de o ver. Ele acedeu de imediato. Pagou-lhe o bilhete de avião e estiveram uns dias juntos em Itália. Antes de tornar ao Brasil, a Raissa passou em mais algumas localidades italianas para se encontrar com outros homens que também conhecera em Ponta Negra. Aliás, terá acontecido uma situação semelhante em Espanha, segundo um informante que a conhece razoavelmente. Esta expedição mediterrânica permitiu-lhe, certamente, fazer uma prospecção de diferentes cenários para escolher o parceiro que melhor corresponderia às suas pretensões. E acabou por escolher o Antenore para construir uma relação que viria a resultar em casamento (notas de campo, Milão, 26/10/2010).

Entre as expectativas recíprocas anteriores ao reencontro e a experiência efectiva de convivência em contexto europeu ocorrem, por vezes, acentuadas dissonâncias e decepções, também descritas noutros trabalhos (Brenann 2004, Piscitelli 2007a). O género

é, como já vimos, um dos principais focos do desencanto que pode emergir na deslocação transatlântica. Elas deixam de parecer aos olhos dos companheiros tão *simples, tradicionais* e tão vantajosamente diferentes das europeias, como se pode constatar na decepção expressa pelo Gentile face a uma mulher natalense que passou cerca de um mês com ele em Aosta: *Ela só queria sair e “transar”. Eu passava todo o dia a trabalhar na montanha e depois... Já não dava. Ela era tão preguiçosa que, mesmo o café que podia fazer em casa, ia tomá-lo a um bar em frente. Não fazia nada. Só comia, dormia e via televisão.* Por outro lado, aos olhos das parceiras, eles perdem a aura de príncipes encantados que tão vincadamente os diferenciava dos homens brasileiros. Um outro potencial foco de desencanto – este exclusivo da parte feminina – advém de situações que mostram que a Europa não é, afinal, a terra prometida inicialmente imaginada.²⁸⁹

A maior ou menor conformidade entre as suposições de Ponta Negra e as constatações feitas já do outro lado do oceano tem, como é óbvio, um papel determinante na definição da trajetória do relacionamento. Quando a convergência entre esses dois momentos é escassa e as partes não vislumbram no seu quadro social comum possibilidades de concretização de expectativas prévias, o fim da relação é o desfecho mais provável.²⁹⁰ Pelo contrário, uma maior convergência tende a traduzir-se no reforço da partilha de intimidade e, amiúde, na sua progressiva configuração em formato de casal. É nesta evolução que agora centro a análise, tentando mostrar, simultaneamente, a plasticidade que caracteriza a formação de espaços conjugais transnacionais. Começo por contextualizar a exposição através de uma breve indicação de algumas das principais tendências sociais contemporâneas da vida a dois.

De um modo que é indissociável das transformações estruturais nas esferas do trabalho, das relações de género, da família e da sexualidade, a conjugalidade tem vindo a conhecer nas últimas décadas acentuadas mudanças, em particular nos países ocidentais (Kaufmann 1993, Singly 1996, 2000, 2004, Giddens 2001, Théry 2000, Neyrand 2002, Torres 2002, Beck e Beck-Gernsheim 2004, Aboim 2004, 2009). Entre estas, destacam-se mudanças graduais em duas grandes direcções: (i) a da desinstitucionalização da união

²⁸⁹ Veja-se a parte final do capítulo V.

²⁹⁰ Nesse caso, grande parte das mulheres regressa ao seu país e retoma o quotidiano de contacto com *gringos* em Ponta Negra. Muitas acabam, mais tarde, por experimentar novas mobilidades para a Europa e, mesmo que estas, à semelhança de anteriores, não permitam dar início a projectos conjugais, não deixam de lhes garantir alguns proveitos, como as próprias reconhecem. Graças a essas mobilidades acedem, gratuitamente, a experiências turísticas e a consumos de outra forma inacessíveis. Por outro lado, devido à considerável duração da estadia, por vezes têm oportunidades para desempenhar pequenas tarefas remuneradas, o que, a juntar a eventuais *ajudas* dos parceiros, lhes permite voltar ao Brasil com algum capital e as malas carregadas.

conjugal, cuja face mais visível é o esmorecimento da hegemonia do casamento como rito de passagem instaurador da vida em casal;²⁹¹ e (ii) a da individualização, ou seja do reforço das idiossincrasias e das aspirações pessoais na relação, de que resulta a transição do “couple chaînon” para o “couple duo” (Théry 2000). Isto não significa, necessariamente, que estejamos a assistir à proliferação de modelos de convivência marital. O que, de facto, está a mudar é o próprio modo de construção da conjugalidade (Kaufmann 1993). A generalidade dos casais transnacionais formados a partir dos encontros iniciados em Ponta Negra ilustra de forma bastante pertinente esta mudança. Ainda que muitos tenham contraído legalmente matrimónio, a sua constituição, em regra, não é determinada pelo casamento. Quando acontece, este tende a ser uma consequência conveniente da vida conjugal e não tanto a sua instituição fundadora ou, como genericamente defendem Bernier e Lemieux (1998: 43), ele “[...] vient confirmer plutôt qu'initier l'existence du couple”. Aliás, mesmo não estando (ainda) formalmente casados, os próprios actores sociais, em especial as mulheres brasileiras, falavam-me dos companheiros europeus como *maridos* e referiam-se a si mesmas como *mulheres casadas*.

Mas se o casamento não estabelece o início, quando e como se constituem os casais no espaço social que se estende entre Ponta Negra e a Europa? A resposta não é linear e muito menos consensual, dada a complexidade e polimorfia do processo, bem como as muitas perspectivas e critérios que podem ser adoptados na sua análise. Ensaio uma abordagem à questão inspirado nos trabalhos de Kaufmann (1993, 2002, 2007), em concreto na sua concepção da génese e consolidação do casal como um ciclo que, apesar de dinâmico e de configuração variável porque associado às trajectórias biográficas dos consortes, é passível, de ser estruturado analiticamente em três grandes fases: as descobertas, a ambiguidade e o conforto. Tendo como referência algumas ideias deste ciclo trifásico, julgo ser possível esboçar um ordenamento conceptual genérico, em jeito de visão panorâmica, dos cenários de conjugalidade que emergem no contexto da transnacionalização da intimidade entre Ponta Negra e a Europa.²⁹² Aqui, olhando para as dinâmicas dos laços que persistem para lá da efemeridade do momento turístico,

²⁹¹ No trabalho de Kaufmann (1993), como adverte Déchaux (1995), apesar de ser admitida a crescente emancipação da conjugalidade face à instituição formal do matrimónio, é amplamente relativizada a ideia da desinstitucionalização como sinónimo de ausência de rituais e de regulação. Através do conceito de injunção – práticas repetidas segundo maneiras culturalmente herdadas e incorporadas como evidências identitárias –, “[...] Kaufmann souligne l’importance de la socialisation, tant antérieure que contemporaine à la vie de couple. C’est en fonction de la trajectoire sociale et personnelle de chacun que se définissent les attentes identitaires, que le couple se construira et se stabilisera” (Déchaux 1995: 534).

²⁹² É importante ressaltar que, à luz das singularidades deste contexto etnográfico, as referências teóricas kaufmannianas devem ser sempre encaradas com as devidas reservas, simplesmente como um ponto de partida distante e flexível (de entre outros possíveis) no processo de tradução conceptual da realidade empírica.

rapidamente se constata a existência de diferenças significativas na sua maturação como projectos conjugais.

Uns, ainda numa etapa precoce, circunscrevem-se, essencialmente, ao tempo curto do presente: às descobertas e dúvidas quanto aos sentimentos e interesses de parte a parte. É aí que, paulatinamente, em função de expectativas, afinidades e diferenças, começa a definir-se o futuro imediato da convivência. A importância que é conferida aos aspectos sentimentais, em especial por parte das mulheres, contraria o estereótipo desumanizante segundo o qual elas apenas procuram bem-estar material junto dos europeus: *Tudo o que tinha nele [ex-namorado] era especial. Não me importava o dinheiro dele. Isso aí era o menos importante. Eu queria ele!* (brasileira, 24 anos, faz programas); *Peço a Deus todo o dia para me apaixonar pelo meu namorado italiano, porque vale a pena. Eu não amo ele. Eu gosto dele mais como amigo do que para estar junto. Mas é uma pessoa que vale a pena!* (brasileira, 22 anos, empregada de loja de roupa). Aliás, a existência de um forte envolvimento sentimental é, frequentemente, apontado como pressuposto decisivo para assumir compromissos mais consistentes que ofereçam perspectivas de protagonizar a tão desejada história de amor:

Não quero casar porque eu não amo ele não! Eu quero casar o dia que eu amar um homem de verdade. O dia que eu veja que só quero estar com ele, que não vou olhar para os amigos dele, que não vou desejar os amigos dele, está entendendo? Tem de ser aquela pessoa que chegou e bateu aquela química e vou ficar só com ele. Só quero ele e acabou-se o mundo! O resto dos homens que se *lasquem*. Amanhã eu posso encontrar alguém assim (brasileira, 24 anos, faz programas).

A clarificação de condições e possibilidades de desenvolvimento da relação sucede, em princípio, nos primeiros reencontros após a experiência passional inaugural em Ponta Negra, seja através das visitas e prospecções femininas ao continente europeu, de que atrás se falava, ou do regresso dos companheiros ao Nordeste brasileiro para novas estadias turísticas, como é mais comum acontecer. Estes reencontros exploratórios estendem-se ao longo de um ano ou mais e sucedem-se entre diferentes intervalos temporais, com destaque para cadências na ordem dos três meses: *Já tive um namorado de Roma e um de Milão. Com o de Milão passei um ano namorando com ele e com o outro passei seis meses. O de Milão vinha de três em três meses aqui e só ficava uma ou duas semanas* (brasileira, 34 anos, massagista, dois filhos). Referindo-se a um namorado mais recente, de nacionalidade suíça, esta mesma mulher deixa transparecer que estará prestes a passar de uma situação em que iam *ficando* para uma outra mais consistente de *namoro fixo*: *Em Março [2010] fico lá [Suíça] durante três meses. Quando volto, ele volta comigo*

para passar seis meses aqui em Ponta Negra. Aí, quando ele for, eu vou de novo. Agora, ele diz que quando ele voltar, ele vai querer assumir um namoro fixo. Porque ainda não está fixo. Nós ia ficando.

Um pouco mais adiantados no processo de conjugalidade, outros relacionamentos caracterizam-se pelo predomínio da ambiguidade que Kaufmann (1993) identifica como a marca do segundo grande momento do percurso de instalação do casal. Nesta fase, os códigos de interação entre os parceiros começam a definir-se, regulando procedimentos, negociações e acertos mútuos, a partir dos quais se inicia a constituição de um espaço identitário comum. Embora já praticamente estruturados como casal, a situação é ambígua, sobretudo porque os próprios não têm uma apurada noção da densidade do vínculo que os une e daquilo que está em curso. Para muitos destes “quase-casais” (Kaufmann 2002), a partilha do quotidiano assenta num regime de coabitação sazonal. Sujeita a condicionalismos vários e a inevitáveis intermitências, fruto da própria geografia da relação, a sua coabitação concretiza-se de forma alternada no tempo e no espaço.²⁹³ Ao longo do ano intercalam períodos de afastamento com períodos de dois, três meses ou mais em companhia: umas vezes no espaço europeu, outras nos trópicos, graças a sucessivas deslocações femininas e masculinas, respectivamente. Numa das visitas de três meses que a Nilda costuma fazer ao seu namorado Idesbald, a viver em Lelystad (Holanda), pude testemunhar²⁹⁴ como a sua ligação, já com três anos, apesar de ser assumida por ambos com aparente descomprometimento, se encaminha para um formato de casal. As expressões de ciúme, a vincada valorização da fidelidade, as pequenas tensões e negociações aquando da realização de compras para a casa²⁹⁵ ou da ocupação dos tempos de lazer, a organização do espaço doméstico e os breves apontamentos sobre possíveis cenários de médio e longo prazo constituem indícios claros de uma conjugalidade em progresso. Todavia, é certo que o regresso dela ao seu país, ou o dele à Europa após as múltiplas viagens anuais que faz ao Brasil, geram interrupções que condicionam a evolução da relação. O mesmo se aplica a muitos outros casos semelhantes.

²⁹³ Com os seus quotidianos estabelecidos em contextos tão distantes e diferentes, e num momento em que ainda não têm uma clara percepção das possibilidades futuras do espaço de intimidade emergente, esta é uma estratégia que os próprios intervenientes consideram ajustada para, no curto prazo, dar continuidade à relação.

²⁹⁴ A semana que passei em casa deles permitiu-me um acompanhamento abrangente e muito próximo dos seus quotidianos.

²⁹⁵ Foi o que aconteceu, logo no dia da minha chegada a Lelystad, na compra da carne para o churrasco que iríamos fazer no dia seguinte. O Idesbald pediu apenas carne de porco e a Nilda queria também carne de vaca. Seguiu-se uma breve, mas intensa, troca de argumentos – ele num registo sereno, ela mais exaltada, o talhante expectante – e só depois conseguiram o consenso quanto ao pedido a fazer.

A sucessão de separações e de reencontros tende a persistir até estarem reunidas condições legais, logísticas, económicas, familiares, entre outras, que proporcionem a mobilidade migratória de uma das partes para o país do(a) companheiro(a) ou, eventualmente, mobilidades conjuntas, alternando estadias sazonais no Brasil e na Europa. Embora nem sempre seja possível, pelo menos no curto ou médio prazo, o passo no sentido da convivência permanente é importante – não imprescindível – para o “tempo de conforto” do casal, uma terceira e última fase do “ciclo conjugal” que Kaufmann (1993) associa à rotina dos papéis domésticos, ao advento do “amor tranquilo”, à consolidação de identidades e aos planos partilhados: *Ele tem uma opinião [companheiro italiano há cerca de 10 anos], mas eu tenho outra. Ele pretendia colocar um restaurante ou um hotel. A gente está falando assim num futuro. Mas aí, eu acho que o melhor é imóveis para alugar, porque assim a gente pode viajar. [...] porque eu posso ter mais tempo para ele, para cuidar dele* (brasileira, 34 anos, ex-garçonete, dois filhos). Mais do que a convivência sexual ou a própria coabitação, o que efectivamente constitui o casal são as suas próprias perspectivas de futuro e as pequenas tarefas, rotinas, querelas e negociações quotidianas, como a gestão da “roupa suja” (Kaufmann 2002, 2007). Esta mesma quotidianidade que o institui também é, frequentemente, responsável pela sua dissolução:

Eu estive casada quatro anos com um italiano. No começo, ele dizia que gostava. Mas aí, depois, a convivência no dia-a-dia... Aí a gente viu que não era bem assim. Porque quando você gosta de alguém, em primeiro lugar você tem que ter respeito pela pessoa, né? Ele era muito agressivo. No Brasil se comportava de uma maneira e na Itália se comportava de outra maneira. Nos primeiros tempos, um amor de pessoa, um doce, uma pessoa amiga, uma pessoa companheira, parceira, romântico... Depois não! Começou a mudar muito. Foi ficando agressivo. [...] Ciúme também. Começou com uma loucura, *negócio* de ciúme. Dizia que... Como eu tinha 20 anos mais moça que ele, aí ele criava coisa assim na cabeça. Eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa, muito comunicativa. Eu gosto de conversar, eu gosto de fazer novas amizades. Só que isso incomodava ele. E eu gosto, porque não gosto de ser uma pessoa fechada. Fazia confusão. Dizia já que eu queria *ficar* com italiano. Aí eu também respondi a muita *besteira* ao pé da letra, né?! [...] Sou uma pessoa que adoro viver, adoro viajar, adoro novas amizades e só não gosto de ninguém me sufocando. Ter um relacionamento com uma pessoa que te sufoque, não é *legal*, não é *legal* não, porque ninguém está na prisão certo? A gente tem que ter liberdade, né? [...] Aí, quando decidi mesmo... Tive uma conversa com ele em casa. Disse para ele que estava decidida. Já tinha conversado com minha mãe, com o meu pai a dizer que o ia deixar e todos me apoiaram, primeiro porque foram contra. Aí fui e conversei com ele. Foi a vez que ele me bateu. Fui conversar normal para terminar o relacionamento. Disse que estava muito sufocada, aí o que aconteceu? Foi quando ele me bateu. Aí pronto. Me arrependi mesmo ter-me casado com ele. Eu não costumo me arrepender de nada que eu faço nessa vida, mas desse casamento eu me arrependo amargamente! (brasileira, 27 anos, auxiliar de acção médica).

A produção de conjugalidade no espaço transatlântico, nos seus diferentes momentos e percursos, é particularmente condicionada pelas distâncias geográficas e culturais que, à partida, a enquadram e pela maior ou menor consonância de interesses (v.g. passionais, românticos, materiais) no seio da relação. As distâncias dificultam a vinculação recíproca e contribuem para a emergência de incertezas, inseguranças e atritos que têm nos ciúmes uma das suas expressões mais correntes, como se pode depreender do testemunho anterior. Por outro lado, as divergências de interesses acentuam a individualização que marca a construção da aliança na contemporaneidade (Singly 2000, Théry 2000, Neyrand 2002, Bawin-Legros 2004, Aboim 2009) e, desse modo, geram tensões que podem culminar no termo de relações ainda em desenvolvimento ou na separação de casais já efectivamente constituídos.

Apesar destes constrangimentos, são muitas as uniões que ganham forma e persistem no contexto euro-brasileiro de transnacionalização da intimidade. As suas configurações específicas e as estruturas familiares que delas decorrem são diversas e flexíveis. Como cenários de nupcialidade mais comuns destacam-se a união de facto e o casamento, geralmente associados à formação de famílias recompostas. Não podemos esquecer que a maioria dos homens europeus e das mulheres que inicia a partilha da sua intimidade em Ponta Negra conta já com uma trajectória mais ou menos extensa de separações e divórcios, e, em regra, tem filhos de anteriores compromissos conjugais. O Giacomo, por exemplo, é divorciado de uma mulher italiana de quem tem dois filhos na casa dos 20 anos e a sua actual esposa, a Marinalva, de quem tem um filho com quatro anos, já teve vários relacionamentos não matrimoniais anteriores, dos quais resultaram sete filhos (dois falecidos) com idades compreendidas entre os sete e os 16 anos. Nesta e noutras situações semelhantes, o “recasamento”, após a separação ou o divórcio, marca o início de processos de recomposição familiar²⁹⁶ de que resultam teias de parentesco intrincadas e dispersas, em que pessoas de diferentes parentelas de procriação, situadas em dois ou mais países, constituem estruturas que se enquadram no que tem vindo a ser designado por “famílias transnacionais” (Bryceson e Vuorela 2002, Parreñas 2005, Skrbiš 2008).

²⁹⁶ Para uma visão panorâmica das principais perspectivas nas ciências sociais sobre os processos de recomposição familiar, considere-se o texto de Lobo (2009). Como exemplos de abordagens antropológicas sobre o fenómeno, vejam-se os trabalhos de Martial (2003) e de Jacquet (2011). O desta última centra-se, especificamente, em contextos brasileiros.

2. Paisagem matrimonial distendida

O casamento não é, na maioria das vezes, o enquadramento gerador do laço conjugal. Contudo, dadas as vantagens jurídicas relacionadas com a mobilidade, a residência e os demais direitos dos cônjuges e filhos, são muitos os casais transnacionais que, num ou noutro momento da sua vida comum, acabam por contrair matrimónio e, assim, institucionalizar o respectivo vínculo na esfera do direito e, nalguns casos, cumulativamente, também da religião. Dado tratar-se de uma forma de conjugalidade praticamente incontornável quando estão em causa pessoas de diferentes nacionalidades, dedico-lhe aqui especial atenção, procurando debater alguns dos seus contornos mais salientes no espaço social que envolve Ponta Negra e a Europa. Para tal, parto do princípio que os casamentos que aqui se concretizam não são propriamente fruto de simples acasos. À semelhança do que acontece noutros contextos (v.g. Sudeste asiático – EUA), eles tendem a reproduzir padrões em que o género, a classe, a nacionalidade, a etnicidade, entre demais elementos, se articulam e dispõem de determinado modo, constituindo “marriage-scapes” (paisagens matrimoniais), “[...] shaped and limited by existing and emerging cultural, social, historical, and political-economic factors” (Constable 2005: 4). Discussões desenvolvidas ao longo de capítulos anteriores, visando de forma directa ou indirecta estes factores, permitem-nos depreender que a sua influência manifesta-se, desde logo, no modo como contribuem para uma “sedução cultural” (Campbell 2007) recíproca entre homens europeus e mulheres brasileiras.

A paisagem matrimonial que figura no contexto etnográfico ao qual se refere este trabalho têm subjacente um padrão estrutural no qual se destacam múltiplos e significativos contrastes²⁹⁷. De seguida apresento algumas das suas características mais marcantes, tendo como quadro empírico indicativo as informações resultantes da pesquisa documental nos serviços de notariado natalenses²⁹⁸, que organizei em dois segmentos: o dos registos de casamentos binacionais (também chamados de casamentos mistos) realizados em Natal de 01/01/2005 a 30/04/2010 e o das transcrições feitas entre 01/01/2008 e 30/04/2010 para os casamentos binacionais celebrados no exterior do país.²⁹⁹

²⁹⁷ Basta ter em conta a caracterização dos turistas europeus e das mulheres brasileiras em Ponta Negra (feita, respectivamente, no início dos capítulos IV e V) para se obter uma primeira ideia de alguns destes contrastes.

²⁹⁸ Mais concretamente nos quatro cartórios (Cidade Jardim, Alecrim, Igapó e Redinha) onde são efectuados os registos matrimoniais.

²⁹⁹ O facto de ter estipulado um horizonte temporal menor para este último segmento ficou a dever-se, exclusivamente, a questões operacionais. Como as transcrições estavam todas concentradas no cartório de

Quer num, quer noutro caso, considere todos os assentos envolvendo brasileiros (homens e mulheres) e estrangeiros, independentemente da sua nacionalidade, de modo a conseguir um cenário alargado que permitisse ver em perspectiva a parte do todo que mais interessa analisar (os casamentos entre europeus e brasileiras) e, assim, melhor perceber a sua expressão e configurações. Nos períodos em causa foram registados 434 casamentos binacionais – 39 religiosos com efeito civil – em que um dos cônjuges é nacional³⁰⁰ e transcrições de 176 casamentos entre brasileiros e cidadãos de outras nacionalidades realizados fora do país, não sendo feita, neste caso, qualquer referência que permita identificar as uniões religiosas. Os elementos que constam nestes registos permitem conhecer a nacionalidade, idade e profissão dos cônjuges, o seu estado civil anterior, o regime matrimonial, o domicílio e residência do casal, e posteriores situações de separação ou divórcio. Parto deles para um breve mapeamento da paisagem matrimonial transnacional em que está implicada Ponta Negra.

Olhando para a lista de dados, a primeira e mais imediata constatação incide sobre uma acentuada disparidade de género. A proporção de homens brasileiros casados com alguém de outra nacionalidade é, incomparavelmente, menor que a de mulheres brasileiras em semelhante situação: 7% contra 93% nos casamentos oficiados em Natal e 5.6% contra 94.4% no caso das transcrições de enlances ocorridos fora do Brasil.³⁰¹ Quer isto dizer que a participação natalense na transnacionalização da aliança se faz, principalmente, por via feminina, o que, de resto, corresponde, a um padrão recorrente no cenário mundial, em especial nos países do Sul (Cahill 1990, Riaño 2003, Constable 2003, 2005, Thai 2005, Riaño e Baghdadi 2007, Roca *et al.* 2008, Piscitelli 2009, 2011b, Raposo e Togni 2009, Jones 2012a, 2012b, Haandrikman 2012, Yeoh, Leng e Dung 2013). Nessa participação destaca-se, como seria de esperar, a presença de mulheres do Estado do Rio Grande do Norte (73.5% nos registos e 75.9% nas transcrições), naturais, na sua maioria, de Natal (64.9% e 70.6%). A percentagem daquelas que são oriundas de outros Estados não deixa, contudo, de ter alguma expressão. Em boa medida, este facto compreende-se se

Cidade Jardim (4.º ofício de notas, ao lado de Ponta Negra), com um espaço exíguo e sempre a fervilhar de utentes, o trabalho de recolha de dados nos livros de registo de casamentos estava a tornar-se ainda mais moroso que o habitual e a interferir no funcionamento do serviço. Optei, então, por circunscrever a pesquisa a um período de tempo menor.

³⁰⁰ Num universo de 19.822 assentos de casamento.

³⁰¹ À escala nacional a tendência é semelhante, todavia com uma diferença menor. Em 2011, no Brasil, num total de 7.664 casamentos binacionais, 74.2% realizaram-se entre cidadãs nacionais e cônjuges de outros países e 25.8% entre homens brasileiros e mulheres de nacionalidade distinta (IBGE 2012a). O facto de Natal ser um contexto onde é bastante significativo o turismo estrangeiro no masculino e, por outro lado, um lugar de origem de mobilidades femininas internacionais ajuda, certamente, a perceber a sua maior percentagem de casamentos transnacionais em que o noivo é estrangeiro face ao total nacional.

considerarmos que a região, pelo seu potencial turístico, funciona como pólo de atracção de fluxos migratórios nacionais, consideravelmente feminizados, para actividades formais e informais da sua economia ligadas ao turismo. A título de exemplo, e como já vimos, são bastantes as mulheres que, de forma sazonal, se deslocam centenas de quilómetros, de cidades como Recife (Pernambuco) ou de outras ainda mais longínquas, para encontrar em Ponta Negra *gringos* para fazer *programas* e, eventualmente, casar.

O Velho Continente é o contexto cimeiro na geografia dos casamentos binacionais de cidadãs brasileiras referenciados nos notários natalenses.³⁰² Considerando o conjunto dos países de origem dos respectivos maridos, as nacionalidades europeias sobressaem com uma destacada representatividade: 85.3% nos registos de casamentos realizados em Natal e 92.7% nas transcrições de núpcias fora do Brasil. No primeiro caso, os italianos representam 27.2% da totalidade dos cônjuges estrangeiros, seguindo-se os portugueses (15.1%), os espanhóis (10.1%), os noruegueses (6.9%) e os holandeses (6.2%), claramente à frente de norte-americanos (3.9%) e de nacionais de países próximos como a Argentina (2.4%) ou o Chile (1.2%). No segundo caso, um cenário idêntico. Repete-se a ordem anterior dos três primeiros lugares, respectivamente com 33.7%, 14.4% e 11.4%, seguindo-se os alemães (9%) e os noruegueses e suecos, ambos com 6%.³⁰³ De um modo geral, estes dois quadros de nacionalidades aproximam-se daquele que caracteriza os fluxos turísticos da Europa para Natal e, mais em concreto para Ponta Negra³⁰⁴. Aliás, é precisamente nestes fluxos que se encontra a génese de muitos casamentos transatlânticos.

Os dados totais dos dois segmentos de assentos matrimoniais em análise indicam a existência de um relativo afastamento etário entre cônjuges, estruturado segundo o género. A média de idades dos homens é de 42.4 anos e a das mulheres de 31 anos, o que

³⁰² No Sudeste asiático, por exemplo, uma grande parte dos casamentos transnacionais realiza-se entre noivas das Filipinas, do Vietname, da Tailândia e da China, e noivos do Japão, Taiwan, Singapura e Coreia do Sul (Jones 2012a).

³⁰³ Do lado da Europa, em especial na região mediterrânica, encontramos uma situação convergente: a nacionalidade brasileira é das mais representadas no conjunto das escolhas matrimoniais masculinas que não contemplam parceiras nacionais. Em 2011, dos 14.799 italianos envolvidos em matrimónios binacionais, 7.6% casaram com brasileiras (Istat 2012). Também em 2011, no total de 15.001 casamentos de homens espanhóis com cônjuges estrangeiras, 10.7% destas últimas eram de nacionalidade brasileira (INE-Espanha 2012). Nesse mesmo ano 2.764 portugueses desposaram mulheres de outros países, 57.1% das quais oriundas do Brasil (INE-Portugal 2013). Nos três casos, o número de casamentos em que a esposa é brasileira ocupa sempre posição de destaque: o terceiro lugar em Itália, a seguir às alianças com romenas e ucranianas; o primeiro lugar em Espanha, ultrapassando mesmo o número de matrimónios com mulheres colombianas e dominicanas; o primeiro lugar no caso português, de forma bastante destacada. Em claro contraste de género, são bem menos as mulheres mediterrânicas a casar com homens estrangeiros. Com brasileiros, em 2011, fizeram-no 3.1% das italianas (Istat 2012), 2.7% das espanholas (INE-Espanha 2012) e 25.5% das portuguesas (INE-Portugal 2013) que contraíram matrimónio binacional.

³⁰⁴ Veja-se o capítulo IV.

perfaz uma diferença de 11.4 anos, muito semelhante às constatadas por Jones (2012a) para os casamentos transnacionais no Sudeste asiático. Quando considerados apenas os casais constituídos por europeus e brasileiras, a distância é um pouco menor. As médias situam-se nos 41.9 e 31.6 anos, respectivamente. A opção feminina por homens mais velhos (*coroas*) – em regra mais prósperos ou, pelo menos, considerados como tal – é uma característica da organização da intimidade relativamente frequente no Brasil desde a época colonial (Berquó 1998, Levy 2009), em particular entre mulheres das classes populares (Fonseca 1996, Goldstein 2003, Veissière 2011), como a maioria daquelas que acompanhei ao longo do trabalho de campo. No entender destas, os parceiros com mais 10, 15 ou até 20 anos são *mais seguros e mais tranquilos*, proporcionando-lhes, em princípio, uma garantia acrescida de companheirismo e fidelidade, estabilidade económica e familiar, e maior possibilidade de ascensão social. Algumas, através de uma retórica de desvalorização dos aspectos materiais, justificam a sua predilecção por *coroas* como uma simples questão de *atração*: *Sempre me atraiu homem mais velho, ou seja, me atrai muito homem mais velho! Não por ser estrangeiro ou por ter dinheiro, mas pela atração mesmo!* (brasileira, 34 anos, ex-garçonete, dois filhos). Embora não exclusivo ou não assumido, o elemento económico é uma importante referência na definição das preferências femininas por companheiros mais velhos; tal como os recursos estéticos e a própria juventude são elementos fundamentais na definição das preferências masculinas por mulheres mais novas.

Por vezes existe mesmo um encorajamento social explícito e directo da procura do *coroa* para parceiro, em especial do *coroa* europeu, pois, além de imaginado como afluente, é de nacionalidade atractiva e corporiza concepções culturais de raça valorizadas.³⁰⁵ Num caso que segui em Ponta Negra, foi a intermediação persuasiva de uma avó junto da neta, na casa dos 20 anos, para que namorasse um turista português de 71 anos, o que impulsionou o relacionamento de ambos. A influência social na definição das preferências etárias subjacentes à eleição da pessoa para partilhar a intimidade não se manifesta somente sobre as mulheres. Não podemos esquecer que a propensão masculina para escolher companheiras mais novas, também evidente entre os turistas europeus que conheci, é configurada pelos valores hegemónicos da masculinidade e por determinadas concepções da sexualidade, como se pode depreender do discurso do tal português de 71

³⁰⁵ Debatendo as fantasias de sedução do *coroa* entre as “black cinderellas” da favela da Felicidade Eterna, no Rio de Janeiro, Goldstein (2003: 109) conclui que estas mulheres “[...] believed that one of their best opportunities for ‘getting ahead’ was their ability to seduce older, richer, whiter men, whom they referred to as *coroas*”.

anos a que me referi acima: *A mulher nova está em brasa e a mulher velha está ali... o calor é pouco e a máquina não dá para ela arrancar. Não arranca mesmo. Não arranca nem a dela nem a do homem! Se ela estiver mais ou menos arranca, se não estiver não arranca.* As preferências masculinas por mulheres mais jovens e as femininas por homens mais velhos não remetem para qualquer especificidade cultural brasileira. Representam, antes, uma tendência com considerável expressão mundial, que se acentua em sociedades onde os valores patriarcais estão mais enraizados (Veevers 1988, Bossen 1988, Walle 1996, Fitzgerald *in* Thai 2005, Wang 2007). Deste modo, tendo em conta que o diferencial etário no seio dos casais euro-brasileiros, embora relevante, não é propriamente extraordinário e não andarão longe do que acontece noutras geografias e circunstâncias sociais, importa relativizar o comum estereótipo (e estigma) do *velho* europeu casado com a *menina* brasileira.

A diferença de idades a que tenho feito referência é, desde logo, um aspecto a ter em conta para perceber uma outra disparidade, ainda que não muito expressiva, no que diz respeito ao estado civil de cada consorte imediatamente antes do enlace conjugal. Em média mais velhos, os homens que chegam ao casamento como solteiros são menos que as mulheres com igual estado civil e, por outro lado, a proporção daqueles que até então eram divorciados ou viúvos é maior. Considerando apenas os dados dos matrimónios transnacionais realizados em Natal³⁰⁶ e não fazendo qualquer distinção entre as nacionalidades (europeias e não europeias) envolvidas, pois as diferenças estatísticas são de apenas algumas décimas, a percentagem de homens solteiros situa-se na ordem dos 69%, a de divorciados nos 28.5% e a de viúvos nos 2.5%, enquanto que a de mulheres solteiras ronda os 80%, a de divorciadas os 19.5% e a de viúvas os 0.5%. Apesar de menor, a proporção de homens solteiros não deixa de ser significativa, atendendo a que, em média, eles têm cerca de 10 anos a mais que as suas parceiras. Esta persistência do celibato em idades a rondar os 40-50 anos é sintomática das mudanças nos padrões de conjugalidade que estão em curso nos países de onde são provenientes, designadamente a opção por modelos não maritais de convivência conjugal e o matrimónio tardio (Torres 2003, Rossi 2003a, Aboim 2004, Rosina e Fraboni 2004, Billari e Rosina 2007a). O registo peremptório usado por dois espanhóis, que me falavam do casamento como possibilidade eventual para um horizonte relativamente distante, evidencia a normatividade social que a prorrogação da condição celibatária vai assumindo na Europa: *Não, não vou casar! Nem*

³⁰⁶ Não considero aqui as transcrições de casamentos realizados no estrangeiro porque a esmagadora maioria não faz qualquer referência ao estado civil anterior dos cônjuges.

brasileira, nem espanhola, nada! Só 'amizades coloridas'. Bom... digo-te isto agora, mas talvez depois de seis ou sete anos não sei... (26 anos, turista); De momento, eu não quero casar-me, nem ter filhos, nem nada! Mas eu acho que, daqui a alguns anos, pode ser, mas agora não! (24 anos, pequeno empresário em Natal).

Mais do que a idade ou o estado civil prévio, a profissão é a esfera onde se manifestam as diferenças mais relevantes nos casamentos transnacionais em análise. Do lado masculino do casal mais de metade do total de cônjuges que constam nos registos e transcrições matrimoniais tem ocupações que, em proporções semelhantes, se inscrevem num ou noutro dos três grupos de actividades seguintes:³⁰⁷ profissionais técnicos e de enquadramento (funcionários qualificados), empregados executantes (assalariados do comércio e serviços) e trabalhadores independentes (trabalhadores por conta própria em actividades secundárias e terciárias). Abaixo deste trio mais representado – e continuando a considerar a tipologia de Costa *et al.* (2000) – seguem-se, relativamente próximos, os grupos dos empresários, dirigentes e profissionais liberais (v.g. grandes empresários, administradores, advogados) e o dos operários (v.g. metalúrgicos, camionistas, mecânicos). Com uma expressão residual, menos de uma dezena de indivíduos desempenham actividades ligadas ao sector primário (agricultura, pescas). Por último, é de referir a inexistência de registos de desempregados e ainda o facto de quase meia centena não desempenhar qualquer função profissional: dezena e meia é estudante (cerca de metade europeus) e mais de três dezenas são aposentados, quase todos europeus. Em clara dissonância deste cenário, nas três actividades mais recorrentes entre as esposas destes homens temos as profissões que exercem como empregadas executantes (v.g. *garçonetes*, recepcionistas) e as funções não profissionais como domésticas (*do lar*, segundo os registos) e estudantes. Em conjunto, estas três ocupações dizem respeito a quase $\frac{2}{3}$ das 610 mulheres que constam na totalidade dos assentos conjugais aqui considerados. Seguem-se as actividades mais qualificadas como profissionais técnicas e de enquadramento (v.g. professoras, enfermeiras) e as trabalhadoras independentes (*autónomas*, v.g., esteticistas, artesãs). Com uma preponderância bastante menor surgem as empresárias, dirigentes e profissionais liberais e, por último, as operárias e as aposentadas.

³⁰⁷ Continuo aqui a ter como principal referência a tipologia de Costa *et al.* (2000), já adoptada (e adaptada) antes na caracterização socioeconómica dos turistas europeus que afluem a Ponta Negra. No entanto, agora tomo a opção de não enveredar por uma quantificação percentual estrita destes grupos profissionais, pois a indicação de algumas profissões nos assentos conjugais que consultei em Natal é algo vaga e ambígua, como é o caso de *empresário*. Perante esta designação fica a dúvida se a pessoa em causa é um micro empresário, enquadrável na categoria dos trabalhadores por conta própria, ou um empresário com maior dimensão económica, devendo ser considerado num outro grupo de actividades.

A comparação das profissões dos cônjuges permite identificar padrões genéricos, nos quais ganha forma um contraste evidente: os maridos, na sua esmagadora maioria europeus, estão mais associados a ocupações qualificadas e melhor remuneradas que as esposas, quase todas brasileiras. Mesmo nos casos em que as actividades são semelhantes, o ordenado acaba por ser condicionado em função da nacionalidade e do género. Na Europa e desempenhadas por homens, essas actividades são, em princípio, recompensadas com salários mais elevados que no Brasil e realizadas por mulheres, como de resto constataram algumas das minhas informantes que estão ou já estiveram a viver com europeus e têm experiências de trabalho nos dois lados do Atlântico: *As diferenças é que é assim: lá [Noruega] é melhor de trabalhar, ter um emprego onde você ganha mais. Aqui [Brasil] você trabalha o ano todo e ganha pouco, e lá não. Lá você tem oportunidade de trabalhar e chegar no Brasil com uma grana legal! Em trabalho, eu penso que lá é ótimo.* (brasileira, 24 anos, massagista, uma filha).

As diferenças nas situações laborais de uns e de outras indiciam que, à data do matrimónio, os cônjuges masculinos ocupam, de um modo geral, posições socioprofissionais mais favoráveis que as das suas consortes ou, pelo menos, beneficiam de maiores remunerações pelas actividades que exercem. Assim, é quase imediata a ideia de um padrão de conjugalidade hipergâmico, no qual as mulheres asseguram, via casamento, efectiva mobilidade social ascendente. Contudo, além dos aspectos económicos, é forçoso não esquecer os demais elementos que entram no complexo jogo da distinção (Bourdieu 2007) e, dessa forma, partir do princípio enunciado por Constable (2005) de que a mobilidade social (ascendente, descendente ou lateral) no contexto da transnacionalização matrimonial é potencialmente paradoxal, dependendo dos critérios (e escalas) que considerarmos (v.g. educação, estilo de vida, nacionalidade, etnicidade). À partida, ao pressuporem, predominantemente, deslocações femininas de países do Sul para países desenvolvidos do Norte, como acontece entre o Brasil e a Europa, os casamentos transnacionais dão forma a um padrão de “hipergamia global”³⁰⁸ (Constable 2005) que remete para as diferentes posições desses mesmos países no sistema económico e geopolítico mundial. Descendo, no entanto, a uma escala mais circunscrita, a do casal propriamente dito, podemos constatar que a hipergamia não é assim tão linear e tem subjacentes algumas ambiguidades.

³⁰⁸ Também designado por “hipergamia espacial global” (Kim 2010) ou “hipergamia geográfica” (Kofman 2012).

As informações documentais dos assentos nupciais que recolhi nos cartórios de Natal articuladas com os elementos resultantes da observação participante mostram uma tendência genérica de hipergamia feminina permeada, porém, por múltiplos casos e circunstâncias dissonantes. Vejamos, então, os dois lados da questão. Por um lado, a maioria das jovens mulheres de Ponta Negra debate-se com um amplo e severo leque de constrangimentos³⁰⁹ e, em princípio, encontra no casamento com o *gringo* – mesmo que este não seja abastado – e na deslocação para o continente europeu oportunidades efectivas para melhorar as suas condições de vida. Se olharmos para o caso da Roseleine (28 anos, três filhos), desempregada e desesperada quando a conheci em Ponta Negra em 2010, como já dei conta, e agora casada com um sueco, *muito bem e morando na Suécia* (em alguns períodos do ano), e *fazendo faculdade de Direito* numa universidade privada de Natal – como me confidenciou mais tarde (05/01/2013 e 15/06/2013) através do *facebook* – não é difícil imaginar o quanto a sua vida terá mudado para melhor. Para esta mulher, tal como para muitas outras das classes populares, o matrimónio representa, aliás, uma espécie de salvaguarda social (Bawin-Legros 2004, Neri 2005), mormente se o cônjuge pertencer a uma geografia associada à modernidade e à prosperidade como é a Europa. O entusiasmo com que a Roseleine encarou o processo de construção de um anterior projecto conjugal, que acabaria ao fim de dois anos, é revelador da representação feminina dominante do matrimónio com o europeu como uma solução providencial para as dificuldades da vida:

A gente [ela e o então namorado italiano] andava junto para todo o lugar, a gente andava esse *calçada* todinho de mão dada, a gente ia para *shopping*, a gente fazia compras e levava para casa. Ele alugou uma casa e nessa casa tinha de tudo! Fui eu que convenci ele a alugar uma casa, para não gastar tanto dinheiro, porque eu me preocupava. Eu começava pensando no futuro com ele, como família. Aí eu disse para ele: *Eu só penso em uma coisa... Você vai embora* [regresso a Itália] *e eu vou voltar de novo para casa dos meus pais, porque eu tomei uma decisão na minha vida, de ficar com você. Ter uma vida com você. Então você vai embora e agora?* Aí ele me disse que já tinha pensado nisso e já vinha preparado para a gente escolher uma casa para comprar. Aí, *nossa, não acredito!* É como se fosse um mundo mágico que fizesse assim *puf*, com a varinha mágica. Tinha medo que, quando fosse meia-noite, acabasse tudo.

Se é certo que a conjugalidade transnacional, sobretudo se considerarmos as condições materiais, tende a proporcionar possibilidades de ascensão social às mulheres natalenses, por outro lado não podemos negligenciar que esta tendência hipergâmica é relativa, coexistindo com situações que a atenuam ou, inclusive, a contrariam. Vejamos,

³⁰⁹ Tais como: baixa escolaridade, desemprego, empregos precários e mal remunerados, encargos com os filhos e outros parentes, valores de género patriarcais, etnicidade e estilos de vida desvalorizados e até estigmatizados. Veja-se, no início do capítulo V, a descrição dos aspectos mais marcantes dos seus contextos biográficos.

sucintamente, algumas destas situações: (i) desde logo, o facto de certas mulheres possuírem elevado capital escolar e exercerem profissões tão ou mais qualificadas e prestigiadas que as dos seus maridos europeus³¹⁰; (ii) a frequente desvalorização da sua qualificação no mercado laboral europeu, quando se deslocam para os países dos cônjuges, como concluem Riaño (2003), para a Suíça, Maffioli, Paterno e Gabrielli (2013), para a Itália, e Lima e Togni (2012), para o contexto português; (iii) a estigmatização a que o casamento com o *gringo* sujeita, em particular, as mulheres mais pobres e mestiças – socialmente conotadas com a prostituição –, quer nos respectivos lugares de proveniência, quer nos de acolhimento migratório; (iv) a distância face à generalidade dos elementos (familiares e amigos) da rede social de apoio, sempre que o casamento implica a mobilidade feminina, e as possíveis vulnerabilidades e riscos associados a essa situação, como também se pode constatar no trabalho de Chin (1994) sobre as *out-of town brides* asiáticas casadas com homens de comunidades chinesas norte-americanas ou na pesquisa de Yeoh, Leng e Dung (2013) sobre matrimónios entre mulheres vietnamitas e homens de Singapura; (v) as (des)ilusões com a Europa e/ou com a prosperidade, estilo de vida e modernidade de género dos companheiros, culminando, amiúde, em separação do casal e regresso ao Brasil³¹¹; (vi) o predomínio de regimes patrimoniais de aliança, como a comunhão parcial de bens e a separação total de bens, que não as beneficia significativamente em caso de divórcio³¹² e que, em boa medida, contraria a ideia enraizada do matrimónio com o europeu como o *golpe do baú*, projectada de forma estigmatizante sob as mulheres; (vii) a inexistência da “hipergamia global” (Constable

³¹⁰ Considerando a totalidade de casais euro-brasileiros referenciados nos registos e nas transcrições que analisei, 6.5% das esposas têm uma profissão claramente mais qualificada que a dos respectivos consortes.

³¹¹ Foi o que aconteceu com a Rossana (24 anos, faz *programas*). Depois de uma temporada extravagante no Brasil com o então companheiro norueguês em que gastaram cerca de R\$30.000, casou e foi com ele para a Noruega, *pensando que iria viver do mesmo modo, nesse luxo de vida*. As suas expectativas não podiam ser mais enganadoras: as dívidas do marido eram de tal forma que ela própria teve de pedir ajuda e prostituir-se para subsistir e regressar ao Brasil. Insatisfeitas com a sua situação, algumas mulheres abandonam os seus companheiros de formas que fazem lembrar as *runaway stories* de filipinas casadas com japoneses na região rural de Nagano de que nos fala Faier (2008).

³¹² No conjunto dos assentos matrimoniais entre brasileiras e europeus oficiados e transcritos em Natal, 66.3% seguem o regime padrão, a comunhão parcial de bens (divisão igualitária do que foi adquirido e partilhado durante o casamento), e 30.3% a separação total de bens (cada cônjuge fica com o património de que é titular). Somente 3.1% dos casais estão abrangidos pela comunhão universal de bens (divisão igualitária da totalidade dos bens do casal, anteriores ou posteriores ao casamento) e 0.3% pela modalidade da participação final nos *aquestos* (não há comunhão patrimonial durante o casamento. Só após a separação se procede à meação dos bens adquiridos). A comunhão universal, em princípio o regime que mais beneficiaria a generalidade das esposas na partilha de bens, é quase residual. Em contrapartida, a separação total, teoricamente o mais desfavorável, tem uma expressão muito relevante, o que, em parte, se explica pelo facto de estes casamentos envolverem um número não muito comum de cônjuges com mais de 60 anos, limite a partir do qual o Código Civil brasileiro estipula como obrigatório aquele regime patrimonial (Levy 2009).

2005) de que falava atrás nos casos em que o casamento implica não a deslocação transnacional da esposa, mas do seu cônjuge, que perspectiva no Brasil vantagens profissionais e/ou de investimento por comparação com a Europa.

Independentemente da expressão da hipergamia e das suas ambiguidades, os casamentos no eixo Natal-Europa encerram significativas heterogeneidades entre os cônjuges, um pouco à semelhança do que é constatado por Cohen (2003) para os casais transnacionais na Tailândia, que descreve como formações marcadas por uma “heterogamia extrema”. Como já vimos neste e em capítulos anteriores, as diferenças económicas, etno-sexuais, fenotípicas, de nacionalidade e etnicidade entre os europeus e as brasileiras envolvidas na transnacionalização da intimidade em Ponta Negra são inquestionáveis. A sua conjugalidade pressupõe, assim, uma extensa exogamia, ou seja, o cruzamento de múltiplas fronteiras político-administrativas e socioculturais, contrariando a tradicional ideologia endogâmica, reflectida, por exemplo, em adágios populares mediterrânicos como *moglie e buoi dei paesi tuoi* (mulher e bois, do teu país), *quien lejos se va a casar, o va engañado o va a engañar* (quem longe vai casar, ou vai enganado ou vai enganar; in Roca 2009: 133) e *de Espanha, nem bom vento, nem bom casamento*. O resultado é uma paisagem matrimonial diversificada e distendida na geografia e no espaço social euro-tropical,³¹³ na qual se manifestam várias formas de alteridade. Esta alteridade é, aliás, o grande pólo de sedução e de atracção cultural (Kohn 1998, Constable 2003, Piscitelli 2004a, 2007a, Campbell 2007, Flemmen e Lotherington 2008) que impulsiona o mercado transatlântico de intimidade e aliança.

O corpo racializado e sexualizado é um dos referenciais na produção da alteridade e, ao mesmo tempo, um dos principais espaços de representação iconográfica da atracção dela resultante. As tatuagens são um exemplo paradigmático deste uso do corpo como plataforma simbólica de desejos e paisagens conjugais transnacionais. Alguns exemplos etnográficos de Ponta Negra: um italiano com um coração verde e amarelo, as cores do Brasil, tatuado no braço direito; um sueco, casado em Natal, com uma enorme tatuagem nas costas das bandeiras do seu país e do Brasil entrelaçadas; uma jovem brasileira com a fotografia do seu companheiro norueguês representada na perna e uma outra com uma dedicatória amorosa ao namorado italiano inscrita na face exterior do pé. A superfície

³¹³ Constituinto aqui um “marriage field” (Niedomysl, Östh e Ham 2010) bem delimitado, que deixa de fora países vizinhos e países influentes como os EUA, que, do ponto de vista histórico, até têm uma certa ligação a Natal.

corporal assume-se, deste modo, como lugar de inscrição de significações e interface entre o individual e o social (Schildkrout 2004, Breton 2006, Ferreira 2006, 2007).

3. Mobilidades e residência na transnacionalização da aliança

A conjugalidade transnacional está intrinsecamente vinculada a fluxos globais de pessoas, quer como configuração social central na produção de deslocações turísticas e migratórias, quer como resultado dessas mesmas deslocações. No campo mais específico das migrações esta dupla relação é particularmente evidente. Dependendo dos casos, a aliança tanto pode ser uma causa decisiva na construção de projectos migratórios como, a jusante, um efeito da interculturalidade nos contextos de acolhimento de imigrantes. No âmbito deste trabalho interessa-me, sobretudo, debater a primeira conexão, pois é aquela com que me deparei mais repetidamente no decurso do trabalho de campo. Enquanto enquadramento activador da mobilidade migratória, as relações de aliança transnacionais têm recolhido considerável interesse por parte das ciências sociais, que se referem ao fenómeno como “marriage migration” (Riaño 2003, Lu 2005, Charsley 2005, Palriwala e Uberoi 2005, Robinson 2007, Lauser 2008, Flemmen 2008, Flemmen e Lotherington 2008, Piscitelli 2009, Yang e Lu 2010, Kim 2010, Yeoh, Leng e Dung 2013), “fluxos matrimoniais” ou “migrações por amor” (King 2002, Roca 2007a, Roca *et al.* 2008, Raposo e Togni 2009, Mai e King 2009, Gaspar 2012, Treto 2012, Lima e Togni 2012). Esta articulação entre casamento e migrações representa para Beck e Beck-Gernsheim (2010) uma importante referência empírica para discutir a necessidade de um “cosmopolitan turn” na pesquisa sobre família, que permita ultrapassar as limitações do “nacionalismo metodológico” e compreender as dinâmicas familiares no quadro das densas interconexões globais.

Não considerando os movimentos migratórios intra-europeus de que falam alguns dos autores atrás mencionados, a maioria das migrações ditas amorosas ou conjugais processa-se de países em vias de desenvolvimento, principalmente do Sudeste asiático e da América latina, para países mais prósperos (v.g. países da Europa ocidental, EUA, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Singapura) e é protagonizada por mulheres. É pouco comum o inverso em termos de género dos intervenientes e de orientação geográfica dos fluxos, e que Toyota e Leng (*in* Jones 2012b: 288) designam por “reverse marriage migration” no seu estudo sobre japonesas casadas em Bali. Em Ponta Negra são praticamente inexistentes

os casos de europeias que aí se instalam no âmbito de relações de afinidade com homens locais. A situação com maior expressão é a da conjugalidade euro-brasileira (casamento ou outras formas pós-convencionais de vida em casal) associada à migração feminina para a Europa. Porém, não são de negligenciar duas outras situações que nos indicam distintas estratégias de mobilidade subjacentes à transnacionalização da aliança: o fluxo de homens europeus para morar em Ponta Negra/Natal com as respectivas companheiras, numa espécie de “marriage migration” em versão masculina, e as sucessivas sazonalidades alternadas do casal, ou de uma das partes, entre o Brasil e o Velho Continente. Ao não limitar a análise à configuração empírica dominante, convocando para a discussão estas duas últimas manifestações etnográficas menos recorrentes e menos escrutinadas pelas ciências sociais, tento destacar a crescente flexibilidade dos arranjos transnacionais de aliança e residência.³¹⁴ Ao mesmo tempo procuro mostrar que eles nem sempre pressupõem a mudança geográfica da mulher para junto do marido – que lhe permitiria o tão propalado acesso a um país mais próspero e a uma nacionalidade mais prestigiada –, nem mesmo a deslocação migratória propriamente dita de uma das partes. Vejamos, então, as principais estratégias de mobilidade e residência subjacentes aos vínculos conjugais que se constituem no espaço social transatlântico.

Mulheres que partem

Na sequência dos reencontros, prospecções e processos de formação do casal, de que falava no início deste capítulo, muitas mulheres acabam por contrair matrimónio e emigrar para junto dos respectivos companheiros europeus, passando a integrar o vasto contingente feminino dos fluxos migratórios sul-americanos internacionais (Kofman 2006). Para estas mulheres, tal como para a generalidade dos pobres do hemisfério sul, o casamento com o *gringo* proporciona uma das poucas possibilidades de residência legal nos países do Velho Continente. Configura, por isso, a oportunidade de acesso à cidadania europeia, percebida (e, nalguns casos, já experimentada) pelas próprias como uma cidadania privilegiada, desde logo pelo capital simbólico, estatuto e maior facilidade de

³¹⁴ A sua flexibilidade à escala supranacional é indissociável do actual estágio de desenvolvimento tecnológico, em particular no sector dos transportes e das comunicações, cujas inovações têm alterado substancialmente o modo como construímos relações sociais e organizamos os nossos quotidianos de trabalho, de lazer e de intimidade pessoal e familiar (Cresswell 2006, Urry 2007, Castells *et al.* 2007, Watts e Urry 2008, Lemos 2009). Esta indissociabilidade deve ser tomada à letra e, na esteira da “antropologia simétrica” de Latour (1994), considerar a tecnologia como parte integrante da sociedade, evitando qualquer tipo de perspectiva dicotómica ou determinística. Técnica e sociedade não são partes distintas e não existem numa relação de exterioridade, como se pode constatar nas reflexões de Martins (2006).

movimentação que lhes garante no cenário global: *Com um passaporte europeu você entra em todo o lado, sem problema nenhum. [...] Minhas colegas dizem: “Tou nem aí não ter o passaporte brasileiro! Agora entro em qualquer lado e nem olham na minha cara, porque pensam que eu sou europeia”* (brasileira, 40 anos, casada com um norueguês). A subjectividade de confiança e segurança que esta condição face às fronteiras político-administrativas inspira contrasta, profundamente, com as angústias que caracterizam a relação de precariedade de muitas outras mulheres, ainda sem qualquer vínculo legal de residência a países europeus, com as mesmas fronteiras:

Eu passei em Portugal. Fui morrendo de medo, porque o povo fala de Portugal... Diz que a fronteira... Para lá é a fronteira de tudo, em Portugal. A fronteira de você entrar em todos os países. Então, se você não conseguir entrar em Portugal com segurança, então não vai ser bom. Então, para mim é assim: eu entrei em Portugal, passei na polícia de lá e fui muito bem atendida, graças a Deus. Fui rezando muito, com tanto medo, por ser a primeira vez. Fui rezando, ai meu Deus! [...] Fui com muito medo, porque o povo dizia assim: *Óh, se prepara, porque você tem de levar mais ou menos R\$4.000 a R\$5.000. Se você não levar em dinheiro, você tem de levar um cartão internacional. E tem de levar também uma carta de convite.* E eu: *Putá que pariu, como é que vou passar numa fronteira dessas?! Só levei a carta de convite.* Quando cheguei no aeroporto lá de Portugal, na alfândega... e eu, *porra*, faltando 40 minutos para mim embarcar, para pegar o voo para Estocolmo, e a fila enorme! Maior do que daqui a Ponta Negra. E eu, *viche*, a olhar, “como é que eu vou chegar ali”. E ainda com medo de ser *barrada, né*. E eu, *porra*, não *tou* levando dinheiro; só *tou* levando as duas cartas [convite], a de português e a da linguagem dele [namorado], a da língua dele... (brasileira, 34 anos, massagista, dois filhos).

Num cenário de controlo cerrado dos fluxos migratórios com destino ao espaço europeu, é inegável que o casamento transatlântico se afigura uma das mais viáveis formas de entrada na fortaleza para quem não dispõe de outros recursos. Isso não significa, porém, que as mulheres brasileiras instrumentalizam a conjugalidade com os *gringos* tendo em vista apenas e só a obtenção da cidadania europeia, como também conclui Blanchette (2005) para os matrimónios entre brasileiros e anglo-americanos. Embora muito importantes, os eventuais projectos migratórios, como já vimos, são apenas uma parte do leque mais vasto de expectativas e interesses subjacentes à aliança com o estrangeiro. Por outro lado, não podemos esquecer que nem todas as mulheres, acima de tudo pelos filhos, desejam migrar. Não me parece pertinente, portanto, focalizar em demasia a questão dos vistos, como faz Brenann (2002) na análise da articulação entre intimidade e migrações femininas da República Dominicana para a Europa. O recurso ao casamento enquanto mero instrumento de enquadramento legal da mobilidade migratória, servindo única e exclusivamente o propósito de assegurar o direito de acesso e de residência num

determinado país ou espaço comum de circulação (v.g. Schengen),³¹⁵ até poderá ter uma expressão muito significativa em determinados contextos (Grassi 2006, García 2006). Julgo, todavia, que esse não é propriamente o caso do terreno etnográfico que aqui considero.

De igual modo, e independentemente das razões que lhes estão associadas, também são pouco comuns neste contexto os arranjos matrimoniais comerciais ou *mail order brides*, em que a constituição do casal e, por vezes, as mobilidades são intermediadas por agências especializadas, à semelhança do que é mais habitual acontecer com mulheres de países asiáticos (Wang e Chang 2002, Nakamatsu 2003, Suzuki 2003, Lu 2005, So 2006, Constable 2003, 2009, Yeoh, Leng e Dung 2013). O facto de não ser frequente a intermediação comercial nas alianças conjugais transatlânticas que se concretizam a partir de Ponta Negra e, mais importante ainda, a sua não circunscrição estrita à obtenção de direitos de residência tornam plausível uma análise crítica da forma como os Estados europeus e muitos outros tendem a lidar com os casamentos transnacionais: submetem-nos a uma vigilância férrea e invasiva, impregnada de preconceitos e estigmas, e a uma bateria de disposições legais que enredam o processo de concessão de plena cidadania por via matrimonial, colocando em causa o *ius connubii* (direito à conjugalidade e à constituição de família) reconhecido nos ordenamentos jurídicos nacionais e internacionais (Palriwala e Uberoi 2005, González, 2007, Vázquez e Vértiz 2008, D’Aoust 2012).³¹⁶

Os casamentos transnacionais em Ponta Negra representam bastante mais que um simples passaporte para a Europa. A migração feminina não é um fim em si e, amiúde, é sobretudo uma inevitabilidade decorrente de outras aspirações pessoais na esfera da intimidade, da família e das relações de género que as mulheres brasileiras crêem mais facilmente concretizar com os companheiros europeus, dispondo-se, por isso, à mudança para junto deles. Daí a designação de “migrações por amor”, usada com particular ênfase por Roca (2007a, 2007b, 2009, Roca *et al.* 2008) para se referir aos fluxos femininos internacionais no quadro das relações de conjugalidade com cidadãos espanhóis. Este reconhecimento de razões imateriais, geralmente descurado nos estudos clássicos das migrações, não deve, por sua vez, negligenciar as razões socioprofissionais e económicas, igualmente importantes no processo de concretização de projectos migratórios. Assim, não

³¹⁵ São casamentos considerados fraudulentos, alvo de um vasto conjunto de qualificações e designações sociais internacionais: brancos, fictícios, simulados, arrançados, *green card marriages*, de conveniência, de complacência, de fachada, de *aluguel*.

³¹⁶ A acção político-burocrática dos Estados é um reflexo da suspeição social generalizada que recai sobre a conjugalidade transnacional entre pessoas de determinados países, como acontece na Noruega em relação aos casamentos de nacionais e cidadãs russas (Flemmen 2008).

fará grande sentido enveredar por esquemas de análise exclusivos e dicotómicos, opondo “migrações por amor” ou migrações matrimoniais a migrações laborais (Piper 2003, Piper e Roces 2003, Palriwala e Uberoi 2005, Lauser 2008, Jones 2012b), nem tampouco separar amor e interesse económico. As mulheres que casam e partem para os países dos respectivos maridos são, simultaneamente, esposas e trabalhadoras (Pipers 2003). E isto aplica-se mesmo às que não exercem qualquer profissão remunerada, pois, em princípio, terão sob a sua responsabilidade tarefas (re)produtivas na esfera doméstica e, eventualmente, alguns encargos no âmbito das ocupações laborais dos cônjuges.

O exercício de uma actividade assalariada,³¹⁷ ainda que precária e com salário baixo, é fundamental para a maioria delas, como pude constatar entre as minhas informantes que estão ou já estiveram emigradas na Europa. Garante-lhes, desde logo, uma certa autonomia financeira em relação aos companheiros. Por outro lado, permite-lhes assegurar de forma mais sustentada as despesas regulares com os filhos e demais familiares que ficaram no Brasil, melhorar de forma significativa as suas condições de vida (v.g. realização de obras nas habitações, aquisição de electrodomésticos) e, por vezes, constituir algumas poupanças e/ou fazer pequenos investimentos no seu país.³¹⁸ Na descrição que se segue é evidente como o pequeno salário auferido em Itália, a fazer limpezas, durante os dois anos que durou o casamento com um cidadão italiano, foi sendo sistematicamente canalizado para os descendentes, mostrando-nos que as migrações femininas em que os filhos permanecem no país natal não implicam a erosão das obrigações da maternidade; somente a sua reconfiguração como “maternidade transnacional” (Hondagneu-Sotelo e Avila 1997) ou maternidade à distância (Ribeiro *et al.* 2007, Ambrosini 2008, Bonizzoni 2009).

Lá [Itália] eu comecei a trabalhar, a trabalhar. Trabalhei dois anos, foi muito bom. Eu fazia limpezas em escadas de condomínio, aquelas escadas que sobe no apartamento. Limpava também elevadores, vidros de sala e fazia limpezas em apartamentos; e assim foi, trabalhando. [...] Gostava muito, porque é um trabalho honesto. Eu gostei sempre de limpezas. O salário era bom, quer dizer... 500 euros era bom. [...] O meu marido, ele fazia muitas coisas lá, *né*. Trabalhava com coisas lá... construção. O salário dos dois dava... O meu não gastava nada, porque o meu mandava para o Brasil. Tudo para o Brasil. Eu tinha deixado dois filhos. Meu filho tem 12 e a

³¹⁷ Geralmente na esfera dos cuidados e serviços domésticos, tal como muitas outras migrantes que se deslocam para os países desenvolvidos e assumem tarefas tradicionalmente femininas que as mulheres destes países, tendo entrado no mercado de trabalho, deixam de ter disponibilidade para realizar e passam, por outro lado, a poder pagar a quem as realize (Parreñas 2001, Ehrenreich e Hochschild 2004, Ambrosini 2006, Boccagni 2011).

³¹⁸ As remessas são consideradas por Vertovec (2002: 4) uma expressão paradigmática do transnacionalismo migrante. A este propósito, veja-se, ainda, a abordagem antropológica de J. Cohen (2011) sobre as remessas de migrantes latino-americanos e os múltiplos impactos que elas têm na vida dos próprios e nas suas comunidades de origem.

minha filha tem 9. Tinha deixado ele com a minha mãe e a outra com a avó [paterna]. [...] Eu não gostei [de os deixar], porque é meu filho, *né*. Mas, para mim, foi uma oportunidade boa de eu trabalhar um pouco mais para eles e pronto. Doeu o coração, doeu um pouco, mas eu tinha que ir, tinha que ir (brasileira, 30 anos, faz *programas* esporadicamente).

Esta maternidade geograficamente distanciada é, amiúde, uma estratégia temporária na qual já é contemplado o reagrupamento familiar a curto ou médio prazo. A mobilidade dos filhos *a posteriori* é justificada pelas próprias mulheres como uma medida de salvaguarda. Mesmo quando se discute a situação num plano meramente hipotético, a sua preocupação e cautela maternal é, desde logo, bastante vincada: *Não, primeiro eu vou, para ver como é que é lá [Europa] o sistema, eu não sou tão burra assim. Não quero que minha filha vá junto comigo para passar o que eu passar, não. Primeiro eu vou lá fazer a linha, ver como é que é, estudar ele [marido] e, dependendo, venho e levo a minha filha* (brasileira, 24 anos, massagista, uma filha). Além dos filhos e, eventualmente, de outros familiares mais próximos, as migrações associadas aos casamentos com os europeus geram oportunidades e condições para a deslocação de outras pessoas da rede social das mulheres. De forma mais indirecta também propiciam trânsitos, sobretudo turísticos, em sentido contrário, rumo ao Brasil, de elementos da rede social dos seus maridos. Num efeito bola de neve, ganham forma, deste modo, cadeias de mobilidades nas quais se sucedem novos fluxos e novas alianças conjugais euro-brasileiras.

Mais do que agências ou redes especializadas, os círculos de parentes, amigos ou simples conhecidos constituem, em Ponta Negra, o espaço social central na intermediação dos relacionamentos de intimidade e das deslocações transatlânticas. Lembro-me, por exemplo, de como o matrimónio entre uma brasileira e um norueguês desencadeou uma série de relacionamentos entre membros das respectivas redes sociais e, bem assim, a sucessiva incorporação de mais pessoas nos trânsitos entre o Nordeste do Brasil e a Noruega. Essa brasileira apresentou a sua irmã a um amigo do marido da pequena cidade norueguesa de Molde. Entretanto casaram e ela acabou por se mudar para junto do cônjuge. As duas irmãs e os respectivos agregados moram agora na mesma rua. Através destes dois casais, duas primas das esposas no Brasil e dois amigos noruegueses dos maridos iniciaram relacionamentos que, à semelhança dos anteriores, poderão culminar em casamento.³¹⁹ Por último, já durante a minha estadia em Ponta Negra, uma amiga comum do grupo de duas irmãs e duas primas brasileiras foi apresentada a um amigo comum do grupo de noruegueses e, com a instantaneidade que tende a caracterizar os relacionamentos

³¹⁹ Precisamente num dos dias (07/01/2010) em que falava com estes interlocutores ia realizar-se em Natal a festa de noivado de um dos dois pares de namorados.

transnacionais, os recém-conhecidos construíram rapidamente um envolvimento amoroso e começaram logo a esboçar alguns cenários para dar continuidade à sua ligação. Estes processos de intermediação passional são pautados por uma grande espontaneidade, como se pode depreender na descrição que uma outra mulher brasileira faz sobre o papel que ela e o marido, também norueguês, desempenharam numa relação por eles patrocinada:

Conheci ela [uma amiga], fazia unha. Trabalhava lá no salão. O meu marido estava comigo. Aí, ele disse para ela: *Vou-te levar a conhecer um amigo meu* [na Noruega], *que ele quer arrumar uma namorada brasileira*. Porque os amigos dele falam sempre: *Ah, também quero uma brasileira igual à sua esposa!* [...] Aí, ele perguntou a ela e depois falou com o amigo. Aí ele veio [a Ponta Negra], conheceu ela e gostou. Ele veio em Dezembro com a gente [de férias]. Ele mora perto de mim [na Noruega], assim uns 15 minutos. Eu levei uma foto dela (já me conheceu fazendo unhas, eu não conhecia ela) e ele gostou da foto, *né*. Aí levei ele a conhecer ela em Dezembro e gostou. Deu certo, os dois se gostaram. Aí ela foi agora [para a Noruega] para tentar, *né*. [...] A S. [uma outra amiga] antes também foi três meses na Noruega. Foi em Maio e a minha mãe foi em Junho. Foi na frente da minha mãe, mas voltou junto com a minha mãe (brasileira, 40 anos, trabalha na carpintaria do marido em Stavanger, na Noruega).

Em Kampen, na Holanda, o bar de um holandês casado com uma brasileira é popularmente conhecido como o *bar do amor*. Por intermédio do casal proprietário já muitas outras relações e casamentos transnacionais aí se iniciaram, estimulando, directa ou indirectamente, novos fluxos migratórios a partir do Brasil. Estas cadeias migratórias, atendendo a que envolvem principalmente familiares e amigos das mulheres migrantes, constituem importantes suportes sociais na gestão das comuns dificuldades de adaptação à Europa. Segundo o testemunho de uma psicóloga brasileira que prestou aconselhamento na Suíça a imigrantes seus concidadãos, sobretudo a mulheres que lhe eram encaminhadas pela ONG *Wisdonna Migrantinnen* (Berna), estas dificuldades não estão, necessariamente, relacionadas com os cônjuges europeus e a vida familiar. Em muitos casos, decorrem do inevitável choque cultural inerente à mudança do Brasil para o continente europeu, como de resto têm noção alguns turistas que conheci em Ponta Negra: *Elas aqui não têm regras, só diversão. Agora imagina-as na Europa, por exemplo na Noruega, onde são mais quadrados que essas pedras do passeio. Quando vão para lá, querem vir logo embora* (italiano, 52 anos, comerciante). Por vezes, os problemas de adaptação manifestam-se de forma quase simbólica, através de uma expressão exacerbada da ausência, por exemplo, de produtos tão emblemáticos da gastronomia popular brasileira como o feijão:

Eu tive uma cliente e o grande problema dela, naquela época, era não encontrar o feijão brasileiro. Aí, eu perguntei: *Mas o que é o feijão para você?* Ela respondeu, de imediato: *O feijão é tudo para mim; toda a minha vida eu comi feijão!* Ela queria voltar para o Brasil com a filha e abandonar o marido suíço só porque não tinha feijão. Parece anedota, mas não é. Eu até lhe perguntei: *Mas o*

seu marido trata mal você? Ele lhe bate, não lhe dá dinheiro? Ela respondeu que não. O marido a tratava bem. O problema era de adaptação e a falta do feijão era apenas uma questão de referência (brasileira, 65 anos, psicóloga, imigrante na Suíça).

Quando os problemas de adaptação à Europa se revelam inultrapassáveis e, como no caso relatado em cima, não existe instabilidade na relação conjugal, a mudança do casal para o Brasil, em definitivo ou num regime de sazonalidade, é quase sempre uma possibilidade. No entanto, não é muito frequente esta questão ser ponderada tardiamente, já numa fase avançada do processo que, de forma articulada, contempla o casamento, a migração e o acesso à cidadania europeia. Geralmente, as longas estadias femininas prospectivas e probatórias, de que falava no início do capítulo, permitem às mulheres (e aos seus cônjuges) formular, previamente, uma ideia aproximada sobre a maior ou menor facilidade de adaptação à vida no país europeu em causa e, em função dessa avaliação e de outros factores (v.g. socioprofissionais), organizar uma determinada estratégia de mobilidade e residência. Como vimos, essa estratégia passa, na maior parte das vezes, pela deslocação feminina para a Europa. Porém, como existe uma grande flexibilidade nestas configurações transnacionais de aliança e mobilidade, nem sempre (ou para sempre) é assim. Logo ao início da constituição do casal ou, eventualmente, depois de algum tempo a viver na Europa, a opção poderá passar pela migração masculina para o Brasil ou por sazonalidades intercaladas nos dois lados do Atlântico.

Chegantes europeus

Muitos homens do Velho Continente, fruto de sucessivas e prolongadas visitas a Ponta Negra, constroem vínculos com o lugar que ultrapassam claramente o espaço e o tempo da experiência turística e, amiúde, geram intensos sentimentos de pertença, como se pode depreender do testemunho que se segue: *Sinto que a minha vida é aqui* [Brasil, Ponta Negra]. *A única coisa que tenho em Itália é a família.* [emociona-se] *É sempre isto que acontece quando vou embora no fim das férias. Sinto que esta é a minha casa. Quando venho de Itália para cá isto não acontece* (turista italiano, 34 anos, electricista)³²⁰. Com um *sentimento* idêntico, dois dos meus informantes de Aosta, o Gentile e o Ambrosini, com mais de uma década de visitas consecutivas a Ponta Negra, evocavam constantemente o Brasil nos seus quotidianos em Itália e admitiam que vivem todo o ano a poupar e a fazer planos para as férias, alimentando a expectativa de um dia terem condições materiais para

³²⁰ Prestes a regressar a Itália, embora com planos para fixar-se em Ponta Negra a curto prazo.

ir por mais tempo ou em definitivo. Não é de admirar, portanto, que parte destes visitantes europeus passem de simples turistas a turistas-residentes e a imigrantes (ou *chegantes*³²¹), em especial quando desenvolvem relações de conjugalidade com mulheres locais.³²² Seja ou não por razões conjugais, o mesmo acontece noutros cenários turísticos internacionais, inclusive na Europa (Müller 2002, O'Reilly 2003, Haug, Dann e Mehmetoglu 2007, Barretto 2009). Esta metamorfose de mobilidades mostra-nos como podem ser fluidas as fronteiras entre duas das categorias primordiais da antropologia do turismo – *hosts* e *guests* (Smith 1989a) – (Cipollari 2010) e deixa perceber que o turismo e as migrações são, frequentemente, fluxos articulados e sujeitos a complexos hibridismos (King 2002, Janoschka e Haas 2013). Atendendo ao contexto específico de Ponta Negra, ela representa uma dissidência empírica face ao absolutismo representacional do Nordeste brasileiro como destino de turistas, não de imigrantes. Por outro lado, e considerando algumas das suas principais causas, mostra-nos que os homens, também migram por motivos passionais e familiares, e não somente ou sempre por razões de ordem económica, como tende a ser assumido nos estudos migratórios neoclássicos (Horevitz 2009), influenciados, certamente, pela imagem patriarcal do homem-trabalhador-provedor. Apesar de muito associadas ao feminino nos discursos das ciências sociais, as ditas migrações matrimoniais também envolvem um número considerável de homens, como salientam Niedomysl, Östh e Ham (2010) a propósito dos casamentos transnacionais na Suécia.

O reconhecimento da importância de aspectos da esfera da intimidade e da família na afluência de *chegantes* europeus a Ponta Negra não significa, tal como já disse sobre as brasileiras que fazem o percurso inverso, a não admissão de muitas outras razões que se articulam num denso quadro social de geometria variável e, em certa medida, tornam redutor o próprio conceito de “marriage migrations”. Desde logo identifico também razões económicas e razões que remetem para o estilo de vida e ordenamento da própria sociedade de origem.³²³ Quer isto dizer que as migrações em causa são, simultaneamente, matrimoniais, patrimoniais e “civilizacionais”. A aliança com mulheres locais e a mudança transatlântica de residência é, na maioria dos casos, indissociável de um amplo conjunto de

³²¹ Terminologia usada por Neverovsky (2005) para se referir às pessoas que se estabelecem em Ponta Negra vindas de outros Estados brasileiros e de fora do país. Vejam-se as referências a esta designação feitas no capítulo I.

³²² Embora a (perspectiva de) aliança com determinada mulher seja um factor comum e decisivo na constituição do movimento migratório, antecedendo a deslocação masculina definitiva para Natal, por vezes os termos invertem-se e a aliança surge posteriormente, já no decurso da estadia do imigrante no Brasil.

³²³ Num ou noutro caso sobressaem, ainda, circunstâncias problemáticas de ordem judicial, financeira ou familiar como factores decisivos na decisão de emigrar.

expectativas que integra o trabalho, o investimento, o lazer e a organização e fruição do quotidiano. São expectativas que os próprios, por comparação com os seus países de origem, julgam mais facilmente concretizáveis e conjugáveis no Brasil, podendo, assim, assegurar-lhes vantagens materiais e, ao mesmo tempo, possibilidades de um estilo de vida *simples e calmo* que crêem já não ser possível na *civilização europeia*, como me disse um advogado italiano de 48 anos, saturado da vida em Milão e desejoso de poder mudar-se em definitivo para os trópicos.

A presença de imigrantes europeus é facilmente perceptível em todo o bairro de Ponta Negra, bastando, para tal, entrar nos restaurantes, lojas, pousadas, locais de diversão nocturna (v.g. bares da *praça*) e demais espaços comerciais aí existentes. No entanto, é na orla da praia onde essa presença é mais expressiva e visível, sobretudo na faixa correspondente à ZET-1³²⁴, coração das actividades turísticas e excelente exemplo das “postnational zones” a que Inda (2000) se refere. O mapeamento que, ao longo do mês de Abril de 2010, fiz de todos os estabelecimentos desta área, independentemente da dimensão e área do negócio, mostra que uma parte considerável está a ser explorada por europeus, uns como titulares dos imóveis, outros na condição de arrendatários. Dos 208 estabelecimentos que identifiquei – e considerando que em nove deles não me foi possível obter quaisquer dados sobre a respectiva titularidade –, 45 pertencem a europeus (sobretudo a italianos), por vezes em regime de sociedade de dois, três ou mais sócios, alicerçado em laços de nacionalidade, de amizade e, não raro, na sua partilha comum do lugar, desde os tempos em que o visitavam como turistas. Apenas quatro destes estabelecimentos são de imigrantes não-europeus.³²⁵ Os restantes são de cidadãos brasileiros.³²⁶ Na sua esmagadora maioria, os titulares de nacionalidade europeia são homens e estão casados, em união de facto ou têm uma relação próxima da conjugalidade com mulheres brasileiras, que, salvo poucas excepções, colaboram com os companheiros nos quotidianos de trabalho. Somente 12 europeus não se enquadram nesta situação: oito estão acompanhados pelas suas parceiras europeias, dois não têm ainda relacionamentos duradouros, um está divorciado e, num outro caso distinto, a titularidade da actividade pertence a uma mulher italiana.

³²⁴ De que falava aquando da caracterização do bairro, na secção dois do capítulo I.

³²⁵ O conjunto de imigrantes de países europeus, com italianos e portugueses à cabeça, assume, aliás, uma posição de destaque quando se considera todo o Estado do Rio Grande do Norte (inf. disponibilizada pelo IBGE em 15/07/2013). Este cenário contrasta, nitidamente, com o panorama global da imigração no Brasil em que sobressaem três países não-europeus (EUA, Japão e Paraguai) no pódio das principais geografias de origem dos fluxos migratórios (IBGE 2012b).

³²⁶ Estes dados permitem relativizar a ideia bastante veiculada nos discursos populares locais e, por vezes, nos discursos jornalísticos de que os *gringos* são os donos de Ponta Negra.

À exceção de uma dezena de empreendimentos (v.g. hoteleiros) com uma dimensão substancial, as demais actividades pertencentes a europeus não atingem grande escala empresarial. Destacam-se os restaurantes, as pousadas e os *pontos* de internet e telefone. Predomina, portanto, o pequeno/médio investimento, através do qual são mobilizadas poupanças para negócios que uma boa parte destes imigrantes, com igual volume de capital, dificilmente poderia implantar nos países de origem. Por vezes, os investimentos são tão baixos que nem chegam aos R\$150.000 exigidos como quantia mínima para a concessão do chamado “visto permanente para investidor estrangeiro – pessoa física”. Nestes casos, o casamento – mesmo quando representa, como é comum acontecer, a expressão formal do envolvimento afectivo entre as partes – não deixa de constituir uma solução alternativa estratégica e conveniente, permitindo aos *gringos* que não têm grande capacidade financeira a obtenção imediata da autorização de permanência no Brasil e, passado um ano, a possibilidade de solicitar a naturalização.³²⁷ É que os cidadãos pouco abastados dos países ricos, como é o caso de alguns dos meus informantes europeus, também estão sujeitos a fronteiras e a políticas de nacionalidade subjugadas à tirania de critérios económicos que podem empurrá-los para a condição de “ilegais”. Lembro-me, por exemplo, de um italiano de 28 anos, canalizador em Itália, que se encontrava nesta situação. Em Março de 2009 esteve em Ponta Negra a passar férias durante uma semana. Cerca de um mês depois regressou e acabou por ficar, juntando-se a dois conterrâneos que haviam formado uma sociedade para arrendar e explorar uma pousada no bairro. Entretanto ainda beneficiou de uma prorrogação de três meses da autorização de estadia turística inicial, concedida pela polícia federal. Quando falei com ele pela primeira vez, em Dezembro de 2009, já havia mais de três meses que estava em situação irregular no Brasil. Disse-me que, à falta de capital para investir, uma das soluções que lhe parecia mais óbvia para resolver o problema era o casamento com a namorada.

Geralmente para os mais novos e em situações laborais pouco atractivas, a mudança transatlântica para o Nordeste acaba por ser uma saída para a precariedade. A

³²⁷ Não são muito frequentes, todavia, os chamados *casamentos de aluguel*. Em primeiro lugar, por uma questão aritmética óbvia: o número de pedidos de permanência por via do casamento e da união estável continua baixo a nível nacional. Em 2011 foram feitas apenas 3.757 solicitações, tendo sido aceites como válidas 3.286 (Conselho Geral de Imigração, Ministério do Trabalho e Emprego, *in* Martín 2012), às quais foram concedidos os respectivos vistos. Em segundo lugar, pela fiscalização apertada por parte da polícia federal, que, entre outros procedimentos, contempla visitas ao domicílio do casal e a procura minuciosa de elementos de aferição da existência ou não de fraude. Apesar de tudo, como pude constatar em Natal, a ideia do estrangeiro que casa para *ganhar a permanência* está bem presente no imaginário local como uma espécie de mito urbano.

muitos deles abre-lhes a oportunidade de passar de empregados insatisfeitos e mal remunerados na Europa a donos do seu próprio negócio no Brasil, sem grande esforço financeiro. Era com esta perspectiva que o turista italiano (34 anos, electricista) a que me referia atrás preparava a sua mudança para Ponta Negra para, em conjunto com a namorada brasileira, arrendar um espaço e abrir aí um pequeno restaurante. Além de vários outros motivos, justificou esta opção dizendo-me que estava descontente com o seu quotidiano profissional e a condição económica em Itália: *É sempre trabalho, trabalho, trabalho para nada. Com tantos impostos e tudo tão caro, o dinheiro desaparece!* Também pouco satisfeito com o seu trabalho de pedreiro em Itália e, desde há muito tempo fascinado pelo Brasil, o Gentile ponderava igualmente a sua deslocação transatlântica definitiva quando o acompanhei em Aosta. A pesar favoravelmente na sua decisão estava ainda a vantagem, não muito comum, de poder integrar um pequeno projecto empresarial que a companheira brasileira já desenvolve há alguns anos e no qual tem bastante experiência. Vejamos o seu caso com maior detalhe a partir da narração de uma das nossas muitas conversas:

[...] vai agora no dia 11 de Novembro para o Brasil. Tenciona passar lá cerca de três meses, aproveitando para, juntamente com a namorada, avaliar melhor a possibilidade de ir em definitivo. Só irá de vez para o Brasil se for para algo *seguro*, que lhe permita ganhar o suficiente (cerca de R\$4.000, no seu entender) para *levar uma vida tranquila*, fazer férias uma vez por ano e poder visitar os seus pais na Itália. A sua ideia é estabelecer a empresa de eventos da namorada (agora em São Paulo) no Nordeste brasileiro. Prefere o nordeste ao sul do Brasil, *muito stressado e mais afastado da praia*. [...] Nesta próxima ida irá, juntamente com a namorada, fazer uma prospecção do mercado de organização de eventos nas cidades vizinhas de João Pessoa (Estado da Paraíba) e de Natal. Se o cenário for animador, em princípio irão estabelecer-se numa destas duas cidades, o que implicará não só a sua deslocação migratória como também a da sua companheira, neste caso do sul para o norte do país. [...] Só abandonará o seu trabalho como pedreiro da autarquia local quando *tiver a certeza que é seguro* ir para o Brasil. Até porque não será fácil para ele arranjar novamente trabalho em Itália, caso as coisas lhe corram mal (notas de campo, Aosta, 10/10/2010).

Para outros europeus, à partida numa situação de maior prosperidade financeira, a mudança para o Brasil configura novas oportunidades de aplicação das suas economias e/ou de reafecção do capital entretanto realizado com a venda de estabelecimentos comerciais (v.g. restaurante) e de outros bens de que eram proprietários na Europa. A deslocação transnacional de recursos financeiros, entre países economicamente assimétricos, tem, desde logo, um efeito multiplicador da capacidade económica destes imigrantes, permitindo-lhes iniciar uma actividade, eventualmente similar ou próxima da anterior, diversificar os investimentos (v.g. aquisição de imóveis para arrendamento) e melhorar o nível de vida. Imigrante em Ponta Negra há meia dúzia de anos, onde tem uma pequena loja de acesso à internet e de telecomunicações – na qual também trabalha a sua

companheira natalense –, um catalão (50 anos, ex-proprietário de um restaurante em Barcelona) destacava, justamente, como a mudança de Espanha para o Brasil assegura uma extraordinária ampliação da capacidade aquisitiva: *O que fazes com €200.000 em Barcelona? Nada! Nem dá para comprar uma casa. Aqui compras três ou quatro apartamentos: um para ti e os outros para arrendar. E ainda te sobra algum dinheiro para pôr no banco a render a 7%.*

Mas, além das questões mais especificamente do campo da racionalidade económica, deu-me a entender, logo a seguir, que a sua mudança para o Brasil teve subjacente um quadro de variáveis mais vasto e complexo, do qual também fazem parte a intimidade, a ecologia física e social do contexto e o regime sensorial a ele associado. No seu discurso, como no de tantos outros, o calor surge, mais uma vez, como uma metáfora, simbolicamente tão densa, que tudo parece explicar: *Eu gosto do calor, do sol... de ver as “chicas” na praia, alegres e de fio dental. Na Europa andam todas cobertas [agasalhadas], sempre tristes, sempre com “mala cara”. Calor é alegria!* A valorização de aspectos extra-económicos na mudança para o Brasil é de tal ordem que muitos, além dos habituais motivos de ordem passional e conjugal, colocam no topo da hierarquia das suas razões a insatisfação com os seus estilos de vida na Europa, alegadamente dominados pelas obrigações profissionais, e o fascínio pelo exotismo de um contexto no qual vislumbram a promessa de uma outra vida e de um novo élan, fundado num presenteísmo vitalista, como diria Maffesoli (1979, 1985). Remetendo para a procura de “a better way of life”, a sua deslocação migratória revela características do que já é designado nas ciências sociais por “lifestyle migration” (Benson e O’Reilly 2009a, Benson e O’Reilly 2009b, Benson 2012, Janoschka e Haas 2013). O testemunho que se segue é esclarecedor da importância das expectativas de transfiguração radical e transversal da vida quotidiana, desde a intimidade às rotinas de trabalho, que acompanham a partida de Itália para Ponta Negra:

Em Itália e em quase toda a Europa nós somos apenas peças do sistema. Trabalhamos, trabalhamos e não temos tempo para apreciar a vida, para falarmos com os amigos, para namorar. Ganhamos dinheiro, às vezes muito dinheiro, mas não temos tempo para o gastar. E também não o queremos gastar. Estamos sempre a pensar no futuro. Temos de nos sacrificar a pensar no futuro; temos de poupar. Esquecemos que podemos morrer ou até ficar sem nada de um momento para o outro, como aconteceu aqui ao lado na Argentina. Eu estava farto desta vida. Cada vez me sentia mais escravo do trabalho. Eu tenho o meu diploma de ciências agrárias e trabalhava num serviço de apoio aos agricultores. Vivia para o trabalho. E quando não estava a trabalhar, as preocupações com assuntos do trabalho eram muitas. Parece que tudo isso estava sempre presente. O desgaste era muito grande. Quando vim aqui ao Brasil [ainda como turista] vi que havia outras formas de viver a vida. É que, quando estamos na Europa, parece que não existe outro tipo de vida. Parece que só existe a vida do trabalho e do sacrifício. Depois de conhecer melhor a vida das pessoas

daqui, eu próprio fui *puxado* para este tipo de vida. Então foi rápido que apareceu na minha cabeça esta ideia de vir para cá, mesmo sabendo que ia ganhar menos dinheiro que em Itália. Perdi em dinheiro, mas ganhei em qualidade de vida. Agora tenho tempo para mim, para os meus amigos, para a namorada e o amor, para me relacionar. Não me sinto pressionado, nem controlado pelo sistema (imigrante italiano, inicialmente turista, 34 anos, sócio de uma pequena pousada arrendada).

Aos múltiplos atractivos que estimulam a migração dos homens europeus acresce, por vezes, a firme vontade das suas namoradas ou esposas locais em permanecer em Ponta Negra, seja pelos filhos, pelas imagens pouco apelativas da Europa, anteriores experiências transatlânticas negativas ou, mais raramente, pela carreira profissional. Esta é, aliás, uma vontade que tem um certo acolhimento entre a generalidade dos companheiros. Não só porque muitos deles manifestam (por eles próprios) a disposição de abandonar os seus países, como também pelo facto de considerarem que a mulher do Brasil muda completamente depois de sair do ambiente tropical e, ainda, nalguns casos, por estarem convictos de que a vida conjugal com uma brasileira na Europa iria causar a ambos constrangimentos sociais difíceis de ultrapassar. Desde logo, pelas representações desqualificantes de cariz sexual presentes em muitos países europeus sobre o Brasil, em particular sobre o Brasil no feminino (Pontes 2004, Padilla 2007, Scott 2010).³²⁸ A opção pela residência em Ponta Negra não lhes garante, todavia, a imunidade face a esses e demais constrangimentos. Aqui, como já disse, as relações transnacionais, mesmo quando enquadradas no formato de casal, não deixam de ser alvo de estigmas e preconceitos.

À semelhança do que acontece noutros fluxos migratórios, as expectativas e previsões que informam a mobilidade masculina transatlântica são permeadas por desfasamentos cognitivos, por vezes bastante acentuados, face à realidade encontrada a jusante. Apesar da experiência acumulada como turistas, os *chegantes* europeus confrontam-se com imponderáveis e, amiúde, experimentam dificuldades e desencantos que os levam a reformular o anterior olhar turístico, romantizado por definição (Urry 1996). Algumas das situações que lhes geram maior desconforto situam-se no campo da conjugalidade e família. Ouvi-os, por exemplo, a queixarem-se da alegada falta de empenho, método e rigor das suas parceiras brasileiras em questões laborais e da economia

³²⁸ O considerável contingente de trabalhadoras sexuais de nacionalidade brasileira na Europa tem contribuído para a produção de estigmas que se estendem à generalidade das imigrantes femininas da mesma nacionalidade (Duarte 2012). Na Noruega ocorre um processo semelhante em relação às mulheres russas, de acordo com a descrição feita por Sverdljuk (2009: 137): “As the local media and public consciousness had a tendency to associate the emerging transnational prostitution activities solely with ‘Russian women’, the derogative and vulgar ‘stigma of prostitution’ rapidly came into being. Russian migrant women in Northern Norway, including the so-called marriage migrants and students, have experienced whore-calling, sidelong glances and insults in everyday life”.

doméstica, qualificando-as de forma negativa em comparação com o que consideram ser a maior aptidão para o trabalho, *responsabilidade e organização* das mulheres europeias.³²⁹ Ouvi-os, também, a manifestarem-se saturados por *levar com toda a família* das companheiras, estando obrigados – à luz das concepções locais de parentesco e, acima de tudo, sendo *gringos* – a resolver problemas e assumir encargos de diversa ordem de familiares chegados e menos chegados. Atentemos na seguinte vinheta etnográfica.

Na esplanada do *Mare d'Itália*, o amigo do Giacomo [também italiano, 64 anos] confidenciou que está a passar por uma crise conjugal com a sua esposa brasileira de 41 anos. Um amigo italiano disponibilizou-lhe grátis um apartamento em Parnamirim [ainda dentro da área metropolitana de Natal], mas a esposa não quer deixar Ponta Negra, alegando que lá não tem espaço suficiente para os três: eles os dois e a filha de 18 anos de um anterior casamento. Ele já lhe fez ver que, desse modo, poupariam cerca de R\$10.000 por ano na renda da actual habitação, o que lhes permitiria adquirir um automóvel a curto prazo. Contudo, a esposa mantém-se irredutível, levando-o a ponderar o divórcio. Disse que já lhe fez inúmeras cedências e que cumpre demasiadas obrigações, nomeadamente a nível financeiro, enquanto que ela não tem nada disso em conta e não retribui. Paga todas as despesas da casa (mais de R\$2.2000 por mês), dá de *mesada* cerca de R\$200 à enteada e tem comprado vários electrodomésticos e móveis para a casa onde moram. Destacou que a esposa só trabalha há três meses e que *em casa sempre houve de tudo*. Aliás, suspeita mesmo que, devido a esta abundância, parte dos bens, sobretudo alimentares, será *desviada* para familiares da mulher. A situação está a deixá-lo bastante irritado, pois alega não ter qualquer obrigação de estar, sistematicamente, a contribuir para outros agregados que não o seu (notas de campo, Ponta Negra, 28/12/2009).

No entender deste italiano e da generalidade dos *chegantes* europeus que conheci, as *coisas seriam diferentes* se o casal estivesse a morar na Europa, embora reconheçam que aí, além desses mesmos *problemas* não se extinguirem por completo, teriam de lidar com os novos *problemas* que um cenário diferente lhes colocaria. Estas e outras situações adversas, não necessariamente vinculadas ao espaço doméstico e à intimidade conjugal e familiar, retiram sustentação às suas concepções idílicas do Brasil iniciais e levam-nos a *cair na real*, como muitos já aprenderam a dizer. A desilusão gerada pela divergência entre o que se imaginou como vida alternativa e aquilo que se vive – entre as ilusões do emigrante e os sofrimentos do imigrante, para usar os termos de Sayd (1999) – pode suscitar a reponderação e calibragem do projecto migratório (e conjugal) e, no limite, o regresso à Europa, com ou sem a consorte brasileira.

³²⁹ Associam, assim, pela positiva, às mulheres europeias os mesmos atributos que, noutras circunstâncias discursivas, consideram profundamente negativos.

Sazonalidades intercaladas

Por razões económicas, profissionais e familiares, problemas de adaptação ou estilo de vida, alguns casais euro-brasileiros adoptam estratégias de gestão da sua transnacionalidade que contemplam vaivéns sazonais regulares entre o continente europeu e a região natalense. Embora sem a expressão empírica dos arranjos baseados na migração de uma das partes (sobretudo a feminina) para o país da outra, estes casais não deixam de ser reveladores da diversidade de formatos conjugais e residenciais, assim como da complexidade de práticas de mobilidade insubordináveis à estrita dicotomia turismo *versus* migrações. Enquadrados, como tantos outros, pelo casamento ou por formas de conjugalidade mais informais (v.g. união de facto), o que, de facto, os torna singulares no contexto em causa é o modo como se organizam no espaço e no tempo, não recorrendo a deslocações migratórias definitivas.³³⁰

Ao invés da generalidade dos demais casais transnacionais formados a partir de Ponta Negra, não se estabelecem em exclusivo num dos lados do Atlântico e, nalguns casos, os seus membros nem sempre vivem juntos, partilhando em permanência e presencialmente o mesmo quotidiano. Olhando para as suas especificidades, distingo-lhes sobretudo dois regimes de coabitação e residência: “alternado” e “intermitente”, para usar os termos de Caradec (1996). A persistência temporal de ambos é bastante variável. Podem projectar-se a longo prazo como soluções quase definitivas ou, pelo menos, circunscritas a um horizonte de tempo indefinido. Podem, pelo contrário, ser assumidos como arranjos provisórios de curto ou médio prazo até estarem reunidas condições para a migração feminina ou masculina de que falava antes.

O primeiro regime caracteriza-se pela convivência constante do casal sob o mesmo tecto, ainda que, ao longo do ano, transite entre diferentes domicílios, intercalando permanências sazonais no Brasil e na Europa. É esta a disposição residencial adoptada por um agregado constituído por um sueco de 68 anos, uma brasileira de 29 anos e os dois filhos pequenos de ambos. Com uma casa em frente à praia de Ponta Negra e uma outra em Estocolmo, a família passa cerca de metade do ano nos trópicos, sensivelmente de Outubro a Março, e a outra metade em terras nórdicas. A avaliar pela qualidade da moradia brasileira e do seu recheio, encontram-se numa situação económica confortável. Apesar de tudo, durante o tempo que estão em Ponta Negra, e que corresponde à *época alta* do

³³⁰ Um pouco à semelhança – salvo as inúmeras particularidades contextuais – da estratégia seguida por mulheres do arquipélago de Riau (Indonésia) e pelos respectivos maridos de países vizinhos (Lyons e Ford 2008).

turismo local, arrendam informalmente cinco quartos situados no piso superior da habitação, cada qual por um preço mensal na ordem dos R\$1.000.

No segundo regime, os parceiros não adoptam uma coabitação permanente, continuando, todavia, a autodefinir-se como casal.³³¹ Esta ausência de partilha presencial e quotidiana de um mesmo espaço, em especial quando a distância é muito significativa e/ou a duração do tempo em conjunto é menor que a do tempo de afastamento, faz lembrar o modelo de intimidade conjugal LAT (Winfield 1985, Trost 1998, Levin 2004, Holmes 2004, 2006, 2010, Salgado e Dávila 2008)³³², caracterizando-se pela vinculação do duo sentimental, casado ou não, a diferentes unidades residenciais. O ordenamento da sua convivência assenta na sucessiva alternância de temporadas de alguns meses em conjunto com temporadas em que vivem separados: ele na Europa, ela no Brasil. Na manutenção da conjugalidade à distância fazem usos intensivos e criativos das novas tecnologias globais de comunicação. Os reencontros realizam-se mediante deslocações periódicas transnacionais de uma das partes. A maioria destes trânsitos é feita pelos europeus. O movimento em sentido inverso, das suas companheiras brasileiras rumo ao Norte, é menos frequente.

Em jeito de exemplo, partilho aqui, sumariamente, a organização de dois casais que mantêm há anos este formato de intermitência co-residencial. Num deles, o homem, com 65 anos, há mais de uma década que *passa o tempo viajando* entre a Itália e o Brasil. No seu país tem negócios no sector da construção e em Ponta Negra uma unidade hoteleira. Durante o tempo em que se encontra na Europa, este empreendimento é gerido pela sua companheira, uma mulher local de 35 anos que, na altura em que se conheceram,³³³ vendia ervas aromáticas para as *barracas* que existiam junto ao *calçada*, em pleno areal. No segundo caso, um italiano de 62 anos (reformado, mas fazendo ainda pequenos trabalhos de construção civil em Itália), embora sem um vínculo económico transatlântico como o seu concidadão anterior, passa cerca de seis meses no Brasil, repartidos em duas estadias. Há quase cinco anos que assim acontece, sensivelmente desde

³³¹ Os elementos da pesquisa documental nos cartórios de Natal mostram que, mesmo entre os casais transnacionais que contraíram matrimónio, há alguns casos em que o marido mantém a sua morada do país de origem e a esposa a respectiva morada do Brasil. O facto de terem declarado diferentes domicílios não significa, na prática, uma qualquer separação residencial do casal. Tal como a declaração formal da mesma morada, feita pela esmagadora maioria dos casais, não se traduz, necessariamente, na sua efectiva partilha permanente.

³³² Em regra, os condicionamentos inerentes à carreira profissional são identificados como factores determinantes dos relacionamentos à distância (Rabe 2001, Rhodes 2002, Holmes 2004). Porém, num quadro de análise transnacional como o que é aqui considerado, existem várias outras condicionantes tão ou mais influentes, como é o caso da filiação resultante de relacionamentos anteriores.

³³³ Ele então visitava Ponta Negra como turista.

que começou uma relação mais estável com uma jovem natalense (25 anos, antes fazia *programas*, agora estuda na universidade), de quem vai ter um filho.³³⁴ Durante a sua permanência em Ponta Negra, os dois moram juntos. Quando regressa a Itália, a companheira volta para a casa da mãe. Ele envia-lhe dinheiro todos os meses para assegurar o pagamento dos estudos e demais encargos.

Os dois regimes de coabitação e residência que, sumariamente, acabei de analisar têm subjacentes práticas de mobilidade que os casais transnacionais vão adoptando, de forma pragmática e reflexiva, em função de projectos, prioridades e imprevistos que decorrem de quadros pessoais e sociais complexos, compostos por articulações variáveis de elementos sentimentais, familiares, económicos, laborais, de lazer, entre outros.³³⁵ As configurações dos fluxos transatlânticos destes casais deixam perceber estratégias de gestão flexível do espaço e do tempo, para as quais muito têm contribuído os progressos nos transportes e nas comunicações, juntamente com as novas formas de organização do trabalho e da produção de que a antropologia e as demais ciências sociais nos têm dado conta (Inda 2000, Ellison 2004, Kjaerulff 2010, Caulkins e Jordan 2012). Graças à internet e à possibilidade de desenvolver o seu trabalho à distância, um publicitário alemão de 30 anos que conheci em Ponta Negra passa grande parte do ano junto da companheira brasileira. Tendo em vista, também, passar largas temporadas ou mesmo estabelecer-se em definitivo no Brasil com a futura esposa e os filhos desta, um italiano de Aosta (38 anos, ainda a trabalhar numa empresa de entregas), criou uma agência de viagens virtual, que lhe permitirá *trabalhar em qualquer lugar do mundo*, como ele próprio fez questão de salientar.

As sucessivas deslocações e estadias sazonais intercaladas, dos casais ou de um dos seus membros, entre o Brasil e o continente europeu instauram ordenamentos de aliança em trânsito e multi-situados, numa estreita interconexão entre mobilidade e conjugalidade. Constituem, por isso, o exemplo em que melhor se vislumbra a densa fluidez dos vínculos conjugais e residenciais transatlânticos, bem como a plasticidade da organização da cidadania e da intimidade num “mundo flexível” (Inda 2000), embora não o seja para todos de igual forma.

³³⁴ O nascimento desta criança vai obrigá-los, certamente, a repensar as suas estratégias de mobilidade e residência. Fiquei com a ideia de que, a breve trecho, ele poderá mudar-se em definitivo para Natal.

³³⁵ Não é fácil, nem aconselhável, por isso, associar esses regimes a tipologias rígidas (v.g. turismo, migrações), em especial se operacionalizadas numa lógica dicotómica estrita de exclusão recíproca.

Conclusão

O Atlântico, como nos mostra Gilroy (2001: 55), é um “sistema de trocas culturais” historicamente marcado por difusões e hibridismos. Calcorreado por navegantes, colonos, comerciantes e demais viajantes em tempos mais longínquos, ele é agora um complexo espaço de fluxos onde assumem proporções bastante significativas as deslocamentos turísticos e migratórias. Entre as muitas razões e implicações destas mobilidades temos aquelas que se inscrevem no âmbito da intimidade, uma esfera mais ampla e intrincada do que, eventualmente, se poderá pressupor. Além dos aspectos afectivo-sexuais, conjugais e familiares, dela fazem parte muitos outros elementos, como os económicos (Lima 2003, Zelizer 2000, 2005, 2009, Júnior 2005), cujo cabimento e relevância nem sempre são alvo de efectiva consideração ou, quando o são, tendem a ser sujeitos à tirania de análises dicotómicas em que, sistematicamente, se opõem dinheiro e amor (Adelman 2011).

As mobilidades e intimidades transatlânticas, enquanto manifestações que se intersectam e articulam, constituíram o meu foco de interesse prioritário na exploração etnográfica do terreno de trânsitos passionais e conjugais entre Ponta Negra, no Nordeste brasileiro, e a Europa. Tendo sempre em conta as principais estruturas e contextos sociais, locais e transnacionais, e os históricos “fantasmas imperiais” (Veissière 2011) presentes na formação destes fluxos, procurei compreender as disposições subjectivas e práticas envolvidas na configuração de formas de convivência íntima entre homens europeus e mulheres brasileiras adultas que se conhecem em Ponta Negra. Os primeiros, oriundos maioritariamente de Itália e de outros países mediterrânicos, frequentam o lugar sobretudo como turistas. As segundas são *nativas* do bairro ou provenientes de outros bairros de Natal, de outras localidades do Rio Grande do Norte ou, ainda, de outros Estados, mormente do Nordeste. A grande maioria delas perspectiva e procura o lugar presumindo tratar-se de um contexto que oferece oportunidades para novos rumos e condições de vida, desde logo materiais. Apesar de não ser uma situação muito frequente, algumas estão aí em lazer, um pouco à semelhança dos *gringos* com quem se relacionam.

O encontro de ambas as partes, como acontece noutros destinos tropicais globais de sol e praia (Cohen 1982, O’Connell Davidson 1996, Kempadoo 1999a, 2004, Brennan 2004a, 2004b, 2007, Piscitelli 2001, 2004b, 2007c, Simoni 2009), processa-se no quadro do turismo de massas, que faz convergir no mesmo espaço contingentes bastante significativos de estrangeiros e de mulheres brasileiras. A rápida expansão do sector em finais do século XX – pautada por um processo de internacionalização predominantemente dirigido para países da Europa, indissociável de construções racializadas e sexualizadas da identidade brasileira disseminadas, há muito, no palco mundial (Filho 1998, Ribeiro e Sacramento 2009) – marcou o início da destacada afluência turística masculina de europeus a Ponta Negra.³³⁶ Por outro lado, gerou um extenso volume de empregos precários feminizados³³⁷ e proporcionou oportunidades informais de renda ou de suplemento de renda (*v.g. programas*), fixando mulheres locais e atraindo muitas outras de fora da região natalense sem grandes alternativas de inserção no mercado laboral formal.

Embora proporcione as condições mais imediatas para o encontro de homens e mulheres dos dois lados do Atlântico, o turismo internacional, por si só, não explica os relacionamentos daí resultantes. No entanto, amiúde, é olhado e estigmatizado, sob o rótulo de turismo sexual, como factor responsável por aproximações passionais socialmente percebidas como desordem e problema. Ora, o substrato em que estas paixões enraízam é, indiscutivelmente, mais amplo, profundo e intrincado, e, em certa medida, não deixa de ser também o substrato do próprio fenómeno turístico. A sua génese remonta ao colonialismo, em concreto à economia política transatlântica e às expressões de identidade nacional que a partir daí vão sendo estruturadas.

A formação dos grandes impérios ultramarinos estabeleceu hierarquias geopolíticas e económicas transnacionais, e instaurou uma densa colonização simbólica e epistemológica dos trópicos (Mignolo 2000),³³⁸ contribuindo, assim, para a sua génese como eminentes geografias de lazer, prazer e erotismo (McClintock 1995). Foi, justamente, nas reminiscências da antiga ordem colonial, bem como nas suas imagens e imaginações do “outro”, carregadas de atribuições exóticas, sensuais e sexuais – entretanto apropriadas e (re)modeladas nos processos pós-coloniais de afirmação das identidades nacionais (Sommer 2004, Machado 2009) –, que começaram a estruturar-se muitas das

³³⁶ Veja-se o capítulo III.

³³⁷ As características de muitas das funções ligadas à actividade turística e a respectiva precarização das condições laborais ajudam a entender a tendência de feminização do trabalho no sector do turismo (Barretto 2003).

³³⁸ De um modo geral, os processos de independência nacional não reverteram de forma verdadeiramente significativa esta colonização simbólica e algumas das subalternidades das ex-colónias à escala global.

aspirações, desejos e seduções interculturais que impulsionam configurações transnacionais de intimidade como as que testemunhei entre Ponta Negra e o continente europeu. Aliás, a expansão do turismo de massas nas periferias tropicais, e não só, é ela própria largamente tributária de ordenamentos internacionais, desígnios de exotismo e genuinidade, e fascínios nostálgicos edificados sob o legado dos impérios coloniais (Turner e Ash 1991, Jackson 2004, Piscitelli 2004d, D’Hautesserre 2008).

Os vínculos históricos euro-brasileiros contribuíram, decisivamente, para a formação de correlações de economia política e de identidade que é importante considerar para perceber os relacionamentos afectivo-sexuais e conjugais entre os seus respectivos cidadãos e as mobilidades que, a montante e a jusante, estão envolvidas nesses mesmos relacionamentos. As assimetrias na repartição de recursos e demais elementos estatutários entre países e, acima de tudo, entre pessoas específicas assumem-se como condições estruturais de enorme influência na organização das paixões transatlânticas, nomeadamente na definição dos posicionamentos, subjectividades e expectativas dos diferentes sujeitos que as protagonizam. Imbricados nesta “economia política do amor” (Padilla *et al.* 2007) encontramos uma considerável profusão de discursos (v.g. históricos, religiosos, etnográficos, literários, políticos, mediáticos) entre as duas margens do Atlântico, intensificados e disseminados nas últimas décadas como em nenhum outro momento da história devido à expansão das indústrias da cultura e comunicação, à internet e à crescente mobilidade de pessoas. Através destes discursos, e praticamente desde os primeiros contactos entre o Velho e o Novo Mundo, foram ganhando forma disposições identitárias recíprocas e diferenciadas, em particular determinadas intersecções de nacionalidade, género, “raça”, classe e sexualidade, das quais emergem as alteridades, representações e vontades – “transatlantic cultural economy of desire” (Veissière 2011) – que pautam as convergências passionais transnacionais iniciadas em Ponta Negra.

A nacionalidade, tal como se pode depreender, entre outros, dos trabalhos de McClintock (1995) e Piscitelli (2007a, 2008), assume aqui especial preponderância. Funciona como uma espécie de condensador simbólico de atributos identitários, com base no qual europeus e brasileiras produzem figurações sobre a geografia da outra parte, idealizam-se mutuamente e manifestam desejos e interesses cruzados.³³⁹ Reproduzindo “imaginários geográficos” (Said 2004, Harvey 1990, Gregory 1995, Salazar 2011)

³³⁹ Refiro-me a desejos e interesses em sentido lato, neles incluindo, por exemplo, aspectos materiais e afectivo-sexuais. No processo de formulação de ideias e expectativas sobre a outra parte, o principal termo de referência é o modo como os próprios actores sociais concebem e experienciam a respectiva nacionalidade, designadamente na sua articulação com as questões de género e classe.

amplamente difundidos nos inúmeros circuitos globais de massificação e mercantilização cultural, eles tendem a representar o Brasil a partir do paradigma dominante do destino exótico, sensual e *quente*³⁴⁰; elas a perspectivar a Europa com algumas incertezas, mas reproduzindo quase sempre o comum estereótipo do continente do trabalho, da prosperidade e do bem-estar. A primeira latitude é, por isso, e no imediato, desejada sobretudo para turismo; os países europeus, por seu lado, ambicionados, principalmente, como contextos de acolhimento de eventuais deslocações migratórias.

Estas formulações sobre países “outros” entrecruzam-se com noções de identidade masculina e feminina recíprocas, nas quais se emparelham diversos eixos de categorização. Em função da pertença nacional, e não tanto de características intrínsecas, as brasileiras são, predominantemente, racializadas e (hiper)sexualizadas como *mulatas* e *quentes* e, ao mesmo tempo, idealizadas como mulheres *simples* e pouco emancipadas, isto em comparação com as europeias. Os homens do Velho Continente, os *gringos*, são alvo de associações recorrentes à brancura fenotípica³⁴¹, à afluência económica, a posições de classe privilegiadas, a formas sensíveis e democráticas de masculinidade (em comparação com os homens brasileiros), e a uma sexualidade tendencialmente *fria*. Juntamente com estas múltiplas ideações de parte a parte, os respectivos trajectos, contextos e projectos biográficos, mormente no que diz respeito a questões de ordem passional, económica e familiar – densamente interligadas, vividas e ponderadas pelos sujeitos como um todo –, desempenham um papel decisivo na modelação das subjectividades que impelem os fluxos e os encontros inerentes à produção de espaços de intimidade transatlânticos.

Do lado dos europeus, como se pode concluir do capítulo IV, a clivagem entre ideologia e experiência no âmbito dos percursos de vida íntima nos países de origem é bastante acentuada. Não se afigura pacífica a sua convivência com as mudanças em curso na organização das relações de género e dos laços amorosos e familiares, que, sendo bastante marcantes na Europa, não deixam de se manifestar nos demais continentes.³⁴² Daí resulta um significativo mal-estar face a modelos relacionais que consideram quase contranatura, alegadamente adulterados pela excessiva emancipação e destradicionalização das mulheres ocidentais. Identificam o exagerado investimento feminino na carreira

³⁴⁰ Triplamente *quente*: do ponto de vista climático, social (v.g. simpatia e afectuosidade) e sexual. O adjectivo é, repetidamente, utilizado por brasileiros e estrangeiros com esta diversidade de sentidos, tal como o seu oposto, o *frio*, é associado em simultâneo às condições de clima, à sociabilidade e à sexualidade na Europa.

³⁴¹ De um modo geral, essa brancura é percebida e cobiçada (v.g. para os filhos) como se de um privilégio se tratasse.

³⁴² Veja-se o capítulo II.

profissional e a preocupação com a independência económica e as condições materiais, em detrimento da vida sentimental, sexual e familiar, como causas maiores daquilo que os próprios, tomados por uma certa nostalgia patriarcal, admitem ser os grandes problemas masculinos na esfera íntima: a retracção e selectividade das mulheres, sobretudo das que mais desejam, nos processos de sedução e conquista sexual; as dificuldades na construção de relacionamentos convergentes com ideais de casal que remetem para uma ampla e intensa cumplicidade afectivo-sexual e para a necessidade de um permanente investimento, em especial da parte feminina, na consensualização de projectos de família e trabalho.³⁴³

Por motivos contrários, também a generalidade das minhas informantes brasileiras expressa profunda insatisfação face aos relacionamentos com concidadãos, conforme é descrito no capítulo V. As ideologias e práticas de masculinidade nacionais, em especial no Nordeste, são por elas alegadas como razão primordial dos consecutivos reveses nos respectivos trajectos de namoro e conjugalidade. Responsabilizam os companheiros por procedimentos como a infidelidade, a ausência de romantismo, o incumprimento de obrigações parentais e a escassa contribuição para as despesas quotidianas, que comprometem aspirações (v.g. paixão, confiança, partilha, equidade, estabilidade e realização pessoal) fundamentais dos seus projectos de aliança e família, também elas sintomáticas das mudanças na intimidade, de que falava atrás, e da crescente exigência interpessoal a que é sujeito o compromisso amoroso (Coontz 2007). Não é de estranhar, portanto, o facto de a esmagadora maioria, embora jovem, ter passado já por sucessivas experiências de separação, o que, geralmente, as obriga a assumir quase por inteiro as responsabilidades e os encargos com os filhos resultantes das relações que findam. Em conjunto com esta situação, as frequentes dificuldades económicas das famílias de orientação e o desemprego ou o trabalho precário, bastante comuns entre a população feminina das classes populares, geram condições de extensa vulnerabilidade. É inegável que estas circunstâncias contextuais pesam bastante na opção de muitas mulheres se dedicarem aos *programas*³⁴⁴, daí extraindo rendimentos essenciais para a subsistência familiar e/ou para aceder a padrões de consumo valorizados como meio de “distinção social” (Bourdieu 2007) e, inclusive, de expressão de cidadania (Canclini 1996).

³⁴³ Esta necessidade, alegam, não se colocava há uma ou duas gerações, quando as mães e avós estavam em casa e assumiam a função de cuidar da família.

³⁴⁴ É importante, todavia, ressaltar a existência de muitos outros elementos fora do âmbito estritamente económico que é fundamental ponderar no debate sobre o emaranhado de condições sociais que fomenta o exercício do sexo mercantil. Não o faço de forma sistemática neste trabalho por mera opção analítica relacionada com a definição do objecto de estudo.

Mesmo considerando os históricos de intimidade e economia doméstica, a que acabei de fazer referência, e as representações cruzadas de género e nacionalidade, antes enunciadas, pressuponho que seja comum a conclusão, pelo menos a mais imediata, de que o encontro turístico entre europeus e brasileiras em Ponta Negra estrutura-se, principalmente, com base num jogo de maximização individualista de objectivos instantâneos bem diferenciados, subordinado a dois grandes interesses ou desejos: sexo, da parte masculina, e dinheiro e outros proveitos, da parte feminina. Este é, aliás, o entendimento que o conceito de turismo sexual muitas vezes subentende (Brennan 2002, 2004a). Com ele perpassa a ideia de que, no essencial, tudo se resume a disposições transnacionais em que a lascívia viril de turistas ocidentais afluentes se junta – numa invariável lógica de exploração e dominação patriarcal e neo-colonial (Graburn 1983, Enloe 2000, Bem 2005, Jeffreys 2008) – ao compreensível e rudimentar calculismo de mulheres desesperadas do Sul, interessadas somente em assegurar meios para desenvolver as suas condições materiais de vida.

Ao mesmo tempo, sob a capa de um discurso crítico e humanista bem-intencionado, é amiúde veiculada, por vezes inadvertidamente, uma moral de inspiração judaico-cristã de sacralização da vagina (Bourdieu 1999)³⁴⁵ e são reproduzidos padrões normativos de sexualidade de que emanam os estigmas e demais manifestações de “violência simbólica” (Bourdieu e Passeron 1978) que recaem sobre as mulheres que se quer defender. Além do mais, tende a formular-se uma visão simplificadora e maniqueísta, envilecendo os homens em causa e vitimizandando (e depreciando) as suas parceiras no contexto turístico, o que contribui para gerar estereótipos e preconceitos, e em nada favorece as supostas vítimas ou quem mais precisa, de facto, de ajuda (Constable 2003, 2009, Kempadoo 2005, Rivers-Moore 2011).

As situações que a etnografia me foi mostrando são bem mais complexas, ambíguas e não-lineares. Não se resumem à fórmula dicotómica sexo *versus* dinheiro, nem tampouco ao exclusivo poder de uns *versus* a submissão de outras. *Gringos* e mulheres locais são, cada quais, movidos por interesses vários – concomitantes, mas também, por vezes, conflituantes, quer a nível pessoal, quer a nível interpessoal –, subjectivamente organizados segundo determinadas hierarquias e prioridades, sujeitas a mudanças mais ou menos acentuadas em função de diversas contingências, e associadas a escalas de tempo-

³⁴⁵ Segundo a qual, ela está sujeita à pureza imaculada das leis da dádiva e jamais ao poder infame do dinheiro.

espaço que não se esgotam, necessariamente, na relativa efemeridade do aqui e agora de Ponta Negra.

Os turistas europeus não procuram somente o consumo comercial de “sexo pelo sexo” nas suas estadias de lazer. Ainda que o sexo seja um elemento incontornável da experiência turística,³⁴⁶ seria redutor, todavia, apontar motivações exclusiva e estritamente sexuais como causa explicativa absoluta da viagem para o Brasil, conforme tende a ser feito com o uso da noção de turismo sexual. Para isso, como os próprios me diziam, nem sequer saíam dos seus países, pois aí mesmo poderiam, facilmente, relacionar-se com mulheres brasileiras no mercado de serviços sexuais. Aliás, muitos deles, já o tinham feito. Sendo assim, quais as demandas que movem estes homens? Sintetizando a análise do capítulo IV, e não considerando outros aspectos mais distanciados do campo da intimidade, diria genuinidade feminina e *calor* revitalizante, sobretudo. Congregando em geometrias variáveis distintos desejos e projectos, esperam encontrar no Nordeste brasileiro (i) manifestações autênticas de feminilidade (Piscitelli 2004d) que crêem em extinção no continente europeu e, assim, concretizar expectativas de género, paixão, conjugalidade e família que decorrem das suas ideologias de convivência íntima a que atrás me referia; (ii) um exotismo sexual em estado puro, alimentado pelo fogo dos trópicos, e, supostamente, ainda não tão mercantilizado e/ou arrefecido como o que lhes é proporcionado na *fria* Europa; (iii) intensas experiências homosociais³⁴⁷ e um ambiente cálido que os resgate de quotidianos entorpecidos e de um certo Inverno viril que alegam viver no Velho Continente. A busca da autenticidade permite-nos compreender o quanto valorizam e procuram a *normalidade* dos relacionamentos fora do contexto mais mercantil dos *programas* e a generalizada apreciação negativa do acto de pagamento, directo e explícito, como condição de acesso à intimidade feminina.

Se é simplista a ideia de europeus apenas interessados em sexo, igualmente o é a ideia de que as mulheres com quem se relacionam em Ponta Negra só ambicionam assegurar junto deles vantagens materiais. É evidente que os trajectos e as condições de vida da maioria destas mulheres lhes impõem, como a tantas outras em todo o mundo, uma preocupação omnipresente com os meios de subsistência das próprias e dos respectivos agregados familiares. Por isso, seja com o homem estrangeiro ou com o nacional, seja no

³⁴⁶ Como, de resto, também o é na maioria das experiências turísticas (MacKercher e Bauer 2003) e já o era no turismo cultural à época do *grand tour* (Littlewood 2001).

³⁴⁷ A maioria viaja em grupo. Os pares, em especial os que possuem maior histórico de visitas ao Brasil, desempenham um papel preponderante junto dos menos viajados na iniciação das suas mobilidades para Ponta Negra. Já nos trópicos, intermedeiam os primeiros contactos com o lugar e enquadram os processos de construção da experiência turística.

quadro mais específico dos *programas* ou de relações ditas *normais* ou *por amor*, os interesses (ou desejos) materiais estão, inevitavelmente, presentes enquanto componentes intrínsecos da esfera íntima. Mais vincados, expressivos e hegemónicos nuns casos, mais dissimulados ou irrelevantes noutros, eles encontram-se mesclados com um vasto leque de outros interesses, desde logo com os que remetem para dimensões passionais e de género.

As fronteiras entre o amor e o dinheiro são muito esbatidas e fluidas (Zelizer 2005, Adelman 2011). Daí a impossibilidade de traçar uma linha inequívoca entre formas comerciais e não comerciais de transnacionalização da paixão, entre *programas* e namoros e até mesmo entre personagens-tipo socialmente construídas como pólos opostos: as *garotas de programa* e as *moças de família*. As primeiras, além dos proventos económicos que os turistas lhes proporcionam, também desejam aceder a outros possíveis “ganhos”. As segundas, por seu lado, além dos vínculos afectivos e do eventual projecto familiar, também cobiçam a *vida boa* que o europeu poderá garantir. O antagonismo entre ambas as partes situa-se, sobretudo, no campo da ideologia de género, pois as suas expectativas e, inclusive, algumas estratégias de intimidade não são assim tão divergentes como se pressupõe nas etiquetas que lhes conferem identidade social. Umas e outras, apesar de situadas em distintos quadrantes morais e, por vezes, até socioeconómicos, tendem a perspectivar e conduzir a relação com o *gringo* a partir de um conjunto mais ou menos comum de propósitos, ainda que articulados, valorados e praticados de múltiplas formas. Ambicionam encontrar junto dele a solução para as suas inquietações materiais³⁴⁸, oportunidades de mobilidade para a Europa (em turismo ou no âmbito de um projecto migratório), e o romantismo, modernidade relacional e sentido de compromisso fundamentais à construção da idealizada história de amor, ainda muito desejada, apesar da intensa turbulência que, actualmente, enleia os vínculos sentimentais (Beck e Beck-Gernsheim 2004). Temos aqui, em simultâneo, “poética e política do amor” (Adelman 2011) e um cenário que faz lembrar algumas das ideias de Sahlins (1990) sobre a economia política das conexões amorosas na sociedade havaiana tradicional: “o amor é a infraestrutura (como diria Godelier). O erótico é o pragmático em dois sentidos. [...] as conquistas sexuais são meios de acesso a uma variedade de vantagens materiais” (*idem*: 39).

³⁴⁸ Sendo ele homem e de nacionalidade europeia, logo pretensamente próspero, é-lhe imputada, à luz do sistema de valores de género locais – paradoxalmente, o mesmo sistema de que as próprias querem libertar-se – uma obrigação acrescida de *bançar* a mulher.

À partida, poder-se-á supor que a concretização destas agendas femininas é fortemente condicionada pela situação social adversa das mulheres face aos companheiros estrangeiros, favorecidos pela posição de classe, pelo género e, em certa medida, pelo capital simbólico decorrente do prestígio geopolítico dos países de onde provêm. No entanto, a correlação de forças não é assim tão linear, ao ponto de poder falar-se de uma inquestionável supremacia masculina. Como vimos no capítulo V, elas também têm os seus recursos e subterfúgios, em particular na esfera do erotismo e da paixão, não estando propriamente à margem do exercício de poder nos espaços sociais íntimos em que participam. Embora sujeitas a inúmeras vulnerabilidades e subalternidades estruturais, evidenciam capacidade de agência, pelo que as ligações aos homens europeus não as submetem, invariavelmente, a uma condição de seres passivos e explorados, como se defende em discursos que parecem reduzir a sua existência e identidade à condição de vítima (Jeffreys 1999, Michel 2009). Os vínculos transnacionais, à semelhança do que acontece com outras mulheres latino-americanas e asiáticas, garantem-lhes condições para fazer escolhas estratégicas, aceder a ganhos materiais e simbólicos e pôr em causa o *status quo* de regimes locais de dominação (Cohen 1982, 1986, Oppermann 1998, Kempadoo 1996, 2004, Constable 2005, Lopes Júnior 2005).

As aspirações e os poderes que movem os europeus e as companheiras em Ponta Negra e, bem assim, as respectivas práticas e sentidos de intimidade são, consideravelmente, variáveis e voláteis, oscilando entre diferentes experiências passionais e no decurso de uma mesma relação. Neste último caso, é bastante comum, por exemplo, a evolução (por vezes, em apenas alguns dias) de configurações íntimas iniciadas a partir da contratualização comercial explícita de serviços sexuais para formatos semelhantes ao namoro, esbatendo demarcações e criando ambiguidade social – destaque novamente – entre o que se considera *programa* e o que se assume como convivência *normal*. Com alguma frequência, estes relacionamentos em progresso extravasam o tempo e o espaço do encontro em Ponta Negra e têm continuidade após o regresso dos visitantes aos países de origem, o que contraria o estereótipo, implícito na ideia de turismo sexual, de contactos esporádicos, circunscritos ao quadro da experiência turística e ao consumo de sexo que, supostamente, a define.

A manutenção à distância das relações iniciadas nos trópicos assenta, em boa medida, na intensiva utilização quotidiana de novos meios e modos de comunicação, como os proporcionados pela internet, que têm vindo a mitigar obstáculos relacionais decorrentes

da separação física e a reinventar as próprias coordenadas de construção da intimidade.³⁴⁹ De tempos a tempos, é retomada a presencialidade, mediante sucessivas mobilidades de parte a parte, incluindo aqui estadias femininas mais ou menos prolongadas nos países dos parceiros. Com a mudança de contextos e circunstâncias iniciais (v.g. do Brasil turístico para a Europa da vida de todos os dias), é comum uns e outras confrontarem-se com situações inesperadas e decepcionantes. Não só em questões relacionadas com condições e estilos de vida, como também, e talvez ainda mais importante, em matéria de género, o que não é surpreendente se atentarmos na profunda incompatibilidade das expectativas recíprocas: elas queixam-se e querem afastar-se de um tradicionalismo que é desejado pelos homens do continente europeu e anseiam por uma suposta modernidade de modelos de convivência entre sexos de que, justamente, esses mesmos homens procuram fugir. A ilusão inaugural, que atrai e congrega, pode, por isso, ceder lugar ao desencantamento e ao afastamento.

Os reencontros periódicos assemelham-se a estágios exploratórios e probatórios. Neles ponderam-se convergências e divergências interpessoais, e (re)avaliam-se as possibilidades de concretização dos desejos, interesses e planos que, ao início, impulsionaram a aproximação passional. É aí que se vai decidindo o futuro dos vínculos em causa, seja no sentido da ruptura, de uma certa continuidade ou da sua intensificação no quadro conjugal. Esta última hipótese concretiza-se de forma gradual, através de arranjos variáveis e moldáveis que não passam, necessariamente, no imediato, pela institucionalização matrimonial, reflectindo tendências de diversidade já bastante expressivas nos padrões contemporâneos de organização da vida de casal (Kaufmann 1993, Singly 2000, Torres 2002, Aboim 2009). Todavia, num ou noutro momento, muitos desses arranjos acabam por ser juridicamente formalizados como casamento, tanto mais não seja por razões pragmáticas de agilização da gestão da mobilidade, residência e cidadania dos cônjuges e dos seus descendentes.

A paisagem matrimonial transatlântica, em linha com o que sucede noutros cenários internacionais (Constable 2005, Jones 2012a), encerra um ordenamento onde se destacam, mais uma vez, determinadas intersecções de género, nacionalidade e classe. Os elementos recolhidos nos serviços de notariado natalenses permitem concluir que a inserção de Ponta Negra/Natal nos espaços transnacionais de matrimónio tem como principais interlocutores cônjuges masculinos europeus de classe média e é protagonizada,

³⁴⁹ Aliás, a internet desempenha ainda, como foi sendo constatado ao longo da tese, um papel relevante na projecção internacional de representações de hedonismo e erotismo sobre Ponta Negra, na sua divulgação turística e na mediação de alguns primeiros encontros entre estrangeiros e mulheres locais.

sobretudo, por mulheres nacionais pobres, para quem a aliança, por vezes, não se traduz em efectiva hipergamia e ascensão social, conforme o demonstram os elementos etnográficos aduzidos no capítulo VI. Seja por razões históricas, socioeconómicas e/ou de proximidade espacial, os casamentos entre pessoas de diferentes países organizam-se segundo geografias preferenciais, compondo “marriage fields” que os processos de globalização ajudam a expandir (Niedomysl, Östh e Ham 2010), tendo como pano de fundo as desigualdades estruturais que caracterizam o actual sistema-mundo.

A constituição destes campos conjugais, como acontece no eixo euro-brasileiro que aqui considerei, pressupõe uma certa plasticidade na organização da intimidade do casal e, inevitavelmente, algumas estratégias versáteis de residência. Estas estratégias implicam deslocações de um ou de ambos os cônjuges, e nem sempre se enquadram em modelos de análise assentes numa utilização rígida e antitética dos conceitos de turismo e migrações. A situação mais comum é a chamada “migração matrimonial” feminina para o país do companheiro europeu. Ainda que, de longe, menos frequente, o inverso também acontece, bem como os sucessivos movimentos pendulares periódicos do casal ou, eventualmente, de apenas um dos seus elementos, entre as duas margens atlânticas, alternando estadias de alguns meses entre os trópicos e o Velho Continente. Quer isto dizer que Ponta Negra não é apenas um local turístico. É, simultaneamente, uma plataforma de migrações de mulheres locais para a Europa, um contexto de atracção de alguns trânsitos masculinos de cariz migratório do continente europeu e, ainda, um lugar de origem e, acima de tudo, de destino de fluxos transatlânticos associados a estadias sazonais. Nestas mobilidades, os motivos de ordem marital são centrais, mas não únicos, como a designação “migrações matrimoniais” parece sugerir. Não podemos esquecer que as razões conjugais coexistem com estratégias transnacionais de reprodução económica e mobilidade social e com a procura de novos estilos de vida.

À semelhança das marés que oscilam entre as suas margens, o Atlântico é um vasto oceano de partidas e chegadas de pessoas, das suas ambições e realizações. Com os vaivéns que, permanentemente, o atravessam produzem-se encontros, circulam representações, confrontam-se alteridades e geram-se os fascínios, desejos e interesses que fundam as partilhas transnacionais de intimidade. “Negro” (Gilroy 2001) ou “pardo” (Almeida 2002), as (con)vivências de *gringos*, *garotas* e *moças*, e as configurações de aliança daí resultantes mostram-nos, também, um Atlântico passional.

Bibliografia e outras fontes

Livros e artigos

AAS, Katja, 2007, “Analysing a world in motion: global flows meet ‘criminology of the other’”, *Theoretical Criminology*, 11 (2): 283-303.

AAVV, 2007, *Personal Manager: l'Economia della Vita Quotidiana. La Famiglia*. Vol. 4, Milão, Egea - Università Bocconi Editore.

ABBINK, Jon, 2004, “Tourism and its discontents: Suri-tourist encounters in Ethiopia”, em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and Tourism: a Reader*. Long Grove, Waveland Press, 267-287.

ABELMANN, Nancy, e Hyunhee Kim, 2005, “A failed attempt at transnational marriage: maternal citizenship in a globalizing South Korea”, em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 101-121.

ABOIM, Sofia, 2009, “Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24 (70): 107-122.

ABOIM, Sofia, 2006, “Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual”, *Análise Social*, XLI (180): 801-825.

ABOIM, Sofia, 2004, *Conjugalidades em Mudança. Percursos, Orientações e Dinâmicas da Vida a Dois*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, ICS.

ABREU, Capistrano, 1999 [1883], *O Descobrimento do Brasil*. São Paulo, Martins Fontes.

ADELMAN, Miriam, 2011, “Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados”, *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, 1 (2): 117-138.

AGUSTÍN, Laura, 2007, *Sex at the Margins: Migration, Labour Markets and the Rescue Industry*. Londres e Nova Iorque, Zed Books.

AGUSTÍN, Laura, 2004, “Daring border-crossers: a different vision of migrant women”, em WARD, Helen, e Sophie Day (eds.), *Sex work in a Changing Europe*. Londres, Kegan Paul, 85-94.

ALBERA, Dionigi, 2006, “Anthropology of the Mediterranean: between crisis and renewal”, *History and Anthropology*, 17 (2): 109-133.

ALBERDI, Inês, 2003, “Il principali cambiamenti della famiglia in Spagna”, em ROSSI, Giovanna (ed.), *La Famiglia in Europa*. Roma, Carocci, 215-242.

ALCAÑIZ, Mercedes, 2004, “Conciliación entre las esferas pública y privada: ¿Hacia un nuevo modelo en el sistema de géneros?”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 44: 47-70.

- ALDHUY, Julien, 2004, “Imaginaire géographique, idéologie territoriale et production régionale: réflexions autour des Landes de Gascogne (XVIII-XIX)”, *Hégoa* [online], 24: 113-120. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00080645>> (acesso em 25-03-2013).
- ALENCAR, José, 1997 [1865], *Iracema: Lenda do Ceará*. São Paulo: Ática.
- ALFONSO, Louise, 2006, *Embratur: Formadora de Imagens da Nação Brasileira*. Campinas, Unicamp (dissertação de mestrado).
- ALMEIDA, Maria, 2006, “‘Zoar’ e ‘ficar’: novos termos da sociabilidade jovem”, em ALMEIDA, Maria, e Fernanda Eugenio (eds.), *Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto*. Rio de Janeiro, Zahar, 139-157.
- ALMEIDA, Miguel Vale, 2004, *Outros Destinos: Ensaios de Antropologia e Cidadania*, Porto, Campo das Letras.
- ALMEIDA, Miguel Vale, 2002, “O Atlântico pardo: antropologia, pós-colonialismo e o caso ‘lusófono’”, em BASTOS, Cristiana, Miguel Vale de Almeida, e Bela Feldman-Bianco (eds.), *Trânsitos Coloniais: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros*. Lisboa, ICS, 23-37.
- ALMEIDA, Miguel Vale, 2000a, *Um Mar da Cor da Terra: Raça, Cultura e Política da Identidade*. Oeiras, Celta.
- ALMEIDA, Miguel Vale, 2000b, “Gabriela®: um ícone denso e tenso na política da raça, género e classe em Ilhéus, Bahia” [online]. Disponível em: <<http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/gabriela.pdf>> (acesso em 06-01-2011).
- ALMEIDA, Miguel Vale, 1995, *Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa, Fim-de-Século Edições.
- ALTMAN, Dennis, 2001, *Global Sex*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press.
- ALVAREZ, Robert, 1995, “The Mexican-US border: the making of an anthropology of borderlands”, *Annual Review of Anthropology*, 24: 447-470.
- AMBROSINI, Maurizio, 2008, “Séparées et réunies: familles migrantes et liens transnationaux”, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 24 (3): 79-106.
- AMBROSINI, Maurizio, 2006, “Dentro il welfare invisibile: aiutanti domiciliari immigrate e assistenza agli anziani”, *Aggiornamenti Sociali*, 6/57: 476-488.
- AMBROSINI, Maurizio (ed.), 2002, *Comprate e Vendute: Una Ricerca su Tratta e Sfruttamento di Donne Straniere nel Mercato della Prostituzione*. Milão, Franco Angeli.
- ANCHIETA, José, 1886, *Informações e Fragmentos Históricos (1584-1586)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- ANDERSEN, Margaret, e Patricia Collins (eds.), 2003, *Race, Class, and Gender: An Anthology*. Belmont, Wadsworth.
- ANDERSON, Benedict, 2005, *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70.
- ANTHIAS, Floya, e Nira Yuval-Davis, 1993, *Racialized Boundaries: Race, Nation, Gender, Colour and Class and the Anti-Racist Struggle*. Londres, Routledge.
- APPADURAI, Arjun, 1999, “Globalization and the research imagination”, *International Social Science Journal*, 51 (160): 229-238.

- APPADURAI, Arjun, 1996, *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- APPADURAI, Arjun, 1995, “The production of locality”, em FARDON, Richard (ed.), *Counterworks: Managing the Diversity of Knowledge*. Nova Iorque, Routledge, 204-225.
- APPADURAI, Arjun, 1986, “Theory in anthropology: center and periphery”, *Comparative Studies in Society and History*, 28 (2): 356-374.
- ARAÚJO, Clara, e Celi Scalon (eds.), 2005, *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV.
- ARAÚJO, Maria F., 2005, “Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate”, *Psic. Clin.*, 17 (2): 41-52.
- ARAÚJO, Tânia, 1999, “Brasil nos anos noventa: opções estratégicas e dinâmica regional”, *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 2: 9-24.
- ARIÈS, Philippe, 1987, “O amor no casamento”, em ARIÈS, Philippe, e André Béjin (eds.), *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 153-162.
- ARRIGHI, Giovanni, e Beverly Silver, 2001, *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- ARRIGHI, Giovanni, 1996, *O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e as Origens do Nosso Tempo*. São Paulo, UNESP.
- ASSIS, Gláucia, 2007, “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”, *Estudos Feministas*, 15 (3): 745-772.
- AZARYA, Victor, 2004, “Globalization and international tourism in developing countries: marginality as a commercial commodity”, *Current sociology*, 52 (6): 949-967.
- AZEVEDO, Aluísio, 1997 [1890], *O Cortiço*. São Paulo, Ática.
- BADINTER, Elisabeth, 1996, *XY: a Identidade Masculina*. Porto, Edições ASA.
- BARKER, Gary, e Irene Loewenstein, 1996, *Where the Boys Are: Promoting Greater Male Involvement in Sexuality Education*. Rio de Janeiro, Cedus.
- BARRETTO, Margarita, 2009, “Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica”, *Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 7 (1): 1-11.
- BARRETTO, Margarita, 2003, “O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo”. *Horizontes Antropológicos*, 20: 15-29.
- BARTH, Fredrik (ed.), 1969, *Ethnic Groups and Boundaries: the Social Organization of Culture Difference*. Boston, Little, Brown and Company.
- BASCH, Linda, Nina Schiller, e Cristina Blanc, 2000 [1993], *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States*. Londres, Routledge.
- BASTOS, Cristiana, 1998, “Tristes trópicos e alegres luso-tropicalismos: das notas de viagem em Lévi-Strauss e Gilberto Freyre”, *Análise Social*, 33 (146-147): 415-432.
- BASTOS, Cristiana, 1994, “Explorações em antropologia dos processos globais: o caso da comunidade científica e a SIDA/AIDS”, *Análise Social*, 29 (125-126): 483-494.

- BAUMAN, Zygmunt, 2008, *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Lisboa, Relógio d'Água.
- BAUMAN, Zygmunt, 2000, *Liquid Modernity*. Cambridge, Polity Press.
- BAUMAN, Zygmunt, 1998, *Globalization: the Human Consequences*. Cambridge, Polity Press.
- BAWIN-LEGROS, Bernadette, 2004, "Intimacy and the new sentimental order", *Current Sociology*, 52 (2): 241-250.
- BAXTER, Annabel, e Linda Pieszek, 2011, "Armchair tourism: bringing the world into your living room", em PAPATHANASSIS, Alexis (ed.), *The Long Tail of Tourism: Holiday Niches and their Impact on Mainstream Tourism*. Wiesbaden, Gabler Verlag, 171-183.
- BECK-GERNSHEIM, Elisabeth, 1998, "On the way to a post-familial family: from a community of need to elective affinities", *Theory, Culture & Society*, 15 (3): 53-70.
- BECK, Ulrich, 2002a, "The cosmopolitan society and its enemies", *Theory, Culture & Society*, 19 (1-2): 17-44.
- BECK, Ulrich, 2002b, "The terrorist threat: world risk society revisited", *Theory, Culture & Society*, 19 (4): 39-55.
- BECK, Ulrich, 2000a, "The cosmopolitan perspective: sociology in the second age of modernity", *British Journal of Sociology*, 51 (1): 9-107.
- BECK, Ulrich, 2000b, *What is Globalization?*. Cambridge, Polity Press.
- BECK, Ulrich, 2001 [1994], "La reinención de la política: hacia una teoría de la modernización reflexiva", em BECK, Ulrich, Anthony Giddens, e Scott Lash, *Modernización Reflexiva: Política, Tradición y Estética en el Orden Social Moderno*. Madrid, Alianza, 13-73.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth Beck-Gernsheim, 2010, "Passage to hope: marriage, migration, and the need for a cosmopolitan turn in family research", *Journal of Family Theory & Review*, 2 (4): 401-414.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth Beck-Gernsheim, 2004, *The Normal Chaos of Love*. Cambridge, Polity Press.
- BECK, Ulrich, e Elisabeth Beck-Gernsheim, 2002, *Individualization*. Londres, Sage Publications.
- BECK, Ulrich, Anthony Giddens, e Scott Lash, 2001, *Modernización Reflexiva: Política, Tradición y Estética en el Orden Social Moderno*. Madrid, Alianza.
- BECKER, Howard, 1966, *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Toronto: Free Press.
- BELL, Diane, Patricia Caplan, e Wazir Karim, (eds.), 1993, *Gendered Fields: Women, Men and Ethnography*. Londres, Routledge.
- BELL, Martin, e Gary Ward, 2000, "Comparing temporary mobility with permanent migration", *Tourism Geographies*, 2 (1): 87-107.
- BELLIVEAU, Jeannette, 2006, *Romance on the Road: Travelling Women who Love Foreign Men*. Baltimore, Beau Monde Press.
- BEM, Arim S., 2005, *A Dialética do Turismo Sexual*. Campinas, Papirus.
- BEM, Arim S., 2003, "Globalização, Estado e gênero: um olhar crítico sobre o desenvolvimento do turismo no Nordeste", *Cadernos de Turismo*, 1: 3-24.
- BEN-ZE'EV, Aaron, 2004, *Love Online: Emotions on the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.

- BENSON, Michaela, 2012, "How culturally significant imaginings are translated into lifestyle migration", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38 (10): 1681-1696
- BENSON, Michaela, e Karen O'Reilly (eds.), 2009a, *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham, Ashgate.
- BENSON, Michaela, e Karen O'Reilly, 2009b, "Migration and the search for a better way of life: a critical exploration of lifestyle migration", *Sociological Review*, 57 (4): 608-625.
- BERNIER, Léon, e Denise Lemieux, 1998, "Je me marie... Je me marie pas...", *Cap-aux-Diamants: Revue d'Histoire du Québec*, 55: 42-45.
- BERNSTEIN, Elizabeth, 2001, "The meaning of the purchase: desire, demand and the commerce of sex", *Ethnography*, 2 (3): 389-420.
- BERQUÓ, Elza, 1998, "Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica", em SCHAWRCZ, Lilia (ed.), *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, 411-438.
- BERREMAN, Gerald, 1978, "Scale and social relations", *Current Anthropology*, 19 (2): 225-245.
- BEZERRA, Karen, e Ricardo Sá, 2008, "Urbanização e turismo em Ponta Negra: transformações espaciais na cidade de Natal-RN" [online], *V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL*, 27-28 Junho, Rio Grande do Sul, Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIV/SeminTur%20posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/semin_tur/trabalhos/arquivos/gt14-05.pdf> (acesso em 21-07-2011).
- BEZERRA, Roselane, 2010, "'Gringos e nativas': representações do turista estrangeiro e suas acompanhantes no bairro Praia de Iracema na cidade de Fortaleza (Ceará-Brasil)", em SILVA, Manuel C., e Fernando B. Ribeiro (eds.), *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*. Ribeirão, Edições Húmus, 205-220.
- BHABHA, Homi, 1994, *The Location of Culture*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- BIANCHI, Raoul, 2000, "Migrant tourist-workers: exploring the 'contact zones' of post-industrial tourism", *Current Issues in Tourism*, 3 (2): 107-137.
- BIGNAMI, Rosana, 2002, *A Imagem do Brasil no Turismo*. São Paulo, Aleph.
- BILLARI, Francesco, e Alessandro Rosina, 2007a, "Famiglia e vita di coppia oggi in Italia", em AAVV, *Personal manager: l'economia della vita quotidiana. La famiglia*. Vol. 4, Milão, Egea - Università Bocconi Editore, 151-183.
- BILLARI, Francesco, e Alessandro Rosina, 2007b, "I grandi mutamenti della famiglia nei paesi occidentali", em AAVV, *Personal Manager: l'Economia della Vita Quotidiana. La Famiglia*. Vol. 4, Milão, Egea - Università Bocconi Editore, 11-141.
- BISHOP, Ryan, e Lillian Robinson, 1998, *Night Market: Sexual Cultures and the Thai Economic Miracle*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- BLACKSHAW, Tony, 2003, *Leisure Life: Myth, Masculinity and Modernity*. Londres, Routledge.
- BLANCHETTE, Thaddeus, 2011, "'Fariseus' e 'gringos bons': masculinidade e turismo sexual em Copacabana", em PISCITELLI, Adriana, Gláucia Assis, e José Olivar (eds.), *Gênero, Sexo, Afetos e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*. Campinas, UNICAMP/ PAGU, 57-102.

BLANCHETTE, Thaddeus, 2005, “‘Is it a real marriage?’: imigração e casamentos entre brasileiros e anglo-americanos”, em NETO, Hélión, e Ademir Ferreira (eds.), *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um Panorama dos Estudos Migratórios*. Rio de Janeiro, Revan, 133-154.

BLANCHETTE, Thaddeus, 2001, *Gringos*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ (dissertação de mestrado).

BLANCHETTE, Thaddeus, e Ana P. Silva, 2012, “On bullshit and the trafficking of women: moral entrepreneurs and the invention of trafficking of persons in Brazil”, *Dialectical Anthropology*, 36: 107-125.

BLANCHETTE, Thaddeus, e Ana P. Silva, 2010, “‘A mistura clássica’: miscigenação e o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual”, *Bagoas*, 4 (5): 221-244.

BLAY, Eva, 1985, *Eu Não Tenho Onde Morar: Vilas Operárias na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel.

BOCCAGNI, Paolo, 2011, “Il retroscena del lavoro domestico. Percorsi etnografici nelle catene globali di cura”, *Etnografia e Ricerca Qualitativa*, 3: 459-468.

BOISSEVAIN, Jeremy, 2006, “Coping with mass cultural tourism: structure and strategies”, *Gazeta Internacia de Antropologio* [online], 1: 2-12. Disponível em: <[http://antropologia.umh.es/GIA/index .htm](http://antropologia.umh.es/GIA/index.htm)> (acesso em 02-08-2011).

BOISSEVAIN, Jeremy (ed.), 1996, *Coping with Tourists: European Reactions to Mass Tourism*. Oxford, Berghahn Books.

BOISSEVAIN, Jeremy, 1974, *Friends of Friends: Networks, Manipulators, and Coalitions*. Oxford, Blackwell.

BOISSEVAIN, Jeremy, e J. Clyde Mitchell, 1973, *Network Analysis: Studies in Human Interaction*. The Hague, Mouton.

BOISSEVAIN, Jeremym e Nadia Theuma, 1998, “Contested space: planners, tourists, developers and environmentalists in Malta”, em ABRAM, Simone, e Jackie Waldren (eds.), *Anthropological Perspectives on Local Development*. Londres, Routledge, 96-119.

BOMFIM, Manoel, 1993 [1905], *América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro, Topbooks.

BONIZZONI, Paola, 2009, *Famiglie Globali: le Frontiere della Maternità*. Turim, Utet.

BOORSTIN, Daniel, 1992 [1961], *The Image: a Guide to Pseudo-Events in America*, Nova Iorque, Vintage Books.

BORDONARO, Lorenzo, e Filipa Alvim, 2011, “Tráfico de mulheres em Portugal: a construção de um problema social”, em SILVA, Pedro G., Octávio Sacramento, e José Portela (eds.), *Etnografia e Intervenção Social: por uma Praxis Reflexiva*. Lisboa, Colibri, 61-83.

BORDONARO, Lorenzo, e Filipa Alvim, 2008, *Tráfico de Mulheres em Portugal: Análise da Construção de um Problema Social*. Lisboa, ACIDI.

BOSSEN, Laurel, 1988, “Toward a theory of marriage: the economic anthropology of marriage transactions”, *Ethnology*, 27 (2): 127-144.

BOUMAMA, Saïd, 2004, *L’Homme en Question: le Processus du Devenir-Client de la Prostitution*. Clichy, Mouvement du Nid.

BOURDIEU, Pierre, 1999, *A Dominação Masculina*. Oeiras, Celta.

- BOURDIEU, Pierre, 1980, “Le capital social: notes provisoires”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* [online], 31: 2-3. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-322_1980_num_31_1_2069> (acesso em 05-04-2012).
- BOURDIEU, Pierre, 2007 [1979], *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre, Zouk.
- BOURDIEU, Pierre, e Jean-Claude Passeron, 1978, *A Reprodução: Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino*. Lisboa, Editorial Vega.
- BOURDIEU, Pierre, et al., 1963, *Travail et Travailleurs en Algerie*. Paris, Mutton.
- BOZON, Michel, 2004, *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV.
- BRAH, Avtar, 2006, “Diferença, diversidade, diferenciação”, *Cadernos Pagu*, 26: 329-365.
- BRAH, Avtar, e Ann Phoenix, 2004, “Ain't I a woman? Revisiting intersectionality”, *Journal of International Women's Studies*, 5 (3): 75-86.
- BRENNAN, Denise, 2007, “Love work in a tourist town: Dominican sex workers and resort workers perform at love”, em PADILLA, Mark, et al. (eds.), *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville, Vanderbilt University Press, 203-225.
- BRENNAN, Denise, 2004a, *What's Love got to do with it? Transnational Desires and Sex Tourism in the Dominican Republic*. Durham e Londres, Duke University Press.
- BRENNAN, Denise, 2004b, “When sex tourists and sex workers meet: encounters within Sosúa, the Dominican Republic”, em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and Tourism: a Reader*. Long Grove, Waveland Press, 303-315.
- BRENNAN, Denise, 2002, “Selling sex for visas: sex tourism as stepping stone to international migration for Dominican women”, em EHRENREICH, Barbara, e Arlie Hochschild (eds.), *Global Women: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. Nova Iorque, Metropolitan Books, 154-168.
- BRENNAN, Denise, 2001, “Tourism in transnational places: Dominican sex workers and German sex tourists imagine one another”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 7 (4): 621-623.
- BRENTS, Barbara, e Kathryn Hausbeck (2007), “Marketing sex: US legal brothels and late capitalist consumption”, *Sexualities*, 10 (4): 425-439.
- BRETON, David, 2006, *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, Vozes.
- BRETTELL, Caroline, 2008, “Theorizing migration in anthropology: the social construction of networks, identities, communities, and globalscapes”, em BRETTELL, Caroline, e James Hollifield (eds.), *Migration Theory: Talking Across Disciplines*. Nova Iorque, Routledge, 113-160.
- BRETTELL, Caroline, 2006, “Introduction: global spaces/local places. Transnationalism, diaspora, and the meaning of home”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 13 (3): 327-34
- BRETTELL, Caroline, 2003, *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity*. Oxford, Nova Iorque, Altamira Press.
- BROEDERS, Dennis, e Godfried Engbersen, 2007, “The fight against illegal migration: identification policies and immigrants’ counterstrategies”, *American Behavioral Scientist*, 50 (12): 1592-1609.
- BROEDERS, Dennis, 2007, “The new digital borders of Europe: EU databases and the surveillance of irregular migrants”, *International Sociology*, 22 (1): 71-92.

- BROWN, Naomi, 1992, "Beachboys as cultural brokers in Bakau Town, the Gambia", *Community Development Journal*, 27 (4): 361-370.
- BROWN, Sarah, 2009, *Gringo Politics*. Vancouver, University of British Columbia (dissertação de mestrado).
- BRUCKNER, Pascal, 2010, *O Paradoxo do Amor*. Lisboa, Publicações Europa-América.
- BRUCKNER, Pascal, e Alain Finkelkraut, 1981, *A Nova Desordem Amorosa*. Amadora, Livraria Bertrand.
- BRUNER, Edward, 2005, *Culture on Tour: Ethnographies of Travel*. Chicago, University of Chicago Press.
- BRUNER, Edward, 2004, "Tourism in the Balinese borderzone", em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and Tourism: a Reader*. Long Grove, Waveland Press, 219-238.
- BRUNER, Edward, 1995, "The ethnographer/tourist in Indonesia", em LANFANT, Marie-Françoise, John Allcock, e Edward Bruner (eds.), *International Tourism: Identity and Change*. Londres, Sage, 224-241.
- BRUNER, Edward, 1991, "Transformation of self in tourism", *Annals of Tourism Research*, 18 (2): 238-250.
- BRUNER, Edward, e Barbara Kirshenblatt-Gimblett, 1994, "Maasai on the lawn: tourist realism in East Africa", *Cultural Anthropology*, 9 (4): 435-470.
- BRYCESON, Deborah, e Ulla Vuorela (eds.), 2002, *The Transnational Family: New European Frontiers and Global Networks*. Oxford, Berg.
- BUDGEON, Shelley, e Sasha Roseneil, 2004, "Editors' introduction: beyond the conventional family", *Current Sociology*, 52 (2): 127-134.
- BURAWOY, Michael, 2001, "Manufacturing the global", *Ethnography*, 2: 147-159.
- BURAWOY, Michael, et al., 2000, *Global Ethnography: Forces, Connections and Imaginations in a Postmodern World*. Berkeley, University of California Press.
- BURSZTYN, Ivan, 2003, "A influência do ideário neoliberal na formulação de políticas públicas de turismo no Brasil", *Caderno Virtual de Turismo* [online], 3 (4): 7-12. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115417955002>> (acesso em 10-12-2011).
- BUTLER, Judith, 2008 [1990], *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- BUTLER, Richard, 2003, "Relationships between tourism and diasporas: influences and patterns", *Espaces, Populations, Sociétés*, 21 (2): 317-326
- CABEZAS, Amália, 2004, "Between love and money: sex tourism and citizenship in Cuba and the Dominican Republic", *Signs – Journal of Women in Culture and Society*, 29 (4): 987-1015.
- CABRAL, João P., 1989, "The Mediterranean as a category of regional comparison: a critical view", *Current Anthropology*, 30 (3): 399-406.
- CABRAL, João P., 1983, "Notas críticas sobre a observação participante no contexto da etnografia portuguesa", *Análise Social*, 19 (76): 327-339.
- CAHILL, Desmond, 1990, *Intermarriages in International Contexts: a Study of Filipina Women Married to Australian, Japanese and Swiss Men*. Quezon City: Scalabrini Migration Center.
- CAMPBELL, Colin, 2005 [1987], *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Londres, Alcuin Academics.

- CAMPBELL, Howard, 2007, "Cultural seduction: american men, mexican women, cross-border attraction", *Critique of Anthropology*, 27 (3): 261-283.
- CAMPBELL, Patricia, Aran MacKinnon, e Christy Stevens, 2010, *An Introduction to Global Studies*. Chicester, Wiley-Blackwell.
- CAMPBELL, Rosie, 1998, "Invisible men: making visible male clients of female prostitutes in Merseyside", em ELIAS, James, *et al.* (eds.), *Prostitution: on Whores, Hustlers, and Johns*. Nova Iorque, Prometheus Books, 155-171.
- CANCLINI, Néstor G., 1996, *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- CANTALICE, Tiago, 2009a, 'Dando um Banho de Carinho' – os Caça-Gringas e as Interações Afectivo-Sexuais em Contextos de Viagem Turística (Pipa-RN). Recife, Universidade Federal de Pernambuco (dissertação de mestrado).
- CANTALICE, Tiago, 2009b, "Feminismo, mercado de sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil", *Bagoas*, 2 (3): 145-178.
- CARADEC, Vincent, 1996, "Les formes de la vie conjugale des 'jeunes' couples 'agés'", *Population*, 51 (4-5): 897-927.
- CARIA, Telmo, 1999, "A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 55: 5-36.
- CARIA, Telmo (ed.), 2002, *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento.
- CARPAZOO, Ana, 1994, *Turismo e Identidade: Construção de Identidades Sociais no Contexto do Turismo Sexual entre Alemães e Brasileiras na Cidade do Recife*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco (dissertação de mestrado).
- CARRIER-MOISAN, Marie-Eve, 2008, "Sexo, namoro e migração: mudar de vida ou como repensar o turismo sexual no nordeste brasileiro" [online], 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 01-04 Junho, Porto Seguro-Bahia (Brasil). Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2035/marie-eve.pdf> (acesso em 15-04-2011).
- CARRIGAN, Anthony, 2011, "Touristification and cultural sustainability", em *Postcolonial Tourism: Literature, Culture, and Environment*. Nova Iorque, Routledge, 105-128.
- CARRIGAN, Tim, Bob Connell, e John Lee, 1985, "Towards a new sociology of masculinity", *Theory and Society*, 14 (5): 551-604.
- CARTER, Simon, e Stephen Clift, 2000, "Tourism, international travel and sex: themes and research", em CLIFT, Stephen, e Simon Carter (eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion*. Londres, Pinter, 1-19.
- CASA-NOVA, Maria J., 2009, *Etnografia e Produção do Conhecimento: Reflexões Críticas a Partir de uma Investigação com Ciganos Portugueses*. Lisboa, ACIDI.
- CASCUDO, Luís da C., 1999 [1947], *História da Cidade do Natal*. Natal, IHG-RN.
- CASTELLS, Manuel, 2002, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*. Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, Manuel, 1996, *The Rise of the Network Society*. Oxford, Blackwell Publishers.

- CASTELLS, Manuel, 1983, "Cultural identity, sexual liberation and urban structure: the gay community in San Francisco", em CASTELLS, Manuel, *The City and the Grassroots: a Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 138-170.
- CASTELLS, Manuel, *et al.*, 2007, *Mobile Communications and Society: a Global Perspective*. Cambridge, MIT Press.
- CASTLES, Stephen, 2005, *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais*. Lisboa, Fim-de-Século.
- CASTLES, Stephen, 2002, "Migration and community formation under conditions of globalization", *International Migration Review*, 36: 1143-1168.
- CASTRO, Mary, 2001, "Feminização da pobreza: um cenário neoliberal", em GALEAZZI, Irene (ed.), *Mulher e Trabalho*. Porto Alegre, PED-RMPA, 89-96.
- CAULKINS, Douglas, e Ann Jordan (eds.), 2012, *A Companion to Organizational Anthropology*. Chicester, Wiley-Blackwell.
- CAVALCANTE, Gilene, 2006, *Vende-se uma Vila: Análise Intra-Urbana das Vilas na Vila de Ponta Negra e no Bairro de Nova Descoberta – Zona Sul de Natal*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).
- CAVALCANTI, Keila, 1993, *Estado e Política de Turismo: o Caso da Via Costeira da Cidade do Natal*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).
- CERQUEIRA, Lígia, Laura Corrêa, e Maitê Rosa, 2012, "A cartilha da mulher adequada: ser *piriguete* e ser feminina no Esquadrão da Moda", *Revista Contracampo* [online], 24 (1): 120-139. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/176/106>> (acesso em 12-09-2012).
- CHAO, Emily, 2005, "Cautionary tales: marriage strategies, state discourse, and women's agency in a Naxi village in southwestern China", em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Ásia*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 34-52.
- CHARSLEY, Katharine, 2005, "Vulnerable brides and transnational Ghar Damads: gender, risk and 'adjustment' among Pakistani marriage migrants to Britain", *Indian Journal of Gender Studies*, 12: 381-406.
- CHAUMIER, Serge, 2004a, *La Déliaison Amoureuse: de la Fusion Romantique au Désir d'Indépendance*. Paris, Payot.
- CHAUMIER, Serge, 2004b, *L'Amour Fissionnel: le Nouvel Art d'Aimer*. Paris, Fayard.
- CHAVES, Miguel, 1999, "O estigma como espelho: notas sobre a deterioração de uma identidade territorializada", *Fórum Sociológico*, 1-2: 289-319.
- CHEN, Martha, 2005, "Rethinking the informal economy: linkages with the formal economy and the formal regulatory environment" [online], *UNU-WIDER Research Paper*, 10: 1-28. Disponível em: <http://www.wider.unu.edu/publications/working-papers/research-papers/2005/en_GB/rp2005-10/> (acesso em 13-10-2011).
- CHERLIN, Andrew, 2004, "The deinstitutionalization of American marriage", *Journal of Marriage and Family*, 66: 848-861.
- CHIN, Ko-Lin, 1994, "Out-of-town brides: international marriage and wife abuse among Chinese immigrants", *Journal of Comparative Family Studies*, 25 (1): 53-69.
- CHOW-WHITE, Peter, 2006, "Race, gender and sex on the net: semantic networks of selling and storytelling sex tourism", *Media, Culture & Society*, 28 (6): 883-905.

- CIPOLLARI, Chiara, 2010, "Single or married? Positioning the anthropologist in tourism research", *Journal of Tourism Consumption and Practice*, 2 (2): 30-58.
- CLANCY, Michael, 2002, "The globalization of sex tourism and Cuba: a commodity chains approach", *Studies in Comparative International Development*, 36 (4): 63-88.
- CLEMENTINO, Lauro, 2004, *Os Novos Empreendimentos Imobiliários em Ponta Negra*. Natal, UFRN (monografia do curso de geografia).
- CLEMENTINO, Maria, 2009, "Turismo de segunda residência: europeus no Nordeste do Brasil" [online]. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/dpp/ppour/semestres/semestres%20anteriores/semestre-011_1/2011_1_disciplinas/topico_especiais_III/downloads_turismo_cidade/TURISMO%20DE%20a%20RESIDÊNCIA.pdf> (acesso em 17-12-2011).
- CLIFFORD, James, 1997, *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Harvard University Press.
- CLIFFORD, James, 1980, "Fieldwork, reciprocity, and the making of ethnographic texts: the example of Maurice Leenhardt", *Man*, 15 (3): 518-532.
- CLIFFORD, James, e George Marcus (eds.), 1986, *Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, California University Press.
- CLIFT, Stephen, Carry Callister, e Michael Luongo (eds.), 2002, *Gay Tourism: Culture, Identity, and Sex*. Londres, Continuum.
- CLINE, Rebecca, 1989, "The politics of intimacy: costs and benefits determining disclosure intimacy in male-female dyads", *Journal of Social and Personal Relationships*, 6 (1): 5-20.
- COHEN, Anthony, 2003, "Fronteiras da consciência, consciência das fronteiras: questões críticas para a antropologia", em VERMEULEN, Hans, e Cora Govers (eds.), *Antropologia da Etnicidade: Para Além de 'Ethnic Groups and Boundaries'*. Lisboa, Fim-de-Século, 75-99.
- COHEN, Erik, 2004, *Contemporary Tourism: Diversity and Change*. Oxford, Elsevier.
- COHEN, Erik, 2003, "Transnational marriage in Thailand: the dynamics of extreme heterogamy", em BAUER, Thomas, e Bob McKercher (eds.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. Nova Iorque, Haworth Press, 57-81.
- COHEN, Erik, 1986, "Lovelorn Farangs: the correspondence between foreign men and Thai girls", *Anthropological Quarterly*, 59 (3): 115-127.
- COHEN, Erik, 1985, "Tourism as play", *Religion*, 15: 291-304.
- COHEN, Erik, 1982, "Thai girls and Farang men: the edge of ambiguity", *Annals of Tourism Research*, 9: 403-428.
- COHEN, Erik, 1979, "Phenomenology of tourist experiences", *Sociology*, 13 (2): 179-201.
- COHEN, Jeffrey, 2011, "Migration, remittances, and household strategies", *Annual Review of Anthropology*, 40: 103-114.
- COLLINS, Dana, 2007, "When sex work isn't 'work': hospitality, gay life, and the production of desiring labor", *Tourist Studies*, 7 (2): 115-139.
- COMAROFF, Jean, e John Comaroff, 2007, *Ethnography on an Awkward Scale: on Qualitative Method in the Social Sciences*. Boulder, Paradigm Publishers.

- COMAROFF, Jean, e John Comaroff, 2003, “Ethnography on an awkward scale: postcolonial anthropology and the violence of abstraction”, *Ethnography*, 4 (2): 147-179.
- CONNELL, Robert, 1995, *Masculinities: Knowledge, Power and Social Change*. Berkeley, University of California Press.
- CONNELL, Robert, e James Messerschmidt, 2005, “Hegemonic masculinity: rethinking the concept”, *Gender & Society*, 19 (6): 829-859.
- CONSTABLE, Nicole, 2009, “The commodification of intimacy: marriage, sex, and reproductive labor”, *Annual Review of Anthropology*, 38: 49-64.
- CONSTABLE, Nicole, 2006, “Brides, maids, and prostitutes: reflections on the study of ‘trafficked’ women”, *PORTAL – Journal of Multidisciplinary International Studies*, 3 (2): 1-25.
- CONSTABLE, Nicole, 2005, “Introduction: cross-border marriages, gendered mobility, and global hypergamy”, em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1-16.
- CONSTABLE, Nicole, 2003, *Pen Pals, Virtual Ethnography, and ‘Mail Order’ Marriages: Romance on a Global Stage*. Berkeley, University of California Press.
- CONWAY, Dennis, e Robert Potter (eds.), 2009, *Return Migration of the Next Generations: Twenty-First Century Transnational Mobility*. Aldershot, Ashgate.
- COONTZ, Stephanie, 2007, “The origins of modern divorce”, *Family Process*, 6 (1): 7-16.
- COONTZ, Stephanie, 2005, *Marriage, a History: from Obedience to Intimacy, or how Love Conquered Marriage*. Nova Iorque, Viking-Penguin.
- COONTZ, Stephanie, 2004, “The world historical transformation of marriage”, *Journal of Marriage and Family*, 66 (4): 974-979.
- COPANS, Jean, 2002, *L’Enquête Ethnologique de Terrain*. Paris, Nathan.
- CORNU, Roger, 1984, “Porte ouverte sur la cuisine de la recherche”, *Terrain – Revue d’Ethnologie de l’Europe*, 2: 45-50.
- CORNWALL, Andrea, e Nancy Lindisfarne, 2005a [1994], “Dislocating masculinity: gender, power and anthropology”, em CORNWALL, Andrea, e Nancy Lindisfarne (eds.), *Dislocating Masculinity: Comparative Ethnographies*. Londres e Nova Iorque, Taylor & Francis e-Library, 11-47.
- CORNWALL, Andrea, e Nancy Lindisfarne, 2005b [1994], “Introduction”, em CORNWALL, Andrea, e Nancy Lindisfarne (eds.), *Dislocating Masculinity: Comparative Ethnographies*. Londres e Nova Iorque, Taylor & Francis e-Library, 1-10.
- CORRÊA, Mariza, 1996, “Sobre a invenção da mulata”, *Cadernos Pagu*, 6-7: 35-50.
- COSTA, António F., 1986, “A pesquisa de terreno em sociologia”, em SILVA, Augusto S., e José M. Pinto (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, 129-148.
- COSTA, António F., et al., 2000, “Classes sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34: 9-43.
- COSTA, Jean, 2008, “Políticas públicas, turismo e emprego no litoral Potiguar”, *Caderno Virtual de Turismo*, 8 (2): 115-129.
- CRAFT, Renée, 2008, “‘¡Los gringos vienen!’ (the gringos are coming!): female respectability and the politics of Congo tourist presentations in Portobelo, Panama”, *Transforming Anthropology*, 16 (1): 20-31.

- CRESSWELL, Tim, 2006, *On the Move: Mobility in the Modern Western World*. Londres, Routledge.
- CRESSWELL, Tim, e Tanu Uteng, 2008, “Gendered mobilities: towards an holistic understanding”, em UTENG, Tanu, e Tim Cresswell (eds.), *Gendered Mobilities*. Aldershot, Ashgate, 1-12.
- CRICK, Malcom, 1995, “The anthropologist as tourist: an identity in question”, em LANFANT, Marie-Françoise, John Allcock e Edward Bruner (eds.), *International Tourism: Identity and Change*. Londres, Sage, 205-223.
- CRICK, Malcolm, 1989, “Representations of international tourism in the social sciences: sun, sex, sights, savings, and servility”, *Annual Review of Anthropology*, 18: 307-344.
- CRICK, Malcom, 1985, “‘Tracing’ the anthropological self: quizzical reflections on fieldwork, tourism and the ludic”, *Social Analysis*, 17: 71-92.
- CRUZ, Rita, 1995, *Turismo e Impacto em Ambientes Costeiros: Projeto Parque das Dunas/Via Costeira, Natal (RN)*. São Paulo, USP (dissertação de mestrado).
- CUNHA, Gersonete, 1991, *Natal: Expansão Territorial Urbana*. Natal, EDUFRRN.
- CUNHA, Manuela, 2006, “Formalidade e informalidade. Questões e perspectivas”, *Etnográfica*, 10 (2): 219-231.
- CUNHA, Manuela, 2000, “A natureza da ‘raça’”, *Cadernos do Noroeste*, 13 (2): 191-204.
- CUNHA, Manuela, e Luís Cunha (eds.), 2007, *Intersecções Ibéricas: Margens, Passagens e Fronteiras*. Lisboa, 90° Editora.
- CUNNINGHAM, Hilary, 2004, “Nations rebound?: crossing borders in a gated globe”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 11: 329-350.
- CUNNINGHAM, Hilary, e Josiah Heyman, 2004, “Introduction: mobilities and enclosures at borders”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 11: 289-302.
- D’Aoust, Anne-Marie, 2012, “Les couples mixtes sous haute surveillance”, *Plein Droit*, 4 (95): 15-18.
- DAHLES, Heidi, 2002, “Gigolos and rastamen: tourism, sex, and changing gender identities”, em SWAIN, Margaret e Jannet Momsen (eds.), *Gender - Tourism - Fun?*. Nova Iorque, Cognizant Communication Corporation, 180-194.
- DAHLES, Heidi, e Karin Bras, 1999, “Entrepreneurs in romance: tourism in Indonésia”, *Annals of Tourism Research*, 26: 267-293.
- DALLARI, Fiorella, 2007, “Distretti turistici tra sviluppo locale e cooperazione interregionale”, em BENCARDINO, Filippo e Maria Prezioso (eds.), *Geografia del Turismo*. Milão, McGraw-Hill, 195-215.
- DAMATTA, Roberto, 1996, *Torre de Babel: Ensaios, Crônicas, Críticas, Interpretações e Fantasias*. Rio de Janeiro, Rocco
- DAMATTA, Roberto, 1984, *O que Faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DAMATTA, Roberto, 1983, *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes.
- DAMATTA, Roberto, 1997 [1979], *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco.

- DAMATTA, Roberto, 1978, “O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues”, em NUNES, Edson (ed.), *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 23-35.
- DANNA, Daniela (ed.), 2007, *Prostituzione e Vita Pubblica in Quattro Capitali Europee*. Roma, Carocci.
- DAVIS, Mike, 2008, “El gran muro del capital”, em AAVV, *Frontera Sur: Nuevas Políticas de Gestión y Externalización del Control de la Inmigración en Europa*. Barcelona, Virus Editorial, 251-259.
- DECHAUX, Jean-Hugues, 1995, “Orientations théoriques en sociologie de la famille: autour de cinq ouvrages récents”, *Revue Française de Sociologie*, 36 (3): 525-550.
- DELEUZE, Gilles, e Felix Guattari, 1987, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- D’HAUTESERRE, Anne-Marie, 2008, “Postcolonialism, colonialism, and tourism”, em LEW, Alan, C. Michael Hall, e Allan Williams (eds.), *A Companion to Tourism*. Oxford, Blackwell Publishing, 235-245.
- DIAS, Maria, 2006, *Famílias e Terapeutas: Casamento, Divórcio e Parentesco*. São Paulo, Vetor.
- DINES, Gail, e Jean Humez (eds.), 2011, *Gender, Race, and Class in Media: a Critical Reader*. Londres, Sage.
- DJELIC, Marie-Laure, e Sigrid Quack, 2010, *Transnational Communities: Shaping Global Economic Governance*. Cambridge, Cambridge University Press.
- DOMINGUES, José, 1998, “Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo”, *Tempo Social*, 10 (2): 209-234.
- DOUGLAS, Mary, 1991 [1966], *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70.
- DOWNES, David, e Paul Rock, 2007 [1982], *Understanding Deviance*. Oxford, Oxford University Press.
- DUARTE, Madalena, 2012, “Prostitution and trafficking in Portugal: legislation, policy, and claims”, *Sexuality Research and Social Policy*, 9 (3): 258-268.
- DURKHEIM, Émile, 1975 [1892], “La famille conjugale”, em *Textes III. Fonctions Sociales et Institutions*. Paris, Éditions de Minuit, 35-49.
- EDWARDS, Justin, 2001, *Exotic Journeys: Exploring the Erotics of US Travel Literature, 1840-1930*. Hanover e Londres, University Press of New England.
- EHRENREICH, Barbara, e Arlie Hochschild (eds.), 2002, *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. Nova Iorque, Metropolitan Books.
- ELIAS, Norbert, e Eric Dunning, 1992, *A Busca da Excitação*. Lisboa, Difel.
- ELIAS, Norbert, 1999 [1970], *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Edições 70.
- ELLISON, Nicole, 2004, *Telework and Social Change: How Technology is Reshaping the Boundaries Between Home and Work*. Westport, Praeger Publishers.
- ENLOE, Cynthia, 2000 [1989], *Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of the International Politics*. Berkeley, University of California press.
- ESCOBAR, Arturo, 2001, “Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization”, *Political Geography*, 20 (2): 139-174.

- ESTANQUE, Elísio, 2002, “Um sociólogo na fábrica: para uma metodologia de envolvimento social” em CARIA, Telmo (ed.), *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto, Afrontamento, 61-76.
- EVANS-PRITCHARD, Edward, 1972 [1951], *Antropologia Social*. Lisboa, Edições 70.
- EVANS-PRITCHARD, Edward, 2002 [1940], *Os Nuer: uma Descrição do Modo de Subsistência e das Instituições Políticas de um Povo Nilota*. São Paulo, Perspectiva.
- FAIER, Lieba, 2008, “Runaway stories: the underground micromovements of Filipina *oyomesan* in rural Japan”, *Cultural Anthropology*, 23 (4): 630-659.
- FAIST, Thomas, e Eyüp Özveren (eds.), 2004, *Transnational Social Spaces: Agents, Networks and Institutions*. Aldershot, Ashgate Publishing.
- FAIZANG, Sylvie, 1994, “L’ object construit et la méthode choisie: l’ indéfectible lien”, *Terrain – Revue d’Ethnologie de l’Europe*, 23: 161-172.
- FANON, Frantz, 1979 [1961], *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FANON, Frantz, 1989 [1952], *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Lisboa, Edições 70.
- FERNANDES, Florestan, 1978 [1964], *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo, Ática.
- FERNANDEZ, Nadine, 1999, “Back to the future? Women, race, and tourism in Cuba”, em KEMPADOO, Kamala (ed.), *Sun, Sex, and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Lanham, Rowman & Littlefield, 81-89.
- FERREIRA, Alexsandro, Dulce Bentes, e Maria Clementino, 2006, “Novas tipologias habitacionais perante a expansão do capital turístico-imobiliário em Natal, RN”, *Cadernos Metrópole*, 16: 141-162.
- FERREIRA, Ângela, e Sônia Marques, 2000, “Privado e público: inovação espacial ou social?”, *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales* [online], 4 (69). Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-20.htm>> (acesso em 29-07-2011).
- FERREIRA, Virgínia, 1999, “Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53: 199-227.
- FERREIRA, Vítor, 2007, “Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência”, *Etnográfica*, 11 (2): 291-326.
- FERREIRA, Vítor, 2006, *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e ‘Body Piercing’ em Contextos Juvenis*. Lisboa, ISCTE (tese de doutoramento).
- FETTERMAN, David, 2010 [1989], *Ethnography: Step by Step*. Thousand Oaks, Sage.
- FIGUEIREDO, Joana, 2005, *Fluxos Migratórios e Cooperação para o Desenvolvimento: Realidades Compatíveis no Contexto Europeu?*. Porto: ACIME.
- FILHO, Alípio S., 2011, *Brésil: Terre de Métissages – Imaginaire et Quotidien dans la Société Brésilienne*. Sarrebruck, Éditions Universitaires Europeennes.
- FILHO, Alípio S., 2001, “Somos mestiços, e daí?”, em BAUCHWITZ, Oscar (ed.), *Café filosófico*. Natal, Argos, 11-53.
- FILHO, António, 1998, *Fulós, Ritas, Gabrielas, Gringólogas e Garotas de Programa: Falas, Práticas, Textos e Imagens em Torno de Negras e Mestiças, que Apontam para a Construção da Identidade Nacional, a Partir da Sensualidade Atribuída à Mulher Brasileira*. Salvador, Universidade Federal da Bahia (dissertação de mestrado).

- FILHO, António, e Cecília Sardenberg, 1998, *O que é que a Bahia Tem: Turismo Sexual e Tráfico de Mulheres*. Salvador, CHAME/NEIM/UFBA.
- FLEMMEN, Anne, 2008, “Transnational marriages – empirical complexities and theoretical challenges. An exploration of intersectionality”, *NORA, Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 16 (2): 114-129.
- FLEMMEN, Anne, e Ann Lotherington, 2008, “Transnational marriages: politics and desire”, em BÆRENHOLDT, Jørgen, e Brynhild Granås (eds.), *Mobility and Place: Enacting North European Peripheries*. Aldershot, Ashgate, 127-138.
- FONSECA, Cláudia, 1996, “A dupla carreira da mulher prostituta”, *Revista Estudos Feministas*, 1: 7-33.
- FONSECA, Maria, 2005, *Espaço, Políticas de Turismo e Competitividade*. Natal, EDUFRN.
- FONSECA, Maria, 2004, *Políticas Públicas, Espaço e Turismo. Uma Análise Sobre a Incidência Espacial do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro, UFRJ (tese de doutoramento).
- FOUCAULT, Michel, 1984, “Des espaces autres”, *Architecture, Movement, Continuité*, 5: 46-49.
- FOUCAULT, Michel, 1992 [1979], *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal.
- FOUCAULT, Michel, 1994 [1976], *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Lisboa, Relógio d'Água.
- FOUCAULT, Michel, 1972, *The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language*. Nova Iorque, Pantheon.
- FRADIQUE, Teresa, 2003, “Fixar o movimento nas margens do rio: duas experiências de construção de um objecto de estudo em terreno urbano em Portugal”, em VELHO, Gilberto, e Karina Kuschnir (eds.), *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 99-117.
- FRANGELLA, Simone, 2010, “O *made in Brasil* em Londres: migração e os bens culturais”, *Travessia – Revista do Migrante*, ano XXIII (66): 33-43.
- FRANGELLA, Simone, 2004, *Corpos Urbanos Errantes: Uma Etnografia da Corporalidade de Moradores de Uma Rua em São Paulo*. Campinas, UNICAMP (tese de doutoramento).
- FRANKLIN, Adrian, 2003a, “The tourist syndrome: an interview with Zygmunt Bauman”, *Tourist Studies*, 3 (2): 205-217.
- FRANKLIN, Adrian, 2003b, *Tourism: an Introduction*. Londres, Sage.
- FRAZÃO-MOREIRA, Amélia, 2002, “Aprender etnobotânica em terras de África: trabalho de campo entre os Nalu da Guiné-Bissau”, em CARIA, Telmo (ed.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, 131-147.
- FREEDMAN, Estelle, 2002, *No Turning Back: the History of Feminism and the Future of Women*. Nova Iorque, Ballantine Books.
- FREIRE, José, 2005, *Dinâmicas e Características do Mercado de Trabalho de Natal/RN: uma Contribuição à Política Municipal de Emprego e Renda*. Natal, Prefeitura do Natal.
- FREYRE, Gilberto, 2006 [1933], *Casa-grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. São Paulo, Global.
- FRIEDMAN, Jonathan, 2002, “From roots to routes. Tropes for trippers”, *Anthropological Theory*, 2 (1): 21-36.

- FROHLICK, Susan, 2008a, “‘I’m more sexy here’: erotic subjectivities of female tourists in the ‘sexual paradise’ of Caribbean Costa Rica”, em UTENG, Tanu, e Tim Cresswell (eds.), *Gendered Mobilities*. Aldershot, Ashgate, 129-142.
- FROHLICK, Susan, 2008b, “Negotiating the public secrecy of sex in a transnational tourist town in Caribbean Costa Rica”, *Tourist Studies*, 8: 19-39.
- FRY, Peter, 2005, *A Persistência da Raça: Ensaios Antropológicos sobre o Brasil e a África Austral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FURTADO, Edna, 2008, *A Onda do Turismo na Cidade do sol: Reconfiguração Urbana de Natal*. Natal, EDUFRRN.
- GALLO, Ester, 2005, “Problems and possibilities of researching kinship in a transnational context/perspective. An ethnographic experience between Italy and Kerala, South India” [online], *Workshop on Problems and Possibilities in Multi-Sited Ethnography*, 27-28 Junho, University of Sussex. Disponível em: <<http://eprints.ncrm.ac.uk/62/1/esthergallo.pdf>> (acesso em 16-10-2011).
- GARCÍA, Purificación, 2006, “Matrimonios de complacencia: una realidad”, *Revista de la Facultad de Ciencias Sociales y Jurídicas de Elche*, 1 (1): 12-28.
- GASPAR, Maria, 1985, *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GASPAR, Sofia, 2012, “Patterns of bi-national couples across five EU countries”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 70: 71-89.
- GAUDIN, Benoit, 2004, “The micareta and cultural identity”, *Latin American Perspectives*, 31 (2): 80-93.
- GEERTZ, Clifford, 1997, *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Vozes.
- GEERTZ, Clifford, 1978, *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GELLNER, Ernest, 1983, *Nations and Nationalism*. Oxford, Blackwell.
- GERARD, Neyrand, 2002, “Idéalisation du conjugal et fragilisation du couple, ou le paradoxe de l’individualisme relationnel”, *Dialogue*, 155: 80-88.
- GIDDENS, Anthony, 2002, *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GIDDENS, Anthony, 2001 [1992], *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Oeiras, Celta.
- GIDDENS, Anthony, 1979, *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press.
- GILLE, Zsuzsa, e Seán Riain, 2002, “Global ethnography”, *Annual Review of Sociology*, 28: 271-295.
- GILMORE, David, 1994, *Hacerse Hombre: Concepciones Culturales de la Masculinidad*. Barcelona, Paidós.
- GILMORE, David, 1987, “Introduction: the shame of dishonor”, em GILMORE, David (ed.), *Honor and Shame and the Unity of the Mediterranean*. Washington, American Anthropological Association, 2-21.
- GILMORE, David, 1983, “Sexual ideology in andalusian oral literature: a comparative view of a Mediterranean complex”, *Ethnology*, 22: 241-252.
- GILROY, Paul, 2001, *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. São Paulo, Editora 34.

- GIRALDI, Alice, 2010, “Sexo do lado de baixo do Equador”, *UNESPCiência*, Maio, 26-31.
- GLASS, Ruth, 1964, “Introduction: aspects of Change”, em Centre for Urban Studies (ed.), *London: Aspects of Change*. Londres, MacGibbon and Kee, xiii-xlii.
- GLODAVA, Mila, e Richard Onizuka, 1994, *Mail-Order Brides: Women for Sale*. Fort Collins, Alaken.
- GMELCH, Sharon, 2004, “Why tourism matters”, em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and Tourism: a Reader*. Long Grove, Waveland Press, 3-21.
- GODDARD, Victoria, Josep Llobera, e Chris Shore, 1994, “Introduction: the anthropology of Europe,” em GODDARD, Victoria, Josep Llobera, e Chris Shore (eds.), *The Anthropology of Europe: Identity and Boundaries in Conflict*. Oxford, Berg, 1-40.
- GODINHO, Paula, 2007, “Antropologia e questões de escala: os lugares no mundo”, *Arquivos da Memória*, 2: 66-83.
- GOFFMAN, Erving, 1974, *Frame Analysis: an Essay on the Organization of Experience*. Nova Iorque, Harper & Row.
- GOFFMAN, Erving, 1982 [1963], *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GOLDENBERG, Miriam, 2000a, “O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia”, em GOLDENBERG, Miriam (ed.), *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro, Record, 13-39.
- GOLDENBERG, Miriam, 2000b, “De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais”, em GOLDENBERG, Miriam (ed.), *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro, Record, 105-124.
- GOLDENBERG, Miriam, 1995, *Toda Mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro, Record.
- GOLDRING, Luin, 1998, “The power of status in transnational social fields”, em SMITH, Michael, e Luis Guarnizo (eds.), *Transnationalism from Below*. New Brunswick, Transaction Publishers, 165-195.
- GOLDSTEIN, Donna, 2003, *Laughter out of Place: Race, Class, Violence, and Sexuality in a Rio Shantytown*. Berkeley, University of California Press.
- GOLDSTEIN, Donna, 1999, “‘Interracial’ sex and racial democracy in Brazil: twin concepts?”, *American Anthropologist*, 101 (3): 563-578.
- GOMES, Danielle, et al., 2010, “Acuarela multicolor: Brasil pintado por los turistas extranjeros”, *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 19: 607- 655.
- GOMES, Mariana, 2010, “A (des)(re)construção do Brasil como um paraíso de mulatas”, *Revista Eletrônica de Turismo Cultural* [online], 4 (2): 48-70. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03_Mariana_Selister.pdf> (acesso em 26-04-2011).
- GONZÁLEZ, Libertad, e Tarja Viitanen, 2009, “The effect of divorce laws on divorce rates in Europe”, *European Economic Review*, 53 (2): 127-138.
- GONZÁLEZ, Santiago, 2007, “Matrimonio de conveniencia: argumentos vergonzantes y paradojas inocuas”, *Dereito, Revista Xurídica da Universidade de Santiago de Compostela*, 16 (1): 29-51.
- GOODY, Jack, 2000, *The European Family: an Historico-Anthropological Essay*. Oxford, Blackwell.
- GOODY, Jack, 1995 [1983], *Familia e Casamento na Europa*. Oeiras, Celta.

- GOOS, Maarten, Alan Manning, e Anna Salomons, 2009, “Job polarization in Europe”, *American Economic Review: Papers & Proceedings*, 99 (2): 58-63.
- GRABURN, Nelson, 2004, “Secular ritual: a general theory of tourism”, em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and tourism: a reader*. Long Grove, Waveland Press, 23-34.
- GRABURN, Nelson, 1983, “Tourism and prostitution”, *Annals of Tourism Research*, 10: 437-442.
- GRABURN, Nelson, 1989 [1977], “Tourism: the sacred journey”, em SMITH, Valene (ed.), *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 21-36.
- GRASSI, Marzia, 2006, “Formas migratórias: *casar com o passaporte* no espaço Schengen. Uma introdução ao caso de Portugal”, *Etnográfica*, 10 (2): 283-306.
- GREENE, Maxine, 1995, *Releasing the Imagination: Essays on Education, the Arts, and Social Change*. São Francisco, Jossey-Bass.
- GREGORY, Derek (1995), “Imaginative geographies”, *Progress in Human Geography*. 19 (4): 447-485.
- GUARNIZO, Luís, 1997, “The emergence of a transnational social formation and the mirage of return migration among Dominican transmigrants”, *Identities* 4 (2): 281-322.
- GUERREIRO, Goli, 2010, *Terceira Diáspora: Culturas Negras no Mundo Atlântico*. Salvador-BA, Editora Corrupio.
- GUPTA, Akhil, e James Ferguson, 1997, “The field as site, method, and location in anthropology”, em GUPTA, Akhil, e James Ferguson (eds.), *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press, 1-46.
- GUPTA, Akhil, e James Ferguson, 1992, “Beyond ‘culture’: space, identity, and the politics of difference”, *Cultural Anthropology*, 7 (1): 6-23.
- GUSTAFSON, Per (2002), “Tourism and seasonal retirement migration”, *Annals of Tourism Research*, 29 (4): 899-918.
- GUSTERSON, Hugh, 1997, “Studying up revisited”, *PoLAR – Political and Legal Anthropology Review*, 20 (1): 114-119.
- GUTIÉRREZ, José, 2001, *A Gringo Manual on How to Handle Mexicans*. Houston, Arte Público Press.
- HAANDRIKMAN, Karen, 2012, “Bi-national marriages in Sweden: is there an EU effect?”, *Stockholm Research Reports in Demography* [online]. Disponível em: <http://www.suda.su.se/SRRD/SRRD_2012_2.pdf> (acesso em 28-05-2013).
- HALL, C. Michael, 2005, *Tourism: Rethinking the Social Science of Mobility*. Harlow, Prentice-Hall.
- HALL, C. Michael, 1996, “Tourism prostitution: the control and health implications of sex tourism in South-East Asia and Australia”, em CLIFT, Stephen, e Stephen Page (eds.), *Health and the International Tourist*. Londres, Routledge, 179-197.
- HALL, C. Michael, e Allan Williams (eds.), 2002, *Tourism and Migration: New Relationships between Production and Consumption*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- HALL, C. Michael, e Dieter Müller (eds.), 2004, *Tourism, Mobility and Second Homes: between Elite Landscape and Common Ground*. Clevedon, Channelview Publications.
- HALL, Stuart, 2007, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A.

- HALL, Stuart, 2006, “Cosmopolitan promises, multicultural realities”, em SCHOLAR, Richard (ed.), *Divided Cities: the Oxford Amnesty Lectures 2003*. Oxford, Oxford University Press, 20-51.
- HALL, Stuart, 1991, “Old and new identities, old and new ethnicities”, em KING, Anthony (ed.), *Culture, Globalization and the World-System*. Houndmills, Macmillan, 41- 68.
- HAMMERSLEY, Martyn, 1984, “The researcher exposed: a natural history”, em BURGESS, Robert (ed.), *The Research Process in Educational Settings: Ten Case Studies*. Lewes, Falmer Press, 39-67.
- HAMMERSLEY, Martyn, e Paul Atkinson, 2007 [1983]), *Ethnography: Principles in Practice*, Londres e Nova Iorque: Routledge.
- HANDMAN, Marie-Élisabeth, e Janine Mossuz-Lavau (eds.), 2005, *La Prostitution à Paris*. Paris, Éditions de la Martinière.
- HANNERZ, Ulf, 2003, “Being there... and there... and there!: reflections on multi-site ethnography”, *Ethnography*, 4: 201-216.
- HANNERZ, Ulf, 2000, “Transnational research”, em BERNARD, H. Russel (ed.), *Handbook of Methods in Cultural Anthropology*. Walnut Creek, Altamira Press, 235-256.
- HANNERZ, Ulf, 1997, “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”, *Mana*, 3 (1): 7-39.
- HANNERZ, Ulf, 1996, *Transnational Connections: Culture, People, Places*. Londres, Routledge.
- HANNERZ, Ulf, 1992a, “The global ecumene as a network of networks”, em KUPER, Adam (ed.), *Conceptualizing Society*. Londres, Routledge, 34-57.
- HANNERZ, Ulf, 1992b, *Cultural Complexity: Studies in the Social Organization of Meaning*. Nova Iorque, Columbia University Press.
- HANNERZ, Ulf, 1987, “The world in creolization”, *Africa*, 57: 546-559.
- HART, Angie, 1998, *Buying and Selling Power: Anthropological Reflections on Prostitution in Spain*. Oxford, Westview Press.
- HARVEY, David, 2001, *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*. Nova Iorque, Routledge.
- HARVEY, David, 1992, *Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Edições Loyola.
- HARVEY, David, 1990, “Between space and time: reflections on the geographical imagination”. *Annals of the Association of American Geographers*, 80 (3): 418-434.
- HASENBALG, Carlos, 1995, “ Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil”, *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 38 (2): 355-374.
- HAUG, Bente, Graham Dann, e Mehmet Mehmetoglu, 2007, “Little Norway in Spain: from tourism to migration”, *Annals of Tourism Research*, 34 (1): 202-222.
- HÉRITIER, Françoise, 1998, *Masculino, Feminino: o Pensamento da Diferença*. Lisboa, Instituto Piaget.
- HEROLD, Edward, Rafael Garcia, e Tony DeMoya, 2001, “Female tourists and beach boys: romance or sex tourism?”, *Annals of Tourism Research*, 28 (4): 978-997.
- HESTER, Marianne, 1992, *Lewd Women and Wicked Witches: a Study of the Dynamics of Male Domination*. Nova Iorque, Routledge.

- HEYMAN, Josiah, 1994, "The Mexico-United States border in anthropology: a critique and reformulation", *Journal of Political Ecology*, 1: 43-65.
- HINE, Christine, 2003, *Virtual Ethnography*. Londres, Sage.
- HO, Elaine, 2008, "'Flexible citizenship' or familial ties that bind? Singaporean transmigrants in London", *International Migration*, 46 (4): 145-175.
- HOFMEISTER, Heather, e André Breitenstein, 2008, "Contemporary processes of transnationalization and globalization", *International Sociology*, 23 (4): 480-487.
- HØIGÅRD, Cecile, e Liv Finstad, 1992, *Backstreets: Prostitution, Money and Love*, Cambridge, Polity Press.
- HOLANDA, Sérgio B., 1990 [1936], *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- HOLMES, Mary, 2010, "Intimacy, distance relationships, and emotional care", *Recherches Sociologiques et Anthropologiques*, 41 (1): 105-123.
- HOLMES, Mary, 2006, "Love lives at a distance: distance relationships over the lifecourse", *Sociological Research Online* [online], 11 (3). Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/11/3/holmes.html>> (acesso em 04-04-2011).
- HOLMES, Mary, 2004, "An equal distance? Individualization, gender and intimacy in distance relationships", *The Sociological Review*, 52 (2): 180-200.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette, e Ernestine Avila, 1997, "'I'm here, but I'm there': the meanings of Latina transnational motherhood", *Gender and Society*, 11 (5): 548-571.
- HONG, Jin, 2012, *The Politics of Intimacy: Chinese Women's Marriage Migration to South Korea* [online]. Hong Kong, University of Hong Kong (tese de doutoramento). Disponível em: <<http://hub.hku.hk/bitstream/10722/174504/1/FullText.pdf?accept=1>> (acesso em 21-05-2013).
- HOOKS, Bell, 1990, *Yearning, Race, Gender and Cultural Politics*. Boston, South End Press.
- HOORNAERT, Eduardo, 1993, "A questão do corpo nos documentos da primeira evangelização", em MARCILIO, M.^a Luiza (ed.), *Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 11-28.
- HOREVITZ, Elizabeth, 2009, "Understanding the anthropology of immigration and migration", *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 19 (6): 745-758
- HOUELLEBECQ, Michel, 2001, *Plateforme*. Paris, Flammarion.
- HUBBARD, Phil, 2001, "Sex zones: intimacy, citizenship and public space", *Sexualities*, 4: 51-71.
- IACOVOU, Maria, e Alexandra Skew, 2010, "Household structure in the EU", em ATKINSON, Anthony, e Eric Marlier (eds.), *Income and Living Conditions in Europe*. Luxemburgo, Publications Office of the European Union, 79-100.
- IGNARRA, Luiz, 2003, *Fundamentos do Turismo*. São Paulo, Pioneira Thomson.
- ILLOUZ, Eva, 1999, "The lost innocence of love: romance as a postmodern condition", em FEATHERSTONE, Mike (ed.), *Love & Eroticism*. Londres, Sage, 161-186.
- ILLOUZ, Eva, 1997, *Consuming the Romantic Utopia: Love and the Cultural Contradictions of Capitalism*. Berkeley, University of California Press.

- INDA, Jonathan, 2000, “A flexible world: capitalism, citizenship, and postnational zones”, *PoLAR – Political and Legal Anthropology Review*, 23 (1): 86-102.
- INDA, Jonathan, e Renato Rosaldo, 2002, “Introduction: a world in motion”, em INDA, Jonathan, e Renato Rosaldo (eds.), *The Anthropology of Globalization: a Reader*. Oxford, Blackwell, 1-34.
- ITURRA, Raul, 1986, “Trabalho de campo e observação participante em antropologia”, em SILVA, Augusto S., e José M. Pinto (eds.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, 149-163.
- JAACKSON, Reiner (2004), “Globalisation and neocolonialist tourism”, em HALL, Colin, e Hazel Tucker (eds.), *Tourism and Postcolonialism: Contested Discourses, Identities and Representations*. Abingdon, Routledge, 69-183.
- JABLONSKI, Bernardo, 2005, “Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências?”, em CARNEIRO, Terezinha (ed.), *Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade*. Rio de Janeiro, PUC, 93-110.
- JABLONSKI, Bernardo, 1998, *Até que a Vida nos Separe: a Crise do Casamento Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- JACKSON, Peter, Philip Crang, e Claire Dwyer (eds.), 2004, *Transnational Spaces*. Londres, Routledge.
- JACQUET, Christine, 2011, “Quand le mari de ma mère n’est pas mon père: beaux-enfants et beaux-pères dans le Brésil contemporain”, *Etnográfica*, 15 (2): 287-310.
- JAMIESON, Mark, 2000, “It’s shame that makes men and women enemies: the politics of intimacy among the Miskitu of Kakabila”, *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 6 (2): 311-324.
- JANOSCHKA, Michael e Heiko Haas (eds.), 2013, *Contested Spatialities, Lifestyle Migration and Residential Tourism*. Abingdon, Oxon, Routledge.
- JEFFREYS, Sheila, 2008, *The Industrial Vagina: the Political Economy of the Global Sex Trade*. Nova Iorque, Routledge.
- JEFFREYS, Sheila, 1999, “Globalizing sexual exploitation: sex tourism and the traffic in women”, *Leisure Studies*, 18 (3): 179-196.
- JONES, Gavin, 2012a, “International marriage in Asia: what do we know, and what do we need to know?”, *Asia Research Institute - Working Paper Series*, 174, [online]. Singapura, National University of Singapore. Disponível em: <[http://www.ari.nus.edu.sg/docs/wps/wps12_174 .pdf](http://www.ari.nus.edu.sg/docs/wps/wps12_174.pdf)> (acesso em 05-06-2013).
- JONES, Gavin, 2012b, “Marriage migration in Asia: an introduction”, *Asian and Pacific Migration Journal*, 21 (3): 287-290.
- JUNGBLUT, Airton, 2004, “A heterogenia do mundo *on-line*: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço”, *Horizontes Antropológicos*, 10 (21): 97-121.
- JÚNIOR, Clyde, 1993, *Trampolim para a Vitória*. Natal: EDUFRRN.
- JÚNIOR, Edmilson L., 2005, “Amor, sexo e dinheiro: uma interpretação sociológica do mercado de serviços sexuais”, *Política & Sociedade*, 4 (6): 165-193.
- JÚNIOR, Edmilson L., 1997, *A Construção Social da Cidade do Prazer: Urbanização Turística, Cultura e Meio Ambiente em Natal (RN)*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas (tese de doutoramento).

- JUSTO, José, e Luiz Rocha, 2006, “Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos” [online]. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/143_JOSE_STERZA_JUSTO.pdf> (acesso em 15-10-2008).
- KALIR, Barak, 2005, “The development of a migratory disposition: explaining a ‘new emigration’”, *International Migration*, 43 (4): 167-196.
- KANNA, Ahmed, 2010, “Flexible citizenship in Dubai: neoliberal subjectivity in the emerging ‘city-corporation’”, *Cultural Anthropology*, 25 (1): 100-129.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 2010, *Sex@mour*. Paris, Armand Colin.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 2007, *Agacements: les Petites Guerres du Couple*. Paris, Armand Colin.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 2000, *A Mulher Só e o Príncipe Encantado: Inquérito sobre a Vida a Solo*. Lisboa, Editorial Notícias.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 1993, *Sociologie du Couple*. Paris, PUF.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 1996, *L'Entretien Compréhensif*. Paris, Nathan.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 1995, *Corps de Femmes, Regards d'Hommes: Sociologie des Seins Nus*. Paris, Nathan.
- KAUFMANN, Jean-Claude, 2002 [1992], *O Labirinto Conjugal: o Casal e o seu Guarda-Roupa*. Lisboa, Editorial Notícias.
- KEARNEY, Michael, 2004a, *Changing Fields of Anthropology: from Local to Global*. Lanham, Rowman & Littlefield.
- KEARNEY, Michael, 2004b, “The classifying and value-filtering missions of borders”, *Anthropological Theory*, 4 (2): 131-156.
- KEARNEY, Michael, 1995, “The local and the global: the anthropology of globalization and Transnationalism”, *Annual Revue of Anthropology*, 24: 547-565.
- KEARNEY, Michael, 1986, “From the invisible hand to visible feet: anthropological studies of migration and development”, *Annual Review of Anthropology*, 15: 331-361.
- KELLERMAN, Aharon, 2006, *Personal Mobilities*. Nova Iorque, Routledge.
- KEMPADOO, Kamala, 2005, “Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres”, *Cadernos Pagu*, 25: 55-78.
- KEMPADOO, Kamala, 2004, *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor*. Nova Iorque, Routledge.
- KEMPADOO, Kamala (ed.), 1999a, *Sun, Sex, and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Lanham, Rowman & Littlefield.
- KEMPADOO, Kamala, 1999b, “Continuities and change: five centuries of prostitution in the Caribbean”, em KEMPADOO, Kamala (ed.), *Sun, Sex, and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Lanham, Rowman & Littlefield, 3-33.
- KEMPADOO, Kamala, 1996, “Prostitution, marginality and empowerment: Caribbean women in the sex trade”, *Beyond Law* 5 (14): 69-84.
- KERTZER, David, e Marzio Barbagli (eds.), 2004, *Historia de la Familia Europea III. La Vida Familiar en el Siglo XX*. Barcelona, Paidós.

- KERTZER, David, e Marzio Barbagli (eds.), 2003, *Historia de la Familia Europea II. La Vida Familiar desde la Revolución Francesa hasta la Primera Guerra Mundial (1789-1915)*. Barcelona, Paidós.
- KIBICHO, Wanjohi, 2009, *Sex Tourism in Africa: Kenya's Booming Industry*. Surrey, Ashgate.
- KILANI, Mondher, 1994, "Du terrain au texte: sur l'écriture de l'anthropologie", *Communications*, 58: 45-60.
- KIM, Minjeong, 2010, "Gender and international marriage migration", *Sociology Compass*, 4 (9): 718-731.
- KIMMELL, Michael, e Michael Messner (eds.), 1992, *Men's Lives*. Basingstoke, Macmillan.
- KING, Russell, 2002, "Towards a new map of European migration", *International Journal of Population Geography*, 8: 89-106.
- KING, Russel, Tonny Warnes, e Allan Williams, 2000, *Sunset Lives: British Retirement Migration and the Mediterranean*. Oxford, Berg.
- KJAERULFF, Jens, 2010, *Internet and Change: an Ethnography of Knowledge and Flexible Work*. Højbjerg, Intervention Press.
- KNAUTH, Daniela, *et al.*, 2006, "As trajetórias afetivo-sexuais: encontros, uniões e separação", em HEILBORN, Maria, Estela Aquino, Michel Bozon e Daniela Knauth (eds.), *O Aprendizado da Sexualidade: um Estudo sobre Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Garamond, 267-307.
- KOFMAN, Eleonore, 2012, "Rethinking care through social reproduction: articulating circuits of migration", *Social Politics: International Studies in Gender, State and Society*, 19 (1): 142-162.
- KOFMAN, Eleonore, 2006, "Gender, remittances and migration: Latin Americans and Caribbeans in Europe" [online]. Disponível em: <https://eprints.mdx.ac.uk/4448/1/Kofman-gender_remittances.pdf> (acesso em 24-06-2013).
- KOHN, Tâmara, 1998, "The seduction of the exotic: notes on mixed marriage in east Nepal", em BREGER, Rosemary, e Rosanna Hill (eds.), *Cross-Cultural Marriage: Identity and Choice*. Oxford, Berg, 67-82.
- KOPNINA, Helen, 2007, *Migration and Tourism: Formation of New Social Classes*. Nova Iorque, Cognizant Communication Corporation.
- KRIPPENDORF, Jost, 1989, *Sociologia do Turismo: para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- KRUHSE-MOUNTBURTON, Suzy, 1995, "Sex tourism and traditional Australian male identity", em LANFANT, Marie-Françoise, John Allcock, e Edward Bruner (eds.), *International Tourism: Identity and Change*. Londres, Sage, 192-204.
- KUMMELS, Ingrid, 2005, "Love in the time of diaspora. Global markets and local meanings in prostitution, marriage and womanhood in Cuba", *Iberoamericana*, 5 (20): 7-26.
- LAGUNAS, David, 2010, "El poder del dinero y el poder del sexo. Antropología del turismo sexual", *Perfiles Latinoamericanos*, 36: 71-98.
- LAMONT, Michèle, e Virág Molnár, 2002, "The study of boundaries in the social sciences", *Annual Review of Sociology*, 28: 167-195.
- LANDOLT, Patrícia, 2001, "Salvadorian economic transnationalism: embedded strategies for household maintenance, immigrant incorporation, and entrepreneurial expansion", *Global Networks*, 1: 217-242.

- LAQUEUR, Thomas, 1990, *Making Sex, Body and Gender from Greeks to Freud*. Harvard, University Press.
- LASH, Scott, 2001, “La reflexividad y sus dobles: estructura, estética, comunidad”, em BECK, Ulrich, Anthony Giddens, e Scott Lash, *Modernización Reflexiva: Política, Tradición y Estética en el Orden Social Moderno*. Madrid, Alianza, 137-207.
- LASH, Scott e John Urry (1994), *Economies of Signs and Space*, Londres: Sage.
- LASLETT, Peter, 1983, “Family and household as work group and kin group: areas of traditional Europe compared”, em WALL, Richard, Jean Robin, e Peter Laslett (eds.), *Family Forms in Historic Europe*. Cambridge, Cambridge University Press, 516-535.
- LATOUR, Bruno, 2005, *Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford, Oxford University Press.
- LATOUR, Bruno, 1994, *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- LAUSER, Andrea, 2008, “Philippine women on the move: marriage across borders”, *International Migration*, 46 (4): 85-110.
- LAVINAS, Lena, 1996, “As mulheres no universo da pobreza: o caso brasileiro”, *Estudos Feministas*, 4 (2): 464-479.
- LEA, John, 1988, *Tourism and Development in the Third World*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- LEAL, Maria L., e Maria F. Leal (eds.), 2003, *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial*. Brasília, CECRIA.
- LECLERC, Gérard, 1973, *Crítica da Antropologia: Ensaio acerca da História do Africanismo*. Lisboa, Estampa.
- LEEDS, Anthony, e Elizabeth Leeds, 1978, *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.
- LEES, Loretta, Tom Slater, e Elvin Wyly, 2008, *Gentrification*. Nova Iorque, Routledge
- LEHENY, David, 1995, “A political economy of Asian sex tourism”, *Annals of Tourism Research*, 22 (2): 367-384.
- LEHMAN, Peter (ed.), 2006, *Pornography: Film and Culture*. New Brunswick e Londres, Rutgers University Press.
- LEITE, Jaqueline, 2003, “A exploração das mulheres na dinâmica do turismo sexual”, em CAMURÇA, Sílvia (ed.), *Dimensões da Desigualdade no Desenvolvimento do Turismo no Nordeste*. Recife, SOS CORPO – Gênero e Cidadania Edições, 64-69.
- LEMOS, André, 2009, “Cultura da mobilidade”, *Revista Famecos*, 40: 28-35.
- LEMOS, André, 1996, “As estruturas antropológicas do ciberespaço”, *Textos de Cultura e Comunicação*, 35: 12-27.
- LETT, James, 1983, “Ludic and liminoid aspects of charter yacht tourism in the Caribbean”, *Annals of Tourism Research*, 10 (1): 35-56.
- LEUNG, Paul, 2003, “Sex tourism: the case of Cambodia”, em BAUER, Thomas, e Bob McKercher (eds.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. Nova Iorque, Haworth Press, 181-195.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, 1986 [1955], *Tristes Trópicos*. Lisboa, Edições 70.

- LÉVI-STRAUSS, Claude, 1982 [1949], *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes.
- LEVIN, Irene, 2004, “Living apart together: a new family form”, *Current Sociology*, 52 (2): 223-240.
- LEVITT, Peggy, e Bernadette Jaworsky, 2007, “Transnational migration studies: past developments and future trends”, *Annual Review of Sociology*, 33: 129-156.
- LEVITT, Peggy, e Nina Schiller, 2004, “Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society”, *International Migration Review* 38 (3): 1002-1039.
- LEVY, Maria, 2009, “A escolha do cônjuge”, *Revista Brasileira de Estudos de População*, 26 (1): 117-133.
- LÉVY, Pierre, 2001, *O que é o Virtual?*. Coimbra, Quarteto.
- LIMA, Antónia P., 2003, *Grandes Famílias, Grandes Empresas: Ensaio Antropológico Sobre Uma Elite de Lisboa*. Lisboa, Dom Quixote.
- LIMA, Antónia P., 1999, “Sócios e parentes: valores familiares e interesses económicos nas grandes empresas familiares portuguesas”, *Etnográfica*, 3 (1): 87-112.
- LIMA, Antónia P., e Paula Togni, 2012, “Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero”, *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, 16 (1): 135-144.
- LITTLEWOOD, Ian, 2001, *Sultry Climates: Travel and Sex since the Grand Tour*. Londres, John Murray.
- LOBO, Cristina, 2009, “Parentalidade social, fratrias e relações inter-geracionais nas recomposições familiares”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 59: 45-74.
- LOBO, Cristina, 2007, *Recomposições Familiares: Dinâmicas de um Processo de Transição*. Lisboa, ISCTE (tese de doutoramento).
- LÖFGREN, Orvar, 2004, “Narrating the tourist experience”, em GMELCH, Sharon (ed.), *Tourists and Tourism: a Reader*. Long Grove, Waveland Press, 91-108.
- LÖFGREN, Orvar, 1999, *On Holiday: a History of Vacationing*. Berkley, University of California Press.
- LOWENKRON, Laura, 2010, “Sexualidad, salud y sociedad”, *Revista Latinoamericana* [online], 5: 9-29. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewArticle/394/804>> (acesso em 03-10-2012).
- LOWRY, Linda, 1993, “Sun, sand, sea & sex: a look at tourism advertising through the decoding and interpretation of four typical tourism advertisements”, *Society of Travel and Tourism Educators Annual Conference*, Miami, Proceedings of Research and Academic Papers, 5: 183-204.
- LU, Melody, 2005, “Commercially arranged marriage migration: case studies of cross-border marriages in Taiwan”, *Indian Journal of Gender Studies*, 12: 275-303.
- LUCAS, Luciane, e Tânia Hoff, 2008, “Formas sutis de dominação hierarquizada: corpo e feminização da pobreza”, *Ex æquo*, 17: 133-154.
- LYONS, Lenore, e Michele Ford, 2008, “Love, sex and the spaces in-between: Kepri wives and their cross-border husbands”, *Citizenship Studies*, 12 (1): 55-72.
- MAANEN, John van, 2011 [1988], *Tales from the Field: on Writing Ethnography*. Chicago, University of Chicago Press.
- MACCANNELL, Dean, 1992, *Empty Meeting Grounds: the Tourist Papers*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

- MACCANNELL, Dean, 1973, “Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings”, *American Journal of Sociology*, 73 (3): 589-603.
- MACEDO, Márcia, 2008, “Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza”, *Caderno CRH*, 21 (53): 389-404.
- MACFARLANE, Alan, 1980, “Demographic structures and cultural regions in Europe”, *Cambridge Anthropology*, 6 (1-2): 1-17.
- MACHADO, Igor, 2009, *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Brasileiros no Porto*. Lisboa, ICS.
- MACHADO, Lia, 2001, “Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil”, *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 4 (8): 11-26.
- MACINNES, John, 2002, *O Fim da Masculinidade*. Porto, Âmbar.
- MAFFESOLI, Michel, 1998 [1988], *O Tempo das Tribos: o Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- MAFFESOLI, Michel, 1985, *A Sombra de Dionísio: Contribuição para uma Sociologia da Orgia*. Rio de Janeiro, Graal.
- MAFFESOLI, Michel, 1979, *La Conquête du Présent. Pour une Sociologie de la Vie Quotidienne*. Paris, PUF.
- MAFFIOLI, Dionisia, Anna Paterno e Giuseppe Gabrielli, 2013, “International married and unmarried unions in Italy: criteria of mate Selection”, *International Migration* [online], early version DOI: 10.1111/imig.12049. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/imig.12049/pdf>> (acesso em 13-06-2013).
- MAGNANI, José, 2002, “De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49): 11-29.
- MAGNANI, José, 1998, *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo, Hucitec.
- MAGNANI, José, 1992, “Da periferia ao centro: pedaços & trajectos”, *Revista de Antropologia*, 35: 191-203.
- MAHLER, Sarah, 2001, “Transnational relationships: the struggle to communicate across borders”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 7 (4): 583-619.
- MAHLER, Sarah, e Patricia Pessar, 2001, “Gendered geographies of power: analyzing gender across transnational spaces”, *Identities*, 7 (4): 441-459.
- MAI, Nicola, e Russell King, 2009, “Love, sexuality and migration: mapping the issue(s)”, *Mobilities*, 4 (3): 295-307.
- MALINOWSKI, Bronislaw, 1989 [1967], *A Diary in the Strict Sense of the Term*. Stanford, Stanford University Press.
- MALINOWSKI, Bronislaw, 1997 [1922], “Introdução: objecto, método e alcance desta investigação”, *Ethnologia*, 6-8: 17-38.
- MALINOWSKI, Bronislaw, 2002 [1922], *Argonauts of the Western Pacific*. Londres, Routledge.
- MALTA, Marize, 2008, “Do *boudoir* ao motel: cultura visual, imagens decorativas e lugares íntimos para o sexo”, *Revista Esboços*, 19: 199-215.

- MANDERSON, Lenore, 1997, "Parables of imperialism and fantasies of the exotic: western representations of Thailand – place and sex", em MANDERSON, Lenore, e Margaret Jolly (eds.), *Sites of Desire/Economies of Pleasure: Sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago, University of Chicago Press, 123-144.
- MANDERSON, Lenore, e Margaret Jolly (eds.), 1997, *Sites of Desire/Economies of Pleasure: Sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago, University of Chicago Press.
- MANITA, Celina, e Alexandra Oliveira, 2002, *Estudo de Caracterização da Prostituição de Rua no Porto e Matosinhos*. Porto, CIDM.
- MANNING, Wendy, Monica Longmore, e Peggy Giordano, 2007, "The changing institution of marriage: adolescents' expectations to cohabit and to marry", *Journal of Marriage and the Family*, 69 (3): 559-575.
- MANTECÓN, Alejandro, 2008, *La Experiencia del Turismo. Un Estudio Sociológico sobre el Proceso Turístico-Residencial*. Barcelona, Icaria.
- MAPRIL, José, 2008a, *A "Modernidade" do Sacrifício: Qurban, Lugares e Circuitos Transnacionais Entre Bangladeshis em Lisboa*. Lisboa, ICS (tese de doutoramento).
- MAPRIL, José, 2008b, "Os sonhos da 'modernidade': migrações globais e consumos entre Lisboa e Dhaka", em CARMO, Renato, Daniel Melo, e Ruy Blanes (eds.), *A Globalização no Divã*. Lisboa, Tinta-da-China, 65-88.
- MARCUS, George, 2002, "Au-delà de Malinowski et après Writing Culture: à propos du futur de l'anthropologie culturelle et du malaise de l'ethnographie", *ethnographiques.org* [online], 1. Disponível em: <<http://www.ethnographiques.org/2002/Marcus.html>> (acesso em 04-11-2011).
- MARCUS, George, 1998, *Ethnography Through Thick and Thin*. Princeton, Princeton University Press.
- MARCUS, George, 1995, "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography", *Annual Revue of Anthropology*, 24: 95-117.
- MARCUS, George, 1986, "Contemporary problems of ethnography in the modern world system", em CLIFFORD, James, e George Marcus (eds.), *Writing Culture: the Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley, University of California Press, 165-193.
- MARCUS, George, e Dick Cushman, 1982, "Ethnographies as texts", *Annual Revue of Anthropology*, 11: 25-69.
- MARCUS, George, e Michael Fischer, 1999 [1986], *Anthropology as Cultural Critique*. Chicago, University of Chicago Press.
- MARCUSE, Herbert, 1981, *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MARQUEZ, Aniele, 2009, *A 'Invisibilidade' de Crianças e Adolescentes no Contexto do Turismo Sexual em Salvador*. Salvador, Universidade Federal da Bahia (dissertação de mestrado).
- MARTIAL, Agnès, 2003, *S'Apparenter: Ethnologie des Liens de Familles Recomposées*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- MARTINS, Ana C., 2010, "Não há pecado ao sul do Equador: histórias de amor construindo o Brasil", *Revista Crítica Histórica*, 1: 171-191.
- MARTINS, Hermínio, 2006, "Dilemas da república tecnológica", *Análise Social*, 41 (181): 959-979.
- MASSEY, Doreen, 1994, *Space, Place and Gender*. Minneapolis, University of Minneapolis Press.
- MATNSTIK, Martin, 1996, *Postnational Identity*. Nova Iorque, The Guilford Press.

- MCCLINTOCK, Anne, 1995, *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. Londres, Routledge.
- MCKERCHER, Bob, e Thomas Bauer, 2003, "Conceptual framework of the nexus between tourism, romance and sex", em BAUER, Thomas, e Bob McKercher (eds.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. Nova Iorque, Haworth Press, 3-17.
- MCNAIR, Brian, 2002, *Striptease Culture: Sex, Media and the Democratization of Desire*. Londres, Routledge.
- MCWATTERS, Mason, 2009, *Residential Tourism: (De)Constructing Paradise*. Bristol, Toronto, Channel View Publications.
- MERTON, Robert, 1993 [1965], *On the Shoulders of Giants*. Chicago, University of Chicago Press.
- MERTON, Robert, 1968 [1949], *Social Theory and Social Structure*. Nova Iorque, Free Press.
- MERTON, Robert, e Elinor Barber (2004), *The Travels and Adventures of Serendipity: a Study in Sociological Semantics and the Sociology of Science*. Princeton, Princeton University Press.
- MEYROWITZ, Joshua, 2005, "The rise of glocality: new senses of place and Identity in the global village", em NYÍRI, Kristóf (ed.), *A Sense of Place: the Global and the Local in Mobile Communication*. Viena, Passagen Verlag.
- MICHEL, Franck, 2009, *Planeta Sexo. Turismos Sexuais, Mercantilização e Desumanização dos Corpos*. Porto, Campo das Letras.
- MICHEL, Franck, 2007, *Voyage au Bout du Sexe. Trafics et Tourismes Sexuels en Asie et Ailleurs*. Québec, Presses de l'Université Laval.
- MIGNOLO, Walter, 2000, *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. New Jersey, Princeton University Press.
- MILLER, Daniel, 2011, *Tales from Facebook*. Cambridge, Polity Press.
- MILLER, Daniel, e Don Slater, 2004, "Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad", *Horizontes Antropológicos*, 21: 41-65.
- MILLER, Daniel, e Don Slater, 2000, *The Internet: an Ethnographic Approach*. Oxford, Berg.
- MIN, Pyong, 2003, "Korean 'comfort women': the intersection of colonial power, gender, and class", *Gender & Society*, 17 (6): 938-957.
- MITCHELL, J. Clyde, 1969, "The concept and use of social network", em MITCHELL, J. Clyde (ed.), *Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns*. Manchester, Manchester University Press, 1-50.
- MOLZ, Jeannie, 2004, "Playing online and between the lines: round-the-world websites as virtual places to play", em SHELLER, Mimi, e John Urry (eds.), *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Londres, Routledge, 169-180.
- MONZINI, Paola, 2002, *Il Mercato delle Donne: Prostituzioni, Tratta e Sfruttamento*. Roma, Donzelli.
- MORELL, Marc, 2009, "Fent barri: heritage tourism policy and neighbourhood scaling in Ciutat de Mallorca", *Etnográfica*, 13 (2): 343-372.
- MOSER, Caroline, 1978, "Informal sector or petty commodity production: dualism or independence in urban development", *World Development*, 6: 1041-1064.

- MÜLLER, Dieter, 2002, "German second homeowners in Sweden: some remarks on the tourism – migration nexus", *Revue Européenne des migrations Internationales*, 18 (1): 67-86.
- MURARO, Rose, e Andréa Puppín (eds.), 2001, *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- NAGEL, Joane, 2003, *Race, Ethnicity, and Sexuality: Intimate Intersections, Forbidden Frontiers*. Oxford, Oxford University Press.
- NAHRA, Cinara, 2000, *Malditas Defesas Morais*. Natal, Cooperativa Cultural.
- NAKAMATSU, Tomoko, 2003, "International marriage through introduction agencies: social and legal realities of 'Asian' wives of Japanese men", em PIPER, Nicola, e Mina Rocés (eds.), *Wife or Worker?: Asian Women and Migration*. Lanham, Rowman & Littlefield, 181-201.
- NAROTZKY, Susana, 2009, "Regulation and production in a globalized world: what ethnography brings to comparison", *Ethnology*, 48 (3): 175-193.
- NASH, Dennison, 2001, *Anthropology of Tourism*. Nova Iorque, Pergamon Press.
- NASH, Dennison, 1995 [1978], "Tourism as a form of imperialism", em SMITH, Valene (ed.), *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 37-52.
- NENCEL, Lorraine, 1994, "The secrets behind sexual desire: the construction of male sexuality in Lima, Peru", *Etnofoor*, 7 (2): 59-75.
- NÉRI, Marcelo, 2005, *Sexo, Casamento e Economia*. Rio de Janeiro, FGV/IBRE, CPS.
- NEVELING, Patrick, e Carsten Wergin, 2009, "Projects of scale-making: new perspectives for the anthropology of tourism", *Etnográfica*, 13 (2): 315-342.
- NEVEROVSKY, Catarina, 2005, *De Gata Borracheira a Cinderela: Nova Espacialidade Decorrente do Desenvolvimento Turístico, Diferenciada pelo Estilo de Vida em Ponta Negra, Natal, RN*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).
- NIEDOMYSL, Thomas, John Östh, e Maarten van Ham, 2010, "The globalization of marriage fields: the Swedish case", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36 (7): 1119-1138.
- NIEUWENHUYNS, Céline, e Antoine Pécoud, 2007, "Human trafficking, information campaigns, and strategies of migration control", *American Behavioral Scientist*, 50 (12): 1674-1695.
- NOLASCO, Sócrates, 2001, "O apagão da masculinidade", *Trabalho e Sociedade*, 2: 9-16.
- NOLASCO, Sócrates, 1995, *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia, 2001, "The sex tourist, the expatriate, his ex-wife and her 'other': the politics of loss, difference and desire", *Sexualities*, 41 (1): 5-24.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia, 1998, *Prostitution, Power and Freedom*. Michigan, University of Michigan Press.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia, 1996, "Sex tourism in Cuba", *Race and Class*, 1: 39-48.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia, 1995, "British sex tourists in Thailand", em MAYNARD, Mary, e June Purvis (eds.), *(Hetero)sexual Politics*. Londres, Taylor & Francis, 42-64.
- O'REILLY, Karen, 2003, "When is a tourist? The articulation of tourism and migration in Spain's Costa del Sol", *Tourist Studies* 3 (3): 301-317.

- OIGENBLICK, Ludmilla, e Alan Kirschenbaum, 2002, "Tourism and immigration: comparing alternative approaches", *Annals of Tourism Research*, 29 (4): 1086-1100.
- OLIVEIRA, Alexandra, 2011, *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reação Social*. Coimbra, Almedina.
- OLIVEIRA, Alexandra, 2003, *As Vendedoras de Ilusões: Estudo sobre Prostituição, Alterne e 'Striptease'*. Lisboa, Editorial Notícias.
- OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre, 1995, "La politique du terrain. Sur la production des données en anthropologie", *Enquête*, 1: 71-109.
- OMONDI, Rose, 2003, "Gender and the political economy of sex tourism in Kenya's coastal resorts" [online]. *International Symposium/Doctorial Course on Feminist Perspective on Global Economic and Political Systems and Women's struggle for Global Justice*, 24-26 de Setembro, Tromsø (Noruega). Disponível em: <www.arsrc.org/downloads/features/omondi.pdf> (consultado em 24/05/2011).
- ONG, Aihwa, 2006, "Mutations in citizenship", *Theory, Culture & Society*, 23 (2-3): 499-505.
- ONG, Aihwa, 1999, *Flexible Citizenship: the Cultural Logics of Transnationality*. Durham, Duke University Press.
- OPPERMANN, Martin, 1999, "Sex tourism", *Annals of Tourism Research*, 26 (2): 251-266.
- OPPERMANN, Martin, 1998, "Who exploits whom and who benefits?", OPFERMANN, Martin (ed.), *Sex, Tourism and Prostitution: Aspects of Leisure, Recreation, and Work*. Nova Iorque, Cognizant Communication Corporation, 153-160.
- OPPERMANN, Martin, e Shawna McKinley, 1997, "Sexual imagery in the marketing of Pacific tourism destinations", em OPFERMANN, Martin (ed.), *Pacific Rim Tourism*. Wellingford, CAB International, 116-127.
- OURIQUES, Helton, 2005, *A Produção do Turismo: Fetichismo e Dependência*. Campinas, Alínea.
- OXFELD, Ellen, 2005, "Cross-border hypergamy? Marriage exchanges in a transnational Hakka community", em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Ásia*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 17-33.
- PADILLA, Beatriz, 2007, "Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a la exotización", *América Latina: Histoire & Mémoire* [online], 14. Disponível em: <<http://alhim.revues.org/2022>> (acesso em 23-03-2011).
- PADILLA, Mark, et al., 2007, "Introduction: cross-cultural reflections on an intimate intersection", em PADILLA, Mark, et al. (eds.), *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville, Vanderbilt University Press, ix-xxxi.
- PALRIWALA, Rajni, e Patricia Uberoi, 2005, "Marriage and migration in Asia: gender issues", *Indian Journal of Gender Studies*, 12: v-xxix.
- PANIAGUA, Humberto, 2000, "Discontinuidades en el modelo hegemónico de masculinidad", em GOGNA, Mónica (ed.), *Feminidades y Masculinidades: Estudios sobre Salud Reproductiva y Sexualidad en Argentina, Chile y Colombia*. Buenos Aires, CEDES, 193-244.
- PARENT, Colette, 2001, "Les identités sexuelles et les travailleuses de l'industrie du sexe à l'aube du nouveau millénaire", *Sociologie et Sociétés*, 33 (1): 159-178.
- PARKER, Richard, 2000a, "Cultura, economia política e construção social da sexualidade", em LOURO, Guacira (ed.), *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 125-150.

- PARKER, Richard, 2000b, *Na Contramão da AIDS: Sexualidade, Intervenção, Política*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- PARKER, Richard, 1991, *Bodies, Pleasures and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston, Beacon Press.
- PARKER, Richard, Gilbert Herdt, e Manuel Carballo, 1991, “Sexual culture, HIV transmission and AIDS research”, *The Journal of Sex Research*, 28 (1): 77-98.
- PARREÑAS, Rachel, 2005, “Long distance intimacy: class, gender and intergenerational relations between mothers and children in Filipino transnational families”, *Global Networks*, 5 (4): 317-336.
- PARREÑAS, Rachel, 2001, *Servants of Globalization: Women, Migration, and Domestic Work*. Stanford, Stanford University Press.
- PASSARO, Joanne, 1997, “‘You can't take the subway to the field!': ‘village’ epistemologies in the global village”, em GUPTA, Akhil, e James Ferguson (eds.), *Anthropological Locations: Boundaries and Grounds of a Field Science*. Berkeley, University of California Press, 147-162.
- PASTOR, Juan, 2008, “Highly educated women marry less: an analysis of female marriage rates in Spain”, *South European Society and Politics*, 13 (3): 283-302.
- PEIRANO, Marisa, 1995, *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- PEREIRA, Luís, 2002, “*Que hace por estas tierras: um antropólogo português entre os Mapuche*”, em CARIA, Telmo (ed.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, 115-130.
- PERISTIANY, John (ed.), 1988 [1965], *Honra e Vergonha: Valores das Sociedades Mediterrânicas*. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- PETERSON, V. Spike, 1999, “Sexing political identity/nationalism as heterosexism”, *International Feminist Journal of Politics*, 1 (1): 34-65.
- PHILLIPS, Joan, 2008, “Female sex tourism in Barbados: a postcolonial perspective”, *Brown Journal of World Affairs*, 14 (22): 201-212.
- PHILLIPS, Joan, 1999, “Tourist oriented prostitution in Barbados: the case of the beach boy and the white female tourist”, em KEMPADOO, Kamala (ed.), *Sun, Sex, and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean*. Lanham, Rowman & Littlefield, 183-200.
- PICARD, Michel, 1995, “Cultural heritage and tourist capital: cultural tourism in Bali”, em LANFANT, Marie-Françoise, John Allcock, e Edward Bruner (eds.), *International Tourism: Identity and Change*. Londres, Sage, 44-66.
- PIPER, Nicola, 2003, “Wife or worker? Worker or wife? Marriage and cross-border migration in contemporary Japan”, *International Journal of Population Geography*, 9 (6): 457-469.
- PIPER, Nicola, e Mina Roces, 2003, “Introduction: marriage and migration in an age of globalization”, em PIPER, Nicola, e Mina Roces (eds.), *Wife or Worker? Asian Women and Migration*. Lanham, Rowman & Littlefield, 1-21.
- PISCITELLI, Adriana, 2011a, “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais”, em PISCITELLI, Adriana, Gláucia Assis, e José Olivar (eds.), *Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*. Campinas, Unicamp/Pagu, 537-582.
- PISCITELLI, Adriana, 2011b, “¿Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo”, *Etnográfica*, 15 (1): 5-29.

- PISCITELLI, Adriana, 2009, “Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial”, *Horizontes Antropológicos*, 15 (31): 101-136.
- PISCITELLI, Adriana, 2008, “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”, *Sociedade e Cultura*, 11 (2): 263-274.
- PISCITELLI, Adriana, 2007a, “Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’ internacional”, *Estudos Feministas*, 15 (3): 717-744.
- PISCITELLI, Adriana, 2007b, “Corporalidades em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22 (64): 17-32.
- PISCITELLI, Adriana, 2007c, “Shifting boundaries: sex and money in the North-East of Brazil”, *Sexualities*, 10: 489-500.
- PISCITELLI, Adriana, 2005, “Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual”, *Cadernos Pagu*, 25: 281-327.
- PISCITELLI, Adriana, 2004a, “El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil”, *Quaderns-e* [online], 4: 1-15. Disponível em: <[http://www. antropologia.cat//antiga/quaderns-e/04/04_03. htm#4](http://www.antropologia.cat//antiga/quaderns-e/04/04_03.htm#4)> (acesso em 14-12-2011).
- PISCITELLI, Adriana, 2004b, “On ‘gringos’ and ‘natives’: gender and sexuality in the context of international sex tourism”, *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology* [online], 1 (1-2): 87-114. Disponível em: <[http://www.vibrant.org. br/issues/v1n1/adriana-piscitelli-on-gringos-and-natives/](http://www.vibrant.org.br/issues/v1n1/adriana-piscitelli-on-gringos-and-natives/)> (acesso em 21-01-2011).
- PISCITELLI, Adriana, 2004c, “Entre a praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina”, em PISCITELLI, Adriana, Maria Gregori, e Sérgio Carrara (eds.), *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 283-318.
- PISCITELLI, Adriana, 2004d, “Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo”, em SILVA, Maria C. (ed.), *Outros Trópicos – Novos Destinos Turísticos. Novos Terrenos da Antropologia*. Lisboa, Livros Horizonte, 101-123.
- PISCITELLI, Adriana, 2001, *Entre a Prostituição e os Namoros de Verão: Género e Sexualidade no Contexto do Turismo Internacional*. Rio de Janeiro, Fapesp (relatório parcial de pesquisa).
- PISCITELLI, Adriana, Gláucia Assis, e José Olivar (eds.), 2011, *Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro: Mobilidades Transnacionais Envolvendo o Brasil*. Campinas, Unicamp/Pagu.
- POLSKY, Ned, 1969, *Hustlers, Beats and Others*. Nova Iorque, Anchor Books.
- PONTES, Luciana, 2004, “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, 23: 229-256.
- POPE, Cynthia, 2005, “The political economy of desire: geographies of female sex work in Havana, Cuba”, *Journal of International Women’s Studies*, 6 (2): 99-118.
- PORTELA, José, 1985, “Observação participante (reflexões sobre uma experiência)”, *Caderno de Ciências Sociais*, 3: 15-33.
- PORTER, Margaret, e Arline Bronzaft, 1995, “Do the future plans of educated black women include black mates?”, *Journal of Negro Education*, 64 (2): 162-170.
- PORTES, Alejandro, 2006, *Estudo sobre as Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda Geração*. Lisboa, Fim-de-Século.

- PORTES, Alejandro, 1999a, "Globalization from below: the rise of transnational communities", em KALB, Don, *et al.* (eds.), *The Ends of Globalization: Bringing Society Back in*. Boulder, Rowman and Littlefield, 253-270.
- PORTES, Alejandro, 1999b, *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras, Celta.
- PORTES, Alejandro, e József Böröcz, 1989, "Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation, *International Migration Review*, 23 (3): 606-630.
- PORTES, Alejandro, *et al.* (eds.), 1989, *The informal economy: studies in advanced and less developed countries*. Baltimore, John Hopkins University Press.
- PORTES, Alejandro, Luis Guarnizo, e Patricia Landolt (eds.), 2003, *La Globalización desde Abajo: Transnacionalismo Inmigrante y Desarrollo. La Experiencia de Estados Unidos y América Latina*. Cidade do México, Grupo Editorial Miguel Ángel Porrúa.
- PRADO, Paulo, 1997 [1928], *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PRIES, Ludger, 2001, "The approach of transnational social spaces: responding to new configurations of the social and the spatial", em PRIES, Ludger (ed.), *New Transnational Social Spaces*. Londres, Routledge, 3-33.
- PRIORE, Mary (2005), *História do Amor no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- PRIORE, Mary (2004), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto.
- PRIORE, Mary (2000), *Corpo a Corpo com a Mulher: Pequena História das Transformações do corpo Feminino no Brasil*. São Paulo, Senac.
- PRITCHARD, Annette, e Nigel Morgan, 2000a, "Privileging the male gaze: gendered tourism landscape", *Annals of Tourism Research*, 27 (4): 884-905.
- PRITCHARD, Annette, e Nigel Morgan, 2000b, "Constructing tourism landscapes: gender, sexuality and space", *Tourism Geographies*, 2 (1): 115-139.
- PRUITT, Deborah, e Suzanne LaFont, 1995, "For love and money: romance tourism in Jamaica", *Annals of Tourism Research*, 22: 422-440.
- PUERTA, Yolanda, e Montserrat Masdú, 2010, "Parejas en el espacio transnacional: los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales", *Migraciones Internacionales*, 5 (3): 143-174.
- PUJOLAR, Joan, Josep-Anton Fernández, e Jaume Subirana, 2011, "Language, culture and identity in the global age, *Digithum*, 13: 79-84.
- QUIJANO, Anibal, 2005, "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina", em LANDER, Edgardo (ed.), *A Colonialidade do Poder*. Buenos Aires, Clacso, 227-278.
- RABE, Marlize, 2001, "Commuter couples: an inside story", *Society in Transition*, 32 (2): 277-291.
- RABINOW, Paul, 1985, "Discourse and power: on the limits of ethnographic texts", *Dialectical Anthropology*, 10 (1-2): 1-13.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred, 1940, "On social structure", *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 70 (1): 1-12.
- RAMALHO, Carolina, Aida Lazo, e Maysa Magalhães (2010), "Divórcio no Brasil: proposta de uma taxa de coorte" [online]. *XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 20-24 Setembro, Caxambu-MG

- (Brasil). Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_2/abep2010_2582.pdf> (acesso em 28-01-2012).
- RAO, Nina, 1999, “Sex tourism in south Asia”, *International Journal of Hospitality Management*, 11 (2): 86-99.
- RAPOSO, Paulo, e Paula Togni (2009), *Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração*. Lisboa, ACIDI.
- REBHUN, Linda-Anne, 2007, “The strange marriage of love and interest: economic change and emotional intimacy in Northeast Brazil”, em PADILLA, Mark, *et al.* (eds.), *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville, Vanderbilt University Press, 106-120.
- REBHUN, Linda-Anne, 1999, *The Heart is Unknown Country: Love in the Changing Economy of Northeast Brazil*. Stanford, Stanford University Press.
- REHER, David, 1998, “Family ties in Western Europe: persistent contrasts”, *Population and Development Review*, 24: 203-234.
- REICH, Wilhem, 1981, *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro, Zahar.
- RHODES, Angel, 2002, “Long-distance relationships in dual-career commuter couples: a review of counseling issues”, *The Family Journal*, 10 (4): 398-404.
- RIAÑO, Yvonne, 2003, “Migration of skilled Latin American women to Switzerland and their struggle for integration”, em YAMADA, Mutsuo (ed.), *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre América del Norte, Europa y Japón*. Osaka, Japan Centre for Area Studies, National Museum of Ethnology, 313-343.
- RIAÑO, Yvonne, e Nadia Baghdadi, 2007, “‘Je pensais que je pourrais avoir une relation plus égalitaire avec un Européen’. Le rôle du genre et de l’imaginaire géographique dans la migration des femmes”, *Nouvelles Questions Féministes*, 26 (1): 38-53.
- RIBEIRO, Darcy, 1995, *O Povo Brasileiro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- RIBEIRO, Fernando B., 2011, “Ciências sociais, autor e participação no espaço público: retomando a proposta de Bourdieu por um saber comprometido”, em SILVA, Pedro G., Octávio Sacramento, e José Portela (eds.), *Etnografia e Intervenção Social: por uma Praxis Reflexiva*. Lisboa, Colibri, 229-243.
- RIBEIRO, Fernando B., 2010, *Entre Martelos e Lâminas: Dinâmicas Globais, Políticas de Produção e Fábricas de Caju em Moçambique*. Porto, Afrontamento.
- RIBEIRO, Fernando B., 2004, *Sistema Mundial, Manjacaze e Fábricas de Caju: uma Etnografia das Dinâmicas do Capitalismo em Moçambique*. Vila Real, UTAD (tese de doutoramento).
- RIBEIRO, Fernando B., e Octávio Sacramento, 2009, “Imagens, erotismo e culturas *on the road*: perspectivas sobre o Brasil como destino turístico”, *Configurações*, 5-6: 241-255.
- RIBEIRO, Fernando B., e Octávio Sacramento, 2008, “Turismo sexual e economia informal no Nordeste brasileiro: o caso da praia de Ponta Negra”, em BARRIO, Ángel E. (ed.), *Turismo, Cultura y Desarrollo*. Salamanca, Ediciones de la Diputación de Salamanca, 343-354.
- RIBEIRO, Fernando B., e Octávio Sacramento, 2006, “Sexo, amor e interesse entre *gringos* e *garotas* em Natal”, *Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*, 7 (1): 161-172.
- RIBEIRO, Gustavo L., 1989, “Descotidianizar. Extrañamiento y conciencia práctica. Un ensayo sobre la perspectiva antropológica”, *Cuadernos de Antropología Social*, 2 (1): 65-69.

- RIBEIRO, Luiz, 1997, *Dos Cortiços aos Condomínios Fechados: as Formas de Produção da Moradia na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- RIBEIRO, Manuela, 2002, “E como é que, realmente, se chega às pessoas? Considerações introdutórias sobre as notas e o trabalho de campo como processo social”, em CARIA, Telmo (ed.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento, 99-114.
- RIBEIRO, Manuela, 1997, *Estratégias de Reprodução Socioeconómica de Unidades Familiares Camponesas em Regiões de Montanha*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- RIBEIRO, Manuela et al., 2007, *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto, Afrontamento.
- RIBEIRO, Manuela, et al., 2005, *Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira: Actores, Estruturas e Processos*. Vila Real, UTAD/UM/UBI (relatório final do Projecto Sapiens/99POCTI/ 36472/SOC).
- RISÉRIO, Antonio, 2007, *A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros*. São Paulo, Editora 34.
- RIVAL, Laura, Don Slater, e Daniel Miller, 1999, “Sex and sociality: comparative ethnographies of sexual objectification”, em FEATHERSTONE, Mike (ed.), *Love & Eroticism*. Londres, Sage, 295-322.
- RIVERS-MOORE, Megan, 2011, “Imagining others: sex, race, and power in transnational sex tourism”, *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies* [online], 10 (3): 392-411. Disponível em: <<http://www.acme-journal.org/vol10/Rivers-Moore2011.pdf>> (acesso em 11-09-2012).
- ROBERTS, Nickie, 1996, *A Prostituição Através dos Tempos na Sociedade Ocidental*. Lisboa, Presença.
- ROBERTSON, Roland, 1992, *Globalization: Social Theory and Global Culture*. Londres, Sage Publications.
- ROBINS, Kevin, 1991, “Tradition and translation: national culture in its global context”, em CORNER, John, e Sylvia Harvey (eds.), *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. Londres, Routledge, 21-44.
- ROBINSON, Kathryn, 2007, “Marriage migration, gender transformations, and family values in the ‘global ecumene’”, *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 14 (4): 483-497.
- ROCA, Jordi, 2011, “Amores locales, noviazgos transnacionales. La búsqueda virtual de pareja mixta por parte de hombres españoles”, *Revista de Antropología Social*, 20: 263-292.
- ROCA, Jordi, 2009, “‘Quien lejos se va a casar...’: migraciones (re)negadas”, *Alteridades*, 19 (37): 133-155.
- ROCA, Jordi, 2008, “Ni contigo ni sin ti: cambios y transformaciones en los roles de género y las formas de convivencia”, em TÉLLEZ, Anastasia, e Javier Martínez (eds.), *Sexualidad, Género, Cambio de Roles y Nuevos Modelos de Familia*. Elche, SIEG/ Universidad Miguel Hernández, 13-31.
- ROCA, Jordi, 2007a, “Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales”, *AIBR – Revista de Antropología Iberoamericana*, 2 (3): 430-458.
- ROCA, Jordi, 2007b, “Amores lejanos, amores posibles: la constitución de uniones sentimentales entre hombres españoles y mujeres brasileñas” [online]. *31.º Encontro Anual da ANPOCS*, 22-26 Outubro, Caxambu (Brasil). Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3015&Itemid=231> (acesso em 12-05-2011).
- ROCA, Jordi, et al., 2008, *Amor Importado, Migrantes por Amor: la Constitución de Parejas entre Españoles y Mujeres de América Latina y de Europa del Este en el Marco de la Transformación Actual del Sistema de Género en España* [online]. Madrid, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales – Instituto de la

- Mujer. Disponível em <http://www.migualdad.es/mujer/mujeres/estud_inves /766.pdf> (acesso em 19-04-2011).
- ROJEK, Chris, e John Urry, 1997, “Transformations of travel and theory”, em ROJEK, Chris, e John Urry (eds.), *Touring cultures. Transformations of Travel and Theory*. Londres, Routledge, 1-21.
- ROSA, Maria, 2002, “Notas sobre a população – os homens e as mulheres perante o casamento, *Análise Social*, XXXVII (163): 667-672.
- ROSA, Renata, 2000a, “Cariocas e estrangeiros: gênero e identidade nacional no processo identitário”, *Mneme – Revista de Humanidades*, 1 (2): 30-45.
- ROSA, Renata, 2000b, “Vivendo um conto de fadas: o imaginário de gênero entre cariocas e estrangeiros”, em GOLDENBERG, Miriam (ed.), *Os Novos Desejos: das Academias de Musculação às Agências de Encontros*. Rio de Janeiro, Record, 147-183.
- ROSALDO, Renato, 1989, “Imperialist nostalgia”, *Representations*, 26: 107-122.
- CROMPTON, Rosemary, Suzan Lewis, e Clare Lyonette (eds.), 2007, *Women, Men, Work and Family in Europe*. Houndmills, Palgrave Macmillan.
- ROSINA, Alessandro, e Romina Fraboni, 2004, “Is marriage losing its centrality in Italy?”, *Demographic Research*, 11: 149-172.
- ROSSI, Giovanna (org.), 2003a, *La Famiglia in Europa*. Roma, Carocci.
- ROSSI, Giovanna, 2003b, “La variabilità delle forme familiari in Europa”, em ROSSI, Giovanna (ed.), *La Famiglia in Europa*. Roma, Carocci, 13-42.
- ROSSO, Cíntia, 2011, *Manipulação do Pescado por Pescadores Artesanais que Utilizam Jangadas na Praia de Ponta Negra – Natal*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).
- ROUSSEAU, George, e Roy Porter, 1990, “Introduction: approaching enlightenment exoticism”, em ROUSSEAU, George, e Roy Porter (eds.), *Exoticism in the Enlightenment*. Manchester, Manchester University Press, 1-22.
- RUMFORD, Chris, 2006, “Theorizing borders”, *European Journal of Social Theory*, 9 (2): 155-169.
- RUSSELL, Kathy, Midge Wilson, e Ronald Hall, 1993, *The Color Complex: the Politics of Skin Color among African Americans*. Nova Iorque, Anchor Books.
- RUSSELL-WOOD, Anthony, 2009, “Sulcando os mares: um historiador do império português enfrenta a ‘Atlantic History’”, *História*, 28 (1): 17-70.
- RYAN, Chris, 2000, “Sex tourism: paradigms of confusion?”, em CLIFT, Stephen, e Simon Carter (eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion*. Londres e Nova Iorque, Pinter, 23-40.
- RYAN, Chris, e C. Michael Hall, 2001, *Sex Tourism: Marginal People and Liminalities*. Londres, Routledge.
- RYAN, Chris, e Rachel Kinder, 1996, “Sex, tourism and sex tourism: fulfilling similar needs?”, *Tourism Management*, 17 (7): 507-518.
- RYAN, Louise, et al., 2008, “Social networks, social support and social capital: the experiences of recent Polish migrants in London”, *Sociology*, 42 (4): 672-690.
- SÁ, Karen, 2010, *Urbanização Turística em Ponta Negra: Relações de Força e Processos Sociais no Período de 1979-2009*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).

SACRAMENTO, Octávio, 2011, “Homens em férias abaixo do equador: questionando a sustentabilidade empírica do conceito de turismo sexual”, *Actas da International Conference on Tourism & Management Studies*, Faro, UALG, II: 1189-1192.

SACRAMENTO, Octávio, 2005, *Os Clientes da Prostituição Abrigada: a Procura do Sexo Comercial na Perspectiva da Construção da Masculinidade*. Braga, Universidade do Minho (dissertação de mestrado).

SACRAMENTO, Octávio, e Fernando B. Ribeiro, 2010, “Mulheres que trabalham, homens que se envolvem: género, estratégias e práticas na prostituição abrigada”, em SILVA, Manuel C., e Fernando B. Ribeiro (eds.), *Mulheres da Vida, Mulheres com Cida: Prostituição, Estado e Políticas*. Ribeirão, Húmus, 165-181.

SACRAMENTO, Octávio, e Fernando B. Ribeiro, 2009, “Procurando entrar na fortaleza da terra prometida: translocalização da intimidade e mobilidade migratória feminina do Nordeste brasileiro para a Europa”, *Actas do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais – Sociedades Desiguais e Paradigmas em Confronto*, Braga, UM: 1209-1217.

SACRAMENTO, Octávio, e Manuela Ribeiro, 2011, “Vidas embargadas: a institucionalização temporária de estrangeiros ilegais em Portugal no contexto das actuais políticas de imigração”, em SILVA, Pedro G., Octávio Sacramento, e José Portela (eds.), *Etnografia e Intervenção Social: por uma Praxis Reflexiva*. Lisboa, Colibri, 141-172.

SAHLINS, Marshall, 1990, *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Zahar.

SAID, Edward, 2004 [1978], *Orientalismo*. Lisboa, Cotovia.

SALAZAR, Noel, 2011, “The power of imagination in transnational mobilities”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 18 (6): 576-598.

SALAZAR, Noel, 2010, “Tanzanian migration imaginaries” [online], University of Oxford, International Migration Institute, pp. 1-29. Disponível em: <www.imi.ox.ac.uk/pdfs/imi-working-papers/wp20-salazar> (acesso em 26-03-2013).

SALGADO, Julieta, e Rossana Dávila, 2008, “Vivir juntos aunque separados (LAT): el surgimiento de una nueva modalidad de convivencia conyugal”, em GHIRARDI, Mónica (ed.), *Familias Iberoamericanas Ayer y Hoy: una Mirada Interdisciplinaria*. Rio de Janeiro, ALAP, 369-394.

SANDERS, Teela, 2008, “Male sexual scripts: intimacy, sexuality and pleasure in the purchase of commercial sex”, *Sociology*, 42 (3): 400-417.

SANJEK, Roger (ed.), 1990, *Fieldnotes: the Making of Anthropology*. Ithaca, Cornell University Press.

SANSONE, Lívio, 2004, *Negritude sem Etnicidade: o Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra do Brasil*. Salvador da Bahia, EDUFBA.

SANTOS, Boaventura S. (ed.), 2003, *Reinventar a Emancipação Social: para Novos Manifestos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SANTOS, Thaís, 2010, *O City Marketing em Natal/RN e a Construção da Imagem da Cidade*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).

SARACENO, Chiara, e Manuela Naldini, 2003, *Sociologia da Família*. Lisboa, Estampa.

SAROGNI, Emília, 2004, *La Donna Italiana 1861-2000: il Lungo Cammino verso i Diritti*. Milão, Il Saggiatore.

SASSEN, Saskia, 1991, *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton, Princeton University Press.

- SAUX, María S., 2007, "Immigration and terrorism: a constructed connection", *European Journal on Criminal Policy and Research*, 13 (1-2): 57-72.
- SAYAD, Abdelmalek, 1999, *La Double Absence: des Illusions de l'Émigré aux Souffrances de l'Immigré*. Paris, Seuil.
- SCALIA, Anne, 2010, *O Corpo que Fala: Estudo Histórico da Educação Sexual do Brasil Colônia a partir das Representações do Corpo Encontradas nas Crônicas e nas Xilogravuras do Século XVI*. São Paulo, UNESP (tese de doutoramento).
- SCAMBLER, Graham, e Annette Scambler (eds.), 1997, *Rethinking Prostitution: Purchasing Sex in the 1990s*. Londres, Routledge.
- SCHAEFFER-GRABIEL, Felicity, 2005, "Book reviews", *Women's Studies International Forum*, 28: 105-107.
- SCHIEIN, Louisa, 2005, "Marrying out of place: Hmong/Miao women across and beyond China", em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Ásia*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 53-79.
- SCHILDKROUT, Enid, 2004, "Inscribing the body", *Annual Revue of Anthropology*, 33: 319-344.
- SCHILLER, Nina, 2005a, "Transnational social fields and imperialism: bringing a theory of power to transnational studies", *Anthropological Theory*, 5 (4): 439-461.
- SCHILLER, Nina, 2005b, "Transborder citizenship: legal pluralism within a transnational social field", em BENDA-BECKMAN, Franz, e Keebit Benda-Beckman (eds.), *Mobile People, Mobile Law: Expanding Legal Relations in a Contracting World*. Londres, Ashgate, 27-50.
- SCHILLER, Nina, 2004, "Transnationalism", em NUGENT, David, e Joan Vincent (eds.), *A Companion to the Anthropology of Politics*. Malden, Blackwell, 448-467.
- SCHILLER, Nina, e Noel Salazar (2013), "Regimes of mobility across the globe", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39 (2): 183-200.
- SCHILLER, Nina, Linda Basch, e Cristina Blanc, 1995, "From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration", *Anthropological Quarterly*, 68 (1): 48-63.
- SCOTT, Ana, 2010, *Os Portugueses*. São Paulo, Contexto.
- SCOTT, James, 1985, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven, Yale University Press.
- SEABROOK, Jeremy, 1996, *Travels in the Skin Trade: Tourism and the Sex Industry*. Londres e Chicago, Pluto Press.
- SEIDLER, Victor, 1998, "Masculinity, violence and emotional life", em BENDELOW, Gilian, e Simon Williams (eds.), *Emotions in Social Life: Critical Themes and Contemporary Issues*. Londres, Routledge, 191-207.
- SEIDLER, Victor, 1994, *Unreasonable Men: Masculinity and Social Theory*. Londres, Routledge.
- SEIDLER, Victor (ed.), 1992, *Men, Sex & Relationships*. Londres, Routledge.
- SELÄNNIEMI, Tom, 2003, "On holiday in the liminoid playground: place, time, and self in tourism", em BAUER, Thomas, e Bob McKercher (eds.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. Nova Iorque, Haworth Press, 19-31.

- SERAFIM, Ana, e Aldemir Barboza (2008), “O papel dos meios de comunicação no processo de desenvolvimento interno do turismo no bairro de Ponta Negra – Natal/RN” [online]. *IV Encontro da ANPPAS*, 4-6 Junho, Brasília. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT10-91-544-20080513200709.pdf>> (acesso em 02-02-2012).
- SHELLER, Mimi, 2004, “Demobilizing and remobilizing Caribbean paradise”, em SHELLER, Mimi, e John Urry (eds.), *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Londres, Routledge, 13-21.
- SHELLER, Mimi, e John Urry, 2004, “Places to play, places in play”, em SHELLER, Mimi, e John Urry (eds.), *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Londres, Routledge, 1-10.
- SHORTER, Edward, 1995 [1975], *A Formação da Família Moderna*. Lisboa, Terramar.
- SIBILIA, Paula, 2008, *O Show do Eu: a Intimidade como Espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SILVA, Alberto, 2003, *Um Rio Chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- SILVA, Ana Paula, e Thaddeus Blanchette, 2005, “Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana” *Cadernos Pagu*, 25: 249-280.
- SILVA, Ângelo, 2003, *Objetos Imobiliários e a Produção do Espaço na Zona Sul de Natal/RN*. Natal, UFRN (dissertação de mestrado).
- SILVA, Ângelo, et al., 2001, “Moradia e trabalho na Vila de Ponta Negra: entre o legal e o ilegal / o formal e o informal”, *Sociedade e Território*, 15 (2): 115-126.
- SILVA, Hélio, 2009, “A situação etnográfica: andar e ver”, *Horizontes Antropológicos*, 32: 171-188.
- SILVA, Kelson, e Maria Fonseca, 2010, “A produção de residência secundária no litoral oriental Potiguar – turismo e capital imobiliário”, *Caderno Virtual de Turismo* [online], 10 (1): 50-63. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=384&path%5B%5D=236>> (acesso em 14-11-2011).
- SILVA, Manuel C., 2003, “Honra-vergonha: código cultural mediterrânico ou forma de controlo de mulheres?”, em PORTELA, José, e João Caldas (eds.), *Portugal Chão*. Oeiras, Celta, 67-86.
- SILVA, Manuel C., 1998, *Resistir e Adaptar-se: Constrangimentos e Estratégias Camponesas no Noroeste de Portugal*. Porto, Afrontamento.
- SILVA, Manuel C., e Fernando B. Ribeiro (eds.), 2010, *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida: Prostituição, Estado e Políticas*. Ribeirão, Edições Húmus.
- SILVA, Maria C., 2004, “Introdução. Por uma antropologia dos lugares turísticos”, em SILVA, Maria C. (ed.), *Outros Trópicos – Novos Destinos Turísticos. Novos Terrenos da Antropologia*. Lisboa, Livros Horizonte, 7-18.
- SILVA, Maria C., 2003, “Video tours”, *Etnográfica*, 7 (2): 451-458.
- SILVA, Maria, e Rita Gomes, 2004, “Nas contradições do ‘belo’. A exclusão social no turismo: um olhar sobre Ponta Negra”, *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, 3 (5): 57-66.
- SILVA, Sandra, 2005, *As Representações do Brasil e dos Brasileiros na Internet: a Construção da Brasilidade nos Sites Estrangeiros*. Porto Alegre, UFRGS (dissertação de mestrado).
- SILVA, Vagner, 2006, *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo, Edusp.

- SILVA, Vargas, e Norma Takeuti, 2010, “Romance na *web*: formas de experimentar o amor romântico num namoro virtual”, *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 9 (26): 398-455.
- SILVANO, Filomena, 2002, “José e Jacinta nem sempre vivem nos mesmos lugares: reflexões em torno de uma experiência de etnografia multi-situada”, *Ethnologia*, 12-14: 53-79.
- SIMON, William, e John Gagnon, 1986, “Sexual scripts: performance and change”, *Archives of Sexual Behavior*, 15 (3): 97-120.
- SIMONI, Valerio, 2011, “L’interculturalité comme justification: sexe ‘couleur locale’ dans la Cuba touristique”, em LAVANCHY, Anne, Anahy Gajardo, e Fred Dervin (eds.), *Anthropologies de l’Interculturalité*. Paris, L’Harmattan, 159-187.
- SIMONI, Valerio, 2009, *Touristic Encounters in Cuba: Informality, Ambiguity, and Emerging Relationships*. Leeds, Leeds Metropolitan University (tese de doutoramento).
- SINGLY, François, 2000, *Libres Ensemble: l’Individualisme dans la Vie Commune*. Paris, Nathan.
- SINGLY, François, 1996, *Le Soi, le Couple et la Famille*. Paris, Nathan.
- SINGLY, François, 2004 [1993], *Sociologie de la Famille Contemporaine*. Paris, Éditions Armand Colin.
- SKLAIR, Leslie, 1991, *Sociology of the Global System*. Londres, Harvester Wheatsheaf.
- SKRBIŠ, Zlatko, 2008, “Transnational families: theorizing migration, emotions and belonging”, *Journal of Intercultural Studies*, 29 (3): 231-246.
- SMITH, Michael, e Luis Guarnizo (eds.), 1998, *Transnationalism from Below*. New Brunswick, Transaction Publishers.
- SMITH, Neil, e Peter Williams (eds.), 1986, *Gentrification of the City*. Boston, Allen and Unwin.
- SMITH, Robert, 2006, *Mexican New York: Transnational Lives of New Immigrants*. Berkeley, University of California Press.
- SMITH, Valene (ed.), 1989a [1977], *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- SMITH, Valene, 1989b [1977], “Introduction”, em SMITH, Valene (ed.), *Hosts and Guests: the Anthropology of Tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1-17.
- SO, Christine, 2006, “Asian mail-order brides, the threat of global capitalism, and the rescue of the U.S. Nation-State”, *Feminist Studies*, 32 (2): 395-419.
- SOLANA, José, e Estefanía Ación (eds.), 2008, *Los Retos de la Prostitución: Estigmatización, Derechos y Respeto*. Granada, Comares.
- SOMMER, Doris, 2004, *Ficções de Fundação: os Romances Nacionais da América Latina*. Belo Horizonte, UFMG.
- SOUDEIÈRE, Martin, 1988, “L’inconfort du terrain: ‘faire’ la Creuse, le Maroc, la Lozère... (A propos des ouvrages *Ethnologue au Maroc, Réflexion sur une Enquête de Terrain* de Paul Rabinow, et *Vivre dans la Creuse* de Jacques Maho)”, *Terrain – Revue d’Ethnologie de l’Europe*, 11: 94-105.
- SOUSA, Sônia (ed.), 2001, *Infância, Adolescência e Família*. Goiânia, Cànone Editorial.
- SOUZA, Itamar, 2008, *Nova História de Natal*. Natal, Departamento Estadual de Imprensa.

- SPARKE, Matthew, 2006, "A neoliberal nexus: economy, security and the biopolitics of citizenship on the border", *Political Geography*, 25: 151-180.
- SPRADLEY, James, 1980, *Participant Observation*. Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston.
- STOLCKE, Verena, 2006, "O enigma das intersecções: classe, 'raça', sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX", *Estudos Feministas*, 14 (1): 15-42.
- STOLCKE, Verena, 1993, "Is sex to gender as race is to ethnicity?", em VALLE, Teresa (ed.), *Gendered Anthropology*. Londres, Routledge, 17-37.
- STOLER, Ann, 1995, *Race and Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham, Duke University Press.
- SUZUKI, Nobue, 2003, "Transgressing 'victims': reading narratives of 'Filipina brides' in Japan", *Critical Asian Studies*, 35 (3): 399-420.
- SVERDLJUK, Jana, 2009, "Contradicting the 'prostitution stigma': narratives of Russian migrant women living in Norway", em KESKINEN, Suvi, *et al.*, (eds.), *Complying with Colonialism: Gender, Race and Ethnicity in the Nordic region*. Surrey, Ashgate, 137-153.
- SWEENEY, Carole, 2012, "Natural women? Anti-feminism and Michel Houellebecq's *Plateforme*", *Modern & Contemporary France*, 20 (3): 323-336.
- SYMANSKI, Richard, 1981, *The Immoral Landscape: Female Prostitution in Western Societies*. Toronto, Butterworth-Heinemann.
- TASTSOGLU, Evangelia, 2004, "Review of Joane Nagel – Race, ethnicity, and sexuality: intimate intersections, forbidden frontiers", *Canadian Journal of Sociology Online* [online], Maio-Junho. Disponível em: <<http://www.cjsonline.ca/pdf/racethsex.pdf>> (acesso em 20-09-2010).
- TASTSOGLU, Evangelia (2002), "Race and the politics of personal relationships: focus on black Canadian women" *Affilia: Journal of Women and Social Work*, 17(1), pp. 93-111.
- TAYLOR, Jacqueline, 2006, "Female sex tourism: a contradiction in terms?", *Feminist Review*, 83 (1): 42-59.
- TAYLOR, Jacqueline, 2001, "Dollars are a girl's best friend? Female tourists' sexual behaviour in the Caribbean", *Sociology*, 35: 749-764.
- TAYLOR, Jacqueline, 2000, "Tourism and 'embodied' commodities: sex tourism in the Caribbean", em CLIFT, Stephen, e Simon Carter (eds.), *Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion*. Londres, Pinter, 41-53.
- TAYLOR, Steve, Robert Bogdan, 1987, *Introducción a los Métodos Cualitativos de Investigación. La Búsqueda de Significados*. Barcelona, Paidós.
- THAI, Hung C., 2005, "Clashing dreams in the Vietnamese diaspora: highly educated overseas brides and low-wage U.S. husbands", em CONSTABLE, Nicole (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Ásia*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 145-165.
- THÉRY, Irène, 2000, "Le couple occidental et son évolution sociale: du couple 'chaînon' au couple 'duo'", *Dialogue*, 150: 3-12.
- THÉRY, Irène, 2001 [1993], *Le Démariage: Justice et Vie Privée*. Paris, Odile Jacob.

- THEVENIN, Julien, 2011, “O turismo e suas políticas públicas sob a lógica do capital”, *Caderno Virtual de Turismo* [online], 11 (1): 122-133. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115418480008&idp=1&cid=2800686>> (acesso em 22-12-2011).
- THISTLE, Susan, 2006, *From Marriage to the Market: the Transformation of Women's Lives and Work*. Berkeley, University of California Press.
- TOLSON, Andrew, 1983, *Os Limites da Masculinidade*. Lisboa, Assírio e Alvim.
- TORRES, Anália, 2003, “Famiglia, matrimónio e divorzio in Portogallo: tendenze contemporane”, em ROSSI, Giovanna (ed.), *La Famiglia in Europa*. Roma, Carocci, 243-266.
- TORRES, Anália, 2002, *Casamento em Portugal: uma Análise Sociológica*. Oeiras, Celta.
- TORRES, Anália, 1999, “Aumento do divórcio, mudanças na família e transformações sociais”, *Actas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, 4, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 71-94.
- TREMBLAY, Pascal, 1998, “The economic organization of tourism”, *Annals of Tourism Research*, 25 (4): 837-859.
- TRETO, Carolina, 2012, *O Amor nos Tempos da Globalização: o Caso das Mexicanas que Migram por Amor para Portugal*. Lisboa, ISCTE (dissertação de mestrado).
- TROST, Jan, 1998, “LAT relationships now and in the future”, em MATTHIJS, Kohen (ed.), *The Family: Contemporary Perspectives and Challenges*. Lovaina, Leuven University Press, 209-220.
- TRUMBULL, Charles, 2001, “Prostitution and sex tourism in Cuba”, *Cuba in Transition*, 11: 356-371.
- TRUONG, Thanh-Dam, 1990, *Sex, Money and Morality: Prostitution and Tourism in Southeast Asia*. Londres, Zed Books.
- TRUONG, Thanh-Dam, 1983, “The dynamics of sex tourism: the case of Southeast Asia”, *Development and Change*, 14 (4): 533-553.
- TURNER, Bryan, 2004, “Religion, romantic love, and the family”, em SCOTT, Jacqueline, Judith Treas, e Martin Richards (eds.), *The Blackwell Companion to the Sociology of Families*. Malden, Blackwell, 289-305.
- TURNER, Louis, e Gordon Ash, 1991 [1975], *La Horda Dorada*. Madrid, Endymion.
- TURNER, Victor, 1982, “Liminal to liminoid, in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology”, em *From Ritual to Theater: the Human Seriousness of Play*. Nova Iorque, PAJ Publications, 20-60.
- TURNER, Victor, 1974, *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura*. Petrópolis, Vozes.
- TURNER, Victor, 1987 [1964], “Betwixt and between: the liminal period in rites of passage”, em MAHDI, Louise, Steven Foster, e Meredith Little (eds.), *Betwixt & Between: Patterns of Masculine and Feminine Initiation*. Peru (ILL), Open Court, 3-19.
- URBAIN, Jean-Didier, 2002, *Sur la Plage: Moeurs et Coutumes Balnéaires (XIX^e–XX^e siècles)*. Paris, Payot.
- URRY, John, 2007, *Mobilities*. Cambridge, Polity Press.
- URRY, John, 2000, *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty-First Century*. Londres, Routledge.
- URRY, John, 1996, *O Olhar do Turista: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Studio Nobel.

- VAINFAS, Ronaldo, 1997, “Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista”, em NOVAIS, Fernando, e Laura de Mello e Souza (eds.), *História da Vida Privada no Brasil 1: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 221-273.
- VAINFAS, Ronaldo, 1988, *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Campus.
- VAITSMAN, Jeni, 2001, “Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea”, em MURARO, Rose, e Andréa Puppim (eds.), *Mulher, Gênero e Sociedade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 13-20.
- VAITSMAN, Jeni, 1994, *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro, Rocco.
- VANCE, Carol, 1984, “Pleasure and danger: toward a politics of sexuality”, em VANCE, Carol (ed.), *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston e Londres, Routledge & Kegan Paul, 1-27.
- VAZ, Lilian, 1994, “Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro”, *Análise Social*, 29 (127): 581-597.
- VÁZQUEZ, Sonia, e Juana Vértiz, 2008, “El ‘*ius connubii*’ como elemento de controversia constitucional en el marco del derecho de extranjería: la inconstitucionalidad de los controles sistemáticos por razón de nacionalidad”, *AFDUDC*, 12: 417-446.
- VEBLEN, Thorstein, 1970 [1899], *Théorie de la Classe de Loisir*. Paris, Gallimard.
- VEEVERS, Jean, 1988, “The ‘real’ marriage squeeze: mate selection, mortality, and the mating gradient”, *Sociological Perspectives*, 31 (2): 169-189.
- VEISSIÈRE, Samuel, 2011, *Ghosts of Empire: Sex, Mobility, and Violence in the Transatlantic Cultural Economy of Desire*. Berlim, LIT Verlag.
- VELHO, Gilberto, 2003, “O desafio da proximidade”, em KUSCHNIR, Karina (ed.), *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 11-19.
- VELHO, Gilberto, 1983, “Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas”, *Boletim do Museu Nacional de Antropologia*, 39: 1-11.
- VELHO, Gilberto, 1978, “Observando o familiar”, em NUNES, Edson (ed.), *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 36-46.
- VENTURA, Miriam, e Sonia Corrêa, 2006, “Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas”, *Cad. Saúde Pública*, 22 (7): 1505-1509.
- VERTOVEC, Steven, 2009, *Transnationalism*. Nova Iorque, Routledge.
- VERTOVEC, Steven, 2007, “Super-diversity and its implications”, *Ethnic and Racial Studies*, 30 (6): 1024-1054.
- VERTOVEC, Steven, 2002, “Transnational networks and skilled labour migration” [online], *Transnational Communities Programme*, working paper series, WPTC-02-02. Disponível em: <www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/WPTC-02-02%20Vertovec.pdf> (acesso em 24-06-2013).
- VERTOVEC, Steven, e Robin Cohen (eds.), 1999, *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham & Northampton, Edward Elgar.

- VIAZZO, Pier P., 2010, "Family, kinship and welfare provision in Europe, past and present: commonalities and divergences", *Continuity and Change*, 25: 137-159.
- VICTORIA, Ceres, e Daniela Knauth, 2004, "Corpo, gênero e saúde: a contribuição da antropologia", em STREY, Marlene, e Sonia Cabeda (eds.), *Corpos e Subjectividades em Exercício Interdisciplinar*. Porto Alegre, EDIFUCRS, 81-91.
- VIRILIO, Paul, 2000, *A Velocidade de Libertação*. Lisboa, Relógio D'Água.
- VIRILIO, Paul, 1996, *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação Liberdade.
- WALL, Karin (ed.), 2005, *Famílias em Portugal: Percursos, Interações, Redes Sociais*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- WALLE, Etienne, 1996, "L'âge au mariage: tendances récentes" em FOOTE, Karen, Kenneth Hill, e Linda Martin (eds.), *Changements Démographiques en Afrique Subsaharienne*. Paris, INED, 119-154.
- WALLERSTEIN, Immanuel, 1974, *The Modern World System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World Economy in the Sixteenth Century*. Nova Iorque, Academic Press.
- WALTERS, William, 2004, "Secure borders, safe haven, domopolitics", *Citizenship Studies*, 8 (3): 237-260.
- WANG, Hong-Zen, 2007, "Hidden spaces of resistance of the subordinated: case studies from Vietnamese female migrant partners in Taiwan", *International Migration*, 41 (3): 706-727.
- WANG, Hong-Zen, e Shu-Ming Chang, 2002, "The commodification of international marriages: cross-border marriage business in Taiwan and Vietnam", *International Migration*, 40 (6): 93-116.
- WARREN, Carol, e Jennifer Hackney (eds.), 2000, *Gender Issues in Ethnography*. Thousand Oaks, Sage.
- WARREN, Carol, e Paul Rasmussen, 1977, "Sex and gender in field research", *Journal of Contemporary Ethnography*, 6: 349-369.
- WATTS, Laura, e John Urry, 2008, "Moving methods, travelling times", *EPD: Society and Space*, 26 (5): 860-874.
- WEEKS, Jeffrey, 2010, *Sexuality*. Nova Iorque, Routledge.
- WEISS, Wendy, 1993, "Gringo... Gringita", *Anthropological Quarterly*, 66 (4): 187-196.
- WEITZER, Ronald, 2007, "The social construction of sex trafficking: ideology and institutionalization of a moral crusade", *Politics & Society*, 35 (3): 447-475.
- WELZER-LANG, Daniel, 2002, "Virilité et virilisme dans les quartiers populaires en France", *VEI – Villes, École, Intégration*, Centre National de Documentation Pédagogique, 128, 10-32.
- WERBNER, Pnina, 1999, "Global pathways. Working class cosmopolitans and the creation of transnational ethnic worlds", *Social Anthropology*, 7 (1): 17-35.
- WHYTE, William F., 2005 [1943], *Sociedade de Esquina: a Estrutura Social de uma Área Urbana Pobre e Degradada*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WILLIAMS, Allan, e C. Michael Hall, 2002, "Tourism, migration, circulation and mobility: the contingencies of time and place", em HALL, C. Michael, e Allan Williams (eds.), *Tourism and Migration: New Relationships Between Production and Consumption*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 1-52.
- WILLIAMS, Allan, e C. Michael Hall, 2000, "Tourism and migration: new relationships between production and consumption", *Tourism Geographies*, 2 (1): 5-27.

- WILSON, Samuel, e Leighton Peterson, 2002, “The anthropology of online communities”, *Annual Review of Anthropology*, 31: 449-467.
- WIMMER, Andreas, e Nina G. Schiller, 2002, “Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences”, *Global Networks*, 2 (4): 301-34.
- WINFIELD, Fairlee, 1985, *Commuter Marriage: Living Together, Apart*. Nova Iorque, Columbia University Press.
- WITTEL, Andreas, 2000, “Ethnography on the move: from field to net to internet”, *Forum Qualitative Social Research* [online], 1 (1), art. 21. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-001/1-00wittel-e.htm>> (acesso em 32-11-2011).
- WOLCOTT, Harry, 2005, *The Art of Fieldwork*. Walnut Creek, AltaMira Press.
- WOLCOTT, Harry, 1971, “Handle with care: necessary precautions in the anthropology of schools”, em WAX, Murry, Stanley Diamond, e Fred Gearing (eds.), *Anthropological Perspective on Education*. Nova Iorque, Basic Books, 98-117.
- WONDERS, Nancy, e Raymond Michalowski, 2001, “Bodies, borders, and sex tourism in a globalized world: a tale of two cities – Amsterdam and Havana”, *Social Problems*, 48 (4): 545-571.
- WRIGHT, Eric O., 1997, “Um menu conceptual para o estudo das conexões entre a classe e a diferença sexual”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 49: 5-21.
- YANG, Wen-Shan, e Melody Lu (eds.), 2010, *Asian Cross-Border Marriage Migration: Demographic Patterns and Social Issues*. Amesterdão, Amsterdam University Press.
- YEA, Sallie, 2003, “Former comfort women as touristic objects in South Korea”, em BAUER, Thomas, e Bob McKercher (eds.), *Sex and Tourism: Journeys of Romance, Love and Lust*. Nova Iorque, Haworth Press, 139-154.
- YEOH, Brenda, Chee Leng, e Vu Dung, 2013, “Commercially arranged marriage and the negotiation of citizenship rights among Vietnamese marriage migrants in multiracial Singapore”, *Asian Ethnicity*, 14 (2): 139-156.
- YUVALL-DAVIS, Nira, 2004, “Borders, boundaries, and the politics of belonging”, em MAY, Stephen, Tariq Madood, e Judith Squires (eds.), *Ethnicity, Nationalism and Minority Rights*. Cambridge, Cambridge University Press, 212-229.
- ZARKIA, Cornélia, 1996, “Philoxenia: receiving tourists – but not guests – on a Greek island”, em BOISSEVAIN, Jeremy (ed.), *Coping with Tourists: European Reactions to Mass Tourism*. Oxford, Berghahn Books, 143-173.
- ZELIZER, Viviana, 2009, “Dinheiro, poder e sexo”, *Cadernos Pagu*, 32: 135-157.
- ZELIZER, Viviana, 2005, *The Purchase of Intimacy*. Princeton, Princeton University Press.
- ZELIZER, Viviana, 2000, “The purchase of intimacy”, *Law & Social Inquiry*, 25 (3): 817-848.
- ZOLBERG, Aristide, 2003, “The archaeology of remote control”, em FAHRMEIR, Andreas, Olivier Faron, e Patrick Weil (eds.), *Migration Control in the North Atlantic World: the Evolution of State Practices in Europe and the United States from the French Revolution to the Inter-War Period*. Nova Iorque, Berghahn Books, 195-222.
- ZUKIN, Sharon, 1995, *The Culture of Cities*. Oxford, Blackwell.

ZUKIN, Sharon, 1989, *Loft Living: Culture and Capital in Urban Change*. New Brunswick, Rutgers University Press.

Documentos e dados estatísticos

DECRETO Nº 7.037, de 21 de Dez. 2009, “Programa nacional de direitos humanos (PNDH-3)” [online]. Brasília, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7037.htm> (acesso em 23-12-2010).

DIEESE, 2007, *Diagnóstico do Mercado de Trabalho no Rio Grande do Norte*. São Paulo, DIEESE.

EMPROTURN, 1994, *Relatório de Acção – 1992/1993*, Natal, EMPROTURN.

EUROSTAT, 2011, “Population an social conditions – marriage and divorce statistics” [online]. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Marriage_and_divorce_statistics> (acesso em 28-03-2011).

FIRJAN, 2010, “IFDM – índice FIRJAN de desenvolvimento municipal: ano base 2007” [online]. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CE9229431C90122A3B25FA534A2.htm>> (acesso em 26-07-2011).

IBGE, 2012b, *Censo Demográfico 2010: Nupcialidade, Fecundidade e Migração*. Rio de Janeiro, IBGE.

IBGE, 2012a, “Estatísticas do registro civil 2011” [online]. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/rc2011.pdf> (acesso em 03-06-2013).

IBGE, 2011, “Em 2010, PIB varia 7,5% e fica em R\$3,675 trilhões” [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticiavisualiza.php?id_noticia=1830&idpagina=1> (acesso em 25-07-2011).

IBGE, 2010a, “Sinopse do censo 2010” [online]. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php> (acesso em 20-07-2011).

IBGE, 2010b, *Produto Interno Bruto dos Municípios 2004-2008*. Rio de Janeiro, IBGE.

IBGE, 2009, *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese de Indicadores 2008*. Rio de Janeiro, IBGE.

INE-Espanha, 2012, “Movimiento natural de la población 2011” [online]. Disponível em: <<http://www.ine.es/jaxi/menu.do?type=pcaxis&path=/t20/e301&file=inebase&N=&L=0>> (acesso em 03-06-2013).

INE-Portugal, 2013, *Estatísticas Demográficas 2011*. Lisboa, INE.

INFRAERO, 2011, “Estatística dos aeroportos” [online]. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/estatistica-dos-aeroportos.html>> (acesso em 21-12-2011).

INFRAERO, 2010, “Movimento operacional da rede INFRAERO de Janeiro a Abril de 2010” [online]. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/estatistica-dos-aeroportos.html>> (acesso em 08-08-2011).

ISTAT, 2013, “Bilancio demografico 2012” [online]. Disponível em: <<http://demo.istat.it/bil2012/index.html>> (acesso em 25-07-2013).

ISTAT, 2012, *Il Matrimonio in Italia, Anno 2011* [online]. Disponível em: <<http://www.istat.it/it/archivio/75517>> (acesso em 06-06-2013).

ISTAT, 2010a, “La rilevazione sui matrimoni” [online]. Disponível em: <<http://demo.istat.it/altridati/matrimoni/>> (acesso em 23-07-2012).

ISTAT, 2010b, “La rilevazione sulle separazioni e sui divorzi” [online]. Disponível em: <<http://demo.istat.it/altridati/separazionidivorzi/index.html>> (acesso em 23-07-2012).

MDS, “Programa federal bolsa família” [online]. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>> (acesso em 02-11-2012).

MTB, 2011a, *Anuário Estatístico de Turismo – Ano Base 2010*. Brasília, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo.

MTB, 2011b, *Estudo da Demanda Turística Internacional 2004-2010*. Brasília, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo.

OIM, 2004, *Glossary on Migration*. Genebra, IOM.

PNUD, 2010, *Human Development Report 2010. The Real Wealth of Nations: Pathways to Human Development*. Basingstoke e Nova Iorque, Palgrave Macmillan.

PNUD, 2002, *Relatório de Desenvolvimento Humano 2002. Aprofundar a Democracia num Mundo Fragmentado*. Lisboa, Tricontinental.

PNUD, et al., 2003, *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. Brasília, PNUD.

PROJECTO DE LEI Nº 98, 2003, “Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal” [online]. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/114091.pdf>> (acesso em 18-05-2011).

REGISTOS de Casamentos Civis e Religiosos, 01-01-2005 a 30-04-2010. Natal, Cartórios de Cidade Jardim, Alecrim, Igapó e Redinha.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1980, *Estatuto do Estrangeiro*. Brasília, Governo Federal Brasileiro.

SEBRAE-RN, 2010, “Cadastro empresarial do Rio Grande do Norte” [online]. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/uf/rio-grande-do-norte/acesse/estudos-e-pesquisas/cemp>> (acesso em 25-07-2011).

SEMURB, 2010, *Anuário Natal 2010*. Natal, Prefeitura do Natal.

SEMURB, 2009, *Natal: Meu Bairro, Minha Cidade*. Natal, Prefeitura do Natal.

SETUR, 2010, *Indicadores Básicos do Turismo, Rio Grande do Norte – 2002-2009*. Natal, Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

TRANSCRIÇÕES de Casamentos Realizados no Estrangeiro, 01-01-2008 a 30-04-2010. Natal, Cartório de Cidade Jardim.

TECHNUM CONSULTORIA, 2002, “Avaliação do PRODETUR I – RN” [online]. *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Pólo Costa das Dunas*, 15-37. Disponível em: <http://www.iadb.org/regions/re1/br/br_0323/pditrn1.pdf> (acesso em 29-07-2011).

Notícias de imprensa

AZEVEDO, Sheyla, 2005a, “Antropólogos portugueses estudam prostituição no Estado. Sexo: por grana e por um príncipe”, *O Poti*, 346, 4 Set.: 3.

- AZEVEDO, Sheyla, 2005b, “Modelo atual estimula o sexo turismo no RN”, *O Poti*, 347, 11 Set.: 7.
- CABRAL, Ivan, 2005, “Sexo I. Sexo II”, *Diário de Natal*, 1.702, 7 Set.: 2.
- DIÁRIO DE NATAL*, 2005, “Vereadores reagem contra ideia de antropólogos portugueses. Defensores da prostituição são *personas non grata*”, 1.702, 7 Set.: 3.
- DIÁRIO DE NATAL – Cidades*, 2004, “Italianos são vítimas do golpe ‘Boa Noite Cinderela’”, 1.320, 21 Ago.: 3.
- FILHO, Alípio, 2005, “Atraso e provincianismo”, *O Poti*, 347, 11 Set.: 6.
- FRANCISCO, Paulo, 2004, “Ponta Negra: uma praia de apelos sexuais” [online], *Tribuna do Norte*, 25 Abr.. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/edicoesanteriores/25-4-2004>> (acesso em 21-08-2005).
- MARTÍN, María, 2012, “Estrangeiros tentam visto com ‘casamento de aluguel’” [online], *Folha de São Paulo*, 8 de Jul.. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1116984-estrangeiros-tentam-visto-com-casamento-de-aluguel.shtml>> (acesso em 10-07-2013).
- MENEZES, Caio, 2011, “Fechamento da ‘Help!’ muda endereço de diversão e problemas” [online], *Jornal do Brasil*, 21 Fev.. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/02/21/fechamento-da-help-muda-endereco-de-diversao-e-problemas/>> (acesso em 10-08-2011).
- PORPINO, Itaércio, e Augusto Bezerra, 2006, “Ofensiva policial reduz movimento em Ponta Negra”, *Jornal Tribuna do Norte* [online], 14 Abr.. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ofensiva-policial-reduce-movimento-em-ponta-negra/7445>> (acesso em 23/04/2006).
- SEVERO, Maria, 2009, “Ponta Negra abriga a maior concentração de hotéis”, *Revista Fácil Nordeste*, 97: 30-31.
- TRIBUNA DO NORTE*, 2006, “Ponta Negra terá câmeras de segurança” [online]. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/ponta-negra-tera-cameras-de-seguranca/1474>> (acesso em 10-08-2011).
- TURISMO – NOVO JORNAL*, 2011, “Ponta Negra: encantadora esquina do mundo”, ano I, 1, 13 Maio: 14-20.

Discografia

- Daniela Mercury*, 2005, Levada brasileira. EMI Records.
- MC Creu*, 2008, Dança do creu. Rômulo Costa (Furacão 2000).
- Ney Mato Grosso*, 1978, Não existe pecado ao sul do equador. WEA.

Filmografia

- For All: o Trampolim da Vitória*, 1997, Filme. Dir. Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz. Brasil: BigDeni Filmes do Brasil.
- Gabriela, Cravo e Canela*, 1983, Filme. Dir. Bruno Barreto. Brasil: Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas
- Gabriela, Cravo e Canela*, 1975, Telenovela. Dir. Walter Avancini e Gonzaga Blota. Brasil: Rede Globo.

Meet Joe Black, 1998, Filme. Dir. Martin Brest. EUA: Universal Studios.

Pretty Woman, 1990, Filme. Dir. Garry Marshall. EUA: Touchstone Pictures.

Sítios de pesquisa na internet (acessos 2010-2013)

<http://batepapo.uol.br>

<http://br.match.com/>

<http://buscaamor.parperfeito.com.br/>

<http://escomolavidamisma.wordpress.com/ponta-negra-de-noche/>

<http://verinha.blogg.de/>

www.badoo.com

www.brasileirosnaeuropa.com

www.brasileirosperdidos.com

www.brasileitalia.info/

www.brasilnaitalia.net/

www.brasilnaitalia.net/2009/10/mitos-e-verdades-sobre-morar-na-italia.html

www.brasilrn.com.br/_pt/SousmenuContenu.php?idmenu=1&idsousmenu=1

www.brazzil.com/

www.dimensioneturismo.it

www.facebook.com

www.google.com/earth/

www.latineuro.com

www.olx.com.br

www.orkut.com

www.parperfeito.com.br/

www.verdadeiraitalia.blogspot.pt/

www.worldsexarchives.com

www.youtube.com

www.youtube.com/watch?v=CTBNgF-i-7w

www.youtube.com/watch?v=QLD6OLBPIAU

www.youtube.com/watch?v=Z9Rw2e_gcbg

www.youtube.com/watch?v=zdf0NtBnKtI

www.youtube.com/watch?v=ZFEDStk2Wyl